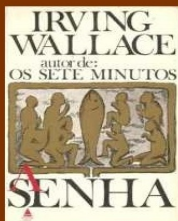


Irving Wallace

A SENHA





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A SENHA

Irving Wallace

Editora Nova Fronteira

1978

Índice

<u>CAPÍTULO 1</u>
<u>CAPÍTULO 2</u>
<u>CAPÍTULO 3</u>
<u>CAPÍTULO 4</u>
<u>CAPÍTULO 5</u>
<u>CAPÍTULO 6</u>
<u>CAPÍTULO 7</u>
<u>CAPÍTULO 8</u>
<u>CAPÍTULO 9</u>
<u>CAPÍTULO 10</u>
<u>CAPÍTULO 11</u>
<u>CAPÍTULO 12</u>
<u>CAPÍTULO 13</u>

NO PRINCÍPIO ERA O VERBO, E O VERBO ESTAVA COM DEUS, E O VERBO ERA DEUS.

EVANGELHO SEGUNDO S. JOÃO 1:1

E O VERBO FEZ-SE CARNE, E HABITOU ENTRE NÓS ...

EVANGELHO SEGUNDO S. JOÃO 1:14

SE DEUS NÃO EXISTISSE, SERIA NECESSÁRIO INVENTÁ-LO.

VOLTAIRE (1770)

CAPÍTULO 1

Tinha acabado de chegar ao aeroporto John F. Kennedy, e no momento em que apresentava o bilhete para Chicago à verificação, o funcionário que se encontrava ao balcão das instalações da companhia de aviação entregou-lhe um recado urgente.

Telefone para o seu escritório. Importante.

Receando o pior, com o coração batendo em ritmo acelerado correu para a cabine mais próxima e marcou apressadamente o número do seu escritório em Manhattan.

Ouviu a voz da sua telefonista.

- Steven Randall e Companhia. Serviço de relações públicas.

- Daqui fala Randall - disse impacientemente. - Ligue o telefone para a Wanda.

Momentos depois a ligação foi feita e entrou em contato com a sua secretária.

- Wanda, que se passa? É a respeito do meu pai?

- Não... não... desculpe, era meu dever ser mais explícita... perdoe-me a negligência. Não, não há más notícias sobre a sua família. Trata-se de outra coisa, assunto de negócios... pensei que talvez fosse melhor avisá-lo antes de levantar vôo. A chamada chegou logo depois do senhor ter partido para o aeroporto. E... soou-me a coisa importante.

Randall sentiu-se, imediatamente, aliviado e aborrecido.

-Wanda, que mais pode haver de mais importante depois de tudo porque hoje passei? Não me sinto com disposição para negócios...

- Patrão, não me dê uma descompostura. Apenas pensei que...

- Está bem, as minhas desculpas. Mas, despache-se, ou acabarei por perder o maldito avião. Vamos, desembuche. De que trata esse negócio tão importante?

- Possivelmente será uma nova conta. Foi o cliente em pessoa que telefonou. Quando lhe expliquei que o patrão tinha que sair da cidade devido a um caso urgente respondeu-me que compreendia, mas insistiu na necessidade de vê-lo logo que estivesse livre e dentro das próximas quarenta e oito horas.

- Bem, sabe perfeitamente que é impossível. Quem era?

- Já ouviu falar de George L. Wheeler, presidente da **Editora Missão**?

Ao ouvir o nome reconheceu-o imediatamente.

-O editor de obras religiosas?

-Esse mesmo. O maior deles. O Verdadeiro Medalhão do mercado. Palavra de honra que não queria incomodar numa altura destas, mas, o assunto pareceu-me tão invulgar, tão misterioso... e, tal como já lhe disse, o homem insistiu tratar-se de algo muito importante. Fartou-se de me recomendar que tentasse colocá-lo em contato consigo. Respondi-lhe que era impossível prometer, fosse lá o que fosse, a não ser que tentaria encontrá-lo para lhe transmitir a mensagem dele.

- Que mensagem? Afinal, o que é que esse Wheeler deseja?

- Palavra de honra, patrão, tentei descobrir exatamente de que se trata, mas não consegui. O tipo mostrou-se muito reservado, para além de insinuar ser um assunto **ultra-secreto** de natureza internacionalmente importante. Finalmente, acabou explicando que se tratava do patrão representar um projeto altamente confidencial que engloba a publicação de uma **nova Bíblia**.

- Uma nova Bíblia? - explodiu Randall. - Então é esse o grande e importante negócio? Temos já um bilhão de Bíblias. Que raio poderemos fazer com mais uma? Nunca ouvi semelhante absurdo. Eu feito palerma, servir de instrumento pra uma Bíblia? Não pense mais no assunto.

- Foi o que eu achei também. Não pensaria mais no caso, patrão, mas, não posso, devido a mensagem do senhor Wheeler... a mensagem que ele insistiu para lhe transmitir. Uma mensagem tão estranha, tão extravagante... Disse-me: «Se o Sr Randall for um indivíduo à maneira de S. Tomé, ver para crer, e quiser saber mais coisas a respeito do nosso projeto secreto, diga-lhe para abrir o Novo Testamento no Evangelho de S. Mateus 28:7. Isso dar-lhe-á uma pista a respeito daquilo que é o nosso projeto».

Completamente desesperado, Randall quase bramiu:

-Wanda, não tenho a mais leve intenção de ler essa passagem, nem agora nem nunca. De modo que telefone para o tipo e...

- Patrão, não se excite, eu já a li! - interrompeu Wanda. Essa passagem de S. Mateus reza assim: «Ide, pois, imediatamente, e dizei aos seus discípulos que já ressuscitou dos mortos. E eis que Ele vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis ... » Trata-se da passagem a respeito da Ressurreição de Cristo. Foi isso que mais me intrigou... que me despertou a curiosidade e me fez tomar a decisão de encontrá-lo no aeroporto antes de partir. O que faz com que o caso seja duplamente estranho foi a última coisa que Wheeler me disse antes de desligar. Escrevi o recado. Cá está ele. Reza assim: «E depois do Sr. Randall ler a passagem do Evangelho de S. Mateus, diga-lhe que pretendemos que se encarregue da **Segunda Ressurreição**». É tudo.

Era um enigma e soava a mistério e fantasmagórico ao ouvido, num dia como aquele, considerando o que havia acontecido e aquilo que ainda tinha enfrentadas. A irritação amainou, e começou pensando no que queria o tal Wheeler.

-Quer então que eu me encarregue de tratar da Segunda Ressurreição? Mas, de que raio é que se trata? Será o homem um desses maníacos religiosos?

- Pareceu-me bastante sóbrio e sério - respondeu Wanda. E pelo que disse fez com que o projeto soasse como... uma coisa destinada a abalar o mundo.

A memória de Randall voltou-se para o passado. Como tudo aquilo lhe era familiar! O túmulo estava vazio. O Senhor ressuscitara. Erguera-se. Aparecera. A Ressurreição. Memorizando, foi a época mais significativa e mais segura da sua vida. Todavia, levava anos a libertar-se daquele fetichismo decrépito e estropiado.

Através da porta entreaberta da cabine chegou-lhe aos ouvidos a chamada que faziam pelos alto-falantes.

-Wanda, estão anunciando a última chamada para o meu vôo. Tenho que me apressar.

- Que digo ao Wheeler?

- Diga-lhe... diga-lhe que, por enquanto, ainda não foi capaz de me encontrar.

-Nada mais?

- Nada mais, até que consiga saber o que me aguarda em Chicago e Oak City.

-Espero que tudo corra bem patrão.

-Veremos, telefone-lhe amanhã.

Desligou, e ainda intrigado e vagamente inquieto pelo telefonema de Wanda, apertou o passo a caminho do avião.

Voavam há mais de duas horas. Randall há muito que afastara do pensamento o tal Sr. Wheeler, a sua nova Bíblia e a sua enigmática Segunda Ressurreição.

-Estamos prestes a aterrissar - lembrou-lhe a aeromoça a bordo.-Façam o favor de apertar o cinto de segurança, Sr.... Sr. Randall.

Ela hesitara ao pronunciar o nome, como tentando recordar se já o teria ouvido antes e se ele seria «Alguém». A moça era uma daquelas belezas texanas de abundantes seios e com um sorriso estereotipado. Randall pensou que sem o uniforme talvez fosse engraçada,

a não ser que pertencesse ao número daquelas moças que, após dois copos, começam dizendo que não estão habituadas a sair com homens casados e que andam às voltas com um livro de Dostoiéwski. Pensou consigo mesmo, provavelmente, seria uma outra Darlene. Mas não, quando a encontrara pela primeira vez havia um ano e meio, Darlene lia Kahlil Gibran e, que ele soubesse, desde então, não voltara lendo mais nada.

Sentiu-se tentado dizendo à aeromoça que era «Alguém», embora tivesse a certeza de que não devia ser a espécie de «Alguém» que ela pretendia. Além disso, não interessava, naquela noite não, especialmente naquela noite.

Fez-lhe um sinal de assentimento com a cabeça e principiou, obedientemente, a apertar o cinto de segurança.

Não, não era considerado um «Alguém», refletiu, exceto por certas pessoas que desejassem tornar-se celebridades ou continuarem celebridades e por pessoas poderosas que tinham um produto ou até um país necessitando de promoção. O seu nome, Steven R. Randall, raramente, aparecia em letra impressa, ou era mencionado na televisão, a sua fotografia jamais aparecera em parte alguma. O público lá fora via somente o que ele queria que visse, enquanto ele permanecia na sombra, invisível. E não se importava - mesmo em relação à aeromoças - porque era importante onde devia sê-lo, onde a importância na verdade contava, e as pessoas interessadas sabiam que ele era importante. Nessa manhã, por exemplo. Encontrara-se finalmente, cara a cara, com Ogden Towery III, daquelas pessoas que interessavam e que sabia que Steve Randall era importante, com uma importância que pesava um par de milhões de dólares. Chegaram, finalmente, a um acordo, sobre a absorção da Companhia Randall, Relações Públicas, pelo monopólio internacional Towery, Empresas Cosmos. Haviã discutido em pé de igualdade em todos... bem, em quase todos os pontos relativos aos negócios menos em um.

Esse compromisso - Randall tentava minimizar a sua capitulação chamando-lhe compromisso - ainda o deixava inquieto, mesmo envergonhado. Em todo o caso, a reunião dessa manhã fora uma antecipação do que prometia ser um dos dias mais infelizes da sua vida. Sentia-se infeliz porque, personagem importante como se julgava, experimentava uma sensação de desamparo a respeito da sua vida e acerca daquilo que o esperava no fim da viagem.

Para acabar com a introspecção, resolveu dar atenção ao que se passava dentro do avião. A aeromoça, sem cinta, belo traseiro, regressava à parte dianteira da cabine, distribuindo cordialidade a todos os outros corpos também apertados nos cintos de segurança. Pensou nas outras pessoas a bordo. Pareciam moderadamente felizes, e, pôs-se a imaginar se seriam capazes de ver que ele se sentia infeliz. Imediatamente se sentiu grato pelo seu anonimato dado não ter disposição para falar com ninguém. Na verdade, nem vontade tinha para o encontro com Clare, a sua irmã mais nova, que o esperava no Aeroporto O'Hare, com lágrimas nos olhos e pronta a conduzi-lo de carro de Chicago até ao Wisconsin e a Oak City.

Sentiu o avião inclinar-se e começar baixar. Compreendeu que o grande jato estava quase chegando ao seu destino, a «casa». Sim, a casa, literalmente.

Regressava à casa por algum tempo, não aparecia ocasionalmente ou estava de passagem; regressava à casa depois de estar ausente - por quanto tempo? - dois anos, dois ou três anos desde a sua última visita. O fim do curto, mas, ao mesmo tempo, longo voo desde Nova York. O princípio do fim do passado. Tornava-se duro regressar à casa. Esperava que a sua estadia fosse breve e misericordiosa.

A aeromoça detivera-se no corredor, a seu lado, dizendo:

-Estamos a aterrisar, -Parecia aliviada, mais humana, menos plástica, uma terráquea com pensamentos terrestres. -Desculpe, mas, estou imaginando que o seu nome me é familiar. Não o terei visto nos jornais?

Afinal, uma colecionadora de «alguéns», pensou.

- Lamento desapontá-la, mas a última vez que o meu nome figurou nos jornais deve ser na coluna dedicada aos nascimentos.

A aeromoça sorriu embaraçada.

- Bom, Sr. Randall, espero que tenha feito uma viagem agradável.

- Formidável.

Sim, formidável. A oitenta quilômetros dali o pai jazia em estado de coma. E, pela primeira vez desde que alcançara o êxito (mas, certamente, que o caso já lhe ocorrera antes, em anos recentes), Randall compreendeu que o dinheiro não o podia livrar de todas as preocupações, nem solucionar todos os problemas, tanto como, não podia salvar o seu casamento, ou fazer com que dormisse às três da madrugada.

Ao mesmo tempo que se apoderava do dinheiro do filho, seu pai costumava dizer: «Meu filho, o dinheiro não é tudo». E acrescentava: «Deus é tudo». E permanecia de olhos voltados para Deus, dando a Deus o seu amor. Seu pai, o Reverendo Nathan Randall, estava a serviço de Deus. Recebia ordens da Grande Organização celeste.

Não era justo, não era justo.

Randall espreitou pela janela do avião, com os vidros polvilhados de gotas de chuva, e deu uma olhada pela paisagem e pelos edifícios que os holofotes do aeroporto surpreendiam da maneira mais alucinada.

Muito bem pai, pensou, o dinheiro não te pode tirar nem a ti nem à mãe desta enrascada. Portanto, o assunto é agora estritamente entre ti e o teu Criador. Mas, coloca-te em meu lugar, pai: quando falas com Ele estás convencido que Ele te escuta?

Compreendeu que sempre esse desabafo não era justo, que não havia justiça nesse tardio azedume de criança, nessa recordação de um contínuo insucesso na rivalidade entre si e o Todo-Poderoso, relativamente, ao amor do Pai. E sempre foi uma coisa Sem Discussão. Surpreendia-o, nesse momento, que essa espécie de ciúme ainda o afetasse. Tornava-se blasfemo - evocava a velha palavra antiquada, irascível, lançada do alto do púlpito - numa noite de crise.

Portanto, esse sentimento estava errado, também ele se encontrava em erro. Na verdade passara belos tempos ao lado do pai. Bruscamente, conseguiu lembrar-se com mais fidelidade do pobre velhote - aquele velhote um pouco tolo, sem prática do mundo, carinhoso, maravilhoso, honesto, dogmático, mal orientado, paciente, o seu velhote - e, de repente, amou-o mais do que o amara em todos aqueles anos.

Apeteceu-lhe chorar. Parecia impossível. Ali estava ele - o grande homem dos grandes momentos e da grande cidade, com um terno feito sob encomenda, sapatos italianos, unhas arranjadas pela manicure, cartões de crédito, «cocktails», mulheres, carros de luxo, boas mesas - um fazedor de imagens sofisticado, mundano, tarimbado, endurecido e com vontade de chorar como aquele antigo garotinho de Oak City.

A voz da aeromoça anunciava:

-Chegamos a Chicago. Façam o favor de verificar os vossos objetos pessoais. O desembarque far-se-á pela porta da frente do avião.

Randall assoou o nariz, agarrou a pasta de couro, levantou-se vacilante e colocou-se na fila que ia avançando para a saída -aquela saída que o levaria a casa e a tudo o que esperava além.

Foi só depois do aeroporto O'Hare ter ficado para trás, há cerca de quarenta e cinco minutos e quando um sinal luminoso na estrada indicou que estavam entrando no estado de Wisconsin, que Clare, finalmente, acabou com os seus soluços e com o vão balbuciar de seus lamentos para mergulhar num agradável silêncio agarrada ao volante do carro.

No terminal do aeroporto, Clare atirara-se-lhe para os braços semi-desmaiada, chorando e gemendo como uma Madalena. Nenhuma Electra dos tempos modernos manifestaria melhor a sua dor pública. Quase com rudeza, Randall ordenara-lhe que se dominasse o suficiente para lhe conseguir dizer em que estado estava o pai. Soube apenas - Clare evitava os termos médicos, sempre o fizera, como sendo ameaçadores - que se encontrava mal e que o Dr. Oppenheimer não fizera quaisquer previsões. Sim, havia uma tenda de oxigênio, e claro, o pai estava inconsciente lá dentro, e, oh, meu Deus o pai tinha um aspecto como nunca tivera.

Depois daquela cena, dentro do carro e agarrada ao volante, por entre fungadelas, Clare continuava a pautar, incessantemente, a sua verborrêia incessante. Como ela amava o pai, e a mãe, e o que iria ser dela, da mãe e do tio Hermann e de toda a família? Tinham estado no hospital o dia todo, desde que a doença se declarara ao princípio da madrugada. Ainda estava toda a gente no hospital, à espera dele, Steve. Estava lá a mãe, o tio Hermann - irmão da mãe - e o melhor amigo do pai, Ed Periot Johnson e o Reverendo Tom Carey, todos lá, todos à espera de Steve.

A espera dele, pensou Randall, o êxito da família, o êxito de Nova York que realizava milagres com o talão de cheques, ou por intermédio dos seus conhecimentos. Teve vontade de perguntar a Clare se alguém esperava d'Aquele, Aquele que era tudo para o pai, a Quem o pai tudo dera, de quem dependera, no Qual fizera todos os seus investimentos pensando no dia do Juízo Final, o Criador, Jeová, o Pai do Céu. Teve vontade de perguntar, mas conseguiu dominar-se.

-Julgo que já te contei tudo o que sei - dizia Clare.

Logo a seguir, a irmã, com os olhos postos na estrada molhada e escorregadia, de dedos crispados no volante, disse:

-Não demora muito. Estamos quase chegando - acabando por mergulhar no silêncio.

Deixando a irmã a confabular com os seus íntimos demônios de culpa privada, Steve Randall recostou-se bem no assento e fechou os olhos, bendizendo aquele interlúdio para poder estar sozinho.

Continuava sentindo dentro de si a carga emotiva que o acompanhara durante todo o dia, mas, nesse momento podia analisá-la, e o mais curioso era que a dor pelo pai ocupava a menor parte da sua infelicidade. Tentou procurar a razão da sua reação tão pouco filial e acabou por decidir que o sofrimento era a mais intensa das emoções e, por isso mesmo, a de menor duração.

A extraordinária intensidade da dor torna-a tão auto destruidora, que o instinto de sobrevivência de uma pessoa é obrigado a erguer-se e a lançar um manto sobre o sofrimento, furtando-o da mente e do coração. Ele Steve, lançara esse véu resistente sobre a sua aflição e deixara de consagrar ao pai os seus pensamentos. Naquele momento pensava em si próprio-como sua irmã o consideraria um herético se soubesse! - e imaginava em todos os seus recentes infortúnios.

Não podia dizer exatamente, o dia em que começara a perder o interesse no seu próspero negócio de relações públicas em plena ascensão, mas, teria acontecido há um ou dois anos. Essa perda de interesse iniciara-se pouco antes, ou pouco depois, de ter discutido pela última vez com a mulher, Bárbara, quando decidiram separar-se e ela partira para S.

Francisco onde tinha amigos, levando consigo Judy, a filha do casal.

Tentou situar no tempo o momento em que o fato ocorrera. Judy acabara de completar treze anos. Tinha agora quinze, por conseguinte, fora há dois anos. Bárbara falara firme de divórcio, mas sem que tivesse depois agido de acordo com tal idéia, de modo que tudo se situava numa mera separação. Randall não se importava com tal estado transitório, dado não conceber a concretização do divórcio. Não porque tivesse receio de perder a mulher, as relações entre ambos estavam para sempre condenadas, mas, porque se preocupava com Bárbara na medida em que era o seu ego que estava em causa e lhe era merecedor dos maiores cuidados. Não pretendia um divórcio porque isso significaria admitir um fracasso. Todavia, mais importante ainda do que um malogro, significaria um afastamento radical em relação a sua filha Judy. Ora, muito embora Randall não visse a filha com muita freqüência, nem lhe tivesse dedicado grande parte do seu tempo, o fato é que a filha era uma pessoa humana e a representação de uma idéia, um prolongamento de si próprio, que ele valorizava e acarinhava.

A carreira profissional a qual dedicara tanta energia e devoção, acabara finalmente por se tornar aborrecida e monótona, tão aborrecida e monótona como o seu casamento. Cada dia que passava nada mais era do que uma cópia do dia anterior. Uma pessoa entrava na sala de recepção, decorada com requinte, onde a jovem recepcionista, marcadamente sexual e vestida a primor, encontrava-se, permanentemente, bebendo café com duas outras moças, ao mesmo tempo que conversavam frívolas sobre jóias. Deparava-se com jovens e brilhantes agentes de publicidade sobraçando da mesma maneira as suas pastas, com gabardines dobradas nos braços da mesma forma, dirigindo-se para os serviços onde se refastelavam com toupeiras nas suas macias tocas. Organizavam-se reuniões de trabalho nos modernos e luxuosos gabinetes desses jovens promotores, onde se deparava com escrivaninhas superabundantes de fotografias das mulheres e filhos, deixando antever que tudo aquilo não passava de um embuste e que provavelmente atraíam todos os princípios de família.

Passara o tempo da excitação em conseguir novos clientes, novas contas. No seu trabalho lidara com toda a espécie de pessoas - a cantora negra em ascensão, o último grupo «rock», a caprichosa atriz inglesa, os mais rápidos carros de desporto, o detergente miraculoso, o país africano recém-independente que necessitava de uma indústria de turismo. O lançamento de personalidades de renome, ou de produtos comprometedores, deixara de ser emocionante. Perdera o estímulo criador e a motivação do dinheiro. Tudo o que fizesse, já tinha feito antes. Tudo quanto lucrava o tornava mais rico, mas não suficientemente rico.

Randall sabia que estava afastado da irremediável prisão da classe média, mas, essa condenação a prisão perpétua parecia-lhe quase tão vazia como desumana. Todos os dias acabavam para ele tal como haviam começado, com despeito e ódio por aquela existência de enfadonha, de círculo vicioso. Inevitavelmente, o seu desgosto privado por uma vida sem perspectivas, sem mulher, sem a sua Judy não só continuou, como ainda se intensificou. Havia mais mulheres a quem possuir sem a mínima parcela de amor, mais bebidas alcoólicas, mais noites de insônia, mais restaurantes, bares, clubes noturnos a frequentar, mas, todos com a visão dos mesmos clientes habituais, dos mesmos rostos de homens e dos mesmos corpos de mulheres.

Recentemente, principiara a refugiar-se cada vez com mais insistência num velho sonho, um devaneio, um objetivo pelo qual tanto lutara outrora, mas, de que foi desviado. Desejava um refúgio, um lugar com verdes arvoredos, com apenas água pura para beber e

sem oficina onde se pudesse reparar o relógio, um local idílico onde o New York Times chegasse com um atraso de duas semanas e onde tivesse que fazer uma longa caminhada a pé até à aldeia mais próxima para fazer um telefonema ou encontrar uma moça com quem pudesse dormir e com quem desejasse tomar o café na manhã seguinte. Pretendia escrever não publicidade exagerada e palavrosa, mas, verdadeiros livros eruditos numa máquina de escrever portátil sem pensar em dinheiro como necessidade imediata, aprendendo a razão porque se torna tão importante continuar na Terra.

No entanto, era-lhe impossível encontrar a ponte que o levasse à concretização desse sonho. Dizia pra você próprio que não tinha possibilidades de mudar de vida por não possuir economias que o permitissem. De maneira que tentava arranjar esse dinheiro redentor e manter-se em linha com os seus anseios. Durante semanas engajava-se, compulsivamente, num método de vida saudável. Nada de bebidas, de comprimidos, de tabaco, nada de deitar-se horas tardias. Afadigava-se a praticar handball à beça.

Tinha trinta e oito anos de idade, um metro e oitenta, olhos castanhos injetados de sangue, já um pouco empapuçados, nariz reto implantado entre faces avermelhadas, queixo forte pronunciado já revelando os primeiros indícios de papada e uma constituição física cheia de solidez. Nos seus períodos de vida saudável, quando começava sentindo-se com vinte e oito anos em vez de trinta e oito, os olhos castanhos começavam a clarear, as olheiras fundas se atenuavam, a cara redonda e balofa tomava uma feição quadrada, o queixo ganhando definição e tornando visível, o estômago perdendo a adiposidade, e os bíceps quase musculosos, quando isso acontecia, ele perdia todo incentivo para manter esse regime espartano e uma vida limpa e saudável.

Dedicava-se a tal jogo de ganha-perde duas vezes por ano – e perdia. Ultimamente tinha desistido de jogá-lo. Nessas esporádicas tentativas para regularizar a sua existência, tentara também limitar-se a ter uma só mulher. Uma ligação de caráter permanente. Fora desse modo, recordou, que Darlene Nicholson e o Kahlil Gibran havia penetrado na sua vida no mesmo momento em que Darlene entrara no seu apartamento em Manhattan.

Tornava-se-lhe, particularmente, difícil agüentar-se durante horas de trabalho, que lhe preenchiam a maior parte do tempo. Wanda Smith, sua secretária particular, uma moça negra, alta e empenhada, com uma natureza enérgica, mas, espontaneidade contida e busto bem desenvolvido, preocupava-se muito com as suas crises. Joe Hawkins, seu protegido e associado, preocupava-se com ele, Randall. Thad Crawford, seu advogado grisalho e de falinhas mansas, preocupava-se com ele. Reafirmava-lhes a todo o instante que não rebentaria, e trabalhava com regularidade todos os dias a fim de o provar. Todavia, o trabalho que fazia era duro e melancólico.

Porém, de vez em quando, embora com raridade, surgia um poço de luz na sua existência sombria. Um mês antes, por intermédio de Thad Crawford, travara conhecimento com um recém-formado em direito que não exercia advocacia, entretanto, enveredara por uma profissão na verdade inédita no seio de uma democracia de caráter competitivo: profissão que constituía uma verdadeira ciência social e que se denominava Honestidade. Esse homem, no último estágio dos vinte anos, possuidor de uns olhos ardentes como carbúnculos e um fantástico bigode a cair-lhe para as comissuras dos lábios como o de uma foca, era Jim McLoughlin. Jim fundara uma coisa chamada Instituto de Pesquisas Raker [Raker esquadrieador de velhas coisas; investigador; pessoa que procede a limpezas com um utensílio especial (N. do T.)]; em Nova York, Washington, Chicago e Los Angeles. A organização não dava dividendos, e o pessoal era constituído por jovens colegas advogados, por assistentes formados em comércio, antigos professores, jornalistas

rebeldes, investigadores profissionais e filhos pródigos fugidos à opulenta comunidade empresarial americana. Operando calmamente durante alguns anos, o Instituto Raker de Jim McLoughlin procedera a investigações, como um primeiro projeto a que se sucederiam muitos outros, a uma conspiração inconfessável e oculta da alta finança americana, através das suas indústrias e companhias, conspiração lançada contra o bem comum e contra o público consumidor em geral.

Durante o primeiro encontro, McLoughlin dissera a Randall:

-As coisas chegaram a este ponto: durante décadas, os nossos dirigentes em empresas privadas, monopolistas virtuais, têm suprimido novas idéias, invenções, produtos que teriam baixado o custo de vida para o consumidor. Essas idéias e novas invenções morreram ao nascer, ou foram abafadas pelos grandes negociantes, dado que se chegassem ao conhecimento do público liquidariam os fabulosos lucros das empresas particulares sustentadas pela alta finança. Em todos estes meses efetuamos um incrível trabalho de detetive. Sabia que houve alguém que inventou uma pastilha capaz de produzir gasolina de alta qualidade para os veículos carros?

Randall respondera que há muito tempo vinha ouvindo boatos sobre o caso, mas que sempre considerara tais descobertas como pura fantasia.

McLoughlin, prosseguiu com decisão:

- Os homens de dinheiro sempre se esforçaram por levá-lo pensando que essas descobertas não passavam de puras fantasias, como você disse. Mas, pode acreditar no que digo: tais maravilhas existiram e continuam existindo. Um dos mais notórios exemplos é a pastilha concentrada de gasolina. Um químico genial, completamente desconhecido, surgiu com uma fórmula de gasolina sintética e conseguiu reduzir os compostos químicos integrantes até ao tamanho de um pequeno comprimido. Você nada mais tinha fazendo do que encher o tanque de gasolina com vulgar água da torneira, jogar a pastilha dentro e obtinha setenta ou oitenta litros de combustível, que não eram fatores de poluição e que, provavelmente, lhe custariam para aí uns dois cents. Julga então, que as grandes companhias iriam consentir que o invento fosse lançado no mercado? Jamais em dias da sua vida - muito menos durante a vida deles -, porque isso significaria o fim da multimilionária indústria petrolífera. Todavia, trata-se apenas de um caso. E quanto ao chamado fósforo perpétuo? Haveria na verdade um fósforo que lhe podia proporcionar quinze mil chamas? Pode apostar que sim e pode também apostar sem receio de perder, que foi prontamente suprimido pelos grandes monopólios. Porém, depois descobrimos mais, imensamente mais.

Randall sentira-se positivamente intrigado e interessado no caso.

- Que mais? - perguntara.

- Tivemos conhecimento de um têxtil, isto é, de um tecido impossível de se gastar. De uma lâmina de barbear para a vida inteira sem sequer necessitar ser afiada. Vários exemplos de pneus capazes de percorrerem cerca de quinhentos mil quilômetros, sem nada perderem das suas qualidades e sem furarem. Uma lâmpada elétrica especial capaz de se manter dez anos sem ter que ser substituída. Você pode calcular o que tais produtos podiam significar para os periclitantes orçamentos familiares? Mas não, a alta finança não iria permitir tal coisa. No decorrer dos anos foram comprados muitos inventores, reduzidos ao silêncio muitos outros, vitimados por chantagem ou destruídos - em dois casos desapareceram como o fumo e suspeitamos que foram assassinados. É verdade, Sr. Randall, temos tudo muito bem documentado e vamos expor toda a repugnante roupa suja de tais supressões num livro branco - ou se preferir, num livro

negro - que terá por título A Conspiração Contra Vós.

Randall saboreara o título, repetindo-o e murmurando:

- Formidável!

McLoughlin prosseguira:

- Na altura em que o nosso livro branco for editado, os grandes tubarões dos monopólios, utilizarão todos os meios ao dispor deles, a fim de evitarem que a nossa denúncia chegue ao conhecimento do público. Se isso falhar, tentarão desacreditá-la. Eis o motivo porque o procurei. Pretendo que se ocupe da promoção do Instituto Raker na publicação do seu primeiro livro branco. Desejo que transmita ao público tudo o que descobrimos - através de congressistas interessados no caso, repórteres do rádio e televisão, jornalistas, por meio de monografias impressas e de apadrinhamento de conferências explicativas. Pretendo que inutilize todos os esforços para tentarem reduzir-nos ao silêncio, ou difamarem-nos. Quero que lance a nossa história na publicidade espalhada por todo o país até que se torne tão conhecida como o hino nacional, The Star-Spangled Banner. Certamente, não seremos clientes para o enriquecer, mas esperamos, depois de se inteirar das nossas atividades, que venha a ter a consciência de fazer parte de um significativo núcleo de pessoas que pela primeira vez se revelam na história da América. Tenho fé que venha a juntar-se a nós e que realize o trabalho que proponho.

À medida em que ia considerando o projeto, Randall sentia-se voltar à vida. Entrar na luta, realizar o trabalho? E de que maneira estava disposto a fazê-lo? Estava pronto a elaborar pormenores, a iniciar reuniões, logo que Jim McLoughlin e os seus cruzados estivessem preparados? McLoughlin dissera que em breve estariam preparados, talvez, lá para o fim do ano. Juntamente com uma equipe investigadora veterana, Jim estaria ocupado durante alguns meses no estudo relativo ao protótipo, altamente secreto, de um carro movido a vapor, sem poluição do ambiente e a baixo preço que há duas décadas estava suprimido pelos tipos do motor de combustão interna predominantes em Detroit. Além disso, iria proceder à verificações, juntamente, com os seus ajudantes de campo, colaboradores que se encontravam empenhados na avaliação de futuros projetos, que englobavam outros poderosos extorsivos amparados pela lei, defraudadores do sonho americano, incluindo-se entre esses gangsters autorizados algumas companhias de seguros, monopólios dos telefones, companhias de conservas alimentares, de aparelhagens domésticas e associações de crédito.

O jovem e entusiasta McLoughlin dissera-lhe:

-Durante algum tempo não espere ouvir falar de mim, nem do meu pessoal. O nosso paradeiro será confidencial. Temos de trabalhar na sombra, disfarçadamente, foi uma coisa que bem cedo aprendi. De outra maneira, os grupos das grandes negociatas, bem como os seus fantoches espalhados pelos diversos departamentos governamentais, não tardariam em colocar seus asseclas no nosso encalço, em movimentos de antecipação e para contrariarem o nosso trabalho. Houve um tempo em que julguei impossível uma tal política a nível estadual num governo do povo, pelo povo e para o povo. Pensava que falar de coisas assim não passava na verdade de paranóia juvenil, de um absurdo melodramático. Mas não. Logo que o lucro desmedido se torna sinónimo de patriotismo, qualquer meio se afigura justificado para a sua preservação. Em nome do público, o público que vá para o inferno! De modo que para protegermos o público, para expormos à luz do dia as mentiras e fraudes, temos que agir como guerrilheiros. Pelo menos por enquanto. Uma vez que, por seu intermédio, possamos sair em campo aberto, passarão então, a prevalecer as práticas honestas e o bem público; conseguiremos apoio e segurança em

doses maciças. Manter-me-ei em contato consigo, Sr. Randall, ou pelos menos tentarei. Seja como for, peço-lhe que esteja preparado para irmos para a frente, com a sua ajuda, num prazo de seis ou sete meses, talvez em Novembro ou Dezembro e será esse o prazo definitivo. Randall concordara, sentindo uma genuína excitação.

-Está bem, procure-me então dentro de seis ou sete meses. Estarei pronto e à espera para desencadear a ofensiva.

Antes de franquear a porta, McLoughlin voltara-se para trás, dizendo:

-Passaremos a depender de si, Sr. Randall.

Eis que ainda mal começara o período de espera para a grande campanha promotora do Instituto de Pesquisas Raker quando de repente, surgiu uma perspectiva de mudança ainda maior para Randall. As empresas Cosmos, grupo internacional multimilionário sob a presidência de Ogden Towery III, interromperam como um furacão na existência de Randall. Tal como um ímã colossal, as Empresas Cosmos andavam passando pente fino nos Estados Unidos e o mundo, atraindo e aglomerando para a sua esfera de influência pequenos negócios de reconhecido êxito, a fim de engrandecerem o seu programa de diversificação. Procurando bastiões no setor das comunicações públicas, o grupo Towery considerara Randall Associates como uma promissora empresa de relações públicas. Conversações preliminares a nível de advogados foram iniciadas. Rapidamente se fizeram sentir progressos. E, antes da papelada legal ser assinada, só faltava um encontro entre o próprio Towery e Randall.

Ora fora precisamente nessa manhã, bem cedo, que Ogden Towery III surgira na Companhia Randall. Depois de ter examinado as premissas do negócio com os seus assistentes, acabara por se encerrar, numa reunião a sós, no escritório de Randall, apresentável na sua mobília estilo HeppIewhite do século XVIII.

O vago e distante Towery, uma lenda nos círculos financeiros, tinha o aspecto de um próspero rancheiro. Tratava-se de um homem do Oklahoma, que mantinha o seu típico chapéu, ligeiramente modificado, de abas largas colocado nos joelhos enquanto se ajeitava no fofo sofá de couro, falando seco como um homem habituado sendo obedecido e escutado.

Randall passara a escutá-lo atentamente, visto que considerava o seu visitante como um verdadeiro anjo salvador. Por obra e graça daquele bilionário, em poucos anos Randall possuiria a fantasia há tanto sonhada, aquele paraíso, aquela felicidade com verdes arvoredos, sem telefone, com uma máquina de escrever portátil e com segurança para o resto da sua vida.

Foi perto do final do monólogo de Towery que ocorrera o único momento desagradável -na verdade terrível.

Towery lembrara a Randall que embora as Empresas Cosmos passassem sendo proprietárias da firma, Randall ficaria a tomar conta da companhia por meio de um contrato de direção assinado por cinco anos. Ao expirar o contrato poderia optar por ficar ou demitir-se com dinheiro suficiente de contado e em ações para ser um homem rico e independente.

-Isto continuará sendo o seu negócio enquanto estiver conosco - dissera Towery a Randall. -Continuará pois a dirigir isto como o fez até agora. De resto não faria sentido que interferíssemos com um modo de gerência cheio de êxito. A minha política, em tudo aquilo de que me apodero, foi sempre de me manter à parte.

A partir daquele momento, Randall deixara de ser um mero assistente a escutar em silêncio. Fora assaltado por uma suspeita. Resolvera pois experimentar o seu anjo

libertador, dizendo:

- Sr. Towery, aprecio imenso a sua atitude. Se bem compreendi, quis significar que a minha repartição poderá tomar as suas próprias decisões a respeito das operações a realizar e dos clientes a aceitar sem sermos vigiados e orientados pela Cosmos.

- Com certeza. Vimos os vossos contratos, a vossa lista de clientes. Se não aprovasse não estaria aqui.

- Bem, nem todos os clientes figuram nos fichários que observou, Sr. Towery. Existem alguns novos cujos cadastros ainda não foram formalizados. Tudo o que desejo é saber na verdade se nos vão deixar resolver as coisas como desejarmos, trabalhando como nos apetecer e com quem nos apetecer.

- Claro que sim. E porque não? - perguntara Towery, franzindo ligeiramente o cenho. - O que é que o pode levar pensando que nos preocuparíamos com tais coisas?

- É que por vezes aceitamos um cliente, tomamos conta de um caso que seria considerado como sujeito a controvérsia. E eu estava pensando...

Towery interrompeu-o rapidamente:

- Por exemplo, que cliente e que caso?

- Há cerca de duas semanas realizei um acordo verbal com Jim McLoughlin para lançar e promover o primeiro relatório do Instituto de Pesquisas Raker.

Towery empertigou-se no sofá. Mesmo sentado era muito alto. O seu rosto pareceu repentinamente moldado em bronze, bronze endurecido.

- Jim McLoughlin! - exclamou como se proferisse uma obscenidade.

- E o seu... e o Instituto Raker. Towery levantou-se.

- Aquela corja de anarquistas comuns - pronunciou rouco. - Esse... esse McLoughlin. Como muito bem sabe assalariado por Moscova. Bem, talvez não saiba.

- Não foi essa a impressão com que fiquei.

- Escute-me bem, Randall: Eu sei. Esses radicais, nem o meu mijo merecem. Não merecem um país como este. A partir do momento em que comecem a fomentar complicações garanto-lhe que os correremos daqui para fora. - Olhou de soslaio para Randall, e logo a seguir o rosto abriu-se num sorriso. - Randall, não possui as informações que nós temos e, por isso, é natural que tenha embarcado na coisa. Agora que já conhece os fatos, julgo que não precisa se preocupar com gente dessa laia.

Towery fez uma pausa para observar Randall atentamente e percebeu seu conflito devido à perturbada reação, amenizando imediatamente a sua arremetida com modos complacentes.

- Não se preocupe. Tudo se passará tal como lhe disse. Nada de interferências nos seus negócios... excetuando quando virmos que alguém tentando subvertê-lo, subvertendo a Cosmos no mesmo processo. De resto estou certo que o problema não voltará a impor-se.

- Estendera e enorme, e larga mão. - Combinado, Sr. Randall? Pelo que me diz respeito, o senhor já faz parte da família. A partir daqui é trabalho para os nossos consultores jurídicos. Dentro de oito semanas estará tudo arranjado e assinado. Bom, e agora vou almoçar. - Piscara o olho maliciosamente. - Parabéns, Randall, o senhor vai ser um homem rico e independente!

Assim decorrerá a entrevista. E depois, a sós, sentado na cadeira giratória da secretária, Steve Randall compreendeu que não tivera alternativa. Adeus, Jim McLoughlin e Raker. Viva, Ogden Towery e Cosmos. Não tivera nenhuma alternativa. Quando uma pessoa chegava aos trinta e oito anos, sentindo-se como se tivera setenta e oito, pois, deixa de alinhar no jogo da gente honesta se tal implicar pôr em perigo a única oportunidade de ser

alguém. E só havia uma maneira de se ser alguém: independência e dinheiro. Foi um momento terrível, um dos seus piores momentos, e sentira depois uma espécie de náusea. Dirigira-se para a sua banheira privativa e vomitara, dizendo depois com os seus botões que lhe fizera mal qualquer coisa que comera ao café. Voltara para a secretária sem experimentar melhoras. Precisamente nesse momento Wanda ligara para ele soando a campainha do telefone interno, anunciando que a irmã, Clare, estava ao telefone de Oak City,

Foi então que soube que o pai tivera um grave colapso, que ia a caminho do hospital e que ninguém sabia se sobreviveria. Nas horas seguintes, o dia transformou-se numa espécie de caleidoscópio de um rodopio de atividades. Entrevistas canceladas, marcação de lugar no avião, assuntos pessoais a arrumar, avisar Darlene, Joe Hawkins e Thad Crawford do sucedido, um sem número de chamadas para Oak City e, finalmente, a corrida até ao aeroporto internacional John F. Kennedy.

Presentemente regressava daquela retrospectiva, dando-se conta que era noite em Wisconsin, que estava em Oak City e que a irmã o olhava de soslaio.

-Dormiste? - perguntou ela.

-Não - respondeu ele.

Eis o hospital - disse apontando para a frente. - Não fazes idéia de quanto venho aqui orar pelas melhoras do pai. Randall empertigou-se no assento quando Clare voltou ao carro no parque de estacionamento cheio de carros, parque que se prolongava ao longo da fachada do Hospital do Bom Samaritano de Oak City.

Mal Clare localizou um espaço vazio e arrumou o carro, Randall saiu e fez uns movimentos com os braços para descontraír os músculos das costas. À espera no passeio, Randall deu-se conta pela primeira vez que o carro da irmã era um Lincoln Continental, tipo sedan, novo em folha.

Quando a irmã finalmente se juntou a ele, Randall fez um gesto na direção do Lincoln.

- É quase um vagão de luxo, mana. Como é consegues ter uma coisa destas com o teu ordenado de secretária?

O redondo e claro rosto de Clare vincou-se numa carranca de mau humor.

-Já que queres saber, foi o Wayne quem me deu.

-Tens um patrão formidável. Espero que a mulher do Wayne tenha metade dessa generosidade relativamente aos amigos do marido.

Clare fitou-o.

-Dito por ti, isso é para fazer rir.

E desatou a caminhar com um passo firme e apressado pela área circular que levava à entrada principal do hospital. Randall seguiu-a lentamente, arrependido de ter atirado pedras ao telhado do vizinho uma vez que também o tinha.

Já estava há mais de uma hora no quarto particular para onde o Pai fora transferido após ter passado pela sala de observações. Mantivera-se sentado na desconfortável cadeira de costas retas, por baixo da prateleira onde se encontrava um aparelho de televisão desligado, e junto à parede voltada para os pés da cama de onde pendia, emoldurada, uma reprodução do Sagrado Coração de Jesus. Naquele momento, quase vazio de emoções, com as pernas cruzadas, começava sentindo a perna direita dormente. Descruzou os membros inferiores. Principiava sentindo-se inquieto e apetecia-lhe imenso fumar.

Esforçou-se por se integrar na grande atividade que desenvolvia em volta do leito do pai, mas como que hipnotizado, seus olhos eram irremediavelmente atraídos para o corpo, coberto com uma manta, que se encontrava no interior da tenda de oxigênio.

O pior momento daquela dolorosa experiência fora o primeiro vislumbre que tivera do progenitor. Penetrara naquele quarto arraigado à imagem do pai tal como o vira pela última vez.

O Reverendo Nathan Randall, mesmo na casa dos setenta, apresentava uma figura imponente. Aos olhos do filho assemelhava-se a um desses magníficos patriarcas descritos pelo Êxodo ou pelo Deuteronômio. Tal como Moisés no apogeu da idade, «o seu olhar não se ofuscara, nem a sua força natural declinara». O cabelo branco e fino ainda coroaavam a testa grande e o rosto longo, como um desses magníficos patriarcas descritos pelo Êxodo ou pelo de perdão, era marcado por uns serenos olhos azuis colocados em feições que primavam pela regularidade, com exceção, talvez, do apêndice nasal, demasiado reto e cortante como a lâmina de uma faca. Randall nunca vira o pai sem aquelas profundas rugas que lhe vincavam o rosto, umas rugas que serviam para acentuar o seu ar de autoridade, muito embora não fosse um autoritário. O Reverendo Doutor Randall possuía sempre um ar difícil de definir, mas, algo de privado, secreto, místico, sugerindo que era um dos escolhidos, que estão em comunicação com Nosso Senhor Jesus Cristo, sendo membro privativo do sábio conselho do Senhor. Alguns dos seus paroquianos metodistas mantinham essa opinião a respeito do Reverendo Nathan Randall, e por isso, acreditavam nele e no seu Deus.

Ora essa límpida imagem que Steve Randall trouxera para aquele quarto de hospital, como que projetada num espelho, quebrara-se em miríades de pedaços. Por aquilo que podia observar através da transparência da tenda de oxigênio afigurava-se-lhe ver uma ruína, um arremedo de ser humano, tal como aquelas encarquilhadas cabeças das múmias egípcias ou como aqueles sacos de ossos do campo de concentração de Dachau. O sedoso e brilhante cabelo branco mostrava-se fosco, opaco, desbotado, amarelado. As pálpebras riscadas de veias velavam uns olhos perdidos na inconsciência. O rosto apresentava-se esquelético, terroso, chupado. Ouvia-se-lhe a oprimida respiração custosa, roufenha. Ao que avaliara, em todos aqueles frágeis membros se viam inseridos tubos, agulhas.

Para Randall fora assustador ver alguém tão íntimo, uma pessoa do seu sangue e da sua carne, alguém tão invulnerável, tão seguro de si, tão crente, tão confiante, tão bom e tão merecedor do bem, reduzido àquela condição vegetativa e de tanto abandono.

Depois de alguns minutos, Randall voltara-se para esconder as lágrimas que sentia assomarem-se-lhe aos olhos, procurara a cadeira às apalpadelas, deixando-se cair no assento, e nunca mais se mexera. Houvera uma enfermeira franzina, de aspecto eslavo, possivelmente uma polaca, que operava com firmeza no perímetro do leito, ocupando-se com os frascos de soro suspensos nas suas armações, a ajustar tubagens e a consultar os gráficos clínicos. Decorreu certo tempo, que não podia definir, talvez meia hora ou mais, quando finalmente chegara o Dr. Morris Oppenheimer para se juntar à enfermeira privativa. Era um homem maciço e sólido, ultrapassando a meia idade, movimentando-se à vontade, com eficiência e confiança. Cumprimentara Randall com um rápido, mas, vigoroso aperto de mão, uma palavra de simpatia, e a promessa de relatar o mais breve possível o que havia quanto ao estado do seu doente.

Por momentos, Randall observou o médico no exame que fazia ao pai. A seguir, exausto, fechou os olhos com força e tentou recordar-se de uma oração apropriada àquele momento de aflição. Fora o Pai Nosso que estais no Céu, santificado seja o Vosso nome... mas a memória fraquejou e esqueceu o resto. Seu espírito, em viagem retrospectiva por todos os acontecimentos do movimentado dia, deteve-se culposamente na projeção dos desenvolvidos seios de Wanda, a sua secretária; retrocedeu depois até a noite anterior,

quando beijara os seios de Darlene; envergonhado apagou da mente aquelas imagens de pecado e procurou situar o pai no passado mais próximo. Veio-lhe à idéia a última vez que visitara o pai e a mãe, talvez há mais de dois anos, e a visita anterior a essa, possivelmente há mais de três.

Ainda sentia o tormento que o devorara nessas duas visitas anteriores: o desânimo do pai por causa dele. O Reverendo não escondera seu desagrado relativamente ao filho ter rompido o casamento, pela vida que levava, pelo seu cinismo e falta de fé.

Ao evocar a reprovação paterna, Randall ainda se sentia intimamente revoltado: afinal quem era o pai para o censurar, quando, a avaliar pelos padrões sociais convencionais, o pai representava o malogro e ele o êxito? Mas agora, esfiada a paixão da revolta por se ver censurado, considerava que o seu sucesso era meramente material. O pai julgara-o por um padrão diferente, que servia igualmente para se julgar a si próprio e a toda a gente, partindo desse princípio de retidão. E segundo esse padrão, achara-o em falta, em pecado. Randall compreendia. Na verdade o pai possuía o grande componente humano que lhe faltava: a Fé. O pai possuía uma fé cega e ardente no **Verbo**, e através dele numa humanidade melhor e num melhor sentido e pureza de vida. Randall não tinha fé.

Pensou: «É precisamente isso, pai. Falta-me fé. Não acredito. Não confio em nada.»

Mas, como era possível acreditar-se num Deus de Bondade, Justo? A sociedade era injusta, hipócrita, podre até o âmago. Em grande maioria, os homens não passavam de animais à solta, selvagens para sobreviverem, ou que se escondiam para sobreviverem. E coisa alguma que o homem pudesse fabricar, desde o Mito de uma hipotética ressurreição lá em cima do Céu-visto que o Inferno não precisava ser garçon, existia desde sempre na Terra - até aos falsos deuses que forjavam, sim, coisa alguma poderia modificar a realidade do presente e o **Nada** que era o fim de todos os animais humanos. Parecia-se com aquele velho provérbio hebraico que um cliente judeu lhe citara certa vez: «Se Deus vivesse na terra, certamente as pessoas lhe quebrariam os vidros das janelas».

Caramba, pai, não é capaz de ver como as coisas são?

Para de discutir com ele (quase que pronunciara mentalmente Ele), disse Randall para com seus botões. Pera de discutir com o passado.

Randall abriu os olhos. Amargava-lhe a boca, tinha dificuldade em respirar e começavam a doer-lhe as costas. Sentia-se enjoado devido ao cheiro a desinfetantes que imperava no quarto, desinfetantes e carne moribunda - o cheiro próprio dos hospitais. Sentia-se também fatigado da fúria e dor interiores, de não fazer nada, de ser capaz de não fazer nada. Frustrava-o aquele papel de mero espectador. Aquilo não era um espetáculo esportivo. Achou que já bastava.

Levantou-se da cadeira. Deu um passo para falar ao médico e à enfermeira, para os avisar que ia para junto dos outros na sala de espera, mas, Dr. Oppenheimer estava absorvido estudando os gráficos do doente e nesse momento entrou no quarto um especialista empurrando à sua frente um aparelho portátil de cardiografia.

Coxeando, pois a perna ainda continuava dormente, Randall saiu, percorrendo o longo corredor até à sala de visitas. Parou à entrada para acender o seu cachimbo favorito, britânico, saboreando por uns segundos o perfumado e tranqüilizante narcótico daquele fumo azulado. Depois, apurando-se, atravessou o vestíbulo com decisão. Mas, voltou a deter-se no limiar da porta da sala de visitas.

A sala era iluminada por lâmpadas fluorescentes, tinha cortinados com flores estampadas que lhe conferiam uma certa vida; estava mobiliada com um sofá, cadeiras de vime, um aparelho de televisão antigo, mesinhas com os inevitáveis cinzeiros e revistas já muito

velhas. Lá dentro estavam apenas os membros da família e os mais íntimos amigos do pai.

Esparramada numa cadeira, com o rosto oculto atrás de uma revista cinematográfica, encontrava-se Clare. Junto dela, ao lado do telefone de parede, falando em voz baixa com a mulher, encontrava-se o seu antigo condiscípulo e escolhido sucessor de seu pai, o Reverendo Tom Carey. Não muito distante, sentados próximos a uma mesa, jogando cartas, estavam Ed Ponto Johnson [Para melhor compreensão, em português o nome seria: Ed Ponto Final Johnson. (N. do T.)] e o tio Herman.

Ed Ponto Johnson era o melhor amigo do Reverendo Nathhan Randall. Muitos anos antes fundara o Oak Gyty Bugle, o periódico local, que continuava ainda a dirigir e editar e que surgia seis dias por semana. Ed dissera certa ocasião a Randall:

-A melhor maneira de se poder dirigir um pequeno jornal provinciano é arranjar modo de toda a gente da cidadezinha ter o nome publicado pelo menos duas vezes por ano. A partir daí já não há preocupações com a rivalidade desses pretensiosos jornais de Chicago.

O verdadeiro nome de Johnson, o seu nome de batismo, não era Ed Ponto, mas sim Lucas (ou seria Lutero?), Randall não se lembrava muito bem. Anos antes, um dos seus repórteres começara a chamar-lhe Ed abreviatura de Editor, e dado ser uma abreviatura, certo gramático consciencioso acrescentara o Ponto. Johnson era um sueco desajeitado, de rosto marcado pela varíola e nariz arrebitado que ninguém conseguia ver sem os seus óculos de espessas lentes bifocais.

Diante de Johnson, dispondo cuidadosamente as cartas em leque por naipes, estava sentado o tio Herman, irmão mais novo da mãe de Randall. O seu rosto continha uma perpétua expressão de total vacuidade, dando a impressão de um pote de margarina. Randall recordava-se do único emprego que o tio Herman agüentara. Durante algum tempo fora empregado de uma loja de bebidas alcoólicas em Gary, Indiana. Após ser despedido, mudara-se com armas e bagagens para o quarto reservado aos hóspedes em casa da irmã e nunca mais havia saído daquela casa. Ora o caso ocorrera quando Randall ainda andava no liceu.

Tio Herman era a pessoa que aparava e regava o jardim, quem fazia os arranjos na cerca e outras obras simples de interior, desempenhava o papel de moço de recados, sendo ao mesmo tempo um devotado espectador dos jogos de futebol na televisão, e o habitual consumidor das tortas caseiras. O pai de Randall nunca se preocupara com a sua presença em casa. De resto o tio Herman constituía um produto visível daquela caridade tão apregoada pelo reverendo nos seus sermões: aquele que tiver dois casacos, reparta um deles com quem não tem nenhum; e aquele que tiver de comer, reparta também a sua refeição com quem não tem. E era assim que o reverendo procedia com o cunhado... Amém.

O olhar de Randall deteve-se na mãe. Já a tinha beijado e consolado à chegada, embora de fugida porque ela o empurrara praticamente para junto do pai. Cochilava encolhida a um canto do sofá. Sem o marido parecia estranhamente incompleta. Seu rosto era rechonchudo e bondoso, quase sem rugas, não obstante encontrar-se nos últimos estádios dos sessenta. Seu corpo, que se afigurava destituído de formas, ocultava-se por baixo de um daqueles familiares vestidos de algodão azul, já muito usado, mas, impecavelmente limpo e, ainda, calçava os mesmos sapatos ortopédicos pesados de anos atrás.

Randall amara-a sempre, e continuava a amar aquela criatura paciente, meiga, simples e discreta para quem ele nunca podia fazer nada de mal. Sarah Randall, a adorada esposa do adorado pregador, segundo Randall supunha tinha bastante reputação na comunidade. No

entanto, para ele, não a podia conceber como um indivíduo separado, era unicamente a sua mãe. Quase lhe era impossível evocar uma imagem da progenitora como uma individualidade com opiniões, idéias e preconceitos próprios, salvo pelas recordações dos seus tempos de menino e moço. Como adulto, conhecia-a como alguém que escutava e se fazia eco do seu companheiro, que realizava os trabalhos domésticos que eram necessários fazer-se e cuja função primordial se resumia em estar presente no lar. Sentia-se sempre confusa e surpresa, mas instintivamente satisfeita, com os êxitos do filho e modos de homem da grande cidade. O amor dela pelo filho era constante, cego, incondicional.

Randall resolveu sentar-se junto da mãe e esperar que ela acordasse. Quando atravessava a sala a cabeça de Clare espreitou por cima da revista.

-Steve. Onde é que estiveste este tempo todo?

-Junto do papi.

- O médico disse alguma coisa? - perguntou Ed Ponto Johnson voltando-se na cadeira.

- Tem tido muito que fazer. Vem aqui logo que termine. Subitamente acordada, Sarah Randall afastou-se do braço do sofá, onde estivera encostada, e alisou o vestido. Randall deu-lhe um beijo na face e colocou-lhe o braço por cima dos ombros.

- Não estejas preocupada, mãe, verás que tudo acabará bem.

-Enquanto há vida, há esperança. O resto é com Deus.- Sarah Randall olhou para Tom Carey, que se encontrava nesse momento a telefonar.-Não é verdade, Tom?

-Tem toda a razão, Sra. Randall. As nossas orações serão ouvidas.

Steve Randall seguiu os olhos de Carey que se voltavam para a porta, levantando-se imediatamente.

Dr. Oppenheimer, ocupado vestindo o casaco, remexeu nos bolsos à procura de um cigarro, que encontrou. Só quando se preparava para acender um fósforo pareceu dar-se conta das pessoas que se encontravam na sala e da tensão que a sua chegada despertara entre eles.

- Quem me dera ter alguma novidade para lhes dar! - disse o médico não se dirigindo a ninguém em particular. - Infelizmente ainda nada tenho para lhes dizer, por enquanto.

Fez um gesto para que Randall se sentasse, arrastou uma cadeira para junto do sofá, sentou-se e acendeu finalmente o cigarro, enquanto Clare, Johnson, o tio Herman e o Reverendo Tom Carey se reuniam junto dele.

Dirigindo-se especialmente a Randall e à mãe, o Dr. Oppenheimer começou:

- Clinicamente falando, eis o mal que estamos a combater: Nathan sofreu esta manhã uma obstrução intra-craniana cuja origem se desconhece. O colapso foi provocado pelo bloqueio de uma artéria-um coágulo de sangue numa das artérias que irrigam o cérebro. O resultado habitual dessa espécie de acidente cerebral é a perda de consciência, seguida geralmente por uma hemiplegia temporária, pelo menos.

Fez uma pausa para chupar o cigarro. Steve Randall aproveitou para perguntar:

-O que é a hemiplegia?

-Paralisia de um lado do corpo -normalmente o rosto, o braço e a perna - , precisamente do lado do corpo oposto à parte do cérebro onde se verificou o acidente. Neste caso foi o lado esquerdo. Antes de Nathan entrar em coma, o seu lado esquerdo mostrou indicações de paralisia, mas os órgãos vitais estão em funcionamento. Até agora não registrou também qualquer agravamento no seu estado. -Percorreu com os olhos o círculo de seres humanos que o rodeavam - e para já é tudo o que tenho para lhes dizer.

-O senhor, Dr. Oppenheimer, nem sequer nos disse qual a gravidade do caso. Podemos ao menos alimentar esperanças? - perguntou, impacientemente, Randall.

- Não posso prever o futuro - respondeu o médico encolhendo os ombros. -A minha profissão nada tem vindo com a de Nostradamus, Steve. Ainda é cedo demais para poder pronunciar. Sem dúvida que o estado dele é grave, mas, estamos fazendo tudo aquilo que os nossos meios permitem. Desde que não ocorra qualquer perturbação cardíaca, muito bem, julgo que lhe posso prever grandes possibilidades de escapar.

Voltou-se então, declaradamente, para Sarah Randall.

- Sarah, seu marido é um homem dotado de um organismo cheio de resistência. Tem vontade de viver, tem fé. São fatores para se levar em conta. Mas, não posso esconder a realidade atrás dos óculos cor-de-rosa. O estado de Nathan é grave. É uma coisa que temos de aceitar. Mas, em contrapartida existem diversos fatores que podem pesar positivamente. De momento, nada mais podemos fazer do que manter a mais estrita vigilância; limitamo-nos a observá-lo e esperando. Muitas pessoas, certas das quais bem conhecidas mundialmente, tiveram distúrbios do mesmo gênero e conseguiram sobreviver. Por exemplo, Louis Pasteur. Aos quarenta e seis anos, Pasteur sofreu um colapso seguido de paralisia, de modo não muito diferente do que afetou o seu marido. Todavia, conseguiu recuperar, e nos anos que se seguiram à doença manteve-se suficientemente ativo para prosseguir na sua ascensional carreira para benefício da humanidade. Conseguiu ainda isolar o vírus da cólera das aves, procedeu a investigações laboratoriais sobre o antraz, foi o pioneiro da vacinação maciça, descobriu um tratamento para a hidrofobia e viveu até aos setenta e três anos.

Esmagou a ponta do cigarro num cinzeiro e levantou-se. Sarah, devemos pois ter esperanças.

-Rezarei-disse Sarah com decisão, ao mesmo tempo que Clare e Randall ajudavam-na levantar-se.

-Fará mais do que isso, Sarah-frisou o Dr. Oppenheimer. -Agora vá para casa e veja se consegue dormir como deve ser. O que mais importa é conservar as suas energias intactas... Clare, providencie para que sua mãe tome um calmante, um daqueles comprimidos que lhe receitei. Que o tome antes de se deitar... Steve, quanto a si lamento imenso que este nosso encontro se tenha verificado em momento tão crítico. No entanto, tal como disse, devemos aguardar o melhor. Manter-me-ei em contato com a secretaria hospitalar e com a enfermeira especializada. Fique descansado que lhe comunicarei se houver qualquer alteração durante a noite. Caso contrário, voltaremos vendo-nos amanhã de manhã.

O médico agarrou Sarah Randall por baixo do braço e levou-a para fora da sala de espera, falando com ela num tom reconfortante.

Por momentos os outros ficaram para trás. Tio Herman colara-se a Randall.

-Que vais fazer agora, Steve? Podemos arranjar-te uma cama no teu antigo quarto.

-Obrigado, mas não é preciso-disse Randall firmemente. -A minha secretária reservou-me um quarto no Oak City Hotel. De resto tenho uma série de chamadas telefônicas para fazer e de modo nenhum quero que toda a gente acorde por minha causa. -Prometera de fato a Darlene telefonar-lhe para o apartamento nova-iorquino, e queria também falar com o seu advogado Thad

Crawford a respeito da transação com Towy e as Empresas Cosmos. Todavia, o dia foi esgotante e sentia-se completamente cansado. - Além disso, também preciso telefonar à Bárbara e à Judy para S. Francisco, elas foram sempre muito amigas do pai e acho que devo...

Clare interrompeu:

-Deus meu, com tudo isto esqueci-me de te dizer que a Bárbara e a Judy estão aqui, em Oak City.

- Como?

-Esqueci-me, Steve, desculpa. Fiquei tão atordoada que esqueci tudo o mais. Logo a seguir à chamada de aviso que te fiz, telefonei também para S. Francisco. Ficaram as duas impressionadas, tanto que apanharam o primeiro avião para cá. O tio Herman contou-me que chegaram à hora de jantar e vieram diretamente do aeroporto para o hospital. Viram o pai e estiveram durante algum tempo à tua espera, mas a Judy ficou tão enervada que a mãe resolveu levá-la para o hotel, precisamente, na hora em fui buscá-lo ao aeroporto.

- Onde é que elas estão hospedadas?

-No Oak Ritz, onde é que havia de ser? Há por aqui mais algum hotel decente? - disse o tio Herman. - Ora, Bárbara deu-me um recado para ti. Que não fosses para o hotel muito tarde. Quer falar contigo.

Randall consultou o relógio. Ainda não era meia-noite. Não era tarde. Bárbara estaria a pé à espera dele. Desejou com todas as suas forças que aquele dia tremendo tivesse fim. Não sentia a mais leve disposição para se encontrar com a mulher depois de tanto tempo de separação, de tudo o que acontecera, mas não tinha maneira de evitar o encontro. Fosse como fosse, Judy também estava no hotel e naquela noite particularmente atroz sentia uma forte vontade de ver a filha.

- Ok. Quem me dá uma carona até o hotel?

CAPÍTULO 1.1

A porta dos aposentos de Bárbara no hotel abriu-se e ela apareceu no limiar.

-Olá, Steve.

- Olá, Bárbara.

-Lamento imenso o acontecimento com Nathan. Amo-o como se fosse meu pai. Mas claro que coisas destas só acontecem às pessoas boas, não é verdade?... Bem, não fiquemos aqui embasbacados. Entra, Steve. Sinto-me contente de teres aparecido.

Ela não havia feito o mais leve movimento para o beijar e ele não fez o mínimo esforço para isso. Entraram para a sala de estar. O aposento era limpo mas pouco convidativo. Tinha um amontoado de cadeiras características, duas mesinhas baixas, um sofá, um móvel aberto que servia de bar, com alguns copos numa prateleira, junto a uma garrafa de uísque ainda intacta. Ao que se tornava óbvio, a mulher esperava-o.

Bárbara, que se encontrava no meio da sala, mostrava-se estranhamente silenciosa e calma. O seu aspecto não se havia modificado muito depois da separação. Quando muito, talvez aparentasse um ar mais cuidado, com os cabelos tratados e bem penteados. Tinha uma face sem qualquer sinal especial de beleza. Levando em consideração os seus trinta e seis anos, possuía uma figura bem proporcionada, de seios pequenos e cintura estreita. Trajava um costume sob medida, cópia de algum modelo caríssimo. Seu ar era muito S. Francisco, sem sinal de extravagâncias, o que parecia de louvar.

-Logo que chegamos a Oak fomos direto ao hospital- disse ela.-Imagino como te sentes, Steve. Ver Nathan naquele estado partiu-nos o coração. Judy não pôde suportar, afastou-se e começou logo a chorar. Somos muito amigas dele.

Talvez fosse ilusão sua, mas afigurou-se-lhe ter apanhado um realce especial nas palavras de Bárbara, naquele emprego da primeira pessoa do plural- chegamos, somos muito amigas dele. Agora Judy estava moldada naquele nós de mãe e filha, e adeus pai afastado

e estranho. Bárbara conhecia-o bem, sabia onde ele era mais vulnerável e das duas uma: ou estava servindo-se daquela arma do nós para obter alguma coisa, ou tratava-se de um simples estratagemas para lhe lembrar que mãe e filha pertenciam uma à outra. Bom, e daí talvez não passasse de um excesso de imaginação da sua parte.

- Sim, é horrível o que aconteceu - disse ele. - Observou-a aberta e atentamente. - Já passou muito tempo. Parece que conseguiste sobreviver.

Ela sorriu.

-Vou indo.

-E a Judy? Como está ela?

-Bem. Está na cama. Sentia-se esgotada pela longa viagem e pelo que viu no hospital. Talvez já tenha adormecido. Mas queria ver-te. Fica para amanhã.

- Quero vê-la agora mesmo.

- Como queiras. Posso arranjar-te uma bebida?

-Estava pensando convidar-te para irmos lá embaixo ao bar. Ainda está aberto.

- Se não te importas, Steve, prefiro ficar aqui. Estamos mais à vontade. Gostaria de ter uma pequena conversa contigo. Não demorará muito tempo, prometo.

Bom - pensou - então ela quer uma pequena conversa? Recordou as pequenas conversas dos dois em tempos idos. Quem disse - algum filósofo alemão com certeza - que o casamento era uma longa, longuíssima conversa entre dois seres de diferentes sexos? Gostaria que o seu casamento fosse uma longa conversa, diálogo plácido, e não o que fora, uma realidade de pequenas conversas furiosas nas quais ele sabia estar verbalmente castrado e ela acreditava estar sofrendo uma histerectomia oral.

-Como queiras- anuiu. -Arranja-me então um uísque com gelo.

Steve abriu cuidadosamente a porta do quarto e entrou. O aposento estava tênue iluminado por um abajur, abajur na mesinha de cabeceira. Adaptou os olhos àquela meia-luz e acabou por descortinar a filha na cama, voltada para o lado direito.

Aproximou-se e ajoelhou-se no chão junto ao leito para vendo melhor e mais perto. Tinha a cabeça afundada na almofada, a coberta puxada até o pescoço e o cabelo espalhado em cascata sedosa. Dormia. Aquele anjo, aquela parcela de si mesmo, aquela coisa rara e única feita por ele, de que podia orgulhar-se, era uma beleza de quinze anos, uma coisa fofa e querida. Observou-a atentamente, insistindo no rosto de linhas puras e de pele macia, o nariz delgado e perfeito, os generosos lábios entreabertos. Escutou-lhe a respiração ritmada.

Num súbito impulso, inclinou-se e roçou-lhe a face com os lábios. Quando se afastou dela, viu os olhos abrirem-se.

- Olá... - murmurou com voz ensonada.

-Viva, minha querida. Senti a tua falta. Amanhã ao café falamos os dois.

- Humm...

- Dorme. Vemo-nos amanhã. Boa-noite, Judy.

Quando se levantou ela já estava de novo mergulhada no sono. Voltou a contemplá-la durante um instante e depois saiu do quarto.

A saleta estava mais iluminada do que antes, e viu que Bárbara acendera os apliques da parede. Imaginou porquê. Bárbara estava sentada no sofá, com ambos os cotovelos mergulhados na maciez de uma almofada que tinha no regaço e com as mãos em volta de um copo alto onde se vislumbrava um líquido cor de âmbar.

- A tua bebida está ali - disse designando um copo colocado num extremo da mesinha mais próxima.

-O que está tomando? Um refresco?

-O mesmo que tu -respondeu.

A coisa prometia, pensou, enquanto dava a volta ao sofá para se sentar numa cadeira em frente dela. Bárbara há muitos anos que não compartilhava uma bebida forte com ele. Poderia tomar um ou dois copos em festas, mas nunca quando os dois estavam sozinhos, recusando-se sistematicamente bebendo uísque com ele. Havia sido até uma forma de o censurar, de lhe fazer saber que detestava as suas bebidas, aquelas bebidas que levavam uma pessoa para longe, que ajudava um tipo a afastar-se da sua legítima mulher. E agora ali estava ela com um copo de Scotch na mão. Seria um sinal agradável ou de mau agouro? Preferiu pensar no mau agouro e manteve-se em guarda para o que desse e viesse.

- Estava dormindo? - perguntou ela.

- Estava. Mas acordou durante um momento. Tomaremos amanhã o café juntos.

- Excelente.

Randall deu um sorvo no uísque.

- Como vai a Judy nesse novo colégio de Oakland em que depositavas tantas esperanças? Ela vai...?

- Não vai bem nem mal - atalhou Bárbara. - Pura e simplesmente já não está lá. Há um mês que saiu.

Randall não escondeu a sua surpresa pela informação.

-Então onde é que ela está agora?

-Em casa. Essa é uma das razões porque queria falar contigo esta noite. Judy foi expulsa do colégio.

- Expulsa? Mas que raio queres dizer com isso? - Não havia quaisquer indicações antecedentes para tal coisa. A sua Judy era perfeita, fora sempre perfeita, uma estudante dedicada sempre com altas notas. - Pretendes dizer que a escola prescindiu de educá-la?

-Pretendo dizer que a escola a expulsou. Não se trata de uma suspensão. -Fez uma pausa como que para dar ênfase à frase seguinte: - Foi uma expulsão definitiva motivada por drogas. Randall sentiu o rosto a arder.

-Mas de que raio estás tu falando?

- Estou falando de drogas, de comprimidos, pílulas, cânhamo, cristais, alucinógenos, drágeas de várias cores, anfetaminas. Estou falando, Steve de coisas que se ingerem e que se injetam. A Judy foi apanhada num período de alucinação e logo que o diretor a apanhou sóbria falou com ela, falou comigo e resolveu expulsá-la.

-Quer dizer que não lhe deram uma segunda oportunidade? Filhos da mãe, qualquer criança nestes dias pode andar descontrolada, estar influenciada por alguém, resolver experimentar...

Ela interrompeu-o.

-Steve, não se tratava de experiência. A tua filha drogava-se regularmente, era uma viciada. Também, posso dizer que não era influenciada por nenhuma companheira ou companheiro. De fato foi ela que arrastou para o vício um par de colegas.

-Não posso acreditar nisso -disse ele abanando a cabeça.

-Julgo melhor que te convenças.

-Bárbara, essas coisas não acontecem com uma garota a Judy. E onde é que tu estavas?

- E tu, Steve? Onde estavas tu? - A réplica foi feita sem qualquer sentido de reprovação violenta, apenas num tom objetivo. - Desculpa. Perguntaste onde é que estava? Significa, como foi que não vi? Pois bem, porque a princípio é impossível notar-se qualquer coisa.

Quem pode esperar uma coisa dessas numa filha? Nem sequer pensamos no caso. De resto nada disso é visível. Claro que detectei algumas mudanças, mas atribuí-as ao ambiente do novo colégio, ao excesso de estudo, às dificuldades iniciais em fazer amigos. A princípio parecia-me brilhante, alerta, cheia de confiança em si própria quando a via aos fins de semana, depois, algumas vezes, dei fé de que se apresentava irritável, enervada, deprimida - esmagada, como os viciados lhe chamam-e por fim num estado de alheamento. Depois, de repente, fui chamada à escola e pronto.

-Porque é que não me telefonaste contando o sucedido?

Barbara fitou-o.

-Estive quase a fazê-lo, Steve, mas depois decidi que não te incomodar. Achei que de momento nada havia que pudesses fazer, e com certeza que também, não havia nada que pudesses fazer a longo prazo. Não vi vantagem em que as nossas vidas voltassem a emaranhar-se. Não vi maneira de Judy poder ganhar alguma coisa com esse fato. Decidi que devia ser eu arranjar-me e foi o que fiz.

Randall apertou bem nas mãos o copo e acabou a bebida.

-Ela ainda continua nas drogas? Pareceu-me estar excelente, de bom aspecto. Não me pareceu drogada, nem anormal...

-Não, não está. Está a caminho da recuperação. Julgamos que ela está voltando as costas ao vício. Por intermédio de pessoas amigas, consegui para Judy o maior auxílio possível. Foi duro, terrível, mas agora está recuperando-se. Julgo que ela ainda fume um pouco de marijuana, alguns cigarros, ocasionalmente, em festas, mas nada de extraordinário, pelo menos nada de entorpecentes perigosos, como a cocaína e a morfina.

-Estou compreendendo. - Randall considerou o copo vazio e viu o gesto de Bárbara.-Não te incomodes, não vale a pena levantes-te. Eu vou preparar outra bebida. Estou necessitado dela.

- Steve, sinto muito estar falando em tudo isto depois do dia que tiveste. Mas tinha que aproveitar a oportunidade para te falar pessoalmente.

Randall deitou meio copo de Scotch.

-Claro que tinhas que me contar. -Regressou à cadeira.- Como é que conseguiste tirar a Judy da droga? Numa clínica?

-Para te dizer a verdade, foi um homem, um homem que continua tratando dela. Um psicólogo de S. Francisco, um especialista em casos de viciados por narcóticos. Chama-se Dr. Arthur Burke. Está escrevendo...

-Não me interessa o que ele escreva. Judy ainda tratar-se com ele?

-Ainda. Esqueci-me de dizer que tem também uma clínica. Seja como for, Judy gosta dele. Sente-se ligada a ele. Trata-se de um homem novo, isto é, de meia idade, com um farto bigode e barba, um homem perfeitamente decente e franco. O Dr. Burke está confiante de que não só pode curá-la como voltar a integrá-la numa vida normal.

- Bom, suponho agora que as coisas se encaminham para me apontar como o único culpado. Pai muito ocupado, logo, como conclusão, filha viciada em drogas.

- Não, Steve, a culpa não foi tua nem minha. Ou, melhor, talvez a culpa seja dos dois. É consequência do modo como as pessoas orientam a vida, do que acontece com os pais, daquilo que se proporciona ou não às crianças. E mais ainda (uma coisa que os pais não podem evitar): do estilo de vida da sociedade moderna, da espécie de futuro, ou da falta de futuro, que nos aguarda... e da rebeldia, fuga, desejo de se procurar um mundo melhor pelo alargamento da mente, encontrando outro nível de consciência, procurando um planeta perfeito dentro da caixa craniana. É dessa forma que se chega à droga, que se viaja pela

infinidade do espaço em alucinação e, se houver sorte, é possível encontrar alguém que nos faça descer da órbita e voltar à terra antes que seja tarde demais. Bom, foi precisamente o que o Dr. Burke fez à Judy, auxiliou-a sair da órbita, voltar a terra firme. A nossa filha voltou sendo considerada como um membro da família humana, revendo todo o seu sistema de valores.

Randall encostara o vidro frio do copo ao nariz e esfregava-o com ele. E de repente, elevando-o até aos olhos e olhando através do vidro deu-se conta que Bárbara já não estava na frente dele. Baixou o copo e ficou ensimesmado fitando o sofá.

- Steve -ouviu a voz dela.

Voltou a cabeça e viu-a caminhar do bar para o sofá trazendo consigo uma segunda bebida.

- Eh, estás com disposição para a pinga.

-É só hoje -disse ela sentando-se.

-Olha, Steve, há outra coisa que gostaria de te dizer esta noite.

-Não achas que é muita coisa em tão pouco tempo. Já me contaste o que se passou com a Judy...

-De certa maneira o que ainda tenho para te dizer relaciona-se também com a Judy. Ouve, deixa-me dizer-te o que quero rapidamente, Steve. Ficarei aliviada.

-Muito bem, despeja lá o saco. Que mais temos?

Bárbara olhou-o bem nos olhos, depois deu um sorvo no seu uísque.

- Steve, vou-me casar.

Steve não sentiu nada de especial ao ouvir semelhante declaração, na verdade até se sentiu divertido.

-Então casa-te e já sabes que vais para a gaiola. - Riu-se de modo perverso.

-O que pretendo dizer é que já és casada. Será um ato de bigamia, Bárbara empertigou-se, endureceu a expressão.

- Steve, não brinques. O que te disse é uma coisa séria, muito séria mesmo. Quando certa vez me perguntaste pelo telefone se tinha relações com outros homens, respondi-te que de vez em quando. Mas agora, isto é, ultimamente, tenho tido relações com um só homem. Precisamente com o Dr. Arthur Burke de que te falei.

- Arthur... Arthur... Ah, o tal psicólogo da Judy, não é?

-Exatamente. Um homem encantador sob todos os aspectos. Simpatizarias com ele. Acontece que eu... eu quero-lhe muito. Como já te disse, a Judy gosta também dele. -Fixou o olhar no copo que tinha nas mãos. -Ela precisa de um lar, de uma família, de estabilidade. Em suma necessita de um pai.

Randall pousou o copo violentamente no tampo da mesinha. E quando falou, articulou as palavras lenta e com máximo cuidado.

- Também tenho novidades para ti, minha doce pombinha sem fel: a Judy já tem um pai.

- Evidentemente que tem pai. Tu és pai dela e ela sabe muito bem isso. Arthur também não desconhece o fato. Mas, eu refiro-me a um pai autêntico, que viva sob o mesmo teto que ela, no mesmo lar, uma pessoa que esteja sempre presente. Sabes, ela precisa daquele tipo de vida, de cuidados, de carinho que só uma família convencional lhe pode proporcionar.

- Ah, agora já percebi. Ouço os sons da boa lavagem do cérebro. O tipo de vida, os cuidados, o amor... ora merda! É então essa a linguagem que ele utiliza, em seu trabalho asqueroso, o seu modo barato de tentar conquistar uma família, arranjar uma filha sem a merecer, hem? Se ele quer uma filha, que faça uma. Com a minha é que não se governa.

Não, minha querida madame, com a minha Judy é que ele não fica.

- Steve, pensa bem. Sê razoável.

- Não me venhas dizer que imagina tudo isso só para salvar a Judy. Que queres casar com esse tipo por causa da Judy, porque ela necessita de um pai!

-Não, Steve, essa não é a razão fundamental. Quero casar com o Arthur porque preciso de um marido, um marido como ele. Estou apaixonada e quero divorciar-me para poder casar como ele.

- Divorciar-te?... Randall sentia-se estonteado e moribundo. - Nem penses nisso. Não te concedo o divórcio.

Levantou-se.

-Steve!

Ele pegou no copo vazio e dirigiu-se para o bar.

- Não. Digo-te já redondamente que não estou disposto a desistir da minha filha só porque a mãe precisa de alguém para a cama.

-Não sejas louco. Tornas-te insuportável quando te embebedas e perdes a lucidez. Sabes bem que não preciso arranjar um homem para a cama. De fato já tenho um. Tenho o Arthur e pretendo apenas legalizar a situação. Ele precisa de uma esposa, de um lar, e merece ter isso, tal como a Judy também merece. Se é a Judy que te dá cuidados, deves então colaborar a anuir em vez de nos fazeres a vida um inferno. Tiveste imensas oportunidades para nos mandares regressar, mas nunca mexeste sequer o dedo mínimo para fazer um sinal. E no momento em que queremos seguir a nossa vida é que impede-nos o caminho melhor. Por favor, peço-te, deixa-nos em paz de uma vez para sempre.

Randall mandou o conteúdo do copo pelas goelas abaixo.

- Não me venhas dizer que a Judy deseja ter o teu amante como pai.

- Pergunta-lhe.

- Claro que vou perguntar, não te preocupes com isso. Mas, tu que já começaste a rebolar com esse tipo pela cama, não consideras também que isso significa alguma coisa?

Em pé, junto ao bar, traçando círculos com a ponta do dedo nas bordas do copo, viu que Bárbara se levantava para ir buscar um maço de cigarros. Seguiu com os olhos os movimentos daquele corpo de mulher que tão bem conhecia, e que ela dava a outro homem. Imprevista - ou deliberadamente... Sim, estaria bêbado-voltou atrás, enveredando pelas ruínas do seu casamento, até um momento particular que há muito jazia enterrado no poeirento sótão da sua memória dos anos de união: a última viagem que haviam realizado juntos ao estrangeiro. Certa noite em Paris -noite horrível, tremenda-já muito tarde acabaram de ir para a cama, um largo leito de casal cuja cabeceira encostava numa parede, situada num dos quartos de um hotel de luxo. O George V. Ou foi o Bristol? Bom, de qualquer forma um deles... ou talvez o Plaza Athenée? Já não se lembrava qual. Deitados, erguiam-se entre eles como uma barreira de ressentimento, ou indiferença. Estavam acordados, mas fingiam dormir. Pouco depois, através da pouco espessa parede que ligava ao aposento contíguo, começara chegando-lhes o som abafado de vozes. Um homem e uma mulher falando, frases indistintas... e logo a seguir o ranger das molas de uma cama e os gritinhos abafados, os gemidos de prazer da mulher e o pesado arfar do homem. Gemidos da mulher e ruidosa respiração do homem em ritmo com o constante ranger das molas; ruídos excitantes, ardentes, cheios de paixão carnal.

Tais sons eram como que punhais apunhalando-o e ele sentira despeito, inveja tremenda daquele prazer. Sentira raiva e culpa, misturadas, por causa de ter aquele corpo de Bárbara ali a seu lado, naquela grande cama. Não podia observá-la, mas sabia que também ela, na

escuridão estava ouvindo. Não havia meio de evitar aquilo. Os ruídos do quarto pegado zombavam dos seus próprios corpos frios, isolados em compartimentos estanques. Faziam ainda realçar mais o vazio de tantos anos. Randall odiou aquela mulher, uma estranha, ali ao lado dele, odiou as duas criaturas que se agigantavam do outro lado da parede naquele coito íntimo e interminável, e, acima de tudo, odiou-se a si mesmo pela incapacidade que sentia de poder amar a companheira. Teve vontade de saltar da cama, de se ver livre do corpo de Bárbara, de sair daquele quarto horrível, de se afastar daqueles sons carnis insultuosos. Mas, não fora capaz de fazer um movimento. Depois do último suspiro, do último gemido de prazer, do outro lado da parede, impôs-se o silêncio da carne satisfeita... mais insuportável ainda.

Na noite seguinte, a primeira coisa que lhe acorrera ao espírito fora o fragmento de um poema de George Meredith que lhe causara calafrios:

Então, quando a meia-noite fez adormecer com o incolor remédio do silêncio,

Seu gigantesco coração prenhe de recordações e lágrimas,

Batendo pesado compasso das horas sepulcrais,

Eles, da cabeça aos pés, ficaram imóveis,

Espreitando um passado vazio e morto,

Que se estampava como um vão lamento na parede nua.

Como esculpidas efígies podiam ver sobre o túmulo,

Do seu casamento a espada que os separava;

Cada qual esperando essa outra espada que tudo corta.

E, naquela persistente escuridão, ele tinha a consciência que jaziam no túmulo do casamento. O pensamento dominante, antes da libertação do sono, fora a perfeita compreensão do vazio do casamento deles e da impossibilidade em continuarem vivendo juntos. Para eles não havia futuro, segundo soube com mais acuidade naquela noite. Nunca poderia, com toda a honestidade, voltar a amar e a possuir o corpo deitado a seu lado. Talvez, fosse possível uma fraude. Talvez, pudesse fingir o amor, mas não amá-lo livre e espontaneamente, nem sequer desejá-lo. Era uma intimidade vã, estéril. E ela também sabia a verdade. Naquela noite, antes de adormecer, compreendeu que o fim estava próximo - desceria a espada que tudo corta - e orou para que fosse ela a separar-se. Alguns meses depois, Bárbara deixara, com Judy, o apartamento de Nova York e fora viver com a filha para S. Francisco.

Regressou ao presente. Com um olhar já turvado, viu-a atravessar a sala a fumar, medindo os passos dados, evitando encontrar-lhe o olhar. Através da saia apreciou-lhe o contorno das coxas. Despiu-a mentalmente e pôs a nu aquela carne familiar, com uma bacia de ossos salientes, tentando imaginar como aquele corpo em segundo mão, um corpo inflexível, sem entrega poderia estimular a paixão de alguém chamado Arthur, fazer acelerar-lhe a respiração e despertar um desejo violento. Aparentemente podia. Uma coisa extraordinária.

Afastou-se do bar e caminhou ao encontro dela. Os olhos de Bárbara cravaram-se nele, suplicantes.

- Steve, pela última vez, não te recuses ao divórcio. Por favor, liberta-me e não levantes problemas. Tu não precisas de mim para nada. Nunca utilizarás o direito de opção que, tens sobre mim. Logo, porque é que não me concedes a liberdade sem alaridos nem problemas, como fazem normalmente as pessoas decentes e civilizadas? Não discutamos. A tua recusa não deve ser só por causa da Judy. Poderás continuar a vê-la sempre que tenhas tempo disponível para lhe conceder. Será uma coisa que ficará escrita no acordo.

Afinal o que é que te perturba? Deve haver alguma coisa. É a consumação do fato? Será que não podes admitir a idéia de fracasso em qualquer coisa. Vamos fala, de que se trata? -Trata-se da Judy. Nada mais. Não sejas ridícula. Trata-se apenas de não querer que seja outro homem, um estranho, a educar a minha filha. Eis a minha decisão. Pelo menos até que ela faça vinte e um anos. Até lá nada de divórcio. Acabou-se... Talvez... -hesitou - ...talvez tu e eu... nós... pudéssemos encontrar juntos uma solução, descobrirmos qualquer coisa.

-Não, Steve. Não te quero nunca mais. Quero o divórcio.

-Muito bem! Pois sabe que não o terás.

Randall começou a dirigir-se para a porta, voltando-lhe as costas, mas ela agarrou-o por um braço para o obrigar olhando para ela.

-Pois bem, muito bem então! -exclamou numa voz trêmula. -Vais forçar-me fazendo aquilo que nunca desejei. Vais obrigar-me a pôr em juízo uma ação de divórcio contra ti.

- Não hesites nessa decisão. Encontrar-nos-emos no tribunal. Terás a devida réplica, e desde já te declaro que vai ser ótimo para me divertir. Foste tu que abandonaste o lar. Tu é que não soubeste vigiar a nossa filha. Permite-te que se envolvesse na droga até ser expulsa do colégio. Andas metida com outro homem e fazes porcaria com ele tendo em casa uma garota de quinze anos, Bárbara não me obrigues a apresentar toda esta roupa suja no tribunal.

Calou-se aguardando a explosão, mas para sua surpresa a cara dela manteve o semblante calmo, seguro, nos olhos com que o fitava luzia algo que se assemelhava a piedade.

-Ouve, Steve, tu vais perder. Não é preciso esforçar-me muito para revelar a tua podridão. Aliás, era coisa que eu nunca faria. Mas o meu advogado demonstrará em público quem tu na realidade és e o tribunal ficará conhecendo toda a verdade-a maneira como te comportaste comigo, com a tua filha, o papel de marido e pai que nunca soubeste desempenhar. A tua conduta passada e presente. A tua vida irregular. O vício do álcool. Os teus casos amorosos. A moça que sustentas com casa em Nova York... e ela é ainda uma jovem. Perderás, Steve e até talvez percas a possibilidade de poder voltar vendo Judy. Espero que não sejas teimoso e obstinado de modo a permitires que tal coisa aconteça. Seria mau para todos nós, péssimo para a Judy, uma coisa terrível. E no fim das contas talvez, a perdesse para sempre, fosse o que fosse que o tribunal decretasse.

Desprezou-a naquele momento, não pelo que ela tinha dito, mas pela sua segurança, a sua confiança, talvez pela justeza das suas palavras.

- Estás fazendo chantagem comigo. Quando eu provar em tribunal que esse teu amante, esse Arthur não sei quê, utilizou as suas relações profissionais com a Judy para conseguir insinuar na tua vida, para se apossar de ti e da nossa filha, podes crer que o juiz nunca te concederá a custódia da garota.

Bárbara teve um encolher de ombros de pena, dizendo:

- Bom, veremos. Steve, pensa no caso, pensa nele quando... quando estiveres perfeitamente sóbrio. E antes de partir diz-me qualquer coisa. Se não mudares de idéias e persistires em contestar o divórcio, terei então de tomar as minhas medidas a fim de pôr a ação em tribunal. Rogo a Deus que não permita que tal coisa aconteça. Essa noite rezarei também... - deteve-se abruptamente-Vai dormir um pouco. Talvez amanhã tenhas um dia igualmente mau.

Bárbara abriu-lhe a porta e esperou. Randall pousou o copo e dirigiu-se para ela.

-Acaba o que ias dizer-insistiu.

- Eu... claro está, rezarei pelas melhoras de teu pai. Rezarei pela Judy, como sempre faço.

Mas acima de tudo, Steve, rezarei... por ti, Randall odiou aquela atitude safada de beata superior e hipócrita. Com uma voz emaranhada disse-lhe:

- Guarda as orações para ti mesma. Vais precisar delas... no tribunal.
E saiu sem sequer lhe lançar um olhar.

CAPÍTULO 1.2

Acordou de manhã com uma ressaca, dando-se imediatamente conta que dormira demasiado.

Enquanto tomava um bom banho de chuveiro, se limpava e se vestia, pensou que a ressaca não era devida ao que bebera na noite passada. Normalmente, bebia muito mais, e costumava acordar relativamente fresco. Não, de fato tal estado advinha-lhe do mais profundo do ser, era um resíduo da vergonha que o sufocava, a vergonha pelo procedimento que tivera com Bárbara na noite anterior.

Objetivamente, podia perfeitamente ver que o pedido dela para um acordo de divórcio fora perfeitamente razoável. Podia justificar também a sua resistência. Não existiria nenhuma diferença a não ser que poderia perder a sua única filha se Bárbara voltasse a casar. Ora tal perda seria absolutamente insustentável, especialmente devido a serem tão escassas as suas ligações de carácter emocional. Fosse como fosse, não concedera a Bárbara qualquer escolha alternativa. Pensou na hipótese de um compromisso. Bárbara não era obrigada a casar com Arthur. Sim, podia perfeitamente continuar a viver com o tipo, tal como já vinha fazendo -e porque não? Estavam em pleno século XX... e Judy não precisava ter outro pai, devia continuar sabendo que ele, Randall, era o único pai em cima da terra.

Ah, lutaria contra Bárbara no tribunal, lutaria com unhas e dentes.

Não obstante, o que realmente lhe transmitia aquela sensação de pesadelo era o pensamento do seu procedimento infantil, vergonha da sua imaturidade e do seu comportamento mesquinho. Uma pessoa estranha ao caso que o tivesse observado diria que ele não passava de um filho da mãe, um verme. Tal pensamento modificava-o porque não se sentia assim tão mau. No íntimo sabia perfeitamente que não era mau, era muito melhor do que deixava as pessoas pensarem através as suas detestáveis birras, muito melhor do que o modo como se mostrara na visita anterior a essa que agora fazia ao pai, muito melhor do que se mostrara a passada noite com a mulher e como muito em breve seria considerado pelo magnífico Jim. McLoughlin do Instituto Raker quando ele soubesse da sua patifaria em aceitar a prepotência das Empresas Cosmos.

Mas, a verdade é que as pessoas não podem ser avaliadas por sentimentos que não se manifestam, são avaliadas pelo seu comportamento relativamente em determinado momento demonstrativo. E o fato é que ele enganava e magoava toda a gente que se relacionava com ele.

Quanto a nível social, também o seu comportamento merecia reparos. A trabalhar-excelente. Manifestava as suas verdadeiras potencialidades. Fora das horas de trabalho, nos contatos com pessoas que interessavam tornava-se perfeitamente irresponsável.

Havia prometido à filha-e que coisa seria mais importante? - que tomaria com ela o café naquela manhã. Na noite anterior esquecera completamente a promessa quando avisara a recepção de que não queria ser perturbado por quaisquer telefonemas com exceção de chamadas do Dr. Oppenheimer. Esquecera-se também de acertar o despertador para uma hora conveniente, daí a razão de ter dormido demais.

Antes de ligar para o serviço de quartos, tentou telefonar para Bárbara para saber se a Judy ainda estava no hotel. Ninguém respondeu. Desanimado e sentindo-se miserável, estava agora instalado para comer o seu presunto com ovos e beber o seu café, tendo que tomar a refeição sozinho. Nessa altura tomou consciência que por baixo do jornal matutino se encontravam alguns bilhetes. O garçon que trouxera o café, encontrara certamente as mensagens junto à porta e colocara-as em cima da mesinha.

Abriu-os. O primeiro dizia-lhe que telefonara de Nova York uma senhora chamada Darlene Nicholson. Já na noite anterior a recepção lhe entregara um recado semelhante. Nessa altura, depois da cena com Bárbara, não se sentira com disposição de telefonar para Darlene, e agora sentia-se demasiado aborrecido para ligar para Nova York. Prometeu a si mesmo que entraria em comunicação com ela mais tarde. Havia um recado do tio Herman. O tio deslocara-se ao hotel no carro da família para lhe dar uma carona até o hospital como ficara combinado, mas não lhe foi permitido que telefonasse para o quarto do sobrinho. Pela hora marcada na mensagem viu que o tio passara pelo hotel cerca de três horas antes. Bolas. A única coisa afinal agradável, ou de bom agouro, era o caso de não ter recebido qualquer chamada do Dr. Oppenheimer.

Acabou apressadamente o café, enfiou o casaco desportivo de camurça e desceu no elevador até ao saguão. Estava certo de que encontraria Judy no hospital, mas para que não se desse o caso de um novo desencontro, dirigiu-se à recepção e escreveu uma nota pedindo desculpa à filha de não ter podido tomar o café com ela e pedindo-lhe para não se comprometer, pois, almoçariam os dois. Pedindo ao recepcionista que colocasse o bilhete no quarto de Bárbara, Randall correu para fora do hotel, naquela morna e úmida manhã de Maio, fez sinal a um táxi e mandou seguir para o Hospital do Bom Samaritano da cidade de Oak City.

Ao chegar, subiu dois em dois os degraus da escadaria de cimento da fachada frontal, entrou no elevador, carregou no botão do segundo andar e, logo que o monstro parou, abriu a porta e enveredou pelo corredor, à direita. Mal tinha dado alguns passos quando viu, apreensivo, que a mãe, a irmã e o tio Herman estavam agrupados em volta do Dr. Oppenheimer em frente do quarto particular do pai.

Ed Ponto Johnson e o Reverendo Tom Carey estavam afastados alguns metros, entretidos numa grande conversa. À medida que se aproximava não podia impedir-se de pensar em algo de mal. Toda a gente reunida no corredor, não era coisa natural e parecia falar de uma emergência ou de uma mudança. Alguma coisa com certeza acontecera.

Chegando alguns passos de distância, pôde ver melhor as caras e observar as expressões. Procurou sinais de dor e perturbação. Frio, muito frio. Admirou-se, tal como sentiu estranheza de não ver Bárbara nem Judy entre os presentes.

Furou pelo grupinho e sem delongas em cumprimentos interrompeu aquilo que o médico estava dizendo aos circunstantes para perguntar com ansiedade:

-Doutor, como está o pai? O que é que se passa?

As comissuras dos lábios do Dr. Oppenheimer abriram-se num rasgado sorriso.

- Boas notícias, Steve. Está correndo tudo bem. Seu pai recobrou a consciência às... humm... deviam ser cerca de seis horas. O eletrocardiograma que fizemos mostra as mais determinantes melhoras. A pressão sanguínea está muito perto do normal. O lado esquerdo está parcialmente paralisado e a fala tem uma certa dificuldade. Todavia, de um modo geral, podemos dizer tratar-se de uma recuperação notável. A partir de agora, se não advierem complicações todos os sintomas são manifestamente favoráveis.

Randall soltou um suspiro de alívio, como se tivessem tirado de cima um peso

aterrorizador:

- Meu Deus! Graças a Deus...

Precipitou-se para a mãe e beijou-a, beijou Clare, que desatara a chorar, e piscou o olho para o tio Herman. Voltando-se repentinamente para o médico, agarrou-lhe a mão.

-É maravilhoso, um milagre. Nem sei como exprimir-lhe nossa gratidão.

Dr. Oppenheimer abanou a cabeça, embora os seus olhos manifestassem o apreço em que tivera aqueles cumprimentos.

- Obrigado, Steve, mas os louros pertencem inteiramente a seu pai. Estava, precisamente, explicando a Sarah que a rapidez e o grau de recuperação estão nas mãos dele. A medicina não pode ir muito mais longe. Depois dele ir para casa - possivelmente dentro de duas, três ou quatro semanas - começará um programa de fisioterapia. Arranjar-se-á um modo de poder perfeitamente aplicar em casa. Se ele cooperar, poderá chegar a um surpreendente grau de reabilitação. O objetivo do programa é restituir-lhe a mobilidade e a independência. Como eu estava dizendo à sua mãe, o principal fator reside no espírito de seu pai, na vontade que ele manifestar, no seu desejo de viver.

- Foram coisas que nunca lhe faltaram - disse Randall.

- É certo - concordou o Dr. Oppenheimer. - Mas, não esqueçamos que Nathan nunca enfrentou uma situação destas. Pode ter-se alterado a disposição psíquica; bom, seja como for o futuro de seu pai depende dele permanecer fundamentalmente o mesmo.

-Jesus sentiu-se abandonado na Cruz - era Sarah Randall quem falava com suavidade.

-Ele morreu, e todavia voltou, ressuscitado para nos salvar a todos.

-Com a ajuda de Deus- acrescentou o tio Herman.

Sarah fitou o irmão.

- Nathan vai também ter a ajuda de Deus, Herman. E merece-a.

Embaraçado por aquela conversa sem tino, piedosa, embora viesse de sua mãe, Randall afastou-se dela e voltou a aproximar-se do médico.

-Gostaria de ver o meu pai. Poderei?

-Bem... por hora devia repousar o máximo possível. No entanto, se não for uma visita de mais de um ou dois minutos... está bem. É possível que esta noite já possam passar mais tempo junto dele.

Randall penetrou no quarto.

A transparente tenda de oxigênio estava aberta, e a enfermeira particular estava puxando para cima o cobertor, alisando o leito, escondendo o doente com o seu corpo. Logo que ouviu a aproximação de Randall, recuou.

- Apenas quero olhar para ele - explicou Randall - Está dormindo?

-Dormindo. Portou-se excelentemente. Estamos orgulhosos da maneira como reagiu.

Randall encaminhou-se para o leito. Ali estava repousando, na almofada, a velha cabeça, abatida e esquelética, mas, não tão chocante como a noite passada. Tinha os olhos cerrados. As faces haviam voltado a ganhar uma certa cor. O pai ressonava pacificamente.

Randall voltou a cabeça e disse:

- Tem um aspecto incomparavelmente melhor em relação a ontem.

Atrás dele a voz da enfermeira concordou:

-Sim, muito melhor.

Randall voltou-se, de novo para o pai e ficou surpreso de o ver de olhos abertos, embora com um ar vago, parado.

-Viva, pai. Sou eu, Steve. Já te encontras melhor. Em breve ficarás bom.

Nos olhos do velho pastor notou-se um sinal de reconhecimento e os lábios mexeram-se. Randall inclinou-se e depôs-lhe um beijo na testa.

As pálpebras bateram, rápidas, um abrir e fechar; como que uma espécie de cumprimento. -Papá, estás recuperando bem. Temos rezado por ti e as nossas orações foram ouvidas. Vou continuar rezando por ti...

A voz de Randall sumiu quando viu franzirem-se os cantos da boca do pai, ainda que ligeiramente e não concluiu a frase por não saber qual o significado daquele arremedo de sorriso do pai. Se foi um sorriso de apreço pelas orações, ou de dúvida que seu filho fosse capaz de rezar por alguém. Pensou que o pai continuava vendo seu âmagô como se o seu corpo fosse de vidro, uma forma de o conhecer que tivera desde sempre, uma maneira antiga de aceitar tudo o que fosse uma preocupação sincera, mas, opondo-se a qualquer pieguismo repentino e com marca de artifício.

O sorriso, tão enigmático como o da Mona Lisa, desaparecera, mas, no entanto, a sua motivação e o seu significado permaneciam explicando. foi finalmente um sorriso de compaixão? Compaixão não pela falsa pieguice do filho, mas, compaixão (por parte de alguém que sabia perfeitamente que a fé, a crença, a fidelidade, a algo tinham triunfado) por uma crença que nada mais possuía do que um ceticismo ímpio e que estava destinado a jamais conhecer a elementar paixão do amor, da ternura e da paz.

Randall queria falar do caso, sondar para conseguir uma explicação, mas as pálpebras em que se destacava a fina rede de veias haviam-se cerrado e de novo se ouviu ressonar.

Fazendo o menor barulho possível, Randall afastou-se do leito de dor do pai e voltou para o corredor. O médico procedia à sua rotina pelos quartos dos outros doentes. Os outros reuniam-se num grupo feliz perto da sala de espera, conversando animados.

Randall perguntou a Clare por Bárbara e Judy. Ela respondeu-lhe que haviam chegado cedo e tomado conhecimento das boas notícias. Tinham ido espreitar o doente e saído cerca de meia hora antes.

Quando a mãe os interrompeu para convidar Randall a almoçar lá em casa, ele contou-lhe que tinha convidado a filha para almoçarem juntos, mas prometeu-lhe que iria jantar, nessa noite, antes de voltar de novo ao hospital.

Dado que não havia necessidade de ir a casa, Sarah Randall resolveu ficar no hospital mais um pouco na companhia do tio Herman. Clare achou que devia voltar para o trabalho, prometendo contudo à mãe que estaria em casa cedo para a ajudar preparando o jantar. Voltou-se depois para os outros e perguntou:

-Alguém quer uma carona?

Ed Ponto Johnson pensava melhor regressar ao jornal. Pouco e pouco o seu filho mais velho fora tomando conta de tudo o que se referia à redação, mas, Ed Ponto gostava de estar presente, de fiscalizar o bom andamento das coisas. O edifício onde se situava o jornal era tão próximo que não precisava de carona. Quanto a Tom Carey tinha que voltar para a igreja. Estaria ocupado em receber vários paroquianos, responder uma montanha de correspondência em atraso e escrever um sermão.

- Faz-me bem apanhar um pouco de ar fresco e preciso de fazer exercício - dizia Carey. - Obrigado pela oferta, Clare, acho melhor ir a pé. - Olhou para Randall.

- E tu, Steve? Estás disposto fazer uma caminhada a pé? Com certeza que ainda te lembras que a igreja fica a alguns quarteirões do teu hotel.

Randall olhou para o relógio de pulso. Ainda tinha quarenta e cinco minutos até à hora do almoço com Judy, presumindo que ela tivesse recebido o seu bilhete.

-Vamos lá, isso. Estou pensando fazer-me sócio da liga dos pedestres Anônimos.

Havia cerca de dez minutos que os três caminhavam e o passeio mostrava-se agradável. A umidade desaparecera e a atmosfera apresentava-se límpida sob um quente sol de princípio de tarde. Os enormes e veneráveis carvalhos encontravam-se em período de florescência e mostravam toda gama de verdes puríssimos. Passavam crianças pedalando suas bicicletas, iam-se cães correndo atrás de gatos, e uma mulher gorda com a boca cheia de pregadores, preparando-se para estender a roupa, acenou um adeus a Johnson e Carey.

O forte contraste do local com aquele canyon de pedra escura em plena Manhattan fez com que Steve Randall considerasse a pequena cidadezinha do Wisconsin com um paraíso. Mas a comparação era feita com os olhos do seu coração, enevoados pela nostalgia. Quanto aos olhos do seu raciocínio viam as coisas com mais fidelidade. Lembravam a Randall que se afastou muito, visto muito, vivido demasiado para que de novo voltasse ajustando-se à monotonia e às acanhadas perspectivas daquela comunidade provinciana encerrada como uma ostra nos estreitos limites das suas convenções. Tratava-se de uma vida de compromisso entre duas coisas. Poderia sobreviver num ou noutro extremo, mas nunca naquele meio. Poderia ter suficiente espaço em Nova York, entre o rolo compressor de milhões de pessoas, ou retirar-se sozinho, sozinho ou com uma outra pessoa, para qualquer lugar solitário de uma encosta de colina francesa, a fim de dar asas à sua imaginação criado, um destino que contava fosse realidade no prazo de cinco anos quando Towner e as Empresas Cosmos dessem-lhe o bônus de dois milhões de dólares.

Acertou o passo pelo dos seus companheiros, dando atenção ao vívido monólogo de Johnson. Este recordava o princípio da sua fraterna amizade com o Reverendo Nathan Randall, os melhores momentos dessa intimidade e os gloriosos fins de semana que os dois haviam tido em pescarias nos lagos.

Nesse momento, Ed Ponto Johnson recordava alguns aspectos da bondade criado de Nathan.

-Como vocês sabem, muita gente tem a pretensão de praticar boas ações, mas a certa altura do caminho acabam por soçobrar. Mas com o pai de Steve, nunca. Não, senhor, nesse aspecto o nosso excelente reverendo foi sempre uma exceção. Quando mete uma idéia na cabeça, por mais bizarra que possa parecer, por Deus, segue-a até ao fim. Isto é, encontra sempre uma maneira de realizar. Nathan é daqueles que sempre praticou as coisas que pregava.

-Exatamente uma das facetas de Nathan -apoio Carey.

-Recordo-me aquela vez em que meteu na cabeça a idéia de me fazer concorrência no negócio jornalístico. Lembra-te, Steve? Recordas-te do semanário que ele publicou... Como raio é que se chamava?... deixa lá ver...

-Boas Novas na Terra-disse Randall.

-Isso mesmo. Boas Novas na Terra, foi esse o nome com que o crismou, de acordo com o primitivo significado da palavra gospel (Evangelho), derivada da palavra anglo-saxônica godspel, que significava «Boa Nova». Uma coisa linda, realmente maravilhosa. Exigiu muita coragem, aliás uma coisa que nunca faltou a Nathan. Steve, recordas-te desse jornal do teu pai?

-Muito bem.

Ed Ponto Johnson voltou sua atenção para Tom Carey, falando mais para ele, enquanto caminhavam por aquela tarde cálida e convidativa.

-Tom, é uma história verídica, tão verdadeira como o fato de eu estar aqui vivo. Steve pode confirmar o que eu digo. Aconteceu já lá vão muitos anos. Certo dia estávamos

ouvindo rádio; um programa que fazia parte de uma série a respeito de sacerdotes pouco conhecidos na história, mas, que conseguiram fazer coisas invulgares no mundo secular. Nesse programa relatavam a vida do Dr. Charles M. Sheldon, da Igreja Central Congregacional de Topeka, Kansas. Já ouviste falar nele, Tom?

-Parece-me que sim. O nome não me é estranho.

-Bom, não me admiraria que nada soubesses dele, porque no dia longínquo de que estou falando nem eu nem o Nathan sabíamos, até então, nada a respeito de Sheldon.

Podem ver dados sobre ele na biblioteca, se não acreditam em mim. Dr. Sheldon deslocou-se de Nova York para o Karis a fim de fundar a sua igreja em Topeka. Por volta de 1890, julgo que Sheldon andava então pelos trinta e três anos. Começou a manifestar-se preocupado a respeito da reduzida assistência aos ofícios divinos das tardes de domingo na sua igreja. Teve então uma idéia luminosa. Em vez de fazer os habituais sermões, resolveu coligir uma história de ficção em doze capítulos, terminando cada um deles num ponto de suspense que se explicaria no capítulo seguinte e começou a lê-los todas as tardes de domingo à sua congregação. A idéia provou-se soberba, magnífica.

-Idéia inteligente -anuiu Carey.

-E que espécie de história era?

-Descrevia um jovem pastor, abalado pelas condições imperantes no mundo e pela maneira como as pessoas se portavam, que pedia à sua congregação para lhe prometer que durante um ano agiriam como Jesus o teria feito em todo o capítulo das relações humanas. A série tornou-se um sucesso de tal ordem que o Dr. Sheldon, em 1897, acabou publicando num romance, que intitulou: Seguindo os Seus Passos. De acordo com certas avaliações, conseguiu vender três milhões de exemplares, inclusive quarenta e cinco traduções. Creio que foi o livro de maior venda em toda a história, com exceção da Bíblia e das Obras de Shakespeare.

-Fantástico! -exclamou Carey.

- Sim, na verdade fantástico. Mas aqui tens uma coisa ainda mais fantástica: três anos depois do livro ser publicado, o proprietário do jornal Topeka Capital, um diário com uma tiragem de cerca de quinze mil exemplares, foi procurar Sheldon e disparou-lhe: «Gostaria de redigir a Capital durante uma semana tal como Jesus a teria editado?» O Dr. Sheldon aceitou. Queria provar que um jornal podia ser decente, honesto, publicar boas notícias em vez de enveredar pelo sensacionalismo corrupto, continuando todavia sendo um êxito. Desse modo o Dr. Sheldon sentou-se à secretária do chefe de redação e diretor por uma semana, agindo como delegado de Cristo na terra.

Randall abanou a cabeça.

- Pensei sempre que o fato era já por si mesmo sensacional.

- Publicidade, talvez, mas uma publicidade colocada ao lado da virtude - garantiu Johnson.

- E que aconteceu depois? - perguntou Carey curiosamente.

Johnson prosseguiu:

- Bem, o Dr. Sheldon não se alheou do lado prático do caso. Tinha a perfeita consciência de que Jesus Cristo jamais vira um carro, um trem, telefone, luz elétrica e que desconhecia em absoluto o que era a força da imprensa, dos meios de comunicação e dos livros impressos. Sabia perfeitamente que Cristo nunca tinha visto uma igreja cristã, uma escola dominical, uma sociedade de paz, ou uma democracia. Mas, tinha a certeza que Jesus vira algo mais que nunca sofrera a mais leve modificação. Sabia perfeitamente, como declarou na altura, que o mundo fechado que Cristo conhecera e compreendera era exatamente o mesmo na sua mesquinhez e no sórdido desprezo pela bondade tal como na

época do próprio Sheldon. Desse modo, na qualidade de editor de um jornal, desempenhando o papel de Jesus Cristo, Sheldon resolveu impor algumas regras novas. O escândalo, o vício e o crime passariam a ter uma importância secundária. Todos os artigos de fundo e demais notícias seriam assinados. E, pela vez primeira, histórias sobre a virtude e a boa-vontade teriam honras de primeira página. E isso seria apenas o princípio. Dr. Sheldon anunciou que recusaria todos e quaisquer artigos ociosos ou anúncios que tivessem por único objetivo o álcool, o tabaco e todos os divertimentos imorais. Além disso, os repórteres do periódico foram avisados que iria deixar de haver bebedeiras, orgias e abuso de tabaco durante os serviços.

-Perguntaste o que aconteceu depois, não foi Carey? Pois bem, o que aconteceu foi que a tiragem do Topeka Capital subiu dos quinze mil exemplares para os sessenta e sete mil por dia na altura em que estava a findar a semana experimental do Dr. Sheldon como editor. Conseguira provar que as boas notícias podem vender tão bem como as más que são servidas ao público em doses maciças.

Randall pousou a mão no ombro de Johnson, ao mesmo tempo que se dirigia expressamente a Carey.

-Tom, mas a história não acaba assim. Não há dúvida que a experiência foi nessa altura considerada como uma verdadeira bomba em todo o mundo jornalístico. Também se disse que o jornal durante aquela semana foi completamente insípido, monótono, inócuo, baseado em compridos sermões e aumento de tiragem ficara a dever à novidade e à publicidade feita em volta do caso. Ademais foram feitas edições simultâneas para serem vendidas em Nova York e Chicago, o que representou o aumento de exemplares. Em suma, se Sheldon tivesse continuado por mais algumas semanas à frente dos destinos do jornal tê-lo-ia levado à falência.

-Pura especulação -atalhou Johnson com bonomia.

- Seja como for, a operação resultou. Os leitores não resistiram ao salientar da moralidade em detrimento da imoralidade. E voltemos agora ao que eu pretendia dizer, por ocasião da primeira vez em que Nathan Randall ouviu falar do Dr. Sheldon e teve a inspiração de realizar a mesma fanha.

- Tentou isso? - perguntou Carey.-Não me lembro do caso.

-Bem, parece que estavas nessa altura na Califórnia ou noutra parte qualquer. Sim, Nathan andou com a idéia na cabeça durante algum tempo, até que, dentro do seu feitio trabalhador, iniciou a publicação de um jornal chamado "Boas Novas na Terra", um semanário, e anunciou que publicaria e editaria como Jesus Cristo o teria feito. Nathan começou a sua experiência -utilizando as minhas máquinas e algum do meu pessoal - primeiro em exemplares essencialmente dirigidos aos pais das crianças que freqüentavam as escolas dominicais e anunciando a seguir uma tiragem para o público em geral. Fiquem sabendo que conseguiu ainda uma tiragem... ora deixem-me ver... uma tiragem de cerca de quarenta mil exemplares por semana. Recebia cartas de leitores da Califórnia e do Vermont e até mesmo da Itália e do Japão. Foi um êxito seria ainda mais importante se Nathan tivesse tempo e resistência física para desempenhar o papel de Jesus como editor, continuando ao mesmo tempo cumprindo seus deveres para com a congregação da sua igreja como delegado de Cristo na Terra.

Detiveram-se numa esquina.

-Vou separar-me de vocês aqui-disse Ed Ponto Johnson.

E depois voltado para Randall:

- Steve, seja como for, sempre que penso nas coisas dedicadas que teu pai fez durante a

vida, não posso deixar de me lembrar do “Boas Novas na Terra”, nem do êxito que teve. Sei que teria sucesso em qualquer atividade que resolvesse desempenhar. Mas, a notícia mais estupenda é que, graças a Deus, poderemos ainda tê-lo junto de nós por mais algum tempo. E todos nós, toda a gente de Oak City, com certeza beneficiará com isso. Apertou a mão de Randall.

-Steve, foi agradável ter-te outra vez por estes locais. Vemo-nos logo no hospital. Até logo, Tom.

E afastou-se no seu passo saltitante, percorrendo a rua até ao edifício de tijolos vermelhos em que o seu jornal estava instalado. Randall e Carey seguiram-no com os olhos durante alguns momentos, depois atravessaram para o outro passeio e continuaram caminhando até o centro comercial da cidadezinha onde ficava o Oak City Hotel.

Depois de um breve silêncio meditativo, Tom Carey voltou-se para Randall.

- Steve, foi uma belíssima história a que Ed Ponto contou de teu pai.

- Um acervo de disparates - disse Randall sem qualquer traço de animosidade na voz.

- Disparates? - repetiu Tom Carey desconcertado. - Isso significa que o Ed Ponto inventou tudo aquilo a respeito de teu pai e do “Boas Novas na Terra”?

-Não, não inventou - respondeu pacientemente Randall.- É verdade que meu pai publicou esse estúpido semanário, mas a última parte sobre o êxito alcançado é que não passa de balela. Sim, é certo que a tiragem atingiu os quarenta mil exemplares... mas eram gratuitos... o meu pai mandava distribuí-los graciosamente. Não estarei muito longe da verdade se disser que talvez, nem uma centena de pessoas pagou os exemplares não gratuitos desse semanário ridículo. Além disso não houve um só comerciante que se atreveu anunciar naquela xaropada. Para mais, os poucos que quiseram fazê-lo por solidariedade meu pai não aceitou, que os demoveu invocando, que também Cristo não aceitaria tais anúncios. Tal como agora acontece, ninguém se mostrava disposto lendo notícias que só falassem no bem, dado que o mundo real não corresponde a essa idéia. O jornaleco do pai estava repleto de gente que amava o próximo, de pessoas preocupadas pela prática de caridade, de indivíduos cujas orações eram sempre ouvidas e atendidas. Causava náuseas. Diabos me levem, o próprio Cristo não editaria um jornal assim na Galiléia! Nem Ele nem os seus discípulos, nem os autores dos evangelhos publicariam semelhante marmelada. Também esses antigos escritores judeus e cristãos mencionavam mulheres adúlteras, violência nos tempos, flagelações, crucificações, trabalhos, descreviam a vida, ambas as facetas dela, não apenas o lado bom.

“Boas Novas na Terra” só representava notícias más em casa de cada um. Afundou-se ao quinto ou sexto número e não porque o meu pai não dispusesse de tempo, como romantizou o Ed Ponto, mas, porque estava levando a família à mais abominável ruína. Na verdade o meu pai empenhou no projeto todas as economias familiares.

Carey mostrou um semblante de preocupação.

-O dinheiro era... bem... era dele?

Randall respondeu firmemente.

- Não. Era meu.

- Estou compreendendo.

Randall olhou para o amigo.

- Não me julgues erradamente, Tom. Não estou lamentando pelo fato. O caso é que cheguei já a um período da minha vida em que estou farto e cansado de ouvir contar histórias falseadas, que acabam por passar, com o correr do tempo, por verídicas. Estou cansado de aldrabas, de meias-verdades, de exageros. Com os diabos, foi essa a minha

profissão durante pelo menos metade dos anos que tenho. Presentemente, tal como um proxeneta reformado convertido ao puritanismo, começo cada vez mais a interessar-me pela veracidade dos fatos, pela verdade pura. Detesto as balelas, as atordoadas palavras vazias de sentido. Puros sons que nada dizem. Estou tentando mudar de rumo na vida.

- Não estarás por acaso a julgar-te com demasiada severidade?

- Não. Tal como não estava também sendo demasiado severo a respeito de meu pai. Acredita que o respeito sinceramente. Conheço o que há nele de bom tão bem como tu. Sei perfeitamente que naquele homem não existe a mais ligeira parcela de vileza. É um ser humano perfeitamente honesto e decente, qualquer coisa que eu nunca fui capaz de ser. Mas, também não me esqueço que meu pai foi e continua sendo tudo o que há de mais oposto ao lado prático da vida. Vive num estado especial chamado Euforia... responsável tão somente perante um gigantesco -desculpa Tom -saco de vento que mora lá no alto do céu e negligenciando parte das suas responsabilidades para com os filhos que estão aqui embaixo, de pés bem assentados na terra.

Carey sorriu.

- Desculpo-te, mas...

-Não prossigas. Não venhas com essa de que o reverendo Nathan Randall tem algo que nós não temos... que é detentor do segredo que leva à felicidade, à paz... enquanto nós outros não passamos de uns miseráveis. Bom, de certa maneira talvez isso seja verdade. Ele foi sempre um dos contentes na Terra, ao passo que o filho, por exemplo, nunca possuiu nem sombra de contentamento. Mas porquê? Porque o pai tem tido fé, inabalável confiança e crença... mas em quê?... num Autor Divino invisível de Boas Novas, um fabricante de Perdão e de Fins Felizes? Não sei jogar esse jogo de auto-ilusão. De maneira figurada, fui positivamente agarrado à força pelo pescoço, como se faz aos gatos, quando era pequeno pelas idéias de H. L. Mencken, esse escarnecedor de todos os mitos - e injetado com a versão abreviada do Decálogo feita por Mencken: «Creio que é melhor dizer a verdade do que mentir. Creio que é melhor ser livre do que escravo. Creio que é melhor aprender do que ser ignorante». Desde então passei a crer em tudo o que os meus olhos vêem ou naquilo que os outros conseguem provar-me que viram. Sim, é nisso que posso crer. Tem sido o meu credo e, Tom, vou dizer uma coisa aqui para nós, o caso já cheira mal, mas o fato é que cheguei neste ponto, não posso modificar a minha atitude. Já faz parte de mim. E, vou-te dizer outra coisa - não me importo nada de te dizer - invejo o meu pai, Fé cega, é um jogo muito melhor.

Voltou-se para observar a reação de Carey, mas ele olhava direto para a frente, e as suas sobrancelhas estavam franzidas num ar pensativo, enquanto continuavam a caminhar.

Randall pensou no que se passava no espírito do amigo. Embora seguindo rumos diferentes em todos aqueles anos passados desde a escola e de pouco terem já em comum, a afeição de Randall por Tom Carey jamais havia esmorecido. Haviam jogado na mesma equipe do liceu e partilhado o mesmo quarto no complexo universitário. Depois do curso concluído, Randall deslocara-se para Nova York e Tom Carey ouvira o apelo da religião e ingressara no Seminário Teológico Fuller, da Califórnia. Após três anos de curso na faculdade de Teologia, Tom Carey obtivera o grau de Bacharel em Teologia. Depois, com os estudos para o doutorado à sua frente, casara-se com uma linda morena de Oak City que Randall namorara na Universidade de Wisconsin e acabara aceitando o lugar de pastor de uma igreja no estado de Illinois.

Como se deslocava com frequência a Oak City para visitar a mãe, uma viúva, Carey mantivera os velhos laços de amizade que o ligavam à família Randall, especialmente ao

pai de Steve, a quem admirava muito. Passara-se o tempo e, três anos antes, em virtude de aumentarem as exigências da próspera igreja e da congregação do Reverendo Randall, na medida em que as suas forças decresciam, Dr. Randall acabara por chamar para junto de si o jovem Carey, oferecendo-lhe um lugar de pastor adjunto, com um salário muito superior àquele que percebia em Illinois. Carey estava encarregado de realizar algumas das tarefas mais rotineiras e cansativas do sacerdote titular, procurando simultaneamente o desenvolvimento e expansão das obras sociais de assistência da Primeira Igreja Metodista junto aos desprotegidos da fortuna. Para além disso, fora-lhe prometido o lugar do velho sacerdote logo que este se aposentasse.

Tom Carey aceitara a proposta sem olhar para trás, regressando à terra natal com a esposa e seis filhos. Parecia que chegara agora o momento de suceder ao reverendo Nathan Randall e Carey parecia possivelmente um homem demasiado novo para o cargo de ministro de Deus junto dos fiéis.

Tom Carey tinha uma compleição de aspecto franzino, mas não obstante atlético, usando o forte cabelo cortado muito curto. O nariz era um tanto ou quanto largo de narinas abertas, um pouco simiesco, e a sua cor apresentava uma palidez peculiar. À parte tudo isso, era uma espécie de paradigma ambulatório para os jovens escoteiros americanos. Um homem, leal, sério, honesto, erudito, inteligente, socialmente cômico dos seus deveres. Não falava com Deus a seu lado - com o Reverendo Dr. Randall a seu lado talvez, seguindo-lhe o exemplo, mas não com Deus. Desdenhava invocar as penas do fogo infernal e servir-se do enxofre. Era um homem comedido e atento.

Tom Carey fez ouvir de novo a sua voz, mas num tom calmo, quase hesitante.

-Mencionaste a fé cega do teu pai, Steve, a sua inabalável fé e o modo como o invejas. Estava precisamente pensando no caso... Pensando com meus botões se devia discutir o caso contigo. - Umedeceu os lábios com a ponta da língua. - Disseste que acabaste por enveredar pelo caminho da verdade dos fatos, da verdade nua e crua. Daí... que talvez não te importes de ouvir a verdade...

Randall abrandou o passo e perguntou:

-A verdade? A respeito de quê, Tom?

- Da fé cega de teu pai. Sabes muito bem como o tenho acompanhado de muito perto nestes últimos anos. Pois bem, para ser honesto, detequei uma transformação gradual no modo dele ver as coisas. Da última vez que estiveste em Oak City talvez não tenhas notado, mas de resto a mutação ainda estava também no início. Teu pai nunca perdeu seu potencial de fé, nem pensar nisso, mas eu diria que nestes últimos tempos, é possível que os acontecimentos mundiais e o comportamento dos homens acentuaram a tendência para produzir algum abalo nessa sua fé... aliás uma coisa mínima.

Aquela seria a última coisa que Randall esperaria ouvir e não pôde esconder seu espanto.

- Mas um abalo na sua fé em quê? Não se trata com certeza da sua fé em Deus e no Filho de Deus! Portanto um declínio da sua fé em quê?

- É difícil ser mais explícito. Eu diria... não precisamente uma perda de fé em Nosso Senhor... mas sim na verdade literal dos cânone do Novo Testamento, no dogma da Igreja, no aspecto relevante do ministério de Cristo na Terra, relativamente, aos problemas do mundo de hoje, na possibilidade de aplicar os ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo nesta época dominada pela ciência e de vertiginosas transformações.

-Tom, tu estás dizendo que meu pai perdeu a fé no **Verbo**, não é isso? Ou pelo menos parte da sua fé?

-É uma suspeita que se radicou em mim recentemente.

Randall sentiu-se angustiado.

-Se for verdade, é terrível... tremendo. Significará que ele sabe perfeitamente que a sua vida nada vale, pouco mais é do que um montão de cinzas frias.

- Steve, é possível que ainda não chegou nesse ponto. Talvez, nem compreenda profunda e intimamente a inquietação que o perturba. Vou tentar simplificar: servindo-se da sabedoria tradicional, o teu pai estava resolvendo a infinidade de novos problemas do homem do século XX neste microcosmos desta nossa sociedade. E não só o método deixara de funcionar plenamente, como cada vez mais pessoas voltavam as costas à mensagem. Penso que nestes últimos anos começou sentir-se frustrado, confuso, parcialmente vencido até na sua boa luta e, finalmente, bastante desencorajado e impaciente. Penso igualmente que o Dr. Oppenheimer, por muito árido e privado de imaginação que por vezes aparenta, já percebeu de alguma coisa. Ontem ao meio-dia, depois de teu pai ter o colapso e ser internado no hospital, o Dr. Oppenheimer tomava uma xícara de café, num momento de descanso, e eu fui até ele. Estávamos somente os dois. Lancei-me em pensamentos tentando determinar se o colapso de teu pai não foi devido a uma sobrecarga de trabalho. Ora o médico olhou para mim e disse: «Os acidentes cerebrais deste tipo não são produzidos por excesso de trabalho, advêm da frustração.» Necessitarei de dizer mais?

Randall abanou a cabeça negativamente.

- Não, isso diz muito. O que mais me preocupa agora é que ele sem... essa muleta inquebrável, garantida por toda a vida... sem essa fé cega... Sim, como é que poderá agora recompor-se?

-É possível que a recuperação fortaleça sua fé. Volto a repetir: os fundamentos da sua fé continuam dentro dele, fortes. Acontece apenas que agora existem algumas brechas nas velhas e sólidas muralhas, brechas superficiais que poderão ser rapidamente fechadas.

Ao longe descortinavam-se já os contornos do Hotel Ritz de Oak City. Randall tirou do bolso o cachimbo que encheu.

-E quanto a ti, Tom? Existem algumas brechas visíveis?

- Na minha fé no Supremo Ser, não. Nem na fé no Seu Filho amado. Algo muito diferente. - Passou a mão pelo queixo, e escolhendo cuidadosamente as suas palavras, prosseguiu: -O que... bem... aquilo que me perturba são os representantes, os mensageiros do Salvador. Eles compram e vendem o que representa o materialismo no seu todo. Como é que se pode estabelecer na terra o reino dos céus quando os que possuem a chave do reino idolatram a riqueza, o êxito, o poder? O que também é desolador, os nossos eclesiásticos falharam redondamente na interpretação, na modernização, na utilização pura e simples de uma fé nascida em tempos recuados. Têm uma percepção deficiente, quase nula, da evolução social, de um mundo de comunicações instantâneas, de um mundo inquieto com a perspectiva da bomba de hidrogênio, de um mundo que está enviando homens para o espaço. Neste novo mundo em que o Cosmos se converte num fenômeno e num fato visto pela televisão, em que a morte se transforma numa certeza biológica, parece-me difícil que uma criatura consiga manter a fé num céu amorfo. Muitíssimos adultos sendo educados dentro dessa realidade e para ela. E tu representas até o que há de incongruente, que um indivíduo aceite já uma fé cega, que exige a crença no Messias e nos milagres. A maioria dos jovens de hoje são demasiado cétricos e independentes para encarar com respeito uma religião mítica, antiquada, narcotizante. Aqueles entre esses jovens que sentem o apelo pelo sobrenatural voltam-se com muito mais boa vontade para o encanto que a astrologia representa, para a feitiçaria como uma fonte primitiva de interesse ou absorvem-se nos meandros mais excitantes das filosofias orientais. Quanto aos idealistas

e sonhadores encontram narcóticos mais poderosos nos entorpecentes, rejeitando o materialismo das comunidades urbanas em favor da comuna pura e simples.

-Mas, Tom, em anos recentes houve um dramático renascer de interesse pela religião no seio da juventude. Milhares de seguidores de Jesus, fenômenos de Jesus, voltando para a velha e familiar figura paternalista, têm voltado para suas idéias a respeito do amor e da fraternidade universal. Eu tenho-os visto, observado todas as óperas rock, todas as comédias musicais, tenho ouvido todos os discos, lido livros, jornais, cartazes, anúncios em que Cristo é celebrado até à loucura e saciedade. Não te parece que tal espetáculo promete?

Carey esboçou um sorriso constrangido.

- Em parte... em parte... numa pequena parte. Sabes, não acredito muito nesse renascimento. Julgo que é como se a juventude - parte dela - andasse entusiasmada com a descoberta de um novo caminho, mas, receio bem, de um caminho demasiado curto. Sim, porque é um caminho retrógrado e porque procura a paz numa antigüidade nostálgica. Em vez disso, deviam compreender que essa antigüidade deve ser remodelada, modernizada e transportada para o presente. Não, o caminho deles nada tem vindo com uma fé a longo prazo. O Cristo deles é um... Beatle, um... Che Guevara, e, além do mais, usa chapéu alto. Não, Steve, precisamos de um Cristo mais durável e de uma Igreja melhor. Qualquer renovação teria um poder estável e em aumento, prosperar e ser significativa, mas só em ligação com a Igreja estabelecida.

-E porque não? -perguntou Randall.

- Porque a Igreja estabelecida não tem relações com tais pessoas, ou melhor, com a maioria das pessoas do nosso tempo. A Igreja está pura e simplesmente ficando para trás, perdendo a confiança dos homens e nos homens. A rigidez da Igreja cristã, a sua lentidão em reconhecer e acompanhar os mais imediatos problemas terrenos também a mim me desanima profundamente. Confesso o meu pecado. Surpreendo-me a mim mesmo duvidando daquilo que estou vendendo.

-E julgas que poderá haver alguma espécie de esperança, seja ela qual for, Tom?

-Um ligeiro vislumbre de esperança. Mas, pode ser muito tarde. Penso que a sobrevivência do Cristianismo organizado reside na expansão mundial da reforma ou no chamado movimento clandestino da Igreja em todo o mundo. O futuro da religião ortodoxa, talvez, dependa da ascensão ao poder de um eclesiástico como o reverendo Maartin de Vroome - um protestante revolucionário de Amsterdã...

- Sim, já ouvir falar nele.

- Um ministro como de Vroome não está agrilhado ao passado. Crê que o **Verbo**, a **Palavra** deve ser relida, revista, rejuvenescida e divulgada de novo. Crê que devemos acabar com o fato de continuarmos dando ênfase à idéia de que Cristo foi outrora não somente uma realidade, mas também o Filho de Deus, o Messias. Pensa que esse Jesus, além das superstições a respeito dos milagres e Ascensão, os acontecimentos depois da Ressurreição, destrói a eficácia do Novo Testamento e limita a Igreja na sua atividade. De Vroome insiste que a única coisa deveras importante nos Evangelhos é a básica sabedoria de Cristo. Filho de Deus ou do Homem, ou simplesmente mito, isso não interessa, o que conta é a mensagem que deixou ou que Lhe é atribuída e que deve ser arrancada do pó do século I da nossa era, revitalizada e aplicada na prática ao século XX, em termos perfeitamente adaptados ao século XX.

-E como será possível fazer-se isso?-perguntou Randall.

-Não tenho bem certeza - admitiu Carey com simplicidade. - Mas de Vroome acha que é

possível chegar-se a tal resultado. Parece-me que vem seguindo o caminho de Dietrich Bonhoeffer, o qual, não obstante ser conservador, pretendeu colocar a Igreja no mundo das realidades, tentando dar-lhe um programa de ação humanística e desenvolvimento social. De Vroome diz que a Palavra, em tempos modernos, na linguagem e realização modernas deve ser levada ao mundo dos «guetos» e dos palácios, levada às Nações Unidas, até aos complexos nucleares, até às prisões; tem de ser descentralizada da hierarquia de todas as igrejas Cristãs, descer até aos púlpitos da terra até às congregações das massas de milhões de pessoas. Uma vez isso feito, o Verbo funcionará, viverão a religião e a fé e a civilização sobreviverá. Sem essa revolução eclesiástica, de Vroome antevê a morte da religião, da fé e, finalmente, da humanidade. Pode ser que tenha razão. Mas ele representa apenas uma minoria e pequena, ao passo que a Instituição - o Conselho Mundial das Igrejas de Genebra e a Igreja Católica representada pelo Vaticano -resiste a todas as modificações drásticas, tentando impedir ele e outros rebeldes de levarem a sua avante e continuando a manter o status quo. Os homens da Igreja sentem-se mais seguros no século I. Mas, os fiéis não. Eis onde se encontra o busilis. Eis a razão porque o teu pai observou cada vez mais lugares vagos nas igrejas, tal como observo agora. Numa década as coisas poderão precipitar-se e subverter-nos e qualquer dia talvez me encontre pregando com a igreja vazia.

- Tom... nada há que possas fazer?

- Dentro do sistema, provavelmente não. Fora do sistema, talvez... mas eu também estou demasiado... demasiado condicionado pelos velhos processos e sou demasiado tímido para me tornar um radical. Para mim, para muita gente, que pensa que a religião estagnou e está bolorenta, só existe uma possibilidade, e eu mantenho-me pensando nela. Mantenho-me pensando abandonar a Igreja. Por vezes julgo que seria muito mais útil se desistisse do púlpito e se dedicasse antes ao ensino secular ou a obras e reforma social. Sinto que poderia realmente identificar-me com as necessidades humanas, tal como elas são, e podia eventualmente até tropeçar com quaisquer soluções humanas de momento. Não sei. Não sei na verdade que fazer.

Comovido, Randall disse:

-Tom, espero que não desistas, pelo menos por enquanto. Egoisticamente, receio que isso servisse para despedaçar o coração de meu pai.

Carey encolheu os ombros desalentado.

- Steve, poderá alguém despedaçar um coração que provavelmente já está despedaçado? Não lighes no que digo. Se chegasse a admitir seriamente a possibilidade de me retirar, só o faria depois de saber que o teu pai estava em perfeitas condições de suportar o golpe.

Detiveram-se num cruzamento de ruas. Carey continuou falando:

- Se a Igreja não se pode reformar, então haverá apenas uma coisa que a poderá salvar: um milagre. Tal como os judeus, ao tempo do nascimento de Cristo, aguardavam um Messias para os salvar da opressão e domínio dos romanos, e ignoraram um Cristo que falhou em salvá-los para vir meramente morrer numa cruz, até mesmo incapaz de salvar a Si próprio, também nós precisamos de um autêntico Messias. Se um Cristo, ou o Cristo, pudesse aparecer de novo e reiterar a Sua mensagem -uma mensagem que não foi ouvida quando a apresentou pela primeira vez na Judéia...

-A que mensagem te referes, Tom?

-Tende fé. Sede misericordiosos. Dois conceitos novos no primeiro século da nossa era e que deviam ser renovados no vigésimo século. Se Cristo regressasse à terra com essa mensagem... bem, acho que os governos e as pessoas olhariam uns para os outros e

desatariam a fazer algo de positivo e significativo a respeito da escravidão, pobreza, miséria, materialismo, injustiça, tirania e papão nuclear. A Segunda Vinda, ou algum sinal dela, poderia restaurar a esperança e salvar o mundo. Mas, como já disse, o caso seria um milagre. E quem é que acredita em milagres na era da ciência computadorizada, da televisão, dos foguetes para a Lua?... Eis o teu hotel, Steve. Desculpa ter abusado dos teus ouvidos para isto. Obrigado por me teres escutado. Para mim foi uma terapêutica, e tu és um dos poucos agnósticos em que sou capaz de confiar. Até logo à noite.

Tom Carey desaparecera e com ele fora-se a exuberância de Randall quanto à sobrevivência do pai. Sentiu-se desamparado, mais ainda ao lembrar-se do almoço que combinara com a filha. Judy era outra das pessoas perdidas, sem fé, com pesadelos em vez de sonhos e que, provavelmente, precisaria de mais do que um simples pai para a salvar. Também a sua filha Judy necessitava de um milagre. Mas quem é que poderia fazer um milagre numa tal era de pressas?

CAPÍTULO 1.3

Estavam há mais de meia hora no café semi-vazio existente embaixo do Hotel Ritz de Oak City.

Logo que chegara ao hotel, Randall telefonara para os aposentos de Bárbara e fora Judy quem respondera dizendo que estava preparada para o almoço. Esperara por ela no café e ela desculpara-se do atraso, mas andara à procura de um restaurante vegetariano que servisse alimentos não adulterados. Amigos dela haviam-na arrastado para esse tipo de comida e ela gostara: germe de trigo, soja, pudins de alfafa, legumes, mel... Tal como já esperava, em Oak City não encontrara nenhum restaurante com esse tipo de comidas saudáveis, porém, achava que algumas refeições de alimentos contaminados não a iriam destruir.

Entretanto, Randall acabara de comer o seu prego e entretinha-se vendo a filha mastigando o último pedaço de sanduíche de ovo e alface, acompanhada por limonada. Aos olhos dele, Judy era uma perfeita beleza. A sua pele não tinha uma mancha e os olhos radiantes dela, o pequeno nariz arrebitado, os lábios carnudos faziam com que parecesse uma criatura absolutamente virginal, isenta de maculados contatos com a vida. No entanto, a sua compleição física bem moldada e cheia de maturidade, metida dentro de uma blusa muito cingida ao busto e de calças de zuate muito apertadas, contradiziam a impressão inicial da adolescência imaculada. Impossível acreditar que aquele ser jovem, aquela moça de quinze anos, aquela pura natureza de criança que se recusava corromper seu corpo com comidas envenenadas por aditivos ou conservantes, emulsionadores ou pesticidas, alimentasse o corpo e o cérebro por via hipodérmica intravenosa com uma droga violenta e perversa. Pretendia discutir o caso com ela.

Na meia hora decorrida após o encontro, em que retribuía, apressadamente, o abraço do pai, mas, não lhe retribuía o beijo; Judy estava, curiosamente, distraída, nervosa, distante. A conversa entre os dois carecera de continuidade. Ela tagarelara a respeito dos purificadores feitos dos alimentos orgânicos e daí passara para a sua descoberta das obras de Alan Watts; a seguir, certamente, para ser agradável, contara como apreciava o seu excêntrico professor de francês do novo colégio.

A certa altura, esgotada aquela conversa sem possibilidades de comunicação, Judy perguntara-lhe como andava em seu trabalho. Sabendo que a filha não estava, realmente,

interessada no caso, pouco lhe contara do seu ofício, descrevendo, principalmente, um grupo de rock-The Spare Tires – o qual sua agência fazia publicidade e promoção. Tivera na pontinha da língua contar-lhe seu encontro com Jim McLoughlin e o trabalho efetuado pelo Instituto Raker, porque sentira que o caso a intrigaria e lhe daria, como pai, mais mérito aos olhos da filha, todavia, no último instante resolveu calar-se. Calara-se sobre o assunto, porque lembrou de repente, que estava prestes a rejeitar o trabalho de McLoughlin e a obra a favor do Instituto Raker, sem que tivesse qualquer maneira de justificar essa rejeição a Judy.

Judy afastou o prato e limpou os lábios no guardanapo de papel.

-E agora, que espécie de sobremesa? - perguntou com um entusiasmo fingido.

-Bem que gostaria -respondeu Judy-, entretanto, comendo desta maneira nunca mais caberia nas calças novas que comprei. Porém, se quiser posso comer mousse de chocolate.

Tentou lembrar se era mousse de chocolate, que aos domingos de manhã costumava comer com Judy, no café, quando ela tinha uns nove ou dez anos. Todavia, por mais esforços que fizesse não conseguiu lembrar.

Ela remexia sua bolsa. Ao ouvir as palavras do pai levantou a cabeça circunspecta.

-Estava pensando, precisamente nisso - disse, inclinando-se para o balcão a fim de encomendar a sobremesa à garçonete. Sentou-se bem em frente da filha e pensou que chegara o

momento capital. Desejava aquele almoço a sós não apenas para vê-la, mas, também para sondar os sentimentos dela a respeito da decisão da mãe em divorciar-se dele, para casar novamente. Era difícil falar agora no assunto, os riscos que correria seriam grandes, porém, se evitasse tal conversa, talvez, não teria outra oportunidade. Tinha que encontrar uma maneira. E depois havia também aquela inacreditável coisa da droga. Também isso.

Ainda não decorrera uma hora do momento em que dissera a Tom Carey que cada vez se manifestava mais interessado na verdade. De modo que tinha que saber a verdade, embora o preço pudesse ser elevado.

-Judy, creio que ainda não conversamos a respeito do teu novo colégio, e...

Ele remexia na bolsa. Ao ouvir as palavras do pai levantou a cabeça circunspecta.

Randall prosseguiu.

...ele desejava saber o que aconteceu lá. Ouvi dizer que te expulsaram por causa de narcóticos.

-Sabia que a mãe lhe iria encher os ouvidos. Se houvesse nas redondezas um Muro das Lamentações, a mãe encostaria nele para vomitar tudo também.

-Bem, queres falar a respeito do caso?

-O que é que há para dizer? Aconteceu que fui caçada. A maior parte deles nunca são caçados. Os barrigas de bicho do conselho escolar tiveram medo que eu contaminasse os outros... que piada... eu corrompendo-os... Nove décimos deles estão nas últimas, completamente viciados. Aí, então, o conselho escolar disse-me para sair do colégio, mesmo sendo a melhor aluna da minha turma.

Randall esforçou-se por eliminar da voz a típica entoação do pai severo, sempre pronto a censurar.

-Mas porque é que te envolveste em entorpecentes perigosos, Judy? Era uma coisa assim tão importante?

- Não foi nada assim muito importante. Talvez, uma experiência accidental. Uma experiência puramente pessoal, nada mais. Tive curiosidade de experimentar as minhas

faculdades perceptíveis. Compreende?... Iluminar o espírito. Alguns dos outros não conseguem manejar a coisa. Senti que podia. Teria dado um pontapé naquilo se não fosse todo aquele alarido e a droga forte.

Randall hesitou. O terreno tornava-se cada vez mais escorregadio e perigoso. Todavia, decidiu continuar.

- E que me dizes desse Dr. Burke com quem te tratas? Como vai isso?

Pôde quase ver as defesas dela erguerem-se.

-Não sei que dizer, exceto que é um tipo fixo. É suficiente?

-Não. Nada me diz se conseguieste melhoras com o seu tratamento.

- Se é à droga que se refere, a mãe diria que ele me reduziu a velocidade para os cinquenta quilômetros por hora. - Fitou o pai por um momento e perdeu todo o ar petulante. -Se quer saber em que condições estou... pois posso dizer-lhe que estou limpa.

- Agrada-me ouvir isso.

Finalmente a empregada trouxe os mousses de chocolate. Judy provou a sobremesa e com um ar aparentemente despreocupado, declarou que estava deliciosa.

Randall não desistiu do assunto.

-Ouve, esse Dr. Burke... Bem, gostas dele como pessoa? - perguntou o mais inócuo que lhe foi possível.

Os olhos de Judy pareceram iluminar-se.

- Do velho Arthur? Oh, é uma tara. Isto é, aquela barba que ele usa é o suficiente para dar fim de uma pessoa. Não compreendo metade das coisas que ele diz, mas posso garantir que sempre tenta. É um tipo direito.

Randall sentiu-se magoado, traído.

-Já sabes que a tua mãe quer casar com ele?

-Será a melhor coisa para ela. Julgo que ele passa metade do tempo montado nela. -De repente levantou os olhos da taça de mousse, viu a expressão do pai e procurou emendar:

-Eu não queria... Lamento se o pai...

- Não tem importância - disse ele seco. - Acontece, só que não estava acostumado ouvir da tua boca essa espécie de linguagem.

- Bem... lamento muito... desculpe-me. Eu... eu sei que eles querem casar.

Ainda não estava tudo esclarecido. Subsistia a principal interrogação.

-Sobretudo, o que me interessa é o que tu pensas a respeito do caso. Como é que te sentes por tua mãe querer casar com esse Dr. Burke?

-Pelo menos a mãe deixaria de andar sempre atrás de mim.

- E isso é tudo o que tu sentes, Judy?

Ela mostrou uma expressão intrigada.

-Que mais queria que eu dissesse?

Ele sabia que a pergunta era fútil. O grande perigo desaparecera.

- Judy, que pensarias tu se eu colocasse obstáculo ao casamento da tua mãe com Burke?

A sobrancelha dela ergueu-se.

- Ora... é uma pergunta um tanto quanto... isto é, qual deverá ser minha resposta? Ou por outra, porque é que o pai havia de opor-se? O pai e a mãe estão separados há dez milhões de anos. Não sabia que, assim ou assado, se preocupasse mais com ela.

-Mesmo não me preocupando com ela, Judy, preocupo-me contigo. És tu a minha principal preocupação em tudo que aconteça.

-Eu... - era incapaz de encontrar palavras, e parecia ao mesmo tempo perturbada e satisfeita.

- Sinto-me muito contente.

- Falas como se não soubesses aquilo que significas para mim.

-Julgo que sei, mas... como... dizer mal vejo o pai, e é como se... o pai estivesse muito longe... e conheci muitas pessoas.

Randall fez um gesto de assentimento com a cabeça.

- Compreendo, Judy. Queria apenas que soubesses aquilo que sinto. O problema que a tua mãe e eu temos é o nosso problema, não o teu, e nós resolveremos. Acredita que só tenho uma aspiração... ver-te feliz.

-Serei feliz - disse ela rapidamente, ao mesmo tempo que agarrava a bolsa. - Agora tenho que ir embora. Obrigada pelo almoço e...

-Porquê essa pressa toda?

- A mãe fazem as malas. Agora que o avô está melhor, ela quer que voltemos para São Francisco. Conseguimos um avião que parte de Chicago daqui a poucas horas. Ela não quer que eu esteja muito tempo afastada do Arthur... isto é... do médico - psiquiatra.

-Tem razão.

Judy levantou-se.

- Bem... adeus - disse ela desajeitada -, e... sim... mais uma vez obrigada pelo almoço... e sinto-me contente do avô estar melhor.

Incapaz de falar, Randall olhou para a filha. Abstrato, estendendo a mão para a conta, limitou-se dizendo:

-Sim, adeus, Judy.

Nada mais sucedeu. Judy afastou-se em direção da porta, enquanto Randall, como que num súbito estado de torpor, contava distraído o troco. De repente, viu, olhando de lado, a filha parar, voltar-se, e correr para ele velozmente.

Judy inclinou-se, enquanto ele erguia a cabeça confuso.

- Haja o que houver, pai, - disse ela com voz quase sumida, - será sempre o meu pai. -

Inclinou-se mais, com o longo e sedoso cabelo a roçar-lhe pela cara, e deu-lhe um beijo no rosto.

A mão de Randall elevou-se para lhe fazer uma festa, sentindo-se comovido.

-Haja o que houver, querida, - murmurou, - serás sempre minha pequena. Amo-te.

Ela endireitou-se, com os olhos úmidos de lágrimas.

-Também eu te amo, pai. Sempre te amei.

Caminhou alguns passos recuando, depois voltou-se e correu para a saída, desaparecendo.

Randall ainda ficou sentado durante mais uns cinco minutos. Finalmente, acendendo o cachimbo, saiu lentamente do café e subiu as escadas para a sala de espera do hotel. Não sabia bem se queria regressar ao seu quarto ou se queria ir dar mais uma volta. Nessa altura ouviu que pronunciavam o seu nome.

Encaminhou-se para o balcão da recepção.

-Senhor Randall - chamou de novo o recepcionista, mantendo na mão o telefone. -Estava quase mandando alguém procurá-lo Uma senhora chamada Wanda Smith, do seu escritório de Nova York, pretende falar-lhe. Diz que tem urgência. Use a cabine privativa no extremo da sala de espera, se desejar. Mandarei a telefonista transferir para lá a chamada.

Randall estava dentro da cabine, à espera, e ao ouvir a voz da secretária, perguntou:

-De que se trata, Wanda? Disseram-me que queria falar com urgência.

-Exatamente. Fizeram uma chamada urgente pra cá... mas, antes de mais nada toda a gente do escritório está ansiosa por saber como está o seu pai.

Randall adorava aquela moça negra que há cerca de três anos era sua devotada secretária

e confidente. Quando a admitira como empregada, Wanda empenhava-se num curso de dicção desejando ser uma artista de teatro; perdendo assim, seu arrastado e cantante sotaque sulista, substituindo-o pela entoação teatral, mas, gostava tanto do seu trabalho na firma Randall Associates que desistira do palco. Afinal, nunca perdera de todo aquele simpático sotaque do sul, que na sua voz era simplesmente encantador. Do mesmo modo, nunca perdera os seus hábitos de independência. Tal fato era, às vezes, exasperante, tal como acontecia naquele momento pelo telefone. Primeiro tinha que saber tudo a respeito de seu pai e de si próprio, antes de tratar dos assuntos profissionais. Conhecia-a muito bem e sabia que não podia levá-la por outro caminho, nem modificar-lhe o feitio. Todavia, sabia também que não desejava que ela fosse diferente.

Assim, relatou-lhe minuciosamente suas visitas ao hospital na noite anterior e nessa manhã.

Nesse momento, com muitos minutos já passados, ainda encerrado na cabine estreita, acabava de colocar as novidades em dia.

-É é tudo, Wanda. A não ser que aconteça qualquer imprevisto, o pai superou a crise. Há de recuperar, mas não sei até onde.

- Sinto-me feliz por isso. Quer que eu dê essas notícias a mais alguém?

- Penso que é melhor, ainda não tive tempo de telefonar pra ninguém. Faça uma ligação para o apartamento da Darlene e conte-lhe. Conte também... -Tentou coordenar idéias: havia o Joe Hawkins, o seu assistente, e Thad Crawford, o seu feiticheiro em matéria de Direito. Eles gostariam de saber. -... penso que deve informar o Joe e o Thad. Ah, é verdade, diga ao Thad que tratarei do caso de Towery e das Cosmos logo que retorne. Diga-lhe que volto daqui dois ou três dias. Depois mando avisar.

- Não me esquecerei de transmitir o seu recado... Com exceção de que espero que volte para Nova York amanhã. Foi por isso que fiz esta chamada.

Pensou que Wanda estava, finalmente, pronta pra falar de negócios.

-Amanhã? Está bem, boneca, despeje o saco.

-Recebi duas mensagens urgentes. Pelo menos as pessoas interessadas que me entregaram essas mensagens consideraram-nas urgentes. De forma nenhuma o sobrecarregaria com tais coisas se seu pai ainda estivesse num estado de saúde crítico. Agora que sei que está melhor repasso-as.

-Estou à espera, Wanda.

-Uma delas é mais uma vez de George L. Wheeler. - lembra-se dele? - o editor de livros religiosos de quem lhe falei ontem quando o senhor estava no aeroporto. Quando eu disse a Wheeler que tentava contatar consigo, ele insistiu que o fizesse imediatamente. Boss, teve tempo de pensar no caso?

-Para ser franco, não.

- Bem, se dispuser de tempo, talvez valha a pensando. As credenciais dele são das melhores. Já procedi algumas averiguações por sua conta. Repare bem. Dun and Bradstreet, Who's Who in America, Publishers' Weekly. A Editora Missão é número um no setor de publicação da Bíblia. Bem à frente de Zondervan, World, Harper e Row, Oxford, Cambridge, Regnery e todo o resto. Wheeler tem tudo bem fechado nas mãos, cofre, ações e Bíblia. Patrocinou a viagem do Reverendo Zachery à Austrália, e foi recentemente recebido na Casa Branca a fim de lhe darem uma espécie de galardão referente a não sei quê. É casado há trinta anos com uma dessas aristocratas de Boston. Tem dois filhos e, segundo o Who's Who, cinquenta e sete anos de idade. Há cerca de vinte anos herdou a Editora Missão do pai - tem um edifício-sede aqui em Nova York e sucursais em Hashville,

Chicago, Dallas, Seattle.

- Ok, Wanda, já chega. Então ele voltou a telefonar. Desta vez disse exatamente o que pretende?

-Quer vê-lo amanhã de manhã, o mais cedo que o senhor puder. Mostrou-se muito teimoso, de tal maneira que acabei por lhe dizer onde é que o patrão estava e o foi fazer. Mostrou-se compreensivo, mas não deixou de repetir que se torna vital que vá encontrar-se com ele amanhã de manhã. Frisou-me que lhe dissesse que voaria para Nova York de propósito para a reunião, que o que tem pra tratar consigo estará finalizado cerca do meio-dia e que depois poderá voltar para Oak City para acompanhar a evolução da doença de seu pai. Informei-o daquilo que o patrão me transmitiu ontem... disse-lhe que ia tentar localizá-lo, mas que não podia garantir que tivesse êxito.

-Wanda, a propósito dessa reunião... Wheeler sempre lhe disse daquilo que se trata?

- Bem, abriu-se mais um pouco a respeito quer que faça a publicidade de um novo tipo de Bíblia...

- Só isso, hem - interrompeu Randall com voz azeda. Que grande negócio. As bíblias são todas iguais. Afinal quem raio precisa dessa coisa.

Do outro lado da linha estabeleceu-se um breve silêncio, depois ouviu-se de novo a voz de Wanda:

-Boss, penso que talvez o senhor precise. - O tom de Wanda mudou rapidamente. -Acabo de passar em revista as notas que tomei. Wheeler forneceu-me mais alguns pormenores, poucos. Pretende a sua representação promotora durante um ano completo. Disse que havia grande soma de dinheiro em causa, muito mais do que qualquer outro empresário desde sempre lhe pagou. Acrescentou que o caso também lhe traria um prestígio considerável. Disse ainda que pretende que o patrão vá à Europa por um mês ou dois, com todas as despesas pagas, e que achará a viagem fascinante. O único senão é que terá que partir quase imediatamente.

-Para que é que um editor americano de bíblias precisa de um homem de relações públicas na Europa?

-Isso também pensei. Tentei descobrir, mas ele fechou-se. Nem sequer me disse para que parte da Europa. Mas, Joe Hawkins e eu discutimos o assunto, e o Joe concordou comigo. Considerando os abalos que o boss tem sofrido ultimamente, parece-me conveniente que aproveite a oportunidade para dar uma volta.

-Apregoar a Bíblia... julga que será uma mudança para não desperdiçar? - retorquiu, mal humorado, Randall. - Boneca, cresci juntamente com a Bíblia, e ainda a noite passada deparei-me ela. Acho que não será nenhum prazer voltar a uma coisa que foi o prato principal da minha vida adolescente.

-Todos nós temos um palpite de que não se trata da mesma velha Bíblia, que é algo muito diferente - persistiu Wanda. - George L. Wheeler insistiu em que não deixasse de lhe dar esta pista com relação aquilo que o projeto se refere.

-Que pista?

- Mateus 28:7 do Novo Testamento. - Fez uma pausa. Vejo que já não se lembra, com tudo aquilo que passou em tão pouco tempo. Recorde-se daquela passagem de São Mateus que ontem li e que diz: «Ide, pois, imediatamente, e dizei aos seus discípulos que já ressuscitou dos mortos. E eis que ele vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis...» E Wheeler voltou a recomendar-me para não me esquecer de lhe dizer que terá a missão de manejar a Segunda Ressurreição.

Randall lembrou-se. O caso veio à idéia. As enigmáticas palavras de Wheeler pretendendo

que Randall fizesse a publicidade da Segunda Ressurreição. Tal como da primeira vez, Randall sentiu-se intrigado: Que diabo queria Wheeler dizer com aquilo?

Randall passara uma boa parte da sua vida procurando libertar-se dos efeitos da Primeira Ressurreição. Para que queria uma Segunda - fosse qual fosse o seu significado?

No entanto, tinha presente ainda a imagem de seu pai nessa mesma manhã, ainda mal consciente, com aqueles olhos de piedade. Como o pai ficaria contente se o soubesse envolvido na promoção do Livro dos Livros e integrado em obras de bem! Que força isso não daria ao pai! E ainda havia mais uma coisa; que salvação para uma consciência intranquila seria tal projeto, para uma consciência que ainda se sentia envergonhada por ter vendido outra boa obra, o Instituto Raker, em favor do ganho egoísta oferecido pelas Empresas Cosmos...

Hesitava. Não tinha estômago para fazer publicidade de coisa tão disparatada. Com todos os problemas que o consumiam, nunca conseguiria dedicar-se em promover perante o mundo uma coisa atualmente tão despropositada como a Bíblia, ainda que fosse uma nova Bíblia. Achou-se pois dizendo ao telefone:

-Lamento Wanda, mas a verdade é que não consigo descortinar qualquer razão prática para perder o meu tempo nesse encontro de amanhã de manhã com Wheeler. É melhor fazer uma chamada para ele e explicar-lhe...

- Boss - interrompeu Wanda - eu posso fornecer-lhe uma boa e prática razão para o encontro. Uma razão mais do que substancial. E isso leva-me falar-lhe da segunda mensagem que recebi para lhe entregar. Logo a seguir ao telefonema de Wheeler, houve outro, feito por Ogden Towery III das Empresas Cosmos.

- Ahan?

-O Sr. Towery queria que o patrão soubesse que George L. Wheeler é um dos íntimos amigos dele e que ele, Towery, havia recomendado pessoalmente a nossa firma a Wheeler. Disse-me que lhe entregasse imediatamente o seguinte recado: que o negócio da nova Bíblia da Editora Missão é justamente um daqueles de que gostaria que o patrão se encarregasse, que o fato de aceitá-lo constituiria para ele um favor pessoal. Boss, a maneira como ele falou deu a entender que o caso é também importantíssimo para ele. - Wanda fez uma pausa.

- Será na verdade uma razão substancial e prática para que amanhã de manhã se encontre com Wheeler?

- Sim. É a única razão que faz sentido - disse Randall lentamente. - Muito bem, julgo que não tenho possibilidades de escolha. Telefone para George L. Wheeler e diga-lhe que me encontrarei amanhã com ele no seu escritório às onze horas.

Ao desligar o telefone, odiou-se mais do que nunca. Era a segunda vez em dois dias que permitia que Towery impusesse a vontade dele. Mas, seria também a última. Depois de encontrar-se com Wheeler, depois de arrumado o negócio com Towery, nunca mais permitiria que alguém o dominasse. Talvez valesse a pena agüentar aquelas humilhações, entrar naqueles processos de chantagens para alcançar sua liberdade futura.

Saiu da cabine. Procurou coordenar as idéias. Bárbara e Judy partiriam. Notificaria seu advogado para contestar a ação de divórcio. Nenhum pai emprestado tiraria sua menina, impediria tal maquinação. Em relação ao resto do dia, decidiu que jantaria com a mãe, com Clare e com o Tio Herman. Depois do jantar veriam o pai no hospital e falariam mais uma vez com o Dr. Oppenheimer. Se o boletim fosse favorável, e estava convencido de que seria, tomaria nessa mesma noite, em Chicago, o último avião e iria ao encontro...Que raio é que Wheeler tinha dito?... ah... da Segunda Ressurreição.

Fez especulações sobre o chamado projeto secreto que lhe seria revelado na Editora Missão. Procurou lembrar-se da espécie de santo e senha que lhe fora fornecido por Wheeler. Sim, isso mesmo:

«Ide, pois, imediatamente, e dissei aos seus discípulos que já ressuscitou dos mortos.»

Mas, afinal, o que significaria aquilo? Não interessava. O dono das Empresas Cosmos disse que era importante. Pois bem, era importante, pronto. Além disso, sentia pela primeira vez uma vaga curiosidade. Sim, estava interessado em qualquer coisa, que promettesse... Ressurreição.

CAPÍTULO 1.4

Sentado ali na ampla mesa de sólido carvalho, que ocupava o centro da sala de conferências no terceiro andar da Editora Missão, Steve Randall sentia-se incapaz de se concentrar no assunto que trataria.

Pela larga janela panorâmica que ficava em frente, escutava lá embaixo, em Park Avenue, o ruído do trânsito que chegava atenuado. Os seus olhos não se despregavam do velho relógio de parede em estilo americano colonial. Eram onze e quarenta e cinco. Significava que falavam há mais de meia hora - ou mais exatamente, que ele ouvia. Durante todo esse tempo nada escutara que o tivesse excitado.

Fingindo estar atento, Randall, furtivamente, avaliava o resto da sala de conferências. Todo o conjunto se parecia mais com a sala de estar de um apartamento, modificada, do que com o centro de um complexo de escritórios de grande empresa. As paredes estavam revestidas com painéis de bom gosto. O carpete era de uma cor sóbria bem escura, talvez um café com leite, com predominância do café. Ao longo da parte inferior de uma das paredes havia uma estante, prateleiras cheia de volumes da Bíblia ricamente encadernados e de outros livros sobre religião, a maior parte publicados pela Editora Missão, pelo menos segundo Randall pensava. Num canto, exibiam-se num escrínio envidraçado vários crucifixos, medalhões e outros artigos religiosos. Não muito longe da vitrine, em cima de uma mesinha, achava-se uma cafeteira, sobre uma bandeja própria para o conservar quente.

Randall comparecera sozinho àquela reunião, ao passo que George L. Wheeler, presidente da Misson House, contava com assessoria de cinco dos seus empregados consultores. Mesmo a sua frente estava uma das mais antigas secretárias de Wheeler, uma mulher cuja presença destilava tanta bondade e cujo maneira de ser era tão piedosa, como se fosse uma legítima representante do Exército de Salvação, que obrigava uma pessoa sentindo-se indigna e pecadora. A secretária estava ocupada tomando notas estenográficas, raramente levantando a cabeça do seu caderno.

Ao lado da secretária encontrava-se outra mulher, mais nova e muito mais interessante. Randall lembrou-se do nome dela: Miss Naomi Dunn, assistente administrativa de Wheeler. Tinha o cabelo castanho liso bem penteado para trás e severamente apanhado. A pele do rosto tinha uma tonalidade pálida, os olhos eram acinzentados, nariz reto, boca de lábios finos. O seu todo, expresso no olhar, era o de uma pessoa dedicada e fanática, daquele tipo que parece acusar as pessoas que não exibam vestes eclesiásticas ou que não sejam de qualquer maneira uns leigos devotos e úteis, de modo que o tipo marcado pelo seu franzir de sobrancelhas se sentia imediatamente frívolo e intimidado por não passar de um cidadão secular sem quaisquer ligações religiosas. Usava óculos grossos aros de tartaruga,

e prestava atenção a cada sílaba pronunciada por Wheeler como se este pronunciasse um Sermão da Montanha. Nem uma única vez ainda olhou de frente para Randall.

Os três outros empregados da Editora Missão sentados em volta da mesa eram pessoas relativamente jovens. Um editor, um designer das produções da casa e um diretor de vendas. Impossível distinguir uns dos outros. Todos eles com o mesmo cabelo curto e bem penteado à moda conservadora, todos de barba bem feita, todos com fisionomia séria, afável, abatida. Tinham também em comum os mesmos sorrisos de serafins estereotipados, e nenhum deles se atrevia a pronunciar a mais simples palavra durante o longo discurso do patrão.

Cerca de um metro ao lado de Randall estava sentado o volumoso George L. Wheeler, com os lábios ainda em movimento como um ruminante ou como um peixe.

Era aquele o poderoso amigo íntimo de Towery, o gigante das edições americanas da Bíblia. Randall examinava-o agora com mais atenção.

Wheeler era um homem de arcabouço impressionante, talvez com uns noventa quilos maciços, com o cabelo em processo gradual de desaparecimento, enormes entradas, e de tufos mesclados brancos na parte posterior do crânio. Tinha uma cara de lua cheia, com duas circunferências menores no meio daquela circunferência maior: os óculos. O nariz bulboso, tinha a particularidade de sempre mexer, como o de um coelho, enquanto falava. Outro dos seus hábitos mais notórios era de, inconscientemente, coçar a cabeça, coçar atrás de uma orelha, por baixo do nariz e debaixo do braço, num dos sovacos, aliás gestos tão naturais como o velho hábito de Randall em estar quase sempre afastando uma mecha de cabelo da testa, quando não tinha cabelo nenhum caindo em seus olhos.

Wheeler usava um terno caríssimo e só sua gravata revelava o diretor de uma sociedade comercial, o vendedor. Era uma gravata de cetim, com brilho metálico, uma daquelas gravatas que são normalmente usadas por vendedor que bate de porta-em-porta, do homem que tenta impingir a todo o custo às pobres donas de casa nem que seja uma lata de banha de cobra.

Randall parou de prestar atenção em que Wheeler dizia, não só porque as suas palavras até então ainda não haviam despertado nele nada de especial, como porque o seu modo de falar, monótono e monótono, não suscitava de imediato interesse. Discursava como alguém que não está interessado, nem habituado conversando, mas apenas interessado em ditar, em impor palavras aos outros. A sua voz, cansativa...que é que fazia lembrar?... Bem, a sua voz fazia lembrar a contínua ruminação audível de um dromedário.

Houve um movimento em volta da mesa e Randall deu fé que Wheeler fez um sinal a Naomi Dunn. Esta levantou-se prontamente, dirigindo-se para a mesinha onde estava a cafeteira. Disposto a acolher qualquer mutação no ambiente, Randall pôs-se a observá-la. Anteriormente não tivera oportunidade para lhe ver as pernas. Eram bem feitas. Ao mesmo tempo sua maneira de caminhar, meneando bem o traseiro, era provocadora. Quando se encaminhou para ele, transportando a cafeteira, Randall pôde ver que possuía uns seios pequenos, apetitosos como duas maçãs maduras, bem apertadas, dentro do sutiã que se vislumbrava debaixo da blusa leve de linho.

Estava ligeiramente inclinada para ele.

-Sr. Randall, quer mais café?

-Meia xícara só, por favor.

Ela serviu-o, depois encheu a xícara de Wheeler e deu a volta à mesa para servir os outros. Randall imaginou como seria ela na cama. Geralmente as mulheres trintonas, e aquela estaria a meio caminho dos quarenta, com um ar de virtuosas solteironas, são

umas taras na cama. No entanto, duvidava disso. Aquela parecia-lhe imponente, uma mulher por completo devotada à sua carreira. Repentinamente, achou até impossível imaginá-la despidida, precisamente como era impossível imaginar Darlene vestida.

Na noite anterior voltara a Nova York, onde chegara por volta da uma da madrugada. No aeroporto esperava-o seu Rolls-Royce com o respectivo motorista privativo. No caminho para o centro da cidade, manifestara a esperança de que Darlene estivesse bem pregada no sono. Sentia-se totalmente esgotado pelos acontecimentos dos últimos dois dias, a crise no hospital, o contato com a mulher e a filha, o encontro com a família e os amigos do pai, sentindo cada vez mais o agudo desejo de se atirar para cima da cama, fechar os olhos e dormir. Mas, chegando no apartamento encontrara Darlene bem acordada, perfumada como uma rosa e deitada na cama dele, completamente nua por baixo dos macios lençóis. Por isso, o sono fora pouco. Em vez de se entregar nos braços de Morfeu como planejara, aturou a conversa dela a respeito de lhe ter sentido muito a falta, sentira nas partes inferiores do corpo as brincadeiras das suas mãos, depois as pernas, como serpentes a enroscar-se, o despertar conseqüente da sua virilidade, o penetrá-la, as acrobacias de goxeia daquele corpo macio, elástico e jovem, e a ejaculação final que acabara por deixá-lo espremido, vazio, como morto.

Nessa manhã, cedo, depois de um banho apressado, nervosamente alerta pela curiosidade sobre o caso de Wheeler e pela promessa de comparecer na reunião marcada, acabara chegando ao edifício da Editora Missão com todos os seus sentidos bem despertos. Pois bem, até então, para compensar toda a sua excitação e pressa, tudo o que ouvira naquela sala não passara de uma seca exposição no setor da publicação de livros especializados e de um sonolento monólogo rotineiro sobre o novo projeto.

Os passados quarenta e cinco minutos haviam-se esgotado num zum-zum capaz de fazer bocejar um morto, numa constante falação sobre coisas áridas. Cinco editores - Wheeler nos Estados Unidos, e outros destacados especialistas em publicação da Bíblia na Grã-Bretanha, França, Alemanha e Itália - concentravam seus esforços para darem ao público uma nova Bíblia internacional... não, não a Bíblia completa, mas somente um Novo Testamento. Esse Novo Testamento seria traduzido de novo e conteria informações exclusivas, nunca até então dadas a lume, trava-se de uma descoberta arqueológica ainda não revelada. Seria o Novo Testamento definitivo, o mais perfeito na história do Cristianismo, e, ao ser publicado, não só tornaria obsoleta a Versão do Novo Testamento do Rei Jacob, como também ultrapassaria e tornaria obsoleta a Versão Revista conhecida pelo público, a Nova Bíblia Inglesa, a chamada Bíblia de Jerusalém e todas as outras Bíblias conhecidas.

Essa última versão das Escritas Cristãs - Randall tentou lembrar-se do exato nome e, embora com esforço, conseguiu esse Novo Testamento Internacional, como Wheeler lhe chamara, em processo de preparação há seis anos. Só a edição americana, a cargo de Wheeler, importaria pelo menos em 2 500 000 dólares, distribuídos pelo custo da tradução, composição tipográfica, três diferentes tipos de impressão, provas, papel de tipo especial, capas em marroquino; tendo também em conta os gastos com a publicidade e promoção que em breve seu papel importantíssimo desempenharia. Quando a firma Thomas Nelson & Sons, em 1952, lançara a Nova Versão Modelo, só em publicidade gastara 500 000 dólares. Ora Wheeler, com aquele Novo Testamento Internacional, planejava despende o dobro dessa quantia.

Os primeiros exemplares do Novo Testamento Internacional - exemplares destinados aos críticos de obras religiosas, a ministros, teólogos, sacerdotes, personalidades que

normalmente fazem a opinião pública e para chefes de Estado (incluindo o Presidente dos Estados Unidos da América) - estavam produzidos, em processo de impressão tipográfica em Mainz, Alemanha. Presentemente, depois de seis anos de labor em sigilo absoluto, chegara o momento da etapa final - a montagem de uma gigantesca campanha publicitária, baseada em notícias nuas e cruas de impacto, em vez de ser a costumeira, publicidade que garantiria o êxito no empreendimento do Novo Testamento Internacional. Dado que essa Bíblia seria publicada em fins de junho ou princípios de Agosto, restavam somente dois meses, mais ou menos, para estruturar a campanha promocional. Cada um dos editores internacionais da obra, contribuía com um serviço especializado e todos eles concordavam que o associado americano se encarregasse das relações públicas, tanto mais que se admitia em regra geral serem os americanos uns autênticos peritos no manejo da publicidade.

-Agora, Sr. Randall-dizia nesse momento George L. Wheeler, e Randall, embora com dificuldade, tentou prestar mais uma vez atenção às palavras do editor da Bíblia - antes de entrarmos nesta sala, mencionei-lhe as nossas condições, os maiores honorários para publicidade desde sempre oferecidos neste particular setor, conforme creio, o senhor indicou que a quantia era perfeitamente satisfatória. Posto isso, pretendo-o em nosso quartel-general europeu durante dois meses, com a colaboração de um pessoal perfeitamente selecionado que lá temos, trabalhando para a criação da fórmula publicitária que utilizaremos, com as necessárias modificações, nos cinco países editores. Quando essa fórmula estiver pronta, voltará para Nova York e utilizará a sua firma, Randall Associates, para se concentrar então somente na edição americana, tal como os editores europeus utilizarão nessa altura os seus próprios agentes de publicidade para trabalharem a partir da planificação geral estabelecida por si. Mas o tempo, como já disse, é um fator importante no caso. Será necessário colocar, imediatamente, seus assuntos em ordem, partindo comigo para a Europa o mais cedo possível. De hoje a uma semana, na sexta-feira, sete de Junho, o transatlântico France parte com destino à Southampton. Necessitamos de todo o tempo a bordo, cinco dias de viagem, para que fique a par de tudo aquilo que o espera, para lhe falarmos de todos os aspectos do caso. Conversaremos mais detalhadamente no navio, Sr. Randall. Tem algumas perguntas fazendo?

Randall endireitou-se na cadeira, mexeu no cachimbo com tabaco, e fitou firmemente o editor, dizendo:

-Só uma pergunta, Sr. Wheeler, só uma pergunta essencial.

-Pois bem, faça o favor.

Randall sentiu que todos os olhares convergiam para ele, mas tinha que despejar o saco e saber com o que podia contar.

-Julgo que já existem por toda a parte bastantes versões da Bíblia. Porquê nesse caso o grande interesse em publicar mais uma versão?

Wheeler emitiu uma das suas habituais fungadelas, dando que fazer ao nariz de batata, coçou a cabeça e disse:

-Pensava que já o tinha esclarecido suficientemente a respeito do assunto. Mas permita-me que recapitule. A Bíblia é a revelação de Nosso Senhor. Todavia, não deve permitir-se que se torne um espécime antiquado. Deve ser mantida viva e atual para cada nova geração. São requeridas traduções atualizadas porque as línguas contemporâneas estão em constante mutação, velhas palavras precisam de novos significados e explicações, e as massas estão constantemente introduzindo novas palavras na linguagem. Além disso, a arqueologia está constantemente, realizando novas e espantosas descobertas de antigos

papiros, pergaminhos, cerâmicas, pedras gravadas, coisas que emprestam novos significados para a compreensão das Escrituras Gregas existentes e que projetam nova luz sobre os primeiros tempos do cristianismo. A medida que as descobertas e a cultura nos aproximam mais dos evangelhos originalmente escritos no século I, é necessário acompanhar esse saber com novas traduções e anotações para uma constante atualização e maior exatidão das nossas versões do Novo Testamento. A legibilidade, evidentemente, constitui também um outro fator de peso. Muitas pessoas possuem várias Bíblias ou compram vários exemplares para oferecerem. Desse modo somos alentados a produzir versões diferentes de um Novo Testamento por querermos melhorar o aspecto tipográfico, a ortografia, o formato, os comentários ou a encadernação.

-Para obterem mais vendas-disse Randall.

Wheeler ajeitou mais confortável seu corpanzil.

-E porque não? Deve compreender que embora crendo no Livro Santo, estamos também no ramo altamente competitivo de o promovermos e vendermos. Sim, claro que existem novas versões publicadas de modo à obtenção de novas vendas, de maneira que possamos continuar dentro do ramo.

-Bastante justo-disse Randall. -Contudo ainda não me sinto completamente satisfeito com a sua resposta à minha pergunta. Talvez a falta seja minha. É possível que não tenha explanado a minha pergunta com clareza. Ora se me permite volto à vaca fria: Porque razão o senhor gasta uma fortuna para publicar este Novo Testamento Internacional? Que razão preponderante e específica determina a publicação desse Novo Testamento tão dispendioso? O motivo pelo qual apóia essa publicação é oferecer meramente ao público uma tradução melhor, ou de apresentar novas informações concordantes ou o de concentração de referências? Por que sua firma inventou um novo tipo melhor de impressão ou uma capa mais estética? Se na verdade forem estes os motivos ou um motivo para publicação de uma nova Bíblia, digo já com toda a franqueza que não vejo nada vendável. Não entendo ao menos qual será o meu papel no caso, tal como não vislumbro sequer o porquê de tanto tempo de esforços no meio da maior segregação de informações. Porque diabo haveria alguém de se preocupar a respeito de mais outra edição do Novo Testamento, especialmente em tempos como os que atravessamos, com todo um aumento de tumultos, perturbações e mutações? O senhor mencionou que a publicação dessa Bíblia seria vendida como um novo impacto, sem ser meramente pelos meios normais do anúncio na imprensa e por outros órgãos de informação convencionais. Pois lamento muito, Sr. Wheeler, mas até agora ainda não ouvi um único fato que me leve à conclusão dessa novidade, desse impacto salientado. Devo ser honesto, não gaste seu dinheiro em vão. Nada posso fazer pelo senhor ou por este seu Novo Testamento, baseado naquilo que me contou. Não precisa de mim para nada, e eu não preciso também desse gênero de assunto. De modo que sou obrigado dizendo-lhe... que tenho que recusar a sua oferta.

Na sala fez-se um silêncio pesaroso. Randall nem se incomodou em procurar ver qual a reação de Naomi Dunn e dos outros. Estava certo que todos sentiam-se horrorizados com aquele ato de lesa-majestade. Pois bem, que fossem para o inferno.

George L. Wheeler mexeu-se desconfortável na cadeira, coçando-se desesperadamente.

- Sr. Randall, disseram-me... isto é, Ogden Towery assegurou-me... que o senhor tomaria conta deste assunto.

-Ele não tinha qualquer direito de lhe dizer isso.

- Mas eu compreendi que ele... as Empresas COSMOS... são donas da sua firma.

-Ainda não - replicou Randall com azedume.-Mas seja como for o problema não está nisso. Só me encarrego dos casos segundo os seus méritos. Talvez, nem sempre fui capaz de proceder desta maneira. Talvez em certas ocasiões tomei conta de assuntos só por me darem lucros. Mas isso acabou. A partir de agora aceito apenas assuntos que valham o meu tempo e o meu esforço, que mereçam a minha devoção, e o fato é que não encontrei nada disso, nenhuma motivação naquilo que o senhor me contou.

Começara a afastar a cadeira, pronto para levantar e ir embora, quando Wheeler estendeu o braço e obsteu aos seus movimentos.

-Sr. Randall, só mais um minuto. Eu... bem, não lhe contei... na verdade não lhe contei tudo.

-E porquê?

-Porque jurei guardar segredo, um segredo que está bem oculto durante seis anos, com exceção das pessoas que trabalham no próprio projeto. Não estou em posição de lhe revelar a verdade a não ser em certas condições. Suponhamos que eu explicasse tudo e depois o senhor recusasse tomar conta do caso. Só depois de concordar em juntar-se a nós posso revelar a verdade completa.

Randall abanou a cabeça negativamente.

-Não, sou de opinião contrária. Até saber a verdade não concordo em ocupar-me do caso. Durante um momento, Wheeler olhou para Randall sustendo a respiração, depois expirou ruidosamente pelo nariz.

-É a sua última palavra, Sr. Randall?

-Sim, mantenho essa absoluta condição. Wheeler fez um desalentado gesto de concessão.

-Muito bem.

Voitou a cabeça para Naomi Dunn, ergueu um dedo, e ela, com um rápido fechar de olhos, mostrou que tinha compreendido. Imediatamente tocou no ombro da velha secretária, fez um sinal aos três homens ajudantes da firma, e eis aquelas cinco figuras de pé.

Wheeler pareceu ignorar a partida dos seus ajudantes, mas esperou até ouvir a porta da sala fechar-se para então encarar Randall.

-Muito bem, Sr. Randall. Agora estamos sozinhos. Decidi correr o risco. Vou procurar explicar-lhe.

Tanto a sua anterior pose como a sua voz se modificaram, como diferente é o dia da noite. Randall notou perfeitamente a mudança. Deixara de existir a imponente figura do comerciante cheio de segurança, do estilizado monstro sagrado das Bíblias, do guardião do Livro dos Livros. Naquele momento era apenas o negociante, o homem de vendas, o empresário descido à arena dos assuntos mais comezinhos para colocar da melhor maneira o seu produto. O remoer de palavras como o mexer dos lábios de um dromedário também acabara. A voz era agora suave, persuasiva, mais controlada, vibrante, e a linguagem mais direta.

-Disse-lhe que nosso projeto é mantido em segredo há seis anos. Com certeza está perguntando porquê?

- Não, foi uma pergunta que não me preocupou até o momento. Pensei que jogasse um jogo complicado comigo, que fosse um jogo de editor para conferir importância a uma coisa afinal rotineira e banal.

- Estava enganado - disse Wheeler terminantemente. Redondamente enganado. Mantivemos o segredo por sabermos que estávamos sentados em cima de um barril de dinamite, é como quem diz: estávamos na posse da mais tremenda história de todos os tempos. Creia, Sr. Randall, que não estou sendo extravagante, que não sou desmedido nas minhas

afirmações

Era a primeira vez que Randall sentia reacender-se, aquela curiosidade que o movera ao acordar. Aguardou o que seguiria.

Wheeler prosseguiu:

- Se a verdade transpirasse estaríamos arruinados e perderíamos um enorme investimento feito, ou pelo menos prejudicar-nos-ia gravemente. A imprensa anda à nossa volta, mas sem saber a verdade. As igrejas em todo o mundo suspeitam, mas, nem sequer têm a mais leve sugestão do que é na realidade. E temos inimigos, sôfregos de saberem antecipadamente ao dia marcado para a publicação aquilo que só nós conhecemos, de modo distorcido a deturparem o conteúdo do Novo Testamento Internacional e destruí-lo. Por isso, juramos segredo, e os nossos ajudantes, os que trabalham conosco por toda a Europa juraram também calar-se. Quando lhe revelar a verdade, será a primeira pessoa fora do projeto não sujeita a tal compromisso, a primeira pessoa fora da nossa alçada que saberá os fatos essenciais.

Randall tirou o cachimbo da boca.

-Mas porquê eu? Porquê arriscarem-se comigo?

- Primeiramente porque desejamos que trabalhe conosco, porque o senhor será o último elo necessário para assegurar o nosso êxito. Em segundo lugar, depois de pesar as probabilidades, julgo que sei o suficiente a seu respeito para acreditar que é uma pessoa de confiança.

-Acabamos de nos conhecer. O que pode o senhor saber a meu respeito?

-Sei muita coisa a seu respeito, Randall. Sei que é filho de um clérigo do Médio-Oeste, um homem bom com uma boa família. Sei que o senhor se revolta contra a religião ortodoxa, e que é um agnóstico. Sei que é casado e que tem uma filha ainda adolescente, e que vive afastado da sua mulher e filha. Sei onde vive e como vive. Sei que é um homem com muitas amiguinhas e que presentemente vive com uma delas. Sei que por vezes bebe demasiadamente, mas que não é um alcoólico inveterado. Sei...

Randall franziu o cenho e interrompeu.

- Sr. Wheeler, afinal, descreve uma pessoa com quem corre riscos.

-Pelo contrário-disse Wheeler rapidamente. -Tenho certeza que é de confiança porque acontece que sei mais uma coisa a seu respeito. Sei muito bem que apesar da sua grande intimidade com mulheres, não obstante, o fato de beber bastante, quase como imposição social, jamais discutiu os seus negócios privados com pessoas estranhas, nem nunca traiu um cliente.

O senhor trata dos maiores negócios deste país e sempre retribuindo a confiança dos assuntos que lhe confiaram com o mais completo segredo e discrição. Sei que o senhor mantém sempre uma orientação sólida a tal respeito. Sempre manteve em compartimentos diferentes sua vida pessoal e a sua vida profissional. Mais ainda, nunca houve um cliente seu que lamentou a confiança depositada. Eis a razão substancial porque decidi confiar na sua hombridade também.

Randall sentiu-se mais aborrecido do que lisonjeado.

-Não estou acostumado que metam o nariz nos meus assuntos particulares, Sr. Wheeler.

O editor inclinou a cabeça apologetico.

-Em circunstâncias normais, talvez, considerasse isso como impróprio e injustificado, mas esta particular e peculiar circunstância constitui uma rara exceção à regra. Com certeza compreende, perfeitamente, quando um gigantesco monopólio se prepara para comprar qualquer firma fora da sua esfera de influência, possivelmente por uma quantia de dois

milhões de dólares, especialmente, quando o cartel pretende comprar talento administrativo e criador, tem por obrigação ver as coisas muito bem antes de decidir fazer a transação.

- Towery -murmurou Randall.

-É o meu mais íntimo amigo. Ele quis tranquilizar-me, se eu fosse forçado a ir tão longe como estou indo agora. Eu esperava não confiar tanto em si... Mas, caso seja necessário, como é tinha que estar perfeitamente tranqüilo. Agora prossigo o jogo, arriscar a parada. Não entrarei em pormenores, Sr. Randall dir-lhe-ei apenas o que for indispensável.

Olhou para ele especulativo e perguntou:

- Sr. Randall, diga-me com exatidão que espécie de negócio interessaria na verdade, merecer o seu envolvimento, obriga-lo a comprometer-se?

-Não tenho bem certeza. Sinto-me fatigado pelo trabalho, de modo que...

A voz esmoreceu repentinamente, e logo a seguir disse simplesmente:

-Bom, em qualquer coisa que todo o mundo quisesse conhecer, comprar, devido ao intrínseco e genuíno valor do produto.

Wheeler reagiu com um sorriso de satisfação.

-Excelente. Pois posso dizer-lhe que temos ao nosso alcance a maior história de todos os tempos. Avisei-o antecipadamente que ao pronunciar-me assim de modo nenhum pretendia exagero, e não estou exagerando. Bem, a maior história de todos os tempos merecer o seu envolvimento?

Mas não esperou pela resposta, prosseguindo:

-Alguns anos antes, sondaram os mais destacados jornalistas do país por uma conhecida firma de inquéritos à opinião pública. Especularam sobre que história, no domínio da possibilidade científica ou para além dela, seria a maior história deste século. Houve muitas e variadas respostas. Alguns jornalistas votaram pela descoberta da cura do câncer, outros mostraram-se favoráveis a um tratamento que habilitasse seres humanos a viverem até aos cem anos de idade. Outros pronunciaram-se sobre a descida na terra de criaturas pertencentes a outro planeta, ou a espécie humana chegando em outro planeta e encontrando vida civilizada nele. Alguns votaram no dia em que fossem proclamados como uma realidade os Estados Unidos do Mundo. Mas, sabe aquilo que a maioria dos jornalistas votou como a possível maior história do nosso tempo? Votaram no Segundo Advento.

-No Segundo Advento? - inquiriu Randall, confuso.

-Sim, a Segunda Vinda de Cristo à Terra. Se Cristo voltasse à Terra em pessoa, em carne e osso, se Ele provasse a Ressurreição uma realidade amanhã... se Ele viesse amanhã para o meio de nós... isso, segundo esses últimos jornalistas votaram, seria sem dúvida a mais espantosa e maior história do nosso tempo.

Steve Randall, sentiu um princípio de arrepio pelo corpo.

-Que o senhor está tentando dizer, Wheeler?

-Meu amigo, digo-lhe que isso já aconteceu. Não literalmente, mas de maneira figurativa. Deparou-se-nos, estamos na posse da maior história do nosso tempo.

Randall, vagarosamente, inclinou-se para trás na cadeira, apoiando-se bem contra o espaldar.

- Continue.

- Escute - disse Wheeler com urgência na voz. - Há seis anos, um dos mais respeitados arqueólogos italianos, o professor Augusto Monti, da Universidade de Roma, procedia escavações perto de Ostia Antica - as ruínas da velha cidade de Ostia, o grande porto romano de comércio marítimo do século I que servia essencialmente Roma, a capital do

império. Após anos de pesquisas, o professor Monti esperava encontrar algo que nos levasse mais perto da verdade sobre a história do Salvador apresentada no Novo Testamento. Então, devido à perseverança do gênio ou a mera sorte, encontrou aquilo que tinha esperança de encontrar. Encontrou a verdade, a verdade final.

Randall sentia-se estranhamente tonto.

- Qual... é a verdade final?

- Numa escavação a grande profundidade o professor Monti descobriu as ruínas de uma antiga Vila romana, que seria a residência de um rico mercador do século I, e foi nas esfareladas paredes do escritório onde o dono tinha os seus rolos de papiros e os códigos, que o professor Monti realizou a sua incrível descoberta. Teólogos e eruditos do passado sempre declararam que seria improvável, impossível mesmo, que uma tal descoberta pudesse ser feita no úmido clima italiano ou, para ser mais exato, que tal descoberta pudesse ser feita em qualquer outra parte. Aconteceu essa descoberta, que foi objeto de verificações por todos os meios e testes científicos mais abalizados a nosso dispor. Ora o professor Monti tropeçou praticamente com um bloco de antiga pedra romana, na verdade a base de granito de uma estátua que fora partida, escavada por dentro, e depois de colada de novo por meio de resina. Dentro do buraco, sobreviveu mais de nove séculos, dois documentos. O menor, em más condições de preservação, consistia em cinco fragmentos de pergaminho do gênero daqueles que os romanos utilizavam para escrita no século I. Acertados os fragmentos mostraram um breve relatório oficial escrito em grego pelo capitão da guarda em Jerusalém, do governador da Judéia Pôncio Pilatos, um tal capitão Petrônio, relatório dirigido ao comandante da Guarda Pretoriana em Roma, um tal Lúcio Elio Sejano, que governava o império em nome do imperador Tibério Cesar. O documento maior, mais preservado, consistia em 24 fragmentos, razoavelmente extensos, de papiro cobertos de uma escrita em aramaico. Aparentemente, o texto foi ditado em Jerusalém pelo chefe judeu da futura igreja cristã pouco antes da sua execução em 62 D.C. A excitação de Randall aumentou, debruçou-se sobre a mesa, tenso.

- Diga-me... o que é que... estava escrito nesses documentos? Os olhos de Wheeler brilhavam.

- A maior história do nosso tempo, uma história capaz de deslumbrar todo o mundo cristão, uma história capaz de causar um renascimento na religião, uma renovação da fé. Os papiros encontrados, estão agora em nossa posse, são a perdida fonte dos Evangelhos Sinóticos, o chamado documento Q, o quinto, mas, na verdade o primeiro e o evangelho mais original

- o Evangelho Segundo Jacob - escrito por Jacob, o justo, irmão mais novo de Jesus, dando conhecimento da vida do verdadeiro Jesus Cristo, do Cristo real, tal como Ele andou pela terra como um homem entre os homens, ser humano, tanto como o Messias, no primeiro século da nossa Era. E nós estamos na posse desses documentos, de tudo o que eles contêm.

Wheeler esperou pela reação de Randall, mas este estava completamente paralisado.

- Quando ler as traduções dos manuscritos, ficará ainda mais aturrido - prosseguiu Wheeler com fervor. - O conteúdo deixa qualquer pessoa completamente louca. Sabemos agora com verdade onde Jesus nasceu, onde Ele estudou, como se desenvolveu, como Ele rezou junto da sepultura do pai após a morte de José, o que fez para conseguir a Sua subsistência antes da Sua profissão de fé, os pormenores dos Seus perdidos anos entre os doze e os trinta, tudo, tudo. Jesus existiu, e se essa fantástica fonte Cristã, a mais antiga desde sempre conhecida, não fosse suficiente, se fosse considerada suspeita por ser

escrita por um judeu transformado em cristão, então nesse caso teríamos a corroboração do sacerdote de Nosso Senhor, a Sua existência e Crucificação por intermédio de uma fonte não-cristã, uma fonte pagã, por intermédio de um soldado romano num relato feito na Palestina ocupado e dirigido ao seu superior hierárquico, um relato a respeito desse revoltoso, desse chamado Messias, tudo contido no Pergaminho de Petrônio. Mas, nem mesmo isso é o melhor da história, Sr. Randall. Agüentei a melhor parte para o fim. Esta parte é a mais notável.

Randall continuava boquiaberto, incapaz de pronunciar palavra.

- Ouça isto! - começou o editor em voz trêmula. - Jesus não morreu na Cruz em Jerusalém em 30 D.C. - Wheeler fez uma pausa, a sublinhar o que ia seguir. - Ele sobreviveu ainda mais dezenove anos.

- Viveu mais... - murmurou Randall, quase pra você mesmo.

- Petrônio relatou aos seus superiores que Jesus foi crucificado, declarado morto e retirado da Cruz para o devido enterro. Mas, Jacob, o justo, conseguiu saber que seu irmão não havia expirado na Cruz, que Jesus estava vivo. Se Ele tinha sobrevivido graças ao auxílio de Deus ou à habilidade de um médico, Jacob não o soube dizer. Diz apenas que Jesus se recompôs e continuou, clandestinamente, a Sua pregação na Palestina, em outras províncias e que apareceu finalmente e exerceu o seu ministério de pregador em Roma - em Roma - no nono ano do reinado do imperador Cláudio César, em 49 D.C., numa altura em que Jesus devia ter cinquenta e quatro anos de idade. E só nessa ocasião ocorreu a verdadeira Ressurreição e a Ascensão. Compreende o que digo? Imagina as implicações de tal achado?

Steve Randall balançou ligeiramente na cadeira, demasiado abalado para compreender a revelação na sua totalidade.

- Será... poderá isso ser verdade? Não posso acreditar. Deve haver qualquer engano. Tem certeza absoluta?

- Temos certeza absoluta. Todos os fragmentos de cada um dos documentos foram autenticados sem restar a mais ligeira dúvida. Conhecemos a verdade, possuímos finalmente o **Verbo**. É essa **Palavra** que daremos ao mundo através do Novo Testamento Internacional. Faremos ressurgir para a humanidade o verdadeiro Jesus Cristo, o real Salvador que outrora viveu na Terra e continua vivendo dentro de nós e em nós. Eis a razão porque demos ao nosso projeto secreto em Amsterdã o nome do código que ele tem. Steve, poderá crer na Segunda Ressurreição?

Randall fechou os olhos. Por detrás deles passaram, como projetadas numa tela interior, imagens tanto do seu passado recente como do presente. Visualizou as imagens humanas que passavam em sucessão nesse catavento responderem ao mais sensacional achado em dezenove centenas de anos. Viu-as eletrizadas e inflamadas com uma fé renovada no sentido da vida. Seu pai. Sua mãe. Sua irmã Clare. Tom Carey. E acima de todos, ele próprio. Viu aqueles cuja fé havia aberto brechas ou se despedaçara e aqueles que, como ele mesmo, já não tinham fé nenhuma e estavam perdidos. E viu, dando maior foco àquele catavento giratório de desespero, movimentando a manivela, Aquele que há tanto tempo era um mito, aquela imensa figura quimérica, envolvida num conto de fadas. O Filho de Deus, Jesus Nazareno, seria finalmente conhecido pelo homem. O Evangelho de São Jacob faria reviver a mensagem de amor e paz do Salvador e sanaria e confortaria a Sua família humana.

Inconcebível, inacreditável. De todas as maravilhas que Randall havia visto e ouvido durante a sua vida, nem uma só, nenhuma poderia se aproximar daquela em prodígio. Boas

Novas na Terra.

Seria aquilo possível?

O que é que Wheeler lhe perguntara? Ah, sim. Acredita neste projeto, nesta Ressurreição Dois?

- Não sei - respondeu lentamente. - Sei que é algo... uma coisa em que gostaria muito de acreditar, se ainda pudesse crer em alguma coisa.

- Randall, está disposto tentando?

- A tentar o quê? A vender a Palavra?

Randall considerou a pergunta, e levantou-se cheio de firmeza.

-Escute, se Ele está aqui para nos salvar, penso que eu estou aqui para ser salvo. Quando é que começamos?

CAPÍTULO 2

De certo modo, cada sonho, sempre que ele sonhara naquela semana e meia passada, parecia ter Jesus misturado. Naquele momento, acabado de emergir do sono, quando ainda lutava para abrir os olhos, o sonho que havia vivido ou que lhe embelezava o sono, ao despertar da consciência, mantinha-se ainda vívido no «écran» da sua memória...

Os discípulos viram Jesus caminhando sobre o mar e ficaram perturbados, dizendo, «É um espírito». Imediatamente Jesus se dirigiu a eles. «Tende bom ânimo, sou eu, não temais». E Steve Randall respondeu-lhe e disse: «Senhor, se és, Tu, manda-me ir Contigo por cima das águas». E Ele disse: «Vem.». E Steve saiu do barco, caminhando sobre as águas para ir ter com Jesus. Mas, quando viu o forte vento, teve medo. Começando a afundar-se, gritou: «Pai, salva-me». E logo o Reverendo Nathan Randall lhe estendeu a mão, segurando-o e dizendo-lhe: «Homem de pouca fé, porque é que duvidaste?» E Steve Randall estava salvo, e tinha fé.

Um sonho louco, cheio de misturas, que ainda o oprimia. Estava finalmente acordado, abriu os olhos, para ver que o que lhe oprimia a respiração era o macio peito de Darlene, o seio esquerdo dela, desnudado, estava comprimido contra os seus lábios. Ela estava debruçada para a cama, por cima dele, com a parte superior da pulôver cor-de-rosa, transparente, completamente aberta e um dos seus seios a roçar-lhe pela boca.

Randall acordara já em muitos lugares estranhos e de muitas maneiras inusitadas, mas nunca acordou a bordo de um barco em pleno Oceano Atlântico e devido ao macio toque de um seio de mulher. Continuava ainda sobre as águas, mas de repente Jesus Cristo e o Reverendo Nathan tinham-se eclipsado.

Darlene fez-lhe uma careta risonha.

- Bom, és forçado admitir que não há maneira melhor de acordar, não é verdade? Diz-me o nome de um paxá que seja mais bem tratado do que tu.

Sabia que era mais um dos fogosos jogos de amor de Darlene. Não tinha disposição para semelhante coisa àquela hora, mas sabia também que eram aquelas as ações de choque que Darlene lançava no mercado, as únicas mercadorias que podia oferecer, de modo que resolveu ser gentil, dando-lhe a resposta adequada. Beijou-lhe o seio suavemente, em volta do rosado mamilo até que ele começou a endurecer, para subitamente lhe ser retirado dos lábios.

- Steve, és mal comportado - disse ela com fingida severidade. - Não entremos agora em brincadeiras perigosas. Só pretendia que tu acordasses sorrindo. - Inclinou a cabeça e pôs um dedo na face, como que a avaliá-lo. - Mas tu estás uma verdadeira «brasa». - Curvou-se e introduziu a mão por entre os lençóis, fazendo deslizar os dedos entre as pernas dele. Acariciou-o durante um momento, para retirar depois a mão num movimento rápido. - Eh, lá! Não perdes tempo, hem?

Randall levantou os braços para a atrair a si, mas ela livrou-se do amplexo e afastou-se.

- Temos que nos comportar bem, querido. Já encomendei ao garçon o que queremos para o café. Deve chegar dentro de um ou dois minutos.

- Seria melhor que fosse dentro de meia hora ou uma hora - resmungou Randall.

- Deixa-te disso. Vai tomar o teu banho de chuveiro e veste-te.

Darlene encaminhou-se para a pequena sala de estar, adjacente, do pequeno apartamento que foi reservado no Convés superior do France, ao mesmo tempo que dizia:

- L'Atlantique, como sabes, o jornal que se publica a bordo, diz que será projetado um filme em inglês das coisas mais importantes para ver em Londres. É no Canal 8-A. Não quero

perder o filme.

Darlene deliciava-se com a televisão em circuito fechado que existia a bordo e que exibia filmes durante todo o dia, não se poupando gozar nenhum dos luxos que a viagem lhe proporcionava.

Randall lançou um olhar para o camarote de luxo até fixar na vigia, ainda tapada pela cortina escura, e gritou:

- Darlene, que tal está o tempo?

Ela respondeu do quarto ao lado.

-O sol está vindo cá para fora. O mar parece um espelho.

Semi erguido sobre os cotovelos, Randall passou uma revista ao camarote. Um quarto funcional com camas duplas e entre as camas uma comprida cômoda de armações metálicas com quatro gavetas. Em cima da cômoda via-se um telefone branco perto da sua cama e um abajur na mesinha de cabeceira, com o quebra-luz em branco, ao lado da cama de Darlene. Espalhadas por cima da grande cadeira de braços, estavam as roupas interiores dela um frívolo sutiã e umas calcinhas rendadas. Junto aos pés da cama, onde estava estirado, destacava-se uma cadeira almofadada em veludo cor de laranja em frente do grande espelho do toucador.

Escutou os sons das trepidantes máquinas do navio, e o marulho das águas abrindo e fechando em torno do transatlântico. Mas, logo a seguir ouviu o arranhar da televisão de circuito-fechado no quarto ao lado, com o falar monótono de um comentador, voz que lhe chegava num zumbido arrepiante.

Randall deixou cair de novo a cabeça na almofada e tentou juntar as peças do que ocorrera até àquele quinto dia de travessia de Nova York para Southampton.

Quando concordara em tornar-se diretor de publicidade do Novo Testamento Internacional e do projeto conhecido como Ressurreição Dois, não tivera a intenção de englobar Darlene Nicholson na viagem. Pretendera seguir sozinho com Wheeler, concentrando-se sobre o ambiente que devia absorver e sobre o trabalho que acordara em fazer. Darlene era demasiado frívola, demasiado hedonista, para uma viagem ligada a um empreendimento tão delicado. Não que lhe exigisse todo o seu tempo, mas porque o desviaria daquilo que se propunha com a sua conversa inócua, mas, contínua e com a sua sexualidade sempre presente. Certamente que Wheeler e a sua gente, todos aqueles especialistas e peritos, eruditos e teólogos, ligados ao projeto da Ressurreição Dois e que operavam em Amsterdã, não teriam nada de comum com uma moça como Darlene. Randall imaginava que ela estaria em relação a tal companhia e ambiente como uma corista ou uma dama de strip-tease largada de pára-quedas numa quermesse católica para angariar donativos destinados a obras sociais.

Não era que Darlene tivesse aspecto ordinário, mas, era um tanto ou quanto espalhafatosa, exuberante e por vezes inoportuna. Na verdade era atraente demais e transpirava sexualidade por todos os poros. Era alta, com aquela figura elegantemente magra que é própria dos modelos, com exceção dos seios, bem firmes, desenvolvidos, em forma de pera e que se salientavam sempre nos apertados vestidos e blusas de generoso decote que sempre usava, ou então, naqueles pulôveres esticados que ela colecionava às dúzias. O cabelo loiro caía-lhe como uma auréola sobre os ombros, os olhos azuis, as faces formando duas reentrâncias cavadas junto aos maxilares, a pele sedosa como a de um pêssago, a boca pequena e de lábios cheios. Caminhava de uma maneira deslizante, de modo que todas as partes componentes do seu corpo - seios, ancas, nádegas e parte superior das pernas - se deslocavam de modo a obrigar os homens a voltarem a cabeça

para admirar. Tinha as pernas mais esculturais e compridas que Randall desde sempre vira numa moça. Fora da cama era uma criatura irrequieta, imprestável, pateta, frívola e esvoaçante. Na cama era um doce, infatigável, inventiva, proporcionava prazer, engraçada. Randall acabara por concluir que toda a inteligência dela estava concentrada na vagina.

Darlene havia-lhe dado aquilo que ele precisava quando a encontrara, mas não era a companheira que ele desejaria para a excitante e emocional jornada no seio da fé em que estava prestes aventurar-se, a embarcar.

Tinha-lhe oferecido todas as alternativas possíveis. Uma vez que não estaria no estrangeiro mais do que um mês ou dois, e que estaria demasiado ocupado para lhe poder dar atenção durante todo esse tempo, pedira-lhe para que ela fosse para Kansas City, visitar os pais, família, amigos e amigas do liceu. Pagar-lhe-ia todas as passagens e despesas e quando ele regressasse estariam juntos em Nova York. Ela não quis. Sugerira-lhe uma viagem a Las Vegas e Los Angeles, ou um mês de férias nas ilhas Havai, ou ainda, seis semanas de viagem turística pela América do Sul. Mas ela respondera-lhe que não a todas as sugestões e ofertas. Fora: «não, não e não, Steve, quero estar contigo. Juro-te que me mato se não me deixares ir contigo».

De modo que, Randall suspirara, rendera-se e acabara por levá-la sob o disfarce de ser sua secretária. Sabia muito bem que não conseguiria enganar, mas finalmente acabara por não se ralar. Pensando bem, as vantagens eram até muitas. Bem... uma delas pelo menos: odiava ir para a cama só. Normalmente, depois de se ter encharcado de álcool, começava sempre sentindo pena de si mesmo. Ora Darlene era uma diversão maravilhosa. Na noite passada esteve em seu melhor, tudo a deslizar, tudo em movimento, mãos, pernas, ancas e traseiro, e quando por fim ejaculara fora como que uma explosão.

Na semana anterior ao embarque, com exceção de decidir levar Darlene, poucas outras decisões pessoais tomou, porém, de qualquer forma estivera quotidianamente ocupado desde manhã à noite, ou mais propriamente dito, desde que amanhecia até à meia-noite, absorvido a pôr em ordem as coisas relativas à sua firma bem como assuntos de natureza pessoal. Depois da impressionante revelação de Wheeler a respeito da descoberta em Ostia Antica, que pela primeira vez estabelecia irrefutável historicidade de Cristo, a curiosidade tomara conta do seu ser e ficara impaciente por saber todos os pormenores sobre o achado secreto. Wheeler, todavia, desistiu, dissera-lhe que haveria muitas horas vagas para detalhadas informações durante a travessia do Atlântico, e que em Amsterdã esperavam os pormenores completos sobre o trabalho. Randall teria gostado de contar a Wanda, Joe Hawkins e ao seu pessoal o que havia a respeito do empreendimento a que estava ligado, mas prometera a Wheeler manter segredo até que os primeiros exemplares do Novo Testamento Internacional fossem impressos e até que a junta de editores permitisse a revelação. Acima de toda a gente, Randall gostaria de ser informado do caso seu pai e Tom Carey, prevendo o que as suas novas, como um verdadeiro abalo de terra, poderiam fazer por eles. Mas, jurara guardar segredo, e guardá-lo-ia.

Telefonara todos os dias para Oak City, falando com a mãe ou com Clare, e haviam-no tranqüilizado de que o pai, embora parcialmente paralisado, estava gradualmente ganhando forças em recuperação. Telefonara uma vez para São Francisco. Com dificuldade, conseguira explicar a Judy que os planos para a ter consigo em Nova York durante duas semanas nas férias de Verão seriam adiados. Dissera-lhe que se deslocava ao estrangeiro para tratar de um caso especial da sua profissão, mas prometera-lhe que de qualquer forma, passariam algum tempo juntos no Outono. Pedira depois à filha para chamar a mãe ao telefone. Queria saber se Bárbara mudara de opinião sobre o processo de divórcio.

Bárbara respondera-lhe calmamente que não. Na semana seguinte iria consultar um advogado especializado em divórcios. Randall respondera-lhe friamente que estava muito bem, que nesse caso daria as devidas instruções a Thad Crawford para contestar a ação. Na manhã seguinte, Randall reunira-se com Crawford pondo-o ao par da situação. Thad procurara dissuadi-lo de contestar a ação, dando-lhe uma perspectiva dos contras. Mas quando Randall se mostrara obstinado e sem mostras de ceder à razão, embora relutante começara a tomar as suas notas para inevitável comparecimento no tribunal e concordara em apresentar a contestação. Durante a febril semana houve várias conferências com Crawford e com os dois advogados de Ogden Towsery de modo a chegarem num acordo sobre certos pontos ainda por não resolvido sobre a tomada de posição das Empresas Cosmos na firma publicitária Randall. Pesaroso, Randall fez um telefonema para Jim McLoughlin em Washington, combinando um encontro. Sem dúvida que Jim merecia uma explicação pessoal sobre a razão porque não aceitaria a tarefa do Instituto Raker. Jim não compreenderia decerto, mas o esforço merecia ser feito. Infelizmente, McLoughlin estava ainda ausente, algures, em missão altamente confidencial e ninguém o encontrava. Não estava em Washington durante muitos meses. Randall deixou recado para Jim telefonar a Thad Crawford. Não havia outro processo. McLoughlin saberia as más notícias da pior maneira.

Quando o dia do embarque chegara, Randall dera-o por muito bem-vindo. Naquele momento, deitado na cama do seu camarote de luxo, Randall voltou-se para a direita. Perto do telefone estava um monte de recordações e lembranças colecionadas por Darlene durante a travessia. Randall estendeu o braço e agarrou no maço de programas que marcavam todos os eventos desde que estavam a bordo. Eram cinco daqueles folhetos de quatro páginas, as duas últimas em francês. Quatro dos folhetos representavam as atividades a bordo durante os últimos quatro dias, e o quinto delineava o programa dos acontecimentos do dia que acabara de despontar. Na manhã seguinte acabavam-se os programas visto que chegariam ao romper do dia a Southampton.

Espalhando os programas, como se fossem um naipe de cartas, Randall pôde ver quão pouco representavam na verdade das suas atividades pessoais durante a travessia. Todavia, cada um deles lhe despertava uma recordação especial. Até então havido sido uma excelente viagem, tanto repousante como intelectualmente estimulante. Com exceção de uma desconfortável experiência no primeiro dia, pouco depois da entrada a bordo, quando o navio já estava partindo, podia dizer-se que a viagem corraera às mil maravilhas. O primeiro dia. Estudou o programa impresso, as palavras S.S. FRANCE, ilustrado com desenhos da Estátua da Liberdade, da Torre Eiffel e do navio.

Programa do dia : Sexta-feira, 07 de junho

Adiantar 15 minutos os relógios às 18 horas

14 horas Partida de Nova York

16 horas Chá Com Música

Sala Fontainebleau, Convés Varanda a Meia-Nau.

Pôs o programa de lado, começando rememorar aquilo que lembrava dos seus Events du 7our (programa do dia) pessoais, recordações que de novo vinham à mente em rajadas, em rápidos clarões.

Depois de subir a estreita escada para a primeira classe, seguindo atrás de Darlene, com ela, imediatamente, atraindo atenções dos outros passageiros masculinos e oficiais de bordo (um sutiã, generosamente, diminuto por baixo de uma blusa transparente, uma mini-

saía, muito mini, de seda, meias pretas e botas pretas de cano alto), dirigindo-se para uma pequena festa de despedida oferecida por George L. Wheeler numa sala privativa perto da entrada para o teatro de bordo e que dava para a varanda do Convés Varanda.

A esposa de Wheeler estava em férias com os filhos, na sua residência de Verão no Canadá, de modo que era mais uma despedida profissional e de negócios do que social. A sala privativa estava repleta de homens serafins e doces senhoras do Exército de Salvação pertencentes à Editora Missão. No entanto, viam-se novos rostos que Randall não vislumbrou anteriormente, caras definitivamente professorais ou do tipo teológico, na maioria fazendo-se acompanhar por sólidas esposas de meia-idade. Entrando na sala com Darlene pelo braço, aceitando as taças de champagne oferecidas por garçons impecáveis nos seus uniformes brancos, mas, rejeitando os hors-d'oeuvres, ao mesmo tempo que apresentava sua «secretária» a todas as pessoas que conhecia, Randall notou a presença de Naomi Dunn, não muito afastada do exuberante Wheeler.

Randall começou indo em direção à Naomi quando Wheeler o detectou e se levantou de um pulo para lhe apertar calorosamente a mão, exclamando:

- O começo de uma viagem para fazer história, Steve, para fazer história!

E voltando a sua atenção para Darlene:

- É então esta bonita jovem a... sua secretária de quem tanto me falou, não é verdade?

Nervosamente, Randall procedeu às apresentações. O editor mostrava-se positivamente intrigado com Darlene, de quem sabia a existência através o relatório de Towery.

-Vai-se envolver em trabalho de Deus, Miss Nicholson. Dando a sua colaboração ao Sr. Randall, realizará um serviço a favor da humanidade. Penso que ainda não conhece nenhuma das pessoas que aqui se encontram... Steve, importa-se que eu apresente esta encantadora senhora às pessoas presentes?

Wheeler afastara-se com Darlene e Randall encontrou-se, momentaneamente, a sós com Naomi Durin. Ela estava calada, tensa, constrangida, encostada numa tapeçaria que pendia da parede, a bebericar a sua taça de champagne.

- Viva, Naomi... posso tratá-la por Naomi?

- Porque não? Vamos trabalhar os dois muito intimamente.

- Espero que sim. Foi excelente vir despedir-se. Ela sorriu.

- Lamento, mas não vim me despedir. Vou viajar consigo e com o Sr. Wheeler.

Randall não pôde ocultar a sua surpresa.

-O George não disse nada. Sinto-me encantado.

-O Sr. Wheeler nunca viaja para muito longe sem mim. Sou a memória dele, a sua enciclopédia e o seu fichário sempre à mão para efeitos do Novo Testamento. O Sr. Wheeler sabe tudo o que se saberá a respeito do ofício de editor, mas, logo que se chega ao básico ambiente bíblico, confia em mim. Vou ser a sua mentora durante a maior parte desta viagem.

- Sinto-me contente, muito contente -disse Randall.

Com um ar de vago divertimento, Naomi examinou-lhe o rosto.

- Sente-se na verdade? - Olhou para além dele. - julgo melhor começar circulando por aí. A lição Número Um começa amanhã à tarde.

Cinco minutos depois, Wheeler agarrava Randall pelo cotovelo arrastando-o para um canto da sala, sussurrando-lhe ao ouvido:

- Duas personalidades que deve conhecer. Extremamente importantes para o nosso futuro. Conhecem o nosso segredo e, evidentemente, apóiam-no. Fazem na verdade parte integrante do projeto. Sem eles estaríamos pouco menos do que impotentes. O Dr.

Stonehill, da Sociedade Bíblica Americana, e o Dr. Evans, do Conselho Nacional de Igrejas. O Dr. Stonehill, era um tipo calvo, melancólico, frívolo e pomposo. Era enamorado pelas estatísticas, que disse a Randall:

-Praticamente todas as igrejas nos Estados Unidos apóiam o nosso trabalho e contribuem para o nosso orçamento. O nosso negócio principal é a distribuição de Bíblias. Todos os anos fornecemos às igrejas membros exemplares das Sagradas Escrituras que são impressas sem notas ou comentários. Publicamos Bíblias, ou extratos bíblicos, em doze línguas diferentes. Recentemente, num só ano, juntamente com a Sociedade Bíblica Unida, distribuímos

150 000 000 de exemplares das Sagradas Escrituras por todo o mundo. Num só ano, pense bem. Sentimo-nos orgulhosos de tal feito.

Parecia um pavão de irisadas penas em leque, abertas, como se fosse pessoalmente responsável por aqueles 150 000 000 de Bíblias. Randall não sabia o que dizer, e limitou-se a murmurar:

- Impressionante.

O Sr. Stonehill prosseguiu:

- Existe uma razão para essa aceitação universal. A Bíblia é um livro para todos os homens e para todas as épocas. Talvez, isso se deva à Bíblia, como disse o Papa Gregório, um arroio onde o lobo e o cordeiro podem beber juntos. Gregório, do século VI, como saberá.

Randall sabia. A cabeça andava-lhe já à roda. Em estilo ponderoso, o Dr. Stonehill continuou:

- Com a descoberta, o Novo Testamento engrandecer-se-á e a distribuição da nossa Sociedade aumentará dez vezes, segundo prevejo. Até o presente, existem 7 959 versículos do Novo Testamento. Todavia, acrescentando... nem mesmo me atrevo ainda a mencionar o último evangelho pelo seu nome... mas, com essa adição aos versículos canônicos, o entusiasmo por Nosso Senhor não conhecerá limites. A Versão do Rei Jacob, como sabe, põe na boca de Jesus 36450 palavras. Mas agora, agora...

Agora, Randall apenas queria ser salvo daquele tormento. Minutos depois, invocando estar com sede, procurou um oásis qualquer, mas em breve se encontrou de novo agarrado por Wheeler e levado a presença do Dr. Evans, diretor do Conselho Nacional de Igrejas.

O Dr. Evans era um pouco melhor. Era apenas calvo, não tão sombrio, e falava com um ardor controlado. Era mais simpático e o que dizia era mais intrigante para Randall do que as estatísticas do Dr. Stonehill, especialmente naquele ambiente de confusão.

-O Conselho Nacional de Igrejas é a agência oficial para trinta e três comissões eclesiais- Protestantes, Ortodoxas Orientais e uma Católica-nos Estados Unidos. Nenhum novo empreendimento bíblico será, totalmente, bem sucedido sem o nosso completo apoio. Desde o princípio que estamos representados no projeto do Sr. Wheeler, e sentimo-nos imensamente contentes pelo professor Monti ter feito a descoberta arqueológica mais significativa na história do Cristianismo. Não existe paralelo para esse achado. A importância da descoberta desse quinto evangelho excede de longe as descobertas dos Documentos do Mar Morto, em Israel e dos papiros de Nag Hamadi, no Egito. Não podemos imaginar a total importância dessa descoberta.

-O que quer dizer a total importância? -perguntou Randall. - Evidentemente, para já, prova que Jesus existiu na realidade.

- Não se trata disso - disse o Dr. Evans. - Afinal de contas, somente uma pequena escola de cépticos, principalmente na Alemanha, tem negado desde sempre que houvesse uma

pessoa tal como Jesus. Na verdade, a maioria dos eruditos da Bíblia jamais se sentiram profundamente perturbados a respeito da historicidade de Jesus. Sempre acreditamos que a vida de Nosso Senhor estava tão bem estabelecida como as vidas de Sócrates, Platão e Alexandre, o Grande. Os assírios e os persas deixaram-nos muito menos informações a respeito dos seus famosos chefes e, todavia, nós nunca pusemos dúvidas em que existiram. Quanto a Jesus, lembramos sempre a nós próprios que a área das suas atividades foi relativamente confinada, que o total do seu ministério foi extremamente breve, curto, que os Seus seguidores foram acima de tudo gente simples. Não poderíamos esperar templos erguidos, nem estátuas feitas para honrarem uma Pessoa que muita gente considerou como um mero evangelista rural, Uma Pessoa injustamente classificada por Shelley de demagogo provinciano. Mesmo a morte de Jesus, no contexto do Seu tempo, foi de pouca importância.

Era coisa que nem sequer passara pela cabeça a Randall.

- Pensa realmente que foi ignorada?

-Quando ocorreu? Claro que sim. Do ponto de vista do Império Romano, o julgamento de Jesus em Jerusalém não passou de um distúrbio local sem qualquer projeção, aliás, igual a centenas as quais os romanos já estavam habituados. Mesmo o relato de Petrónio sobre o caso-embora hoje para nós assuma um valor incalculável -não passou de mais um outro relatório de rotina do ano 30 D.C. De fato, Sr. Randall, a maior parte dos estudiosos da Bíblia pensando sempre que foi surpreendente e afortunado ter-se escrito alguma coisa a respeito de Jesus através de pessoas que coligiram informações daqueles que O conheceram. Podemos, no entanto, encontrar esses testemunhos nos evangelhos. Os tribunais dependem, habitualmente, do depoimento de testemunhas para apuração dos fatos. Os evangelhos fornecem-nos essas provas. Desde sempre que os eruditos compreenderam a razão dos pormenores escassos a respeito de Jesus uma vez que dependeram de relatos orais das testemunhas -mais tarde, exarados pelos autores dos evangelhos - que de nenhum modo demonstravam interesse na biografia de Cristo mas sim, no Seu aspecto sob o ponto de vista messiânico. Os seguidores de Jesus não sentiram necessidade de registrarem os eventos para a história porque para eles a história estava perto do seu tempo. Não manifestaram interesse em descreverem o aspecto físico de Jesus porque queriam antes falar daquilo que Ele disse e fez. Nem por sombra conceberam a necessidade de preservarem a descrição do aspecto físico ou da vida de Jesus, dado que aguardavam o seu imediato regresso «sustentado pelas nuvens do céu». Mas, os leigos, o povo comum, jamais compreenderam que assim fosse e por isso, cada vez em maior número, surgiram os cépticos e incrédulos. Para a gente do nosso tempo, educada no conceito da biografia e da história, Jesus tornou-se um ser irreal, a figura de ficção de um conto popular, tal como Hércules ou Paul Bunyan.

-E agora, com a nova Bíblia, pensa que essas dúvidas se dissiparão?

-Para sempre-disse firmemente o Dr. Evans.-Com o advento da nova Bíblia cessará o ceticismo. Jesus, o Messias será totalmente aceito. A prova será tão forte como se Ele fosse preservado para a posteridade em fotografia ou num filme. Sabendo que Jesus teve um irmão que se antecipou a todas as dúvidas pelo cuidado de registrar em primeira mão, fatos a respeito da vida d'Ele, sabendo que sobreviveram fragmentos do manuscrito que contém um relato da Sua Ascensão por uma testemunha ocular, o mundo ficará arrebatado e restaurar-se-á em toda a parte uma crença sem mancha. Sim, Sr. Randall, aquilo que o nosso caro Sr. Wheeler e os seus colegas estão prestes a publicar e oferecer ao mundo não só afastará para sempre a descrença como também inspirará um milênio de fé e

esperança entre os homens. Os seres humanos têm desejado durante séculos acreditar num Redentor. Finalmente, estão agora a caminho dessa total aspiração. Sr. Randall, sem dúvida que está envolvido num acontecimento memorável. Todos nós estamos. E para esse empreendimento sem paralelo que eu lhe desejo boa viagem.

Completamente estonteado, ainda incapaz de absorver as implicações do achado, Randall procurou alívio temporário numa taça de champagne e buscou depois a realidade simples na pessoa de Darlene Nicholson.

Investigando, localizou-a perto da porta. Um oficial de bordo acabara de se aproximar dela para lhe dizer qualquer coisa. Ela fez um sinal com a cabeça, e apressadamente seguiu o oficial da marinha mercante francesa para fora da sala. Curioso a respeito da súbita partida de Darlene, Randall tirou da bandeja de um garçon que passava mais uma taça de louro e espumoso líquido, e, molhando os lábios, decidiu saber para onde ela foi.

Abrindo caminho pela multidão apinhada na sala, achou-se no Convés, coberto perto de um dos elevadores. Marlene não estava à vista daquele lado. Viu-se a encontrava na sala de estar principal, ao dar a volta a uma escada, viu-a encostada a uma das janelas escancaradas da varanda do Convés Varanda. Mas, não estava sozinha, encontrava-se em grande conversa com um jovem mais ou menos da idade dela. Darlene tinha vinte e um anos, e o moço teria quando muito mais dois ou três. Um terno um tanto largo, de tecido de linho, não lhe ocultava por completo a compleição física bem desenvolvida. Era um homem de cabelo muito loiro, cortado curtíssimo, de feições bem desenhadas e marcantes que terminavam num maxilar quadrado. Parecia estar pedindo, insistentemente, algo a Darlene.

Nessa altura, por uma descrição que Darlene em certa ocasião lhe fizera, tentando provocar ciúmes, Randall reconheceu o moço. Era Roy Ingram, antigo namorado dela em Katisas City. Era um contabilista, ou pelo menos preparava-se para o ser. Antes de Randall ter tempo para quaisquer especulações sobre a presença do rapaz naquele lugar, Darlene dera fé da sua presença, acenara-lhe com a mão, e caminhava em sua direção, seguida pelo jovem.

Randall procurou um meio de se escapar à apresentação, mas era demasiado tarde. Os dois estavam já perto dele. Darlene tinha agora uma gardênia pregada na blusa, uma gardênia daquelas artificiais, que Randall julgava que já não se fabricassem.

O sorriso dela era de satisfação, ao fazer as apresentações.

-Roy, este é o meu patrão, Sr. Steve Randall., este é Roy Ingram, um amigo meu de... Kansas City.

Randall apertou a mão do rapaz.

- Miss Nicholson já me falou de si.

Roy Ingram estava evidentemente embaraçado.

- Muito prazer em conhecê-lo, senhor. Darlene escreveu-me a respeito do trabalho na sua firma, e disse-me também que partiria para a Europa com o senhor em missão de trabalho. Eu... pensei em vir por aqui para desejar... a Marlene uma boa viagem.

-Foi muito amável e gentil da sua parte vir desde Kansas para lhe desejar boa viagem.

Ingram corou e atalhou:

- Bem, eu... eu também tinha uns assuntos a tratar em Nova York... mas, claro, obrigado... pelas suas palavras.

- Vou deixá-los conversar à vontade - disse Randall. Tenho que voltar para a festa.

Uma vez em segurança na sala privativa, Randall lembrou-se da primeira vez que ouvira falar de Roy Ingram. Fora na noite do dia em que conhecera Darlene Nicholson. Ela fora

uma das muitas moças enviada por agência como candidata a um emprego de secretária. Randall encontrava-se nessa ocasião no escritório e ligara o telefone para que Wanda lhe levasse uns documentos. Wanda entrara e pela porta aberta, atrás dela, Randall vislumbrara Darlene sentada ao lado da secretária, com uma perna traçada.

- Quem é ela? - perguntara, fazendo um sinal com a cabeça para a porta.

- Uma das moças candidatas ao emprego. Tenho estado a espreme-la. Mas o emprego não será para ela.

- Talvez se tenha candidatado ao emprego errado. Mande-a ter comigo Wanda, e nada de observações. Não se esqueça de fechar bem a porta.

Depois as coisas foram fáceis. O nome dela era Darlene e deixara Kansas City dois meses antes porque a cidade provinciana lhe tolhia as suas potencialidades criadoras. Sempre desejara trabalhar para a televisão em Nova York. Surgiram promessas e perspectivas habituais, mas nada de aparecer nas telas do pequeno aparelho. Como tinha pouco dinheiro, pensara que gostaria de trabalhar para uma firma famosa que tratava com gente famosa, porque seria engraçado. Randall gostara das maneiras simples dela e, sobretudo, dos seus rijos seios e daquelas elegantes pernas. Servira-lhe uma bebida e mencionara ocasionalmente os nomes de alguns amigos e clientes, dizendo-lhe que se sentia impressionado com a sua personalidade e intelecto, tão impressionado que achava ser pura perda de tempo que ela trabalhasse num escritório que lhe ofuscaria os naturais talentos. Prometera procurar-lhe algo melhor e mais adequado. E, a propósito, estaria ela livre para jantar com ele?

Depois do jantar, Darlene seguiu-o até o apartamento. Fora nessa altura que lhe perguntara se tinha um namorado. Ela admitira que sim, um tal Roy, em Kansas City, mas contara que havia rompido com ele quando partira para Nova York, por ser muito criança e maçador.

- E gostaria de ter aqui alguém que a estimasse? - perguntara-lhe.

- Depende.

- Uma pessoa que tomasse conta de si? - persistira.

- Se eu gostasse dessa pessoa, porque não?

- Gosta de mim?

Darlene passara a noite com ele. No dia seguinte mudara-se para o seu apartamento. Randall sempre pensara ter feito um negócio justo. Darlene desejara luxo, ócio, conhecimento com pessoas notáveis e encantadoras, viver em lugares dispendiosos. Randall necessitara de uma companhia de mulher com um corpo jovem e sem qualquer envolvimento de tipo emocional, e obtivera o que pretendia. Sem dúvida, um negócio justíssimo. Todavia, naquele momento, depois de a ter visto com aquele rapaz leal e amigo, um moço da idade dela, sentia uma ponta de culpa.

Alguns momentos depois, Darlene juntou-se a Randall na sala onde acontecia a festa de despedida. O barulho ali dentro parecia ainda maior. Ela tinha um ar satisfeito e continuava a usar a gardênia na blusa.

- Já me vi livre de Roy. Tiveste ciúmes?

Randall pensou que ela não passava de uma garota estúpida.

- Que queria ele? - perguntou.

- Queria que eu não embarcasse contigo. Queria que eu voltasse com ele para Karísas City. Quer casar comigo.

- Que lhe respondeste?

- Que queria ir viajar contigo. Já estás satisfeito, querido?

O sentimento de culpabilidade dele aumentara. Nada tinha para oferecer àquela moça na sua vida errante. Apesar disso, ela estava rejeitando alguém, algo de permanente e decente na vida para continuar vivendo com ele no meio da frivolidade. Não era justo. Todavia, também não via nada de injusto na situação. Afinal de contas, meter o pênis no interior de uma mulher jovem que desejava essa introdução com toda a sua volúpia não era considerado um ato de corrupção. Se havia qualquer corrupção, estava em utilizar a sua imagem como uma figura de pai amadurecido, tanto quanto a sua riqueza e poderio, para se aproveitar da fraqueza neurótica dela. Ela merecia alguém jovem como ela, que lhe dispensasse todos os cuidados e a contemplasse com três filhos, com uma máquina de lavar e com um secador, para toda a vida. Merecia alguém como Roy Ingram. No entanto ela preferia uma viagem a bordo do France, aquela ruidosa festa de despedida e o luxo que acompanhava tudo aquilo. Pois muito bem, estava tudo certo para ele e não menos certo para ela. Para o diabo com a moralidade.

Acabou por dizer:

- Vamos, Darlene, o champagne é por conta da casa.

Era tudo o que se conseguia lembrar do primeiro dia a bordo. A seguir, o segundo dia, um dia já no mar.

Bem estendido na fofa cama do camarote de luxo, agarrou no segundo programa.

Programa para hoje

Sábado, 08 de junho

**De manhã das 07h30 às 09h30- Café salão de refeições Chambord
10h00 Ginástica à beira da piscina, Convés "D", com o instrutor**

Pôs o programa de lado e começou a reviver tudo o que se recordava do seu segundo dia a bordo.

Wheeler e Naomi Dumi que possuíam quartos separados na suite de luxo chamada Normandia, situada no Convés principal do navio, desceram para se juntarem a Randall e Darlene, quando estes estavam prestes acabando de engolir o ligeiro café. Depois de ter prometido aos dois que começaria trabalhando com eles dentro de uma hora, Randall levava Darlene dando um passeio higiênico pelo Convés Varanda, fazendo com ela uma aposta, durante o passeio, sobre a distância que o France percorreria entre o meio-dia desse dia e a mesma hora do dia seguinte. A seguir, pelo elevador interno, dirigiram-se ao Convés «D», onde Randall usava um calção de banho e Darlene um dos biquíni mais reduzido que Randall jamais vira. Tomaram banho na luxuosa piscina durante meia hora. Finalmente Darlene iniciara a sua vagabundagem pela embarcação, para gastar seu tempo vendo filme, televisão, ou aprender um daqueles complicados jogos de bordo. Ela não revelava o mínimo interesse no trabalho de Randall, bocejava quando a conversa versava qualquer tema sério e a leitura nem lhe passava pela cabeça. Sentia-se feliz com qualquer atividade que fosse física e contentava-se absolutamente em conhecer pessoas famosas, se é que a bordo se encontravam algumas.

Randall encaminhou-se para o Salon Monaco, uma sala segregada situada por trás da biblioteca e da sala de correspondência para os passageiros da classe de luxo. Quando entrou já lá se encontravam Wheeler, em mangas de camisa e de gravata aliviada, e Naomi Dulin, sentada a uma mesa, que tirava apontamentos de uma pasta em pele de jacaré.

Sentaram-se os três. Enfronhado por completo no trabalho, Randall em breve esqueceu totalmente o palácio flutuante que o cercava. Gradualmente, sentiu-se impelido para um passado remoto, deslizando pelos corredores de muitos séculos, até uma época rude, antiga, primitiva e violenta situada na Palestina do século I, quando os judeus estavam sujeitos à ocupação romana.

Wheeler iniciara a exposição, ao mesmo tempo que tirava o celofane e cortava a ponta de um «puro» havano, carruto cubano, comprado na tabacaria a bordo.

- Steve, para que compreenda, integralmente, o valor da descoberta do professor Monti em Ostia Antica, tem que ter bem presente o pouco que sabíamos a respeito de Jesus Cristo até o achado dos documentos. Se você aceitar os quatro evangelhos como uma coisa dada por Deus, uma revelação divina; aceitar cada frase inserida, simplesmente, baseado na fé sentir-se-á nesse caso, naturalmente, satisfeito e considerará muito o que sabe acerca de Jesus. Mas, a maioria das pessoas há muito tempo recusa aceitar o tão pouco que se sabe do Salvador.

«Não obstante, o que o Dr. Evans lhe disse na festa de despedida sobre a maior parte dos estudiosos da Bíblia acreditarem sempre na existência de Cristo, o fato é que entre os racionalistas religiosos e os historiadores seculares houve sempre menos confiança na possibilidade d'Ele ter existido. A partir do momento em que você exige algo comprovado, no qual verifique a história da vida de Jesus e não se contentar sobre o que normalmente se propaga, então surgem as dificuldades. Ernest Renan, recordou-nos que os fatos conhecidos a respeito de Jesus se resume em menos de uma página. Muitos eruditos vão até mais longe, argumentando que tais fatos pouco vão além de um parágrafo. Outros eruditos -Reimarus e Bauer na Alemanha, Pierson e Naber na Holanda - pronunciam-se em que nem uma só palavra pode dar testemunho a favor da existência de Jesus, porque Ele não passa de um mito. Todavia, nos últimos cem anos, pelo menos setenta mil das chamadas biografias foram escritas e publicadas a respeito de Jesus.

-Mas como é possível? - perguntou Randall.-Em que foram baseadas essas biografias? Nos quatro evangelhos?

- Exatamente - respondeu Wheeler. - Nos escritos dos quatro discípulos - Mateus, Marcos, Lucas e João - e em pouco mais. Ora esses quatro autores dos evangelhos não viveram com Jesus, não O observaram, não O viram em carne e osso. Limitaram-se a recolher tradições orais, alguns escritos da primitiva comunidade cristã e foi isso o que transcreveram para os papiros décadas depois da suposta morte de Jesus. Tudo isso se solidificou no cânone imutável, convertido em nosso Novo Testamento por volta do terceiro ou quarto século.

George L. Wheeler expeliu uma nuvem de azulado fumo, procurou entre os papéis que Naomi colocara diante dele e recomeçou.

-Se basearmos nossos conhecimentos da existência de Cristo e da Sua vida em testemunhos puramente cristãos, no testemunho dos evangelhos, o que teríamos? A história do Novo Testamento abrange um período que não vai além de uma centena de anos. Dos vinte e sete livros que compõem o Novo Testamento, somente quatro consideram na verdade, a vida que Jesus viveu, e esses quatro representam menos de quarenta e cinco por cento do total do Novo Testamento. Mas, o que nos dizem esses quatro livros sobre a Sua vida real?

"Registram traços breves reduzidos, pormenores do primeiro e do décimo segundo ano da vida de Jesus e passam depois num salto para os últimos dois anos da sua existência terrestre, e é tudo o que noticiam. Na verdade não há notícia de nove décimos da sua vida.

Muito pouco nos é dito sobre infância, juventude e maioridade. Não nos dizem, exatamente, onde é que Ele nasceu, onde estudou, qual era o seu mister. Não é dada qualquer descrição física d'Ele. Somente baseados em fontes cristãs, aquilo que sabemos de Jesus pode integrar-se por compressão num parágrafo... Naomi, leia a Steve aquilo que temos."

Randall voltou a atenção para Naomi Durin. As feições dela não deixavam transparecer qualquer emoção. Concentrava-se na folha de papel que estava à sua frente.

-Com base nos escritores dos evangelhos, eis tudo o que se deduz - e começou lendo em voz alta: -Jesus nasceu perto do final do reinado de Herodes, o Grande em Nazaré, ou Belém. Foi levado, como medida de proteção, para o Egito. Provavelmente, passou a infância numa cidade da Galiléia chamada Nazaré. Há somente doze palavras consagradas à sua infância, declarando que Ele cresceu, adquirindo um espírito forte, cheio de sabedoria. Por volta dos doze anos, foi levado para Jerusalém onde se reuniu com os doutores do templo. Depois disso, um enorme vazio. Nem mais uma palavra de informação até Jesus ter cerca de trinta e dois anos. Aprendemos depois que foi batizado por João, o Batista, que foi enviado por Deus a fim de preparar o povo para o aparecimento do Messias. Uma vez batizado, Jesus retirou-se para o deserto onde passou quarenta dias em meditação.

Randall interrompeu.

- Quantos evangelhos registram essa estadia no deserto?

- Foi registrada por Marcos, Mateus e Lucas, mas não por João - respondeu Naomi. Depois, concentrou-se de novo nos seus apontamentos, lendo: - Saindo do retiro no deserto, Jesus regressou à Galiléia para empreender Sua pregação. Realizou duas viagens em volta de Cafarnaum e numa terceira viagem atravessou o mar da Galiléia para pregar em Gadara e Nazeré. Mais tarde, seguiu para o norte, a fim de exercer o seu ministério em Tiro e Sídon. Voltou finalmente a Jerusalém. Retirou-se para um lugar fora da cidade e manteve-se em contato com os seus discípulos. Na véspera da Páscoa, entrou em Jerusalém pela última vez. Derrubou as bancas dos vendilhões do templo. Ensinou no templo. Procurou refúgio no Monte das Oliveiras. Com os doze discípulos, realizou a ceia na casa de um amigo. Foi preso no jardim de Getsêmane e considerado culpado de blasfêmia pelo conselho do Sinédrio. Compareceu depois perante Pôncio Pilatos, o governador Romano, para ser julgado, foi condenado à morte e crucificado no monte Gólgota.

Naomi pousou na mesa a folha de papel. Lançou uma olhada para Wheeler.

-Eis toda a história de Jesus homem, de acordo com os evangelhos, sem as parábolas, preceitos, milagres, possibilidades e dúvidas. Eis tudo o que milhões de cristãos conseguiram saber a respeito de Jesus, como pessoa humana, durante quase dois mil anos.

Randall agitou-se na sua cadeira.

-Devo admitir que foi muito pouco para se edificar uma igreja e insuficiente para provar que Jesus era o Filho de Deus.

-Ou para manter por tanto tempo milhões de crentes- completou Wheeler. -E, recentemente, desde a investida dos racionalistas e do advento da idade da ciência, pouquíssimo para manter os fiéis satisfeitos.

-Contudo, existem escritos a respeito de Cristo por não-cristãos - lembrou Randall.-Por exemplo, da autoria de Flavius Josephus e de alguns escribas romanos.

- Sim, Steve, mas não são suficientes, pelo contrário. O testemunho cristão é relativamente pormenorizado em comparação com o testemunho dos não-cristãos. As nossas provas romanas falam da existência de cristãos, mas não fornecem qualquer

descrição de Cristo. Contudo, presumimos que se o cristianismo era conhecido dos seus inimigos, deverá ter existido um Cristo. De fato temos duas fontes judaicas que falam de Cristo. - Wheeler colocou a ponta do seu charuto no cinzeiro. -Você mencionou Flavius Josephus, o pretense padre e historiador judaico que tomou a cidadania romana. A sua vida abrangeu os anos 37 D.C. até cerca de 100 D.C. Caso acreditemos nos manuscritos existentes de sua autoria, teremos então uma positiva confirmação dos evangelhos. Flavius Josephus acabou de escrever as Antigüidades dos judeus em 93 D.C. Aparentemente mencionou Cristo em duas passagens... Naomi, tem essas passagens à mão?

Naomi Durin localizou o que lhe era pedido, após uma breve busca entre a papelada.

-A mais longa das duas passagens de Flavius Josephus diz: «Ali surgiu, por essa época, Jesus, um homem sábio, se é justo chamar-lhe um homem, porque na verdade praticou atos extraordinários, sendo um mestre de homens contentes por receberem a verdade, tendo atraído à sua doutrina muitos judeus e muitos homens da raça grega. Ele foi o Cristo. E quando Pilatos a instâncias dos homens mais sábios entre nós, o condenou sendo crucificado, aqueles que primeiro o amaram não cessaram de o fazer, porque no terceiro dia ele apareceu de novo, uma vez que os divinos profetas tinham profetizado isso mesmo e muitas outras maravilhas a respeito dele. E mesmo agora a tribo dos cristãos, assim chamados, ainda não se extinguiu.» Agora a segunda passagem, a mais curta, que... Wheeler levantou a mão.

- Basta, Naomi, posso prosseguir agora. - Voltou-se para Randall. - Se foi na verdade Josephus quem escreveu tais palavras, constituiria sem dúvida a mais antiga referência a Jesus em documentos seculares. Infelizmente, não conheço um só erudito que acredite que Josephus escreveu tal passagem em sua totalidade. Tal como foi redigida, ninguém o considera autêntico, devido ser demasiado pró-cristã para ser escrita por um primitivo escritor judeu. É, simplesmente, difícil engolir seu conteúdo como fidedigno, sobretudo pouco crível que um historiador não-cristão se referisse a Jesus como «um homem sábio, se é justo chamar-lhe um homem» e declarando «Ele foi o Cristo.» Tais palavras foram mais tarde consideradas como uma interpolação feita por um escriba cristão durante a Idade Média, um escriba que tentava criar um Jesus histórico. Por outro lado, alguns dos nossos consultores da Ressurreição Dois - entre eles o Dr. Bernard Jeffries, com quem você se encontrará - estão convencidos que Josephus se referiu a Jesus duas vezes, mas, concordam também, que o que ele escreveu foi, evidentemente, pouco lisonjeiro e nada apoloético, sendo emendado séculos depois por qualquer copista cristão piedoso que não gostou da passagem.

- Por outras palavras, os eruditos pensam que Flavius Josephus só reconheceu a existência de Jesus, não é assim?

- É. Mas, o caso é que tais pensamentos não passam de especulações, de modo que não é nenhuma prova. Preocupamo-nos a respeito de fatos históricos em documentos seculares. Outra fonte judaica sobre Jesus é o Talmude, que os escribas judeus começaram a redigir no século II. Ora, tais documentos rabínicos basearam-se em boatos, histórias passadas de boca em boca, e, é claro, desfavoráveis a Jesus. Registraram que Ele praticava magia e que acabou por ser enforcado sob acusações de heresia e de arrastar o povo por maus caminhos. Mais dignas de crédito, ainda, são as menções puramente pagãs ou romanas relacionadas a Cristo. A primeira foi...

Coçou uma das hirsutas sobrancelhas tentando lembrar-se, e Naomi interveio rapidamente: -Foi de Thallus, na sua história em três volumes. Provavelmente, escrita em meados do

primeiro século.

-É verdade -prosseguiu Wheeler-a primeira foi de Thallus. Ele descreveu as trevas que pairou sobre a Palestina na altura em que Jesus morreu, atribuindo essa escuridão a um eclipse do sol, embora mais tarde, os autores cristãos tivessem insistido no fator milagre. A seguir foi Plínio, o Moço, quando governador da Bitínia, numa carta para o Imperador Trajano, por volta de 10 D.C.- ao falar de litígios na sua comunidade com a seita dos cristãos. Considerou o cristianismo uma rude superstição, mas, escreveu também que os seus partidários pareciam inofensivos, reunindo-se antes de raiar a manhã para cantarem «um hino a Cristo como a um deus». Depois foi Tácito, nos seus Anais escritos entre 110 e 120 D.C. O Imperador Nero, para se absolver de ter incendiado Roma, atirou a culpa em cima dos cristãos... Naomi, vejamos essa transcrição.

Wheeler pegou nas duas folhas datilografadas que ela lhe estendeu, dizendo depois a Randall:

-Quero que ouça, pelo menos uma parte, do que Tácito escreveu sobre os acontecimentos: «Nero pôs a culpa e infligiu as mais requintadas torturas numa classe odiada pelas suas abominações, a quem a população perseguia e a quem chamava cristãos.

Cristus, de cujo nome deriva a seita, sofreu a pena capital durante o reinado de Tibério às mãos de um dos nossos procuradores, Pôncio Pilatos, e das mais malévolas superstições, verificadas até à data, irrompeu não só na Judéia, a primeira fonte do mal, como se alargou até Roma ... »

Wheeler levantou os olhos.

-Finalmente, temos esse historiador mexeriqueiro, Suetônio que nas suas "Vidas dos Césares", escrita entre 98 D.C. e 138 D.C., falando do Imperador Cláudio disse: «banii de Roma todos os judeus, que estavam, constantemente, fazendo distúrbios a instigações de Crestus.» E eis tudo o que temos, Steve, as únicas menções não-cristãs de Cristus, Crestus ou Cristo, a maior parte, feitas entre meio século e mais de um século depois da suposta morte de Jesus. De modo que aquilo que herdamos da história judaica e romana é que, provavelmente, o agente catalisador dessa nova religião chamava-se "Cristo". Se quiséssemos mais elementos, teríamos que depender de fontes extremamente suspeitas , ou seja, nomeadamente dos quatro autores dos evangelhos. Simplesmente, não possuímos uma biografia de Jesus Cristo objetiva e concreta escrita por um dos seus contemporâneos. Temos, somente um culto, cada vez mais difundido, convertido pelas suas crenças num possível Mito.

-Mesmo assim - disse Randall - a falta de uma verdadeira informação biográfica não é forçosamente suspeita. Tal como o Dr. Evans frisou, o período da pregação de Jesus foi tão sem importância a Sua morte para os romanos, que nem sequer existiu qualquer razão para que o caso ficasse registrado,

-De fato - concordou Wheeler-Penso que Millar Burrows, o perito, a maior autoridade nos Pergaminhos do Mar Vermelho, ou dos Documentos do Mar Morto, considerou o caso da melhor forma. Sublinhou que se Jesus fosse um revolucionário com um milhares de adeptos, se tivesse lutado contra as legiões romanas e tentado estabelecer o Seu próprio reino, com certeza existiriam moedas gravadas e inscrições marcadas em pedras que registrassem Sua revolução e Seu subsequente fracasso. Mas, disse Burrows, Jesus não passou de um pregador errante. Não escreveu livros, não construiu edifícios, nem organizou instituições. Deixou com toda a simplicidade a César o que era de César. Não procurou mais do que fundar na terra um reino dos Céus, esperando que alguns pobres pescadores levassem Sua mensagem à humanidade pela palavra oral. Como Burrows disse,

o reinado de Herodes deixou o seu testemunho em colunas desmoronadas. O começo do Cristianismo não possui tais provas arqueológicas, dado que Jesus não deixou atrás de Si mais nenhum monumento, a não ser a Igreja Cristã.

-E agora, quase de um dia para o outro, o mundo conhecerá o contrário - disse Randall com ar pensativo - O mundo saberá que a biografia de Jesus foi escrita por duas pessoas: Jacob e Petrônio. Duas pessoas que o conheceram em carne e osso. George, isso é um milagre.

- É um milagre de sorte, por um feliz acaso - disse Wheeler - Jesus teve um irmão que foi bastante íntimo d'Ele, que O reverenciava, que se sentiu, suficientemente, impressionado por ele e pela Sua causa para se empenhar em escrever a vida de Jesus. O resultado disso, é que daqui a dois meses, o Evangelho Segundo Jacob cairá como uma bomba, como o ribombo de um trovão, sobre uma humanidade que de nada suspeita. Mas, como se Jacob não fosse suficiente, a luta pelo poder em Roma de 30 D.C., precisamente, na altura em que Jesus foi crucificado, fornece-nos a prova de Jesus como ser e fala-nos dos seus derradeiros dias em Jerusalém. E tudo isso nos é fornecido por uma fonte pagã imparcial.

Randall acabou de acender o seu cachimbo.

- George, ainda não me disse muito a respeito disso.

- Terá a história completa nas próximas semanas. Por hora, resumindo, eis como o Pergaminho Petrônio, provavelmente, aconteceu. Como sabe, quando Jesus pregava na colônia romana da Palestina, o imperador era o velho e caduco Tibério. Por várias razões Tibério preferia viver afastado na paradisíaca ilha de Capri. Como seu representante em Roma, deixara na capital do Império, o prefeito da sua Guarda Pretoriana, o ambicioso Lúcio Élio Sejano. O Imperador Tibério governava através Sejano, mas, na verdade este era o homem que governava o Império Romano e que planejava derrubar Tibério e fazer-se aclamar imperador. Em todas as colônias e províncias de Roma, Sejano colocou, governadores que lhe eram leais e possuía uma rede de centuriões que lhe enviavam, regularmente, notícias sobre quaisquer deslealdades, deficiências ou revoltas nos territórios do Império. Foi Sejano quem colocou Pilatos na Palestina, e, ao que parece, os oficiais das legiões sob o governo de Pôncio Pilatos receberam ordens para lhe relatarem regularmente- por vezes secretamente -qualquer perturbação, julgamento ou execução, sem importar a sua dimensão, que tivessem lugar na província. Os relatórios eram enviados por correios para Roma e chegavam intactos às mãos de Sejano.

Randall estava fascinado.

-De modo que, quando Jesus foi submetido a julgamento e crucificado, ainda que fosse um caso mesquinho, houve um oficial romano que, rotineiramente, relatou o caso a Sejano em Roma, não é verdade?

-Mais ou menos assim- respondeu Wheeler.-Ou o próprio Pilatos aprovou e enviou o relatório de rotina sobre o julgamento e morte de Jesus ao governador de Damasco, que por sua vez o fez seguir para Sejano em Roma, ou Pilatos não se importou em enviar nenhum relatório, mas, o centurião da sua guarda pessoal, que acompanhou Jesus ao Gólgota e fiscalizou a Sua crucificação, escreveu o relatório em nome de Pilatos e enviou-o por correio militar para Sejano. E esse comandante da guarda de Pôncio Pilatos chamava-se Petrônio. No entanto, e aqui é que está o interesse da coisa, Sejano, provavelmente, nunca viu tal relatório.

-Nunca o viu? Que quer dizer? - admirou-se Randall.

- De acordo com o documento, Jesus foi, presumivelmente, executado no sétimo dia dos

Idos de Abril, no décimo sétimo ano do reinado de Tibério – por volta de 30 D.C. Muito bem. Assim que o relatório ficou pronto para seguir, chegaram boatos às colônias de que Sejano estava metido numa conspiração contra o imperador. Esse relatório sobre a crucificação de Jesus, juntamente com outros documentos, é quase certo que foi retido, até que a posição de Sejano fosse definida. Depois, em Cesaréia ou Damasco, devem ter decidido que as coisas estavam resolvidas em Roma e que Sejano mantivera o prestígio, continuando no poder. De modo que o relatório, com outros, seguiu o seu destino. Quando o emissário desembarcou do navio mercante no Porto de Ostia na Itália, o que deve ter acontecido no ano seguinte, isto é em 31 D.C. - logo que desembarcou soube por outros soldados e oficiais que Sejano, bem como todos os que com ele comunicassem, eram considerados suspeitos, pois na verdade estava em maus lençóis.

-E era verdade?

-Sem dúvida - garantiu Wheeler-O Imperador Tibério César tivera conhecimento que Sejano tentava diminuir a sua autoridade e pensando apossar o trono e vai daí o Imperador mandou que Sejano fosse executado em Outubro de 31 D.C. Vendo no pé em que as coisas estavam, receoso de entregar os seus relatórios confidenciais a Sejano, correndo o risco de atrair sobre a sua cabeça a cólera de Tibério, o mensageiro deixou provavelmente os seus documentos, incluindo o processo e crucificação de Cristo, para salvaguarda, nas mãos de qualquer subalterno da Guarda Pretoriana ou até nas mãos de qualquer civil amigo, regressando à Palestina para continuar cumprindo os seus deveres.

-Começo a imaginar aquilo que deve ter acontecido -disse Randall.

- Nada sabemos com segurança - lembrou-lhe Wheeler -, mas podemos entrar em algumas conjecturas lógicas. O mais provável é que a pessoa a quem foi dado o relatório resolveu retê-lo depois da morte de Sejano. Em breve o documento foi posto de lado como ultrapassado, caindo no esquecimento. Depois da pessoa a quem o relatório fora confiado ter morrido, um parente pode tê-lo encontrado, alguém que fosse em segredo um cristão, e esse converso preservou-o juntamente com o documento escrito por Jacob. Uma outra teoria, mais simples, é que a pessoa a quem, originalmente, foi dado o relatório pelo mensageiro se convertesse ao cristianismo, tomando-se, naturalmente, os seus haveres mais caros o pergaminho Petrônio e o Evangelho Segundo Jacob. Seja como for, uma vez que os cristãos eram perseguidos, os documentos foram metidos na base oca da estátua e escondidos das autoridades. Com o passar das décadas e dos séculos essa base foi soterrada por detritos e acabou por se perder -até que o professor Monti as escavasse há seis anos atrás. Presentemente, os documentos foram-nos concedidos sob arrendamento e ainda são mantidos em segredo, mas, muito em breve serão tornados públicos e passarão sendo propriedade do mundo através das páginas do Novo Testamento Internacional.

-Fantástico! -exclamou Randall, ao mesmo tempo que arrastava mais a sua cadeira para junto do editor. -Todavia, George, ainda não me revelou totalmente o segredo. O pouco que me disse em nosso primeiro encontro foi, no entanto, suficiente para que eu largasse tudo o mais para vir consigo. Agora gostaria de saber o que falta.

Wheeler acenou como quem compreende.

- Claro que será informado de tudo, mas não já, Steve. Espera-o em Amsterdã uma prova definitiva. Logo que chegarmos poderá ler o Evangelho Segundo Jacob e o material que constitui o pergaminho Petrônio. Prefiro não estragar a surpresa dessa primeira leitura citando trechos esparsos. Espero que não se importe.

- Claro que me importo, mas posso esperar mais alguns dias. Pelo menos, diga-me... Qual era o aspecto físico de Jesus?

- Não como da Vinci, Titoretto, Rafael, Vermeer, Veroneso ou Rembrandt. O pintaram, posso assegurar-lhe. Não como a figura representada nesses quadros e cruzes que se compram em lojas religiosas de todo o mundo e que se encontram em centenas de milhões de lares do nosso planeta. Jacob, o irmão d'Ele, conheceu-o como um irmão, não como um ídolo martirizado servindo propósitos de sermões elegantes. - Wheeler sorriu. - Paciência, Steve...

Randall interrompeu-o.

-O que continua a obcecar-me é o que você me disse a respeito de Jesus ter sobrevivido à Crucificação. Será mera conjectura.

-Não, absolutamente não - respondeu Wheeler com ênfase. - Jacob foi testemunha do fato de Jesus não ter morrido na cruz, de não ter ascendido ao céu - pelo menos não no ano 30 D.C. - todavia, sobreviveu para continuar o seu trabalho missionário. Jacob fornece provas concretas de testemunhas oculares sobre o fato de Jesus conseguir fugir são e salvo da Palestina...

-E para onde Ele foi?

- Para Cesaréia, Damasco, Antioquia, Chipre, eventualmente até para Roma, coração do Império.

-Continuo achando difícil acreditar. Jesus em Roma, É incrível...

- Steve, acreditará, deixará de ter dúvidas - disse Wheeler convicto. - Uma vez que tenha à frente dos seus olhos a prova autenticada, vai ver que deixará de formular perguntas.

- E depois de Roma? - Perguntou Randall. - Quando em Roma Ele andaria pelos quarenta e quatro anos. Para onde é que se dirigiu depois? Quando e como é que Ele morreu?

Abruptamente, Wheeler levantou o seu grande bojo da cadeira em que estava sentado.

- Saberá as respostas em Amsterdã, na sede da Ressurreição Dois - prometeu-lhe Wheeler. O editor acenou para alguém que se encontrava no limiar. - Eis Miss Nicholson.

Penso que é tempo de interrompermos para almoçar. A refeição foi anunciada a pouco.

E decorrera assim o segundo dia a bordo, pelo menos aquilo que Randall recordava enquanto estava deitado na cama, naquele quinto dia do France a sulcar as águas do Atlântico.

Do quarto ao lado veio a voz de Darlene.

- Steve, está levantado? Chegou o café! Levante-se.

Ainda tinha três programas sobre os joelhos.

PROGRAMA PARA HOJE

DOMINGO, 9 DE junho

O terceiro dia a bordo George L. Wheeler insistira em que fosse de repouso. Às 11 horas Wheeler, Darlene e Naomi assistiram um serviço religioso protestante realizado no teatro de bordo. Randall evitara acompanhá-los, assistindo à «Sua Lição de Francês» no salão Riviera. Almoçaram, com algum atraso, na sala de jantar Chambord, o gigantesco restaurante do navio. À tarde realizara-se uma partida de bridge, provaram vinhos e tomaram coquetéis no «Cabaret de l'Atlantique». Depois do jantar, na Sala Fontainebleau, seguiu-se um baile e alguns jogos de salão.

PROGRAMA PARA HOJE

SEGUNDA-FEIRA, 10 DE junho

O quarto dia a bordo. O dia anterior. Horas de perguntas e respostas reunido com Wheeler e Naomi sobre como foram preparadas as Bíblias anteriores, desde a Versão do Rei Jacob

até à moderna Versão Modelo Revista, como documentação para uma compreensão sobre o modo como seria adaptado ao público o Novo Testamento Internacional. A verdadeira torrente de palavras tinha-o fatigado e à noite bebera demasiado vinho tinto e scotch no «jantar de Gala do Comandante».

PROGRAMA PARA HOJE

TERÇA-FEIRA, 11 DE junho

Aquele dia que começara. Iria saber pela primeira vez qual a formação do Comando da Ressurreição Dois em Amsterdã e receber instruções sobre os consultores que, no dia seguinte, encontraria no Museu Britânico, em Londres, sobre o seu pessoal em Amsterdã e sobre outros consultores com quem poderia contatar para efeitos de publicidade em Paris, Frankfurt, e Mainz, e também em Roma. De novo a voz de Darlene.

- Steve, os teus ovos estão esfriando! Afastou de si o programa do dia e saiu da cama.

-Já vou, bonequinha! -gritou.

Ia iniciar o seu último dia a bordo.

CAPÍTULO 2.1

Por volta do meio-dia, os três saíram para o ar livre e continuaram conversando. Quando pela última vez Randall vira Darlene, pouco tempo antes, ela estava jogando tênis de mesa no Convés Varanda com certo e untuoso húngaro. Nesse momento Randall estava sentado numa cadeira de lona no Convés superior, com Wheeler a seu lado e Naomi tremendo, embrulhada numa manta, na cadeira seguinte.

Estavam no Atlântico Norte, perto da Inglaterra, e com exceção de uma certa ondulação provocada por um vento ponteiro, o mar podia considerar-se calmo. Por cima deles no céu densas nuvens negras que tinham ocultado o Sol. Esfriara um pouco. Randall olhou para o horizonte, hipnotizado pela longa esteira de espuma branca que o navio deixava atrás de si. Ociosamente, contemplou o mastro da bandeira entre os dois mastros e pensou porque não estaria hasteada a bandeira tricolor. Mas, lembrou-se imediatamente que a bandeira só era subida quando o navio aportava. Depois, devido a Wheeler ter reatado a sua conversa orientadora, Randall concentrou toda a sua atenção naquilo que o editor dizia.

-De modo que tem pelo menos uma certa idéia da situação na nossa sede de Amsterdã. Nesta fase o problema que mais nos preocupa, e que eu desejo sublinhar, é o problema da segurança. Concentre-se mais uma vez nas nossas instalações. O Grande Hotel Krasnapolsky fica situado, precisamente, na praça mais movimentada de Amsterdã, na Dam, mesmo em frente do palácio real. A Ressurreição Dois ocupa e controla dois andares completos dos cinco que constituem o Krasnapolsky. Depois de termos renovado e ocupado esses dois andares, os cinco que dirigimos o projeto, cinco editores - o Dr. Emil Deichhardt, da Alemanha, o presidente do nosso conselho de Administração, Sir Trevor Young, da Inglaterra, Monsieur Charles Fontaine, da França, Signore Luigi Gayda, da Itália, e este seu garçon, George L. Wheeler, dos Estados Unidos -tivemos que transformar os nossos dois quintos do hotel numa fortaleza hermética contra as fugas de informação. Afinal, apesar dos nossos dois andares, o edifício continua sendo um hotel público, Steve. Pode crer, logo que entramos em total preparação e depois na produção do nosso Novo Testamento Internacional, passamos a dedicar grande parte do nosso tempo ao problema da segurança. Foi um trabalho formidável calcular a melhor forma de cobrir lacunas, eliminar todos os perigos possíveis e imaginários.

- E como é que conseguiram resolver o problema? - perguntou Randall. - O Hotel Krasnapolsky é absolutamente seguro?

- Penso que sim. Espero que sim - respondeu Wheeler encolhendo os ombros.

Naomi levantou-se um pouco da sua cadeira inclinou-se e disse para Randall:

- Steve, acabará por saber que o Sr. Wheeler é excessivamente cauteloso e pessimista a respeito de tais assuntos. Eu posso contar-lhe em que pé estão as coisas porque observei as operações que tiveram lugar no Krasnapolsky. Posso dizer-lhe que é à prova de fogo, uma autêntica fortaleza de segurança. O fato é que as obras de renovação e adaptação no hotel levaram vinte meses, e que ninguém de fora tem a mínima idéia das proporções daquilo que se passa no interior dessa fortaleza... Sr. Wheeler, deve falar a Steve no dispositivo de segurança - nem uma fuga de uma palavra para a imprensa ou o mais leve transpirar para a televisão, rádio ou outro meio de informação. Nem sequer um rumor, nesta fase, para o clero dissidente.

- Absolutamente verdade - concordou Wheeler coçando o pescoço. -No entanto, com a aproximação destes últimos e cruciais meses, continuo preocupado. O sigilo torna-se mais importante do que nunca. Embora disponhamos a mais experiente força de segurança privativa desde sempre reunida guardas fardados e à paisana recrutados entre agentes que fizeram noutro tempo parte do FBI, da Scotland Yard, da Súreté, todo um grupo sob a chefia de um holandês, o inspetor Helderling, antigo dirigente da Interpol -eu continuo sentindo-me preocupado. Isto é, está circulando boatos a nosso respeito, está concentrando no exterior uma tremenda pressão, tanto por parte da imprensa como do clero dissidente, para saberem aquilo que estamos fazendo e com que contamos.

Pela segunda vez o aparelho auditivo de Randall tinha captado a palavra clero dissidente.

-O clero dissidente? - repetiu. - Pensava que todo o clero, sem exceção, queria cooperar conosco para manter o caso velado até à última hora. Os sacerdotes, como um todo de formação clerical, beneficiarão tanto quanto nós no aparecimento em público do Novo Testamento.

Wheeler alongou os olhos para o mar, ficando pensativo durante alguns segundos.

- Já ouviu falar do Reverendo Maertin de Vroome, o pastor da Westerkerk, essa gigantesca igreja em Amsterdã?

- Sim, já ouvi alguma coisa a respeito dele - respondeu Randall, lembrando-se da sua conversa com Tom Carey em Oak City. -Um amigo meu de infância, na terra onde nasci, um sacerdote, é grande admirador desse de Vroome.

-Bem, pois eu não sou um admirador de de Vroome, pelo contrário, mas, esses jovens turcos do clero que querem derrubar a igreja ortodoxa, convertê-la numa comuna destinada a trabalho social e para o diabo com a fé e com Cristo... são precisamente aqueles que apóiam de Vroome, que é o homem mais poderoso na Netherlands Hervomd Kerk-a Igreja Reformista Holandesa. E o nosso Dominee de Vroome-Dominee é o título adequado à sua dignidade religiosa-estende os seus tentáculos por toda a parte, subvertendo e minando o protestantismo em todo o mundo ocidental. Ora é ele que constitui precisamente a maior ameaça contra nós.

Randall sentiu-se fortemente intrigado.

-Mas porque raio é que ele será uma ameaça para vocês... para um grupo de editores da Bíblia que procuram apresentar um Novo Testamento revisto?

-Porquê? Porque de Vroome é um herético, um estudioso de formação crítica, influenciado por esse outro herético Rudolf Bultmann, o teólogo alemão. De Vroome é céptico a respeito dos acontecimentos apresentados pelos escritores dos evangelhos. Crê

firmente que o Novo Testamento deve ser desmistificado, expurgado dos mitos, limpo dos milagres - da transformação da água em vinho, do alimentar das multidões pela multiplicação dos pães e dos peixes, do ressuscitar de Lázaro, da Ressurreição e da Ascensão - antes de poder ter significado para o moderno homem científico. Acredita que nada se pode saber de um Jesus histórico, minimiza a existência de Jesus, sugere até que Jesus pode ser inventado como promoção para a nova mensagem do cristianismo e que por isso a única coisa de valor é a mensagem intrínseca, de por si, quando for transformada em algo de pertinente e racional para o homem moderno.

- Pretende dizer-me que tudo aquilo em que de Vroome acredita é na mensagem de Cristo? - perguntou Randall. - Mas afinal que gostaria ele de fazer com essa mensagem?

- Bem, com base da nossa interpretação pessoal do caso, de Vroome pretende uma igreja social e politizada, política, uma igreja interessada principalmente na nossa vida imediata sobre a terra, com exclusão do céu, de Cristo como Messias e dos mistérios da fé. Mas há mais. Mais que em breve ouvirá. Mas, de momento pode já avaliar como um anarquista da estatura de de Vroome encararia o Evangelho Segundo Jacob, o Pergaminho Petrólio, todo o Novo Testamento Internacional com a sua revelação de um Cristo real, palpável, se assim me posso exprimir. De Vroome consideraria imediatamente que a nossa revelação reforçaria a hierarquia tradicional da igreja e a sua ortodoxia, afastando os vacilantes clérigos e as congregações do radicalismo religioso, de volta ao sólido redil da velha igreja tradicional. O caso significaria o fim das ambições acalentadas por de Vroome e o acabar da revolução eclesiástica.

-Mas então de Vroome sabe da Ressurreição Dois?

-Temos razões para crer que ele suspeita o que se está passando no Hotel Krasnapolsky. De Vroome possui dezenas de espiões, mais espiões de que guardas de segurança nós temos. Só temos a certeza de que na presente data nada sabe a respeito dos pormenores da nossa descoberta. Se soubesse, teria já agido minando e destruindo os nossos esforços antes que pudéssemos fornecer ao mundo toda a nossa história e as provas de autenticidade que possuímos. Mas agora, a cada dia que passa, o jogo torna-se mais perigoso, dado que à medida que o Novo Testamento Internacional vai saindo das máquinas de impressão, começou a aumentar as páginas utilizáveis, e algumas delas podem muito bem acabar por cair nas mãos de Vroome antes da data fixada por nós para publicação. Se tal coisa acontecesse, sem dúvida que de Vroome nos poderia prejudicar, digamos mesmo até destruir por meio de antecipada propaganda de deturpação e deformação dos fatos. A mínima fuga para a imprensa ou para de Vroome pode representar a nossa perda. Estou dizendo-lhe isto tudo, Randall, porque logo que de Vroome saiba da sua existência e da sua posição junto de nós, você transformar-se-á num dos seus primaciais objetivos.

Randall garantiu.

-Ele nada conseguirá de mim. Ninguém será capaz de me arrancar seja o que for.

- Apenas o queria avisar. Steve, terá de se manter em guarda cada minuto que passar. - Wheeler perdeu-se de novo em pensamentos. - Vamos lá ver se omite alguma coisa daquilo que você saberá a respeito da Ressurreição Dois.

Depois de ter ponderado cuidadosamente, seguiu-se mais uma hora de conversa sobre as informações que Wheeler omitira.

O editor começou falando do círculo superior de personalidades mais diretamente responsáveis pelo Novo Testamento Internacional. Havia um arqueólogo italiano, o professor Augusto Monti, que fizera a sensacional descoberta. O professor Monti, ligado à

Universidade de Roma, morava com a sua filha mais nova, Angela Monti, numa vila situada algures na Cidade Eterna. Depois havia o francês, o professor Henri Aubert, um cientista profundo e incomparável que tinha passado foros de autenticidade ao papiro e aos fragmentos de pergaminho na sua Repartição de Datas pelo Carbono 14 pertencente ao «Centre National des Recherches Scientifiques de Paris», casado com a encantadora Gabrielle, um casal cuja companhia era encantadora.

A seguir, segundo Wheeler, situava-se Herr Karl Hennig, o conhecido impressor alemão, com o seu complexo tipográfico em Mainz e os escritórios administrativos em Frankfurt. Hennig, um celibatário, era um erudito sobre Gutenberg e um dos benfeitores do Museu Gutenberg situado nas vizinhanças do seu complexo tipográfico. Finalmente, chegou a vez do Dr. Bernard Jeffries, o idoso teólogo, crítico de textos bíblicos e perito em aramaico, diretor da «Honour School of Theology» da Universidade de Oxford, bem como o seu jovem assistente e protegido, Dr. Florian Knight, que fizera investigações para o Dr. Jeffries no Museu Britânico. O Dr. Jeffries fora também o diretor da equipe internacional que havia traduzido o Evangelho Segundo Jacob.

Wheeler teve uma breve luta com a enorme massa do seu corpo para se levantar da cadeira de repouso.

- Sinto-me exausto. Vou ver se durmo uma soneca antes de nos encontrarmos para jantar. É a última noite a bordo, por isso nada de smoking. Olhe, Steve, o nosso Dr. Jeffries e Knight serão os primeiros da nossa equipe com quem você se encontrará amanhã em Londres. Penso que Naomi poderá informá-lo sobre eles adequadamente -realizou quase uma volta de bailado para encantar Naomi Dunn-Naomi, entrego nas suas mãos o nosso eminente publicitário. Prossigam.

Randall seguiu com os olhos o editor até o perder de vista e depois os seus olhos encontraram-se com os de Naomi. Repentinamente, ela tirou o cobertor de cima de si e endireitou-se, fazendo um ligeiro movimento para se espreguiçar.

-Mais um minuto aqui e ficaria transformada numa coluna de gelo. Se está tão necessitado como eu de uma bebida, ofereço-lhe a oportunidade de me pagar um copo.

Randall levantou-se prontamente.

-Da melhor vontade. Está convidada. Onde é que vamos? Prefere o bar do Salão Riviera? Ela abanou a cabeça negativamente.

-Demasiado grande, com demasiada gente, com muita música estridente.-As suas feições normalmente rígidas suavizaram-se. - O bar do Atlantique é mais íntimo. - Tirou os grossos óculos de aros de tartaruga. - Você não gostará de algo que seja mais íntimo?

CAPÍTULO 2.2

Estavam os dois sentados a uma mesa do "Cabaret de l'Atlantique", perto de uma minúscula pista de dança onde um solitário pianista francês estava tocando a obsedante canção parisiense «Mélancolie». Cada qual estava terminando o segundo Scotch-on-the-rocks e Randall começava sentindo-se descontraído.

A medida em que iam falando de coisas vagas, Randall ia lançando os olhos pelo «Cabaret de l'Atlantique». Tornara-se o seu refúgio favorito a bordo do France. Estavam sentados entre os dois bares. O bar das bebidas era aquele em que se encontravam, isolado num recesso mais escuro do grande salão. Estavam três ou quatro passageiros sentados nos bancos junto ao balcão, e o elegante empregado, com uma figura que parecia saída de uma das personagens da «Comédie Française», estava identificando para um cliente as bandeiras mini-naturais que serviam de decoração à parede do bar. Por trás de Randall

ficava o «snack» onde se serviam refeições e que formavam uma espécie de ferradura. O «snack» abria à meia-noite e tinha um típico chefe de cozinha francês que preparava a célebre sopa de cebola, cachorros quentes em pãezinhos compridos, especiais, e outras delícias de bom paladar e bom gosto.

Ouviu a voz de Naomi.

- Steve, chegaremos a Southampton às seis da manhã. Depois da verificação dos passaportes, desembarcaremos e iremos à alfândega por volta das oito. Não sei se o Sr. Wheeler terá um carro com motorista privativo para nos levar a Londres ou se iremos pelo trem de ligação com o bordo até à Estação de Vitória. Logo que chegemos a Londres, iremos arranjar-lhe quarto no Hotel Dorchester. O Sr. Wheeler e eu só ficaremos em Londres o tempo suficiente para o levar ao Museu Britânico e para o apresentarmos ao Dr. Jeffries e ao Dr. Knight. Logo que você veja que pode tratar sozinho do caso, vamos embora. Partiremos direto para Amsterdã. Você pode ficar junto do Dr. Jeffries e do Dr. Knight para lhes fazer as perguntas que muito bem entender. Não se esqueça de gravar as conversas. Ficará nessa noite na capital inglesa para recolher o que lhe parecer no dia seguinte, antes de se deslocar na nossa cola para Amsterdã. Estou certa que achará deveras interessantes as conversações com aqueles dois cavalheiros.

-Também espero que sim-disse Randall. As duas bebidas haviam contribuído para aliviar a tensão e dispô-lo excelentemente, e ele não queria perder aquela boa disposição. Fez sinal ao garçon e disse para Naomi:

- Que tal mais uma dose?

Ela correspondeu com um sinal aprobativo.

- Far-lhe-ei companhia enquanto desejar.

Randall pediu ao garçon para servir mais uma rodada e voltou concentrando sua atenção em Naomi.

- Quanto a esses britânicos com quem me vou reunir, haverá alguma coisa que eu tenha de saber a respeito do ambiente deles e das exatas funções que têm na Ressurreição Dois?

-Há. Tenho que o pôr a par dos fatos... antes que deslize para debaixo da mesa.

-Você não parece...

- Nunca aparento nada quando bebo - atalhou Naomi. Não, nunca apanhei um pileque. Mas hoje começo sentindo-me estonteada. Bom, seja como for, onde é que nós íamos? Ah, é verdade! Em primeiro lugar o Dr. Bernard Jeffries. É um dos mais destacados teólogos do mundo, um perito em línguas faladas na Palestina no primeiro século da nossa era... você sabe muito bem, o grego, utilizado pelos ocupantes romanos, o hebraico falado pelos palestinos judeus da sinagoga e o aramaico, uma forma do hebraico, falado pelo povo comum e que foi a língua falada por Jesus. Jeffries é um homem perto de setenta anos, completamente grisalho, de cabeça e rosto pequenos que usa um pince-nez, uma bengala de cana da índia e que, em suma, é uma pessoa encantadora. É um membro superior da Escola de Estudos Orientais da Universidade de Oxford. Para ser mais exata, ocupa a posição de Professor Regius de Hebreu, mas é também diretor da Magna Escola de Teologia. Em resumo, é o melhor em tal setor.

-E o seu setor resume-se às línguas mortas?

-Na verdade ultrapassa essa limitação, Steve. O Dr. Jeffries é mais do que um filólogo. É também um papirólogo e um erudito das Sagradas Escrituras e das religiões comparadas. Foi ele que chefiou a comissão internacional que traduziu Petrónio e Jacob. Ele próprio lhe falará a respeito do caso. No entanto, embora o Dr. Jeffries seja o elemento de maior

destaque, não será tão importante nas investigações e promoção que você vai fazer como o seu protegido, o Dr. Florian Knight.

Na mesa estava já a terceira rodada, e Randall elevou o seu copo e tocou ligeiramente o de Naomi, numa primeira prova.

- Quanto ao Dr. Knight, trata-se de um caso muito diferente - começou Naomi. -Ele é aquilo que em Oxford se chama um adjunto tutelar, um professor agregado. Isto é, faz - ou tem feito - a maior parte do serviço do Dr. Jeffries na Escola de Estudos Orientais, dar aulas e realizar outros serviços. Foi escolhido pelo próprio professor Jeffries para ser o seu sucessor. O Dr. Jeffries terá de se aposentar aos setenta anos e tornar-se-á professor emérito... e então, segundo pensamos, o Dr. Knight será nomeado catedrático por indicação régia. Seja como for, o caso é que o Dr. Knight é tão diferente do Dr. Jeffries como o dia é diferente da noite.

-Em quê?

-Aparência, temperamento, tudo. O Dr. Knight é um desses excêntricos e precoces gênios ingleses. Um homem muito novo para o cargo que ocupa. Tem talvez uns trinta e quatro anos ou menos. Cabelo cortado muito curto, uns olhos profundos enterrados nas órbitas, um nariz que parece o bico de uma águia, um lábio inferior proeminente, enormes orelhas, mãos finas e longas. Bom, é este o retrato do Dr. Florian Knight. Tem uma voz de cana rachada, uns modos secos e nervosos, mas uma autêntica maravilha a respeito das línguas e dialetos do Novo Testamento e um autêntico portento de cultura e sabedoria. Partindo desse ponto, aconteceu o seguinte: há dois anos o Dr. Jeffries precisou de uma pessoa que fizesse para ele umas investigações, destinadas tanto ao seu uso como ao uso da comissão de tradução da Ressurreição Dois. As investigações seriam feitas no Museu Britânico, onde existem códices primitivos, tesouros sem preço, do Novo Testamento. Conseguiu que Dr. Knight obtivesse uma licença sem vencimentos em Oxford, de modo a que se deslocasse para Londres e trabalhasse no museu como leitor...

-Leitor? O que é isso?

-É o que os ingleses chamam a um investigador de obras eruditas. O que interessa é que você vai conhecer amanhã o Dr. Knight e que ele seguirá consigo para Amsterdã onde será um dos seus principais consultores. Encontrará nele uma fonte valiosíssima para o material que irá utilizar destinado à preparação da sua campanha publicitária. Tenho certeza que trabalhará em perfeita harmonia com o homem. Ah, é verdade, existe apenas uma certa dificuldade. O Dr. Knight é quase surdo - o que é mau numa criatura tão jovem - e usa um aparelho auditivo coisa que o torna um pouco suscetível e por vezes irritável. Mas, penso que você se arranjará com ele da melhor forma. Conseguirá conquistá-lo. Julgo que você é bom nisso.

Naomi levantou o copo vazio e lançou um olhar interrogativo a Randall.

-Ok. Ainda posso agüentar mais um - respondeu Randall.

Fez sinal na direção do bar até que foi visto pelo garçon e espetou dois dedos no ar. Depois olhou atentamente para Naomi. O cabelo castanho e alisado, apanhado em carrapicho, a pele morena, nariz reto, lábios finos continuavam dando um ar de severidade. Todavia, após três uísques, os seus olhos cinzentos estavam mais tolerantes e o seu aspecto pedante de religiosidade havia-se modificado. Avolumou-se a curiosidade que sentia a respeito dela. Naomi nada tinha revelado ainda a seu respeito, como mulher, depois de estarem quase cinco dias navegando em pleno Atlântico. Imaginou como é que ela seria.

-Naomi, chega de assuntos profissionais. Não poderemos antes falar de qualquer outra

coisa?

-Como queira. De que prefere falar?

-Em primeiro lugar, de mim e da maneira como a encaro. Lembra-se da última frase que pronunciou. Disse que estava certa que eu conseguiria conquistar o Dr. Knight. Frisou que eu era bom nisso. Bom, vamos lá, o que é que quis dizer. Foi um sarcasmo ou um elogio? Antes que ela pudesse responder chegou o garçon com os dois copos cheios e retirou os vazios. Logo que ele se foi embora, Naomi agarrou com ar pensativo na sua bebida. Depois levantou a cabeça e encarou Randall.

- A primeira vez que o vi, não liguei muito. Aliás eu já estava com pé atrás antes de o conhecer. Puro preconceito, detesto gente da publicidade. Pertencem a um mundo falso de fabricação de quimeras. Enganam o público com passes de prestidigitação. Não tomam posição por nada de verdadeiro ou de honesto.

-Na maior parte, isso é verdade.

-Muito bem, você lá sabe. Sinceramente, parecia-me uma pessoa demasiado arrogante, inchado como um peru pelo vento do êxito, demasiado desinteressado nos seres humanos como tal. Senti-me irritada. Pareceu-me tão superior a nós como se não passássemos de um punhado de religiosos idiotas.

Randall não pôde impedir esboçar um sorriso, dizendo:

-É engraçado, a primeira vez que a vi senti logo que você não tinha gostado de mim... por ser um simples secular, um não devoto e não ter qualquer missão divina. -Fez uma pausa. Bem, ainda continua sentindo o mesmo a meu respeito?

- Se sentisse não estaria aqui falando assim consigo - respondeu ela candidamente. -Viajar na sua companhia deu-me uma outra perspectiva da sua pessoa. De certa maneira, penso que você se sente envergonhado da sua profissão.

- Sim, de certa maneira isso é também verdade.

-E acabei por descobrir que você é mais vulnerável e mais sensível do que a princípio tinha imaginado. Quanto ao que eu disse de você ser capaz de conquistar o Dr. Knight, de ser bom nisso, foi um elogio. Você sabe ser encantador quando quer.

-Obrigado. Vou beber consigo por essas palavras. Beberam devagar.

- Naomi, há quanto tempo é que está com Wheeler na Editora Missão?

-Há cinco anos.

-Antes disso em que é que se ocupava?

Ela manteve-se em silêncio durante algum tempo, depois olhou-o bem de frente.

-Era freira, uma freira franciscana. Fui freira durante... dois anos. Chamavam-me Irmã Regina. Está surpreso? Randall estava mais do que surpreso, mas tentou não deixar transparecer o que sentia. Sorveu longamente o seu uísque, sem parar de olhá-la, e teve consciência que em todas as suas recentes e surpreendentes fantasias de a figurar despida-devido a ela ser tão empertigada e com um andar tão ondulante e provocativo - sempre a imaginara vestindo um comprido hábito de freira antes de ela lhe aparecer nua. Não respondeu à pergunta dela. Pelo contrário, fez-lhe outra pergunta.

- Porque abandonou essa vida?

-Nada teve vendo com a minha fé. Sou tão religiosa como sempre fui... bem, quase tanto. Abandonei por não me sentir talhada para a rígida rotina e disciplina do convento. De fato, uma vez tomada a minha decisão - o que significou o envio de uma carta ao Papa rogando que me dispensasse dos votos e coisa que foi automaticamente concedida - pensei que a entrada no mundo secular seria fácil. Afinal de contas, não estava sozinha, não era a única. Existem cerca de um milhão e duzentas mil freiras espalhadas pelo mundo, e no

mesmo ano em que abandonei a vida religiosa fui uma das sete mil que fizeram o mesmo. Mas, a reentrada no mundo secular foi crítica, difícil. Tinham deixado de existir para mim as regras ordenadas, o ramerrão. Nada mais de orações prescritas, atividades determinadas, horas certas de refeição, vestes da ordem, períodos de meditação e solidão. Via-me obrigada a pensar com a minha cabeça, preencher os meus dias de atividades próprias, cessar de me sentir despida vestindo vestidos curtos que aprendera vendo como simples coisas para despertar a voracidade nos homens. Antes de entrar para o convento, havia iniciado, na escola um curso de secretária assistente e pareceu-me que seria adequado enveredar por uma profissão idêntica, daí que julguei o emprego na Editora Missão conveniente. De modo que como vê...

Foi interrompida por uma voz mimada que vinha do limiar da entrada para o «cabaret».

-Ora até que enfim os encontro!

A voz de Darlene Nicholson, uma Darlene com um dos célebres pulôveres apertados que lhe faziam avolumar os empinados seios, com umas calças apertadinhas nas ancas que lhe revelavam todas as redondezas e que se dirigiu para eles com rapidez.

- Tenho andado à tua procura por toda a parte - disse para Randall.

- Ainda estás trabalhando ?

- Quase acabando - respondeu Randall. - Senta-te junto. Queres uma bebida?

- Não, obrigada, ainda estou de ressaca pela noite passada. Não te interrompi, pois não, querido? Estou surpresa por te ver bebendo depois de ontem.

- Sinto-me perfeitamente bem...

- Queria apenas dizer-te para onde vou - disse Darlene, procurando na bolsa o programa do dia. - Devem estar projetando aquele bonito filme de que nós gostamos tanto, aquele que vimos na Terceira Avenida, lembra-te? Aquele de uma moça que se apaixona por um homem casado, um homem que lhe diz ser viúvo.

- Lembro-me muito bem -respondeu Randall com ar aborrecido.

- Gostaria de vê-lo outra vez. - Examinou bem o programa. - Caramba! já está passando há quarenta e cinco minutos. Bem, ainda consigo ver o fim, que é afinal a melhor parte. Meteu o programa de qualquer maneira na mala, inclinou-se e plantou um beijo barulhento na boca de Randall. - Vê-mo-nos antes do jantar, quando mudarmos de roupa.

Esperaram até Darlene desaparecer. Randall agarrou no seu copo e deu um olhar desconfortável a Naomi.

- Naomi, o que é que estava dizendo?...

-Não interessa. Já lhe disse o suficiente. -Engoliu o que restava do seu uísque e estudou Randall durante alguns segundos.

- Talvez seja despropositado, mas sinto-me terrivelmente curiosa a respeito de uma coisa. - Pergunte.

- Sinto-me curiosa em saber o que é que um homem... como você... vê numa moça como Darlene. - Antes que ele pudesse responder, Naomi prosseguiu: - Sei perfeitamente que ela não é sua secretária. Sei também que ela não dormiu no beliche que lhe foi destinado nem uma só noite. Presumo pois que é sua... Como é aquele velho termo?... Ah, sua amante... que é sua amante há já algum tempo.

-Sim, precisamente isso. Estou separado de minha mulher há dois anos. Encontrei Darlene seis meses depois da separação. Ela vive comigo.

-Compreendo. Naomi comprimiu os lábios. Sem o olhar, disse: -Não existe mais nada para além da atração sexual por uma mulher jovem, não é verdade?

-É verdade. Só conseguimos diminuir a diferença entre as gerações na cama. Mas, bem...

Darlene é uma moça decente e é bom ter alguém junto de nós.

Naomi empurrou o copo para a ponta da mesa.

-Ainda posso agüentar mais um.

-Eu também. Esta noite vamos estar bem dispostos.

-Já me sinto bem disposta.

Fez novo sinal ao garçon, e logo a seguir os copos apareceram na mesa.

Randall provou o scotch e, por cima do copo, fitou Naomi.

- Queria... queria perguntar-lhe uma coisa de natureza pessoal. A respeito de ter saído do convento... a respeito de como se têm passado as coisas com os homens.

- Porcamente - murmurou baixinho, mais pra você própria do que para ele.

-O que eu queria dizer era...

- Não quero falar dessas coisas - disse com decisão. - Estou cansada de falar. Vamos beber.

Beberam em silêncio, e foi ela a primeira a esvaziar o copo.

- Steve, mais um para enfrentar o caminho.

Ele fez sinal ao garçon, e ainda mal tivera tempo de lançar a bebida pelas goelas abaixo já em cima da mesa estavam mais dois copos cheios de um líquido âmbar.

Naomi olhava para Randall, à medida em que ia bebendo, com os olhos ligeiramente menores. A certa altura disse:

-Já ia esquecendo. Tenho algum material sobre a maneira como eles fizeram a tradução.

Deve lê-lo antes de desembarcarmos. Está na minha cabine. É melhor irmos buscá-lo.

-Pode ficar para amanhã - disse Randall.

-Tem que ser agora. É importante.

Bebeu a última parcela de uísque, afastou a cadeira e levantou-se, algo vacilante.

Randall estava ao lado dela. Tentou dar-lhe o braço, mas, Naomi cerrou o cotovelo contra o corpo, rejeitando a ajuda e encaminhou-se com passo firme para a saída. Randall seguiu-a, sentindo-se tonto, mas, maravilhosamente bem.

Entraram no elevador situado no Convés Varanda. Naomi Dunn agarrou-se ao corrimão de madeira que se estendia ao longo do corredor, à medida que avançava para a «Suite de Luxo Normandie».

Tirou a chave da bolsa e os dois penetraram no primeiro dormitório. Era um quarto espaçoso, atraente, com uma iluminação débil, proveniente do abajur de parede. A cama, coberta com uma colcha cinzenta, era uma cama de verdade, não um simples leito improvisado. Parecia ter espelhos por toda a parte.

- Bonito quarto - disse Randall. - Onde é que fica o quarto de George?

Ela encarou-o, voltando-se bruscamente.

- O que quer dizer com isso?

- Quero dizer que ele também está alojado nesta «suite», não é verdade?

-O meu quarto é privativo. Fechado. Ao lado fica uma grande sala-de-estar. O quarto de George fica do outro lado, a uma milha ou mais de distância. Costumamos utilizar a sala para trabalhar. - Tornou a voltar-se para a frente. - Vou-lhe dar as folhas de papel que interessam. - Encaminhou-se para uma mala colocada em cima de um suporte de metal. Abrindo-a, andou a vasculhar dentro, até que exibiu uma pasta de arquivo comum. - Aqui está. Sente-se e dê uma olhada pelo material enquanto vou ao banheiro. Desculpe.

Randall olhou em volta indeciso e acabou por se sentar na borda da cama. Abriu a pasta. Eram maços de folhas de papel. Os três títulos, em letra maiúscula, referiam-se aos métodos de de tradução para as três diferentes Bíblias - A Versão do Rei Jacob, A Versão

Modelo Revista e a Nova Bíblia Inglesa. As letras datilografadas começaram a ondular aos seus olhos. Tomou atenção aos sons que Naomi fazia no banheiro. Ouviu o ruído da água correndo de uma torneira e a descarga do vaso. Tentou afastar de si a visão dela com o pesado hábito de freira, com aquele sempre presente sorriso estereotipado de religiosidade e com o sempre presente rosário pendente da cintura.

A porta do banheiro abriu-se e Naomi surgiu com o mesmo aspecto anterior exceto uma ligeira diferença: a descontração e suavidade tinham desaparecido do seu rosto e a expressão afetada voltara de novo sendo uma barreira proibida, um refúgio inviolável.

Ela colocou-se bem na sua frente.

-Então, qual é a sua opinião?

Randall agitou a pasta de arquivo e colocou-a em seguida em cima da mesinha de cabeceira.

-O material...

-Não. O material não. Eu.

Involuntariamente, as sobrelhas dele arquearam-se, enquanto ela se aproximava mais e se sentava à beira da cama, a seu lado.

-Você? -conseguiu articular.

Ela contraiu o dorso, de forma a ficar com as costas voltadas para ele, dizendo com decisão:

-Quer fazer o favor de me abrir o vestido?

Randall encontrou o colchete escondido por baixo dos cabelos e desapertou-o. Depois encontrou o fecho e lentamente foi deslizando ao longo da curvatura das costas. O vestido de «nylon» estampado abriu-se como uma banana ao ser descascada e revelou-lhe a saliente coluna vertebral e uma carne ligeiramente trigueira. Naomi não tinha sutiã e ele também não divisou o elástico das calcinhas.

Naomi continuava de costas voltadas para ele.

- Isto perturba-o? - perguntou com um tremor na voz. Não tenho nada por baixo do vestido. Torceu de novo o dorso com rapidez e voltou-se de frente para ele, ao mesmo tempo que o vestido, solto, começava a escorregar pelos ombros. - Sente-se excitado?

Randall estava espantado para sentir excitação. Começou a fitá-la com um ar confuso, perturbado, enquanto ela ia baixando a parte superior do vestido, desapertando os botões das mangas. Finalmente o vestido desvendou-lhe a carne nua até à cintura. Naomi atirou os ombros para trás e mostrou-lhe os dois pequenos, mas firmes seios, de mamilos eretos. As auréolas castanhas pareciam cobrir a maior parte da superfície daquelas pequenas colinas de carne.

Foi então que Randall começou sentindo um desejo animal a percorrê-lo da cabeça aos pés.

-O meu corpo excita-o? -perguntou ela por entre dentes. A mão de Naomi moveu-se com rapidez até pousar no meio das pernas dele e os dedos, suavemente, acariciaram-no. Randall sentiu o sexo crescer, aumentar de volume, depois a mão dela, firme em torno dele.

- Adoro isto - murmurou ela ofegante. - Adoro isto. Faz-me a mesma coisa. Vamos, faz-me.

Enlaçou-a com um dos braços, atraindo-a a si, enquanto a outra mão se insinuava por baixo da saia e lhe apalpava numa carícia a pele quente. Foi andando ao longo das coxas e os seus dedos por fim detiveram-se na parte superior do triângulo formado pelos pêlos do púbis

- Naomi - murmurou - vamos...

- Espera Steve, eu dispo-te.

Despiu-se rapidamente com a ajuda dela. No momento em que se libertava das cuecas, atirando-as para longe com um pontapé, viu que ela tirou o vestido e que estava completamente nua por baixo daquele fino tecido. Encontraram-se repentinamente estendidos de lado na cama, frente a frente. Quando tentou atrair a si o corpo dela sentiu-a resistir, a afastar-se, com o traseiro arqueado.

- Steve, o que é que costumás fazer com a Darlene? perguntou ela.

-O que é que costumó fazer? Eu... queres saber o que faço... ora, está visto que me ponho em cima dela, que a penetro toda.

- E não fazem mais nada?

- Eu... tentei, mas... ela é um pouco suscetível... manifesta uma certa relutância...

-Pois quero que saibas que não sou assim. -Está bem, queridinha. Agora o que interessa...

- Steve, não quero fornicar, entendes? Mas aparte isso adoro tudo o que te apetece.

Randal aliviou um pouco o abraço em que a mantinha e olhou-a.

- Que queres dizer com isso?

-Olha, estou pronta. Não percamos tempo.

Beijaram-se longa e freneticamente. Cada um deles tentava levar o outro ao máximo do prazer, usando para isso de todos os meios. Ela soltou de súbito um grito gutural e um arrepio contínuo percorreu-lhe o corpo. Foi um momento, após o que prosseguiu o que fazia. Foi a vez dele.

-Não posso descansar enquanto não estiveres satisfeito respondeu ela.

Randal permaneceu deitado, de barriga para o ar, sem se mexer. Sentiu a fria mão feminina agarrá-lo e de novo o contato dos lábios. Fechou os olhos e principiou a gemer, tentando furtar-se aquela carícia insistente, as mãos tentaram fixar-lhe a cabeça, impedindo o movimento de Naomi que parecia frenética.

Estava completamente fora de si. Aquilo ia subindo como uma maré devoradora. Um arrepio ao longo da espinha.

- Ohhhh! - gritou num arranque, ao sentir a explosão. Era como algo esvaziava-se, como um balão de repente rebentado. Envolveu-o uma sensação de total alívio. No auge do prazer, quase uma dor, o seu corpo ficara tenso, arqueado, como que formando um arco de uma ponte. Então Randall caiu na cama, afundando-se por completo naquela maciez, descontraído, sentindo uma paz deliciosa.

Teve consciência de Naomi se levantar, de correr para o banheiro, ouviu o correr da água e sentiu os passos do seu regresso. Relutante, abriu os olhos. Ela tinha-se sentado à beira da cama. Continuava nua e segurava uma toalha. Os seus olhos encontraram-se com os dele. Continuava séria, mas a rigidez dos traços evaporara-se.

Randall ficou sem saber que dizer para preencher aquele silêncio, mas arriscou:

- Muito bem, seja como for, se pecamos não se tratou do pecado original... e foi agradabilíssimo.

A súbita transformação que se operou em Naomi intrigou-o. A agradável expressão do seu rosto petrificou-se instantaneamente numa contração de desagrado.

-Não me parece muito engraçado, Steve.

-Naomi, deixes disso. Afinal que se passa contigo? Procurou atraí-la, mas ela fugiu-lhe, levantou-se da cama e ficou à espera, em silêncio, enquanto ele se dirigia para o banheiro. Quando Randall voltou para se vestir, ela entrou para o banheiro outra vez. Antes de fechar a porta, hesitou.

-Obrigado-disse ela.-O único favor que lhe peço é que se esqueça de tudo o que aconteceu. Encontramo-nos à hora do jantar.

Cinco minutos depois, tendo acabado de se vestir, Randall saiu do camarote. Já no corredor, parou para acender o cachimbo e para refletir sobre aquela experiência.

O resíduo do encontro sexual não fora afinal um sentimento de bem-estar. Pensou que não foi a natureza da relação que o perturbara. Já antes a praticara com outras mulheres. De fato, Randall sabia que se se tivesse envolvido com Naomi em relações sexuais de rotina, a relutância e desgosto do após-ato eram a mesma coisa.

Imaginou se não se estaria flagelando sem razão. Mas não, havia uma razão. De certo modo, ao embarcar para aquela viagem a caminho da Ressurreição Dois, tentando ignorar quaisquer dúvidas que pudesse ter a respeito da verdade do projeto e do valor que ele pudesse ter, alimentara esperanças de que viesse a alterar o rumo da sua vida. As intenções foram as melhores. Aquela modificação seria um princípio, uma odisséia destinada a revelar-lhe o significado da sua vida, destinada a encontrar algo em que acreditara, fazendo com que se transformasse numa pessoa que deixasse de ter vergonha de si mesma.

Todavia, em cima da cama daquela cabine que ficara atrás de si, abdicara uma vez mais das suas boas intenções. Mais uma vez realizara, como sempre com todas as outras mulheres, o jogo do sexo sem amor, contato de carne sem calor humano, libertação sem significado. Havia sido meramente um entrelaçar cínico de dois corpos nus que não pudera enriquecer nem o coração nem o espírito. Nem sequer podia fugir à culpa dizendo a si mesmo que fora seduzido. Freud, Adler, Jung explicariam melhor as coisas, mas ele também sabia muito bem. Inconsciente ou subconscientemente andara preparando-se para chegar àquele resultado com Naomi desde o momento em que pusera os pés no Convés do bordo. Não a desejara por amor, mas porque ela lhe parecera tão distante, tão formal, tão inexpugnável, e um êxito constituíra uma promessa de grande excitação. Conseguira mais outra suja vitória para divertir a sua alma vazia de afeto. Havia transpirado desejo e ela, a devoradora fechada na sua concha, limitara-se a captar-lhe as vibrações.

Tudo acabara já, mas o prazer ficara de pé tão desagradável como uma bebedeira com um uísque ordinário, que no dia seguinte só pode causar sensações dolorosas e de arrependimento.

Mas, disse para com seus botões, quando se encaminhava para o elevador, embora de maneira errada a coisa não foi assim tão má. Aprendera uma lição. Ou melhor, o caso lembrava-lhe uma lição aprendida pouco tempo depois de ter ingressado no ofício da publicidade.

«Não existem santos, apenas pecadores. Da madeira torta de que o homem é feito, impossível conseguir fazer qualquer trabalho direito». A frase era de Emmanuel Kant.

Naomi era afinal uma frágil mortal, um ser humano, com todas as fraquezas de que a carne é herdeira. Como ele próprio. Como toda a gente.

A lição fora-lhe de novo lembrada. Não a esquecesse. A Ressurreição Dois não seria povoada por deuses e seus anjos gravitantes, tal como o Novo Testamento Internacional não poderia ocultar Jesus, o Filho do Homem. No fundo de todos aqueles beatos fingidos, bem no fundo de cada um deles, existia um bípede humano, um animal que tentava ficar de pé, que tentava evitar uma queda, afinal iminente a cada passo dado.

Sentiu-se um pouco melhor.

No dia seguinte, e nos outros que fossem decorrendo, não estaria confinado ao purgatório enquanto, eles permaneceriam no céu. Para falar a verdade, era simplesmente mais um

deles, e todos sem exceção estariam juntos no mesmo inferno.

CAPÍTULO 2.3

O último jantar a bordo do Navio France estava quase terminando.

A refeição que George. L. Wheeler encomendara antecipadamente, desde caviar aos crêpes Suzette, fora copiosa, mas Randall limitara-se a petiscar e sentia-se bem com a sua austeridade.

Randall sentia nas costas o calor vindo do local onde os crêpes seriam preparados, e embora Darlene se manifestasse deliciada com uma sobremesa tão requintada, ele já não tinha estômago para aquilo. Depois do seu envolvimento sexual com Naomi conseguira tirar uma soneca no seu camarote, apesar do ruído rangido da televisão em circuito fechado que fazia as delícias de Darlene. Para ela tudo era delicioso. Depois tomara um bom banho de chuveiro e espantara um pouco a ressaca da grande absorção de uísques. Mas o seu interesse na comida era pouco ou nenhum.

Olhou em volta da mesa, bem montada no extremo da luxuosa, brilhante e iluminada «Sala de jantar Chambord», com o seu teto onde o jogo de luzes e sombras fora estudado de maneira dando a ilusão de um céu onde boiavam estrelas. A sua esquerda, Darlene estava experimentando o bom humor de um jovem garçon ao falar-lhe com o seu terrível e complicado francês aprendido no liceu. À sua direita, com as mãos cruzadas, estava sentada Naomi Dunn, fria, reservada, falando apenas quando se dirigiam a ela. Tentou lembrar-se da sua nudez, do seu monte de vênus, do paroxismo dela quando no orgasmo. Mas, foi impossível, tão impossível como imaginar a violação de uma vestal. Na frente, a cadeira estava vazia.

Cerca de quinze minutos antes, George L. Wheeler fora chamado pelo sistema de comunicação interno do navio, uma complicada rede de alto-falantes ligada a uma cabine de som central. Aguardava-o um telefonema recebido de Londres por essa outra maravilha que era a comunicação entre o bordo e terra.

Afastando a cadeira e acabando de saborear a última gota de «Chateaubriand», Wheeler resmungara:

-Quem diabo é que telefonará a uma hora tão inconveniente?

Afastara-se, a caminho do Gabinete Central de Comunicações, cumprimentando, por entre as mesas, à direita e à esquerda, as pessoas com quem travara relações recentes a bordo.

Quando Randall observava ocioso o chefe de mesa servindo Darlene um prato de crêpes bem enrolados, ouviu a voz de Naomi, que falava com o chefe de mesa.

-O Sr. Wheeler vem já aí, pode servi-lo.

Na verdade, o editor descia apressadamente a escada e abria caminho por entre as mesas sem olhar para os lados. A medida que se aproximava, Randall pôde ver perfeitamente que a sua disposição se alterara.

Wheeler caiu na sua cadeira com um ar extremamente aborrecido.

- Sorte danada - resmungou, agarrando no guardanapo. Instalou-se como devia.

- Quem era, Sr. Wheeler? - perguntou Naomi.

Wheeler pareceu só então ter dado pela presença dos outros à mesa.

-O telefonema era do Dr. Jeffries, de Londres, parece que temos um problema.

O chefe de mesa procurava nesse momento servir o doce a Wheeler, mas o editor fez-lhe um brusco sinal para parar.

-Já perdi o apetite para isso. Prefiro um café.

-Que espécie de problema? -perguntou Naomi.

Wheeler pareceu não reparar na pergunta e dirigiu-se diretamente a Randall.

-Devo dizer que o Dr. Jeffries estava em estado de grande agitação. Ele compreende o limite de tempo que nos é permitido para que você possa preparar a sua campanha publicitária. Sabe perfeitamente que não nos podemos dar ao luxo de derivações ou impedimentos que adiem ou prolonguem os nossos prazos. Se Florian Knight não está disponível quando precisamos dele, então bolas, estamos metidos em complicações.

Não era o estilo de Wheeler falar com rodeios nem circunlóquios. Randall estava intrigado.

-Porque é que o Dr. Knight não está disponível?

-Desculpe, Steve. Eu devia ter explicado primeiro. O Dr. Jeffries. deslocou-se hoje de Oxford para se encontrar com Florian Knight no Museu Britânico. O propósito do Dr. Jeffries era informar Knight que fora destacado para ir conosco para Amsterdã e trabalhar na capital holandesa como um dos vossos consultores nos preparativos para a campanha publicitária da Ressurreição Dois. Dos seus muitos consultores, ele foi o mais valioso. Os conhecimentos do Dr. Knight sobre o Novo Testamento - não só por causa das línguas, como também pela sua vasta erudição bíblica sobre o primeiro século - são poderosos e de grande alcance. Pois bem, ao que parece eles discutiram o novo trabalho do Dr. Knight em Amsterdã e depois o Dr. Jeffries; combinou um encontro para jantar de modo conversando mais detalhadamente sobre as coisas, Há poucas horas, quando o Dr. Jeffries estava prestes a sair do seu clube para se encontrar com o assistente, recebeu um telefonema de uma jovem que é noiva do Dr. Knight. Foi-me apresentada certa ocasião. É Miss Valerie Hughes, uma jovem e brilhante senhora, muito inteligente. Bem, ela telefonou informando o Dr. Jeffries, por conta de Knight, que o jantar ficava sem efeito. O Dr. Knight adoeceu repentinamente... parece que uma doença de gravidade, segundo o Dr. Jeffries percebeu, de modo que não se tratava de cancelar o jantar desta noite, como também não estava em condições de se reunir conosco amanhã, como o combinado.

-Não me parece tão sério assim - disse Randall. - Se não der para falar amanhã com Knight, talvez possa ainda...

-O caso não está só na falta ao encontro de amanhã - interrompeu Wheeler. - O caso é que Valerie disse ao Dr. Jeffries que o noivo lhe mandara dizer que não se sentia capaz de trabalhar para o nosso projeto em Amsterdã num futuro previsível. Apenas isto. Nada mais. Bem, o Dr. Jeffries ficou demasiado confuso para continuar com o assunto. Limitou-se a perguntar quando é que podia falar com o seu protegido, mas Miss Valerie mostrou-se vaga e murmurou qualquer coisa como ter que discutir primeiro o caso com o médico assistente de Knight. Depois desligou. Uma coisa muito estranha e muito desconcertante. Se o Dr. Knight ficar fora do assunto, será sem dúvida um golpe severo para nós.

-Sim - disse Randall arrastado,-na verdade parece muito estranho.

Darlene, que não prestara atenção a uma conversa tão despidida de interesse para ela, agitou o garfo dos crêpes Suzette na direção de Wheeler e disse:

- Bom, se já não há ninguém para nos encontrarmos em Londres, nesse caso talvez possamos ir diretamente no barco até ao Havre.

Wheeler olhou-a com firmeza.

- Miss Nicholson, vamos encontrar-nos com uma pessoa em Londres, e não iremos até ao Havre.

Depois o editor voltou-se outra vez para Randall.

-Marquei uma entrevista para nos encontrarmos amanhã às duas horas da tarde com o

Dr. Jeffries no Museu Britânico. Insistirei para que exerça sua autoridade de modo a que Florian Knight se junte ao trabalho do projeto logo que esteja melhor. É uma coisa vital para o nosso futuro imediato.

Randall ficara pensativo. Foi num tom quase casual que falou, exprimindo os seus pensamentos:

- George, não nos disse o que é que há com o Dr. Florian Knight. Qual é a doença dele?

Wheeler ficou com um ar alarmado.

-Por Deus, sabe que mais... O Dr. Jeffries não me disse nada sobre qualquer coisa de errado com o Knight. É uma boa pergunta para lhe fazermos amanhã, não é?

CAPÍTULO 2.4

No dia seguinte foram encontrar o céu de Londres enevoado e a cidade sombria, soturna, e esse fato não contribuiu para melhorar as disposições em que se encontravam ao serem conduzidos no Bentley S-3, com motorista, do Hotel Dorchester, em Park Lane, até ao majestoso Museu Britânico, em Bloomsbury. No lugar traseiro do carro seguiam os três- Randall, Wheeler e Naomi. Darlene resolvera ir num passeio, orientado, para turistas: Westminster, Piccadilly Circus, Torre de Londres, Palácio de Buckingham.

Ao chegarem junto das gigantescas colunas da fachada da porta de entrada principal do Museu, na Great Russel Stret, Randall recordara-se da sua única visita anterior ao histórico museu - uma visita feita juntamente com Bárbara, quando Judy era ainda pequena.

Lembrara-se da grande esfera de uma sala de leitura, círculos de livros no meio de círculos de livros com a mesa principal ao centro, e as preciosidades nas salas adjacentes e nas galerias do andar superior. Lembrara-se do estímulo sentido por certas coisas em exposição - o mapa fidedigno, impresso em 1590, da viagem de Sir Francis Drake em volta do mundo; a primeira edição, em fólio, das peças de Shakespeare; o manuscrito original de Beowulf; os diários de bordo de Lord Horatio Nelson; os diários da Antártica do capitão Scott; o modelo, em faiança azulada, de um cavalo da dinastia T'ang; a Pedra de Rosetta, com os seus hieróglifos gravados em 196 A.C.

Naquele momento, depois de terem sido acolhidos e cumprimentados pelo Dr. Jeffries, seguiam orientados pelo pavimento de mármore do saguão a caminho do escritório, no andar superior, pertencente à curadoria, onde o Dr. Florian Knight estivera trabalhando. O Dr. Jeffries parecia-se imenso com o retrato que Naomi traçara. Talvez um metro e setenta e cinco, peito metido para dentro, com um cabelo branco, deslavado, uma cabeça pequena, onde se incrustavam uns olhos remelentos, um nariz avermelhado de largas narinas, bigodes caídos para os cantos da boca, rosto marcado por rugas profundas, uma gravata com riscas, pince-nez oscilante e um terno azul necessitando ser passado a ferro. Enquanto o Dr. Jeffries, tendo ao lado Wheeler, e bem uns passos à sua frente e de Naomi, seguia pelo corredor, Randall pensou quando é que o editor resolveria, finalmente falar, no caso do Dr. Florian Knight. Nessa altura, como se Wheeler tivesse captado a sua mensagem por meios extrasensoriais de percepção, Randall ouviu o editor inquirir:

-A propósito, professor, qual é a gravidade da doença do Dr. Knight? Ontem pelo telefone não me informou devidamente. O que é que se passa com ele?

O Dr. Jeffries pareceu não ter ouvido a pergunta. Atrasou o passo e parou, perdido em pensamentos desconhecidos, para dar uma olhada para trás.

-Ah... Sr.... Sr. Randall, há uma coisa que deve ver com os seus olhos, enquanto estivermos aqui no andar térreo. As nossas duas mais antecipadas preciosidades do Novo Testamento. O Código Sinaítico e o Código Alexandrino. Ummm.... ouvirá sim ouvirá com certeza,

frequêntes menções aos dois documentos durante o seu trabalho. Se na verdade tem tempo disponível, sugiro este breve desvio.

Antes que Randall pudesse responder, Wheeler antecipou-se-lhe:

- Claro que sim, professor. Steve pretende ver tudo o que tenha valor para o seu trabalho. Vamos... Steve, venha aqui, junto de nós. Não tenha medo que a Naomi sabe bem o caminho.

Randall foi juntar-se aos dois homens, precisamente na altura em que o Dr. Jeffries voltava subitamente à direita.

-Temos que atravessar a Sala dos Manuscritos, estão numa outra sala reservada às nossas mais raras preciosidades, a Sala da Magna Carta - disse o Dr. Jeffries. - Como sabe, Sr. Randall, até... umm... . até recentemente, isto é, até ao notabilíssimo achado da Ostia Antica, os nossos mais velhos fragmentos dos evangelhos era o Evangelho de S. João, pequeníssimo, em grego, encontrado num monte de lixo no Egito e escrito anteriormente ao ano 150 D.C., que se encontra presentemente na Biblioteca John Rylands em Manchester. Depois disso temos alguns papiros do Novo Testamento adquiridos por um tal A. Chester Beatty, um americano que reside em Londres, e o papiro adquirido por Martin Bodroer, um banqueiro suíço, que deve estar datado por volta do ano 200 D.C. Evidentemente, um fragmento, o Papiro Bodrner 2... - retardou o passo e brindou Randall com um sorriso divertido. - Mas são afinal coisas que não lhe interessam. Desculpe por ser horrivelmente pedante.

- Estou aqui para aprender, Dr. Jeffries - lembrou Randall.

- Unim... claro, e há de aprender. Alguns dos professores e eruditos mais jovens, como Floriam, servir-lhe-ão melhor para esse fim. No entanto, deixe-me que lhe diga isto. Com exceção dos fragmentos de Ostia Antica, o Evangelho de Jacob e o Pergaminho Petrônio-e preciso excetuá-los sempre, porque não existe nenhuma descoberta bíblica que se lhes possa comparar em importância - eu colocaria as descobertas bíblicas mais valiosas feitas nos últimos mil e novecentos anos da seguinte maneira.

O Dr. Jeffries deteve-se à entrada da Sala dos Manuscritos, perdido nos seus pensamentos, cogitações, ao que parecia, sobre o valor comparativo dos achados dos manuscritos históricos.

-Em primeiro lugar os quinhentos pergaminhos em pele de carneiro e os rolos de papiros descobertos em 1947 nas vizinhanças Khirbet Quinran, que são mais familiarmente conhecidos como os Documentos do Mar Morto. Em segundo lugar, o Codex Sinaiticus, encontrado na sua forma completa no Mosteiro de Santa Catarina do Monte Sinai em 1859. Trata-se de um Novo Testamento copiado em grego no século quarto, precisamente o documento que está em nossa posse e que em breve lhe mostrarei. Em terceiro lugar por importância, os textos de Nag Hamadi descobertos em 1945 nas cercanias de Nag Hamadi no Alto Egito. Esse achado consiste em treze volumes de papiros, preservados em vasos de barro descobertos por camponeses que procediam as sondagens na terra para descobrirem humo que pudessem utilizar como fertilizante. Nesses escritos do século IV estão cento e quatro parábolas de Jesus, muitas delas nunca antes conhecidas até ser revelada essa biblioteca Copta. Em quarto lugar, o Codex Vaticanus, uma bíblia grega escrita por volta de 350 D.C., que se encontra na Biblioteca do Vaticano. Desconhece-se a sua origem. Em quinto, Codex Alexandrinus do Museu Britânico de que já falei, com texto escrito em grego, em velino, um pergaminho muito fino, antes do século V. Veio parar em Londres em 1628 na forma de um presente do Patriarca de Constantinopla ao Rei Carlos I. - Detesto ter de confessar a minha total ignorância, mas na verdade nem sequer sei o que

significa a palavra Codex disse Randall.

-Mas é sábio da sua parte pedir explicações - respondeu o Dr. Jeffries, com ar satisfeito: A palavra Codex, ou Códice... ummm... tem raízes no latim caudex, que significa o tronco de uma árvore. Refere-se às antigas tábuas enceradas para escrita feitas, evidentemente, de madeira coberta por uma composição de cera onde as palavras eram gravadas. De fato o codex foi o princípio do livro tal como hoje o conhecemos. No tempo de Cristo, os escritos não cristãos eram traçados na sua maior parte em rolos de papiro ou pergaminho - o que era extremamente embaraçoso para o leitor. Pelo século II, o codex começou sendo adaptado. Os rolos de papiros foram cortados em páginas fixadas na parte esquerda. Tal como já disse, o começo do livro moderno. Vejamos pois, quantas... quantas importantes descobertas bíblicas mencionei eu como peças mais valiosas anteriores ao nosso achado de Ostia Antica?

- Cinco, professor - respondeu Wheeler.

- Obrigado, George... - e o Dr. Jeffries começou a andar vagarosamente. - Sr. Randall, devo ainda mencionar mais quatro, embora sem ordem particular. Seria imperdoável da minha parte não mencionar - especialmente como estudioso de textos e tradutor - os achados desse jovem pastor alemão e erudito da Bíblia, Adolf Deissman. Até Deissman, os tradutores dos Novos Testamentos Gregos, que notaram que o grego bíblico diferia do grego literário, supunham que fosse qualquer espécie de um grego puro e especial, um grego por assim dizer sagrado utilizado somente nos Novos Testamentos. Ora em 1895, depois de ter estudado e analisado os montes de antigos papiros gregos descobertos durante as centenas de anos anteriores - fragmentos ordinários pertencentes a velhas cartas com dois mil anos de existência, contas caseiras, contas relativas a negócios feitos, escrituras, arrendamentos, petições - Deissman pôde anunciar que esse grego coloquial falado normalmente, esse grego empregado na vida quotidiana pelo homem das ruas, que é chamado Koine, era o verdadeiro grego usado pelos escritores do Evangelho. É claro que a descoberta causou uma autêntica revolução nas traduções que se seguiram.

O Dr. Jeffries lançou um novo olhar de lado a Randall para ver se ele assimilara.

- Os outros três valiosíssimos achados incluem a descoberta do sepulcro de São Pedro num antigo cemitério situado a certa profundidade por baixo do Vaticano, presumindo-se que seja autêntico. Em todo o caso, a Dr^a Marguerita Guarducci decifrou uma inscrição em código gravada numa pedra encontrada por baixo da nave da basílica de São Pedro em Roma, e nessa inscrição -que data do ano 160 D.C. - lê-se: «Pedro está aqui sepultado». A seguir foi a descoberta em Israel, em 1962, de uma pedra angular pertencente a um edifício público utilizada para dedicar a estrutura ao Imperador Tibério antes de 37 D.C., um bloco com o nome de Pôncio Pilatos seguido pelas palavras prefectus Udea, o mesmo título que autenticamos no Pergaminho Petrônio. Depois, em 1968, num esquite de pedra encontrada em Giv'at ha-Nivtar, Jerusalém, um achado na verdade de grande alcance -o esqueleto de um homem chamado Yehohanan, com o nome inscrito em aramaico, com pregos de quinze centímetros espetados nos antebraços e nos antebraços. Esse esqueleto com dois mil anos constituiu a primeira prova física, desde sempre, vista de um homem que fora crucificado nos tempos palestinos do Novo Testamento. Havia histórias que nos diziam que o caso aconteceu. Os evangelhos contava-nos que Jesus fora crucificado, mas com a exumação dos restos mortais de Yehohanan, o conhecimento literário pôde ser finalmente confirmado sem a mínima sombra de dúvida.

O Dr. Jeffries levantou as lunetas e apontou para a frente. -Cá estamos.

Randall percebeu que já tinham passado pelos mostruários da Sala dos Manuscritos e que

estavam junto à entrada de uma outra sala. No limiar, em letras colocadas num suporte móvel, indicava-se:

Seção DE MANUSCRITOS

SALA PARA ESTUDANTES

CODEX SINAITICUS

MAGNA CARTA

MANUSCRITOS DE SHAKESPEARE

O guarda à entrada, com um boné escuro, casaco cinzento e calças pretas, cumprimentou o Dr. Jeffries com afabilidade. Logo à direita estava uma longa vitrine de metal, com cortinas azuis cobrindo os vidros.

O Dr. Jeffries guiou-os para a vitrine. Afastou uma das cortinas e murmurou:

-O Códice Alexandrino... ummm, não, não precisamos de momento nos preocupar com este. É de menor importância. Com verdadeira ternura, afastou a segunda cortina, prendeu o pince-nez, no nariz, sorriu rasgado e apontou para o velho volume que se encontrava aberto dentro da vitrine, sobre uma pequena elevação coberta com um veludo vermelho.

-Aqui têm. Um dos três mais importantes manuscritos da história bíblica. O Codex Sinaiticus.

Steve Randall e Naomi aproximaram-se e observaram as amareladas páginas de fino pergaminho, cada uma delas com quatro estreitas colunas claramente manuscritas em grego.

-Estão vendo uma parte do Evangelho de Lucas - disse o Dr. Jeffries. - Vejam a nota escrita neste cartão que está no canto.

Randall leu a explicação datilografada no pequeno cartão. O Codex Sinaiticus estava aberto em Lucas 23 : 14. Na parte inferior da terceira coluna na página esquerda estavam os versículos que descreviam a agonia de Cristo no Monte das Oliveiras, versículos que muitas autoridades bíblicas primitivas desconheciam e que por isso não foram incluídos nas suas traduções.

- No seu estado original, este manuscrito devia ter provavelmente 730 páginas - disse o Dr. Jeffries. Tudo o que resta são 390 folhas, das quais 242 consagradas aos Velho Testamento e 148 representando o Novo Testamento completo. O velino, como podem ver, é feito de pele de carneiro e de cabra. A escrita, toda em letras maiúsculas, pertence à mão perita de três copistas diferentes, e deve ser traçada antes de 350 D.C. - O Dr. Jeffries voltou-se para Randall. - Ora tudo isto que se salvou para a posteridade do Codex Sinaiticus faz parte de uma história verdadeiramente emocionante. Já ouviu falar em Constantino Tischendorf?

Randall abanou a cabeça negativamente. Na verdade nunca ouvira aquele nome antes, mas sentia-se fortemente intrigado.

- Em resumo, eis o nosso romance - começou o Dr. Jeffries, com evidente alívio por Randall não conhecer o nome citado. Tischendorf era um erudito alemão da Bíblia que costumava andar sempre pelo Médio Oriente à procura de velhos manuscritos. Numa dessas suas viagens, em Maio de 1844, resolveu subir ao Mosteiro de Santa Catarina do Monte Sinai no Egito. Quando passava por um corredor do mosteiro reparou num grande cesto de papéis para o lixo cheio com aquilo que lhe pareceu serem montes esfarrapados de um manuscrito. Metendo o nariz no cesto, Tischendorf viu que eram folhas de pergaminho antigo. O conteúdo de dois outros cestos já queimados como lixo inútil, e aquele cesto estava prestes a seguir o caminho dos outros dois.

Tischendorf persuadiu os frades a entregarem-lhe aqueles resíduos para exame. Procedendo a uma escolha, encontrou 129 folhas de um Velho Testamento escrito em grego. Os monges, nessa altura conscientes do valor daquele lixo precioso permitiram-lhe que ficasse com 43 páginas, que o alemão trouxe para a Europa e que ofereceu ao rei da Saxônia.

-E essas páginas não fazem parte deste códice? -perguntou Randall.

-Um momento - disse o Dr. Jeffries.-Nove anos mais tarde o alemão Tischendorf dirigiu-se ao mesmo Mosteiro para mais outra investigação. Os frades dessas vezes mostraram-se pouco ou nada cooperativos, mas Tischendorf não desistiu. Passaram-se mais seis anos e, em janeiro de 1859, o persistente alemão mais uma vez subiu ao Mosteiro. Mais cauteloso dessa vez, não solicitou aos frades para lhe mostrarem velhos manuscritos. Mas, na última noite passada no Monte Sinai, Tischendorf conversando com o Irmão ecônomo a respeito de Bíblias antigas. Para mostrar a sua erudição, aquele gabou-se de ter estudado numa das mais velhas Bíblias conhecidas. Acompanhando as palavras com gestos, o frade aproximou-se de uma prateleira ao lado da porta da sua cela, onde guardava suas xícaras de café, e tirou um embrulho envolvido num pano vermelho. Desembrulhou aquilo e, ante os olhos esbugalhados de Tischendorff estava o Codex Sinaiticus, contendo o Novo Testamento mais antigo de que se tenha notícia.

O Dr. Jeffries emitiu um pequeno riso que mais parecia uma fungadela.

-Pode perfeitamente imaginar toda a gama de emoções que Tischendorf sentiu, estou certo que as mesmas sentidas por Colombo quando avistou terra do Novo Mundo. Depois de muitos meses de tenazes esforços, Tischendorf acabou por convencer os frades que deviam oferecer este códice ao patrono da sua igreja, que era nem mais nem menos do que o Czar da Rússia. O Codex Sinaiticus permaneceu na Rússia até à revolução de 1917 e ao advento de Lenin e Stalin. Os comunistas não tinham qualquer interesse na Bíblia. Para conseguirem dinheiro tentaram vender o Códice aos Estados Unidos, mas sem êxito. Em 1933, o Governo Inglês e o Museu Britânico conseguiram arranjar as cem mil libras necessárias para a compra do documento, e ele aqui está diante dos vossos olhos. Que história sensacional, hem?

- Na verdade que história emocionante - concordou Randall.

- Alonguei-me de propósito para que pudesse apreciar uma história ainda melhor e mais emocionante - prosseguiu o Dr. Jeffries - a história da escavação do Dr. Monti e a descoberta em Ostia Antica do Evangelho Segundo Jacob, um Novo Testamento mais antigo do que o Codex Sinaiticus quase trezentos anos, uma descoberta mais antiga do que os evangelhos canônicos ou sinóticos, possivelmente, cerca de meio século, um documento atribuído a uma pessoa da família de Cristo e uma testemunha ocular da maior parte da vida humana de Cristo. A partir de agora, Sr. Randall, talvez possa apreciar o estupendo presente que está prestes a anunciar ao mundo. E agora parece-me também melhor que subamos até ao gabinete do Dr. Knight no andar superior e que comecemos falando dos aspectos práticos da sua imediata missão. Sigam-me, se fazem favor.

Com Wheeler e Naomi atrás, Steve Randall seguiu o Dr. Jeffries por dois lances de íngremes escadas, até que pararam diante de uma porta. Quando o Dr. Jeffries a abriu para dar passagem aos visitantes, anunciou:

- O gabinete do ajudante de curador, utilizado pelo Dr. Florian Knight para seu estúdio.

Era um cubículo onde trabalhava e vivia naquela cela quase monástica de estudioso. Do solo ao teto viam-se estantes repletas de livros. Papelada, volumes referenciados, embrulhos de documentos espalhados por duas mesinhas e pelo tapete. Havia reduzido

espaço para a velha escrivaninha colocada perto da janela, para os fichários, hermeticamente fechados, para o sofá e para uma ou duas cadeiras.

Arqueado após o passeio e a subida da escada, o Dr. Jeffries instalou-se na cadeira da secretária. George Wheeler e Naomi Durin tinham-se sentado no sofá. Randall arrastou uma cadeira para mais perto possível dos outros e sentou.

-Ummm... talvez fosse melhor levá-los até à cantina do pessoal para tomarem chá - disse o Dr. Jeffries.

- Não, não professor - respondeu Wheeler, com um sinal feito com a mão - estamos bem aqui.

- Esplêndido - disse o Dr. Jeffries. - Penso que a natureza da nossa conversa se adaptará melhor em um ambiente privado. Para começar, digo que pouco mais sei a respeito do nosso... urnm... de Florian... do Dr. Florian Knight. O estranho comportamento dele e a inacessibilidade que o rodeia, aborrece-me e confunde-me. Ainda não fui capaz de contactar com ele, nem com a noiva, Miss Valerie Hughes, desde a chamada que fiz para o navio a noite passada. - Voltou-se para George Wheeler. Creio que me fez uma pergunta qualquer... esqueci-me o que foi... perdoe a minha distração... Lá embaixo fez-me uma pergunta sobre o Dr. Knight, não foi?

Wheeler levantou-se do sofá e foi sentar-se numa cadeira mais perto da secretária.

-É verdade, professor. Ontem à noite esqueci-me de lhe perguntar uma coisa. Que mal súbito atacou Dr. Knight? O que aconteceu de errado com ele?

O Dr. Jeffries cofiou nervosamente o bigode.

-George, eu também gostaria de saber. Miss Hughes não foi clara e quase que não me deu oportunidade de lhe perguntar. Limitou-se dizendo que Florian foi obrigado a ir para a cama com uma febre altíssima. O médico que o visitou fez saber que devia acima de tudo arranjar, sem demora, um período de repouso.

- Soa-me esgotamento nervoso - disse Wheeler. - Fez um sinal de cabeça na direção de Randall. - Steve, que pensa você do caso?

Randall considerou como improvável a possibilidade, mas respondeu gravemente:

-Bem, se foi um colapso nervoso com certeza que houve sinais anteriores, manifestações de certo modo visíveis que já se arrastassem há algum tempo. Talvez o Dr. Jeffries nos possa dizer alguma coisa a respeito do caso.-Olhou para o catedrático de Oxford.-Notou alguns sintomas estranhos no comportamento do Dr. Knight ou alguma falha no seu trabalho durante estes meses mais recentes?

- Nada - respondeu sem titubear o Dr. Jeffries. - O Dr. Knight desempenhou todas as missões e trabalhos de que o encarreguei conscienciosamente, posso mesmo dizer com todo o brilhantismo. O Dr. Knight é um perito em grego, persa, árabe, hebraico... e claro, em aramaico, a língua sobre a qual temos trabalhado mais detidamente e com maior profundidade nos últimos tempos. Como leitor no museu, tudo o que fez foi impecável, precisamente aquilo que eu pretendia. Quero que compreendam bem, um jovem com as faculdades de percepção de Florian Knight não precisa traduzir o aramaico de um fragmento de papiro palavra por palavra. Habitualmente, lê o conteúdo correntemente, facilmente, naturalmente, como se fosse a sua língua natal, como se estivesse lendo o Times no café. De qualquer forma, o rendimento do Dr. Knight a verter aramaico, hebraico e grego para inglês destinado à nossa comissão de cinco catedráticos em Oxford foi sempre de alto nível, sempre tão exato quanto se poderia desejar.

- Em resumo, ele não fez erros, especialmente no passado ano, não é isso? - insistiu Randall.

O Dr. Jeffries olhou longamente para Randall antes de responder.

- Meu caro senhor, os seres humanos são falíveis e o trabalho que realizam está sempre sujeito ao erro. Foram os erros do passado, bem como o novo conhecimento obtido através da arqueologia e dos nossos progressos na filologia, que possibilitaram aos eruditos fazerem novas traduções da Bíblia. É melhor explicar para compreenderem todas as rasteiras enfrentadas pelo Dr. Knight. Tomemos a palavra *pim*, que figura apenas uma vez na Bíblia. Aparece no Livro de Samuel. Os tradutores pensaram sempre que *pim* significasse ferramenta e por isso a consideraram como referindo-se a uma espécie de medida de peso como a palavra *siclo*, de modo que as últimas Bíblias já a inseriram com o seu sentido corrigido. Outro exemplo: as antigas Bíblias inglesas tinham sempre uma linha de carpinteiro. Recentemente, tradutores chegaram à conclusão de Isaías 7 : 14 que dizia: «Eis que uma virgem conceberá». Durante muitos anos a frase foi considerada como uma profecia do nascimento de Cristo. Então entraram em ação os tradutores da Versão Modelo Revista e modificaram a linha para: «Eis que uma mulher jovem conceberá». Traduziam do hebreu original e a palavra *almah* significa, segundo os textos, «mulher jovem». As Bíblias anteriores tinham traduções de textos gregos incorretos que haviam utilizado a palavra *parthenos*, que significa «virgem».

- Maravilhoso material de promoção - exclamou Randall, apreciando.

O Dr. Jeffries inclinou a cabeça e fez depois um gesto de moderação.

-Mas, Sr. Randall, por outro lado os tradutores podem ir por vezes longe demais quando tentam modernizar, alterando incorretamente significados. Por exemplo: Paulo cita Nosso Senhor como tendo dito: «É mais abençoado dar do que receber». A frase foi sempre considerada como uma tradução perfeitamente literal do grego. No entanto, os tradutores da Nova Bíblia Inglesa mostraram-se tão ansiosos para colocarem a nova obra no seu idioma que alteraram por completo a citação de modo que se lê: «A felicidade está mais em dar do que em receber». Notem que não só é uma tradução fraca do ponto de vista literário, como modifica o significado. Reduz uma declaração firme a uma indolente reflexão perfeitamente casual. Sacrificou uma frase cheia de força numa frase onde a fraqueza é evidente. Além disso, existe uma diferença considerável entre o ser feliz e o ser abençoado. Mas, quanto ao Dr. Knight, nunca foi culpado de tais inovações. Pensando bem não posso assinalar a mínima falta no trabalho produzido pelo Dr. Knight. Vou ver se consigo explicar melhor...

O Dr. Jeffries, pensativo, fez uma pausa, enquanto Randall aguardava o prosseguimento para ver se ocorreria qualquer indício que o ajudasse a solucionar o enigma da doença do Dr. Knight.

-Na altura em que dirigi uma equipe de eminentes eruditos para a tradução inglesa no Novo Testamento Internacional, o Dr. Knight trabalhou na obra como investigador, tal como aqui no museu. Ele nunca deixou de ir até o mais fundo das coisas a fim de procurar significados ajustados para a linguagem, de acordo com o pensamento contemporâneo. A maior parte dos entendidos esquece-se que Cristo viveu e se movimentou entre camponeses. Os eruditos, com demasiada frequência, olvidam a investigação em profundidade para um ajustamento das palavras, habitualmente, usadas pelos camponeses da Palestina do primeiro século. A nossa equipe traduziu umas palavras como «grãos de cereal», mas o Dr. Knight não se sentiu satisfeito. Investigou a linguagem corrente naqueles tempos, fez as suas comparações, e chegou à conclusão que os camponeses contemporâneos de Cristo diziam que o trigo, a aveia e a cevada tinham «olhos» não «grãos», provando-nos que «grãos de cereal» era incorreto. Contestou-nos também o uso

da palavra gado. Provou que nos tempos bíblicos gado não significava, especificamente, a espécie vacum, bovina, mas, designava todos os animais em geral incluindo asnos, gatos, cães, cabras e camelos. Se tivéssemos utilizado a palavra gado na tradução como expressão de bovinos seria um erro de palmatória. O Dr. Knight salvou-nos da inexatidão. O Dr. Jeffries olhou para Wheeler e depois para Randall.

- Cavalheiros, um cérebro sempre em estado de alerta não me parece muito candidato a um colapso nervoso.

- Penso que devo concordar - concedeu Randall.

-Pode estar certo quanto a essa parte -disse o Dr. Jeffries amigavelmente. - Mas por outro lado, se alguma vez um homem trabalhou em circunstâncias que pudessem ser um convite a um colapso nervoso, esse homem foi sem dúvida o Dr. Florian Knight.

Randall arqueou as sobrelanceiras surpreso.

- E que circunstâncias foram essas?

- Ora, em todos os longos meses que durou o trabalho, tal como agora, o pobre rapaz nunca soube precisamente naquilo em que estava trabalhando, dado que ninguém lhe fez a mais leve alusão. Lembre-se que juramos manter completo segredo. Embora o Dr. Knight bem como os nossos outros assistentes fossem tão de confiança como os professores titulares, o caso é que avisaram de que quanto menos pessoas soubessem do achado de Ostia Antica, melhor seria. De maneira que mantivemos o segredo tanto para Knight como para os outros.

Randall sentiu-se desconfortável, perplexo, sem atinar em conjugar idéias.

- Mas então como é que ele podia trabalhar sem lhe mostrarem os fragmentos recentemente descobertos?

- Nunca lhe mostramos, nem a ninguém, todos os fragmentos. Entregamos ao Dr. Knight para trabalhar uns quantos conjuntos de peças mais cruciais, e aos outros diferentes peças ou versículos. Disse ao Dr. Knight que possuía alguns fragmentos de um Novo Testamento apócrifo, e que pensava escrever um livro sobre o caso. Fui obrigado a ocultar-lhe a verdade. Os pedaços de material que lhe entreguei eram tão incompletos, tão difíceis, tão confusos, que ele deve ter pensado para que raio seria um trabalho tão díspar. Todavia, foi suficientemente decente para nunca me fazer a mais leve pergunta.

A perplexidade de Randall manifestou-se ainda mais na forma como mostrou o seu pasmo.

- Dr. Jeffries, o senhor está dizendo que o seu investigador, o Dr. Florian Knight, não está a par do projeto Ressurreição Dois?

-O que digo é que ele ignorava o projeto até...ontem à tarde. Quando me desloquei de Oxford para me reunir com ele, a fim de o preparar para se tornar seu consultor em Amsterdã, senti que ele estava finalmente em condições de saber toda a verdade, visto o projeto estar praticamente garantido. De fato, a Bíblia está sendo impressa, e para que Florian lhe pudesse ser útil tinha que lhe revelar tudo o que havia a respeito da descoberta do Professor Monti. Foi essa a razão porque me desloquei a este gabinete e lhe contei os fatos a respeito do Evangelho Segundo Jacob e sobre o Pergaminho Petrônio. Devo dizer que ele ficou como que esmagado.

-Esmagado? De que maneira ... ?

- Umm... espantado, atônito, será a palavra mais exata. Sim, espantando, sem poder proferir uma palavra, e finalmente extremamente excitado. Veja se pode compreender. Tem devotado toda a sua vida à Bíblia, ora uma revelação como a que lhe fiz... pode na verdade ser esmagadora.

A curiosidade de Randall subiu de grau.

- E foi então que ele dooeceu?

-Como? Ah, não, não dooeceu na minha presença...

- Mas depois de se terem despedido, ele foi para casa e depois dooeceu, não é verdade?
Nova cofiadela de bigode pelo Dr. Jeffries.

- Ora... sim, suponho que foi o que aconteceu. Devíamos reunir-nos de novo à noite para jantar. Eu queria debater em pormenor o trabalho dele como seu consultor. Foi quase à hora de jantar que recebi o obscuro telefonema feito pela noiva de Knight, Miss Hughes. Knight não podia jantar comigo. Não podia tomar conta da sua nova missão. O médico aconselhava-o a nem sequer pensar em aceitar o cargo. Além disso, Knight não podia receber ninguém durante uma ou duas semanas. - O Dr. Jeffries abanou a cabeça compungido. - Mau, muito mau. Desconcertante. Mas não interessa tentarmos saber mais pormenores. Não podemos continuar dependendo de Florian Knight. Mas que faremos então? Suponho que não temos outra alternativa, a não ser substituí-lo, -Voltou-se para Wheeler-Tenho mais dois ou três leitores assistentes que trabalharam conosco. Jovens competentes e estáveis. Suponho que possamos mandar um para servir de consultor ao Sr. Randall. Espero que seja o melhor a fazer. Infelizmente, digo que nenhum deles estará à altura do Dr. Knight, que é um verdadeiro mágico na matéria.

Wheeler levantou-se com um resmungo, e Naomi também se levantou do sofá, secundando o patrão.

-Detesto ter de entrar nessa segunda escolha, professor - disse Wheeler. -Suponho que o caso seja inevitável, mas na verdade existe tanta coisa em jogo que é nosso dever coligirmos as melhores informações possíveis de modo a apresentarmos o nosso Novo Testamento Internacional da maneira mais estimulante. Bem, já tenho pouco tempo para apanhar o meu avião para Amsterdã. Porque é que não discute com Steve os possíveis substitutos para Knight? O Steve pode ficar em Londres, está hospedado no Dorchester. Talvez ele possa entrevistar os outros candidatos amanhã, escolhendo um.

O Dr. Jeffries levantou-se para acompanhar o editor e Naomi até à porta.

- Tivemos pouca sorte, mas posso garantir que farei o melhor que puder e souber para resolver esta ingrata situação - prometeu o Dr. Jeffries. - Tenham boa viagem. Em breve estarei também em Amsterdã.

Wheeler suspirou.

- Sim, tivemos pouca sorte com o Knight. Bom, que tudo corra melhor... E, Steve, não se esqueça de me telefonar amanhã. Avise-me de quando chegará à capital holandesa. Terá um carro à sua espera.

- Obrigado, George.

Randall estava em pé, à espera, quando o Dr. Jeffries voltou para o gabinete.

- Ummm... este assunto da substituição... tenho que pensar bem no caso. Não será fácil conseguirmos o homem adequado. Deixe-me tratar do caso. Quero fazer algumas investigações. Amanhã de manhã, com a cabeça mais fresca, chegaremos a qualquer decisão. Está satisfeito?

- Perfeitamente - disse Randall, apertando a mão do professor. Mas quando estavam já perto da porta, casualmente, perguntou-lhe: - A propósito, Dr. Jeffries, sabe por acaso onde mora a noiva do Dr. Knight? Valerie Hughes, não é como se chama?

-Lamento muito não poder informar, mas posso dizer-lhe que trabalha para a casa Sotheby & Cia. como saberá, é a famosa firma de leilões estabelecida em New Bond Street. Na verdade, recordo-me que Florian me disse certa vez que a conheceu pela primeira vez na Sotheby. Sabe, Knight costuma ir dar uma olhada, habitualmente, para ver se encontra

quaisquer materiais bíblicos que valham a pena. Dentro da exigüidade do seu ordenado é um bom colecionador. Sim, a firma Sotheby foi o lugar onde ele travou conhecimento com a jovem Valerie. O Dr. Jeffries abriu a porta do gabinete.

- Sr. Randall, se andar para aí sem destino e quiser companhia ao jantar, ficarei muito honrado de poder acolhê-lo no meu clube.

-Talvez aceite noutra ocasião, Dr. Jeffries. Mas de qualquer modo fico-lhe muito grato pelo convite. À tarde e à noite vou estar muito ocupado visitando umas pessoas conhecidas que estão aqui em Londres.

CAPÍTULO 2.5

Foi às quatro e meia da tarde que Randall chegou ao seu destino-New Bond Street.

Entre uma loja de antiquário e uma loja de venda de jornais e revistas, cuja tabuleta indicava ser a firma W. H. Smith & Son, situavam-se as duplas portas que levavam ao interior da mais antiga casa de leilões do mundo. Por cima da entrada, montada num suporte, estava a cabeça em basalto de uma deusa egípcia. Randall leu que a cabeça fora certa vez leiloadada, mas como nunca encontrara comprador, os proprietários resolveram montá-la na fachada, empregando a peça como uma espécie de símbolo do negócio, uma marca registrada. Por baixo da deusa, uma tabuleta indicava que era ali a casa Sotheby & Co., e por baixo o endereço e o número de polícia das suas duas portas: 34 e 35.

Randall entrou, atravessou o saguão de mosaicos, pisou o grande capacho com as letras-SOTHEBY 1844 - e atravessou a dupla porta envidraçada. Apoiado no lustroso corrimão de madeira, subiu a escadaria, coberta com uma passadeira verde, que levava à New Gallery. Foi em cima, as salas de exposição tinha muita gente, visitantes que formavam, essencialmente, uma população masculina. Vários cavalheiros se aglomeravam em volta de uma coleção de jóias e vários outros estudando alguns artigos armados de lupas. Viam-se guardas em uniformes azuis, com galões dourados girando por entre os visitantes que, com os seus catálogos verdes abertos, estudavam as telas que em breve seriam leiloadas. Um cavalheiro já idoso estava perto de uma vitrine expositora, aberta, examinando várias moedas raras.

Randall perscrutou tudo muito bem para ver se avistava qualquer empregada, mas não avistou nem sombra de uma mulher. Começava pensando se o Dr. Jeffries não se enganou a respeito do emprego de Valerie Hughes, quando deu fé de que alguém se dirigia a ele.

- Posso ser-lhe útil em alguma coisa, sir? - Quem lhe oferecia os seus serviços era um homem de meia idade, vestindo uma sobrecasaca cinzenta, que devia ser funcionário da firma. De fato, o homem acrescentou: - Sou um dos porteiros. Se houver qualquer coisa em particular que deseje ver...

- Há alguém que eu gostaria de ver - respondeu Randall.

- Miss Valerie Hughes será empregada aqui?

O rosto do porteiro abriu-se num sorriso.

- É, sim senhor. Miss Hughes encontra-se na Seção de Livros, um departamento que fica ao lado da Sala Principal de Leilões. Dá-me a honra de lhe poder servir de guia?

Atravessaram uma sala de leilão adjacente, com as paredes cobertas por feltro vermelho e cheia de visitantes.

- Qual é a posição de Miss Hughes na firma Sotheby's? - perguntou Randall.

- Uma jovem muito inteligente. Durante algum tempo foi recepcionista no balcão da Seção de Livros. Quando alguém traz livros à firma para serem vendidos é atendido por uma

recepcionista que, depois, convoca um dos nossos oito peritos da especialidade para estabelecerem o preço da peça ou do lote oferecido para venda. Evidentemente, Miss Hughes sabia tanto de livros como os nossos mais experientes entendidos. Ora logo que se declarou uma vaga, o chefe da seção promoveu-a a perito legal em matéria livreira. Sir, chegamos à Sala dos Livros.

Tratava-se de uma sala ampla com bustos de Dickens, Shakespeare, Voltaire e outros imortais adornando os cimos das estantes, que, por sua vez, estavam cheias de lotes de obras, atados em maços, que em breve deviam ser postos à venda. No meio da sala via-se uma mesa em forma de U à qual se sentavam os principais compradores durante os leilões e no extremo da mesa, na parte aberta, ficava uma espécie de tribuna que servia para o leiloeiro. Ao lado da tribuna estava colocada uma secretária alta que era utilizada pelo funcionário que recebia o dinheiro dos compradores que cobriam os lances e que passava os recibos e registrava as vendas.

Randall tomou consciência de dois homens de idade e de uma jovem que estavam ocupados tirando livros, talvez em preparativos para a elaboração de um novo catálogo.

- Vou avisá-la - disse o porteiro. - Quem devo anunciar, sir?

- Diga-lhe que me chamo Steve Randall, americano, e que sou um amigo do Dr. Knight.

O porteiro, com as abas da pitoresca casaca a esvoaçarem, dirigiu-se a Valerie Hughes. Randall viu-o murmurar qualquer coisa para a jovem mulher e detectou o olhar intrigado que ela lhe lançou. Finalmente, Valerie, fez um gesto de compreensão com a cabeça, pôs de lado o livro de apontamentos e dirigiu-se para Randall. Com rapidez, Steve avançou ao seu encontro, encontrando-a no meio do caminho, junto da mesa em forma de U.

Tratava-se de uma mulher relativamente baixa e meio gorda. Usava o cabelo cortado curto e liso, grandes óculos, um nariz aquilino, boca que formava uma linha horizontal e uma pele de imaculada.

- Sr. Randall, não é? Estranho porque... eu... nunca ouvi o Dr. Knight mencionar o seu nome.

-O Dr. Knight ouviu ontem pela primeira vez o meu nome pronunciado pelo Dr. Jeffries. Acabo precisamente de chegar de Nova York. Era a pessoa que encontraria com o Dr. Knight para trabalhar com ele em Amsterdã.

- Oh... - disse ela levando a mão à boca. Pareceu ficar assustada. -Foi o Dr. Jeffries, que o enviou?

-Não, o Dr. Jeffries não faz a mais leve idéia de que me encontro aqui. Soube onde era o seu emprego e vim por minha conta. Apresentei-me como um amigo do Dr. Knight, porque desejava ser amigo dele na verdade. Preciso da ajuda do Dr. Florian Knight. Na verdade necessito muito do auxílio dele. Pensei que se me encontrasse consigo, se lhe contasse aquilo que projeto fazer e quanto a assistência do Dr. Knight significará...

- Sinto-me desolada, mas nada disso vale a pena - disse ela com um ar infeliz. - O Dr. Knight está muito doente.

-Seja como for, ouça-me com atenção. Estou certo que ele lhe falou a respeito de... do projeto secreto... bem, julgo que não haverá mal em mencioná-lo pelo nome... Ressurreição Dois... Um nome que o Dr. Knight ouviu ontem mencionar pela primeira vez, não é exato?

- Sim, ele contou-me um pouco... - disse ela hesitante.

- Então ouça-me com atenção - murmurou Randall imperativo.

Começou a relatar-lhe a profissão que exercia, explicando-lhe a razão porque Wheeler o englobava no projeto. Falou da chamada telefônica do Dr. Jeffries na noite passada para bordo do France. O desapontamento da reunião no Museu Britânico e a tristeza e confusão gerais devido ao Dr. Florian Knight não poder tomar conta do novo serviço em Amsterdã.

Randall falou da maneira mais convincente, tentando conquistá-la para o seu lado, mostrando-se o mais amigável e simpático possível, concluindo:

- Miss Hughes, se Florian Knight está realmente tão doente como assegurou ao Dr. Jeffries pelo telefone, nesse caso acredite, não a importunarei mais. Vamos, diga-me, o Dr. Knight está gravemente doente?

Valerie Hughes fixou Randall e os olhos apareceram úmidos por baixo das grossas lentes.

-Não, não está assim tão doente- respondeu vacilante.

-Pode dizer-me o que aconteceu então?

-Sr. Randall, acredite que não posso, não posso. Dei a minha palavra, e o Florian significa tudo para mim.

- Não pensa que ele se interessaria pela Ressurreição Dois?

- Sr. Randall, o que eu penso não conta. Se dependesse de mim, em menos de um minuto ele faria parte da obra, porque esse projeto é exatamente o trabalho mais conveniente para ele. É nessas coisas que é verdadeiramente bom, são elas que representam para ele mais do que tudo na vida. Ajudá-lo-ia muito assistir à conclusão da sua obra. Mas digo-lhe que é impossível convencê-lo do que mais lhe convém. -Mas pode tentar.

Valerie extraiu um lenço do bolso e levou-o ao nariz.

- Oh... não sei, não sei, não sei se me atrevo...

- Deixe-me então tentar.

- O senhor? - pareceu ficar atônita pela sugestão - Du... vido... duvido muito que ele o queira ver, a si ou seja a quem for.

- Ele não quer ver o Dr. Jeffries. Talvez tenha as suas razões para isso. Mas eu sou diferente, sou uma pessoa que respeita o trabalho do Dr. Knight e que necessito muito dele, da sua cooperação.

Por trás das grossas lentes, as pestanas dela tremeram, e, com voz hesitante, disse:

- Suponho que não há nada a perder. Sem dúvida que quero que ele esteja com o senhor em Amsterdã, por amor dele, pelo seu bem. - Naquele rosto rechonchudo foi-se vincando um ar decidido. -Sim, julgo que na verdade vou tentar fazer com que o Florian o receba. Tem um lápis e papel?

Randall tirou da carteira um cartão de visita e estendeu-lhe, juntamente com a sua caneta de ouro.

Valerie rabiscou qualquer coisa no cartão e depois entregou-lhe, bem como a caneta.

-Este é o endereço de Florian em Hampstead... Hampstead Hill Gardens, perto da Pond Street. Provavelmente será uma perda de tempo, mas, vá hoje ao apartamento dele às 8 horas da noite. Eu estarei lá. Se ele não quiser recebê-lo, tanto pior, mas saberá que eu tentei.

- Mas talvez ele me receba.

- Nada me faria mais feliz - disse Valerie Hughes. - Pode crer que ele é realmente uma pessoa encantadora, depois que a gente o conhece direito. Portanto, já sabe, fique de dedos cruzados até às oito. - Pela primeira vez esboçou um sorriso, embora amarelo - E que Deus nos proteja.

CAPÍTULO 2.6

Randall deixara Darlene irritada num cinema perto de Piccadilly, prosseguindo no mesmo táxi o trajeto aparentemente inacabável até Hampstead Hill Gardens.

Da rua sombria, Steve Randall observou o prédio vitoriano, de três andares, com as suas

torres e a sua complicada arquitetura, um prédio de tijolo vermelho. Resguardando a ornamentada porta estendia-se uma espécie de pátio de mau gosto. Ao subir a escada, Randall imaginou que a casa estaria dividida em cinco ou seis apartamentos modestos. O apartamento do Dr. Florian Knight ficava logo em frente ao patamar do primeiro andar. Incapaz de encontrar uma campainha, Randall bateu à porta, sem que obtivesse resposta. Voltou a bater mais vigorosamente. Finalmente, a porta abriu-se surgindo uma perturbada Valerie Hughes, de blusa, saia e sapatos de saltos baixos, fitando-o por trás das suas lentes convexas.

- Deus protegeu-nos? - perguntou por brincadeira.

- Sim, Florian consentiu em recebê-lo - disse quase num cochicho. - Mas por pouco tempo. Concede-lhe alguns minutos. Venha comigo.

- Obrigado.

Seguiu-a através da sala-de-estar de aspecto mofado, com o seu mobiliário usado, gasto, com montes de livros e pastas de arquivos em cima das cadeiras, até chegar a um quarto de dormir estreito, sombrio, apenas iluminado por um abajur colocado na mesa de cabeceira, ao lado da cama de ferro. Randall sentiu dificuldade em penetrar naquela obscuridade. A seu lado ouviu a voz de Valerie.

- Florian, este é o senhor Steve Randall, que veio da América. Valerie afastou-se logo a seguir, para a sombra atrás de Randall, enquanto este conseguiu por fim divisar uma figura semi-deitada na cama, apoiada contra duas almofadas. Florian Knight parecia-se de fato com o retrato que Naomi traçara a bordo. Com a diferença de ter um ar mais esteta, mais excêntrico do que o Aubrey Beardsley mencionado por Naomi. Nesse momento bebericava o que Randall achou que fosse Xerez num copo de vinho.

-Olá, Randall- cumprimentou o Dr. Knight com uma voz seca e algo arrogante. -Você encontrou uma boa advogada na Valerie. Foi apenas curiosidade para ver tal modelo de sinceridade que consenti em recebê-lo. Receio que o encontro seja francamente péssimo, mas seja como for, aqui está você.

- Sinto-me encantado em consentir receber-me - retrucou Randall com decidida afabilidade.

O Dr. Knight pousou o copo na mesa de cabeceira e apontou com uma mão flácida para uma cadeira situada aos pés da cama.

- Pode sentar-se, caso não tome este gesto de hospitalidade como um convite para ficar aqui toda a vida. Julgo que não excederá cinco minutos bem contados, pra gente abordar todos os assuntos que você quiser.

- Obrigado, Dr. Knight.

Randall sentou-se na cadeira designada. Nesse momento, já mais habituado à luz, viu que o homem ainda jovem deitado na cama usava um aparelho auditivo auxiliar. Não se sentia muito seguro a respeito de como começar a conversa, sobre a maneira de penetrar a couraça de hostilidade do jovem professor universitário. Num tom ameno, quebrou o silêncio.

- Fiquei penalizado ao ouvir dizer que o senhor estava doente. Espero que se sinta melhor.

- Nunca estive doente. Foi uma mentira. Uma coisa para afastar o nosso vão e falso amigo, Dr. Jeffries. Quanto sentindo-me melhor... Posso dizer-lhe que não me sinto, que estou pior do que nunca.

Randall percebeu que não havia tempo para cortesias, teria de ser o mais franco e direto possível.

-Olhe, Dr. Knight, não faço a mais leve idéia porque é que o senhor se sente assim. Sou

uma pessoa estranha ao serviço. Resumindo, posso dizer-lhe que me meti em algo que desconheço em absoluto. Mas seja o que for, espero que as coisas se resolvam, porque preciso de si. Foi-me dado pouquíssimo tempo para preparar a publicidade e promoção daquilo que parece ser uma nova e notável Bíblia. Embora seja filho de um clérigo, os meus conhecimentos sobre o Novo Testamento ou sobre a teologia são tão reduzidos e incompletos como os da maioria dos leigos. Preciso desesperadamente de auxílio, e avisaram-me logo de início que o senhor era a única pessoa que me daria a colaboração necessária. Por outro lado, penso também que seja qual for a reivindicação que tenha contra o Dr. Jeffries não é preciso que ela interfira no nosso trabalho em conjunto em Amsterdã.

O Dr. Knight bateu as suas nervosas e flácidas mãos num aplauso fingido.

- Lindo sermão, Randall. Mas, tenha certeza que não foi suficiente para me convencer. Juro-lhe que pode apostar à vontade, como nunca mais me comprometerei a qualquer coisa em que está envolvido um filho da mãe como o Dr. Jeffries. Não me venham com puxa-saquismos que não vale a pena. Nunca mais servirei de capacho a esse pomposo filho de puta.

Randall viu perfeitamente que já não havia mais nada a perder, por isso perguntou rigidamente:

- Mas afinal o que é que você tem contra o Dr. Jeffries?

- Ah! diga antes o que é que eu não tenho contra esse suíno fétido e peçonhento! - O olhar do Dr. Knight ultrapassou Randall e dirigiu-se para o escuro. - Podemos encher-lhe os ouvidos, hem, Valerie? - Soergueu-se na cama com um grito de dor. - Meu querido camarada, eis o que eu tenho contra Jeffries. O Dr. Bernard Jeffries é um asqueroso e monumental mentiroso, que abusou de mim pela última vez.. Estou cansado de lhe servir de cabide, de ser sempre lançado para a sombra, enquanto ele se eleva cada vez mais à minha custa. Ele mentiu-me, Randall. Fez-me perder dois preciosos anos da minha vida. E nunca perdorei a nenhum homem uma coisa dessas.

- Mas o que foi? - insistiu Randall. - O que é que ele fez?

-Fale mais alto, por amor de Deus - disse o Dr. Knight, apontando para o aparelho auditivo. - Não vê que sou surdo?

- Desculpe - disse Randall, elevando a voz. - Tento descobrir o que é que o Dr. Jeffries lhe fez. Será porque ele só ontem lhe disse a verdade a respeito do trabalho de investigação que você fazia?

-Randall, coloque-se no meu lugar, se é que pode. Bem sei que não será difícil para um americano abastado colocar-se no lugar de um teólogo mal pago e com um defeito físico. No entanto, ponha-se no meu lugar, se puder. - A voz tremia-lhe de ira e de desgosto. - Faz dois anos, Jeffries convenceu-me deixar minha confortável posição em Oxford para me deslocar a esta suja cidade poluída e viver neste bolorento apartamento a fim de trabalhar para uma obra que ele preparava e que seria um livro de impacto. Em troca, fez-me certas promessas, sem intenções de cumprir. Não obstante, eu confiei cegamente nele. Não hesitei, tornei-me seu escravo, sem me importar com isso. Adoro o campo do nosso trabalho de pesquisa, sempre o adorei e sempre hei de adorar. Pus na obra toda a minha garra, toda a minha devoção, todo o meu sangue, para saber ontem, de um momento para o outro, que tudo foi um logro. Para saber que esse homem em quem eu acreditava e tinha fé fora uma criatura que nunca acreditara em mim, que nunca tivera confiança em mim. Para me revelar pela primeira vez, que todo o meu trabalho, todo o meu esforço, não seria empregues naquilo em que eu pensava, mas sim na tradução de

um novo evangelho, uma Nova Bíblia revolucionária. Tratou-me com tal desrespeito, com tal desprezo, mesmo... fez com que ficasse louco de raiva.

- Posso perfeitamente compreender isso, Dr. Knight. No entanto, você próprio admitiu que gostou do trabalho, e já que estamos nesse campo, realizou na verdade uma grande obra, tal como o Dr. Jeffries admitiu sinceramente quando o louvou... sim, na verdade fez um excelente trabalho por uma causa importante.

- Para que causa? - perguntou com sarcasmo o Dr. Knight. - Esse maldito papiro e os fragmentos de pergaminho achados em Ostia Antica? A revelação de um Jesus Cristo humano? Espera que eu acredite numa história dessas, só porque me foi contada pelo Dr. Jeffries?

Randall franziu o cenho.

- São coisas que foram autenticadas pelos mais destacados peritos tanto da Europa como do Médio Oriente. Com certeza estou pronto a aceitar...

O Dr. Knight interrompeu-o bruscamente, cortante como uma faca:

- Você não vê um palmo à frente do nariz nessa matéria. É um amador e pertence a lista de pagamentos deles. Você acredita naquilo que lhe disseram para acreditar.

- Nada disso - disse Randall, o mais suavemente que lhe foi possível, controlando-se. - Nem por sombras. Acredito no projeto através das provas, pelo que vi e ouvi. Posso declarar-lhe que não tenho qualquer razão para duvidar ou depreciar a obra de Ressurreição Dois. Creio que não está insinuando que a descoberta...

-Não estou insinuando nada - interrompeu o Dr. Knight com exceção disto: nenhum erudito sobre a Terra sabe mais a respeito do Jesus histórico, do seu tempo e da terra em que viveu do que eu... nem o Jeffries, nem o Sobrier, nem o Trautmann, nem o Riccardi. Estou declarando que mais ninguém estaria no primeiro plano desse projeto, que ninguém merecia mais do que eu tomar conta dele. Do que eu, percebe bem, do que eu: Florian Knight! Até que veja essa maldita descoberta com estes olhos que a terra há de comer, até que examine a meu contento, digo-lhe que não aceito a coisa. Até agora tudo o que me revelaram não passa de onda.

-Nesse caso, venha comigo para Amsterdã e faça o seu teste, Dr. Knight-disse Randall.

-Demasiado tarde - proferiu Dr. Knight - Demasiado tarde - caiu para trás, nas almofadas, fatigado e pálido. Sinto muito, Randall. Nada tenho contra si. No entanto, não me constrange, ser objeto de aluguel como consultor na Ressurreição Dois. Não sou nenhum destruidor de mim mesmo, nenhum masoquista. - Passou uma mão, tremendo, pela testa.

- Valerie, estou outra vez transpirando. Sinto-me bestialmente fatigado...

Valerie aproximou-se da cabeceira da cama.

- Estás martirizando-se, Florian. Deves tomar outro sedativo e repousar um pouco. Vou ensinar o caminho ao Sr. Randall. Volto já.

Agradecendo Florian Knight por conceder-lhe entrevista, embora sentindo grande relutância em partir sem conseguir seu objetivo, Randall seguiu Valerie para fora do quarto, atravessando a sala de estar até à porta.

Desconsolado, atravessou o pequeno patamar, já descendo as escadas, quando percebeu que a moça ainda o acompanhava.

- Espere por mim no Roebuck - murmurou ela apressadamente. -É o local onde vamos, o bar que fica na esquina com a Pond Street. Não esperará mais do que vinte minutos. Eu... eu penso que é melhor dizer-lhe uma coisa a respeito de Florian.

CAPÍTULO 2.7

Eram nove e quarenta e cinco e ainda esperava Valerie.

Estava sentado no banco de madeira junto à parede, muito perto das portas de vidro da entrada. Embora não tivesse fome, encomendou uma empada de presunto e vitela, mais para matar o tempo do que a fome. Comeu um ovo cozido, um pouco de vitela e presunto do recheio e principalmente a parte da crosta da empada.

Ociosamente, observava a mais jovem das duas mulheres que tomava conta do balcão do bar do Roebuck, entretido a vê-la encher uma caneca de cerveja, esperando que a espuma se dissipasse um pouco para, novamente, encher a caneca até às bordas. A cerveja parou nas mãos de um cliente solitário sentado num banco do balcão, um homem já de idade, com o tradicional traje londrino dos operários, o qual mastigava um pouco de salsicha espetado num palito.

Randall interrogava-se outra vez sobre que raio pretendia dizer Valerie à saída, quando lhe cochichara: Penso que é melhor dizer-lhe uma coisa a respeito de Florian.

O que ficou por ser dito?

Pensava também porque diabo se demoraria tanto. Nesse momento as portas de vidro abriram-se e eis Valerie em frente dele. Randall levantou-se rapidamente, tomou-lhe o braço e acomodou-a no banco a seu lado.

-Peço-lhe que me desculpe a demora. Tive que esperar que ele adormecesse.

- Quer comer ou beber alguma coisa?

-Talvez um chope pequeno, se me acompanhar.

- Claro que sim. Mas prefiro uma caneca.

Valerie chamou a garçonete que servia às mesas. -Duas Charrington! Uma grande e outra pequena! -Quero que me desculpe se fui perturbar o Dr. Knight disse Randall.

- Oh, ele estava muito pior ontem à noite e hoje durante o dia, antes da sua visita. Fiquei satisfeita por lhe falar tão francamente. Ouvi tudo o que disseram e é por isso mesmo que lhe quero falar em particular.

-Disse-me na escada que me revelaria uma coisa.

-E quero.

Esperaram até que a garçonete os serviu. A caneca de cerveja amarga colocou diante de Randall. Valerie já bebia sua dose mais reduzida. Finalmente, ela pousou o copo na mesa.

-Deu fé de alguma coisa curiosa entre aquilo que Florian lhe disse?

-Sim. Desde que me sentei aqui que penso em tudo o que ouvi. Ele falou das promessas feitas pelo Dr. Jeffries e que não cumpriu. Falou de não querer participar na Ressurreição. Dois por não ser um indivíduo auto destruidor nem masoquista. Falou de se servirem dele, de não confiarem nele, todavia, não compreendo como é que tudo isso lhe despertou uma ira tão grande que resolveu abandonar tudo, por aquilo que parece ser apenas um pouco de vaidade ferida. Coordenando idéias, parece-me que deve haver muito mais do que vaidade ferida.

-E tem toda razão - disse Valerie com simplicidade.- Há mais, muito mais do que isso e precisamente vim aqui para lhe revelar se me prometer guardar segredo.

-Prometo.

-Muito bem, tenho pouco tempo. Ainda preciso cuidar de Florian e ver se durmo um pouco. O que vou revelar é para o bem de Florian, por amor à sua sobrevivência. Estou convencida que não o estou traindo.

- Dei-lhe já a minha palavra de honra. Esteja certa que esta conversa fica só entre nós.

O rosto gorducho de Valerie tomou uma expressão solene e a sua voz adquiriu uma

tonalidade nova.

- Sr. Randall, Florian é mais surdo do que ele deixa perceber. O aparelho auditivo possibilita a comunicação com ele, mas não é verdadeiramente eficaz. Florian consegue desvencilhar-se porque aprendeu já há tempo lendo os movimentos dos lábios. Ele pode fazer tudo aquilo em que se meta. Creio sinceramente que ele é um gênio. Seja como for, tanto quanto me é acessível, sei que ambos os ouvidos médios de Florian sofreram grandes danos devido a uma infecção ocorrida na pré-adolescência. A única possibilidade de cura reside na cirurgia e transplantação... talvez numa longa série de operações: um processo cirúrgico que se chama timpanoplastia.

-Mas poderá a sua audição melhorar completamente?

- O otorrino de Florian pensa que sim, mas o processo cirúrgico e a possível série de operações e enxertos são coisas que exigem muito dinheiro. É na Suíça que se encontra um dos melhores cirurgiões na matéria. Ora acontece que tais despesas ultrapassam as poucas posses de Florian, tanto mais que é com dificuldade que ele consegue viver. Além disso, ainda auxilia a mãe, uma viúva, que vive em Manchester e que depende inteiramente do filho. Já me ofereci para o ajudar - com o pouco que tenho e posso - mas ele é demasiado orgulhoso para aceitar. O senhor viu como ele vive. Aquele apartamento de três divisões custa-lhe oito libras semanais. Precisa de um carro, seja de que marca e em que estado for, desde que ande, mas o dinheiro não lhe dá para isso. Por todo o seu brilhantismo, por ser um assistente de teologia e um preciosíssimo colaborador do Dr. Jeffries, consegue apenas auferir a miséria anual de três mil libras. Já pode imaginar até onde ele poderá ir com tal rendimento. Conseqüentemente, Florian decidiu ganhar mais dinheiro, valendo-se das suas aptidões. A surdez constitui também para ele um dos maiores problemas, não só devido às dificuldades que às vezes lhe causa e que são empecilhos ao seu trabalho, como também pelo efeito psicológico que nele exerce. A desvantagem irrita-o. De modo que o principal objetivo dele é ganhar dinheiro suficiente para se submeter às operações. Depois disso, ele... bem, gostaria de casar comigo e fundar uma família. Compreende?

-Sim. Compreendo.

-A sua grande esperança era que o Dr. Jeffries, seu superior hierárquico, se retirasse antes da sua aposentadoria oficial, setenta anos, o que daria a Florian uma possibilidade de ser professor titular da cadeira de Hebreu. Era uma esperança, mas há dois anos tornou-se uma promessa. Na verdade o Dr. Jeffries prometeu a Florian que se ele viesse para o Museu Britânico como leitor seria devidamente compensado, compensado com a aposentadoria antecipada do Dr. Jeffries e com a recomendação de Florian ser nomeado para o substituir na cátedra. A promoção significaria salário suficiente para Florian se tratar e casar. Com tais objetivos em mente, Florian sentiu-se encantado por se dedicar aos assuntos do Dr. Jeffries aqui em Londres. Não demorou muito tempo que Florian não começasse a ouvir uns zunzuns inquietantes - provenientes de uma fonte informativa responsável - de que o Dr. Jeffries mudara de idéia a respeito de se aposentar. A razão para tal era relacionada com uma ambição de caráter político. Segundo o que Florian ouviu, o nome do Dr. Jeffries cogitava-se como um dos principais candidatos à presidência do Conselho Mundial das Igrejas, com sede em Genebra. A fim de promover a sua candidatura o Dr. Jeffries manteria sua cátedra em Oxford tanto quanto pudesse.

- Como uma fachada para impressionar?

- Exatamente. O pobre Florian ficou desorientado. Mas como não verificou a veracidade daquilo que ouvira manteve viva a esperança de que o Dr. Jeffries se retiraria como lhe

prometeu. No entanto, como medida de precaução e para não se sujeitar a uma coisa de caráter tão duvidoso, empreendeu outro plano para arranjar dinheiro. Ele sempre ambicionara escrever e publicar uma nova biografia de Jesus Cristo, baseada naquilo que atualmente se conhece de Jesus - a partir dos evangelhos, de fontes não-cristãs, a partir de especulações tecidas pelos teólogos - e também com base em deduções originais do próprio Florian. Nesse sentido, iniciou a obra há dois anos, trabalhando todas as manhãs e tardes para o Dr. Jeffries, empenhou-se numa escravidão e todas as noites até à meia-noite, labutando todos os feriados, quase todos os fins de semana, sacrificando até as férias. Mas fez suas investigações e escreveu o seu livro. Uma maravilha de obra que intitulou Cristo sem Enfeites. Há uns quantos meses, Florian mostrou uma parte do manuscrito a um dos principais editores ingleses, que ficou tremendamente impressionado. Concordou em assinar um contrato com Florian e dar-lhe uma grande quantia de adiantamento suficiente para operar, suficiente para nos permitir casar- contra a entrega completa da obra. Pois bem, Florian já acabou a obra e estava precisamente fazendo o trabalho de revisão final. Projetava entregar o manuscrito acabado no prazo de dois meses, assinar o contrato e preparava-se para começar a viver uma vida confortável ... ou antes, uma vida sem preocupações imediatas, sem dívidas... depois de uma eternidade como escravo. Nem lhe posso descrever como ele se sentia feliz. Até que ontem...

- Quer dizer, quando o Dr. Jeffries lhe revelou ... ?

- Sim, quando o Dr. Jeffries lhe revelou o segredo do achado em Ostia Antica. Quando lhe revelou a existência, em processo de impressão, da Nova Bíblia Internacional e todos os fatos até agora desconhecidos a respeito de Jesus Cristo, preparados para revelarem ao público. Para Florian foi como se lhe dessem uma pancada na cabeça com uma marreta. Ficou esmagado, em absoluto estado de choque. Toda a sua energia, até ao menor alento, por causa dos seus sonhos e esperanças, devotou ao Cristo sem Enfeites e agora, com a recente descoberta, com essa nova Bíblia, a preciosa biografia de Florian, escrita à custa de tanto sacrifício tornou-se obsoleta, impublicável sem significado. Mas o que mais o amargura ainda é que se lhe contassem as coisas dois anos atrás ele não teria gasto as suas energias nem posto as suas esperanças no livro. Pior ainda, pensa que o Dr. Jeffries, inconscientemente, o utilizou para ajudar nas pesquisas e para traduzir uma obra que é a destruidora da sua biografia de Cristo e que lhe põe abaixo o futuro como um castelo de cartas soprado por uma criança. Por tudo isto creio que avaliará bem aquilo que ontem aconteceu a Florian, compreender porque é que ele está doente, porque não queria ver ninguém, porque só com muita dificuldade consegui que o recebesse e porque se recusa, na sua amargura, a seguir como consultor para Amsterdã, não é verdade?

Steve Randall, sem saber que responder, desolado, fixava a sua caneca de cerveja.

- Foi uma coisa terrível, pavorosa - conseguiu finalmente murmurar. - Não sei dizer-lhe como me sinto angustiado e como lamento o caso, julgo que se uma coisa dessas me sucedesse, nem sei bem o que faria... talvez me suicidasse.

- Florian tentou - disse Valerie. - Não...vou dizer-lhe como... mas afinal que diferença faz isso agora? Sim, ontem, depois de deixar Dr. Jeffries, voltou tão desesperado para o apartamento que engoliu uma dezena, talvez duas dezenas, de comprimidos para dormir, atirando-se para cima da cama disposto a morrer. Afortunadamente eu combinei encontrar-me com ele, para ver se o obrigava a comer qualquer coisa. Tenho uma chave. Entrei e dei com ele em cima da cama, inconsciente. Logo que vi o frasco vazio, telefonei para o médico da minha mãe - foi ele que me trouxe ao mundo - sabia bem que ele me auxiliaria. O médico correspondeu imediatamente à chamada e conseguiu salvar Florian.

Graças a Deus. Florian esteve muito mal durante toda a noite, mas hoje começou já a recuperar.

Impulsivamente, Randall estendeu a mão e colocou-a por cima da mão da jovem, numa carícia.

-Valerie, não encontro palavras para lhe exprimir aquilo que sinto.

Ela fez um gesto de compreensão, sorrindo timidamente.

- Eu sei como se sente. O senhor é uma pessoa decente.

- Peço desculpa de ter aborrecido esta noite o Dr. Knight. Não serei eu a censurá-lo por não querer nada com o nosso projeto.

-Oh, mas é nisso que o senhor se engana - disse Valerie com repentina animação.- Se não visitasse Florian esta noite, eu não estaria aqui para lhe contar o que farei a seguir. Julgo que é o momento próprio para que o Florian se distraia, se mantenha ocupado, se liberte pelo trabalho. Sinto que se torna necessário - absolutamente necessário - que ele faça parte da vossa Ressurreição Dois. Antes da sua visita, pensei que não haveria possibilidade, mas quando o senhor esclareceu o assunto, eu observava a expressão do rosto de Florian, a maneira como ele falava. Conheço todas as tonalidades e mutações da sua voz. Conheço-o tão intimamente que, seja lá o que diga, sei perfeitamente o que na verdade sente. Ouvi-o dizer que não rejeitava por completo a descoberta de Ostia Antica. Também o ouvi dizer que só acreditaria no achado se visse os documentos em primeira mão. Conheço Florian, e sei todos os sinais de quando ele se afunda e de quando começa a regressar à vida. E os sinais de há muito eram de regresso, de vontade de sobreviver. O que acontece é que estava ainda demasiado zangado, sentido, para admitir o seu desejo de participar na Ressurreição Dois.

-Quer então dizer que...

Valerie apresentou-lhe o seu raro sorriso, sempre com um cunho de tristeza.

-Que Florian confia em mim completamente. Posso influenciá-lo fazendo quase tudo o que eu quiser. Bem, quero que ele esteja na Ressurreição Dois consigo. Acredito sinceramente que ele, sob aquela aparência de orgulho ofendido, deseja participar do trabalho. Verei se consigo fazer com que vá junto para Amsterdã, e estou quase certa em conseguir o que pretendo e o que é melhor para Florian. Não digo partir já, mas, dentro de uma semana. Ele precisa de uma semana para se recompor. Passada essa semana, o senhor tê-lo-á junto de si, amargurado, rezingando, resistente, inconformado, todavia, adorando cada momento de trabalho e realizando com toda a consciência e eficiência o que o senhor pretende. Ele irá para Amsterdã, dou-lhe minha palavra de honra. Obrigada pela sua paciência em aturar-me... e... pelo copo de cerveja na sua companhia. Tenho que correr.

Foi só muito mais tarde - depois de encontrar um táxi em Hampstead, anotando na sua memória que não se esquecesse de telefonar ao Dr. Jeffries dizendo-lhe que já tinha o seu tradutor-consultor - que Randall desdobrou a edição vespertina do London Daily Courier.

Na primeira página, a manchete em três colunas saltou-lhe aos olhos:

MAERTIN DE VROOME REVELA SURPREENDENTE, DESCOBERTA DE UM NOVO TESTAMENTO. CONDENA A NECESSIDADE DE OUTRA BÍBLIA. CONSIDERA O PROJETO «INÚTIL E IRRELEVANTE».

A cidade de origem do telegrama era Amsterdã. Logo a seguir da data lia-se: «Exclusivo do nosso correspondente exclusivo, Cedric Plummer. Primeiro artigo de uma série de três».

Todo aquele segredo e de repente aquela bomba - pensou Randall.

Com o coração num ritmo acima do normal, à fraca luz do táxi, começou a percorrer o

artigo.

Plummer obtivera, em exclusivo, uma entrevista com o já popular revolucionário da igreja protestante, o Reverendo Maertin de Vroome, de Amsterdã. O augusto clérigo, um homem muito discutido no momento pelas suas idéias, declarara que conseguira obter, de fonte fidedigna no próprio seio do projeto, informação de estar em preparação a tradução de um Novo Testamento baseado numa recente descoberta arqueológica. O Novo Testamento seria apresentado ao público por um poderoso sindicato internacional de editores reconhecidamente especuladores e sempre em busca de grandes e fáceis lucros, editores que contavam com o apoio de ambiciosos elementos ortodoxos da periclitante igreja universal.

O artigo citava as declarações do Reverendo de Vroome:

-Não necessitamos de mais um Novo Testamento para tornar a religião pertinente neste mundo em mutação. Do que precisamos são reformas radicais na religião e no seio da própria igreja, modificações no clero bem como nas interpretações das Escrituras, para que a religião tenha significado e seja perceptível. Fé em tempos tão perturbados requer algo para além de novas Bíblias, de novas anotações, de novas traduções, ainda que baseadas em mais outra descoberta arqueológica, de modo que encontrem verdadeiros valores para a humanidade. A Fé requer uma nova casta de homens de Deus que trabalhem a favor do homem à face da terra. Resolvemo-nos ignorar ou boicotar tal continuado comercialismo da nossa crença. Decidamo-nos resistir a mais outro inútil e inoportuno Livro Sagrado e, em vez disso, tornemos pertinente a mensagem do simbólico Jesus familiar ao povo sofredor de todo o mundo.»

E a entrevista continuava, com mais palavras sempre batendo a mesma tecla. Mas em parte alguma se inseria o mais ligeiro fato que tomasse como concreto. Nenhuma menção a Ostia Antica, nenhuma menção à Ressurreição Dois, nenhuma menção ao nome do Novo Testamento Internacional.

O Reverendo Maertin de Vroome ouvira tão somente o primeiro rumor e aquela entrevista era o seu aviso inaugural aos membros da igreja oficial a trombetear-lhes que estava pronto para o combate.

Randall dobrou o jornal. Afinal de contas, Wheeler não exagerara a necessidade de segurança. Com um poder como o que representava de Vroome, já em cima deles, o futuro do projeto correria extremo perigo. O próprio Randall, como um dos componentes do projeto, sentia-se ameaçado e desalentado.

E logo a seguir um novo pensamento contribuiu para o enervar ainda mais.

Acabava precisamente de se responsabilizar por levar para Amsterdã um jovem homem amargurado e ressentido que se chamava Florian Knight. Se Maertin de Vroome era um inimigo da Ressurreição Dois, nesse caso o clérigo revolucionário encontraria um grande aliado no Dr. Knight, um homem que odiava o projeto talvez por razões mais concretas e mais imediatamente perigosas.

Por enquanto, de Vroome não penetrara ainda nas defesas internas da Ressurreição Dois, mas qualquer dia, com a presença do Dr. Knight em Amsterdã, o reformador religioso radical, talvez acabasse por encontrar o seu Cavalo de Tróia.

Randall pensou o que faria.

Decidiu que observaria e esperaria para ver se o Cavalo de Tróia destinava-se permanecer de entranhas vazias ou se se transformaria num transporte de elementos destruidores para aquilo que acabara por se lhe tornar a sua última esperança na terra.

CAPÍTULO 3

Do seu lugar, junto ao corredor do jato da K L M, Randall debruçou-se sobre Darlene a tempo de vislumbrar uma parcela, lá muito embaixo, de Amsterdã. A grande cidade holandesa assemelhava-se a uma bandeja de xadrez irregular, cinzento e ferruginoso, com os quadrados preenchidos por torres em espiral e edifícios achatados, marcado pelas linhas brilhantes e líquidas dos velhos canais.

Durante o período negro da sua vida, ainda com Bárbara, estivera em Amsterdã durante dois dias e observara o grande roteiro turístico impacientemente: a praça principal conhecida como a Dam, o centro comercial chamado Kalverstraat, a Casa de Rembrandt e os quadros de Van Gogh no Stedelijk Museum.

Agora na sua poltrona de bordo, avaliava aquele regresso. O que o esperava lá embaixo prometia uma vida nova. Até mesmo a pendente ameaça implícita naquele jornal londrino que lera a noite passada, a entrevista feita por alguém chamado Plummer com o formidável Reverendo Maartin de Vroome, acrescentava um ar de acaso e incerteza, e também de estímulo, à sua visita à grande cidade dos Países Baixos. No âmbito daquele bandeja de xadrez que se avistava lá embaixo, movimentavam-se, uma contra a outra, duas forças antagônicas e secretas: as legiões ortodoxas da Ressurreição Dois, preparadas para salvar e reforçar a fé existente, contra um revolucionário chamado de Vroome, que pretendia assassinar Jesus Cristo tradicional e destruir uma igreja que existia desde o século I.

Randall sentia-se intimamente divertido pela maneira simplista, preto e branco, com que alinhara de um lado os bons e do outro os maus, tal como impulsionar o produto de um seu anunciante contra os competidores, no mercado, ou preparar-se para fazer uma declaração de impacto à imprensa. Todavia, estava há muito tempo condicionado para se manter leal a um cliente, e essa lealdade continuava a sobrepor-se a tudo.

Pensou se Wheeler e os outros leram a clamorosa entrevista de Plummer, e quais eram as suas reações perante a história que merecera as honras de primeira página. Pensou também se seria conveniente mencionar o escândalo quando se encontrasse com o dono da Editora Missão, que estaria à sua espera no Aeroporto Schiphol, com um carro preparado a fim de seguirem para a cidade. Acabou por decidir que tais pensamentos eram pura perda de tempo. Claro que sim, Wheeler e os outros deviam já ter conhecimento do artigo de Plummer.

Cinco minutos depois, o avião aterrizou suavemente numa das pistas, rolou com lentidão até seu terminal. Randall e Darlene desceram a escada móvel. Dentro do trilho rolante, percorreram a distância abrangida, talvez por cinco campos de futebol e entraram na sala da alfândega. O sinal no vidro amarelo do computador eletrônico made in Italy, onde se lia SOLARI 5, orientou Randall para localizar a bagagem que acabava precisamente de chegar na correia transportadora. O oficial alfandegário holandês, devidamente uniformizado, aproximou-se, soando as suas botas nos mosaicos que cobriam o chão. Voltou para Randall e Darlene um rosto aberto, num sorriso simpático.

- Americanos?

Procedeu ao habitual e rotineiro questionário.

- Ah, Sr. Randall, avisaram-me para o esperar. Por favor, sigam em frente.

Seguindo o carregador, Darlene suspirou aliviada.

- Estava com medo que eles descobrissem os pacotes de cigarros que trouxe como prevenção.

Logo que chegaram ao saguão de entrada, Randall sentiu-se momentaneamente perdido. Parecia-lhe que estava metido dentro de uma pequena jaula de vidro rodeada por uma jaula maior. Darlene puxou-lhe pela manga do casaco desportivo.

- Devemos cambiar dinheiro? - perguntou ela apontando para uma máquina automática de trocos.

- Wheeler tratou disso - respondeu Randall, que lançando um olhar à volta de si, disse: «Mas onde diabo é que ele estará?

Depois, vendo passar uma jovem aeromoça da K L M, de rosto fresco e sorridente, no seu uniforme azul e com luvas brancas, impecáveis, fez-lhe um sinal e perguntou:

-Onde é que encontramos um amigo que está à nossa espera?

A aeromoça guiou-os até à mais próxima das quatro gigantescas portas de vidro que atravessavam a parede também de vidro e levavam a uma área exterior.

Wheeler, imenso, bojudo, fanfarrão, já dirigia-se para eles em grandes passadas.

- Bem-vindos a Amsterdã! - gritou. Depois, num tom mais moderado, quase em segredo, disse para Randall: - Quero que conheça o presidente da nossa editora, o homem primeiro da Ressurreição Dois, o distinto editor religioso de Munique... ele insistiu em vir...

Randall deu fê subitamente de outra presença que fazia com que Wheeler perdesse grande parte da sua imponência. Era um cavalheiro de aspecto digno que teria pelo menos um metro e noventa e dois de altura. O cavalheiro tirou o chapéu, descobrindo a cabeça com cabelos brancos, já ralos; uma cabeça parecida com uma bala de canhão. Usava óculos de grossos aros de tartaruga que lhe revelavam, atrás das lentes, uns olhos vivos. O nariz era pontudo e o seu sorriso descobria uns dentes largos, cobertos por uma película amarelada.

- O Dr. Emil Deichhardt - anunciou Wheeler, apresentando Steven Randall e Darlene Nicholson.

O Dr. Deichhardt inclinou-se galantemente e fez o gesto simbólico de beijar a mão de Darlene, mal a tocando com os lábios, engolfando a seguir a mão de Randall dentro da imensa concha da sua destra, ao mesmo tempo que dizia num inglês gutural mas correto:

- Estamos encantados de tê-lo conosco em Amsterdã, Sr. Randall. Consigo a nossa equipe está completa. A partir de agora estamos aptos a apresentar o nosso esforço de tantos anos a todo mundo da maneira mais eficaz possível. Sim, Sr. Randall, a sua reputação chegou-nos primeiro do que a sua presença física.

Wheeler começou a impeli-los para fora do saguão, dizendo: -Não há tempo a perder. Vou levá-los direto ao Hotel Amstel, o melhor da cidade, onde se alojam bastantes dos componentes da nossa administração. Logo que você, Randall, desfaça a sua bagagem, queremos que se dirija ao nosso quartel-general. Queremos que tome posse das suas instalações, que conheça alguns dos mais importantes elementos do nosso pessoal. Depois disso - à uma hora, Emil? - você almoçará com os cinco editores do projeto e com os seus conselheiros teológicos... que estarão todos presentes, com exceção do Dr. Jeffries, que como sabe só chega daqui a alguns dias. Ah, é verdade, o seu telegrama foi quase uma bomba, dando-nos a certeza de recrutar Florian Knight. Mais tarde há de contar-me como é que conseguiu isso. Você é um vendedor nato, não é? Pronto, cá estamos. Está ali o carro.

De fato lá estava o sólido Mercedes-Benz, junto a um enorme vaso de flores, esperando à entrada da pista suspensa. O motorista holandês tinha as duas portas escancaradas. Randall seguiu Darlene para a retaguarda, onde se lhes juntou o Dr. Deichhardt. Wheeler ocupou o lugar ao lado do motorista.

Deixaram para trás a gigantesca torre de radar de controle do Schiphol, passaram por uma estátua moderna, em basalto negro, sem identificação, rolaram por um túnel com ótima iluminação e chegaram por fim à excelente auto-estrada para Amsterdã. Dentro do carro as conversas tinham um tom inconsequente, a maior parte entre Wheeler e Deichhardt a respeito de planos editoriais, e uma vez ou outra, dirigia-se à Darlene a respeito do panorama, mas Randall mal lhes prestava atenção.

Preferia poupar-se, conservar suas energias antes de ser absorvido pela novidade do lugar e pelas novas pessoas a conhecer naquele seu primeiro dia de Amsterdã. A corrida desde o aeroporto durou trinta minutos. O dia estava bom, quase quente e os campos e blocos de residências à beira da estrada estavam banhados de sol. Pouco antes de deixarem a auto-estrada, Randall avistou um complexo fabril com um grande anúncio a indicar MM, logo a seguir entraram nas movimentadas ruas da cidade e surgiram os sinais luminosos de trânsito e as placas indicativas dos locais onde lia JOHAN HUIZIGALAAN, POSTJESWEG MARNIXSTRAAT e numa esquina movimentada o nome ROZENGRACHT.

Ouviu Deichhardt falar a Darlene:

-A casa de Anne Frank fica perto. Este canal está mais alto em relação ao nível do mar 40 centímetros do que o aeroporto. Na verdade a maior parte da cidade está abaixo do nível do mar. Estes holandeses são realmente um povo muito trabalhador. Rozengracht... a radical gracht significa canal, e para sua informação straat e weg querem dizer rua... e plein, uma palavra que se lhe tornará familiar, quer dizer praça, ou se preferir plaza, tal como Thorbeckplein, que é simplesmente Praça Torbeck. Bitte, vê aquele bonde que vai à nossa frente? Vê a caixa vermelha na retaguarda?

Randall olhou para a frente, observando o longo bonde bege que os atrasava na marcha.

- Aquilo é uma caixa de correio - continuou Deichhardt- Os cidadãos de Amsterdã depositam a correspondência naquelas caixas. Muito funcional, hem?

O Mercedes virou e seguia agora ao longo da Prinsengracht, depois ao longo das margens do rio Amstel. Randall teve um vislumbre das embarcações com obras superiores em vidro para excursionistas que deslizavam pelos tranquilos canais, a contínua corrente de trânsito dos holandeses montados nas suas bicicletas simples e motorizadas; e metidos nos seus carros compactos, na sua maioria DAF de fabricação nacional, Fiats ou Renaults. Randall sentiu-se como se viajasse num tanque. Observou os robustos prédios em tijolo passarem vertiginosamente. Parecia-lhe que nunca estivera naquela cidade.

Passavam nesse momento por uma grande ponte, em velocidade moderada forçando o motorista dobrar à esquerda.

- Chegamos finalmente - disse Wheeler, voltando-se para trás. -A residência exata é Professor Tuipplein, número Um. Eis o Amstel Hotel situado neste pequeno beco sem saída. Um dos mais excelentes estabelecimentos hoteleiros da Europa. Trata-se de um edifício do século dezenove. Muito elegante. Quando a Rainha Juliana e o Príncipe Bernardo celebraram as bodas de prata do seu casamento, com toda a nobreza do Velho Continente assistindo, o escolhido foi o Anistel. Temos uma surpresa para Randall. O Dr. Deichhardt e eu conseguimos-lhe as melhores instalações do hotel, o apartamento real, o mesmo que a rainha utiliza quando tem necessidade. Nós vivemos em quartos de garçons comparado com as suas esplêndidas salas.

- Os meus agradecimentos, mas não precisava tanto disse Randall.

- Bem, nós não somos assim tão altruístas, não é verdade, Emil? - disse Wheeler piscando o olho para o editor alemão. E depois para Randall: - O nosso sacrifício obedeceu a um princípio metódico. A partir deste momento só uma coisa conta, para além da importância

e necessidade do mais absoluto segredo: os seus preparativos para a mais gigantesca campanha de promoção de toda a história. Esperamos que, a partir do momento em que as notícias forem liberadas, você receba em conferência de imprensa as centenas de representantes da imprensa internacional, da rádio e da televisão e para isso é preciso que sejam regamente recebidos, recebidos como se fossem príncipes, sim, e você nesse momento será o soberano recebendo seus nobres suseranos, daí a necessidade de aposentos reais, que seduzirão os homens da informação e causar-lhes-ão uma impressão indelével. Eis o motivo porque ocupa a suite real, com as portas números 10, 11 e 12. Miss Nicholson tem um quarto adjacente. Além de tudo o mais a ter em consideração, esperamos que o ambiente lhe seja benéfico para a criação publicitária, de modo a que os começos recebam um impulso majestoso.

-Farei o impossível -asseverou Randall.

Com esta conversa pararam em frente aos imponentes degraus de pedra da escadaria frontal, com um pórtico apoiado sobre as colunas. O porteiro estava já segurando respeitosamente a porta traseira do veículo, que abriu, enquanto o motorista colocava a bagagem no passeio.

Randall saiu do Mercedes e ajudou Darlene sair. Do lugar que ocupava à frente, Wheeler chamou Randall, que se debruçou na janela.

-Steve, vocês já estão registrados. Pode dirigir-se à recepção para recolher sua correspondência que nós mandamos entregar aqui, mas não devem haver mensagens locais. Com exceção dos serviços alfandegários do aeroporto que foram alertados para verificarem as bagagens na sala VIP, mais ninguém sabe que você se encontra em Amsterdã. Fora da Ressurreição Dois e de algum pessoal do hotel, mais ninguém sabe ou saberá de sua ligação com nosso projeto. É um ponto vital. Se as coisas constarem, existem certos elementos que serão capazes de tudo... de tudo, repito... de se esconderem na sua suite, vigiarem por escuta o seu telefone, subornarem os garçons que atendem o serviço da suite...procurando saber exatamente quem você é e procurando obter o máximo de informações. Como nosso porta-voz, é o mais vulnerável de todo o nosso pessoal privativo. Não se esqueça das recomendações e passe palavra à sua... sua secretária...

- Ela não sabe de nada - garantiu Randall. - Foi um ponto de precaução. A partir de agora serei o homem invisível.

- Poderemos despachá-lo em quarenta e cinco minutos? inquiriu Wheeler. - Mandaremos o carro buscá-lo. Para sincronizarmos os movimentos, telefone-me logo que saia do seu quarto. Estarei à espera no saguão do Krasnoplisky para lhe servir de guia. Temos na verdade uma tarefa de arromba à nossa frente.

Randall observou o Mercedes dando a volta na rua sem saída, cujo centro servia para estacionamento dos carros dos hóspedes, até que ele se perdeu de vista.

Darlene, seguida pelos bagageiros, entrou, e Randall apressou-se seguindo-a.

Parou por momentos à entrada do saguão para se inteirar daquilo que o cercava. Para além do carpete oriental que cobria parte do chão de mármore, via-se uma imponente escadaria com uma passadeira castanha que levava a um amplo patamar. Neste, em cada extremo, bifurcavam-se dois lances de degraus que conduziam a uma espécie de galeria que corria a toda a volta do saguão. A direita, os dois bagageiros estavam à espera com as malas, e perto deles num corredor de teto de abóbada, Darlene mirava uma vitrine expositora onde se viam malas de senhora. Logo à esquerda de Randall ficava o balcão da recepção. Ao lado ficava um outro balcão que servia para os hóspedes trocarem o seu dinheiro em florins e onde se enviavam telegramas.

Randall aproximou-se da recepção, dizendo:

-Chamo-me Steve Randall. Disseram-me que já estou registrado...

O empregado baixou-lhe a cabeça numa vênha.

-Sim, Sr. Randall, está tudo em ordem. Temos aqui a sua correspondência.

Entregou a Randall um maço de pesados envelopes. Randall espiou-os um a um. Escritório, escritório, escritório, todos da firma Randall Associates de Nova York, de Wanda Smith, Joe Hawkins e um de Thad Crawford, mais pesado do que os outros. Com certeza a redação do contrato com as Empresas Cosmos.

Começara a afastar-se, quando o empregado chamou:

- Sr. Randall, esquecia-me de lhe entregar esta mensagem que estava no seu escaninho e que uma pessoa nos entregou...

- Uma mensagem?

Randall mostrou-se surpreso. Ainda lhe soavam aos ouvidos as palavras de Wheeler: não devem haver mensagens locais... ninguém sabe que você se encontra em Amsterdã.

- Um cavalheiro entregou-nos a mensagem há cerca de uma hora. Está à espera do senhor no bar.

E o empregado da recepção estendeu a Randall a mensagem, escrita num cartão de visita. Randall olhou surpreso para o floreado nome impresso no centro do cartão: CEDRIC PLUMMER, ESQ. No canto inferior esquerdo: LONDRES. No canto inferior direito, numa tinta púrpura, quase escura, uma palavra: Volte.

Randall voltou o cartão. Na mesma tinta, numa escrita direta e fácil de ler, a mensagem: «Caro Sr. Randall - Cumprimentos. Boa sorte com a Ressurreição Dois. Sei que eles o empregam como conselheiro em relações públicas. Agradeço-lhe o favor de se dirigir ao bar onde me encontro a fim de discutirmos um assunto urgente e de interesse mútuo. Plummer.»

Plummer!

Abalado, Randall meteu o cartão de visita no bolso. Lembrava-se perfeitamente da primeira página do London Daily Courier, com a entrevista do Reverendo Maartin de Vroome e a história dos boatos sobre a nova Bíblia em preparação. Primeira parte de um artigo que era: Exclusivo do correspondente do nosso jornal, Cedric Plummer. Amsterdã, 12 de Junho.

Como diabo é que o tal Plummer sabia que ele chegaria nesse dia a Amsterdã? Mais ainda, na mensagem do jornalista continha algo que o artigo do jornal não mencionara, o nome de código Ressurreição Dois.

Randall vangloriava-se de ser calmo, embora momentaneamente invadiu-se de pânico.

O seu instinto de sobrevivência aconselhava-o telefonar a Wheeler imediatamente, mas o editor ainda não estaria no seu quartel-general. O instinto seguinte foi recolher ao isolamento inexpugnável dos seus aposentos, mas ao mesmo tempo raciocinou que não poderia esconder-se para sempre.

Principiou a acalmar-se. Sempre que se apresente um inimigo, o melhor é enfrentá-lo de uma vez para sempre e mostrar-se uma pessoa em todo o esplendor da sua força. Advertido antecipadamente, revestido de uma armadura de combate, preparou-se para o encontro. De resto sentia-se também curioso de poder ver o rosto do inimigo.

Apressado encaminhou-se para o local onde estava Darlene.

-Querida, tenho alguém à minha espera no bar. Assunto de negócios. Vai para o quarto e desfaz as malas. Não me demoro nada.

Ela principiou protestando, mas logo depois cedeu e seguiu na cola dos bagageiros para o

elevador.

Randall dirigiu-se novamente ao recepcionista perguntando:

-Onde é que fica o bar?

O empregado indicou-lhe o lado esquerdo do saguão lá ao fundo, acrescentando:

- A pessoa que o espera usa uma flor na lapela.

Randall dirigiu-se para a porta do bar e entrou. Era uma espaçosa sala onde o vidro era predominante. Por uma das galerias envidraçadas via-se, num nível inferior, um restaurante ao ar livre, onde vários casais tomavam o café ao sol. Para além avistava-se uma parte do canal, por onde deslizava uma barça. O bar propriamente dito ficava num recesso da grande galeria envidraçada. Por cima do exótico balcão dispunha-se uma enorme prateleira, de ferro forjado em trança onde se alinhavam os vinhos mais raros, do outro lado pendia uma tapeçaria decorativa. Randall começou procurando em volta da sala. O garçon, um bem humorado holandês, cantarolava baixinho ao mesmo tempo que limpava os copos.

O bar estava apenas ocupado por duas pessoas. A mais próxima era um homem gordo, que bebia um sumo de laranja e consultava um roteiro. No extremo da sala, junto a uma janela, sentado numa cadeira de couro, encontrava-se um homem de aspecto juvenil, bem vestido, com uma flor na botoeira. O inimigo.

Randall atravessou a sala.

O inimigo era um metido a elegante.

Cedric Plummer era um homem de cabelo ralo, fraco, preto, penteado para os lados, ocultando as grandes entradas e as falhas. Tinha uns olhos pequenos, como duas contas, sempre vivos, por cima de um nariz carnudo, pronunciado; rosto magro, chupado, ornamentado com uma barbicha terminada em ponta, à Van Dick. Tinha uma cor doentia, de um branco amarelado como uma ostra. Envergava um terno axadrezado, de corte conservador, impecável e uma gravata de cor ferrosa, onde brilhava um alfinete de ouro e brilhantes. Num dos dedos um enorme anel com uma volumosa turquesa. De modo nenhum o tipo de jornalista de roupas amarrotadas e ar permanentemente combativo da Fleet Street, segundo Randall avaliou.

Percebendo a presença de Randall, o correspondente titular do Courier pousou o jornal que lia, descruzou as pernas e levantou-se num gesto de perfeita cortesia.

- Sinto-me muito honrado, Sr. Randall - disse numa voz um tanto estridente, sorrindo automaticamente e mostrando uns dentes salientes. - Por favor sente-se, Sr. Randall. Permite-me que lhe ofereça uma bebida? Tome aquilo que desejar...

- Não, muito obrigado - disse Randall seco, sentando-se em frente de Plummer. - Só tenho um minuto para o atender.. Acabo de chegar.

- Sei isso muito bem. O que lhe pretendo dizer não demora mais de um minuto. Fique descansado. Leu o cartão que entreguei na recepção?

- Li. Foi ele precisamente que me obrigou a vir aqui.

-Claro que sim, claro que sim, meu caro senhor. Não se admire pelas coisas que sei. Sabia que o senhor chegava hoje, que ocupa o cargo de diretor das relações públicas e publicidade no Grande Hotel Krasnapolsky, que trabalhará para a Ressurreição Dois... por isso a minha mensagem teve o condão de lhe excitar a curiosidade e estou encantado que assim seja.

Randall começou a detestar o homem.

-Muito bem. Mas afinal o que deseja?

-A sua cooperação -disse Plummer.

- Como?

- Meu caro Sr. Randall, parece-me que deverá agora ser óbvio que apoio-me em excelentes e exatas fontes de informação. Não tive a mínima dificuldade em saber da sua escolha para este trabalho, nem da sua visita a Londres e muito menos da hora da sua chegada a Amsterdã. Quanto ao caso da Ressurreição Dois, pois bem, como primeira arma de impacto, temos a minha história em exclusivo ontem publicada no jornal. Com certeza que a leu.

Randall continuou calado, rufando deliberadamente com os dedos no tampo da mesa, o mais calmo possível.

- Muito bem, desempenhe o seu forte e estóico papel de americano silencioso - disse Plummer - mas ao menos seja prático. Considere bem que seria impossível publicar-se uma Bíblia completa - ou um Novo Testamento - , tendo duzentas e tantas pessoas envolvidas na sua produção sem que, mais tarde ou mais cedo, o segredo começasse transpirando. A verdade, meu caro, como o azeite, acaba sempre por aparecer à tona da água. As pessoas com quem ligo-me são perfeitamente familiares com os que entram e saem do vosso quartel-general da Dam. Sim, sei muito, um bom muito mesmo, a respeito do vosso projeto desde já...

Randall afastou a cadeira da mesa.

-Muito bem. Pois se já sabe do que se trata, então não há nenhuma necessidade de eu estar aqui ouvindo-o.

-Um momento, Sr. Randall. Não façamos jogos complicados. Para lhe ser franco e por admissão espontânea, digo que, por enquanto, não estou informado de tudo. Mas estarei, sabendo tudo muito antes do senhor preparar-se para apresentar oficialmente a história ao mundo. Quando souber o conteúdo da vossa Bíblia, nessa altura estarei plenamente ao par daquilo que pretendo. Posso garantir-lhe que no prazo de duas semanas saberei todos os pormenores, todos os fatos. Todavia, o caso é que faço parte de um negócio que é altamente competitivo. Tenho de ser o primeiro a ter a história completa exclusivamente. E terei. Entretanto, a sua cooperação pode poupar-me um montão de esforços, fazendo com que obtenha exclusividade alguns dias mais cedo. Compreenda bem o que pretendo, apenas quero a história. Logo que a tenha, mostrarei-me-lhe favorável à vossa Ressurreição Dois... isto é, se o senhor cooperar.

-E se eu não cooperar?

- Bem.... digamos que ficarei ressentido e que aquilo que escreverei ao mundo refletirá esse ressentimento - o tom da sua voz adquirira um modo maldoso. E quererá por acaso que as coisas se passem assim? Claro que não. Devo dizer-lhe, Sr. Randall, que estudei atentamente o ambiente que o tem cercado, o seu modo de vida, particular e profissional; especialmente, sua clientela com quem a sua firma de publicidade trabalha em anos mais recentes. Afigura-se-me que o senhor sempre se portou de maneira estritamente influenciada pelo negócio e sem qualquer mistura de sentimentos a respeito de pessoas ou organizações que representa. Parece-me que o senhor procedeu sempre sem inibições, sem problemas especiais, sobretudo, isento de moralidades ridículas. Se as pessoas pagam o senhor encarrega-se dos serviços. Um símbolo perfeito de poder e domínio, uma maneira admirável de levar a água ao seu moinho.

- Fez uma pausa no discurso, para logo prosseguir. - Sr. Randall, eu... os meus associados e eu... preparamo-nos para pagar.

Randall teve desejos de lhe dar um murro, de fazer desaparecer violentamente o sorriso afetado daquela cara macilenta, porém, conteve-se porque havia uma coisa que pretendia

saber.

-Preparou-se para me pagar. - repetiu Randall. - Pagar-me para quê? O que é que pretende?

-Assim está melhor, muito melhor. Sabia que seria sensato. O que é que pretendo? Pretendo ver antecipadamente as provas, as páginas desse... Novo Testamento ultra-secreto. O senhor não terá obstáculos para as obter. Ninguém no Krasnapol'sky sofrerá por causa disso. O senhor continuará com a sua campanha, anunciando ao mundo a obra no momento oportuno. Pretendo apenas vencer aos meus competidores, nada mais. Estou pronto, e tenho plenos poderes, para falar de negócio consigo. Qual é a resposta, Sr. Randall.

Randall levantou-se.

-A minha resposta é... Mate-se, Sr. Plummer. Voltou-se e encaminhou-se com rapidez para a porta, mas não tão lentamente que não lhe chegasse aos ouvidos a voz estridente de Plummer:

-Não me matarei, meu amigo, pelo menos, não antes de revelar ao mundo o projeto Ressurreição Dois... e estou certo de que conseguirei fazê-lo, absolutamente certo, tão certo como estou de que você e o vosso ridículo projeto é que estarão mortos... liquidados dentro de quinze dias!

CAPÍTULO 3.1

Depois de arranjar para Darlene, não obstante as objeções dela, uma volta turística de carro por Amsterdã, durante o dia, e para a noite, uma romântica viagem pelos canais da cidade, Randall telefonara a George L. Wheeler dizendo que estava a caminho do Krasnapol'sky. Contara-lhe também o inesperado encontro com Plummer o que desencadeara uma avalanche de perguntas ansiosas por parte do editor. Depois de desligar, Randall descera e preparara-se para a sua primeira entrada no misterioso e protegido baluarte onde se elaborava a Ressurreição Dois.

Naquele momento, atento, encostado a uma janela do lugar traseiro do Mercedes, quando desembocavam numa vasta praça, ouviu o corpulento motorista, um holandês de meia idade que se chamava Theo, dizer-lhe.

-A Dam. A nossa praça principal e mais central. É a ela que afluem as principais ruas de Amsterdã, tal como os raios de uma roda encaixam-se num ponto central.

Entre todos os pontos da cidade era aquele que Randall melhor se lembrava. Tinha uma exata memória do local devido à viagem anterior, memória que refrescara quando Darlene, quinze minutos antes lera a referência no roteiro oferecido pela K.L.M. No centro da praça estavam duas ilhas apinhadas de pessoas. Uma era o Monumento comemorativo da Libertação, o memorial dos holandeses aos seus compatriotas mortos na Segunda Guerra Mundial. Quando visitara o monumento, vários anos antes, os degraus abarrotavam-se de estudantes de todas as nacionalidades e de aspectos extravagantes, rapazes e moças que de dia se sentavam ali com ares de drogados e que à noite eram freqüentemente apanhados copulando no local, imerso em escuridão. Nessa manhã haviam tantos turistas como sempre enchendo os degraus, mas aqueles pareciam mais vivos, conversando animados uns com os outros ou entretidos lendo ao sol. Um pouco mais longe encontrava-se a segunda ilha da Dam, um retângulo liso de cimento como um jardim sem relva, com um realejo, um teatro de fantoches, um quiosque de venda de gelados, locais sempre cercados de crianças. Sentados nos bancos de madeira, dando de comer aos pombos ou

descansando, viam-se numerosos velhotes.

- À esquerda, o Koninklijk Paleis - disse Theo gutural, sem tirar a sua atenção do volante. Randall, obediente, inspecionou o maciço palácio real, que ocupava todo um lado da praça.

- O nosso santuário, tal como a Abadia de Westminster para os ingleses - prosseguiu Theo. - Edificaram-na sobre terrenos pantanosos, por isso, assenta-se sobre treze mil estacas de madeira. A rainha não vive nele, vive fora da cidade, só utiliza o palácio para recepções oficiais e ocasiões de estado.

- Terá uma sala do trono? - inquiriu Randall.

- Sala do Trono? Troonkamer? Ik versta het niet. - Compreendeu então a pergunta. - Já, já, ik weet wat u zegt. Natuurlijk, wij hebben het.

- Theo, por favor, fale...

- Perdoe, perdoe - atalhou rapidamente o motorista. - Sala do Trono... sim, claro que sim, temos uma... uma gigantesca sala de cerimônias, muito elegante.

Randall tirou um livro de notas do bolso, com uma capa amarela, e rabiscou algumas palavras. Acabava de ter a sua primeira idéia de publicidade desde que chegara à Holanda. Tentaria discutir o caso com os patrões. Começava outra vez sentindo-se bem.

- Em frente, a Bijenkorf - anunciou Theo.

Randall reconheceu o maior armazém de modas e outros artigos de Amsterdã, de Bijenkorf ou Colméia, um compacto edifício de seis andares sempre apinhado de clientes. Nesse mesmo momento via-se uma verdadeira torrente de gente que entrava e saía pelas portas metálicas rotativas.

- Ali, logo ao lado do Bijenkorf, é para onde o senhor vai -disse Theo. O Kras.

-O quê?

- O Grande Hotel Krasnapolsky, onde fica o quartel-general. Ninguém é capaz de pronunciar tal nome com facilidade, de modo que para nós é o Kras, encurtando. Foi um polaco, um alfaiate, A. W. Krasnapolsky, que resolveu deixar a sua loja de alfaiate e, em 1865, abriu ali, na Warmaesstraat um café com vinho e coscorões à «la Mathilde», feitos pela sua cunhada. Depois de mandar fazer um salão de bilhares e depois um jardim de inverno, começou a comprar todas as casas em volta e foi acrescentando andares sobre andares até ser um hotel com uma centena de quartos. Hoje tem trezentos e vinte e cinco. O Kras. Olhe, ali está o Sr. Wheeler esperando-o.

Na verdade, George L. Wheeler esperava debaixo de uma espécie de pátio envidraçado que se projetava sobre o passeio. Logo que Randall desceu do Mercedes, Wheeler precipitou-se para lhe apertar a mão.

-É bom tê-lo aqui são e salvo. Peço desculpa por ser importunado por esse traste do Plummer. Não consigo entender como é que ele soube que você estava em Amsterdã.

-Acho melhor sabermos como isso se tornou possível -disse Randall com ar lúgubre.

- Sim, também me parece que é melhor investigarmos. Vamos hoje mesmo tratar disso. Mas eu bem o adverti que os nossos inimigos são astuciosos, não se poupam a gastos nem a esforços para nos destruir. Mas, seja como for, e nunca se esqueça disso, preparamos para todos os choques, prontos para os vencermos em toda a linha.-Fez um gesto por cima do ombro, para trás de si, com o polegar espetado e o resto da mão fechada.-Aqui está ele. O Kras. A nossa fortaleza durante mais de um mês, pelo menos, talvez dois.

-Tem a aparência de um vulgar hotel de luxo.

- Preferimos as coisas assim - afirmou Wheeler. - Alugamos uma pequena parte do andar térreo para reuniões de todo o pessoal, e os nossos empregados podem tomar as bebidas

que quiserem e comerem aqui aquilo que lhes apetecer a preços reduzidos. Podem frequentar o Bar Americano, o Pátio das Palmeiras e o Salão Branco para jantar. No entanto, a Ressurreição Dois está na verdade barricada lá em cima, no primeiro e segundo andares. Alugamos todas as dependências desses andares por completo, principalmente para assegurarmos o funcionamento do nosso sigilo. Para o trabalho de publicidade, Steve, destinamos para você e seu pessoal duas salas de conferências no primeiro andar. Para seu escritório privativo tem o Zaal F, com uma sala pegada destinada a secretaria. Você tem mais duas dependências-na verdade quartos de hóspedes do hotel, os quartos 204 e 205. Não os convertemos em escritórios. Destinam-se a locais onde poderá receber pessoas ou entrevistá-las em privativo. Além disso servem também para momentos de maior intimidade quando quiser estar sozinho ou até mesmo para fazer uma soneca. No entanto, duvido que, durante este mês, consiga arranjar tempo para uma soneca durante o serviço.

- Também eu duvido - concordou Randall. - Bem, por onde começamos?

-Por entrarmos -respondeu Wheeler, que agarrou no braço de Randall, mas sem mexer um pé do local onde estavam. -Mais uma coisa. Temos várias entradas na Warmoesstraat. Você pode usar qualquer uma. Pode, por exemplo, utilizar a porta principal do hotel que fica nas nossas costas. Se entrar por ela, haverá sempre a possibilidade, ao atravessar o saguão, que qualquer pessoa como Plummer salte de repente na Sala de Estar Princesa Beatrix, da Princesa Margriet Zalen ou do Bar Americano, atrasando-o ou abordando-o antes de conseguir entrar no elevador. Claro está, logo que ponha o pé fora do elevador será controlado pelos nossos guardas de segurança. Para ser franco, Steve, eu prefiro que alguém com cartão vermelho utilize outra entrada.

- Cartão vermelho... que quer dizer com isso?

-Daqui a pouco verá.

Agarrou firmemente no braço de Randall e impeliu-o pela rua onde ficava o grande armazém de um lado e o hotel do outro. Chegaram junto de uma placa onde se lia: INGANG KLEINE ZALEN. A porta giratória era emoldurada por duas colunas de mármore verde-escuro.

- Por aqui - disse Wheeler.

Penetraram num estreito saguão ladeado à esquerda por uma sala de pequenas dimensões e à direita por uma sala mais ampla, ambas com as portas escancaradas. Um corpulento guarda, de cinto de cartucheira e revólver, com um ligeiro uniforme de cáqui, bloqueava o limiar da sala maior.

- Em frente - disse Wheeler - é o corredor que conduz diretamente ao elevador. Muito bem, agora é melhor apresentar-lhe o inspetor Helderling. - Distraído, Wheeler saudou o guarda e disse-lhe: - Helderling está à nossa espera.

O guarda deu um passo para o lado, e Wheeler empurrou Randall para dentro da repartição de segurança. Na sala encontravam-se seis pessoas. Duas mulheres jovens soberbas, desenvolvidas, atarefadas com os arquivos. Dois homens muito novos, à paisana, examinando um mapa debruçados sobre a mesa. Um homem já de certa idade, em mangas de camisa, que manobrava um pequeno painel com mesa telefônica e alavancas, encontrava-se sentado dentro de um semicírculo de equipamento eletrônico que incluía microfones, fileiras de botões e um complexo de televisão, cujas quatro telas pareciam detectar a atividade nas salas e corredores dos dois andares imediatamente superiores.

Próximo, sentado numa mesa de pau-santo com guarnições metálicas, estava um homem robusto com o rosto austero de um burguês contemporâneo de Rembrandt, um homem

que devia andar na casa dos cinqüenta anos, agarrado a um telefone. Em cima da mesa, numa placa metálica, figurava o nome que o identificava como inspetor J. Helderling. Logo que acabou a conversa telefônica, Helderling levantou-se do seu lugar e apertou a mão a Randall enquanto Wheeler fazia as apresentações.

Quando os três homens finalmente se sentaram, o editor disse para Randall:

- Penso que quererá combinar algumas entrevistas com o inspetor Helderling, Steve, logo que se instale. É um homem com quem contará, e a sua atuação aqui e na cidade é simplesmente fantástica. Depois de anunciarmos o nosso Novo Testamento Internacional, o público terá certamente curiosidade de saber como conseguimos manter as coisas ocultas durante tanto tempo.

- Sim, com certeza que o público sentirá forte curiosidade - disse Randall -, isto é, se na verdade continuarmos a manter as coisas em segredo. - Sorriu para Helderling. - Peço-lhe que não se ofenda inspetor, mas...

- Mas, o senhor sente-se preocupado e pensa que esse Plummer se infiltre, passe por nossas defesas - disse Helderling seco. - Não tenha receio.

Randall ficou surpreso.

- O Sr. Wheeler contou-lhe meu encontro com Plummer?

- Nem uma palavra - respondeu Helderling. - Para ser mais exato eu nem sabia que o Sr. Wheeler foi informado do seu encontro com Plummer no bar do Hotel Amistel. De fato tinha um relatório quase completo para lhe entregar. Seja como for, o senhor portou-se admiravelmente. Segundo informaram-me disse-lhe que se matasse... e ele respondeu que antes disso assistiria primeiro à agonia e morte desse projeto.

- Touché - disse Randall com um sorriso embaraçado. Mas como é que soube?

O inspetor passou a mão pelo cabelo.

- Não interessa como. Interessa que tentamos sempre saber o que a nossa gente faz. É possível que nem sempre tenhamos êxito... afinal de contas o Reverendo de Vroome soube alguma coisa a respeito do nosso trabalho... mas não há dúvida que tentamos, Sr. Randall, tentamos sempre.

- Vejo agora que o senhor dará uma rica história - garantiu Randall.

- E você, Steve, ainda não sabe da missa a metade - interpôs Wheeler. - O inspetor Helderling foi escolhido para fazer parte da Organização Internacional da Polícia Criminal, vulgo Interpol, quando a poderosa máquina foi reativada em Paris depois da guerra, em 1946. Ainda continuava no serviço da Interpol, onde até recebeu promoção para a posição de adjunto do secretário-geral da organização; quando conseguimos fazê-lo sair do seu esplêndido escritório em Saint-Cloud para que chefiasse a Ressurreição Dois.

- Não foi uma decisão difícil de tomar - asseverou o inspetor Helderling. - Na Interpol eu realizava serviço para o homem, o que é importante. Mas com a Ressurreição Dois, o que é ainda mais importante, estou à serviço de Deus, protegendo a obra de Deus.

Randall disse pra você mesmo que era estranho o serviço de Deus realizar-se com uma revólver no cinto, mas em voz alta limitou-se apontando:

- Gostaria de saber mais coisas a respeito da Interpol. Na verdade sei tão pouco.

- Na realidade há muito pouco para saber - informou Helderling. - Trata-se de uma organização policial com a participação de vinte países que se prestam assistência mútua na perseguição à criminosos internacionais. Eu estava incorporado na principal repartição da Interpol num dos subúrbios de Paris, todavia, existem sucursais espalhadas por mais de cem países. A sucursal nos Estados Unidos está em íntima ligação com o vosso Departamento de Tesouro, ao passo que na Inglaterra se encontra adstrito à Scotland

Yard, etc....

«Em Saint-Cloud temos um milhão de cadastros de criminosos em nossos arquivos. Cada cadastro engloba cerca de duzentas características essenciais de qualquer criminoso que procuremos; características como nacionalidade, raça, compleição, modos, vícios, tatuagens, deformidades, hábitos, etc. Em menor escala, introduzi o mesmo sistema de identificação na Ressurreição Dois. Os mesmos cadastros contêm tudo o que devemos saber a respeito de todas as pessoas empregadas aqui. Temos também cadastros a respeito dos elementos da imprensa de maior destaque, dos agitadores religiosos, extremistas, competidores, que podem, eventualmente, alimentar desejos e considerar oportunidades para sabotarem os nossos esforços.

-Deveras impressionante -concordou Randall.

Heldering fez um gesto de agradecimento.

- De fato, eu tinha que saber tudo o que fosse possível a seu respeito, Sr. Randall, antes de entregar-lhe o cartão de passe para ocupar seu cargo. O mais importante de tudo era conhecer as suas fraquezas - até que ponto bebe, os seus hábitos de tomar drogas, os tipos de mulher com quem coabitaria - bem como as vulnerabilidades - se seria permeável à chantagem no caso de saber que algo de mal poderia acontecer a sua filha Judy, ou se alguém revelasse informações pessoais a respeito de sua irmã Clare, ou se alguém aliciasse miss Darlene Nicholson com revelações de intimidades sexuais.

Randall pensou que le grand frère - **O BIG BROTHER** ("1984" de George Orwell) - estava atento a tudo como um cão de guarda, em voz alta disse:

-Vejo que nada é privado, nada é sagrado.

-Apenas a Ressurreição Dois - respondeu o impassível Heldering.

-Muito bem. E então obtive um A maiúsculo? - perguntou Randall sem o mais ligeiro vestígio de aborrecer-se.

-Ainda não - respondeu Heldering com gravidade. Abriu uma gaveta da secretária e tirou um pequeno cartão. - Consegui ganhar um B, um cartão vermelho, Grau B, todavia, é ainda de alta prioridade, um grau extremamente elevado. Como pode ver...

-Eu explico -interrompeu Wheeler - Com base no sistema da Interpol, o inspetor determinou cinco classificações de segurança para toda a gente que trabalha na Ressurreição Dois. O cartão vermelho, Grau A, significa acesso a todos os locais e só foi passado a mim, aos outros quatro editores e ao Sr. Groat, o curador. O cartão vermelho, Grau B, assegura acesso a todos os locais com exceção de uma área restrita. Cartões de outras cores são para os empregados com menos privilégios de acesso. De modo que, como pode verificar, o inspetor considera-o da melhor maneira possível, Steve. O seu cartão confere-lhe prioridade imediata aos principais dirigentes da Ressurreição Dois.

Randall olhou para Heldering e perguntou:

-E qual é essa área restrita que o Sr. Wheeler mencionou?

-O cofre de segurança em aço que se encontra neste hotel. Do qual o Sr. Groat é o curador -respondeu o inspetor Heldering.

-E o que é que se encontra no cofre?

-O papiro original do Evangelho Segundo Jacob, escrito no ano 62 D.C. e as peças originais do Pergaminho Petrônio, escrito em 30 D.C., bem como, as nossas cinco traduções desses documentos. São objetos sem preço, que valem mais do que todas as jóias e ouro da terra. - O inspetor Heldering levantou-se da sua cadeira deu a volta à secretária e entregou a Randall o seu cartão de identificação.

-Sr. Randall, aqui está o seu passe para a Ressurreição Dois. Autorizando-o entrar e sair

livremente e começar o seu trabalho.

CAPÍTULO 3.2

Duas horas depois, quando Steve Randall, após visitar as instalações, regressou ao seu escritório privativo do primeiro andar, a Zaal F, instalou-se na sua cadeira de couro giratória enormemente estimulado e instruído a respeito das primeiras pessoas que conhecera na Ressurreição Dois.

Depois de Wheeler lhe mostrar o escritório - uma escrivaninha de mogno em forma de L, máquina de escrever elétrica sueca, vários cadeirões dispostos pelo aposento, um grande arquivo à prova de fogo e com dispositivo de segurança, com filas de luzes fluorescentes indiretas instaladas no teto - Naomi Dunn aparecera como por encanto para o orientar nas primeiras visitas.

Naomi fora designada para o apresentar aos eruditos, especialistas e peritos instalados no primeiro andar, homens que passaram aqueles anos preparando o Novo Testamento Internacional. Naquele momento, voltando das visitas feitas, Randall aguardava a chegada de George L. Wheeler. Dentro de vinte minutos o editor voltaria a fim de o escutar à Zaal G, a sala de jantar privativa perto do saguão, onde era convidado para um almoço presidido pelo Dr. Deichhardt para conhecer o sindicato dos editores e os principais conselheiros, peritos em teologia, de cada um dos homens da junta editorial. Depois do almoço, Naomi voltaria para o conduzir ao segundo andar onde seria então apresentado aos membros do seu pessoal de relações públicas e onde levaria a efeito sua primeira reunião de promoção como preparativo para as ocupadas semanas que teriam imediatamente de enfrentar.

Entretanto, seu pensamento concentrara-se nos eruditos que visitou nas últimas duas horas. Sabia que precisava do auxílio daqueles especialistas para montar a sua multifacetada campanha de publicidade do Novo Testamento Internacional. Sabia também, como seria difícil separar e lembrar aquelas caras estranhas, aquelas vozes, aqueles seres, seus especializados trabalhos e o montante infinito de intrigante sabedoria que acumulavam. Um dos bolsos do seu casaco desportivo continha um bloco de notas, com capa amarela, páginas cheias de garatujas e anotações só dele conhecidas que lançou às pressas sempre que saía de uma sala, onde conhecera um dos ocupantes, para se dirigir a outro cubículo com o seu eremita.

Para fixar cada um dos especialistas como casos destacados e segundo a sua opinião, decidiu que faria uma espécie de ficha individual de cada um deles, conforme as impressões recebidas das personalidades em causa. Aquele início de um arquivo condensado do pessoal da Ressurreição Dois seria o seu ponto de referência oculto e manuseável e o orientador da sua memória.

Randall fez deslizar os rodízios da cadeira até junto da máquina de escrever, meteu uma folha de papel no rolo, procurou entre as notas tomadas e desatou a martelar:

13 de junho

PERITOS RESIDENTES DA RESSURREIÇÃO DOIS

RANS BOGARDUS - Tem cabelo loiro, comprido, olhos afundados e de longas pestanas, feições lisas, quase imberbe, voz efeminada. Bastante magro. Trabalhou como bibliotecário para a Netherlands Bijbelgenootschap, o que traduzindo significa Sociedade Bíblica Holandesa. Ingressou na Ressurreição Dois desde o princípio como bibliotecário da sala de consultas, que é o Schrijfzaal, ou sala da correspondência, ou costumava ser. Sala atualmente recheada de livros, desde o chão ao teto todos eles cheios de anotações e

marcas, referentes para consultas. Todos os manuscritos bíblicos importantes ou códices de edições fac-símiles, Bíblias impressas ou edições originais, disponíveis em todas as línguas mortas e vivas. Não gosto de Bogardus. Parece escorregadio como uma enguia. Mostra-se humilde e acomodado, mas, intimamente julga-se superior. Naomi diz que o seu cérebro trabalha como um computador. Pode encontrar com relativa facilidade e rapidez tudo o que se pretenda. As suas informações podem-nos ser comunicadas com enorme precisão. De modo que necessito dele e ligo-me a ele para funções de publicidade.

REVERENDO VERNON ZACHERY-O grande pregador da Califórnia que encheu estádios em Nova Orleans, Liverpool, Estocolmo e Melbourne. Fundamentalista com voz retumbante e feições teatrais. Olhos hipnóticos. Fala com a autoridade de um neto de Deus. Amigo do Presidente dos E. U. A. - e de George L. Wheeler. Sentou-me direto num dos sofás da Sala dos Consultores e, como se eu fosse algum índio do Amazonas ou um canibal, desatou a converter-me. Seja como for, é considerado como um valioso caixeiro-viajante para o Novo Testamento Internacional, e eu começo pensando em como será melhor começar a programá-lo.

HARVEY UNDERWOOD - O homem das sondagens à opinião pública da América, cuja organização, Underwood Associates, tem sucursais por toda a Grã-Bretanha e Europa. Calmo, do tipo meditativo, homem positivo. Realiza uma sondagem privada sobre religião para a Ressurreição Dois e relacionado à atitude do público, hoje em dia, relativamente a esse problema. Foi também conservado como conselheiro, e contratado para estar à mão em Amsterdã uma semana por mês, até à publicação. Senti afinidades com ele, e tivemos uma conversa amigável num canto da Sala dos Consultores. Underwood fornecerá resultados das sondagens que utilizarei como linhas mestras para arrancar com os princípios de publicidade. Disse-me que as suas últimas sondagens mostraram que onde há dez anos havia 50 por cento de pessoas que freqüentavam a igreja, presentemente a freqüência baixou para 40 por cento da população. A perda de freqüência foi maior entre os católicos nos Estados Unidos, manifestando-se pela primeira vez. Sondagens mostram que luteranos, batistas do sul e mórmons registraram as maiores freqüências e audiências. Entre os protestantes, o maior declínio verificou-se entre os episcopais. Há um decênio havia 40 por cento de americanos sentindo que a religião perdia a sua influência. Hoje, são 80 por cento os que sentem desse modo. Underwood disse que sondagens em complexos universitários mostraram que 60 por cento dos estudantes sentem que a religião e a igreja não se revestem de qualquer importância para as suas vidas, ao passo que os outros 40 por cento dizem que ambas as coisas lhes são de enorme significado. Underwood e eu concordamos que a publicação da nova Bíblia pode inverter as atuais tendências, salvando possivelmente a religião organizada

ALBERT KREMER - Encontrei-o na porta ao lado, na repartição de revisão de provas. Estão lá quatro pessoas e Kremmer é o Revisor-Chefe. Segundo Naomi, o mais importante trabalho editorial na preparação de uma nova Bíblia, logo a seguir ao trabalho de tradução, é o trabalho da leitura e revisão de provas. Kremer baixinho, corcunda, delicado, doce, tímido, com olhos de hipertiroídeo a brilhar por detrás de óculos de grossas lentes, é natural da Suíça, mais precisamente de Berna, descendente de uma longa linha de revisores de provas tipográficas de Bíblias e outras obras religiosas. Contou-me que a exatidão foi mania da família Kramer desde que um imigrante antepassado dos Kremer, ao rever uma nova versão da Bíblia do Rei Jacob em Londres, durante o reinado de Carlos I, por descuido não viu que os tipógrafos da Imprensa Nacional omitiram a palavra não do Sétimo Mandamento, de modo que no Êxodo 20:14 se lia «Cometerás adultério.» Quando

essa edição apareceu em 1631, tornou-se conhecida como a Bíblia Imoral ou Bíblia Adúltera, sendo um objeto muito procurado por todos os alegres libertinos da época. O Arcebispo multou os impressores em 300 libras, revertendo o dinheiro da multa para que Oxford e Cambridge comprassem material de tipografia. Destruíram-se todos os exemplares da Bíblia Adúltera menos cinco. Todavia, a verdadeira responsabilidade e falta pertencera ao antepassado de Kremer, que a partir de então viveu uma vida obscura de desgraça, esmagado pela fatalidade até ao fim dos seus dias. Desde tal malogro imperdoável, os descendentes de Kremer fizeram da exatidão um verdadeiro culto. Kremer prometeu-me: «O senhor não encontrará um único erro no Novo Testamento Internacional.»

PROFESSOR A. ISAACS -Encontrei-o na seção dividida em compartimentos da Terrazaal, também chamada Sala dos Convidados de Honra, onde os eruditos e teólogos visitantes realizam o seu trabalho. Disponível e à vista só se encontrava o Professor Isaacs, gozando uma licença da Universidade Hebraica de Israel. Trata-se de um perito em hebraico antigo, e altamente considerado pelos esforços na tradução dos Documentos do Mar Morto. Entre outras coisas, notou a falta de conhecimento dos refinados matizes hebraicos podiam transformar um ato normal num milagre. Na sua voz melíflua e cantante, o Professor Isaacs disse-me: «Vou-lhe dar um exemplo. A palavra hebraica al era sempre traduzida como sobre, de modo que as Escrituras dizem-nos que Jesus caminhou sobre as águas. Todavia, a palavra al tem também outro significado, que é perto. Daí que nas traduções lia-se também corretamente que Jesus caminhava perto da água, em resumo, que dava um passeio à borda do mar. Mas talvez os primitivos propagandistas cristãos procurassem deliberadamente um fazedor de milagres em vez de um simples e trivial andarilho.»

Steve Randall parou de escrever à máquina, passou em revista as quatro páginas que datilografara e conferiu-as com o que rabiscara no bloco-notas amarelo. Os seus rabiscos recordaram-lhe quanto a reunião com tais peritos o inspirou. Na sua maioria mostravam-se homens de orientação capacitados de suas tarefas. Ao contrário de si, cada um daqueles homens parecia dedicar verdadeiro amor ao trabalho ao qual se devotaram e encontraram nele um significado para a sua existência.

Prestes a considerar mais uma vez as suas notas, Randall foi interrompido por um ligeiro bater na porta. Em seguida abriu-se e George L. Wheeler meteu a cabeça pela abertura.

- Steve, sinto-me encantado por vê-lo trabalhando. Muito bem, mas devo lembrar-lhe que é hora do almoço. Agora prepare-se para conhecer os grandes patrões.

CAPÍTULO 3.3

Os grandes patrões.

Em volta da enorme mesa oval havia dez pessoas, e as falas eram uma mistura de inglês e francês. Ao passo que o seu francês falado era rústico, rudimentar, deficiente, cheio de erros, compreendia tudo, ou quase tudo o que se dizia naquele idioma. E aquilo que Randall ouvia era verdadeiramente fascinante.

O almoço servido por dois garçons - principalmente constituído por sopa de tartaruga e filés de robalo com espargos - não impedira a conversação. Houvera conversas constantes, muita electricidade verbal, antes e durante a refeição.

Naquele momento serviriam a compota e o café, e Randall procurou distinguir cada um dos convivas dos seus vizinhos, identificando-os individualmente e gravando todas as características na caixa craniana. Sentado entre George Wheeler e o Dr. Emil Deichhardt,

Randall observou mais uma vez atentamente os grandes patrões. Tal como Wheeler tinha a seu lado o Reverendo Vernon Zachery, cada editor à mesa, exceto um, tinha junto de si o seu conselheiro em teologia.

Ao lado do Dr. Deichhardt encontrava-se o Dr. Gerhard Trautmann, um professor de teologia da Die Rheinische Friedrich Wilhelms-Universität em Bonn. Randall suspeitava, e divertia-se pela suspeita, que o Dr. Trautmann tinha o seu cabelo quase como um monge, de modo a parecer-se com Martin Lutero como é normalmente visto nas gravuras dos livros de texto que correm mundo. Na cadeira imediatamente a seguir de Trautmann estava Sir Trevor Young, editor inglês, um aristocrata cujos cinquenta anos eram cheios de juventude, muito amigo de fazer comentários pomposos e relatos mirabolantes, cujo conselheiro teológico, o Dr. Jeffries, ainda se encontrava em Londres ou em Oxford.

Os olhos de Randall continuaram pesquisando em volta da mesa. Havia Monsieur Charles Fontaine, o editor francês, um homem elegante, bem parecido, matreiro, dado ao gracejo e viciado no epigrama. Wheeler cochichou-me que Fontaine era também um homem muito rico, com uma esplêndida residência na Avenue Foch em Paris e com acesso político aos mais altos círculos do Palácio do Eliseu. Ao lado de Fontaine encontrava-se o seu conselheiro teológico, o professor Philippe Sobrier, da Faculdade de Teologia do Collège de France. Sobrier parecia apagado, retraído, feito de pau, mas escutando-o, Randall suspeitava que aquele rato de campo, possuía verdadeira presa de animal carnívoro quase vermelho no seu papel de filólogo.

Depois lá estava no seu lugar o Signore Luigi Gayda, o editor italiano de Milão que se parecia flagrantemente com o Papa João XXIII. Também tinha uma papada com quatro queijos, e uns modos esfuziantes e grandiloquentes, referindo-se com orgulho aos inúmeros periódicos que possuía em Itália, ao seu avião privativo, a jato, no qual visitava o seu império financeiro, e que mostrava sincera crença nos métodos americanos de negociar. Fora o Signore Gayda quem primeiramente ouvira falar da descoberta do Professor Monti em Ostia Antica e que passara a informação ao Dr. Deichardt em Munique, que, por seu turno, organizara o sindicato editorial da Bíblia. Finalmente havia o conselheiro teológico de Gayda, Monsenhor Carlo Riccardi, um clérigo de elevado intelecto cujas funções finas cinzeladoras, nariz aquilino e batina severa lhe conferiam um ar formidável. Associado ao Pontifício Instituto Bíblico de Roma, estava presente na Ressurreição Dois para servir como representante oficioso do Vaticano.

Com o olhar ainda dirigido para os dois italianos, ocorreu subitamente uma pergunta a Randall. Voltando-se para o editor italiano, inquiriu:

- Signore Gayda, julgo que seja um editor católico. Pergunto pois como é que o senhor se encontra apoiando uma Bíblia protestante e como, de fato, espera vendê-la num país essencialmente católico como a Itália?

O editor italiano empertigou-se surpreso e os múltiplos queijos estremeceram como geléia.

-Mas é perfeitamente natural, Sr. Randall. Na Itália vivem muitas e respeitadas pessoas protestantes. Na verdade, as bíblias protestantes foram das primeiras publicadas na Itália. Como é que me arranjo? Mas porque não? Os editores católicos precisam de um imprimatur - ou seja, de uma sanção oficial da Igreja - para as suas bíblias, mas evidentemente que o Vaticano não interferirá com uma Bíblia protestante.

- Caro Gaya, permite-me que eu explique a situação ao Sr. Randall?-A solicitação fizera por mera cortesia pela voz de Monsenhor Riccardi, que logo a seguir se voltou diretamente para Randall. - O que direi talvez esclareça a minha presença neste projeto. - Pareceu

formulando conscientemente o que diria, para logo a seguir reatar o seu discurso: - Sr. Randall, saberá que existe pouquíssima diferença entre as versões da Bíblia católica e protestante, com exceção do Velho Testamento onde nós admitimos como sagrados e canônicos a maioria dos livros apócrifos, ao contrário dos nossos amigos protestantes. Por isso, os nossos textos bíblicos são amplamente os mesmos, sem diferentes sons harmônicos teológicos. De fato, existe na França uma Bíblia comum católico-protestante, como os meus amigos Monsieur Fontaine e Professor Sobrier podem corroborar, e dois dos nossos teólogos católicos colaboraram nessa edição com os protestantes franceses. Está admirado?

-Na realidade estou -admitiu Randall.

-Não se admire, até porque haverá mais cooperação do mesmo teor no futuro. Claro está que essa particular Bíblia francesa não terá o nosso imprimatur tal como sucederá à primeira edição deste Novo Testamento Internacional. Mas nós continuamos interessados nela, profundamente envolvidos. Porque...bem... creio bem que em última análise prepararemos a nossa própria edição do Novo Testamento Internacional, numa versão que será novamente traduzida para estar conforme as nossas doutrinas. Existe um ponto crítico em que diferimos entre os nossos amigos protestantes.

-E qual é esse ponto?

- No parentesco entre Jacob o justo e Jesus, claro está -respondeu Monsenhor Riccardi. - Jacob refere-se a si mesmo como irmão de Jesus, tal como Mateus e Marcos se referiram a irmãos e a irmãos em Deus de Jesus. Os nossos amigos protestantes sugeriram que interpretemos irmão como significado de irmão de sangue, insinuando - não declarando em absoluto, mas implicando - que Jesus, Jacob e seus irmãos foram concebidos em resultado de uma união física entre Maria e José. Para os católicos tal parentesco físico é completamente impossível. Não pode haver ambigüidade. Como sabe, cremos na virgindade perpétua de Maria. Desde o tempo de Orígenes e dos primeiros padres da Igreja, os católicos mantêm que Jacob foi um meio irmão ou irmão consanguíneo de Jesus, filho de um anterior casamento de José, um meio irmão ou talvez um primo. Em resumo, nós mantemos que a Virgem Maria e José não tiveram relações conjugais. No entanto, chegar a uma interpretação aceitável não apresenta dificuldade, uma vez que a palavra irmão em aramaico e hebraico não tem significado preciso ou único, e pode significar meio irmão, cunhado, primo, parente afastado, tanto como irmão verdadeiro, filho do mesmo pai e da mesma mãe. Seja como for, publicaremos mais tarde uma versão católica do Novo Testamento Internacional. Sua Santidade está longe de não compreender ou ignorar as implicações profundas do Evangelho de Jacob e do seu valor intrínseco para a comunidade católica internacional.

Satisfeito, Randall remeteu-se de novo ao seu papel de ouvinte atento, enquanto os outros prosseguiram com as suas conversas. Gradualmente, Randall começou a discernir com crescente interesse que a conversação estava dividida, separada. Durante um prolongado período, os teólogos -Reverendo Vernon Zachery, Professor Sobrier, Dr. Trautmann e Monsenhor Riccardi-embrenharam-se numa discussão sobre a necessidade de preservação da ortodoxia da Igreja.

O Dr. Zachery sentia que um renascimento da religião, inspirado pela nova Bíblia, criaria uma oportunidade, que a Igreja organizada devia aproveitar para reforçar a sua posição de autoridade, insistindo:

-Até agora, permitimo-nos ser moles, cedermos, entrarmos em compromisso com os males do radicalismo e da dissolução. A partir da publicação nada mais. Parou. Não mais

moleza ou compromisso. O nosso rebanho precisa de disciplina, da autoridade da tradição. Devemos de novo impor a doutrina e o dogma. Oferecemos um Novo Testamento alargado e devemos ser categóricos a respeito da sua infalibilidade. Nos nossos sermões devemos reinterpretar a Ressurreição baseados em S. Jacob, tornando claro que se trata de um ato de Deus, uma encarnação, e devemos reivindicar a necessidade de amor fraternal, perdão para os pecadores e sublinhar a promessa de uma vida futura.

O professor Sobrier concordou, mas de uma maneira menos bombástica.

-Se me permitem a citação de um compatriota meu, o filósofo francês Jean-Marie Guyau: «Uma religião sem mito, sem dogma, sem culto, sem ritos não passa de uma coisa desvirtuada... Religião é uma sociologia concebida como explicação física, metafísica e moral de todas as coisas que existem.»

Dr. Trautmann lançou na discussão as suas opiniões, ainda mais conservadoras.

- Concordo que o cerimonial e ritual são de extrema importância. Mas creio que a igreja devia conceder alta prioridade à música e canto litúrgicos; que as citações da Bíblia durante os serviços religiosos devem ser feitas em Latim e não em qualquer língua moderna. Mantenho que isso, tal como a repetição dos mantras hindu e budistas, pode oferecer uma experiência mística, encorajar a meditação, levando os nossos fiéis, mais pelo sentimento do que pela razão, a uma comunhão com o Supremo Ser. Resumindo, embora o Evangelho Segundo Jacob ofereça um novo retrato de Nosso Senhor que os racionalistas podem perfeitamente aceitar, não devemos contudo permitir que Ele seja reduzido a uma figura histórica secular transitória... devemos sim lembrar aos nossos paroquianos que por intermédio d'Ele e da Sua Igreja, podem encontrar as respostas para o nosso Ser, para a nossa passagem por esta vida terrena; mistérios fundamentais.

Randall pôde perceber que os editores, que escutavam atentamente, se mostravam relativamente pouco interessados. Monsieur Fontaine, o editor francês, interrompeu a troca de impressões entre os teólogos.

-Meus senhores, se acaso os compreendi corretamente, esperam restaurar inteiramente os bastiões da velha Igreja. Mas se utilizarem o impulso que o Novo Testamento Internacional dará à religião para voltarem totalmente ao antigo tradicionalismo, creio que praticarão um grave erro. As facções ativistas da Igreja não ficarão satisfeitas e muito em breve se perderá o terreno que se ganhar. Claro que sim, restaurar a ortodoxia com a Verdade revelada, se assim o preferirem, mas apresentando-a com suavidade, pertinente.

A discussão desenvolveu-se, de um para o outro lado, durante uns momentos, mas pouco depois os editores abandonaram a conversa, ficaram silenciosos, e os teólogos de novo se envolveram numa discussão estritamente técnica. Desta vez sobre o valor do simbolismo dos recém-descobertos sermões de Cristo, tal como registrara o irmão, Jacob o justo.

Durante alguns instantes, notou Randall, quase todos os editores ouviram os argumentos em silêncio, mas em breve essa atenção começou a desviar, afigurando-se crescentemente inquietos. Pareciam considerar os seus teólogos como rústicos crédulos procurando avaliar quantos anjos seriam capazes de caber na cabeça de um alfinete. Pouco a pouco, Deichhardt, Wheeler, Fontaine, Sir Trevor e Gayda desataram a monopolizar a conversa. As suas trocas de palavras referiam-se essencialmente ao aspecto de negócio, à faceta comercial, englobando os problemas de publicação e promoção dos seus grandes investimentos.

Sir Trevor fez-se eco de uma certa preocupação:

-Esta descoberta terá um efeito profundo nas igrejas, mas o que eu receio é que possa desencadear lutas entre algumas delas. A maioria das igrejas aceitará sem sombra de

dúvida o nosso Novo Testamento, mas com outras pode ser diferente. Poderá levar toda uma geração para que a nossa Bíblia revista atinja o seu efeito total, pleno, e claro que o caso me preocupa, tanto mais que qualquer controvérsia poderá significar a bancarrota para todos nós. Precisamos de solidariedade. Devemos dominar por completo todas as facções da Igreja, antes que possa surgir qualquer oposição e causar complicações.

O Dr. Deichhardt censurou, de forma amigável, Sir Trevor por ter receios a respeito de um êxito comercial na Grã-Bretanha.

-O senhor, Trevor, tal como George Wheeler na América, não terão que superar os obstáculos que nos deparam na Alemanha. Os senhores podem dirigir-se diretamente ao público com os vossos anúncios e artigos postos circulando nas vossas centenas de semanários e mensários religiosos. Mas na Alemanha, nós deparamos com dois obstáculos profundamente enraizados. Primeiro, a Bíblia Luterana, que é utilizada na maioria dos nossos onze estados. Segundo, a Bíblia Luterana é somente publicada pelos membros da nossa União de Sociedades Bíblicas. Para fazer com que esses editores aceitem o nosso Novo Testamento Internacional, devo pedir-lhes que desistam dos seus lucros. Para evitarmos complicações teremos que arranjar, possivelmente, qualquer forma de sociedade lucrativa para partilharmos com a União.

-Emil, o senhor preocupa-se sem razão - respondeu Sir Trevor - Garanto-lhe que não terá a mais leve complicação na Alemanha. Mal o vosso público saiba do novo evangelho, da nova descoberta, clamará pelo Novo Testamento Internacional. Considerará que a Bíblia Luterana está ultrapassada, é incompleta e por isso obsoleta. A vossa União das Sociedades Bíblicas terá de distribuir e patrocinar a sua edição. Não se esqueça do que lhe digo. Logo que soem os tambores da publicidade - e para isso aqui temos o Sr. Randall - a exigência do público pelo nosso produto ultrapassará todo e qualquer obstáculo. São as igrejas dissidentes que me causam tanta ansiedade, não o aspecto do êxito de natureza comercial só por si.

A seguir, Fontaine e Wheeler voltaram conversando do custo, preço, distribuição e publicidade.

Acabando o seu café, Randall encostou-se ao espaldar da cadeira, fascinado. Naquele momento estava certo sobre o que detectara: uma rixa definida entre os teólogos e os editores. Os teólogos mostravam-se enfatiados com a conversa «dólar-libra-marco-franco-lira» dos editores, ao passo que estes se mostravam impacientes com a conversa fiada espiritual dos teólogos. Randall sentia uma percepção de um velho conflito que novamente desenvolvia. Tentou resumir perfeitamente a delineada diferença: pensou que os teólogos sentiam uma paixão genuína pelo Novo Testamento Internacional, com as palavras escritas pelo irmão de Jesus e pelo centurião que gravara os resultados do julgamento de Cristo. Percebia neles uma fé verdadeira, uma verdadeira crença, na recém-revelada Ressurreição do Cristo verdadeiro, real. Os editores, por outro lado, enquanto pagavam a quem lhes fizesse o serviço de explicação e promoção dessa Ressurreição; enquanto se empenhavam em patrocinar todas as potencialidades dos documentos para darem aos homens em todo o mundo uma nova fé e uma nova esperança; pareciam, principalmente, interessados nos lucros da operação. Eram tubarões da alta finança que se envolveram no comércio de produção da Bíblia; como poderiam envolverem-se na fabricação de carros, carnes enlatadas, ou no negócio do petróleo, que usariam a mesma linguagem. Cisma insolúvel, inquietante, mas compreensível.

O Dr. Deichhardt começou falando das suas apreensões a respeito de um malogro comercial.

- E não se esqueçam que na Alemanha se levanta um outro obstáculo acentuado, um obstáculo que também poderá ser um empecilho para os senhores. Somos o centro da reforma da igreja desde Lutero até Strauss e Bultmann. Agora somos um viveiro para o que prolifera nos canteiros da heresia, para o que se projeta para além da desmistificação dos mitos que enchem as histórias do evangelho, para o que vai mais além do mero ceticismo a respeito da existência de Nosso Senhor e da Sua mensagem. Somos um viveiro excepcionalmente virulento para o desenvolver do movimento revolucionário e radical de de Vroome. Esse demente não só é inimigo das nossas igrejas oficiais, como é também o inimigo declarado do nosso sagrado e colaborador esforço para resgatarmos, salvarmos a humanidade através do nosso Novo Testamento Internacional. Pensem bem, meus senhores, no que tenho que derrotar na Alemanha, nos obstáculos que tenho que ultrapassar.

-De maneira nenhuma obstáculos mais formidáveis do que aqueles com os quais enfrentaremos em nossos países - insistiu Wheeler. - Os reformistas convertidos por de Vroome encontram-se espalhados por todo o lado. Porém, creio firmemente, que uma vez a nossa Bíblia lançada no mercado, entregue ao público, a verdade que contém e o seu poderoso impacto serão suficientes para pôr de rastos o movimento de de Vroome: e os seus conversos, varrendo esses heréticos da superfície da terra. A surpresa da nossa revelação fará com que se desorientem, esmagados, incapazes de reagirem e sem possibilidades de poderem desencadear represálias.

Randall meteu a sua colherada.

- Uma vez que o elemento surpresa deve ser a chave do nosso êxito, estarão na verdade os senhores convencidos de que fazem tudo o que é humanamente possível para ocultar do conhecimento do Reverendo Maertin de Vroome o conteúdo do Novo Testamento Internacional?

Foi como se alguém tocasse numa corda sensível capaz de desencadear uma tempestade: imediatamente toda aquela gente desatou falando ao mesmo tempo, descrevendo medidas de proteção já realizadas e outras a levar a efeito para manter longe do conhecimento de de Vroome e dos seus fanáticos o segredo do Novo Testamento Internacional. Movimentam-se como um rebanho de lobos pela cidade e em especial pelas imediações da Dam.

Pela vez primeira desde o início do almoço se mostravam unidos, como um só homem, na defesa da causa comum e da fé nela, aqueles editores visando o aspecto comercial e lucrativo do projeto e os conselheiros espirituais que nele depositavam todas as suas esperanças e crenças.

Randall pensou que foi uma reação interessante: bastava levantar a sugestão de um medo comum entre os residentes da Torre de Babel que logo eles aprendiam falando uma linguagem comum.

CAPÍTULO 3.4

Agora sim era ainda melhor, muito melhor. Randall encontrava-se agora entre gente da sua espécie e começava sentindo-se adaptado, descontraído, confortável.

Naomi levava-o à Sala 204 do Hotel KrasnapoIsky - um aposento ultramoderno, de brancas paredes, em estilo cubista, de mobílias pintadas a esmalte lacado, branco, abajur cromado, brilhantes, suspenso por cima de um sofá vermelho um receptáculo fluido e movente de arte cinética - e Naomi apresentá-lo-ia pela primeira vez aos seus assistentes em matéria

de relações públicas.

Randall, de copo na mão, conversava descontraído com Paddy O'Neal, um natural de Dublin com toda a aparência de um motorista de veículos pesados, um homem que estivera ao serviço de poderosas organizações publicitárias em Londres e Nova York. O'Neal manifestava uma irreverência alegremente gananciosa em relação à Bíblia.

- Escreverei a respeito dela - prometeu a Randall - todavia, não espere que acredite nela, a não ser que haja uma gratificação apetitosa. Sou um homem admirador do velho Oscar Wilde. Recorda-se do que Oscar disse acerca da Crucificação de Jesus e do Cristianismo? «Uma coisa não se torna necessariamente verídica só porque um homem morre por ela.» Em seguida, Randall foi levado até junto de um homem refestelado numa cadeira. De perfil assemelhava-se a um ponto de interrogação, porém, quando se voltou, transpareceu-lhe na cara que era também uma resposta para todas as perguntas.

-Elwin Alexander é o nosso cultivador de curiosidades - explicou Naomi.

Randall, intrigado, perguntou:

-Que pretende dizer com curiosidades?

Naomi fez um sinal a Alexander.

-Mostre-lhe o que é, Elwin.

Alexander voltou-se para Randall, olhando-o com uma expressão cômica.

-Quer realmente saber? Ok, mas depois não se queixe do cruel castigo que invocou sobre a sua própria cabeça. Aí vai um exemplo daquilo que costumo dar aos esfomeados editores e jornalistas para lhes servir de alimento nas suas colunas e jornais. - Inalou o ar profundamente e desatou falando como um vendedor de banha de cobra: - Sabia que o mais curto versículo do Novo Testamento em língua inglesa comporta apenas duas palavras: «Jesus chorou»? Que os apóstolos chamavam a Jesus Rabi, que significa Mestre? Que o Novo Testamento atribui a Cristo exatamente quarenta e sete milagres? Que o Velho Testamento não faz menção a uma cidade chamada Nazaré e que o Novo Testamento não menciona Cristo ter nascido num estábulo, adorado numa manjedoura ou ter morrido no Monte Calvário? Que Jesus, nos evangelhos, referiu a si mesmo como Filho do Homem oito vezes? E agora, Sr. Randall, já sabe o que é um cultivador de curiosidades? - Na verdade não sabia, mas agora já fiquei sabendo, Sr. Alexander - respondeu Randall com uma gargalhada.

Seguiram-se depois mais apresentações, mais conversas animadas. Era aquela a sua gente, as pessoas que Randall mais apreciava e das quais obteria o máximo de informações destinadas ao seu trabalho. O indivíduo com aspecto tuberculoso, magro como um caniço e de voz aflautada era Lester Cunningham. Para fugir ao recrutamento obrigatório no exército dos Estados Unidos refugiara-se num seminário de teologia, Batista, no sul do país e o que fora um recurso acabara por se transformar em autêntica devoção. Lester trabalhara anteriormente como conselheiro publicitário para o Christian Bookseller, Christian Herald e Christianity Today. A alentada burguesa de Roterdã, tipo da autêntica donzela holandesa pesadona, com uma franjinha e sem pinturas era Helen Boer. Segundo a informação de Naomi, dos 325 000 000 de protestantes praticantes e não praticantes espalhados pelo mundo, nenhum saberia mais de religião do que Helen.

O protestantismo era o seu comandante e os seus soldados eram Lutero, Melanchthon, Calvino, Wesley, Swendenborg, Schweitzer, Niebuhr. A jovem atraente, com o cabelo curto, olhos pretos como amoras, busto flexível como um junco, vestindo um elegante terno saia-casaco, era Jessica Taylor, filha de pais americanos, mas que garçoneiro em Portugal. A especialidade dela era a arqueologia bíblica, e antes de ingressar na Ressurreição Dois

trabalhara nas escavações de Tell Dan, a norte do Mar da Galiléia, perto da fronteira com o Líbano.

Finalmente Randall encontrou-se cara a cara com Oscar Edlund, um melancólico sueco de Estocolmo admitido no projeto para a realização da parte fotográfica. Se Edlund era a pessoa naquela sala com menos apresentação física, em contrapartida era também a de credenciais mais impressionantes e positivas. Tinha o cabelo cor de cenoura, olhos pronunciadamente estrábicos, cara marcada pela acne e uma Rolleiflex suspensa do pescoço por uma correia que parecia fazer parte integrante da sua anatomia. Durante muito tempo aluno de Steichen, era agora considerado como um dos melhores fotógrafos do mundo, um verdadeiro artista.

Depois das apresentações preliminares, Randall disse a Edlund:

-Através das suas fotografias dos papiros e pergaminhos originais, teremos que obter um máximo de cobertura da imprensa. A única coisa que me preocupa é a qualidade das reproduções. Que tal vai a coisa?

- Excelentemente levando-se em consideração o material sobre que trabalhar - Oscar encolheu os ombros. - Muitos papiros e pergaminhos estão demasiado gastos, sumidos, quebradiços, após permanecerem sepultados por mais de mil e novecentos anos. Antes que alguém pudesse trabalhar com eles, os especialistas foram obrigados a umedecer os fragmentos até um ponto crítico, amolecê-los o suficiente para se manterem espalmados por baixo das placas de vidro, porém, não tão úmidos que corressem o perigo de liquefação. Claro está que o aramaico escrito por Jacob, ou por um seu copista requereram a utilização de fotografia a infravermelhos, o mesmo acontecendo com o pergaminho do centurião, de modo a poder puxar as palavras quase indistintas. Mas penso que gostará daquilo que vir.

- Quantos jogos de fotografias fez?

- Apenas três - respondeu Edlund. - Ordens severas. As três séries foram entregues ao Dr. Jeffries a fim de utilizarem-nas as equipes de tradutores, ainda que por vezes se autorizou que estes pudessem examinar fragmentos dos originais que estão guardados no cofre-forte. Logo que as traduções se completaram, os três jogos de fotografias voltaram para o Krasnapolsky. Dois jogos destruíram e o terceiro, o único que existe, tem-no o senhor, Randall.

- Em meu poder?

- Sim, metido no arquivo à prova de fogo e de roubo que está no seu gabinete. Foram ontem metidas numa das pastas, juntamente com muitas outras fotografias publicitárias. Uma carga valiosa, Sr. Randall. Maneje-a com cuidado.

-Sem dúvida - retrucou Randall

-É claro - acrescentou Edlund-que continuo a ter os meus negativos... acabo mesmo de os levar do cofre-forte para uma câmara-escura que construímos, de modo que estou pronto a produzir os jogos de fotografias para a imprensa em qualquer dia antes da Ressurreição. Dois ser anunciada ao mundo. Para o caso de ter preocupações a respeito do caso, posso dizer-lhe que os negativos estão em local seguro. Essa minha câmara escura que aliás foi construída sob fiscalização do inspetor Helderling está excelentemente protegida dos intrusos, posso garantir-lhe. Estou preparado para começar logo que me dê sinal.

- Excelente - disse Randall. - Essas fotografias produzirão um impacto tremendo... Bom, penso que será melhor começarmos a nossa primeira reunião geral para vermos em que pé estão as coisas.

O pé em que as coisas estavam, como Randall se inteirou quase imediatamente, era na

verdade desanimador.

Anteriormente, o Dr. Deichhardt ordenou aos membros da seção para desenvolverem algumas idéias publicitárias, para tomarem notas sobre aqueles materiais fragmentados com que estavam familiarizados, mas sem lhes permitir que escrevessem histórias completas. A preocupação de Deichhardt era que quaisquer histórias antecipadas poderiam conter elementos que pusessem em perigo o segredo, o que significava que até então pouco se tivesse feito no capítulo publicitário. Significava também que no curto tempo de que dispunham haveria um fantástico monte de trabalho a realizar.

Proseguindo a reunião, Paddy O'Neal lançou no debate uma sugestão. Pensava que uma das coisas que se devia fazer imediatamente seria escrever entrevistas com as principais personalidades responsáveis pelo Novo Testamento Internacional. Sugeriu que se iniciasse esse trabalho com uma série de artigos dramáticos acerca do Professor Augusto Monti, de Roma, que trouxe à luz do dia o Evangelho Segundo Jacob e o Pergaminho Petrônio nas escavações arqueológicas de Ostia Antica. A seguir, poder-se-iam escrever vários artigos sobre o Professor Henri Aubert, o mago parisiense do radiocarbono, que autenticara a idade dos papiros e do pergaminho. Depois, podiam escrever-se uns artigos sobre o Dr. Bernard Jeffries, que supervisionara as três comissões de tradução dos documentos descobertos do aramaico e do grego para quatro línguas modernas (com o acréscimo da americanização da tradução inglesa). Finalmente, seriam oportunos alguns apontamentos sobre Herr Karl Hennig, que imprimia em Mainz várias edições da Bíblia, sem esquecer que Mainz era o exato lugar onde Johann Gutenberg inventara o primeiro tipo móvel de imprensa e conseguira o primeiro livro da história impresso mecanicamente.

Concedendo que tais personalidades deviam ter prioridade, Randall pediu cópias dos arquivos de pesquisas do pessoal, de modo a examinar e estudar os materiais recolhidos nos próximos dias, dizendo:

-Amanhã falarei a Deichhardt e a Wheeler para que nos concedam licença para começarmos a trabalhar com o material publicitário. Vou prometer-lhes que teremos o máximo de cuidados. Sei muito bem o risco que tais coisas envolvem, até por experiência pessoal, uma vez que esta manhã fui praticamente experimentado.

E Randall contou resumidamente ao pessoal o que aconteceu com Cedric Plummer, que o tentara subornar. Imediatamente, Cunningham e Helen de Boer contaram que também foram incomodados. Logo a seguir à entrevista de Plummer com de Vroome, cada um deles recebera telefonemas anônimos ameaçadores, mas desligaram os aparelhos antes de conseguirem saber realmente o que pretendiam deles. E claro, contaram tudo ao gabinete de segurança do inspetor Helderling.

- Ok - disse Randall. - Estou certo de que haverá mais coisas desse gênero. Mas temos que pensar que chegaremos a salvo até à publicação, mantendo intacto o nosso segredo. Passemos ao tópico seguinte da agenda: Como é que vamos apresentar ao público a história do Novo Testamento Internacional?

Toda a gente naquela sala se mostrava de acordo que deveria ser convocada uma grande conferência de imprensa para os representantes dos jornais, da televisão e da rádio de todo o mundo.

- Por conseguinte, estamos todos de acordo quanto à conferência de imprensa - rematou Randall. - No entanto, uma vez que isto é absolutamente, na minha opinião, a maior notícia da história dos tempos modernos e provavelmente de todos os tempos, penso que a conferência de imprensa deve ser a mais gigantesca e impressionante. Já tenho duas idéias principais. Gostaria que a declaração de abertura fosse feita no Real Palácio

Holandês da Dam, e que fosse feita não apenas à imprensa como também transmitida direto para os telespectadores de todo o mundo via satélite. Que tal?

O pessoal manifestou-se ruidosa e entusiasticamente unânime. Helen de Boer ofereceu-se espontaneamente para investigar discretamente a possibilidade de utilização do Palácio Real na declaração ao mundo. Lester Cunningham ofereceu-se para falar em confidencial, com os diretores do Consórcio Internacional de Comunicações por Satélite com a União Européia de Transmissões de modo a sondar as possibilidades de utilizarem satélites para retransmitirem as primeiras notícias sobre a Palavra aos setenta países membros da união.

-Finalmente - disse Randall-, guardei para último lugar o debate para a nossa história número um, para a mais sensacional das histórias, a que mais nos interessa por ela derivar tudo o mais - refiro-me, evidentemente, à história sobre o Jesus Cristo completo, o verdadeiro Cristo, tal como revelado à humanidade no nosso Novo Testamento Internacional. Para a preparação e popularização da nossa história sobre o Cristo Ressuscitado terão inevitavelmente que ir os nossos melhores e maiores esforços conjuntos. Tenho que lhes confessar que apenas sei uns quantos pormenores a respeito do conteúdo da Nova Bíblia. Sei, por exemplo, que com base nessa Bíblia saberemos pela primeira vez qual o verdadeiro aspecto físico de Cristo. Por meio da palavra escrita de Jacob, o justo, irmão de Jesus, saberemos de tudo o que preenche aqueles anos da Sua vida que sempre ignoramos. Seremos também informados como Cristo sobreviveu à sua Crucificação e prosseguiu com o seu ministério, que se alargou mesmo até Roma, e como Ele morreu quando tinha cinquenta e cinco anos de idade. Dado que só recentemente ingressei neste projeto, ainda não tive tempo para saber mais do que o que expus. Mas espero que um de vós tenha conseguido deitar uma olhada ao original do Evangelho Segundo Jacob e ao Pergaminho Petrônio, sabendo exatamente o que nesses documentos se contém pelas traduções feitas e podendo pois dizer como...

Randall foi interrompido por um clamor de protestos de toda a gente que se encontrava na sala. Alguém se levantou para acrescentar em nome de todos:

-Não, nada sabemos. Até agora não nos deixaram ler nenhum dos documentos.

Mais uma vez a segurança amordaçava a dinâmica do trabalho de publicidade, privando-os de noções exatas sobre o material. Randall sentiu-se furioso.

- Para o diabo com esta porcaria toda. Se é verdade que eles querem publicidade a respeito do novo Cristo, então têm que nos deixar conhecê-Lo. Bem, parece-me que o movimento seguinte está traçado de antemão. Vou ver se obtenho as páginas, em prova, dos documentos, para avaliar exatamente o material com o qual trabalharemos e para orientarmos os nossos esforços. Também lhes posso prometer que hei de conseguir ver as cópias dos documentos o mais cedo possível. Vamos adiar o nosso debate. Amanhã, quando eu tiver notícias para vocês, reataremos a discussão geral do assunto.

CAPÍTULO 3.5

De volta ao seu gabinete, Randall não repousou mais do que alguns minutos. Aturdido por ter conhecido tantas pessoas durante as passadas seis horas, sabia que ainda lhe restava uma importante tarefa pela frente.

Mas, primeiramente, não convinha esquecer seu trabalho interno. Dirigiu-se ao enorme fichário à prova de fogo, abriu-o e procedeu o destravar da barra de segurança interior, sem o que os arquivos não podiam ser expostos. Abrindo a gaveta, localizou

imediatamente, a pasta com as palavras FOTOGRAFIAS DOS PAPIROS E DO PERGAMINHO - EXEMPLARES ÚNICOS - CONSULTA PRIVADA.

Levou a pasta para a escrivaninha, agarrou sua mala de couro, já com um aspecto volumoso, e tirou lá de dentro outras pastas de arquivo com as informações a respeito de Monti, Aubert, Jeffries e Hennig que acabava de obter do pessoal da sua seção.

Olhando todo aquele material, pensou que só lhe faltava ali uma informação - a mais importante de todas - que teria que procurar obter o mais rapidamente possível.

Sentou-se na sua cadeira giratória e estava prestes a telefonar, quando ouviu uma pancada na porta. Antes mesmo de dizer entre, já Naomi Durin estava no gabinete. Fechando a porta nas costas, a ex-freira ficou olhando para ele impassível, como se o estivesse examinando.

- Tem o aspecto de quem acabou de sair da máquina de lavar roupa - disse Naomi, continuando a fitá-lo.

- Diga antes uma máquina de **lavagem de cérebro** - corrigiu Randall -, um autêntico agitação que me arrastou girando ao encontro de cerca de 100 pessoas. Mas você saberá bem, pois, foi quem me arrastou para este caos. - Suspirou - mas que dia!

-É é apenas o princípio - disse ela com indiferença, sem se deixar comover, ao mesmo tempo que arrastava uma cadeira para junto da escrivaninha, sentando-se na beirada para indicar que sua visita era breve e circunscrevia-se, estritamente, a assuntos de trabalho.

- Reparei que toma sempre notas para onde quer que vá.

-Nunca me conheci sem tomar notas - disse ele defensivo. -Em especial quando se trata de lidar, simultaneamente, com tantos nomes. Claro que tenho que ter um registro sobre as várias personalidades e sobre os assuntos que tratam.

-Pois bem, considero ineficiente que uma pessoa de tanta projeção, realize um trabalho desse teor. Devia ter uma secretária para tomar conta dessas coisas. A falta foi minha. Deveria ver isso desde o primeiro momento em que fez a sua entrada na Ressurreição Dois. Temos que resolver o caso de uma secretária, antes do trabalho prosseguir. -Fez uma pausa. -Tem quaisquer preferências? Quero dizer, pensa utilizar os serviços de Darlene Nicholson? Pergunto isto porque se assim for o inspetor Helderling terá que...

- Pare com isso, Naomi. Você conhece perfeitamente o problema.

Ela encolheu os ombros.

-Bom, tinha que ter certeza. Agora que já está formalmente instalado, aumentou a sua importância relativamente ao projeto. Queremos que se sinta plenamente satisfeito em todos os sentidos e que nada lhe falte. Precisa de uma secretária privada, entendida em publicações religiosas, uma secretária na qual possa confiar totalmente.

Randall debruçou-se na escrivaninha e olhou firmemente para ela:

-E que tal se fosse você, Naomi. Confio absolutamente. Somos relativamente íntimos.

Naomi corou.

-Receio que... que não seja possível. A minha devoção pertence por inteiro ao Sr. Wheeler.

-Ao Sr. Wheeler? Compreendo. - Pensava que compreendia. Talvez o editor modelo americano pretendesse ter sempre uma ex-freira à mão para o que desse e viesse. - Ok, o que sugere então, Naomi?

- Penso que precisa de alguém que esteja já a par do projeto. Tenho três moças que há mais de um ano estão conosco. Cada uma delas é habilitada para o trabalho. Todas elas foram submetidas às competentes investigações e foi-lhes concedido o cartão verde, o que significa um grau relativamente elevado, dado que as outras secretárias só têm cartões pretos. Pode entrevistar as três que lhe proponho antes de ir embora.

- Não, muito obrigado. Estou demasiado fatigado. Além disso tenho ainda uma coisa para fazer. Aceite quem me recomendar. Pode recomendar-me uma?

Naomi levantou-se e disse num tom cheio de vivacidade:

- Na verdade posso perfeitamente recomendar-lhe uma das moças. Aliás, caso aceite o meu conselho, trouxe-a comigo. Está na recepção. Chama-se Lori Cook e é americana. Julgo que isso torna as coisas mais fáceis para o serviço. Há dois anos que ela vive no estrangeiro. É uma secretária bem dotada, a estenografia não tem segredos para ela e as habilitações são mais do que recomendáveis. Há um ano e dois meses trabalha neste andar. É fanaticamente devotada ao projeto... e à religião.

- Oh?!

Naomi olhou-o com atenção.

- Que pretende? Alguém que seja crente, não é verdade? Ajuda muito. Quando uma empregada nossa sente que está trabalhando para Deus, o relógio para ela deixa de dar horas. - Fez uma breve pausa. - Só mais uma coisa: a moça tem um defeito físico. É coxa. Nem sequer lhe perguntei nada sobre a deficiência porque o seu quociente de trabalho é excelente e pode fazer tudo o que as outras fazem. Bom, tal como já disse, Lori possui tudo o que uma boa secretária deve ter, mas desde já, devo avisá-lo que... - esboçou um sorriso - ... sexualmente nem vale pena.

Randall estremeceu.

- Pensa na verdade que o sexo me interessa acima de tudo?

- Só queria que estivesse a par das coisas. Julgo que será melhor recebê-la durante um minuto antes de resolver definitivamente.

- Fico com ela. E posso recebê-la durante um minuto. Naomi dirigiu-se para a porta e abriu-a, chamando:

- Lori, o Sr. Randall quer vê-la.

Naomi fez uma rápida apresentação e depois despediu-se de Randall.

- Entre, Miss Lori - convidou Randall. - Faça favor de se sentar.

Evidentemente que Naomi falara verdade. Lori Cook seria tudo menos um objeto sexual. Parecia-se com um passarinho saltitante, um pequeno pardal de telhado. Coxeou até junto da escrivaninha, sentou-se nervosamente, alisou com a mão o cabelo crespo e, sentada na pontinha da cadeira, deixou cair as mãos, de dedos entrelaçados.

- Miss Dunn considerou-a muito eficiente - principiou Randall. - Segundo sei, está trabalhando noutra seção. Qual a razão porque quer abandonar o trabalho que fazia para ser minha secretária?

-Porque me disseram que é aqui, a partir de agora, todas as coisas essenciais vão ter lugar. Toda a gente diz que o êxito do Novo Testamento Internacional depende agora do senhor e do seu pessoal publicitário.

-Essa gente exagera. De qualquer maneira seria sempre um êxito. Mas, nós poderemos dar uma ajuda. É muito importante pra você o êxito desta nova Bíblia?

- Significa tudo para mim. Desconheço o que os documentos contêm na íntegra, mas pelo que ouvi, trata-se de algo incrivelmente miraculoso. Tremo de impaciência para ler a obra.

- Também eu - disse Randall constrangido. - Qual é a fé que professa, Lori?

- Era católica. Recentemente, afastei-me da Igreja e sigo os serviços presbiterianos.

- Porquê?

- Não tenho certeza. Julgo que procuro alguma coisa.

-Disseram-me que está no estrangeiro já alguns anos. Sinto-me interessado em saber porque deixou os Estados Unidos, a terra onde nasceu.

Randall reparou que as mãos de Lori crispavam no vestido. A sua voz fina, que mal se ouvia, tremia.

- Saí de Bridgeport, Connecticut, faz dois anos. Depois do liceu pus-me trabalhando e consegui guardar dinheiro para viajar. Quando fiz vinte e dois anos pensei que devia viajar... de modo que comecei esta peregrinação.

- Peregrinação?

- Sim, para conseguir... vai-se rir de mim... um milagre. Bem vê... a minha perna. Sou coxa de nascença. Os médicos nunca puderam fazer nada... Pensei então que talvez Deus me ajudasse. Andei em peregrinação por todos os santuários de que ouvi falar. Fui aos grandes lugares onde já se verificou curas milagrosas. Em primeiro lugar, claro, fui a Lourdes. Uma vez que Nossa Senhora apareceu a Bernadette, orei para que também me aparecesse. Sabia que se deslocam a Lourdes por ano dois milhões de peregrinos, ocorrendo cerca de cinco mil curas num só ano, e a igreja declarou miraculosas cinquenta e oito curas... cegueira, cancro, paralisia...

Randall teve vontade de perguntar-lhe o que acontecera em Lourdes, mas ela estava tão embrenhada naquilo que contava que não a quis interromper.

-Depois de Lourdes - dizia Lori Cook - fui ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima em Portugal, onde em 1917 três pastorinhos viram Virgem Maria aparecer sobre uma nuvem, envolta num halo mais brilhante do que a própria luz do Sol. A seguir visitei o santuário de Lisieux, na França; a Catedral de Turim, na Itália, onde se guarda o Santo Sudário; fui a Monte Alegre, à Capela de Sancta Sanctorum para orar junto ao retrato de Nosso Senhor na pintura do qual não intervieram mãos humanas, e foi lá que tentei subir os vinte e oito degraus sagrados de joelhos, mas não me deixaram. Dirigi-me ainda à Bélgica, a Beauring onde cinco crianças, em 1932, tiveram visões sagradas. Finalmente, desloquei-me a Walsingham, Inglaterra, onde se anunciaram curas. E depois... parei.

Randall sentiu um nó na garganta que o estrangulava de emoção.

- Parou... vai fazer um ano, não foi?

-Sim. Julgo que Deus não ouviu as minhas preces em nenhum desses lugares. Bem vê a minha perna... continuo coxa.

Randall, angustiado, recordou-se de um momento em que, durante umas férias grandes do liceu, lera pela primeira vez o livro Servidão Humana, de W. Somerset Maugham. Philip Carey, o herói do livro, nascera aleijado de um pé. Aos catorze anos Philip fora afetado por uma crise religiosa, convencendo-se que Deus tudo podia fazer e que a fé podia mover montanhas. Pensara que se a sua fé fosse grande, se rezasse muito, o Senhor curá-lo-ia do seu defeito. Desse modo, Philip enchera-se de fé, começara a orar extenuante e marcara uma data para o milagre. Na noite anterior à data do milagre, rezara as suas orações para agradar o Criador, depois fora para a cama e dormira com toda confiança. Acordara de manhã cheio de alegria e gratidão. Seu primeiro gesto foi meter a mão por baixo do lençol para ver se o pé já estava curado, mas fazer tal movimento seria como que duvidar da bondade de Deus. Sabia que o pé já estava bom. Mas, por fim, decidindo-se, encostou de leve os dedos do pé direito no esquerdo. Depois passou a mão por todo o pé. Desceu as escadas mancando...

Ao ler aquela passagem, Randall também se tornara um cínico.

E Lori Cook? Escutou-a. Ela dizia:

-Nunca censurei Deus. Há tanta gente que reza a Nosso Senhor... pensei que talvez durante as minhas orações Ele estivesse demasiado ocupado. Continuo a ter fé. Estava para regressar a casa, há cerca de um ano, quando ouvi falar num projeto religioso que

precisava de secretária. Um certo instinto ditou-me que fosse à Londres para me candidatar. Fui admitida e enviada para Amsterdã. Desde então estou na Ressurreição Dois, e nunca lamentei a minha decisão. Tudo aqui está envolvido em mistério, mas é excitante.. Realizo meu trabalho esperando para saber que boa obra executamos. Randall sentia-se ainda bastante comovido com a fé daquela moça simples.

-Lori, não ficará desapontada. Ok, está admitida.

Tornou-se mais do que evidente a genuína alegria da moça.

-Obrigada, Sr. Randall. Estou... pronta para começar imediatamente, se tiver algum trabalho para mim.

-Penso que de momento não tenho nenhum trabalho para lhe dar. Além disso, está quase na hora de irmos embora.

-Bem, se não tem nada de especial para mim, ficarei ainda um pouco para mudar as coisas da minha antiga escrivania para a nova.

Lori caminhou mancando para a porta, abriu-a, quando de repente Randall se lembrou de que havia uma coisa importante para resolver, quando Naomi o interrompera.

- Lori, só um momento. Tem um assunto em que poderá me ajudar. Preciso imediatamente obter um exemplar do Novo Testamento Internacional em inglês. Penso Albert Kremer tem algumas provas na Sala de Revisão. Quer chamá-lo pelo telefone pra mim?

Lori apressou-se a realizar o primeiro serviço em seu novo cargo, dirigindo-se para o telefone da recepção.

Randall recostou-se na cadeira durante alguns instantes, depois pegou o fone quando ouviu o sinal de Lori.

-Sinto muito, Sr. Randall – mas, o Sr. Kremer já saiu. Posso lhe fazer uma sugestão? O bibliotecário, o Sr. Hans Bogardus, possui um registro de todos os exemplares. Habitualmente, fica até muito tarde no escritório. Posso ligar para ele?

Segundos depois Randall estava em comunicação com o bibliotecário.

- Sr. Bogardus, aqui fala Steve Randall. Gostaria de ler um exemplar do Novo Testamento Internacional uma das cópias existentes. Preciso urgentemente ler a obra para...

No outro extremo da linha ouviu uma voz afeminada dizendo:

-Eu também gostaria de ter em meu poder o diamante Kohinoor, Sr. Randall.

Irritado, Randall disse:

-Disseram-me que o senhor possui um registro de todas as cópias produzidas.

-Ninguém que tenha uma cópia consentiria que o senhor olhasse. Eu sou bibliotecário do projeto e ainda não me consentiram vislumbrar a obra sequer numa prova.

-Pois bem, meu caro amigo, posso dizer-lhe que já me deram licença para ler um exemplar. O Sr. Wheeler disse-me que logo que chegasse em Amsterdã estaria à minha disposição uma cópia.

-O Sr. Wheeler já foi embora. Se esperar até amanhã...

- Quero uma cópia esta noite! - gritou Randall exasperado. A voz de Bogardus tornou-se mais séria, mais solícita.

- Esta noite? - repetiu. - Pois bem, nesse caso só o Dr. Deichhardt pode ajudar. Existe uma cópia em inglês no cofre-forte lá embaixo, mas só o Dr. Deichhardt autoriza que a reprodução saia de lá. Por acaso, sei que o Dr. Deichhardt ainda está no seu gabinete.

- Obrigado - disse Randall, desligando abruptamente. Levantou-se da cadeira e saiu do escritório. Lori colocava coisas na escrivania. Ao passar junto dela, mas sem se deter, Randall pediu:

- Telefone já para o gabinete do Dr. Deichhardt, diga-lhe que estou a caminho para lhe falar, que não demoro mais de um minuto e o que tenho a dizer é muito importante. Largou em grandes passadas pelo corredor, pronto para o combate.

CAPÍTULO 3.6

Vinte minutos depois, Randall estava instalado no lugar traseiro do grande Mercedes-Benz. Theo, o motorista, guiava o carro pela Dam, em meio a escuridão dos primeiros momentos do início da noite.

Randall ganhara o combate.

Embora com grande relutância, o Dr. Deichhardt acabara por concordar. Se os editores pretendiam uma boa publicidade a respeito do Novo Testamento Internacional, então seria melhor consentirem, que o diretor da publicidade do projeto, lesse a transcrição. Todavia, surgiram condições explícitas apenas ao empréstimo da Bíblia. Randall só poderia manter a cópia consigo por uma única noite, durante aquela fase do projeto. Devia ler a obra bem fechado em seu quarto. Não poderia tomar notas. De manhã voltaria a entregar a reprodução ao Dr. Deichhardt. Não devia revelar pra ninguém, nem mesmo aos outros membros do corpo de publicidade, aquilo que lera. Confinaria o uso do conteúdo da obra apenas ao delinear das idéias publicitárias, mantendo essas idéias bem fechadas no fichário de segurança existente no seu escritório.

Dentro de duas semanas chegaria Herr Hennig a Amsterdã, deslocando-se propositadamente, de Mainz, com os exemplares completos e acabados da Bíblia. Nessa altura, e só nessa altura, é que Randall e os elementos da sua seção receberiam os respectivos exemplares. A partir desse momento Randall estaria livre para debater as idéias que extraísse da leitura dessa noite, uma leitura secreta, e nessa altura, seu pessoal poderia também começar livremente preparando a campanha de promoção.

Randall concordara imediatamente com todas as condições propostas, jurando observar todas as precauções possíveis sem falhar em nenhum ponto. Depois da grande batalha, mal pudera conter a sua impaciência até surgir, finalmente, o curador dos documentos contidos no cofre-forte, com as páginas de prova da edição americana.

Groat, o curador, era um homem baixinho, um holandês compacto, que se parecia com uma daquelas figuras irreais existentes no museu de figuras de cera de Mme. Tussaud. Exibia uma peruca lisa, muito mal adaptada. Tinha um bigode fino que lhe dava a aparência de um barbeiro, uns modos de burocrata subalterno sempre curvado aos superiores hierárquicos e usava um revólver de tipo estranho (Randall perguntara e soubera tratar-se de uma F.N. 7,6 de fabricação belga) preso embaixo do casaco preto, desabotoado. Groat entregara a Bíblia - as páginas das provas metidas entre duas placas de cartão, amarradas por uma fita azul de tal forma que destacava uma grande cruz - formalmente, solenemente a Randall como se lhe entregasse uma mensagem do Criador.

Nesse momento, com a pasta onde se encontrava o Novo Testamento Internacional, as fotografias sobre o que fora descoberto em Ostia Antica, os papéis que o pessoal lhe entregara, colocada a seu lado no assento estofado, Randall, após um dia tão agitado na Ressurreição Dois, permitia-se finalmente instalar-se com máxima comodidade e gozar com alegria e descontração aquele interlúdio.

Pela janela podia ver que saíam da Dam, entrando numa via pública bastante larga, ladeada de árvores, chamada estrada Rokin. Em breve Rokin desembocou em Mountplein e logo a seguir percorriam Reguliersbreestraat. Pouco depois Theo diminuiu a velocidade do carro

ao penetrarem numa praça barulhenta e cheia de trânsito. Era a Rembrandtsplein, uma das praças mais populares da cidade, que os holandeses costumam chamar a Broadway de Amsterdã, onde se erguia o imponente Hotel Schiller, o Hof Van Holland com o seu terraço, e onde Randall podia observar uma enorme fila de jovens em frente da bilheteira do Teatro Rembrandtsplein.

Uma vez deixada para trás a populosa praça, em volta deles a cidade tomou um ar calmo, silencioso. Com exceção da passagem de uns carros, o movimento era pouco, e a rua onde se encontravam parecia extremamente agradável. Randall debruçou-se à janela procurando, na obscuridade reinante, distinguir a placa com o nome da rua - pretendia qualquer dia dar um passeio pelo local - e finalmente conseguiu vislumbrar que se chamava Utrechtstraat.

Naquele momento sentiu um súbito desejo de caminhar, poder estender as pernas, apanhar ar fresco. Ainda não tinha vontade de comer. Mesmo sentindo-se ávido para ler o conteúdo do Novo Testamento, que transportava na pasta, a sua inclinação para dar um passeio era tão forte que bem podia esperar mais um pouco para tomar contato com o Evangelho Segundo Jacob. A idéia de ter saído de um recinto fechado, o Krasnapolsky, para entrar noutra clausura representada pelo Mercedes, ainda com a pouco simpática perspectiva de se ir encerrar mais uma vez noutro convento, o Amstel Hotel, tornava-se-lhe opressiva. Decidiu se dar ao luxo de fazer um ligeiro passeio a pé para respirar o ar fresco e puro da Holanda.

-Estamos ainda muito longe do hotel, Theo?

- Wij zijn niet ver van het hotel. Não muito longe, relativamente perto. Talvez a seis ou sete quarteirões de distância.

- Ok. Pare ali na esquina, Theo. No cruzamento com o canal.

O motorista voltou-se, surpreso, largando por momentos o volante.

-O Sr, Randall quer que eu pare?

-Sim, quero andar a pé o resto do caminho até ao hotel.

- Sr. Randall, as instruções que tenho são para não o perder de vista um só momento até que esteja são e salvo no Amstel.

- Sei muito bem as ordens que lhe deram, Theo. E não quero que deixe de as seguir. Não é preciso que me perca de vista, pode perfeitamente seguir-me até chegarmos ao hotel. Que tal, Theo?

O motorista mostrou uma expressão de quem não está bem certo das coisas.

- Mas...

Randall abanou a cabeça. Que raio se passava com aqueles autômatos sempre cumprindo à risca as ordens dadas, absolutamente programados, inflexíveis.

-Vejamos, Theo, ambos cumprimos as regras estabelecidas. Eu também não quero fugir a elas. Mas, você não me perderá de vista. É simples, quero esticar as pernas e é a primeira vez que posso dar um passeio, desde que cheguei à cidade. Preciso fazer exercício. Por isso, faça o favor de me deixar na esquina, e seguir-me à distância.

Theo, com um suspiro, parou o motor e saiu do carro, preparando-se para abrir a porta a Randall mas este já estava no passeio com a pasta na mão.

- Theo, basta que me diga aonde estou e que me oriente no bom caminho.

Theo apontou para a esquerda ao longo do canal.

-Pode caminhar a direita ao lado do canal, o Prinsengracht, até ao fim. Chegará depois ao Rio Amstel. Continua a direita por mais três quarteirões até à Sarphatistraat, depois atravessa a ponte à esquerda, entra numa rua chamada Professor Tuylplein onde se encontra o Hotel Amstel. Tocarei a buzina se o senhor se enganar.

- Obrigado, Theo.

Randall ficou ali no mesmo lugar do passeio até Theo sentar-se de novo ao volante do Mercedes, depois, fazendo um ligeiro sinal com a mão ao motorista, começou a andar. Sentindo-se pela primeira vez livre desde a chegada, respirou profundamente aquele ar fresco e saudável, encheu os pulmões e expirou depois; agarrando bem a pasta, atravessou a rua e começou a caminhar ao longo da margem do canal Prinsen.

Um minuto ou dois depois, deu uma olhada para trás. Cumprindo o seu dever, a uns cinquenta metros, Theo seguia devagar com o Mercedes.

Ok. Instruções. Regulamentos. Ordens. Entretanto o passeio decorria maravilhosamente e sentia-se reviver.

Achava-se bem naquele lugar, descansado, cheio de paz depois de toda agitação do dia. A tensão principiara abandonar-lhe os músculos e já nem sentia o saltitar das fibras nervosas nos antebraços e aquela pontada, sinal de fadiga, nas costas. Na escuridão da noite viu que, entre os espaços, estavam estacionados alguns dos carros anões que observara durante o dia, em locais onde existiam parquímetros de estacionamento. Do outro lado da rua, um tanto sombrias na pouca luz da iluminação pública, erguiam-se uma série de velhas casas, com curtos degraus que levavam ao patamar de entrada; casas cujas janelas, na grande maioria, não tinham cortinas, nem estavam iluminadas e que, por detrás não manifestavam sinais de vida. Os bons burgueses de Amsterdã iam cedo para a cama, pensou Randall.

Do outro lado, um pouco abaixo do nível da rua estreita, viam-se as águas paradas do canal. Podia ver barcos presos a pilares, ancorados, e algumas daquelas embarcações, de aspecto atraente, serviam de residência aos seus donos. Num desses barcos-casa, iluminado, pôde ver num relance por uma das janelas um garotinho com camisa de dormir. As luzes das embarcações prolongavam-se em círculos pela ligeira ondulação, como partículas de luz que se perdem algures.

A medida que caminhava lentamente até o fim do canal Prinsen, Randall pensava nos acontecimentos do dia. Lembrou-se de Darlene, esperando que ela tivesse gozado as suas viagens turísticas pela cidade. Em retrospectiva voltou à reunião com o seu pessoal, pensando em toda aquela gente jovem e ativa; pensou no almoço com os poderosos editores e teólogos conselheiros, com tantos conflitos ocultos em seus propósitos comuns, e pensou também em Lori Cook. Pensar naquela moça, não sabia bem porquê, levava-o a recordar-se da filha, Judy, e de quanto desejaria naquele momento tê-la junto de si, sem se esquecer das perturbações que lhe causaria por causa do divórcio. Contudo, os perfis das pessoas mais ligadas à sua vida - Judy, Bárbara, Towery, McLoughlin, seu pai, mãe, Clare, Tom Carey - pareciam-lhe todos vagos e distantes naquela calma e perfumada noite.

Parou por um momento, vendo um gato vadio miando, que de repente passou junto aos seus pés, e mal reatara a marcha quando as luzes intensamente brilhantes de um carro lhe bateram diretamente no rosto, ofuscando-o. Instintivamente levou as mãos aos olhos para os proteger, podendo então perceber a forma escura do veículo que subia na rua, em direção contrária ao rio, aproximando-se do lugar onde estava com incrível velocidade.

Paralisado durante alguns segundos, olhando atônito para aquela sombra que se avolumava ao seu encontro como se o quisesse esmagar. Então o motorista não o via? Não via o Mercedes com Theo ao volante logo atrás? O monstro estava quase a atingi-lo quando as suas pernas regressaram à vida, desviou-se mais para dentro do passeio, mas as luzes amarelas ao máximo continuavam-lhe dirigidas, seguindo-o inexoravelmente. Observou

depois que o carro não tinha qualquer intenção de se afastar e que procurava o seu corpo a uma velocidade cada vez maior. Em pânico, chegou mais para o lado do canal a fim de fugir do atropelamento, mas nessa altura tropeçou, as mãos se estenderam para o proteger da queda e deixaram cair a preciosa pasta.

Caiu redondamente no chão. Um pouco contundido, respirando pesadamente, ficou ali no chão esperando que o carro passasse. Mas em vez disso ouviu o chiar dos pneus no cimento da rua. Deu uma volta sobre si mesmo para ver o compacto sedan derrapando de tal forma que o Mercedes em que seguia Theo foi obrigado fazer uma paragem de emergência.

Da posição em que se encontrava, Randall distinguiu alguém, um homem com um boné, o condutor, saindo do sedan e escancarar a porta do lado do volante do Mercedes. Logo a seguir a sua atenção desviou-se para outra figura, um segundo homem, um vulto masculino, que saía do lugar traseiro do sedan. Era um homem estranho, sem cabelo, sem rosto - coisa grotesca e assustadora - um homem que tinha uma meia enfiada pela cabeça, vulto que se encaminhava rapidamente não para ele, mas, para alguma coisa que se encontrava caída no passeio alguns passos atrás.

Nesse momento o coração de Randall deixou de bater e ele sentiu autêntico gelo percorrendo pelas veias.

O objeto caído era a sua pasta.

Todos os nervos do corpo lhe transmitiram um impulso vital, ordenando-lhe que se levantasse. Com dificuldade conseguiu pôr-se de joelhos e amparou-se ao poste de um sinal de estacionamento para manter o equilíbrio.

A figura exótica e repelente, com o seu bizarro crânio coberto pela difusa transparência da meia de senhora, abaixou, apanhado a pasta e regressando ao carro de onde saíra um segundo antes.

Os olhos de Randall procuraram seu protetor atrás do volante do Mercedes. Mas Theo não estava lá. Não estava à vista. O outro atacante, o motorista com o seu boné, estava de novo sentado ao volante do sedan negro, desbloqueando a rua em frente do Mercedes e guiando o carro pela rua abaixo, pela rua onde não se via viva alma. E o seu cúmplice, o homem da meia de «nylon» com a pasta, estava quase chegando junto dele.

- Larga isso! - berrou Randall. - Polícia! Polícia!

Atirou-se de cabeça baixa para a frente. O outro quase levava a mão ao puxador da porta quando Randall encurtou a distância que os separava atirando-se-lhe contra as pernas, que procurou agarrar. Sentiu entre as mãos os músculos e sentiu o homem debater-se um momento no ar antes de cair desamparado.

Freneticamente, Randall abandonou o adversário, e levantou-se para agarrar de novo a sua pasta. Quando as suas mãos tocaram o couro macio sentiu que o agarravam por trás e uns dedos de ferro apertaram-se-lhe na garganta. Randall procurou libertar-se daquelas garras desesperadamente, sentindo faltar-lhe a respiração. Era uma luta surda, Randall fazia todos os esforços, com braços e pernas para acertar no homem que estava atrás, mas, ao mesmo tempo, tomando consciência do soar de um ruído insólito.

Tratava-se sem dúvida de um apito, o som intenso de um apito que se aproximava cada vez mais.

Ouviu uma voz urgente que vinha de dentro do sedan.

-De politie... de politie komt! Ga in de auto! Wij moeten vlug weggaan!

Repentinamente viu-se livre. Sem o peso atrás de si, pela natureza do próprio desequilíbrio, caiu de novo no chão. As garras já não lhe apertavam a garganta. Conseguindo pôr-se de

joelhos, agarrou na pasta, apertando-a contra o peito. Ouviu a porta do sedan bater. O motor arrancou e os pneus rasparam o pavimento. Ainda combalido, olhou para trás. O carro, como um foguete, evaporou-se, engolido pela escuridão da noite.

Com a cabeça tonta, Randall tentou erguer-se e não conseguiu. Depois, gradualmente, deu fé de que duas poderosas mãos o agarraram por baixo dos braços e que alguém o ajudava a levantar-se. Voltou-se para ver quem o ajudava. Tinha na cabeça um boné azul, que sombreava uma cara larga, de coradas maçãs. O forte e atlético corpo, vestindo um blusão e calças azuis-escuras, vendo-se-lhe um apito preso por um cordão, um crachá no peito, um bastão de borracha suspenso numa armação de couro e um revólver, parecido com aquele que vira no curador Groat. Um policial. Era um cívico holandês. Outro policial, corria pela rua. Os agentes começaram a trocar rápidas palavras que Randall não compreendia.

Acabara de se levantar completamente quando por fim avistou Theo, pálido, de respiração opressa, que apalpava a base do crânio e que falava com os policiais em holandês.

Ao vê-lo, Theo gritou:

-Sr. Randall! Sr. Randall! Está ferido?

-Não. Theo. Sinto-me bem. Apenas um pouco tonto. E o que lhe aconteceu? Não consegui vê-lo...

- Tentei ajudá-lo... tentei tirar o revólver do porta-luvas... mas antes de conseguir um dos assaltantes deu-me uma pancada na cabeça e desmaiei. Tem a pasta consigo?... Ah! ainda bem, ainda bem.

Randall conseguiu finalmente dar fé de um Volkswagen branco, com uma farol de luz azul, giratória, no tecto e com a insígnia da polícia pintada na porta, parado junto ao Mercedes - um pigmeu junto de um gigante. Um dos policiais com divisas disse qualquer coisa.

- Vraag hem wat voor een auto het was en hoe veel waren daar.

O policial que ainda amparava Randall, perguntou a este num inglês corretíssimo:

-O sargento quer saber de que marca era o carro e quantos eram os assaltantes.

-Não vi a marca do carro. Talvez fosse um Renault. Pelo menos era um sedan pintado de preto. Os assaltantes eram dois. Um deles, com um boné, foi o que deu a pancada no meu motorista. Não lhe distingui as feições. Só vi bem aquele que me atacou. Tinha uma meia de seda enfiada na cabeça. Penso que era louco. Usava um pulôver de gola. Era um pouco mais baixo do que eu, mas bem constituído. Não consigo lembrar de mais nada... Talvez Theo, o meu motorista, possa dizer-lhes mais do que eu.

O policial interrogou Theo detalhadamente, transmitindo depois as descrições em holandês. O sargento fez um sinal com a mão e a mancha branca do Volkswagen perdeu-se na escuridão da noite.

Logo a seguir surgiram as formalidades necessárias, enquanto curiosos das casas vizinhas e vindos da ponte através do Rio Amstel se reuniam curiosamente à distância. Randall mostrou o seu passaporte. O primeiro policial tomou nota dos dados contidos no documento. Depois interrogou Randall, minuciosamente, sobre o ocorrido. Randall relatou exatamente tudo o que acontecera. Quando lhe foi perguntado porque se encontrava em Amsterdã, foi deliberadamente vago. Férias, algumas visitas a pessoas amigas, nada mais. Saber a razão porque lhe tinham tentado fazer mal, porque o tinham assaltado? Não, não via qualquer razão especial. Além dos esfolados nos joelhos, tinha quaisquer outros ferimentos? Não, estava bem.

Os policiais pareceram ficar satisfeitos. O que fazia as perguntas fechou o bloco-notas. Theo, rigidamente ao lado de Randall, disse com ar grave:

- Sr. Randall, julho que agora deixará que eu o leve de carro até o hotel, não é verdade?

- Sim, julho que deixarei que me leve - respondeu Randall, levemente divertido.

Os curiosos dispersaram-se, enquanto Randall, com a pasta bem segura, ladeado pelos dois policiais, seguia Theo até ao Mercedes. Sentou-se na beira do assento, enquanto Theo lhe fechava respeitosamente a porta e instalava-se ao volante. O vidro da janela da retaguarda estava aberto, e o primeiro policial, com ar amigável, meteu a cabeça pelo buraco, dizendo:

-Wij vragen excuus. Het spijt mij da u verschrikt bent. Het... - Parou e abanou a cabeça. - Esqueci-me e comecei falando holandês. Apresentava-lhe nossas desculpas pelo que aconteceu. Sinto muito que tivesse ficado incomodado e que o assustassem. Não há dúvida que se trata de uma tentativa de roubo de dois desordeiros. Afinal tudo o que pretendiam era a sua pasta.

Randall sorriu. Só queriam a sua pasta. Ladrões sem importância.

Mas o policial ainda não acabara.

-Manter-nos-emos em contato com o senhor para identificar os ladrões, se os apanharmos.

Randall quis dizer «você não os apanham nem que investiguem durante um milhão de anos», mas em vez disso disse simplesmente:

-Muito obrigado. Agradeço-lhes muito.

Theo ligou o carro e quando o policial se afastou para o lado, Randall pôde ver perfeitamente o crachá oval que o homem tinha no peito. O metal tinha gravado um livro, com uma espada por cima, com a ponta para o alto, como que protegendo o volume. Na parte inferior viam-se as palavras da insígnia: *Vigilat ut quiescant*. Pensou que a legenda significava: Eles vigiam para que os outros sintam-se seguros. A espada protegendo o livro.

Sabia, todavia, que nunca mais voltaria a ter a certeza de estar em segurança.

Pelo menos enquanto o livro tivesse que ser mantido em segredo.

CAPÍTULO 4

Tinha certeza que decorridos muitos anos, quando pensasse em sua vida retrospectivamente, se lembraria claramente das últimas duas horas daquela noite, daquela última hora passada na sala de estar da suite real do Hotel Amstel de Amsterdã. Sim, recordaria sempre aquela hora como se fosse um ponto de referência, um marco, o momento de virada no curso da sua pessoal, uma odisséia na terra. Tanto quanto a sua memória podia alcançar, chegou àquele lugar, àquele momento específico como um barco sem leme, mas sentia agora que já possuía algo que o guiava, um farol que o dirigia a qualquer rumo de existência, a uma vida que sempre desejaria viver.

Entretanto, sentia que ainda havia mais qualquer coisa, uma coisa que não se podia tocar ou agarrar, mas que estava bem viva dentro de si, coisa tão tangível e real quanto os órgãos dentro do seu corpo.

O que sentia no íntimo era uma sensação de paz. Também uma sensação de segurança. Acima de tudo uma sensação de finalidade, muito embora não estivesse certo qual fosse, mas que de qualquer maneira também não lhe interessava saber precisamente.

De uma coisa tinha certeza. A sensação que o possuía totalmente nada tinha a ver com religião, pelo menos do ponto de vista ortodoxo. Continuava pensando como Goethe que os mistérios não significam necessariamente milagres. Não, não era religião que o avassalava, era antes uma crença, uma força difícil de definir. Era como se tivesse descoberto que o sentido da sua vida, e seu objetivo, não era mero vazio, nada e escuridão. Aquela nova fé que surgia na sua vida dizia-lhe que a sua existência, como a de todos os outros homens seus irmãos, foi garçonne por qualquer razão, para qualquer fim mais alto. Tornara-se consciente de uma continuidade, da sua ligação com o passado onde tinha, de certa maneira, vivido antes e de um futuro onde viveria, daí em diante partilhando a fé com mortais completamente desconhecidos mas que, tal como ele, eram penhores por toda a eternidade da perpetuação daquela realidade única.

O que impregnava o seu ser, estava consciente, não podia ainda chamar-se verdadeira fé... isto é, uma fé resistente a tudo, superior a todas as dúvidas, uma fé cega num mestre divino invisível, um Ser Criador que fornecera seres humanos com motivação, para um fim e que era uma explicação para o inexplicável. Aquilo que o avassalara, e que mais facilmente lhe era perceptível, era o começo de uma crença, uma crença de que o seu ser sobre a terra tinha um significado, não apenas pra si próprio, mas também para aqueles que de qualquer forma estavam ligados a ele, para aqueles com quem cruzara, em quem tocara. Em resumo, sabia que não estava ali por acidente, ou acaso, e que por conseguinte não era um ser consumido, um desperdício, um número dançando no vazio até que chegasse a escuridão final.

Recordou-se do pai lhe ter um dia citado o terrível e sufocante Santo Agostinho: **Ele que nos criou sem a nossa ajuda não nos salvará sem o nosso consentimento.** Com um velho remorso, Randall sabia que tais coisas não faziam parte da sua crença. Não concebia nada que fosse digno de seu consentimento para sua salvação. Tampouco acreditava, conforme o Livro dos Livros, que nos orientássemos pela fé, e não pela visão do caminho que trilhava. O seu ser pedia para ver o Caminho... e contudo, naquela noite, havia visto algo.

Visto o quê? Não podia descrever. Talvez com o tempo fosse capaz de determinar, de explicar o que vira. Por hora, bastava a descoberta de uma crença no seu íntimo, aquela crença num desígnio, num objetivo humano, crença que era uma excitação, uma esperança,

quase uma paixão.

Fez um esforço para se libertar daquela introspecção do bicho da seda em seu casulo e tentou readaptar-se ao mundo mais prosaico que o cercava, seguindo todos os passos que o conduziram àquela jornada para a estranha terra da crença.

Fazia duas horas que voltara à suite real que ocupava. Não ficou, um minuto sequer, detido no andar térreo do hotel. Ainda se sentia abalado pela sua experiência na rua. Naquela cidade aberta e segura, de pessoas francas e amigáveis, foi atacado, assaltado por dois estranhos, um deles mascarado. A polícia tratara o incidente como um crime sem importância, uma tentativa rotineira de roubo feita por dois ladrões, dois desordeiros. Mas ao atirar a pasta de couro para cima da imensa cama, Randall sabia que o assalto significava algo mais. O que ele transportava naquela pasta não era simplesmente um livro mas sim aquilo a que Heine chamara um Livro que continha o Sol nascente e o Sol posto, um Livro de promessa e realização, de nascimento e de morte, todo o drama da humanidade, amplo como o mundo, encerrando toda a sabedoria, sabia que era o Livro dos Livros, a Bíblia.

No entanto, refletiu Randall, o Livro de Eleição de que Heine falara transformara-se, aos olhos de muitos leitores, num objeto cediço, obsoleto, sem relação com uma nova era, como um móvel antigo, relegado para o sótão poeirento da civilização. Mas, de repente, de um dia para o outro, por sorte, por acaso, fora impregnado de vida nova, de juventude, e o Livro - tal como o seu Herói - foi revitalizado. De novo, os seus patrocinadores prometeram que voltaria sendo o Livro dos Livros, o Livro por excelência, a BÍBLIA. Mas mais ainda, aquelas páginas possuíam o Santo e a Senha, a Chave, o Verbo, a Palavra, que anunciava uma fé apoiada no novo retrato de Jesus traçado por Jacob, uma nova verdade, justiça, bondade, amor, unidade e que, finalmente, a esperança eterna substituiria um mundo materialista, injusto, cínico, que cada vez descambava mais para o abismo e para o caos.

Na rua, dois homens estavam prontos a feri-lo, mesmo a matá-lo, a fim de obterem a Palavra, o Santo e a Senha. Até aquela assustadora experiência, Randall pouca atenção prestara ao aviso de que se associou a um jogo perigoso. Mas não seria necessário avisá-lo outra vez. O seu convencimento fora absoluto. A partir daquela noite preparar-se-ia para o que desse e viesse.

Chegara à suite ardendo em desejo de ler a Palavra, mas decidira-se esperando até acalmar por completo os nervos. Entrara na sala de estar. No meio do imponente e gigantesco aposento encontrava-se uma mesinha de café com uma bandeja cheio de copos, garrafas e um balde de gelo. A mesa estava rodeada por três poltronas forradas de amarelo e por um confortável sofá em pelúcia azul.

Na bandeja estava uma nota escrita por Darlene num tom levemente irritado. Não gostara nada de estar sozinha todo o dia, mas a viagem de carro fora um êxito e reservara lugar no último passeio de barco pelos canais durante a noite, dado que a garçonete de quarto lhe dissera que quanto mais tarde mais romântico seria o passeio. Estaria de volta pela meia-noite.

Randall serviu-se um scotch duplo com bastante cubos de gelo. Deu uma volta pela luxuosa sala de estar, sentou-se numa moderna escrivaninha com o tampo forrado de couro, estudou com atenção as três portas duplas em estilo francês que abriam para uma varanda com vista para o rio, e acabou com o scotch. Depois telefonou para o serviço de refeições aos quartos; encomendou uma salada, acompanhada por um filé e uma garrafa de vinho. A seguir entrou no banheiro e regalou-se com um chuveiro.

Acabava precisamente de apertar o roupão de seda por cima do pijama de algodão, quando o garçon entrou empurrando um carrinho onde transportava o jantar. Conteve a vontade de ler o Novo Testamento Internacional enquanto comia, mas não se demorou muito engolindo a refeição e bebendo o saboroso vinho.

Por fim, uma hora atrás, consumido pela expectativa, abriu a pasta, tirara para fora as brancas provas tipográficas, onde o tipo se encaixava no papel de largas margens e levava o livro para o sofá. Ajeitara as almofadas, recostara-se, descontraíra-se e começara examinando o livro.

Na primeira página, por baixo do título, Novo Testamento Internacional, escrita a tinta a lembrança: PROVAS NÃO CORRIGIDAS. Mais abaixo, numa etiqueta colada na folha de papel estava uma nota datilografada apensa por Karl Hennig, K. Hennig Druckkrei, Mainz. Hennig avisava que o papel de provas era do tipo comum, mas que as duas impressões iniciais da Bíblia seriam do papel da melhor qualidade que se pudesse encontrar no mercado - a primeira impressão, uma edição limitada, destinada à imprensa e ao clero que seria chamada Edição Púlpito e feita em papel de luxo importado, e a segunda edição, aquela que seria posta à venda para o público em geral em papel velino. As páginas teriam vinte e cinco centímetros de comprimento por quinze de largura. Uma vez que a Bíblia seria utilizada acima de tudo por protestantes, muito embora estivesse também à disposição dos católicos, as anotações seriam mantidas ao mínimo e dispostas num suplemento especial no fim de cada livro.

O conteúdo do Pergaminho Petrônio colocava-se como um apêndice entre o Evangelho Segundo Mateus e o Evangelho Segundo Marcos, e esse apêndice incluía anotações sobre a descoberta do pergaminho em Ostia Antica, sobre a sua autenticidade comprovada, sobre a sua tradução do grego e a relação que tinha com a história de Cristo.

O recém descoberto livro da autoria do irmão de Jesus encaixava-se como parte dos evangelhos canônicos entre o Evangelho Segundo João e os Atos dos Apóstolos. O conteúdo de todo o Novo Testamento fora traduzido de novo em relação às últimas descobertas. Finalmente, um Velho Testamento Internacional seria publicado em volume separado, e seria também traduzido de novo para aproveitar as vantagens fornecidas pelo achado de Ostia Antica. A data experimental da publicação era 12 de julho.

Na sua adolescência e juventude posterior, Randall lera o Novo Testamento, partes do qual relera infundavelmente. Naquela noite não tivera paciência de ler os Evangelhos Sinópticos-Mateus, Marcos e Lucas, nem o quarto evangelho, o de João, com os seus discursos simbólicos. Queria ir direto aos novos documentos, ao pergaminho do centurião Petrônio e ao evangelho de Jacob.

Logo a seguir à última página do evangelho de Mateus, havia uma página com as seguintes letras garrafais:

RELATÓRIO DE PETRÔNIO SOBRE O JULGAMENTO DE JESUS

Um Apêndice

O texto do relatório de Petrônio, escrito em nome de Pilatos, abrangia duas páginas. As anotações que se seguiam cobriam quatro páginas. Randall principiou a leitura:

A Lúcio Aelius Sejano, Amigo de César. Relatório sobre a sentença pronunciada por Pôncio Pilatos, governador da Judéia, sobre o castigo da crucificação imposto a um tal Jesus de Nazaré. No sétimo dia dos Idos de Abril, no sexagésimo ano do reinado de Tibério César, na cidade de Jerusalém, Pôncio Pilatos, governador da Judéia, condenou Jesus de Nazaré por atos de insurreição e sentenciou-o à morte na cruz (Anotação: o patibulum ou patíbulo).

Comovido por aquele seco e frio veredicto que vinha da noite dos séculos, Randall sentiu-se petrificado por uma atenção ávida ao ler até o fim, de um fôlego, o relatório oficial do castigo imposto a Jesus, escrito na Sexta-Feira, 7 de Abril, do ano 30 D.C. Mas sem perder tempo examinando ou pensando de novo no texto, Randall começou a folhear as páginas que se seguiam até chegar à última do Evangelho Segundo João. Nesse momento segurou a respiração e voltou também aquela página. Ali estava, num esplendor simples, uma realidade, um fato, o santo e a senha para a fé, a Ressurreição há tanto esperada.

O EVANGELHO SEGUNDO JACOB

Eu, Jacob de Jerusalém, irmão de Nosso Senhor Jesus Cristo, herdeiro do Senhor, o mais velho dos irmãos do Senhor sobreviventes e filho de José de Nazaré, eu prestes sendo levado perante o Sinédrio e perante o sumo-sacerdote Ananias acusado de comportamento sedicioso pela minha chefia dos seguidores de Jesus na nossa Comunidade.

Incluso, como servo de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo, e enquanto me é dado tempo para realizar este ato necessário, deixo um breve depoimento da vida de meu irmão Jesus Cristo bem como do seu ministério, de modo a impedir distorções e calúnias que aumentam e de modo a fornecer orientação na fé aos discípulos contra a inúmeras tentações e para restaurar a fortaleza de espírito dos nossos seguidores entre as doze tribos da Dispersão.

Os outros filhos de José, os irmãos sobreviventes do Senhor e também meus, são... (Ed.: parte do fragmento perdida). Aqui estou para falar do primogênito e mais bem-amado Filho. Este depoimento é o meu testemunho, reminiscência da vida e depoimento dos apóstolos, Discípulos de Jesus que também testemunharam a vida onde eu não a pude testemunhar, e eu dou seguimento à verdade do Filho que falou pelo Pai de modo que os mensageiros possam dar novas aos Pobres em toda a parte. (Ed.: Os primeiros seguidores de Jesus eram conhecidos como Os Discípulos e também Os Pobres.)

Nosso Senhor Jesus Cristo nasceu de sua mãe Maria, por obra e graça do espírito do Criador, e foi dado à luz no pátio de uma estalagem num lugar chamado Belém no ano que testemunhou a morte de Herodes, o Grande, e alguns anos antes de Quirino ser pro cônsul da Síria e da Judéia, e de Jesus ser circuncidado...

A Palavra.

O Verbo.

O Sinal.

A Senha.

A Luz.

A Manifestação de Deus.

Deslumbrado, sentindo a testa cobrir-se de suor e com as têmporas latejando, Randall continuou lendo, sem parar, consumindo as trinta e cinco páginas, absorvido e abalado, inteiramente, pela voz do irmão que falava do ano 62 D.C., pouco mais de trinta anos depois que Jesus, inconsciente e sangrando, fora retirado da bárbara Cruz e voltara à cidade. Aquele era Jacob falando às incontáveis gerações ainda por vir apenas meses antes de ele próprio ter sofrido uma morte brutal.

Randall acabara o Evangelho Segundo Jacob.

O fim.

O princípio.

Tal pensamento esgotava-o. Um pensamento como se ele estivesse ali, visse e ouvisse o homem da Galiléia, como se o tocasse e fosse tocado por Ele. Acreditava. Homem ou Deus, não importava. Ele, Steve Randall, acreditava, cria e era isso que importava.

Era-lhe difícil abandonar aquelas páginas, procurar os comentários, pôr-se a par do ambiente, das laboriosas explicações, mas fez, e a sua atenção concentrou-se em cada uma das sete páginas de apêndice.

No entanto, não se permitiu pensar. Limitava-se sentindo, recusando-se pensar.

Apressado, voltou ao início do Evangelho Segundo Jacob e releu-o de um fôlego. Depois voltou ainda mais para trás, para o primeiro apêndice, o Relatório sobre o Julgamento de Jesus por Petrônio, e releu-o.

Finalmente, colocando o Novo Testamento Internacional com suavidade em cima da mesinha de café, repousou a cabeça nas almofadas e permitiu-se então pensar e sentir ao mesmo tempo.

E foi então que Randall viu até que ponto aquela novíssima Palavra, O Verbo, havia penetrado a couraça do seu cinismo e acordado uma gama de emoções dentro de si que não se lembrava de sentir desde a sua adolescência em Oak City.

Fora-lhe concedida a vida para que tivesse um significado, tanto pra ele como para os outros.

Havia examinado essa sensação vezes sem conta.

E naquele momento, após terem passado duas horas desde que entrara na «suite» e uma hora desde que abrira o Novo Testamento Internacional, estava sentado no sofá, tentando controlar os seus sentimentos e procurando raciocinar sobre o que leu como uma pessoa racional e inteligente que pretende.

Lançou um olhar para aquelas páginas e tentou examinar por lembrança retrospectiva tudo aquilo que experimentou naquelas últimas horas.

O Relatório Petrônio era relativamente curto e tratava-se sem dúvida de um documento oficial rotineiro. A linguagem utilizada, o tom perfeitamente conciso e sem artifícios - um rude e inculto centurião romano descrevendo a condenação de um criminoso de pouca importância ao seu superior, ao prefeito da Guarda Pretoriana em Roma - tornavam o relatório cem vezes real, mais crível e mais arrepiante de que a belíssima descrição literária de Lucas.

Lucas escrevera:

Então Pilatos julgou que devia fazer o que eles pediam,

E soltou-lhes o que fora lançado na prisão por sedição e homicídio, que era o que eles pediam; mas entregou Jesus à vontade deles.

Já Petrônio:

Ao nascer do Sol, realizou-se o julgamento em frente ao palácio de Herodes. Como testemunhas, os fariseus e saduceus não cooperavam, insistindo que o acusado seria julgado por quebrar a lei civil, não a lei Mosaica. Testemunhas que foram chamadas pelo tribunal eram pessoas amigas de Roma, que desejavam a paz, sendo muitos cidadãos romanos. Esses acusaram Jesus de crimes e apresentaram provas de se ter chamado Rei de Israel e de ter reivindicado haver uma autoridade mais alta do que César, de ter ensinado e pregado sedição e desobediência por aquelas terras e de levar à revolta os nossos súditos.

Randall evocou a continuação daquele relatório assinado por Petrônio e enviado sob a chancela de «Pontius Pilatus, Praefectus Udea», a «Lucius Aclius Sejanus, Amigo de

César» em Roma.

Em dois parágrafos, Petrônio dera vida à terrível cena final no Pretório, com Pilatos sentado em seu alto estrado e o homem chamado Jesus, calmo, perante ele.

O acusado falou em sua defesa, negando todas as acusações contra ele apresentadas com exceção de proclamar uma autoridade mais alta do que a de César. O acusado Jesus afirmou que a sua missão lhe fora dada pelo seu deus e que constava do estabelecimento de um reino do Céu na Terra.

Petrônio relatou a sentença de morte e a ordem dada por Pilatos ao seu chefe dos centuriões para levar imediatamente a efeito a execução. Depois de ser flagelado por um chicote de três pontas, Jesus fora conduzido pelos guardas romanos para o local da crucificação. Petrônio concluiu:

Foi executado então para além da Porta dos Carneiros. A sua morte sobreveio, conforme verificou-se, pela hora nona. Dois amigos do criminoso, ambos membros do Sinédrio, reclamaram a Pilatos a entrega do corpo que lhes concedeu o cadáver a fim de receber sepultura. E foi assim encerrado o caso de Jesus.

Mas o que mais comovera Randall fora a narrativa do Evangelho Segundo Jacob. A biografia estava interrompida aqui e ali onde palavras ou frases se perderam dado que certas partes do papiro se dissolveram em pó ou porque a tinta primitiva se tornou completamente ilegível na fibra descolorida e em precário estado. Mas por meio da utilização de lógica dedutiva, os eminentes eruditos conseguiram suprir em grande parte as palavras e frases perdidas, e embora emparelhadas no meio de uma floresta de parênteses e chavetas, de nenhum modo obscureciam a visão do Jesus real.

Ler Jacob era crer, sem a menor dúvida.

Não só as palavras de Jacob se ligavam com a verdade com a mesma franqueza da Epístola Geral de Jacob nos Novos Testamentos padrões - mas indicavam também com clareza que era a história de um ser humano que estava muito perto, que foi muito íntimo de outro ser humano. A narrativa, tosca na sua simplicidade, ficava privada de beleza pela propaganda feita pelos escritores do Evangelho ou pelos posteriores caixeiros-viajantes, cristãos habilidosos deram foros de doutoramento ou reescrito os quatro evangelhos no princípio do século II, antes dos evangelhos se transformarem no cânone do Novo Testamento do século IV.

Jacob, como chefe dos partidários de Jesus em Jerusalém, escreveu sobre Jesus como um judeu que quisesse alterar e melhorar o judaísmo. O seu relato estava livre de estorvo lançado pela teologia dos cristãos organizados que apareceu mais tarde e que escreviam sobre acontecimentos que não assistiram. Esses cristãos lançaram-se numa modificação drástica para suplantarem eventualmente o judaísmo. Pediram emprestado ao judaísmo o melhor da sua moralidade e história, mas alteraram o seu Deus, de um Deus de retidão que escolhera o seu povo, num Deus que acreditava no amor concedido tanto a judeus como a gentios, baseando toda a sua fé na vinda do Messias. Os autores do Evangelho tinham-se devotado a anunciarem não apenas um homem e a sua vida, mas sim uma idéia sobre a qual pudesse ser edificada a Igreja Cristã.

Mais ainda, Jacob absolvera os judeus de qualquer responsabilidade pela morte de Jesus Cristo, e, em nítida contradição com as apologias de Mateus, Marcos, Lucas e João, lançara redondamente a responsabilidade para cima dos romanos. E a versão de Jacob era confirmada pelo Relatório Petrônio. Modernos eruditos bíblicos suspeitavam há muito que toda idéia mostrando um Pilatos relutante sendo forçado a condenar Jesus à morte pelas autoridades judaicas, não passava de uma adulteração da verdade essencial, forjada pelos

escritores do Evangelho por razões de ordem política.

A obra apresentava uma nota citando o erudito francês Maurice Goguel, Paris, 1932:

Aquele a quem os cristãos apresentavam ao mundo como o mensageiro de Deus e o Salvador fora condenado à morte por um tribunal romano. Tal fato criava dificuldades para a pregação do Evangelho no mundo romano, uma vez que fornecia a impressão que a conversão à Fé Cristã significava a tomada de posição ao lado de um rebelde e, por conseguinte, uma posição de revolta contra a autoridade imperial. Por isso, os cristãos se mostraram ansiosos por provarem que o Procurador que enviou Jesus para a morte estava convencido da sua inocência e que anunciou publicamente ser forçado a tomar a extrema atitude devido à pressão irresistível da população e das autoridades judaicas.

Outra nota citava o erudito alemão Paul Winter, Berlim, 1961:

Provavelmente escrevendo em Roma, (Marcos pretendeu) realçar a culpabilidade da nação judaica, particularmente dos seus chefes, pela morte de Jesus; os judeus, e não os romanos, é que deviam ser responsáveis pela crucificação. Não se deve pensar que o Evangelista fosse movido por sentimentos anti judaicos positivos; de resto o seu pendor foi mais defensivo do que agressivo. A sua preocupação era evitar mencionar tudo o que fosse passível a desencadear antagonismo, quanto mais suspeitas, entre os romanos relativamente às idéias pelas quais repugnava. De modo nenhum deviam fornecer aos romanos razões para suspeitarem que Jesus, sob qualquer hipótese, estivera ligado a atividades subversivas, como as que deram à uma recente revolta. Por isso o Evangelista se forçou a esconder que Jesus fora condenado sob acusações de sedição. Daí correr a tese de que Cristo foi condenado por um magistrado romano não por razões de ordem política, mas sim que a sua condenação e ulterior execução se deveram exclusivamente a uma qualquer causa obscura ligada com a Lei Judaica.

Tal mentira histórica era, finalmente, desmascarada para sempre, por Jacob, o justo.

Mas acima de tudo, em primeiro lugar, havia a espantosa revelação de que Jesus sobrevivera à crucificação - fosse pela vontade de Deus ou devido aos cuidados de um médico - e que não apenas se limitava a mostrar-se em carne e osso como ainda fizera várias viagens por outras terras e exercera o seu ministério santo por mais dezenove anos até ascender, finalmente, ao Céu.

Jesus segundo Jacob.

Inacreditável e no entanto completamente crível.

Era como um terremoto que abalaria o secular cânone do Evangelho, mas que ao mesmo tempo lhe assegurava um lugar temporal e intemporal ao mesmo tempo, que edificava um templo que encerrava um mestre genial, um portento de sabedoria, um profeta totalmente crível e de essência perfeitamente interpretativa numa época racional e científica. Apresentava um santo e um homem que se podia seguir com segurança. Sim, aquele Evangelho causaria um tremendo impacto internacional, iria desencadear um sentimento e um frêmito de esperança que inspirariam os homens à veneração pelos séculos dos séculos, amém.

Jacob testemunhando Jesus.

Do fundo dos séculos, do passado, vinha aquela memória fazendo reviver a figura de um homem que fora um santo e de um santo que fora um homem, mas uma figura libertada das fábulas, um homem e não uma baforada, pouco natural, de céu nebuloso. Testemunhava não a figura de um ser espectral que caminhava por cima das águas, não a figura de um ressuscitador de mortos, não meramente a figura de um filho de Deus, mas sim a de um filho de todos os homens em todos os tempos, que conhecera o sofrimento e

a alegria, que pregara a bondade, a compreensão e a fraternidade, que se declarara contra a crueldade, a hipocrisia e a cupidéz.

Busquem nas escrituras, aconselhara o discípulo João no seu evangelho. Steve Randall procurara uma nova escritura e, nesse momento, tentava juntar, investigar tudo o que o inspirara, animara e tanto elevara o seu espírito e iluminara o seu cérebro.

Jacob e Jesus. Imagens e visões rodopiavam e cantavam na cabeça de Randall.

Claro está, o nascimento de uma criança no pátio de uma estalagem em Belém. Se a criança nascera das entranhas de uma virgem de quinze anos, que concebera graças ao Espírito Santo, ou se nascera de uma adolescente fecundada pela semente de um companheiro terreno isso era uma coisa confusa, tanto por Jacob, como pelos seus tradutores. No entanto, apresentava uma insinuação da Concepção Virginal devido a Jacob ter usado a palavra «Impregnada».

[Anotação: a insinuação em Jacob é que Jesus foi concebido pelo Espírito Santo, nascendo da Virgem Maria. Como Justino o Mártir explicou em 150 D.C.: «As Palavras: "Eis que a virgem conceberá", significam que a virgem concebeu sem relações carnis; porque se tivesse tido relações carnis com um homem, já não seria uma virgem. Mas o poder de Deus descendo sobre a virgem como uma nuvem, fecundou-a e foi a causa de conceber embora continuasse sendo virgem». Por outro lado, dado que Jacob se diz, inequivocamente, irmão de Nosso Senhor Jesus Cristo, tem-se como, perfeitamente pertinente, o argumento de Jesus ter nascido da união entre Maria e José, aliás, como foi mais tarde o caso de Jacob. O evangelho escrito por João já estabeleceu, de fato, que o nascimento de Jesus fora «Segundo a carne»]. E depois do seu nascimento, Jesus fora circuncidado no oitavo dia.

A fuga para o Egito era confirmada por Jacob. Houvera na verdade um Rei Herodes que temera o nascimento do Messias e se preparava para matar, na área de Belém, todas as crianças até aos dois anos. [Anotação: A crueldade de Herodes foi bem conhecida no seu tempo. Muito embora observasse a Lei Mosaica, recusando-se a mandar matar porcos e a comer a carne desses animais, assassinara sem contemplações a sua esposa favorita e dois enteados, o que levava o Imperador Augusto César, em Roma, dizer: «Antes queria ser um porco da vara de Herodes do que um dos seus filhos.»]

A fim de protegerem o filho da matança dos inocentes, José e Maria, levaram o menino oculto. Fugiram para a planície costeira do Hebron, para Gaza e Ráfia e a seguir - por meios ignorados, visto as palavras terem desaparecido - chegaram a Pelusium, no Egito. No Egito viviam muitos judeus, mais de um milhão, e o Menino Jesus vivera oculto entre parentes judaicos na cidade de Alexandria até ocorrer a morte de Herodes, o Grande. Após o início do reinado de Arquelau, José, Maria e o Menino regressaram à Palestina, estabelecendo seu lar na Galiléia.

Os desconhecidos anos da infância de Jesus, esquematizados com brilhantismo por Jacob. Jesus estudou numa beth ha-sefer, literalmente a casa do livro, uma escola primária, e ainda não tinha treze anos (a idade deduzida pelo material recolhido nas anotações) já estudara a Lei de Yahweh, o Livro de Jonas, os contos dos vários Messias e os comentários dos pregadores. Fizera freqüentes visitas a uma comunidade Essênio vizinha, uma congregação dedicada ao ascetismo, entabulava conversações com certos doutores e debatera os livros de Enoch. Fora a partir dessas visitas aos ascetas assenitas que lhe viera o desejo de abolir a escravidão, de acabar com a manufatura de armas e também com a oferta de sacrifícios. Através deles desenvolvera igualmente o anelo da realização do reino Messiânico. Durante um certo período, Jesus estivera sob a tutela de um

professor fariseu de Jerusalém. Os doutores que se reuniam nas arcadas do templo ficaram agradavelmente impressionados com a precocidade e sabedoria daquele jovem. A confirmação de Jesus fora testemunhada ocularmente por Jacob.

José, o pai, fora na verdade um homem que trabalhava com madeira. [Anotação: No tempo de Jesus não havia uma palavra do hebreu ou do aramaico que designasse com exatidão carpinteiro]. Dedicava-se a abater cedros e ciprestes nas florestas e bosques; a reparar os vigamentos das habitações; manufaturando arcas, arados e mesas, mas, Jesus, o filho mais velho, não se ocupava de obras de madeira, excetuando ajudar, de vez em quando, José na carpintaria. Na adolescência de Jesus trabalhou nos campos e no pastoreio, semeando a terra e o trigo da família, cultivando a vinha e saindo com as ovelhas para os pastos do monte. A família de José viveu ponderada numa casa de tijolo cru e argamassa, lar com um só quarto de que metade servia como guarita para os animais domésticos.

Por ocasião da morte de José (o fragmento só indicava que, entretanto, o tempo se escoara, mas segundo os comentadores, três anos decorridos, depois de Jesus chegar a idade de assistir aos ritos na sinagoga), Jesus encheu de espanto a família e os vizinhos com a oração fúnebre pronunciada diante do corpo do pai: «Senhor misericordioso, olhos que tudo vêem e ouvidos que tudo ouvem. Oh, Pai do Céu, escuta o meu apelo a favor de José e envia Miguel, o capitão dos teus anjos; Gabriel, o teu mensageiro de luz; e os teus exércitos de querubins para que levem a alma de José, meu pai, atingir as alturas onde Te encontras.»

Desde então, coubera a Jesus, o primogênito, ser o chefe da família, que consistia em sua mãe, Maria, nos seus irmãos e suas irmãs. Voltara cada vez mais intensamente a realizar o seu trabalho nos campos e na vinha, sem descurar o estudo aprofundado dos antigos escritos. Finalmente, por inspiração divina, entregara a chefia da família a Jacob e desatara pregando uma suave doutrina de amor, fraternidade e esperança pelas aldeias remotas da Galiléia. Embora sabendo o Koine, grego comum falado nas cidades, pregava às comunidades judaicas em aramaico usado na vida quotidiana daquele tempo.

No décimo primeiro ano do reinado de Tibério César (Anotação: Tinha Jesus vinte e nove anos), Jesus fora ao encontro de um certo homem chamado João, o Batista, e fizera-se batizar no Jordão. Nos dias imediatos a essa cerimônia retirara-se para os bosques e montanhas de modo a poder meditar na sua vida, procurando um sinal que o guiasse vindo do Alto, do Deus em que cria. Quando regressara ao seio dos homens estava esclarecida a sua missão e o seu mistério tornara-se mais vigoroso e mais intenso através de uma pregação espiritual.

E a seguir, pelo estilete de cana de Jacob, estava a descrição de Jesus quando empreendera o santo ministério para salvação dos oprimidos, do povo comum que não só tinha que agüentar o pesado fardo dos impertinentes ilegais da ortodoxia judaica como era ainda esmagado pelas legiões romanas ocupantes. Jesus fora um homem de estatura um pouco acima do normal. (Anotação: A estatura normal dos patrícios de Jesus naquele tempo andava pelo metro e sessenta, deduzindo-se que Jesus tivesse mais ou menos um metro e sessenta e cinco.) Jesus usara o cabelo comprido até aos ombros, um cabelo castanho, repartido ao meio, além de ser um homem de farto bigode e de espessa barba. Olhos cinzentos afundados nas órbitas. Nariz, pronunciado, semita, de ponta adunca. Lábios grossos. Rosto marcado por feridas. Todo o seu corpo era também vítima de ulcerações: «O Senhor era desfigurado na carne, mas belo de espírito.» O olhar de Jesus era imperioso e dominador, ainda que às vezes se mostrasse vago e voltado à introspecção. Os seus modos eram gentis, se bem que em certas ocasiões o seu semblante e os seus

modos tivessem um quê de severidade. Voz cheia, profunda, musical que transmitira conforto ao seu bando, sempre crescente, de discípulos e seguidores. Jesus andava com uma espécie de desequilíbrio entre as várias partes do corpo e o seu passo era irregular por causa de uma deformidade física, claudicando de uma perna estropiada, jeito que se agravava mais no ano antes da crucificação em Jerusalém, tornando-lhe o locomover-se deveras penoso. (Anotação: Em 207 D.C., Tertuliano, nascido em Cartago, primitivo escritor da Igreja, um homem convertido ao Cristianismo em Roma, notou que Cristo fora um estropiado: «O Seu corpo só dificilmente se podia dizer que tivesse genuína forma humana.»)

Normalmente Jesus realizara as suas jornadas acompanhado de um asno, animal que transportava o seu odre d'água, a cabaça, os rolos de escritos, as sandálias das ocasiões solenes. Era costume caminhar à frente do burrico, quase sempre vestindo uma túnica até aos pés apertada na cinta, uma capa de lã, sandálias de tiras em volta das pernas, levando sua sacola e seu cajado.

Jacob prestava testemunho da mensagem de Jesus durante sete espessas páginas do Novo Testamento Internacional. O Mestre pregava junto dos pobres, dos sofredores, dos oprimidos, alentando-os e despertando-os para a vida. Usava beijar todo aquele que fosse um amigo e a sua saudação foi tão simples quão bela «a paz seja convosco». Dizia para os que o queriam escutar que era o emissário de seu Pai que estava no Céu, repetindo: «Os que dentre vós crerem em mim, embora morrendo, viverão, porque eu sou a ressurreição e a vida eterna.» Costumava dizer às multidões que o seguiam que fora enviado por Deus Pai para implantar na terra um novo reino de paz e de amor.

«Aqueles que o escutavam, conheciam também a sua unção e piedade.» A seus olhos todos os homens eram seus irmãos, sem distinções. Usava profetizar que a tirania, a brutalidade, a pobreza e o caos desapareceriam da terra perante a sua promessa de paz, justiça, bondade e com participação de todos os bens. Os que acreditassem triunfariam da própria morte e para toda a eternidade conheceriam o gozo, o regozijo e a felicidade.

Jacob escrevera que seu irmão Jesus era específico na maior parte das suas pregações, pedindo a concessão de direitos igualitários para as mulheres, como por exemplo: «Uma filha tem o direito de herdar e de compartilhar dos bens que couberam aos seus irmãos varões.» Jacob colocou o selo da autenticação à história contada por João sobre a mulher acusada de adultério, excetuando certa divergência no relato de Jacob. Jesus subira pregando no templo do Monte das Oliveiras, quando os fariseus, num esforço para o confundirem e fazê-lo cair numa armadilha, levaram perante Ele uma adúltera, dizendo: «Mestre esta mulher cometeu adultério. Segundo a nossa lei devemos esganá-la. Qual é a tua opinião?» Jesus respondera assim àqueles que obravam para a sua perdição: «Pois bem, o primeiro dentre vós que esteja limpo de pecados a esgane com as suas mãos.» Os fariseus, culpados pela própria consciência, acabaram por abandonar o saguão do templo um a um. Depois de se retirarem todos, então Jesus, levantando os olhos e não vendo mais ninguém além da mulher, tocara os cabelos da pecadora e dissera-lhe: «Onde estão os teus acusadores? Algum deles te condenou?» E a mulher respondera: «Nenhum, Senhor.» E Jesus respondera-lhe: «Nem serei eu que te condene: vai-te, e a partir de agora nunca mais peques.»

No seu Evangelho, Jacob registrou para a posteridade muitas parábolas de seu irmão Jesus, pregações de espantoso valor e relevância para o mundo atual; parábolas relativas à exploração dos pobres pelos ricos e por classes governamentais; relativas à necessidade de uma unificação entre as nações da terra a fim de se pôr termo às guerras e ao

colonialismo; sobre a imperativa necessidade de educação ao alcance de todos; de desaprovação à superstição, ao dogma, ao ritual pomposo. Duas dessas parábolas eram uma profecia de que os homens partiriam um dia ao encontro das estrelas no céu, numa altura em que pairasse sobre a terra a iminência da destruição.

Jacob recolhera e registrara no seu evangelho inúmeros preceitos, aforismos, máximas e adágios de Jesus desconhecidos em todos os outros documentos, bem como, outros que obviamente serviram de ponto de partida e de material primitivo para a moldagem posterior dos quatro evangelhos tradicionais e de muitos evangelhos apócrifos.

Segundo Jacob o Justo: «Nosso Senhor disse à multidão que aquele que comesse e se inquietasse logo a seguir interrogando-se: mas que comerei amanhã?, era um homem de pouca fé, porque a vida e a salvação contam mais do que a comida.» Nas palavras de Jacob: «E Jesus disse-lhes que recordassem bem, pois que «ninguém poderá servir a dois senhores ao mesmo tempo. Não podeis servir a Deus e a Mamom. De nenhum deles vos advirá assim benefício.» Nas palavras de Jacob: «E o Ungido disse aos que o seguiam: Rejuvenesçam procurando entrar em comunhão com a natureza e com o Criador. Ide para a floresta e para o campo e respirai o bom ar, o ar da verdade e meditai era todos os preceitos deixando para trás tudo o que conspurca o homem, tudo o que é imundo para o corpo e impuro para o espírito. Desse modo, por meio de pureza do ar e pela divina vontade do Santo Pai, renascereis.»

Tinha mais.

Mais que encerrava a Regra Capital: «E Jesus disse aos que o escutavam: «Em verdade vos digo que os filhos de Deus terão de transformar-se em filhos do homem, cada qual confortando-se e ajudando-se mutuamente; cada qual sendo um irmão do seu semelhante. E também em verdade vos digo, que todos os filhos dos homens serão chamados e escolhidos, como filhos de Deus se amarem não só aqueles que os amam, mas se forem capazes de amar aqueles que os detestam, se forem capazes de ofertar amor em troca de ódio. Quem quer que faça a paz entre si nesta casa do Senhor poderá ordenar à montanha: vem ao meu encontro, que a montanha deslocar-se-á. Façam aos outros o que gostariam que vos fizessem. Não pratiquéis contra os vossos vizinhos coisas que não queireis que eles pratiquem contra vós. Dos humildes e obedientes será o reino de Deus na terra e os que cumprirem os preceitos divinos estão a conquistar o Céu.»

E mais ainda, a indicação de um modo de viver: «Então Jesus voltou-se para que os seguiam e disse: «Desprezai a hipocrisia e tudo o que contém mal. Procurai a verdade e tudo o que determina o bem. Não deixeis que o reino do céu murche à mingua de renovação; porque o reino do céu é como uma palmeira cujos frutos se desprendem de maduros, e esses frutos são a semente do bem que deve ser preservada e plantada de novo.»

E ainda mais, uma filosofia para o presente: E Jesus, reuniu-os à sua volta, falando assim «Não esqueçais, que o mundo existia já muito tempo antes que tivésseis nascido e perdurará, muito tempo depois que tiverdes morrido, daí podeis ver, que a vida terrena não é mais do que um dia muito breve e que os vossos sofrimentos na terra pouco mais ocuparão do que uma breve hora da eternidade. Assim sendo, não deveis viver com a morte, mas, caminhardes com a vida e para a vida eterna. Lembrai-vos sempre das minhas palavras para terdes fé, para oferecerdes amor, para realizardes boas obras. Porque em verdade vos digo, que a bênção do Senhor baixará sobre aquele que se salvar pela fé na palavra divina.»

Jacob fora testemunha, em muitas ocasiões, da cura de feridos e estropiados pela bondade

de Jesus, mas, jamais observara os milagres que eram voz corrente para o povo e que se projetaram no tempo como artigos do dogma. Jacob fora também testemunha ocular da intervenção de Jesus em favor de Lázaro. Muito embora, João tivesse mais tarde embelezado o acontecimento, transformando-o no milagre de Cristo dar vida aos mortos, o relato de Jacob reportava a verdade dos fatos. «Estava então, enfermo, sem se mexer do seu leito, um certo Lázaro estremecido do Senhor. Marta e Maria, irmãs de Lázaro, mandaram chamar Jesus. Parti com Jesus para casa de Lázaro, situada nas encostas do Monte das Oliveiras e com ele penetrei no quarto do enfermo. Jesus olhou para o amigo estendido e tocou-lhe a testa ardendo em febre, ao mesmo tempo que ordenava: 'Lázaro, levanta-te e caminha'. E Lázaro ergueu-se livre de toda a doença.»

Durante a sua pregação pela Judéia, Jesus fora maltratado em duas ocasiões pelos centuriões da guarda romana, que o espancaram. Outra vez, em Cafarnaum, partiram-lhe uma perna (a ligação dos ossos fora defeituosa e a partir de então Jesus passara a coxear acentuadamente). Em ambas as ocasiões os legionários o ameaçaram de prisão e de açoitamento se não parasse de agitar a população. Todavia, em nenhuma dessas vezes o prenderam, e Cristo também não desistira do ministério.

No décimo sexto ano do reinado de Tibério César (Anotação: tinha então Jesus trinta e quatro anos), Jesus partiu para Jerusalém, levando para a cidade santa o seu credo de caridade, compaixão e de obediência a Deus e a si próprio como o Verbo de Deus e a mais nenhuma autoridade sobre a terra. Os romanos avisaram-no de que tal pregação poderia fomentar uma revolta, e tanto Jacob como os hierárquicos do Santo Sinédrio lhe rogaram que fosse pregar para qualquer outra parte, onde não hostilizasse abertamente os romanos e, sobretudo, o governador Pôncio Pilatos, um homem violentamente anti-semita, que era um protegido de Sejano, comandante das guardas pretorianas em Roma.

Jesus recusara dar ouvidos aos avisos e conselhos recebidos. Embora espões a mando romano lhe seguissem todos os passos, continuara pregando aquilo que era justo. E durante a Páscoa levou a pregação à ousadia, proferindo um sermão perante uma enorme multidão mesmo à sombra das gigantescas colunas do palácio de Herodes Antipas, governador da Galiléia, que acabara de chegar em Jerusalém. Nessa mesma noite Jesus celebrara a Santa Ceia na casa de Nicodemo, juntamente com os seus discípulos mais íntimos. Durante a ceia voltara contando a história sobre o Êxodo dos filhos de Israel, respondendo a todas as perguntas feitas pelos presentes. Repartira e abençoara o matzoth, ou pão sem levedar ou ázimo, repartindo igualmente o vinho da ceia. Finalmente, persuadido por Jacob e por outros discípulos a sair de Jerusalém e a pregar a sua mensagem para outro local, Jesus dirigira-se durante a noite para o Vale do Kidron. Fora nessa altura que um dos espões - cujo nome não era revelado, levava até Ele um destacamento de legionários romanos. Jesus foi apanhado no meio do caminho e preso.

Na manhã seguinte, na grande escadaria do palácio de Herodes, Jesus fora levado para julgamento perante Pôncio Pilatos. Era acusado de ter desafiado as autoridades e de fomentar agitação entre o povo. Recrutaram as testemunhas de acusação entre romanos ou judeus, às quais concederam cidadania romana, dado que os saduceus que presidiam ao Templo se recusaram prestar depoimento contra Jesus (essencialmente, por temerem alienar os seguidores de Jesus e por meio de incorrerem também, no desagrado da comunidade judaica caso se colocassem ao lado das autoridades romanas ocupantes). Durante o brevíssimo julgamento Pilatos fora implacável. (Anotação: O Rei Agripa I informou Calígula que Pilatos fora sempre um homem «desapiedado, obstinado e inflexível»). Pilatos proferiu um veredicto lapidar, dizendo a Jesus: «Condeno-te à cruz».

Ao que Jesus respondeu: «Eis que a vossa casa será mergulhada em desolação».

Depois de severamente açoitado - para flagelar Jesus por mais de uma centena de vezes utilizaram dois chicotes com ossos caninos atados nas pontas - Jesus e dois criminosos comuns, chamados Dimas e Gestas, foram depois levados por um destacamento de legionários para além da Porta das Ovelhas, situado perto das muralhas de Jerusalém. Ali fora Jesus crucificado. Não lhe cravaram pregos de ferro em suas mãos, nem em seus pés. Os seus pulsos foram atados por cordas à barra transversal e os tornozelos presos à barra vertical, de uma cruz talhada em madeira de oliveira. Ali deixaram-no para morrer sob o sol, contorcendo-se de agonia, sangrando das lacerações produzidas pelos açoites. No intuito de acelerar o seu fim, um dos soldados apunhalou-o no flanco com uma espada, rindo e dizendo: «Vamos lá ver se Elias o salvará!» Ao retirar a lâmina do corpo de Jesus este perdera a consciência.

Na nona hora nona (Anotação: às três da tarde), o centurião que capitaneava a guarda olhara para o corpo amarrado à cruz, tocara-lhe e verificara que estava num estado gélido, acabando por o declarar morto. Então, Nicodemo e José de Arimatéia, amigos do defunto, invocando a lei romana, que concedia uma morte com honra a todos os executados por crimes políticos, procuraram Pilatos para lhes entregar o corpo de modo a poderem dar-lhe uma sepultura decente. Pilatos satisfizera-lhes o pedido.

Antes do anoitecer, Nicodemo foi, acompanhado pelos discípulos Simão e João, descer o corpo da cruz para o levar para o túmulo da sua família. Providenciou-se a preparação do cadáver para os funerais. Enquanto, certos homens saíam à procura de Jacob, outros buscavam o sudário de linho, mirra e aloés para untarem o corpo. Maria de Magdala sentara-se velando o cadáver que jazia sobre um pano na terra batida do chão da antecâmara funerária. Quando Nicodemos, Simão e João regressaram, acompanhados pelo desolado Jacob, Maria saíra ao encontro deles e recebera-os com estas espantosas palavras: «Meus irmãos, aconteceu um milagre! Rabbuli - o Mestre - está vivo!»

E, segundo Jacob, seu irmão estava de fato vivo, mas, encontrava-se em estado de coma e a sua respiração era fraca. Logo Jacob e os outros discípulos resolveram ocultar Jesus na segurança de uma caverna das redondezas, despachando-se em segredo um dos companheiros encarregado de trazer um médico essencial para reanimar Jesus. O físico, após um demorado exame, acabara por constatar que o golpe feito pelo gládio do legionário não afetara nenhum órgão vital e que os romanos declararam, prematuramente, a morte de Jesus. Depois de uma semana de tratamento, durante a qual o médico essencial não se retirara da cabeceira do doente, Jesus fora, finalmente, declarado fora de perigo, mas, continuando bastante enfraquecido devido aos sofrimentos.

Segundo Jacob:

Dois relatos houve de que se levantou dentre os mortos. Maria de Magdala testemunhou que o Nosso Senhor Jesus foi ressuscitado pelo Seu Pai do Céu. O físico, porém, declarou que

Jesus sobreviveu à crucificação como uma pessoa mortal, dado que, por sorte, a ferida do gládio fora relativamente superficial. [Anotação: não foi a única sobrevivência à crucificação reportada.

O historiador Flavius Josephus, relatando um caso semelhante ocorrido quarenta anos mais tarde, escreveu o seguinte: «... e fui enviado por Tito até uma certa aldeia de nome Thecoa, para me informar se seria o lugar ideal para um acampamento. Quando regressei vi muitos cativos que foram crucificados; e lembrei-me de três dentre eles como meus antigos conhecidos. Senti a alma cheia de tristeza por causa daquilo e, com as lágrimas

nos olhos, fui até à presença de Tito e contei-lhe dos meus conhecidos condenados à cruz. Tito deu ordens imediatas para que os descessem, mas, dois deles morreram quando seriam assistidos por um físico, ao passo que o terceiro conseguiu recuperar.» Ver o historiador Josephus: A Vida de, 75].

Na verdade não posso dizer se meu irmão e Nosso Senhor Jesus Cristo morreu e foi ressuscitado por Deus, ou se recuperou na carne por virtude da medicina humana em conjunto com a vontade Divina. Todavia, logo que tive a certeza da sobrevivência de meu irmão, apressei-me passando palavra aos outros fiéis que o julgavam morto, dizendo-lhes: «Maranatha - o Senhor voltou», e eles aceitaram o regresso de Jesus, rejubilaram e a sua fé se renovou ainda mais.

Todos foram unânimes na opinião de que se sucedera um milagre. Jesus estava vivo. Então, certa noite, quando já se encontrava curado e se sentia mais forte, Jesus mandou-me chamar a mim e ao nosso tio Simão Cleofas ao local onde se escondera, dizendo-nos: «Abençoados e bem amados sejais, porque ides ser uma causa de vida para muita gente. Não vos esqueçais nunca de proclamar a boa-nova do Filho e de Seu Pai». Disse-nos a seguir que era mister que partisse dali, e quando lhe perguntei para onde iria, respondeu: «Há muitas moradas na casa de meu Pai, e eu devo visitá-las para espalhar a mensagem de salvação até que, apraza a meu Pai, fazer-me ascender até à sua glória». Antes que o galo cantasse, fizemos companhia ao Senhor até um monte próximo de Betânia, onde Ele nos disse para regressarmos. Abençoou-nos e, apoiado em seu cajado, caminhou até se perder no meio da neblina e da escuridão. Caímos então de joelhos no chão, demos graças a Deus e os nossos corações voltaram-se para o Alto.

Amém. Jacob afirmara que Ele continuara vivo, e tudo o mais que registrara fora ouvido daqueles que foram testemunhas em primeira-mão da continuação da peregrinação de Jesus Cristo.

A aparência física de Jesus alterara-se devido aos sofrimentos, sendo muito poucos os que, encontrando-o, o reconheciam de imediato. Jesus seguira para Cesaréia, Damasco e Antioquia Depois fizera uma jornada até Pártia, outra à Babilônia, regressara a Antioquia, para se deslocar daí para Chipre, para Nápoles, na Itália, rumo a Roma.

Que Ele estivesse naqueles e noutros lugares, ouvira-o Jacob da boca dos discípulos sempre que qualquer deles regressava a Jerusalém. Maranatha, proferiam eles em aramaico e por essa palavra Jacob tinha conhecimento que o Senhor se encontrara com eles e que eles o viram em carne e osso.

Numerosas foram as provas do seu segundo ministério. Na aldeia de Emaús, doze quilômetros distante de Jerusalém, Jesus fora visto por Cleopas e por Simão, filho de Jonas, revelando-se-lhes e comeu com eles. Cinco anos depois da crucificação, na Estrada de Damasco, Saulo de Tarso - chamado Paulo depois de convertido - viria de noite aproximar-se dele um estranho e perguntara-lhe quem era, ao qual o estranho respondera: «Sou Jesus».

Muito tempo depois da crucificação, quando Inácio de Antioquia era ainda um criança, ouvira Jesus pregar num local de reunião da sua cidade. Inácio crescera e relatara a alguns discípulos que passavam pela cidade: «Vi-o, vi Jesus em carne e osso». Muito mais tarde, depois de Jesus embarcar para Itália, o apóstolo Pedro cruzara-se com ele na Via Ápia, perto de Roma. Pedro ficara estupefato por aquilo que julgava um espectro, mas Jesus dissera-lhe: «Apalpa-me e vê que um espírito não pode ter carne, nem ossos, como eu tenho». Pedro tocara-lhe e crera que Jesus era carne. Pedro perguntara-lhe à despedida: «Onde vais Senhor?» Jesus respondera-lhe: «Sigo por este caminho para ser o crucificado

outra vez». (Anotação: Jacob confirma, assim, a declaração do teólogo Ireneu - que escreveu entre 182 e 188 D.C. sendo o primeiro a fazer menção aos quatro evangelhos canônicos - de que Jesus não morreu antes dos cinquenta anos de idade. Jacob confirma também, a declaração de um autor desconhecido da Acta Pilati, ou Atos de Pilatos, igualmente conhecido como Evangelho de Nicodemo, provavelmente, escrito em 190 D.C., de que Jesus não morreu em 30 D.C., mas sim em certa data imprevista situada entre 41 e 45 D.C., durante o reinado de Cláudio César).

Mas, foram poucos os que o reconheceram no seu aspecto físico antes d'Ele se revelar. Além de alguns dos discípulos e muitos dos fiéis partidários de Jesus, os restantes criam que o Senhor ascendera ao céu perto de Betânia, uma história encorajada por Jacob, Simão Cléofas e pelos Escolhidos, dado que esses discípulos tinham todo o interesse em proteger a vida de Jesus e a renovação do seu ministério, impedindo assim que Ele fosse preso e sofresse uma segunda crucificação. Tinham todos concordado em não revelarem uma palavra do que realmente acontecera.

Dessa maneira, Jesus prosseguira com a sua pregação como um humilde Rabi, revelando-se somente a um punhado de Escolhidos. Pelos discípulos, soubera Jacob, que o irmão costumava ser visto, frequentemente, perto da Porta do Pincio, exercendo uma tarefa piedosa entre os mais pobres e mais doentes, oferecendo-lhes auxílio e conforto, ele próprio no meio da maior penúria. No nono ano do reinado de Cláudio César, os sessenta mil judeus de Roma foram escorraçados da cidade, e com eles Jesus. «E na sua fuga de Roma, Nosso Senhor, juntamente com os discípulos, caminhou durante toda essa noite através das abundantes terras de cultivo do Lago Fucino, um imenso pantanal drenado por Cláudio César, cultivado e lavrado pelos romanos». Estava então Jesus com cinquenta e quatro anos de existência terrena.

E Jacob escrevera:

Foi-me contado por Paulo que na altura em que ele, Paulo, chegou a Corinto para ir habitar com um hebreu chamado Aquiles e com a mulher deste Priscila, os dois entregues ao artesanato do tratamento de peles, soubera então da agonia final e da verdadeira ressurreição e ascensão de Jesus ao Céu. Aquiles e Priscila foram dos judeus escorraçados por édito do Imperador Cláudio, sob proibição estrita de voltarem a reunir-se ou praticarem o seu credo, à margem das leis romanas, em solo pertencente a Roma.

Aquiles e Priscila deixaram Roma em companhia de Jesus, encaminhando-se todos para sul, a caminho do porto de Puteoli. Nessa cidade portuária, enquanto aguardavam uma galera egípcia que descarregasse o seu trigo e voltasse de novo para o Egito, levando os judeus perseguidos até Alexandria para alcançarem a seguir Gaza, Jesus resolvera reunir os refugiados na Judiaria, proferindo um sermão para que tivessem cada vez mais fé no Pai do Céu e no advento do Reinado de Deus e do Seu Filho. Ora, acontece que entre a congregação estava um informante que, a troco de 15000 sestércios, fora informar as autoridades locais que Jesus desobedecera às ordens de César. Imediatamente uma companhia de legionários romanos, acampada num estádio perto de Puteoli fora enviada para prender Jesus por crime de traição.

Jesus fora condenado à morte sem julgamento. Fora açoitado perto da cidade, atado a uma cruz e untado o seu corpo sangrando com uma matéria inflamável. Ora, os soldados tocaram fogo ao corpo de Jesus e à cruz e foram-se embora. Mal se afastaram, eis que do mar corraera um forte vento que apagara as chamas que envolviam Nosso Senhor. Já não tinha vida quando o seu corpo lacerado e semi carbonizado foi tirado da cruz por Aquila e outros discípulos. Levaram o cadáver em segredo para uma caverna das

redondezas, aguardando a noite para procederem ao enterro do Senhor como se impunha. Pela calada da noite, entrando na caverna com um sudário e especiarias destinadas ao embalsamamento do corpo, Aquiles, Priscila e sete testemunhas deram com a caverna vazia. Logo entre os discípulos se levantou enorme confusão e consternação. Enquanto, especulavam sobre o que se sucedeu ao cadáver, a boca da caverna iluminou-se com o brilho incandescente de um milhão de tochas, revelando-lhes Jesus em toda a sua esplêndida glória. Jesus fez-lhes sinal para que o seguissem, e Aquiles, Priscila e as sete testemunhas foram atrás dele até um distante monte acima de Puteoli. Então, quando o dia estava prestes a nascer, Jesus abençoou-os e imediatamente se elevou no ar frio da madrugada, dentro do círculo de uma nuvem diáfana sobre a qual foi ascendendo cada vez mais longe, a caminho do Céu, para tão longe que olhos humanos não eram capazes de alcançar. E as testemunhas, cheias de maravilhado espanto e temor deram graças a Deus Pai Todo Poderoso e a Seu Filho.

E foi assim que meu irmão subiu ao encontro do seu Criador. Fora o que Aquila e Priscila disseram a Paulo em Corinto, relato que Paulo, por seu turno, me fez. Nosso Senhor Jesus Cristo está agora em exaltação sentado no Céu à mão direita de Deus Pai.

A narrativa de Jacob fechava com uma nota mais pessoal, dando também testemunho de si e da sua missão:

Diariamente aumentou minha fé no divino objetivo de meu irmão Jesus, em mim e nos espíritos dos discípulos. A mensagem de Cristo, a Boa-Nova, começou a ser propagada com toda a devoção. Eu pratico as leis judaicas, abstendo-me de comer carne e provar vinho, privando-me de vestir mais do que uma única túnica e deixando crescer os cabelos e a barba. Tenho também chefiado a Igreja deles em Jerusalém. A Boa-Nova continua sendo propagada entre os judeus da Dispersão, os mais receptivos, bem como, entre os gentios de Damasco, Roma e entre os conversos de Samaria, Cesaréia, Éfeso e Jopa - lugares onde costumamos batizar os circuncidados e os não circuncidados. As autoridades começam a suspeitar de mim e aproxima-se o meu fim sobre a terra. Nessa emergência vou fornecer uma cópia desta narrativa da vida de Nosso Senhor a Mateus, para ser entregue a Barnabé, a fim de se utilizar dela em Chipre, vou enviar outra cópia a Pedro, que se encontra em Roma. Quanto a este papiro vou enviá-lo por outro... Mando-lhes pela minha própria mão as saudações de Jacob.

[Anotação: Jacob, o irmão de Jesus, autor deste Evangelho perdido durante tanto tempo, foi condenado à morte pelo Sumo-Sacerdote de Jerusalém em 62 D.C.].

[Segunda Anotação: Vários meses depois de Jacob escrever o seu Evangelho, durante um período em que ocorreu um interregno na autoridade civil, devido a uma substituição de procuradores romanos para a Judéia, um homem de grande insolência e perversidade, um tal Ananias, apoderou-se da autoridade que exerceu, provisoriamente, para além de tudo o que era legítimo ou justo. Assim, uma das suas primeiras medidas foi para deitar as garras a Jacob o Justo, chefe da comunidade cristã em Jerusalém, acusando-o de blasfêmia. Tal como Hegesipo escreveu no século dois, a blasfêmia baseava-se em Jacob insistir que Jesus sobrevivera à crucificação. De acordo com o historiador Flavius Josephus: «Ananias reuniu o sínédrio dos juízes e apresentou-lhes o irmão de Jesus, o Cristo, Jacob o seu nome. Também estavam presentes muitos outros cristãos sob a mesma acusação. Depois de formular contra eles um veredicto como contumazes violadores das leis, decretou que fossem lapidados».

Segundo outras testemunhas, quando Jacob se preparou para a sentença ser executada, caiu de joelhos na terra, ergueu as mãos postas para o Céu, o olhar iluminou-se-lhe de

unção e piedade e pediu: «Senhor, meu Deus e Pai, perdoai-lhes porque eles não sabem o que fazem». Um sacerdote seu amigo atirou-se para a frente tentando proteger o corpo de modo a evitar a morte de um santo, dizendo para os apedrejadores: «Detenham-se! Que vão vocês fazer? Então, não ouvem que este homem justo rogando a Deus que lhes perdoe!» Mas, um dos carrascos, um homem brutal, deu um empurrão no sacerdote e utilizando um pau, geralmente, usado para baterem as peles e roupas, vibrou uma grande pancada na cabeça de Jacob, matando-o fulminantemente].

Assim fora a morte do irmão de Jesus.

E o seu legado fora aquele Evangelho, um legado à humanidade escrito meses antes do ano 62 D.C.

O legado de um santo. A Palavra.

O Verbo Divino.

[Anotação final: Qualquer discrepância entre os quatro evangelhos canônicos e o Evangelho Segundo Jacob se esclarece pela evidência que Marcos, escrevera o seu evangelho por volta de

70 D.C., Mateus por volta de 80 D.C., Lucas ao redor de 80-90 D.C., e João por volta de 85-95 D.C., desconheciam por completo o segundo ciclo de pregações de Jesus, nada sabiam da visita do Senhor a Roma e muito menos da sua segunda crucificação. O pequeno círculo de apóstolos que estava na posse do segredo tinha todo o interesse em não revelar tais coisas a fim de dar continuação da evangelização em nome de Jesus. As três cópias da verdadeira vida de Cristo da autoria de Jacob por volta de 62 D.C., nunca chegaram ao conhecimento do público - dado que uma delas, enviada a Barnabé para Chipre, acabou por se perder com a morte de Barnabé em Salamina: o exemplar enviado a Pedro pereceu com o apóstolo, depois que este foi crucificado «de cabeça para baixo» em Roma no ano 64 D.C. e a terceira cópia acabou por ser oculta no subsolo de Ostia Antica. Por conseguinte, os quatro autores dos evangelhos canônicos - Mateus, Marcos, Lucas e João - não possuíam outras informações para além da limitação das notícias orais sobre a morte de Jesus na Cruz do Gólgota em 30 D.C., estando convencidos que o Mestre ressuscitara e ascendera ao Céu perto de Jerusalém. Entre quarenta a sessenta e cinco anos depois, os autores dos quatro evangelhos desconheciam por completo o dilatar dos anos terrenos de Jesus Cristo. Para além do ponto em que os três terminam as suas obras, só nos resta o Evangelho de Jacob para prolongar e completar a história. E esse precioso Evangelho, o mais completo de todos, esteve perdido, até aos nossos dias, durante dezenove séculos.] Randall pensou que a verdade fora finalmente encontrada, toda a verdade, a Palavra integral.

Lembrou-se depois de mais outra coisa. Um outro Evangelho, escrito por João, finalizava com uma promessa curiosa: «Há, porém, ainda, muitas outras coisas que Jesus fez; e se cada uma das quais fosse escrita, creio que nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que sobre elas se escrevessem».

Mas, agora o mundo continha todos os livros que sobre essas coisas se escreveram, todos os livros contidos num só.

Ali estava ele ante os seus olhos - O Livro. Ali estava a Palavra.

Era uma narrativa espantosa que eletrizaria todo o mundo. Pela primeira vez desde que lera e relera a Boa-Nova, Steve Randall endireitou-se no sofá, pensou que a coisa estava ali nas suas mãos, à espera que ele transmitisse o milagre daquela descoberta ao mundo, que aguardava inquieto e ansioso uma nova palavra de fé.

Era sem dúvida o maior achado, desde sempre, feito no campo da arqueologia bíblica. Na

verdade, houvera por ventura qualquer outro, em todo o vasto campo da arqueologia, que se comparasse ao do Professor Monti em Ostia Antica? Poderia a descoberta de Tróia cantada por Homero, devida à persistência do alemão Shliemann, comparar-se com o Evangelho Segundo Jacob, o justo? Ou o achado do túmulo do faraó Tutankhamon, por Carter? Ou o decifrar da Pedra de Roseta pelo francês Champollion? Ou o desenterrar dos ossos do homem de Neanderthal, o perdido elo na cadeia da ascendência humana? Não, a Palavra ultrapassava tudo aquilo em valor.

Randall deu-se, imediatamente, conta que estava de novo pensando como um agente do campo informativo e que se resolvesse abrir as comportas do cérebro surgir-lhe-iam, instantaneamente, centenas de idéias para a promoção da Nova Bíblia. Todavia, por qualquer razão, as comportas não se abriram. Seria egoísta. Sentia-se ainda absorvido em demasia pelo abalo que o poder da descoberta lhe provocara pessoalmente.

Como ele invejava os outros, todos os outros lá fora, os crentes, aqueles cuja fé vacilava, os apóstatas, todos os que precisavam da Palavra e que seriam muito mais receptivos do que ele à emoção da mensagem. Instantaneamente, o pensamento voou-lhe para os entes queridos - para o pai paralítico, para a mãe desesperada, para o seu desiludido amigo Carey, até mesmo para sua irmã Clare, tentou imaginar a forma como cada um deles afetar-se-ia pela revelação de Cristo renascido.

Imediatamente se lembrou da filha Judy e da mulher Bárbara, lá tão longe em São Francisco. Rememorou a liberdade que Bárbara lhe rogara, tão insistentemente, pensou no amor de que ela tanto necessitava e na esperança que manifestara numa vida melhor para ela e para Judy.

Levantou-se do sofá, caminhou lentamente até o quarto e sentou-se à beira da cama, olhando fixamente para o telefone. Em Amsterdã havia já muito que era noite, mas na costa

americana do Pacífico, a cerca de dez mil quilômetros, a tarde ainda se mantinha.

Depois de uma ligeira hesitação, acabou por levantar o fone do descanso e pediu uma chamada de longa distância para S. Francisco.

Quinze minutos depois, a campainha do telefone tocou anunciando-lhe que a ligação estava estabelecida. Ouviu a voz de várias operadores de centrais - Amsterdã, Nova York, São Francisco. Randall não tinha a certeza de que fossem essas centrais - mas, por fim, eis a comunicação estabelecida.

- Hello... Bárbara?

- Sim. Quem fala?

- Steve. Como passas, Bárbara?

- Steve? Não estou te ouvindo muito bem. Onde é que estás?

- Telefone de Amsterdã.

- Amsterdã? Meu Deus, que estás tu dizendo... ah, já me lembro, falaste nessa viagem a Judy... Um novo serviço publicitário, hem?

- Sim. A propósito, como está a Judy?

- Não se encontra em casa neste momento, ou já tinha posto em contato contigo. Mas está boa, vai indo muito bem.

- Ainda continua vendo o Arthur?

- Continua. A escola já a readmitiu. Penso que ela te escreverá a respeito desses acontecimentos.

- Excelente.

- Judy escreveu a teu pai uma linda carta. Outro dia tive uma longa conversa com a Clare.

Soube que teu pai vai melhorando lentamente.

- Bárbara, ainda não me disseste nada de ti. Como passas tu? Que tens feito?

- Bem... Steve, que devo eu responder?

- O.K., creio que compete a mim dizer qualquer coisa. Em primeiro lugar, peço-te desculpa, muita desculpa, pela maneira como me portei da última vez que estivemos juntos no teu quarto do hotel em Oak City.

-Não penses mais nisso. Tens o teu...

-Penso sim. Escuta, Bárbara, vou-te dizer porque fiz esta chamada. Pensei bem em tudo o que se passou. Isto é, teu desejo do divórcio para te poderes casar com o Arthur Burke e eu dizer que me opunha e que lutaria. Pois bem, quero que saibas agora, que já mudei de opinião e de sentimentos. Mereces que te deixe livre para te poderes casar com quem gostas. Faço-o por ti e por sentir que é a coisa mais justa que devo fazer. Quer dizer que... a partir de agora estás completamente livre, podes apresentar a petição de divórcio que eu não contestarei.

- Steve! Eu... não encontro palavras... Nem posso acreditar nos meus ouvidos. Tenho rezado tanto para que consentisses por amor à Judy.

- Não te concedo a liberdade por amor à Judy, mas sim por amor de ti própria, Bárbara. Acho que mereces ser feliz.

- Eu... Bolas!... Sinto-me tão comovida que nem sei dizer-te o que sinto. É a coisa mais linda, o gesto mais nobre que tens feito em tantos anos. Creio que até posso dizer... creio não, tenho a certeza que te amo por esse gesto.

-Não te preocupes comigo. O amor nunca é assim tanto que se possa andar espalhando facilmente. Reserva todo o teu amor para esse tipo com quem te vais casar. E, claro, ama a tua filha. E... nunca te esqueças que eu a amo também.

- Steve, querido, lembra-te sempre que a Judy é tanto tua filha como minha. Poderás vê-la sempre que desejares, prometo-te.

- Obrigado. Só espero que na verdade ela me queira ver.

- Quererá sempre. A Judy ama-te.

- Muito bem. Bom, amanhã ou depois vou ver se falo para o Crawford, em Nova York... se o encontrar e puder, para lhe dizer que chegamos num acordo sobre o divórcio. Dir-lhe-ei para entrar em contato contigo, e depois ele pode elaborar todos os acordos sobre a divisão de bens e outros detalhes juntamente com o teu advogado.

- Fica descansado que não haverão problemas. Steve... Steve... ainda não me disseste uma coisa... que tal vais tu?

- Ainda não sei bem. Mas sem dúvida que as coisas vão bem, excelentemente. Estou fazendo uma escolha referente um montão de coisas. Talvez, até seja um louco em deixar-te fugir.

- Quem me dera que as coisas entre nós tivessem funcionado, Steve.

- Sim, quem dera que tudo se passasse em beleza. Mas, não foi assim. Sinto-me contente por ver que desta vez estás no bom caminho. Bom, seja como for, desejo-lhes aos dois as melhores e maiores felicidades. Talvez um dia vá bater à vossa porta se passar por aí.

- Steve, serás sempre bem-vindo.

- Ok. Dá beijos meus à Judy. E para ti também, esquecendo tudo o que passou, todo o meu amor.

- Steve ... os nossos melhores beijos e o nosso amor para ti. Adeus.

- Adeus ... Bárbara.

Desligou o aparelho suavemente. Como é que se sentia?... como um ser humano decente.

Sim, há muito tempo que não, se sentia assim. Também se sentia triste, algo que lhe era mais familiar.

Pensou o que o levava a cortar aquele laço. Amaciado e preparado por toda aquela conversa danada sobre Cristo. Ou foi o melindre de uma má consciência que o impelira a render-se? Estaria, subconscientemente, preparando todo aquele tempo para se entregar? Bom, já não interessava. O importante é que estava feito aquilo que devia fazer.

Foi nessa altura que tomou consciência direta de que não se encontrava sozinho.

Levantou os olhos e, no limiar, entre a sala-de-estar e o quarto, localizou Darlene.

Era atraente na sua transparente blusa branca que lhe revelava o sutiã e nas calças azuis muito esticadas que lhe revelavam as redondezas e lhe desenhavam as elegantes e compridas pernas. Exibia um sorriso rasgado para ele, parecendo sem dúvida imensamente satisfeita.

Darlene deu um ligeiro jeito para compor o cabelo e aproximou-se da cama, perguntando mimada:

-Então como está o meu bonequinho? A presença dela surpreendia Randall.

-Pensei que andasses no teu passeio pelos canais.

-E andei. Posso dizer-te que foi uma coisa estúpida - disse ela sentando-se na beira da cama ao lado dele.-De resto é quase meia-noite.

-Meia-noite? - Um súbito pensamento lhe atravessou o cérebro como um relâmpago, e olhando para a cara dela que brilhava de contentamento, perguntou: -Há quanto tempo regressaste?

-Creio que há cinco minutos.

-E onde é que estiveste? No teu quarto?

-Não. Estive aqui, na sala de estar. Estavas por demais entretido com o telefone para dares pela minha entrada.-O sorriso dela continuava dominando o rosto. - Desculpa, não me pude impedir de ouvir.

- Isso não interessa. Que tal foi a tua...

- Mas, Steven, interessa muito, não calculas quanto interessa. Nem sei como dizer-te a felicidade que sinto.

- A respeito de quê? - perguntou ele desconfiado.

-É evidente, não é? Sinto-me feliz por te veres -finalmente livre daquele frasco. Pensava que nunca mais te livrarias. Agora, graças a Deus, estás livre, livre como os passarinhos. Há tanto tempo que esperava por este momento - deu-lhe um beijo no rosto. -Finalmente podemos estar juntos.

Randall fitou-a e cuidadosamente, disse:

- Mas nós estamos juntos, Darlene.

- Bobo, sabes muito bem o que quero dizer.

Randall mudou de posição na beira da cama para poder defrontá-la.

- Não, não tenho a certeza. Darlene, explica-me com exatidão aquilo que pretendes.

- Podemos casar-nos, e julgo que já seja tempo. Enquanto tiveste aquela garça agarrada às tuas costas, nunca te chatee, nem fiz exigências, não é verdade? Prossegui a teu lado por gostar de ti, porque sabia que se pudesses casavas comigo. É isso o que todas as moças desejam. Agora, meu querido, já podes casar comigo e não escondo a minha alegria.-Levantou-se de um salto e começou a desabotoar a blusa. -Ufa! Vamos para a cama... não percamos mais tempo, Vamos celebrar.

Randall ergueu-se com rapidez e agarrou-lhe os pulsos, impedindo-a de continuar a desabotoar a blusa.

- Não, Darlene.

O sorriso dela apagou-se-lhe nos lábios. Então olhou atentamente para as mãos dele que lhe seguravam os pulsos.

- Que raio quer isto dizer?

Randall libertou-a.

- Quer dizer que não celebraremos nenhum casamento. Eu não me vou casar com ninguém, pelo menos por agora.

- Não vais?... Essa agora! Deves brincar comigo.

- Darlene, o casamento nunca fez parte da nossa relação. Pensa bem. Alguma vez prometi que casaria contigo? Desde o princípio que esclareci bem as coisas: se quisesse mudar-te e ir viver comigo, excelente, ótima coisa, formidável. Viveríamos juntos. Divertir-nos-íamos um pouco... e mais nada. Não acrescentei mais nada.

As sobrancelhas dela encrespam-se.

-Mas isso foi antes, há tempos infinitos, e porque tu estavas preso. Eu compreendi... aceitei, por isso mesmo. Tens-me sempre dito que me amas... por isso pensei que se obtivesses o divórcio desejarias casar comigo. Podes crer que estava convencida que querias.-Tentou voltar a manifestar um bom humor que soava a falso.-Steve, escuta, estou convencida que seria excelente para nós. Até agora foi sempre bom, mas casados seria dez vezes melhor. Ouvi a parte em que falaste da tua filha. É bonito que procures cuidar dela, que te preocupes com ela, mas tens que te lembrar que ela está crescendo e acabará por sair da tua vida, por isso, tens que pensar já no assunto, principalmente porque me tens. Tenho vinte e quatro anos e estou pronta dando-te os filhos que quiseres. Aí vão os preservativos pela janela fora. Tu e eu, juntos, podemos fazer tantos filhos e filhas quantos tu queiras, não custa nada, tens sempre provisões.

Randall sentiu a inquietação invadi-lo e disse, fixando o tapete:

-Darlene, quer acredites ou não, não me interessa de momento fazer filhos. - A sua voz adquiriu a calma. - Também te digo que agora tudo o que importa é acabar de resolver este problema que há pouco comecei a solucionar, procurando pensar bem naquilo que farei em seguida. Claro que tenho alguns planos, mas o casamento não faz parte deles.

-Isso refere-se ao casamento comigo, não é? -A voz dela erguera-se uma oitava, começava a esganar-se. - Quer dizer que não sou suficientemente boa para ti... É isso então, não me achas digna de ti.

Randall levantou os olhos do chão para lhe fixar as feições.

-Nunca disse isso, nem nunca o diria, porque não é verdade. Vou-te pôr as coisas de outra maneira. Manter uma relação, um arranjo sem complicações como o que temos... é uma coisa, mas casar é outra muito diferente. Sabes bem que já passei pelo mesmo. Não fomos feitos um para o outro, pelo menos para estarmos juntos uma vida inteira. Não há dúvida que não sou a pessoa indicada para ti, sou muito velho e tu és muito nova para mim. Não temos os mesmos interesses na vida... separa-nos um milhão de coisas... Enfim, o nosso casamento não resultaria.

- Merda! -vociferou ela. Estava zangada e demonstrava-o da maneira mais ordinária, com uma linguagem que nunca antes ousara ter perto dele. - Steve, não me lixes como costumes lixar toda a gente. Sei muito bem quem tu és. Julgas que eu não sou suficientemente boa para um tipo na tua posição. Pois bem, vou-te dizer uma coisa, muitos homens estão prontos a rastejar aos meus pés. Julgas que foste tu o único que me apareceu? Quando o Roy se despediu de mim no barco - lembras-te do Roy Ingram, hem?- posso dizer-te que se arrastou desde Kansas City para me rogar que casasse com ele. Tu

sabes isso muito bem, e também sabes que lhe dei sopa. Estava sendo-te fiel. Pois bem, se sou bastante boa para o Roy, porque diabo é que não sou para ti?

- Caramba, o ser ou não ser boa nada tem a ver com o caso! Quantas vezes é preciso repetir-te a mesma coisa? O que importa no casamento são duas pessoas estarem ajustadas uma para a outra, compreendes? Eu não sirvo para ti, mas o Roy talvez sirva. Tu não és a mulher indicada para mim, mas talvez sejas a mulher indicada para o Roy.

- Tens razão - disse ela começando a abotoar a blusa. Talvez vá tentar saber se é verdade, talvez vá fazer a experiência sobre se o Roy será ou não a pessoa indicada para mim.

- Faz o que quiseres, Darlene. Acredita que não te vou impedir o caminho. Ela olhou-o direto nos olhos.

- Steve, vou-te dar a última oportunidade. Tenho andado contigo às voltas como a tua amante, mas sei que sou uma boa moça e quero ser tratada com respeito. Se estiveres pronto para fazeres aquilo que deves, o que é justo que faças, ficarei. Se não for assim deixar-te-ei imediatamente, apanharei o primeiro avião que sair desta cidade e nunca mais voltarei para ti. Se sair daqui nunca mais me porás a vista nem as calças em cima. Compete-te a ti resolver.

Randall sentiu-se tentado. Desejou repentinamente rasgar-lhe a blusa e as calças, atirá-la para cima da cama, fazendo-a gemer de dor e de prazer. Sentia-a no sangue, na inquietude do desejo carnal. Por outro lado, também não queria ficar só. No entanto, o preço que teria de pagar seria elevadíssimo. Significava outro casamento perdido, à sorte, e ele não podia sequer pensar em semelhante desgraça. Sim, não podia conceber uma tal calamidade naquela altura em que procurava um novo caminho, uma estrada que o levaria a um lugar melhor, a uma melhor vida. Não, Darlene não estava nesse caminho. Darlene não passava de um beco sem saída. Pior ainda, encarando-a tal como ela era, um jovem ser humano com uma vida ainda à sua frente, sabia que destruiria essa vida potencial, sem que a compensasse, destruí-la-ia sobretudo por falta de amor e de verdadeira comunhão. Era impossível. Unidos, seriam os dois vítimas: ele de suicídio e ela de assassinato.

- Sinto muito, Darlene. Não posso fazer as coisas da maneira que pretendes.

O jovem rosto dela tornou-se hediondo de uma ira do mais baixo calibre.

- Ok, meu filho da mãe, meu velhote sórdido, pois podes crer que nunca mais me terás de outra maneira. Vou meter as minhas coisas nas malas. Podes começar já fazendo a reserva do bilhete de avião, pois tens que pagar. Diz na receção que de manhã quero lá ter a passagem.

Randall começou a segui-la até o hall de entrada.

-Se tens a certeza que é aquilo que queres...

Darlene parou e voltou-se para ele com um olhar de desprezo.

-Sim, tenho certeza que pretendo um bilhete de ida para Kansas City, ouves bem? E não voltas a atravessar-te no meu caminho outra vez!

Saiu da «suite» real e fechou a porta com toda a força.

Depois de um momento de desalento. Randall resolveu arranjar uma bebida forte, para ver se nessa noite ainda poderia realizar mais algum trabalho.

CAPÍTULO 4.1

Uma hora e três copos depois, Randall estava ainda por demais enfronhado nas suas investigações para poder sentir solidão e auto compaixão.

Examinara as pastas de arquivo sobre as entrevistas, material sobre a vida do Dr. Bernard

Jeffries, perito em tradução, crítica de textos e papirologia; sobre Herr Karl Hennig, perito em editar e imprimir livros sacros; sobre o Professor Henri Aubert, perito em descoberta de datas exatas por radiocarbono. Guardara a última pasta, enquanto lia de novo as traduções inglesas do Pergaminho Petrônio e do Evangelho Segundo Jacob. Pôs de lado as provas dos documentos sentindo-se cada vez mais arrebatado pela descoberta. Sentindo-se então intrigado e ávido por saber tudo sobre o homem que fizera tal descoberta.

Agarrou então na última pasta de arquivo, uma das quais lhe fornecera o pessoal da sua seção. Era a pasta que continha fatos relativos ao Professor Augusto Monti, o arqueólogo. Abriu-a. Dentro, para seu desespero, não encontrou mais do que cinco páginas datilografadas, presas por um clip. Randall devorou rapidamente as cinco páginas.

Continham uma biografia incolor do Professor Monti. Sessenta e quatro anos. Viúvo. Duas filhas, Angela e Clareta, uma delas casada. A história acadêmica do arqueólogo, os seus cargos, os galardões que lhe conferiram. Atualmente diretor do Istituto di Archeologia Cristiana, Professor de Arqueologia na Itália e no Médio Oriente, nas quais participou ou que chefiara. Finalmente, duas páginas cheias de datas e termos técnicos de arqueólogos, devotados às escavações em Ostia Antica seis anos antes. Ponto final.

Seria aquilo um perfil destinado a publicidade?

Randall ficou abismado. O Professor Monti realizara uma das mais momentosas descobertas na história do mundo, e tudo o que havia sobre ele não era mais do que aquelas áridas informações, tão excitantes como um horário ferroviário.

Frustrado, Randall acabou o uísque que tinha no copo e chegou-se para o telefone.

Era quase uma hora da madrugada. Disseram-lhe que Wheeler costumava trabalhar sempre até tarde. Randall decidiu que, sob qualquer hipótese, tinha que o chamar ao telefone ainda que o obrigasse a levantar da cama. Monti era a principal pessoa a quem devia ser dada toda a publicidade para promoção do Novo Testamento Internacional. Randall tinha que saber as razões da ausência de informações concretas e o modo como poderia obtê-las imediatamente. Marcou o número do quarto de Wheeler e aguardou. Respondeu-lhe uma voz feminina, que ele reconheceu: pertencia a Naomi Dunn.

-Fala Steve. Quero falar com George Wheeler.

-Não está na cidade -respondeu Naomi-Tenho estado aqui no quarto pondo em ordem uns papéis. Posso ser-lhe útil em alguma coisa?

-Talvez. Li esta noite o Petrônio e o Jacob, pela primeira vez. Tremendo. Posso dizer que fiquei fortemente abalado.

-Eu esperava que ficasse.

-Fiquei tão obcecado pela descoberta, que tentei apurar tudo o que fosse possível sobre o gênio que a tornou possível, que trouxe os documentos à luz do dia e da história. Estou falando, claro, no Professor Monti. Tenho aqui a pasta de arquivo dele perto de mim. Li-a. Pouco mais do que nada. Banalidades. Superficialidades. Um homem descolorido. Mas, de pormenores a respeito da descoberta...

-Estou certa que Mr. Wheeler e o Signore Gayda podem informá-lo sobre os detalhes.

- Não será suficiente, Naomi. O que eu pretendo tem que ser arrancado ao corpo e ao espírito do próprio arqueólogo. Como é que chegou à descoberta, aquilo que sentiu quando encontrou o que encontrou. Não apenas o que fez, mas o que se passou no seu espírito antes, durante e depois. Trata-se de uma história fantástica que poderemos soprar aos quatro ventos.

- Tem razão - disse Naomi. - O que sugere então que façamos a respeito do caso?

- Para começar: alguém do nosso projeto entrevistou pessoalmente o Professor Monti?

-Deixe-me coordenar idéias. Alguns dos editores, no princípio, depois os cinco reunidos tiveram várias conversas com ele, em Roma, depois de obterem do governo italiano os direitos exclusivos dos papiros e do pergaminho. Recentemente, nenhuma razão tiveram para se voltarem a reunir com o Professor Monti. No entanto, lembro-me de uma coisa. Quando contrataram o pessoal publicitário, antes de você ser nomeado chefe, uma das moças, Jessica Taylor, pensou que seria conveniente entrevistar o Professor Monti para obter mais material. EdIund tentou também arranjar uma entrevista para se deslocar a Roma e tirar-lhe algumas fotografias. Nem Jessica nem EdIund conseguiram vê-lo. Em cada uma das ocasiões Monti foi despachado para locais remotos, representando o governo italiano em várias escavações. Uma das filhas do Professor Monti disse a Jessica, e depois a EdIund, que lhes comunicaria quando o pai regressasse a Roma. Entretanto, o fato é que nunca receberam nem a mais leve palavra dela.

-E quando é que isso se passou?

-Talvez há cerca de três meses.

-Pois muito bem, o velho Monti com certeza já regressou a Roma. Quero vê-lo. De fato, devo vê-lo. Não temos muito tempo. Naomi, quer fazer o favor de lhe telefonar para Roma e marcar um encontro para depois de amanhã? Não, espere, depois de amanhã será domingo. Marque a entrevista para segunda-feira. E quando telefonar, se ele não estiver, diga à filha que irei de qualquer maneira e que o encontrarei onde quer que esteja. Diga-lhe que não me contentarei com um não por resposta.

-Dito e feito, Steve.

Randall sentiu-se de repente exausto e desanimado.

-Obrigado, Naomi. Já que estamos com as mãos na massa, você podia servir-se da sua influência para me conseguir uma entrevista com o Professor Aubert em Paris e com o impressor Hennig em Mairiz. Devo encontrar-me com as pessoas que apóiam esta Bíblia o mais breve possível. Tenho que lançar-me ao trabalho a toda a velocidade e penso trabalhar durante parte da noite. Além disso, gostaria de ocupar-me o máximo possível.

Do outro lado fez-se um breve silêncio, e depois Randall voltou a ouvir a voz de Naomi, mas menos impessoal.

-Será que detectei uma leve nota de auto-compaixão no tom da sua voz?

-Não o nego. Finalmente aconteceu-me. Estou a bebericar e sentindo um pouquinho de dó por mim mesmo. Suponho... não sei bem... suponho que nunca me senti tão só na minha vida como esta noite.

-Pensei que o Petrônio e o Jacob o mantinham ocupado. Eles podem ser excelentes amigos.

- E são, Naomi. Já me ajudaram até. Mas tenho que lhes reservar mais tempo.

-Onde está a Darlene?

- Acabamos com tudo. Vai a caminho dos Estados Unidos para bem dos dois.

-Vejo... -Houve uma longa pausa antes de Naomi voltar falando. - Sabe muito bem que detesto saber que alguém se sente só. Sei muito bem o que isso é. Quanto a mim posso agüentar, mas não suporto saber os outros nessas condições miseráveis. Especialmente tratando-se de uma pessoa de quem gosto. - Uma segunda pausa, e logo a seguir: - Steve, quer uma companhia? Se quiser, posso ficar aí durante a noite.

-Excelente, isso ajudaria bastante.

-Só esta noite. Nada mais. E só porque não quero que se sinta abandonado.

-Venha depressa, Naomi.

-Vou já. Mas, repito que é porque não quero que se sinta abandonado.

-Já estou à espera impacientemente.

Desligou o telefone e começou a despir-se.

Não fazia a mais leve idéia porque tinha feito aquilo. Naomi nunca o saberia, mas fazer amor com ela era como... como se estivesse sozinho, abandonado.

No entanto, precisava de alguém, de algo, de uma pessoa, de qualquer coisa... só por aqueles momentos, por aquela breve noite, antes que se acercasse da verdadeira paixão e da completa revelação da Palavra em Roma.

CAPÍTULO 5

Mas na verdade não foi a Roma, mas sim a Milão que Steve Randall chegou nessa manhã úmida de segunda-feira pronto para a sua entrevista com o Professor Augusto Monti.

Três dias antes, sexta-feira em Amsterdã, Randall acordara ao romper da aurora devido aos ruídos de Naomi a lavar-se, vestir-se e sair da «suíte» real. Lembrando-se de tudo o que tinha para fazer, Randall resolvera não ficar mais tempo na cama. Após o café ligeiro, dirigira-se para a porta do quarto de Darlene, experimentara-a, mas constatara que na verdade tinha o trinco corrido por dentro. A seguir, sobraçando a pasta dirigira-se à recepção a fim de arranjar as reservas de lugares para a viagem até Kansas City. Deixara na recepção um bilhete de despedida e algum dinheiro destinado a despesas eventuais, explicando ao recepcionista que desejava que levassem o envelope ao quarto da senhora juntamente com os bilhetes, logo que estes estivessem prontos.

Logo a seguir, embora sabendo que a diferença de fuso horário obrigaria o seu advogado a levantar-se da cama, Randall pedira uma chamada telefônica transatlântica para Thad Crawford. Fora uma conversa comprida. Randall repetira tudo o que falara com Bárbara, e Crawford manifestara-se aliviado por ele não contestar a ação de divórcio. Tinham debatido os termos para um acordo razoável. Com o assunto resolvido, a conversa dirigira-se para o caso do negócio com as Empresas Cosmos. Já haviam tomado compromissos com Ogden Towery, e os papéis finais em breve estariam elaborados. Quanto ao desconfortável caso do Instituto Raker, Jim McLoughlin ainda não fora localizado, nem respondera a qualquer das mensagens enviadas.

Pelas dez horas, Randall penetrara na Zaal F, o seu gabinete no Hotel Krasnapolsky, acompanhado da sua preciosa pasta. Nessa manhã não houvera qualquer tentação em dar um passeio a pé, permitira que Theo o conduzisse direto até à entrada do Kras. Os esforços para o assaltarem feitos na noite anterior estavam muito vivos na sua memória e por isso convocara a secretária a fim de lhe ditar um memorando a respeito do caso. Os olhos de Lori Cook tinham-se esbugalhado, e permanecido esbugalhados, enquanto ele descrevendo os pormenores do assalto que sofrera. Instruíra-a para que fizesse chegar o memorando às mãos do inspetor Helderling, com cópias destinadas aos cinco editores.

Uma vez aquilo feito, Randall decidira devolver as provas do Novo Testamento Internacional ao Dr. Deichhardt, tal como prometera solenemente. Preparando-se para sair do gabinete, recebeu um telefonema de Naomi, que lhe disse que queria vê-lo imediatamente por causa das suas futuras entrevistas com o Professor Monti, com o Professor Aubert e com o impressor Hennig. Naomi dissera que ia a caminho do seu gabinete com as notas que tomara sobre os casos.

Randall convocara de novo Lori pelo telefone e estendera-lhe as provas.

-Lori, meta estas páginas dentro de um envelope. Não mostre a quem quer que seja e entregue-o pessoalmente ao Dr. Deichhardt. Não o deixe à secretária dele, deposite-o nas mãos do Dr. Deichhardt. E... tenha cuidado, não se deixe raptar.

Minutos depois de Lori sair, a coxear, do gabinete entrara Naomi,

Não surgiram complicações na obtenção dos encontros com o Professor Aubert em Paris e com o impressor Hennig em Mainz, mas quanto a Monti...

- Pessoas estranhas, esses Montis - dissera Naomi. - Foi a filha do Professor, Angela, quem atendeu a minha chamada. Creio que ela serve de secretária do pai. Admitiu que ele regressou a Itália. Quanto a receber alguém da Ressurreição Dois, insistiu que o Professor tem atualmente muitos compromissos e tentou mais uma vez adiar. Acontece porém que

não a deixei desligar sem mais aquelas, e expliquei-lhe que o nosso diretor de publicidade obtivesse material positivo do Professor Monti. Falei-lhe de si, Steve, da sua forma de encarar o Professor como a mais destacada personalidade a pôr em foco na sua campanha de promoção. Disse-lhe até que a publicação seria feita dentro de poucas semanas e que por conseguinte a entrevista, não se podia adiar. Quando continuou a manifestar-se vaga a respeito da data da entrevista, ameacei, disse-lhe que você iria para Roma no início da próxima semana e que acamparia no limiar da porta do Professor Monti até realizar o trabalho de o entrevistar. A ameaça funcionou em pleno. Ela capitulou e prometeu que o pai se encontraria consigo, mas não em Roma. O Professor dirige-se de carro para Milão, onde vai tratar de negócios pessoais, mas arranjará tempo para se encontrar consigo na segunda-feira de manhã em Milão. Disse-lhe que você ficaria hospedado no Hotel Príncipe & Savoia, e ela concordou que o pai irá ter ao seu quarto às onze horas da manhã.

E pronto. Ali estava ele, Steve Randall, naquela pequena, mas pesadamente mobiliada, sala de estar do seu apartamento, «Suite» nº 757, no elegante Hotel Príncipe & Savoia de Miro. Faltavam cinco minutos para as onze horas daquela segunda-feira.

Tirando da pasta o seu pequeno gravador, Randall experimentou-o para ver se tudo estava em ordem, depois colocou-o em cima do aparelho de televisão e foi até à janela. Premiu um botão e a persiana elétrica subiu automaticamente, desvendando lá embaixo o vasto panorama da Piazza della Repubblica. A vizinhança, para além da entrada privativa com placa para estacionamento de carros pertencente ao hotel, era um aprazível quadro de jardins e árvores, um quadro tranquilo, dado que a praça se encontrava quase deserta àquela hora, que o calor começava a apertar.

Randall pensou no que perguntaria ao Professor Monti, rezando aos seus santos para que o arqueólogo fosse um excelente assunto e bom conversador, para além de ter um inglês compreensível.

Uma série de ligeiros batimentos na porta fizeram com que Randall se voltasse rapidamente. O professor Monti era um homem pontual. Bom augúrio.

Randall dirigiu-se à porta, abriu-a e arvorou o seu melhor sorriso, decidido a acolher o arqueólogo com entusiasmo e calor... mas o sorriso murchou-se nos lábios. No limiar encontrava-se uma senhora ainda jovem.

-É o senhor Steve Randall do grupo do Novo Testamento Internacional? -perguntou ela numa voz baixa onde se revelava um leve e suave tom de pronúncia inglesa.

-Sim, sou eu -respondeu Randall, confuso.

- Sou filha do Professor Monti. Angela Monti, de Roma.

-Mas estava combinado que me encontrasse com...

-Bem sei. Esperava o meu pai. Ficou surpreso e desapontado. - E esboçou um sorriso. - Peço-lhe que não fique desapontado, explicar-lhe-ei tudo se me der licença para isso. Estou também disposta a ajudá-lo em nome do meu pai, se necessitar de ajuda.

Lançou um olhar interrogativo para dentro do aposento.

- Posso entrar?

- Oh... desculpe-me, estava distraído - disse Randall, perturbado. - Peço-lhe por favor, entre. Sabe, por momentos apanhou-me de surpresa.

- É perfeitamente compreensível - disse ela penetrando no living da «suite». - Meu pai envia-lhe desculpas por não comparecer em pessoa. Como saberá, circunstâncias poderosas levaram-no a faltar ao encontro.

Randall fechou a porta e seguiu-a até o centro da sala. Graciosa, deu uma volta sobre si mesma como para não perder nada do que a cercava e depois olhou-o francamente

divertida.

-Ao menos deram-lhe ar condicionado. O que deve ter contribuído para o manter de cabeça fria. Sem brincadeira, pode crer que é um verdadeiro alívio. Lá fora está uma temperatura da ordem dos vinte e nove graus... centígrados. Pela vossa escala deve andar pelos oitenta, o que não é suficiente para derreter uma pessoa, mas esta umidade é na verdade sufocante.

A surpresa e desapontamento imediatos, sentidos por Randall em vista do Professor Monti não manter a palavra dada, foram-se modificando na medida em que observava melhor aquela esplêndida mulher.

Angela Monti era na verdade e, literalmente, uma daquelas jovens capazes de fazerem fechar o comércio.

Segundo avaliou, tinha por volta de metro e sessenta e cinco de altura. Na cabeça exibia um chapéu de palha, de abas largas, tão ao gosto italiano, que projetava uma sombra no seu rosto, aliás, já dissimulado por uns largos óculos de sol, espelhantes. O busto estava cingido por um blusa amarela, de recorte generoso, que denunciava as saliências do sutiã, onde mantinha amordaçados dois seios incontidos que a todo o momento ameaçavam projetar-se. Um largo cinto de cabedal alongava-lhe a delgada e macia linha de cintura, pretensamente segurando uma saia leve, de verão, cor de ferrugem, que lhe moldava as curvas e desenhava as voluptuosas ancas.

Randall não conseguiu tirar os olhos da jovem mulher, enquanto ela largava sua bolsa marrom, certamente um produto Gucci, e tirava o chapéu e os óculos de sol. O seu cabelo, artisticamente despenteado, era macio e de um negro das asas dos corvos. Os olhos grandes, em forma de amêndoa, eram verdes, um verde jade; o nariz de clássicas proporções romanas, de delicadas narinas; tinha os lábios cheios, generosos, carnudos, discretos no seu carmim; com um sinal que chamava ainda mais as atenções para a beleza e perfeição daquele rosto um pouco alongado e de maçãs bem pronunciadas. Em volta do delicado pescoço usava uma corrente de ouro, terminada por uma cruz do mesmo metal precioso que repousava no extremo do decote, precisamente, onde a curva dos seios começava.

Ela teve consciência do olhar investigador dele, perguntando:

- Está zangado por eu vir em lugar de meu pai?

- Não, de modo nenhum. Para lhe ser franco, admirava-a. É modelo ou atriz?

- Obrigado - disse ela sem falsa modéstia. -Sou uma pessoa demasiado séria para tais profissões. - Lançou-lhe um olhar avaliador da cabeça aos pés. -O senhor é completamente diferente daquilo que eu esperava.

-E o que é que eu esperava?

-Disseram-me apenas que o senhor era um famoso diretor de publicidade; e, precisamente, o diretor publicitário e de imprensa para o projeto da Nova Bíblia, principalmente, agregado ao lançamento na América. Suponho que pensamos demasiado em personalidades segundo um padrão estereotipado. Para mim a palavra publicidade é daquelas que sempre associo a uma enorme trombeta... não, antes a uma enorme tuba que emite tremendos ruídos. Não, não esperava uma pessoa tão moderada, tão cavalheiresca e que tivesse um ar tão - como hei de dizer? - Embora tipicamente americano, cor de cabelo, olhos, físico atlético... um ar tão requintado.

Randall pensou que ela o abrandava, a embalá-lo com palavras bonitas, ou que era então uma mulher completamente despida de artifícios. O fato é que lhe agradava.

-Porque é que não nos sentamos? - convidou ele. Depois de instalarem-se no sofá,

prosseguir: - Acredite que me sinto encantado de tê-la aqui comigo, Miss Monti...

- Angela - corrigiu-o ela.

- Pois muito bem, em troca serei simplesmente Steve.

- Claro, Steve - disse ela com um sorriso.

-O meu problema é uma questão de pressa ou antes de pressão. Contratarem-me para o projeto tardiamente. Como saberá é um projeto tremendo que merece, sem a menor dúvida, a melhor das campanhas de promoção, talvez a melhor e maior campanha promocional de toda a história. Ora não poderei levar a efeito essa promoção a menos que cada pessoa ligada ao projeto colabore comigo. Segundo a minha idéia, o papel mais dramático e mais excitante de toda a minha história desta nova Bíblia é aquele que desempenhou o Professor Monti. Sinto que lhe cabe o relevo que na verdade merece. Ora recentemente, membros do pessoal da minha seção tentaram entrevistá-lo e falharam nessas tentativas. Quanto a mim, que me desloquei de propósito para o ver, claro que me sinto enormemente frustrado. Poderá fazer o favor de me explicar o que acontecesse?

- Sim, explicarei tintim por tintim, sem lhe ocultar seja o que for. Trata-se, essencialmente, de um caso de política e inveja na comunidade arqueológica romana. Quando meu pai resolveu realizar a escavação, teve que pedir uma licença especial ao superintendente da direção arqueológica da região de Ostia Antica. Quem ocupava o cargo há sete anos - recentemente, promovido - era o Dr. Fernando Tura, que discordava sempre das idéias de meu pai a respeito da arqueologia bíblica, chamando-lhes extremamente radicais, tanto mais que era, e continua sendo, seu direto rival. Só depois da aprovação do Dr. Tura é que o Supremo Conselho de Antigüidades e Belas-Artes, situado na Via del Popolo em Roma, poderia emitir a sua licença. Mas, o Dr. Tura mostrou-se reticente e difícil...

- Significa que ele recusou aprovar o pedido de seu pai para proceder a escavações?

- Ridicularizou a teoria construída por meu pai de poderem ser encontrados aqui na Itália quaisquer documentos originais de valor, pelo menos manuscritos anteriores aos evangelhos de Marcos e Mateus. Mas, o Dr. Tura não só ridicularizou a intenção de meu pai, como levantou uma muralha de demoras, devido às intrigas que fomentou contra ele nos círculos superiores. Todavia, meu pai não se deixou abater por coisa tão mesquinha. Por meios oficiosos, fez um apelo ao Supremo Conselho, através de um colega e amigo de grande influência. O caso enfureceu o Dr. Tura, que, apesar disso, foi então obrigado a emitir a licença destinada às escavações. Logo depois que meu pai realizou a brilhante descoberta - com provas inofismáveis da sua autenticidade - a ira e inveja do Dr. Tura aumentaram ainda mais. Ele se dispôs a manter meu pai em segundo plano, impedindo-o a colher os louros pelo achado que fizera. O Dr. Tura fez circular a versão de que fora ele quem na verdade o orientara para Ostia Antica, encorajando-o a proceder a escavações; versão que revelava à ele, como o verdadeiro gênio do achado e meu pai apenas o braço executor empunhando a pá das escavações. Mais ainda, de modo a que ninguém o pudesse contradizer, o Dr. Tura instigou o Ministério da Instrução enviando meu pai para longe de Itália a fim de dirigir escavações arqueológicas em lugares longínquos.

- E o Ministério possui a indiscutível autoridade para poder obriga-lo a ir para tais lugares?

-Verdadeiramente, não. Mas, você sabe muito que na vida só as pessoas que fazem as leis estão aptas a eximir-se delas sem riscos. É esse o privilégio do poder. O Dr. Tura avisou os seus amigos no Ministério que seria melhor enviar o seu associado Professor Monti para escavações no estrangeiro. Seria preferível que partisse o mais secretamente possível, de modo que não conseguisse depreciar a Repartição Arqueológica, reivindicando

para ele todas as honras de descoberta tão sensacional. Bem, de fato, ninguém pode enviar um arqueólogo, seja para onde for, se ele não desejar ir. Um arqueólogo de créditos firmados escolhe, habitualmente, as suas escavações. Todavia, visto que meu pai não é um professor titular da cátedra de arqueologia da Universidade de Roma, apenas um professor agregado, deram-lhe a entender que se não obedecesse perderia a sua posição. Além de uma herança modesta pertencente à minha falecida mãe, herança essa que meu pai insistiu sempre que pertencia a minha irmã Clareta - a mais velha - e a mim, meu pai nada mais tem para viver do que o seu ordenado. De modo que foi forçado a anuir ao que queriam, para manter o seu cargo.

-Mas então o Professor Monti não obteve uma boa quantia com o achado de Ostia Antica? - perguntou Randall admirado.

-Todos os achados arqueológicos pertencem ao governo italiano. Meu pai obteve apenas, uma módica percentagem da quantia que os editores pagaram ao governo pela concessão dos documentos. Mas, essa percentagem depressa se evaporou. Para conseguir realizar as escavações, que levaram muito tempo, meu pai contraiu grandes dívidas, que teve que liquidar com juros de usura. O pouco dinheiro que sobrou, repartiu pelos nossos familiares napolitanos, pessoas bastante necessitadas. Com tudo isto, nada mais podia fazer do que obedecer às ordens. Quando Miss Taylor e o Sr. Edmund, do seu pessoal, pediram a entrevista, meu pai encontrava-se no Médio Oriente, fazendo investigações em Pella - foi o local para onde fugiram os antigos ebionitas depois da primeira revolta dos judeus contra Roma-para uma futura escavação. Sempre que meu pai regressa a Roma, depois de cada missão, é avisado para não participar em nada do que diga respeito a publicidade comercial sob pena de ser despedido.

Randall ainda não estava satisfeito com o assunto.

-E o que é que aconteceu hoje? O Professor Monti vinha a caminho de Milão, depois de ter concordado em encontrar-se comigo.

-Concordou em encontrar-se consigo, porque eu o aconselhei que se ele obtivesse bastante publicidade, se tornaria uma personalidade mais famosa do que os seus inimigos do Ministério, e que, por conseguinte, já não teria razões para mais receios. Mas, o Dr. Tura, não sei como, conseguiu saber que meu pai vinha para se encontrar consigo em Milão. E assim arranjou maneira de o interceptarem em Florença e ordenarem-lhe que voltasse, imediatamente, a Roma para cumprir uma nova missão no Egito. Meu pai receou resistir, regressou a Roma, e estará amanhã no Egito. O mínimo que eu poderia fazer seria dirigir-me a Milão para me encontrar consigo, aliás, posso dizer-lhe que conheço tudo o que diz respeito a meu pai e à sua sensacional descoberta. Isto é, posso dizer-lhe tudo o que ele lhe diria. Estou decidida a que ele receba a fama internacional a que tem direito, uma fama que o torne mais poderoso do que os políticos invejosos de Roma que o mantêm assustado e silencioso. Foi isso o que me trouxe ao seu encontro. Afirmando minha cooperação por hoje e pelo tempo que você desejar.

Randall levantou-se do sofá e pegou o gravador.

-Angela, creia que lhe fico muito grato. De fato necessito das suas informações. Tenho algumas perguntas básicas a fazer.

- Responderei a tudo. Pode ligar o gravador

-Muito bem. Minha primeira pergunta é: quer almoçar comigo?

Angela Monti soltou uma gargalhada cristalina, e naquele riso uma pedra de toque para todas as mulheres, Randall pôde ver na verdade que era ainda mais bela do que pensara,

- Steve, posso dizer-lhe que é uma pessoa encantadora. Claro que não posso recusar esse

almoço, de fato posso até permitir-me ser franca e dizer-lhe que estou esfomeada.

-Tinha feito reservas lá embaixo no Escoffier Grill. Entretanto, agora que você está aqui, e não o seu pai, com certeza que preferirá algo mais substancial. Não conheço nada de Milão. Tem alguns restaurantes que sejam seus favoritos ?

Angela levantou-se.

-É a primeira vez que vem a Milão?

- Sim. Estive em Roma durante uma semana, estive em Veneza e Florença também durante um ou dois dias, numa viagem rápida, mas nunca vim a Milão.

-Vou então levá-lo à Galleria.

- Aonde?

-À Galleria Vittorio Emanuele. São as arcadas mais maravilhosas que existem em todo o mundo. Um lugar tão absurdo, tão invulgar e tão romântico. Venha, vou-lhe mostrar aquele encanto.

Ela pegou-lhe a mão de uma maneira perfeitamente natural, sem artifício; ao sentir aquela mão macia, a proximidade daquele corpo, excitaram-no instantaneamente. Mas, apesar disso, conteve a onda ardente que o avassalava e forçou-se dizendo:

- Angela, esse lugar para onde vamos... será um local em que possa entrevistá-la? É uma coisa que é preciso ser feita.

- Evidentemente - disse ela alegremente. - Estamos em Milão e não em Roma. Aqui costumam colocar-se os negócios sempre antes dos prazeres. Descanse que não o quero seduzir.

- Os dedos dela apertaram os dele. - Pelo menos, por hora não -concluiu com um olhar brejeiro.

A porta esperava-os uma Ferrari? Vermelha do último modelo, pertencente a Angela. Logo a seguir atravessaram a Piazza della Repubblica («onde eles suspenderam de cabeça para baixo os corpos de Mussolini e da Petacci», segundo a explicação de Angela), enveredando para a esquerda, para a ampla Via Filipe Turati.

Randall sentia-se curioso para saber mais coisas a respeito da mulher que o acompanhava, e Angela foi pródiga em fazer-lhe a vontade. Durante a curta corrida, falou-lhe francamente, embora em traços breves, dos seus antecedentes e ambiente que a cercava. Tinha quinze anos quando a mãe, uma senhora meio inglesa e meio italiana, morrera. Frequentava a Universidade de Pádua e estivera dois anos na Universidade de Londres. Licenciara-se em arte grega e romana. Tinha uma irmã, Clareta, mais velha do que ela cinco anos, que era casada e tinha duas filhas e que vivia em Nápoles. Quanto a ela mesma, Angela, estivera certa vez noiva. -Mas o casamento não poderia ter funcionado. Era um homem perdulário e arrogante, tipicamente italiano macho, e eu era já demasiado independente para me contentar em ser uma cidadã de segunda classe, uma mera sombra no mundo dos homens.

Devotava a maior parte do seu tempo prestando assistência ao pai nos seus escritos; editando as suas obras científicas; mantendo e dirigindo o solar da família em Roma; e lecionando história da arte italiana, uma vez por semana, numa escola particular para estudantes estrangeiros. Recentemente completara o vigésimo sexto ano de existência.

As confidências dela suscitaram confidências dele, mas Randall foi bastante reservado nos pormenores. Falou dos seus princípios no Médio-Oeste americano e contou-lhe da recente doença do pai. Revelou-lhe um pouquinho a respeito da sua empresa de publicidade em Nova York, passando levemente pela vida que levava. Mencionou-lhe Bárbara e Judy, e a sua decisão da semana passada em conceder o divórcio a Bárbara. Nada disse a respeito

de Darlene.

Angela escutou atentamente, sempre com a atenção voltada para o caminho na sua frente, mostrando-se prudente. Após Randall terminar sua breve resenha, perguntou-lhe:

- Steve, posso perguntar-lhe quantos anos tem?

Ele hesitou, relutante em revelar que tinha doze anos a mais do que ela, mas finalmente resolveu-se.

-Tenho trinta e oito.

-É tão jovem para uma pessoa que já conseguiu tanto êxito na vida.

- Quer dizer, com certeza, para alguém tão bem sucedido nos negócios - disse Randall, certificando-se que sua auto-depreciação fora captada por ela.

- Eis o Scala, o mais conhecido teatro de ópera de todo o mundo - disse ela apontando repentinamente para um dos lados.

O aspecto exterior do edifício desiludiu-o.

Ela percebeu-o e perguntou:

- Desagradou-lhe? Bom, o Scala é como muitas pessoas, não pode ser julgado pela aparência exterior. Tudo o que é bom está lá dentro. Lugares para três mil pessoas. Acústica perfeita. Música perfeita... Estamos na Piazza della Scala. Procurarei um lugar pra estacionar. Depois de estacionar a Ferrari e de fechá-la, conduziu-o em direção da Galleria Vittorio Emanuele.

Quando penetravam nas galerias, ela voltou-se para ele e disse:

- Se você for como eu, nem acreditará numa coisa como esta.

Encontravam-se agora no miolo da maravilha, e ele era como ela, dado que não acreditava bem numa coisa como aquela, embora tivesse os olhos bem abertos.

A Galleria assemelhava-se a uma cidade dentro da cidade, uma cidade em miniatura, claro. Sob uma imensa e gloriosa abóbada de vidro, a maior clarabóia até então vista por Randall, havia uma fila inacabável de artísticas lojas, à sua direita imediata a tremenda livraria Rizzoli, à sua esquerda boutiques, agências de viagens, um hotel de passagem para negociantes em trânsito pela cidade. Viam-se restaurantes e trattorias ao ar livre cheias de cavalheiros italianos bem-vestidos e mulheres atraentes vestidas à última moda, pessoas que comiam, bebiam e conversavam, e aqui e ali pessoas enfronhadas na leitura do matutino milanês de elite, o Corriere della Sera.

-A maioria está lendo a terza pagina, a terceira página, que traz geralmente notícias culturais, com uma profusão de artigos sobre o estrangeiro. O jornal tem seiscentos correspondentes especiais na Itália e vinte e seis em diversas cidades estrangeiras. É sem dúvida o nosso jornal nacional e muito importante para o seu trabalho - esclareceu-o Angela.

- Bem sei - disse Randall. - Temo-o na nossa lista de prioridades sobre a imprensa italiana, juntamente com L'Osservatore Romano, La Stampa, Il Messaggero e a vossa agência noticiosa, Agenzia Nazionale Stampa Associata, mais conhecida no mundo pelas siglas ANSA.

- Todos esses meios de informação publicarão a proclamação do lançamento do Novo Testamento Internacional?

- E histórias a respeito do Professor Monti... se você cooperar.

- Cooperarei - afirmou ela. - Vamos até ao outro extremo da Galleria.

O que ela desejava mostrar-lhe, no lado oposto ao da entrada, era a Duomo, a catedral, a quarta maior do mundo, com as suas torres e campanários, com os seus 135 delicados pináculos e as suas duzentas estátuas de santos.

-Agora vamos comer e conversar - disse ela levando-o de volta para a Galleria.
- Sempre me habituei pensando em Milão como uma cidade comercial pouco romântica - confessou Randall. - Não esperava isto nunca.

-Você leu Henri Beyle, Stendhal?

-É um dos meus favoritos. Talvez, por ser tão introvertido, auto-analisador, envolvido com o seu próprio ego, possivelmente, como eu fundamentalmente sou.

-Ele esteve aqui, e depois disso quis que colocassem no seu túmulo uma lápide com a inscrição: «Aqui jaz Henri Beyle, cidadão milanês». Sou uma romana pelo coração, mas compreendo perfeitamente o que Stendhal sentiu.

Chegaram ao centro da Galleria, junto ao cruzamento das principais vias para pedestres, banhadas pela suave luz do sol filtrada pela cúpula lá em cima.

Angela escolheu o Café Birri, e encontraram uma mesa ao ar livre, que se encontrava relativamente isolada. Randall confiou a Angela a tarefa de encomendar o almoço. Ele escolheu risotto milanese, um prato de arroz cozido e manteiga, galinha de fricassé, açafrão, osso buco, perna de vitela na brasa, e Angela hesitou entre dois vinhos, acabando por preferir ao Valtellina, um Sondrino tinto.

Depois, embora não estivesse muito pronto para tratar de negócios, Randall sabia que tinha que começar. Colocou o gravador perto dela, ligou-o, e disse:

- Ok, Angela, vamos lá falar de seu pai, o Professor Augusto Monti. Até onde se possa lembrar, deve começar pelo princípio, isto é, a partir da altura em que se tornou um arqueólogo. -Levará muito mais tempo do que o nosso almoço.

- Bem, conte-me um pouco de tudo, até culminar no achado. Coisas principalmente que digam respeito à carreira dele. Terei assim oportunidade de decidir o que for melhor para a nossa campanha, desenvolvendo depois os aspectos essenciais com mais pormenor numa outra ocasião.

- Haverá então uma outra ocasião?

-Muitas ocasiões, conforme tenho esperança.

- Muito bem. Quanto à carreira de meu pai, deixe-me ver... Augusto Monti estudou na Universidade de Roma, licenciado pela Faculdade de Letras. Nos três anos seguintes à formatura passara por algumas escolas de especialização em arqueologia, como por exemplo o Instituto de Arqueologia da Universidade de Londres e a Universidade Hebraica de Jerusalém. Depois disso, em competição com outros graduados destacados, participara em Roma do concours, um exame perante uma junta de cinco professores. O concorrente que mais se destacasse atingiria o doutorado e teria como galardão a primeira cadeira vaga de arqueologia. Augusto Monti ultrapassara todos os outros colegas e pouco depois, estava instalado como professor da cátedra de Arqueologia Cristã na Universidade de Roma.

Com exceção do fato de ter eventualmente ascendido à posição de diretor do Instituto de Arqueologia Cristã, a rotina de Monti dentro e fora da universidade era pouco diferente nos primeiros anos do que atualmente. Quatro dias na semana, do pódio da Aula de Arqueologia, apoiando-se em mapas, cartas, gráficos e com o auxílio do indispensável quadro negro, ministrava os seus cursos a cerca de duzentos estudantes. Frequentemente, depois das aulas, ou aproveitando momentos entre os cursos, subiria as escadas de mármore até ao seu gabinete, situado ao lado da biblioteca, sentando-se em sua cadeira de braços, de couro verde e de alto espaldar, colocada em frente da envernizada escrivaninha de carvalho a fim de receber visitantes ou para escrever os seus artigos destinados aos jornais e revistas contendo assuntos arqueológicos.

O Professor Monti, em todas as férias longas, costumava dirigir escavações em vários setores de interesse, sendo também frequente, proceder a trabalhos de campo mais importantes para os quais solicitava licenças especiais. A sua reputação começara projetando-se devido a ter descoberto algumas seções novas das cinquenta catacumbas de Roma, corredores e criptas subterrâneos onde foram sepultados seis milhões de cristãos, desde o alvor do cristianismo até ao século quarto. Mas, o maior e mais persistente interesse de Monti revelava-se na procura de um documento original, escrito durante a vida de Jesus, ou pouco depois do tempo do Salvador, um documento anterior ao aparecimento dos quatro evangelhos.

A maioria dos eruditos concordava que um tal documento, geralmente, chamado documento Q, da palavra alemã Quelle, que significa «fonte», a fonte ou primeiro documento - devia existir. Apontavam, como exemplo, os evangelhos escritos por Lucas e Mateus com muitas passagens idênticas não contidas no evangelho de Marcos. Obviamente, Lucas e Mateus escreviam tais passagens a partir de uma fonte comum e primitiva. Talvez, essa fonte fosse oral, e sendo assim, ter-se-ia perdido para a história. Mas, havia probabilidades, tal como o Professor Monti pensava, da alegada fonte ser escrita, algo posto na palavra gravada, objeto talvez até de cópia da primeira versão oral, um documento que sobrevivera e estaria oculto algures.

Cerca de um decênio antes, baseado em deduções, estudos e trabalhos de campo, o Professor Monti publicou um ensaio erudito mais sensacional na revista *Notizie degli Scavi di Antichità*, uma revista com sede em Roma devotada a correntes escavações arqueológicas em vários países, e uma versão mais ampliada do mesmo artigo na revista *Bíblica*, uma folha jesuíta de renome internacional que se devotava a tratados científicos sobre a Bíblia.

O artigo do professor intitulado «Uma nova direção na investigação de Jesus Cristo Histórico», contradizia a maior parte das noções predominantes a respeito das possibilidades de recuperar o documento Q.

Naquele ponto da história, Randall quis ter idéias mais precisas.

- Que noções, Angela? Quais as convicções dos outros eruditos e em quê o seu pai os contradizia?

Angela pousou o seu copo de vinho tinto na mesa.

-Explicarei o mais simples que sei e posso. Os teólogos, os arqueólogos bíblicos, os eruditos como o Dr. Tura, aqueles colegas de faculdade de meu pai na Universidade de Roma, no Instituto Pontifício de Arqueologia Cristã e na Academia Americana em Roma... todos eles, quase sem exceção, mantinham que a fonte fora puramente oral. Acreditavam que os apóstolos de Cristo não contribuíram com nada na palavra escrita. Os apóstolos estavam convencidos que o fim do mundo estava próximo, prestes a chegar o reino dos céus, de modo que nem se incomodaram em deixar registros escritos dos acontecimentos. Só mais tarde, com a verificação de que o mundo não acabava, foram redigidos os evangelhos. Porém, tais obras não tinham uma característica histórica, isto é, autêntica, dado representarem Jesus visto através olhos e sentimentos da mais pura fé.

-E seu pai discordava, hem?

-Meu pai argumentava que antes do tempo de Jesus foram já redigidos vários escritos com a noção da posteridade, como é o testemunho da biblioteca Essênio revelada pelos Documentos do Mar Morto. Meu pai pensava convicto que os discípulos e amigos de Jesus não foram todos pescadores e fabricantes de tendas analfabetos e sem cultura. Alguns, como Jacob, tinham-se até tornado dirigentes da seita cristã. Um desses mais evoluídos,

menos certo de que o mundo acabasse, devia, quase com certeza, ditar ou escrever as coisas ouvidas a Jesus ou algo sobre a Sua verdadeira vida e Seu ministério. Meu pai costumava até dizer de brincadeira que a grande descoberta seria um diário escrito pelo próprio Jesus. É claro que não passava de um dito espirituoso, nada levava a tais esperanças. A sua verdadeira esperança residia na descoberta da versão original de Marcos não corrigida pelos doutores da Igreja como o evangelho existente, que sem dúvida foi mais tarde recomposto em nome da ortodoxia. O evangelho original de Marcos ou uma fonte original - um livro testemunhal, uma coletânea de sermões, de parábolas - a perda fonte utilizada por Mateus. Meu pai encarava também a possibilidade de ser escrito qualquer documento romano sobre a morte de Jesus.

Randall, consciente do seu gravador em funcionamento, insistiu:

-Mas qual o fundamento para seu pai contradizer a opinião oficial?

-Os outros afirmavam, por unanimidade, que quaisquer novos manuscritos do século I só seriam encontrados no Egito, Jordânia ou Israel, onde o clima seco e o sol de limitada ou nenhuma umidade preservariam antigos pergaminhos ou papiros. Diziam que tal coisa era completamente impossível na Itália devido ao nosso clima úmido, dado que, mesmo que tais manuscritos fossem trazidos para a península itálica, há muito estariam completamente apodrecidos ou perdidos nos incêndios sem conta que devastaram Roma nos primeiros tempos do Cristianismo. Meu pai argumentava que muitos objetos e documentos sagrados eram contrabandeados e conduzidos em embarcações de comércio, no primeiro século, desde a Palestina a Itália, com o intuito de os salvarem das destruições durante as freqüentes revoltas e destinados a ampararem na fé os muitos convertidos cristãos em Roma e em volta da cidade imperial. Meu pai argumentava também, que papiros escritos no segundo século sobreviveram e encontrar-se-iam nas velhas ruínas de Dura-Europus nas margens do Rio Eufrates e em Herculano, locais que não tinham propriamente climas secos. Acrescentava que dado tais documentos recebidos da Palestina pelos primitivos conversos cristãos serem preciosos, com certeza aqueles que entravam na sua posse os encerrariam em pastas ou bolsas rudimentares de couro, fechando-os, hermeticamente, em vasos de argila que seriam depois colocados em túmulos subterrâneos, tal como meu pai encontrara nas catacumbas corpos, bálsamos, perfumes, e vasos cheios de documentos, bem preservados. Todavia, aquilo que desencadeou o clamor de indignação arqueológico foram as teorias manifestadas por meu pai a respeito do que se sabia sobre Jesus por intermédio desse hipotético documento Q.

-Seu pai tinha teorias novas a respeito de Jesus?

- Sim, novíssimas e radicais. Se um dia descer às Catacumbas de São Sebastião sob a Via Ápia, fora de Roma, terá oportunidade de ver numa das paredes muitas imagens, provavelmente, gravadas no século dois. Entre essas imagens, desenhos gravados mostrando Jesus como o Bom Pastor, transportando no colo um cordeiro e seguido por um rebanho de ovelhas. Tais desenhos ou gravuras foram, desde sempre, considerados simbólicos. Entretanto, meu pai teorizava que talvez constituíssem um testemunho literal de Jesus ser um pastor e não um carpinteiro. Foi essa a primeira heresia de meu pai. Por outro lado, os eruditos religiosos acreditavam que Jesus limitara as Suas viagens a uma pequena área da Palestina, pouco mais larga do que a área ocupada por Milão ou por Chicago, no seu país. Acreditavam que se Ele sáísse da Palestina os primeiros bispos da Igreja tudo fariam para poderem provar nos seus escritos que Jesus, pelo Seu exemplo pessoal, era o Salvador do mundo inteiro. Todavia, os primeiros escritores religiosos mantinham silêncio até sobre as deslocções de Cristo.

- E qual era a opinião de seu pai?

- Meu pai, como segunda heresia, insistia que Jesus viajou para lugares mais distantes, em maior extensão, um fato que seria apenas conhecido por poucos escolhidos e mantido em segredo no intuito de proteger o Salvador. Indicações de que Jesus saíra da Palestina, deslocando-se muito provavelmente a Itália, foram encontradas em escritos de Paulo, Pedro, Inácio e outros. A terceira heresia dizia respeito aos anos terrenos da vida do Senhor. Meu pai não acreditava que Jesus morreu com trinta anos, mas sim muitos anos depois. Para tal, meu pai citava um certo número de fontes, tais como, os escritos de... não me lembro se de Papias ou de Tertuliano... fontes que diziam Jesus era um jovem para salvar os jovens, um homem de meia-idade para salvar os homens maduros e um velho para proceder à salvação dos velhos... ora um velho nos tempos de Jesus significava um homem de cinquenta anos ou pouco mais.

Randall acabou de beber o vinho que tinha no copo, inverteu a posição da fita no gravador e continuou o inquérito.

-O Professor Monti especificava onde é que, na Itália, seria encontrado um tal documento?

-Sim, no seu primeiro ensaio, e por várias vezes noutros ensaios posteriores. Sugeria a exploração sistemática de certas catacumbas perto de Roma, ou casas que, em Roma ou arredores serviram de local secreto de reunião aos primitivos cristãos. Apontou até o Monte Palatino. Idealmente, ter-se-iam esperanças de descobrirem qualquer biblioteca da casa de um abastado mercador judeu, como tantos que viveram nas vizinhanças de Ostia Antica. Esses judeus foram os cristãos primitivos. Tudo levava a crer que a descoberta de documentos, tão importantes, seria feita em qualquer local perto de um porto de mar, local onde de preferência se radicavam os conversos cristãos entre os mercadores abastados, uma vez que eram os únicos que tinham acesso imediato a quaisquer materiais importados.

-Foi por isso então que o Professor Monti resolveu proceder a escavações em Ostia Antica?

Angela Monti concentrou-se durante um momento, respondendo logo a seguir:

-Foi algo de mais preciso. Na verdade além de uma teoria, foi um fato que levou meu pai a começar o seu trabalho há sete anos. Meu pai teorizou que o autor de um tal evangelho básico, em Jerusalém, enviou uma cópia do documento por qualquer discípulo com destino a uma família judaica abastada que vivesse perto de um porto de mar da península itálica. Se essa família converteu-se ao cristianismo em segredo, poderia muito bem esconder o documento na biblioteca familiar. Um fato contribuiu para emprestar solidez à teoria de meu pai. A certa altura ele descobriu na catacumba de São Sebastião uma cripta onde conservavam-se os ossos de um jovem cristão convertido no século I, com indicações de que esse converso estivera em Jerusalém, ou que tivera pelo menos um amigo em Jerusalém, amigo esse que foi um centurião, possivelmente, servindo a legião no tempo de Pilatos. O nome da família do moço encontrava-se inscrito na cripta. Como um detetive, meu pai seguiu os rastros da família do jovem, e acabou descobrindo que o pai dele foi um próspero judeu exportador, que possuía uma vasta residência no litoral, perto de Ostia Antica. Meu pai realizou um estudo da topografia da área

- especialmente, da zona de uma colina que com o tempo e a erosão se acabara por nivelar com o terreno durante o trabalho dos séculos - e ficou satisfeito de verificar a existência de ruínas primitivas nas camadas abaixo da superfície; foi nessa ocasião que solicitou a licença para as escavações ao Dr. Tura.

Depois de ultrapassar os obstáculos políticos, o Professor Monti pedira emprestado o

dinheiro necessário para adquirir a terra onde se preparava para escavar. Segundo a lei arqueológica italiana, se uma pessoa for proprietária, ou comprar o terreno onde se vai proceder a escavações, arrecadará 50 por cento do valor daquilo que encontrarem. Se a terra for, simplesmente alugada, compete-lhe dar 25 por cento ao legítimo proprietário e arrecadar os outros 25 por cento. O governo tem sempre garantidos 50 por cento. O Professor Monti resolvera pois, comprar a terra.

Assistido por uma equipe paga de seu bolso - um agrimensor, um engenheiro responsável, um desenhista de plantas, um fotógrafo, um criptógrafo, um perito em numismática e cerâmica e um antropólogo - o Professor Monti deslocara todo o necessário equipamento arqueológico para o local de Ostia Antica, equipamento que consistia em aparelhos eletrônicos de detecção, instrumentos para levantamento topográfico, pranchetas e outro equipamento de desenho e projeção arquitetônica, provisões fotográficas e propriamente ao processo de escavação. Os trabalhos começaram, sendo a zona dividida em demarcações quadradas. A equipe escavava somente dez metros quadrados de cada vez, em profundidade através das camadas sedimentares, dividindo em valas, procedendo às obras de estacar e abertura de trincheiras e removendo pedras.

- As escavações - prosseguiu Angela - levaram doze semanas. Meu pai calculou que teria de proceder à remoção de cerca de trinta e cinco centímetros de detritos em cada vala e por cada século em processo inverso até ao tempo de Jesus, de modo a conseguir atingir as camadas que conteriam a casa da vila do mercador romano. A medida que cavavam em profundidade através do solo, subsolo de cascalho e material aluviano, meu pai ficava mais surpreso por verificar que encontrava cada vez mais camadas de tufo calcário poroso, formadas por depósitos de nascentes subterrâneas - aliás, um terreno imensamente parecido com o das catacumbas que tão bem conhecia. Os primeiros achados resultaram em grandes quantidades de moedas do tempo de Tibério, Cláudio e Nero. Depois, quando encontrou quatro moedas importadas da Palestina, três mandadas cunhar por Herodes Agripa I, falecido em 44 D.C., e uma cunhada sob o governo de Pôncio Pilatos, a sua excitação e esperanças não conheceram limites. E finalmente, aconteceu aquela manhã gloriosa das nossas vidas em que ele viu o bloco de pedra contendo o vaso com o Pergaminho Petrônio e os papiros do Evangelho Segundo Jacob.

- E a seguir o que sucedeu?

- A seguir? - Angela sacudiu a cabeça. - Tanta, tanta coisa. Meu pai enviou a sua descoberta aos laboratórios científicos da Escola Americana de Estudos Orientais em Jerusalém. Os fragmentos encardidos eram tão frágeis e quebradiços que tiveram que ser colocados em umidificadores, limpos depois com álcool aplicado levemente com escovas especiais feitas de pelo de camelo e colocados entre lâminas de vidro para ficarem lisos e poderem ser cuidadosamente examinados. O Pergaminho Petrônio encontrava-se em condições melindrosas, ainda que fosse um documento oficial e, por isso, da melhor qualidade. O evangelho de Jacob, com pedaços escuros e quase pretos, desfazia-se nas dobras, com buracos feitos pelos vermes em muitas páginas, mas provou-se ser escrito com uma pena de cana ou junco e com uma tinta feita de fuligem, goma e água. O papiro era da pior qualidade. Jacob escrevera o documento com muitos erros ortográficos no seu aramaico, sem o mais leve vestígio de pontuação. Avaliou-se que seu vocabulário tinha em torno de oitocentas palavras. Os peritos em textos de Jerusalém confirmaram a autenticidade do documento segundo a escrita e publicaram uma declaração velada do achado, na circular sigilosa que é, periodicamente, distribuída à círculos de eruditos na matéria. Os peritos de Jerusalém encaminharam meu pai para o laboratório do professor

Aubert em Paris a fim de saber se realmente o pergaminho dataria do período de 30 D.C. e o papiro de 62 D.C. Bom, não acrescento mais nada porque você, Steve, ouvirá a verdade da boca do próprio professor Aubert. No seu todo, o achado foi quase uma ocorrência sobrenatural.

-Angela, parece-me mais uma ocorrência com todo o sabor dos conhecimentos e astúcia que seu pai lhe emprestou.

-Bom, estou de acordo quanto à descoberta, mas não quanto à sobrevivência dos textos. Isso foi um autêntico milagre divino. - Fez uma pausa e fixou bem de frente Randall com aqueles seus rasgados olhos verdes. - Permitiram-lhe que lesse o texto, Randall?

- Sim, li os documentos recentemente em Amsterdã. Posso dizer-lhe que me senti profundamente tocado.

-De que maneira?

-Bem, afetou-me de uma maneira pessoal, levou-me praticamente a telefonar à minha mulher e concordar em conceder-lhe o divórcio que ela pediu.

- Eu sei... compreendo - disse Angela fazendo um gesto com a cabeça apoiando as suas palavras positivamente. - Embora as coisas comigo se passassem de modo diferente, de qualquer modo aconteceu, que também fiquei profundamente afetada. Deve calcular o meu ódio pelo Dr. Tura por ser a causa de todas as dificuldades de meu pai e por difamá-lo, jurei mesmo exercer contra ele uma chantagem, uma verdadeira vingança por amor de meu pai. Comecei procurando algo que exercesse pressão contra ele, algo que pudesse expor-lhe os podres, que o atingisse profundamente, que lhe arruinasse a vida e a carreira. Não foi muito difícil encontrar o que queria. O Dr. Tura, um respeitável homem casado à face da sociedade, clandestinamente, partilha um leito marginal com um jovem macho. Quando mencionei a meu pai aquilo que descobri e a minha intenção de usar aquela arma contra o Dr. Tura, dissuadiu-me pedindo que sentisse a caridade dentro de mim e que fosse capaz de voltar a outra face a quem me esbofeteasse, tal como ele fizera. Foi então, que me mostrou pela primeira vez as traduções italianas do Pergaminho Petrônio e dos Papiros do Evangelho Segundo Jacob. Nessa noite, Steve, chorei sinceramente e soube o que era compaixão, afastando por completo da mente todo o espírito de me servir daquilo que soubera contra o Dr. Tura. Voltei a outra face. Desde então, sinto que conseguiremos mais serenidade e paz através da compreensão; bondade e perdão, do que pelas lutas traiçoeiras e pelo mal que magoa até ao cerne.

- Ainda não consigo ter essa certeza. Quem me dera tê-la. Ainda estou tentando... bom... encontrar o meu caminho.

Angela sorriu radiante.

-Tenho certeza que o encontrará, Steve.

Randall estendeu a mão e desligou o gravador portátil.

- Completa a primeira sessão. Penso que a história de seu pai tem muito mais que contar, não é verdade?

-Sim, muito mais. Existem muitos mais pormenores que não podem ser relatados numa única tarde. E fotografias. Temos imensas fotografias das escavações. Deve vê-las. Não pode ficar em Milão esta noite, ou mais outro dia?

-Oxalá pudesse. Mas, o fato é que tenho um programa apertadíssimo a cumprir. Partirei esta noite para Paris. Amanhã à noite devo partir para Frankfurt e para Mainz. A seguir volto para Amsterdã na mesma noite ou na manhã seguinte.

- Fitou Angela com um olhar cheio de afeto. Não sentia qualquer desejo de a deixar. - Angela, aquilo que me proporcionou... é na verdade o que eu necessito... pormenores muito

úteis e que proporcionarão a seu pai o crédito internacional que ele merece. Mas, o fato é que tenho que vê-la outra vez. Tenho uma proposta a fazer. Acontece que o meu orçamento de promoção é uma espécie de saco sem fundo. Emprego quem eu deseje. Posso perfeitamente contratá-la como consultora, com um ordenado fixo e todas as despesas pagas. Quer juntar-se ao nosso projeto em Amsterdã?

Os generosos lábios arquearam-se num sorriso.

- Estava precisamente pensando se você alguma vez me faria esse convite.

- Pois bem, está feito. Quer ir junto comigo para Amsterdã?

- E eu já lhe respondi. Quando quer que eu vá?

- Quando eu já me encontrar lá. De hoje a três dias. Quanto ao seu ordenado...

- Não quero ordenado. Gosto de Amsterdã. Quero ajudar a promover o nome de meu pai.

Quero ajudar essa Bíblia o mais que puder. E...

Randall esperou, procurando conter-se, mas acabando por apressá-la:

- E que mais?

- E voglio essere con te, Stefano, e basta.

- Traduza.

- E... quero estar contigo, Steve. Eis tudo.

CAPÍTULO 5.1

Steve Randall chegara a Paris, procedente de Milão, no início da noite anterior, depois de uma viagem de avião na qual se mostrou extremamente preocupado com quadros mentais de Angela Monti e de si mesmo, pensando em como era possível sentir-se tão preso a uma moça que mal acabara de conhecer e com quem estivera tão pouco tempo.

Marcara quarto em L'Hôtel, uma animada pousada situada na Rue des Beaux-Arts, na margem esquerda do Sena. A hospedaria que o atraía, certa ocasião, quando perambulava pelo bairro, pela simples razão de ter uma placa ao lado da entrada comemorando o fato de ser o último local em que Oscar Wilde vivera e onde tinha morrido em 1910.

Devido os restaurantes do pátio e do subsolo serem barulhentos; com uma juventude espalhafatosa e moderna; e porque não estava com disposição para tais ambientes, Randall encaminhar-se para Le Drugstore, do outro lado do Café Flore no Boulevard Saint-Germain, em frente a Place de St.-Germain-des-Près. Encontrara uma mesa vazia no primeiro piso, todavia, também estava cheio de jovens espalhafatosos e barulhentos, porém, nessa altura não se importara com o caso. Comera o seu bife batido avec oeuf à cheval, degustara o vin rosé, sonhador, fantasiando sua reunião com Angela em Amsterdã. Só conseguira deixar de pensar absorvente e intensamente em Angela, ao regressar ao seu quarto do L'Hôtel e ao abrir a pasta de arquivo referente, ao Professor Henri Aubert, célebre diretor da Repartição de Estabelecimento de Datas pelo radiocarbono, pertencente ao Centro Nacional Francês de Investigações Científicas.

Nesse momento já era manhã. Meia hora antes apanhara um táxi para o levar ao novo edifício que alojava o Centre National des Recherches Scientifiques na Rue d'Ulm, que ficava no 5º arrondissement, a um quarteirão do Institut du Radium da Fondation Curie.

Saindo do táxi diante do edifício do CNRS, naquela manhã fria, mas, esfuziante de Paris, teve um breve pressentimento.

Angela Monti, uma leiga falando de arqueologia, foi uma coisa, mas o Professor Aubert, um cientista de renome a conceder-lhe uma entrevista para autenticar o pergaminho e papiros descobertos em Ostia Antica, deveria ser uma coisa muito diferente. Muito embora, Randall procurasse saber o máximo sobre o processo de estabelecimento de datas por

meio do carbono-14, a verdade é que estava longe de compreender as complexidades científicas. Esperava contudo que o Professor Aubert o tratasse com a máxima paciência e benevolência, pelo menos com a mesma boa vontade que corresponderia a uma criança, naturalmente, curiosa e profusa em perguntas, por vezes, as mais embaraçosas e difíceis de explicar.

Todavia, suas apreensões não tiveram a menor razão de ser. Nos últimos dez minutos o Professor Henri Aubert tratara-o, na verdade, com a paciência que teria para uma criança curiosa.

A princípio, Randall considerou o francês pomposo, impressionante. Henri Aubert era um homem alto, bem proporcionado, um homem desdenhoso, atraente nos seus quarenta e tantos anos, muito próximos dos cinquenta. O seu cabelo estava frisado como se fora uma cabeleira à Pompadour, tinha um rosto professoral, gaulês, uns olhos que pareciam duas pequenas fendas altivas e ao falar num inglês impecável os seus gestos eram incisivos. Mas, a sua imponente fachada de altivez aristocrática em breve se desmoronou ao perceber o profundo interesse de Randall no seu trabalho. Porque para o Professor Aubert o trabalho representava o que mais caro havia na vida, o supra-sumo da existência. Tudo o mais era banal, não interessava. Logo que percebeu que Randall representava promoção e apreciação da sua obra, Aubert tornou-se facilmente manobrável e transformou-se numa personalidade encantadora.

Depois de Aubert se desculpar perante Randall de sua mulher, Gabrielle, que tinha mania de decoração, transformando o utilitário gabinete de móveis metálicos numa espécie de sala de exposições de antiguidades estilo Luiz XVI, o cientista conduziu Randall por um longo corredor até o laboratório da Repartição de Estabelecimento de Datas pelo radiocarbono.

Randall, entretanto, ligou seu gravador, e o Professor Aubert iniciara a explicação, nos termos mais simples possíveis, do processo do carbono-14 para determinação de datas.

-Foi uma descoberta feita pelo Dr. Williard Libby, um professor americano, que lhe valeu o Prêmio Nobel de Química em 1960. Por meio da aplicação e utilização do seu extraordinário aparelho, podemos pela primeira vez determinar datas que vão até sessenta mil anos, datando ossos, muitos de madeira ou fragmentos de papiros com um mínimo, ou até sem nenhuma margem de erro. Sabe-se que, desde que existiu vida na terra, todos os elementos vivos do mundo, todos os organismos vivos, desde os seres humanos às plantas e árvores, foram bombardeados por raios cósmicos vindos do espaço exterior. Devido a esse bombardeamento, o nitrogênio sofre uma transformação para átomos radiativos de C 14. Todas as coisas vivas, desta ou daquela maneira, absorvem esse C 14 até ao momento de morrerem.

«Com a morte de uma pessoa, animal ou planta, os átomos de carbono dentro dos seus tecidos enfraquecem, diminuindo numa proporção previsível. Sabe-se que depois de qualquer objeto orgânico morrer perde metade do seu conteúdo de carbono 14 num período de 5 568 anos. Na posse de tal conhecimento, o Dr. Libby construiu a teoria na qual pudessem medir o montante de carbono 14 e os seus produtos em declínio contidos numa substância morta, então, voilá, a quantidade de carbono radiativo enfraquecida ou desaparecida, poderia perfeitamente ser calculada. Por esse processo avaliando a proporção da perda, podia, pois, saber-se a altura em que o objeto absorvera carbono pela última vez, isto é, na altura em que ainda vivia. Dessa forma, Monsieur Randall, conhecer-se-ia quanto tempo decorrera desde a morte do objeto e, por conseguinte, poder-se-ia determinar a idade de um objeto e a data em que a sua vida fora um fato positivo.

Randall teve um vislumbre de compreensão do processo.

- E o Dr. Libby inventou, então, os meios de se fazer as medições, hem?

- Oui. Criei o chamado relógio carbono-14, o contador Geiger revelador de quanto carbono perdeu um objeto desde que a sua vida chegara a um termo. O processo forneceu à ciência o sistema de datação de que tanto carecia. Agora sabemos, finalmente com segurança, o ano em que um pouco de carvão vegetal ardeu numa fogueira acesa por um homem das cavernas pré-histórico, ou quando um fóssil era ainda vivo, ou a idade de uma casa através de uma viga de madeira englobada na sua construção. Segundo me disseram, o Dr. Libby submeteu então a testes milhares de coisas. O seu processo provou, em certa ocasião, que um par de sandálias indianas, encontradas numa caverna do Oregon, tinham nove mil anos de existência. Uma grande prancha de madeira de uma barca funerária encontrada no túmulo de um faraó, provou que esse monarca egípcio morrera por volta do ano 2 000 A.C. Uma peça de linho, que envolvia um dos Documentos do Mar Morto, encontrado numa caverna em Qumran, provou que o rolo de pergaminho foi escrito entre 168 A.C. e 233 D.C., provavelmente, por volta de 100 A.C. Por outro lado, os ossos do homem de Piltdown, descobertos numa fossa de areia de um pântano do Sussex, que se acreditava pertencerem a uma criatura pré-histórica, até que os testes de flúor levados a efeito pelo Dr. Kenneth Oakley mostraram, e os testes do método carbono-14 do Dr. Libby confirmaram, não passam na verdade de um homem moderno na sua origem e que o homem de Piltdown não passava de uma falsificação, ou uma brincadeira de mau gosto. Estavam dentro do laboratório, em cima de compridas mesas bicos de gás aquecendo provetas de ensaio cheias de fervilhantes líquidos e onde, predominavam os repetidos tique-taque dos contadores Geiger.

O Professor Aubert voltou-se para Randall.

- Agora que já sabe os meios pelos quais autenticamos o Pergaminho Petrônio e o Evangelho Segundo Jacob, as peças encontradas em Ostia Antica, permita-me que lhe mostre, embora com brevidade, como é que essa autenticação foi feita.

Levou Randall para junto de duas máquinas que, embora separadas, ligavam-se por fios de contato. Uma era duas vezes mais larga do que a outra. Como pano de fundo viam-se várias estantes metálicas carregadas de livros. Para Randall, as duas máquinas pareciam cabines metálicas para guarda de objetos, cabines guarnecidas de equipamentos incompreensíveis e misteriosos. A menor das máquinas tinha um painel de instrumentos e uma prateleira saliente que sustentava dois cronógrafos. Daí partiam uns tubos que se inseriam na máquina maior, aberta no centro e onde se encontrava um tipo de contador Geiger mas mais complexo.

- Eis o aparelho datador de radiocarbono utilizado para teste aos achados do Professor Monti - disse o químico francês. - Quando o Professor Augusto Monti chegou aqui, há cinco ou seis anos, para que eu realizasse a experiência definitiva, fora informado que devia trazer-me algumas amostras do pergaminho e papiros descobertos nas escavações. O Dr. Libby requeria cerca de trinta gramas, ou seja, cerca de uma onça, da fibra de linho dos pergaminhos do Mar Morto para fixar a data. O nosso processo de fixação de datas pelo carbono modernizou-se e melhorou muito desde essa altura. Originalmente, o Dr. Libby utilizou carbono sólido, que espalhou dentro de um cilindro como este, da maneira como se espalha uma demão de tinta quando se pinta um objeto qualquer. Esse método requeria bastante material antigo para análise. Desde esses tempos, como já disse, o processo foi melhorado e agora o montante de material requerido para a prova é muito menor, evitando-se o estrago de peças de grande valor.

-Professor Aubert, qual foi a quantidade de fragmentos de pergaminho e de papiro que precisou do achado do Dr. Monti?

O cientista francês esboçou um sorriso.

-Felizmente, muito pouca, atendendo à circunstância de queimarmos as amostras. De resto duvido que o Professor Monti nos entregasse mais quantidade. Quanto a uma peça de carvão vegetal, trabalho com três gramas. Para uma peça de madeira, necessito de dez. Para testar o achado do Professor Monti, pedi quinze gramas, ou seja, meia onça, de pergaminho e doze gramas de um fragmento de papiro e mais doze gramas de outro.

- E queimou as amostras? - perguntou Randall, aproximando o gravador do cientista.

- Imediatamente não - respondeu Aubert. - Para começar, cada amostra é purificada, liberta química e fisicamente de qualquer carbono exterior que a possa contaminar desde que as suas células morreram.

- Quer dizer contaminadas por radiações de hidrogênio ou experiências com bombas atômicas?

- Não, tais coisas não têm qualquer efeito em matéria já morta. Peguei cada um dos espécimes que me entregou o Professor Monti; limpei-os, cuidadosamente, para eliminar elementos estranhos como raízes, ou vestígios de quaisquer outros depósitos, que poluíssem os exemplares e influenciarem erradamente o teste. Uma vez feita a purificação de cada amostra do pergaminho e papiros, submeti-as a uma corrente de oxigênio até reduzi-las em cinzas. O ácido carbônico emanante da combustão foi purificado, seco e introduzido neste contador Geiger de mensuração. O contador tem um volume de litro...

- Menos de duas pints ou quartilhos, não é?

- Exato, meu amigo - respondeu o Professor Aubert. Acima de tudo, como pode observar pela maneira como este aparelho está construído, devemos evitar qualquer radiação exterior que possa interferir e dar-nos uma contagem falsa e uma data falsa. Voilá. Colocamos as peças de pergaminho e papiro convertidas em cinzas dentro dos tubos cilíndricos e iniciamos a nossa verificação.

No âmbito da explicação sobre o assunto, o Professor Aubert lançou-se numa intrincada explicação sobre o processo do teste. Falou da corrente amplificadora cercada por um cilindro de mercúrio, dos impulsos do contador Geiger colocado em anti coincidência com os impulsos proporcionais contrários, e dos raios cósmicos e raios gama.

Randall perdeu-se completamente, mas as palavras de Aubert seriam gravadas na fita e Randall prometeu a si mesmo que logo que Lori Cook as tivesse transcrito em caracteres datilográficos, encontraria alguém em Amsterdã capaz de lhe dar uma explicação dos processos. Apesar de perdido, conservou a calma suficiente para dizer:

- Sim, percebo. E professor, quanto tempo levou o teste completo?

-Duas semanas. Isto é, duas semanas há cerca de seis anos. Hoje temos um contador, notavelmente, mais evoluído realizando toda a experiência de um dia para o outro. Mas, a experiência Monti levou duas semanas.

- E no fim desse tempo o que é que apurou?

- Podíamos datar os gramas de pergaminho e os gramas de papiro no âmbito de vinte anos da data em que existiram, foram escritos e utilizados.

- E que mais eram essas datas?

- Felizmente, informei o Professor Monti que a medição do aparelho datador de radiocarbono não punha em dúvida a data do Pergaminho Petrônio em 30 D.C. e o Evangelho Segundo Jacob em 62 D.C. Em resumo, assegurei ao Professor Monti que, o mais

desenvolvido aparelho científico do século XX, confirmou o fato que o pergaminho precedia ao período no qual Pôncio Pilatos pronunciara a sua sentença contra Jesus Cristo e que o papiro precedia do período em que o irmão de Jesus vivia para escrever a verdadeira história do Messias. Sem dúvida que os achados de Ostia Antica eram fidedignos, autênticos.

- Nenhuma reserva a isso? - perguntou Randall.

- Nem a mais leve reserva.

Randall parou e fechou o gravador portátil.

- Professor, a sua valiosa contribuição ajudar-nos-á a promover o Novo Testamento Internacional em todo o mundo.

- Sinto-me encantado e agradecido em cooperar. - O Professor Aubert olhou para o relógio de pulso. - Tenho um recado a dar, depois um encontro para almoçar com a rainha mulher. Monsieur Randall, estará o senhor livre para nos fazer companhia no almoço?

- Não desejo incomodar...

- Não incomoda nada. Aliás, falaremos mais um pouco. Creia que ficarei muito contente com a sua companhia.

- Muito obrigado. Para lhe ser franco, não tenho na verdade nenhum compromisso até à noite, quando tomarei o trem para Frankfurt.

- Ah, bon. Vai então visitar Herr Hennig? Acha-lo-á menos obscuro do que eu fui. - Aubert principiara a guiar Randall para fora do laboratório. - Se não se importa, pararemos um momento na Catedral de Notre Dame, onde eu entregarei umas lascas de uma pintura de Cristo que submeti à experiências. Em seguida iremos para o Café Cluny, onde minha mulher se juntará a nós. Será muito agradável conversar consigo mais descontraído.

Depois, no modelo ante diluviano de Citroën pertencente ao Professor Aubert, Randall sofrera uma lancinante viagem, sempre com os pés bem escorados contra a parede por baixo do painel dos instrumentos, durante todo o caminho até à esplanada fronteira à Catedral de Nossa Senhora de Paris. Um guarda, que reconheceu o professor, arranjou imediatamente uma faixa livre para estacionar o carro.

No portal principal da catedral, voltada a oeste, Aubert deixou Randall, dizendo-lhe:

- Não me demorei mais de um ou dois minutos. Trata-se só de entregar este relatório a um dos sacerdotes curadores. Randall ainda pensou em entrar, mas pensou que Aubert em breve regressaria e, por isso, ficou na esplanada, ao sol, observando as entradas e saídas de turistas de todos os países. Poucos minutos decorridos estava de novo a seu lado.

- Já viu as esculturas de pedra gravadas por cima dos portais? - perguntou o professor, que continuou sem esperar resposta: - Desde o meu envolvimento com o Novo Testamento Internacional, tenho um interesse especial nestas esculturas. Como, evidentemente, saberá, na vida de Jesus, no tempo d'Ele, não O retrataram em nenhuma, pintura ou escultura, pelo menos nada disso existe. A inexistência de um quadro ou escultura deve-se ao fato de que não podiam fazer. Os judeus - e os primeiros cristãos eram judeus - acreditavam ser um sacrilégio fazer quadros ou gravar imagens. Todos os retratos eram proibidos pela lei judaica. Existe um quadro no Vaticano, que a lenda diz, Lucas o desenhou e os anjos o terminaram. Uma coisa sem sentido, evidentemente, julgo que o mais primitivo quadro representando Jesus foi um encontrado numa catacumba, e realizado, provavelmente, por volta de 210 D.C. Pois bem, se olhar para ali...

Randall seguiu a direção do dedo indicador do Professor Aubert. Observou uma escultura na parede de Notre Dame mostrando a Virgem no ato de rezar e sendo coroada por um anjo, tendo ao lado Cristo, com uma coroa na cabeça, um cetro na mão direita,

abençoando a Virgem.

-Chama-se a Coroação da Virgem - prosseguiu Aubert- Pertence ao século treze. É o exemplo típico do modo como a arte vêm, durante séculos, figurando Jesus. Nenhum artista sabia como Ele era, de modo que todos resolveram começar a retratá-Lo, ridículo, formoso e glorificado. Será um abalo para as pessoas, quando lerem o evangelho de Jacob, e souberem como na verdade era Cristo. O que é que farão depois disso a toda esta arte errada? Talvez, procedam da mesma maneira que o povo durante a Revolução Francesa. Os revolucionários pensaram que as estátuas dos reis do Velho Testamento de Notre Dame eram de reis franceses e resolveram deitá-las abaixo e parti-las. Talvez, isso aconteça de novo no fim do corrente ano. Nessa altura, estas representações irreais do Senhor, serão substituídas por estátuas do Jesus verdadeiro, do Cristo tal como era, nariz semita, feições desfiguradas e tudo o mais. Será muito melhor. Acredito na verdade.

Randall e o Professor Aubert entraram outra vez no anacrônico Citroën e seguiram pela Ponte de l'Archevêché, integrando-se na corrente do tráfego do Quai de Ia Tournelle. Na altura em que este passava dando lugar ao Quai de Montebello, Randall observou e invejou os desocupados franceses que passeavam folheando livros e affiches nos quiosques e carrinhos a margem do Sena. A sua esquerda teve um rápido vislumbre de uma loja chamada Shakespeare e Companhia, lembrando-se do velho local freqüentado por James Joyce.

Em breve, desembocaram no amplo Boulevard St. Michel e dez minutos depois encontraram um lugar para estacionar. O Professor Aubert levou Randall para um elegante café situado na esquina do Boulevard St. Michel com Boulevard St. Germain, local que parecia ser um ponto de convergência para todo o trânsito carro e pedestre da Margem Esquerda. Por baixo da larga extensão coberta pelo enorme toldo verde, destinado a proteger das intempéries as três fileiras de cadeiras de vime cor de limão e as mesas redondas, com tampo de mármore, Randall descobriu uma tabuleta que dizia: CAFÉ CLUNY.

- Um dos cafés favoritos de minha mulher - disse o Professor Aubert- O coração da Margem Esquerda. Juventude por toda a parte. Vê do outro lado da rua aquelas grades de ferro? É um parque com algumas ruínas romanas lá dentro, construídas aqui em Paris apenas trezentos anos... menos, segundo Jacob... depois de Cristo. Bem, ao que parece, Gabrielle, ainda não chegou. - Deu uma olhada no relógio de pulso. - Chegamos muito cedo. Monsieur Randall, onde é que prefere sentar, lá dentro ou aqui fora?

- Aqui fora, sem dúvida.

- Concordo.

A maior parte das mesas estavam vazias, e Aubert começou a caminhar pelo meio delas, acabando por escolher uma na fila detrás, rodeada por três cadeiras de vime. Fez um gesto para Randall se sentar ao lado dele. Logo que se instalou, o Professor Aubert chamou um garçon impecável no seu casaco branco, dizendo para Randall:

-Esperaremos por Gabrielle para encomendarmos o almoço, mas para já, se gosta de uma alimentação ligeira, recomendo-lhe a omelette soufflée avec saucisse. Enquanto esperamos, podemos tomar um aperitivo.

O garçon aproximou-se da mesa, ficando respeitosamente à espera da encomenda.

- Garçon, un pastis Duval.

-Peça dois - pediu Randall.

-La même chose pour monsieur - disse Aubert ao garçon.

O professor ofereceu a Randall um cigarro, mas ele recusou, mostrando-lhe o cachimbo.

Aubert colocou o seu cigarro numa boquilha, e quando os dois já fumavam, o cientista estendeu as pernas, pôs-se a observar distraído o trânsito de pedestres pelo passeio e pareceu, completamente, descontraído pela primeira vez.

Depois de um breve intervalo de silêncio, o professor, enquanto coçava o nariz aquilino, por cujas narinas exalava dois jatos de fumo, voltou a cabeça para Randall.

-Estou pensando em como foram singulares as circunstâncias que levaram à minha escolha para autenticar os dois documentos e por me tornar responsável por tê-los apresentado ao mundo como um fato consumado.

-Mas porquê? - perguntou Randall.

-Por que nunca fui uma criatura verdadeiramente religiosa. Muito pelo contrário - confessou o Professor Aubert. - E até mesmo hoje, qualquer que seja a religião que tenha, de certeza que não é particularmente ortodoxa. Todavia, admito que tudo aquilo que aconteceu... refiro-me ao meu papel de pouca importância na preparação da nova Bíblia... tem tido um profundo efeito em mim.

Randall hesitou, mas a sua curiosidade foi maior.

-Professor, importa-se de me explicar de que modo?

- Foi uma coisa que alterou a minha maneira de ver as coisas. De certeza que afetou as minhas relações com pessoas mais chegadas. Se está na verdade interessado ... ?

- Estou.

-Fui nascido e criado em Ruão, educado como católico não praticante, na verdade uma educação religiosa muito frouxa. Os meus pais eram professores, e prestaram à Igreja um mínimo de obediência. A bem da verdade, eram livres-pensadores, realistas; sim, mais ou menos isso. Nunca me esqueci que ao lado do nosso exemplar da Bíblia havia um volume de Vie de Jesus -A Vida de Jesus de Ernest Renan - um livre que a fait sensation, mais qui est charmant. Desculpe-me... estava dizendo que foi um livro sensacional declarando de maneira encantadora que os quatro evangelhos não passavam de meras lendas, que os milagres de Cristo não suportaram o escrutínio da ciência, que não passavam de mitos e que a história da Ressurreição não passou de um sonho de Maria Madalena. Eis o quadro geral da minha mocidade. A Bíblia e Renan. Mas, a certa altura, não pude continuar a manter tal atitude mental ambivalente e esquizofrênica.

-E quando sucedeu isso? - perguntou Randall.

Os aperitivos foram servidos e ele provou o seu pastis e aguardou.

- A mudança operou-se quando me encontrava na Politécnica, a universidade, onde estudava rádio-eletricidade, antes de me concentrar, exclusivamente, na química. Quando me tornei um cientista pronto a voar por minha própria conta, afastei-me por completo da minha fé. Decidi que a religião era une merde. Tornei-me autêntico filho da mãe. Bem sabe o que sucede quando uma pessoa encontra algo de novo, uma nova atitude na vida. Tem-se sempre tendência para ir além de todas as barreiras. Uma vez instalado na minha falta de fé, passei apenas a respeitar e a crer, no âmbito do meu labor científico, em tudo aquilo que proviesse somente de um laboratório, para ser mais preciso, a crer em tudo aquilo que uma pessoa possa ver, sentir, ouvir ou aceitar com lógica. Depois de abandonar a vida escolar essa condição persistiu. Trabalhava e vivia para o agora, para o presente, para o momento específico em que vivia na terra. Não estava interessado no futuro, nem noutra vida além. A minha única religião era o Fato... e Deus não era Fato, o Filho de Deus não era Fato, nem o inferno ou o céu eram Fato, realidade acontecimento consistente e palpável.

Aubert parou, provou a bebida que tinha na sua frente e emitiu uma pequena risada, como

que pra você mesmo.

- E falando do céu, estava agora lembrando-me que a certa altura até investi contra o céu com a minha lógica científica. Certa vez, há muitos anos, escrevi para um jornal da universidade um ensaio pseudo-científico de análise às possibilidades de ida para o céu. Recordo-me que apresentei a única estatística existente sobre o tamanho do céu, números escritos por João no seu Apocalipse desta maneira: «E mediu a cidade com a cana, até doze mil estádios; e o seu comprimento, largura e altura eram iguais.» Por outras palavras, o céu apresentava-se como um perfeito quadrado de mil e quinhentas milhas de comprimento, de largura e de altura. Utilizando as vossas medidas americanas, calculei a área do céu como quinhentos quintilhões de pés cúbicos. Ora, se cada ser humano requer pelo menos dez pés cúbicos para se manter uma posição vertical, nesse caso o céu apenas teria lugar para cinquenta quintilhões de pessoas. Todavia, desde a altura em que João traçara as suas medidas do céu ou paraíso celestial, viveram, morreram e ansiaram ir para o céu cerca de trezentos e seis sextilhões de seres humanos - de longe, mais, muito mais gente do que o céu comportaria. Na verdade, conclui que o céu já, há muitos séculos, abarrotou-se. Compreende?

Randall soltou uma gargalhada.

- Autêntico, devastador. Muito inteligente.

- Demasiado inteligente, porque no fim fui eu que fiquei de cara à banda, devastada e esmagada. Ao passo que o meu confronto científico era na verdade admirável, o meu conhecimento da Bíblia, pelo contrário, deixava muito a desejar. Logo no número seguinte do nosso periódico, surgiu uma carta cáustica de um professor de Teologia do Instituto Católico de Paris, censurando-me por não saber ler o Novo Testamento com muito cuidado, dado que aquilo que João descrevia não era o céu nas alturas, mas sim o céu na terra - «E eu vi um novo céu e uma nova terra» - e essa visão do paraíso, a Nova Jerusalém, a verdadeira Israel, com as suas doze portas e os seus rios, acomodaria somente «as doze tribos dos filhos de Israel». Em resumo, adequado para os seus fins e, além disso, uma cidade que era improvável sofrer de uma explosão demográfica. Bem, foi uma lição para que evitasse aplicar exemplos científicos à Bíblia. Apesar disso, continuei a manter-me convencido da inexistência de um lugar como o paraíso celestial.

-Suspeito que não haverá muitas pessoas que pensem seriamente que o paraíso exista - disse Randall. - No final das contas, nem toda gente no mundo professa o fundamentalismo. Haverá um grande número de seres humanos, incluindo até alguns dos mais religiosos, que possivelmente não tomarão a Bíblia literalmente.

- No entanto, muita gente continua acreditando no céu, numa vida num outro mundo, num paraíso a gozar depois da morte, num Deus de caráter pessoal, nas velhas superstições. E acreditam nessas coisas, não através de uma fé razoável, mas constrangidas pelo medo. Têm medo de não crer. Não ousam fazer perguntas, tentar desvendar os problemas. Monsieur Randall, eu sempre gostei de esclarecer os problemas, de fazer perguntas, de duvidar, até ter certeza para não o fazer. Recusava-me acreditar e a render-me aquilo que a minha mente científica e racional não pudesse aceitar. Esse ceticismo causou-me grandes complicações depois do meu casamento e através da minha vida de casado.

-Professor Aubert, há quanto tempo é casado?

- Fez nove anos no mês passado. A minha mulher, Gabrielle, pertence a uma família católica, extremamente ortodoxa, rígida e temente a Deus. Tal como seus pais, que ainda são vivos, ela é uma crente absoluta. Os pais de Gabrielle sempre exerceram grande domínio sobre ela, especialmente o pai, que é um dos mais ricos industriais franceses e

uma das primeiras personalidades entre a hierarquia secular europeia da Igreja Católica. De resto, o pai de Gabrielle é um dos dirigentes da Sociedad Sacerdotal de Ia Santa Cruz y **OPUS DEI**. Conhecida entre o público simplesmente como Opus Dei. A sociedade é também conhecida, mas não muito entre o público em geral, como Octopus Dei ou a Santa Máfia. - Olhou atentamente para Randall. - Ainda não ouviu falar da Opus Dei?

- Eu... penso que não.

- Então vamos lá simplificar a coisa. Um advogado espanhol, que tomou as ordens sacerdotais, José Maria Escrivá, criou em Madrid, no ano de 1928, a Opus Dei. A imprensa descreve-a como uma ordem católica laica, semi-secreta e de elite que se devotou juramentado propósito de recristianizar o mundo Ocidental. Exige que os seus membros leigos - só dois por cento são padres - levem uma vida cristã e vivam procurando impor os ideais contidos nos evangelhos. A Opus Dei espalhou-se da Espanha para todo o mundo, radicando-se na França, nos Estados Unidos e em setenta outros países; criando forças, até que o Vaticano a reconhecesse e cooperasse com ela. A Opus Dei terá talvez... quem poderá saber ao certo?... talvez uns cem mil membros... ou talvez, o dobro desse número. Esses membros influenciam os negócios e as economias; os governos e a política; bem como, a educação da juventude em toda a parte. Tais jesuítas seculares, como eu lhes chamo, professam votos de pobreza, obediência e castidade - Entretanto, esses votos foram interpretados pela maioria dos membros, como o meu sogro que é um dos líderes, com o significado que os ricos devem acreditar na virtude da pobreza, todavia, continuando ricos; devem dar toda a sua obediência a Deus; mas, a maior parte deles porta-se imoral quando necessário; devem aderir ao espírito da castidade mesmo casando-se, mesmo tendo amantes e fazendo filhos... porque como dizem: «A castidade não significa celibato.» E pronto, julgo que já tem um retrato do meu sogro e da atmosfera em que a minha mulher foi educada. Compreende?

-Muito bem - respondeu Randall, ao mesmo tempo pensando porque o seu anfitrião contar-lhe-ia aquelas coisas.

-Minha esposa, pertencendo ao Opus Dei, estabeleceu um lar com um marido racionalista à maneira de Renan - prosseguiu o professor Aubert. - Má mistura química, muito má. Com exceção desse conflito, Gabrielle e eu estávamos talhados um para o outro. Em anos recentes o problema que cada vez mais se nos impôs foi o dos filhos. A Igreja Católica Apostólica Romana diz multiplicai-vos. Opus Dei diz multiplicai-vos. O meu sogro diz multiplicai-vos. O Gênesis diz: «Sede prolíferos, multiplicai-vos e enchei toda a terra.» E desse modo Gabrielle, a minha mulher, sem tais problemas, uma pessoa sensata, pensou que devia ter filhos, não um nem dois, mas, muitos. Em compensação, eu continuei sendo o cientista, com o conhecimento do perigo nuclear, do problema da explosão demográfica, acrescentando, a tudo isso, havia em mim uma certa atitude do contra... Não permitiria que qualquer organização estranha, de natureza exterior, com o credo manifesto oposto ao controle da natalidade me ditasse ordens. Recusei-me, portanto, a lançar para este mundo mais crianças, nem uma só mais. A situação tornou-se gravíssima há cerca de um ano. Minha mulher, sob pressão dos pais, insistiu para que tivéssemos um filho. Recusei. O meu sogro instruiu a filha para fazer uma apelação à Santa Sé no intuito de anular o casamento. Gabrielle não queria anular o nosso casamento, mas queria um filho. Eu também não queria a anulação, mas não queria filhos. Com toda a franqueza, as crianças não me oferecem muita simpatia. Mon Dieu, que beco sem saída. Mas, no fundo um beco sem saída, cuja única abertura levava à anulação... Foi então que algo aconteceu, que resolveu o conflito a contento e salvou o meu casamento.

Randall imaginou o que foi, mas não quis antecipar-se a uma revelação espontânea. Manteve o seu papel impassível de ouvinte.

Depois de uma ligeira pausa, o Professor Aubert continuou:

-Há dez meses, o editor francês do Novo Testamento Internacional, Monsieur Fontaine, a quem conheço excelentemente, entrou no meu gabinete, dizendo: «Gostaria de ver o resultado da autenticação que fez do pergaminho e dos papiros?» Deixou-me, enquanto se dirigia a uma entrevista na vizinhança, um exemplar da tradução francesa do Pergaminho Petrônio e do Evangelho Segundo Jacob. Claro está, Monsieur Randall, que deve compreender que quando autenticara o pergaminho e os papiros no meu aparelho datador de radiocarbono nada me foi dito sobre o conteúdo, nem teria mesmo a possibilidade de me inteirar do que estava escrito porque não sei aramaico. De maneira que me inteirei do conteúdo pela primeira vez, há dez meses. -Suspirou profundamente. -Alguma vez poderei exprimir com palavras o modo como o relatório do centurião Petrônio e o Evangelho de Jacob me afetaram?

-Julgo que compreendo -respondeu Randall.

-Não, ninguém pode compreender perfeitamente tal coisa. Eu, o cientista objetivo, o céptico a todas as coisas desconhecidas, o investigador da verdade, atingira na realidade esse fim... encontrara a verdade. Uma verdade que um acaso inexplicável, devido a alguma providência, me fora destinado comprovar, autenticar, que me coubera apor-lhe o selo da autenticidade em face do mundo. Sim, era uma verdade que eu afirmava em meu laboratório friamente científico. Nessa altura, não podia negar o que era um fato. Nosso Senhor fora uma realidade, era uma realidade. A minha reação... como explicar?... foi como que uma transfiguração, uma transformação radical. Para mim, claramente, o Filho de Deus era um fato. Pela primeira vez na vida, tal como Horácio no Hamlet, comecei a pressentir que na realidade existiam mais coisas no céu e na terra que nossas filosofias e as nossas ciências conhecem. Durante séculos o povo acreditou em Cristo sem provas, somente com a fé cega, à primeira vista tão pouco racional, comprovada e apoiada pelo fato. Talvez então, os mais abstratos tivessem uma fé interior sobre a vontade de Deus e a sua motivação nos bastidores da criação e da vida, existindo, paralelamente, toda a possibilidade de uma vida no além. Porque não?

O seu olhar voltou-se em ar de desafio para Randall, que esboçou um encolher de ombros condescendente e ecoou:

-Na verdade, porque não?

- Conseqüentemente, meu caro senhor, pela primeiríssima vez, compreendia a maneira como antecessores e colegas meus no campo das ciências conciliaram a fé e a religião com a ciência. Blaise Pascal, no século dezessete, afirmara sua fé no Cristianismo declarando: «O coração tem razões que a razão desconhece.»

- Pensava que Pascal fosse um filósofo - interrompeu Randal.

- Mas, primeiro um cientista - garantiu o Professor Aubert.

- Sem dúvida em primeiro lugar um cientista. Antes dos dezesseis anos, Pascal escreveu um tratado sobre as seções cônicas. Criou a teoria matemática da probabilidade. Inventou o primeiro computador, e enviou um desses aparelhos à Rainha Cristina da Suécia. Estabeleceu o valor do barômetro. Todavia, acreditava em milagres, porque lhe acontecera um milagre em certa ocasião. E acreditava num Ser Supremo. Pascal escreveu: «Os homens menosprezam a religião e aceitam que ela seja verdade. Para curar tal estado torna-se necessário começar por mostrar que a religião não é contrária à razão; seguidamente que ela merece veneração e respeito; depois transformá-la num princípio

amigável e anelar que seja verdade; finalmente demonstrar que ela é verdade.» Tal como Pascal pôs o caso - ou Deus existe ou não existe. Dentro de tal princípio porque não se arriscar tudo no jogo? Coloque-se uma ficha no pano verde. Aposte que Deus existe. «Se uma pessoa ganhar, ganha tudo; se perder, não perde nada. Por conseguinte, aposte-se, sem hesitação, que ELE existe.» Eis a doutrina de Pascal. Mas, evidentemente que houve outros.

- Outros?

- Outros cientistas que puderam, perfeitamente, viver dentro da razão e do sobrenatural. O nosso estremecido Pasteur confessou que quanto mais contemplava os mistérios da natureza, mais a sua fé se tornava a fé de um camponês bretão. E Albert Einstein... não via qualquer conflito possível entre a ciência e a religião. Dizia que a ciência devotava-se «ao que é» e a religião «ao que será». Einstein também admitia que «A coisa mais maravilhosa que podemos experimentar é o misterioso. Sabermos que aquilo que nos é impenetrável existe realmente, manifestando-se como a mais alta sabedoria e a mais radiante beleza que nossas emboscadas faculdades só compreendem nas suas formas primitivas - esse conhecimento, esse sentimento, é o centro da verdadeira religiosidade. Nesse sentido, pertença às fileiras dos homens devotados à religião.»

O Professor Aubert observou a impressão que causava em Randall, e esboçou um sorriso algo envergonhado. Depois continuou:

- Nesse sentido, também eu me transformei num homem piamente religioso. Podia pela primeira vez divertir-me com a declaração de Freud de que a superstição da ciência zomba da superstição da fé. Modifiquei-me da noite para o dia, se não no meu laboratório, pelo menos em casa. Também se transformou a minha atitude, relativamente, aos sentimentos e desejos de minha mulher e ao significado de família. Até mesmo a idéia de trazer um filho ao mundo... era algo que devia pelo menos reconsiderar... Nesse momento uma voz feminina interrompeu-os.

- Heni chéri, te voilà! Excuses-moi, chéri, d'être en retard. J'étais retenue. Tu dois être affamé.

Aubert levantou-se com ar radiante, e Randall também se levantou do seu lugar em atitude respeitosa. Uma mulher ainda jovem, aliás com um aspecto juvenil, possivelmente, na casa dos trinta anos, com um penteado engraçado, refinadas feições patricias e belas, cuidadosamente maquiada e ricamente vestida, chegou junto da mesa para ser abraçada pelo Professor Aubert, oferecendo-lhe cada uma das faces para ele beijar.

- Gabrielle, minha querida - disse Aubert - apresento-te o nosso convidado americano, Monsieur Steve Randall, que faz parte do projeto de Amsterdã.

- Enchantée - murmurou Gabrielle Aubert.

Quando Randall lhe apertou a mão, o seu olhar mediu-a rapidamente e viu que ela estava completa e gloriosamente grávida. Gabrielle Aubert seguiu o olhar de Randall, e foi divertida que confirmou a muda observação dele.

- Sim - disse ela numa voz musical - o Henri e eu teremos o nosso primeiro filho dentro de um mês.

CAPÍTULO 5.2

Steve Randall deixara Paris pela Gare de l'Est às 23h00 - onze horas P. M. segundo o seu raciocínio - pelo trem com destino a Frankfurt am Main. No seu compartimento privativo, já estava preparada a cama, e ele despira-se e pegara imediatamente no sono. Às 7h15, os

sons de uma campainha e uma pancada na porta da cabine acordaram-no. O empregado dos Wagons-Lit entregara-lhe uma bandeja com chá fervendo, biscoito, manteiga e uma conta de dois francos. Randall aceitara a bandeja e entregara ao funcionário o seu passaporte e os bilhetes.

Depois de se vestir levantara a persiana que ocultava a janela. Durante os quinze minutos seguintes observou novos panoramas, com uma cor peculiar – florestas espetaculares, verdes, as longas linhas de cimento das auto-estradas, altos edifícios de aspecto sólido. Repentinamente, surgiram intersecções de trilhos de trem, os quais pareciam um gigantesco entroncamento, vendo-se num dos lados da via, pintados de vermelho, as letras Schalfwagen e surgindo a seguir uma torre de controle de agulhas com um letreiro que dizia: FRANKFURT 'MAIN HIBF.

Trocou um cheque de viagem por marcos alemães ocidentais num dos balcões da estação, Randall tomou um imundo táxi até o Hotel Frankfurter Hof, na Bethmannstrasse. Lá, depois de registrado, perguntando à fräulein atrás do balcão de recepção se tinha correspondência ou qualquer recado, comprou o matutino International HeraId-Tribune e seguiu à «suite» de dois quartos que lhe fora reservada. Impacientemente, começa a inspecionar o seu alojamento: quarto de dormir, com uma janela em forma de balcão, onde se viam vistosos vasos de flores no parapeito de pedra e uma sala de estar, com uma janela de tipo francês, dando para a Kaiserplatz. Em frente, viam-se lojas com tabuletas onde se lia: BÜCCHER KEGEL e BAYERISCHE VEREINBANK e CIGARREN.

Pronto, estava na Alemanha, na terra de Hennig, e era estonteante a transição de Amsterdã para Milão, de Milão para Paris, e de Paris para Frankfurt em menos de cinquenta horas.

Eram 8h15 e tinha ainda quarenta e cinco minutos antes de chegar, conforme o combinado, o carro que Herr Hennig lhe enviaria para o conduzir a Mairiz. Encomendou um café reforçado, mandou passar o terno, leu o jornal que comprara, passou uma revisão ao cadastro publicitário de Karl Hennig, telefonou para Lori Cook em Amsterdã para lhe dar ordem para arranjar um passe de segurança e um lugar no gabinete destinados a Angela Monti, inteirou-se que o Dr. Florian Knight já chegara de Londres com o Dr. Jeffries. Chegara, finalmente, o momento de partir.

O passeio desde a movimentada Babilônia de Frankfurt até à calma cidadezinha de Mainz levava cinquenta minutos. O motorista alemão, um homem já de idade que fumava charuto, guiara com perícia o Porsche pela autobahn de quatro pistas, onde, logo de entrada, viu um sinal dizendo ANFANG 80 KM. Pelo caminho vira várias pessoas pedindo carona nas estradas, carregados com pesadas mochilas, fazendo os tradicionais sinais com o polegar voltado para cima. Vira inúmeros caminhões tapados com lonas e uma ou outra polícia de estrada, montados nas suas poderosas motocicletas e com capacetes prateados. Assistira ao desfilar de mais florestas de um verde quase impossível, bombas de gasolina pintadas de azul, tabuletas amarelas com setas pretas apontando em direção às localidades como Wallu, vários campos de aviação, granjas, fábricas acinzentadas de chaminés a vomitarem fumo e, eventualmente, um poste com os dizeres: RIEDESHEIM/MAINZ/BITTE.

Enveredaram por uma rampa que se desviara da estrada principal e, depois de atravessarem uma engraçada ponte de tijolos, que passava sobre uma via férrea e uma segunda ponte de ferro correndo toda a extensão do rio Reno, chegaram, finalmente, a Mainz.

Cinco minutos depois o Porsche detivera-se diante de um moderno edifício de seis

andares.

Nessa altura o motorista anunciada:

-Das ist die Hennig Drukerei, hier, mein Herr.

Até que enfim, pensara Randall. Veria, finalmente, o Novo Testamento Internacional na sua elaboração de ensaio, antes de oferecerem ao público, num total de produção destinada a suprir todo o mercado mundial. Desejou que naquele momento tivesse a seu lado o Professor Monti ou Angela - mais Angela, na verdade - para que vissem, como um sonho, que principiara nas ruínas de Ostia Antica, transformou-se numa realidade completa na moderníssima Mainz, uma cidade da Alemanha.

Randall agradecera ao motorista de Hennig e já abriu a porta do assento traseiro para sair do carro, quando os seus olhos detectaram a figura de um homem que saía da porta giratória mais distante, uma figura que lhe era algo familiar. O homem, elegante, bem vestido, sem aspecto germânico, parara à entrada, aspirara o ar e principiara tirando um cigarro de uma cigarreira de ouro. Randall ficou com a mão no fecho da porta, meio dentro e meio fora do carro, verificando bem o rosto que não era desconhecido: uma cor terrosa, olhos miudinhos, esquadrinhadores, barba à Van Dyke. Então, na altura em que o homem levou o cigarro aos lábios, mostrando os dentes salientes, Randall lembrou-se, imediatamente, de quem ele era, e voltou a recolher-se no assento traseiro do carro, ocultando-se.

O homem era Cedric Plummer, o correspondente do London Daily Courier.

Admirado e inquieto, Randall ficou à espera. Plummer exalava uma baforada de fumo e sem olhar para a esquerda nem para a direita, atravessara a rua, depois de esperar que a luz verde lhe abrisse o trânsito, perdendo-se imediatamente de vista.

Cedric Plummer em Mainz, saindo da fortaleza que protegia o Livro dos Livros, abandonando o quartel-general do impressor e depositário da Palavra. Que raio significava aquilo?

Randall não perdeu mais tempo, apressou-se a entrar no edifício da imprensa Hennig, identificou-se a duas jovens recepcionistas, vestindo compridos casacos azuis, e uma delas orientou-o para um elevador e depois ao longo de um largo corredor em mármore, até o luxuoso gabinete de duas peças do proprietário da empresa.

Num arejado escritório, que parecia ser direto e intacto importado da Escandinávia, Randall encontrou-se recebendo um esmagador aperto de mão de Karl Hennig, o impressor da Ressurreição Dois.

-Primeiro em alemão! Willkommen! Schön dass Sie da sind!-disse Hennig gutural. -Agora em inglês! Seja bem-vindo! Encantado por vê-lo conosco aqui... na cidade de Johannes Gutenberg, o homem que modificou a face da terra, tal como Karl Hennig modificará outra vez. -A voz de Hennig era profunda e rouca, uma daquelas vozes de baixo que fazem vibrar o tímpano dos interlocutores.

Karl Hennig tinha um aspecto de um entroncado lutador. A cabeça era desproporcional, grande, com um cabelo forte e lanoso cortado à prussiana, um rosto apoplético que parecia formado de novo depois de ser esmagado por um tremendo punho, um rosto quase côncavo, olhos muito afundados nas órbitas, nariz achatado, dentes amarelados, lábios grossos e secos, sem apresentar a mínima aparência de ter um pescoço. Não havia dúvida, parecia um daqueles lutadores japoneses que costumam ter largura e altura proporcionais, mas um lutador metido dentro de um vistoso terno azul. Hennig recebia, manifestamente, Randall não só como um colega no âmbito do secreto projeto Ressurreição Dois, mas, principalmente, como um americano. Sentia afeto pelos

americanos espertos, pertencentes à comunidade dos negociantes, sentindo-se também orgulhoso de falar americano, não o inglês, e sem qualquer pronúncia alemã, lamentando-se, no entanto, sentir a língua um pouco enferrujada por ultimamente não ter oportunidade para utilizar o idioma.

-Stezen Sie sich, bitte, stezen Sie Yich... Sente-se, por favor - disse apontando para um confortável sofá de couro, situado entre a grande escrivaninha e uma parede, completamente, tapada por um gigantesco mapa em relevo da cidade de Mairiz, que ostentava na parte inferior da sua moldura de prata uma placa com as seguintes palavras: Anno Domini 1633 bei Meriar.

-Wir werden etwas trinken-disse Hennig, dirigindo-se para o armário de carvalho e abrindo-o para revelar um bar com um frigorífico em miniatura lá dentro.

Colocou cubos de gelo em dois copos sobre os quais colocou scotch. Estendeu um copo a Randall e colocou o outro em cima da escrivaninha, sentando-se a seguir numa imponente cadeira que, sem dúvida, definia, excelentemente, a sua qualidade de boss. Depois de lembrar Randall para ligar o gravador, desatou falando com toda a firmeza.

-Meu pai fundou esta empresa devido à estupidéz dos tipógrafos alemães, uma coisa que, o aborrecia profundamente. Um tipógrafo dedicava-se a fabricar os artigos que normalmente se vendem nas papelarias, tais como, papel de carta e outros, sendo um tipógrafo diferente o encarregado de suprir o mercado com envelopes, que muitas vezes não condiziam com o papel. Pois bem, meu pai desatou a fabricar papel de carta e envelopes iguais e fez uma fortuna. Pouco antes de morrer envolvera-se no negócio da impressão de livros. Morreu e fiquei então à frente da firma. Resolvi aventurar-me para o papel de carta e envelopes e entreguei-me de alma e coração ao negócio de imprimir livros. Atualmente, tenho quinhentas pessoas trabalhando para mim. Bem, parece-me que posso dizer que Karl Hennig, tem alguma coisa de seu e que afinal, não se orientou muito mal.

Randall fez um esforço para mostrar que ficara impressionado.

Hennig prosseguiu:

-Afortunadamente - e penso que foi isso que levou o Dr. Deichhardt a insistir para que tomasse a meu cargo a obra - há muito, já que estava, profundamente, envolvido no negócio de impressão de bíblias. A maior parte da impressão de bíblias é feita ao redor de Stuttgart. Velharias. Métodos arcaicos. Resolvi manter-me afastado dessa influência, resolvi continuar em Mainz sob os olhares protetores e benevolentes do grande Johannes Gutenberg. Além disso, Mainz é um local ideal, a meio caminho entre Hamburg e Munique, o que torna mais barato os fretes e dá maior rapidez ao embarque dos artigos destinados a todos os pontos. Como disse, resolvi ficar aqui e cerquei-me de um pessoal de verdadeiros impressores, vários deles que mantêm um respeito tradicional pelo trabalho que executam, que têm a tipografia e a composição na massa do sangue. Dessa forma, fizemos algumas das mais excelentes bíblias artesanais, em edições limitadas, que se encontram na Europa. Todavia, forçado a abandonar o negócio das bíblias - dispendioso e sem lucros - embora, felizmente, mantivesse comigo alguns dos mais antigos operários, os veteranos capazes de fazerem poesia na impressão e arranjo de uma Bíblia. Assim, quando me surgiu o Novo Testamento Internacional, ainda tinha um núcleo de gente com garra artística e de absoluta confiança.

-Quanto tempo levará imprimindo esta Bíblia?

-Ora, deixe-me ver - Hennig colocou a mão na boca em atitude pensativa. - Bom, preciso explicar as coisas como são. A Bíblia é um livro danado de grande. Se fizermos toda a

Bíblia - o Velho e o Novo Testamentos num só volume - terão que se imprimir cerca de 775 000 palavras. Mais ou menos, o suficiente para encher seis ou sete livros normais do mesmo tamanho e largura usando o tipo regular. Bem, quando os livreiros não exercem pressões sobre nós para maior rapidez, para se ter pronta uma Bíblia completa é preciso um ano para desenhar o tipo facial e o formato, talvez, dois anos para a composição e provas e um ano, possivelmente menos, para a impressão final e acabamento do livro. Em suma, quatro anos para aprontar uma Bíblia completa. Mas, trabalhamos aqui apenas com o Novo Testamento, um volume muito mais reduzido, que por conseguinte, consome menos tempo, com exceção de que realizamos um trabalho cuidadoso e artístico. Faremos a parte mais longa, a nova tradução do Velho Testamento Internacional, mais tarde e sob menos pressão - além disso, presentemente, aprontamos somente uma edição limitada.

-Uma edição limitada?

-Sim, claro. Faço aquilo que chamamos a Advance Pulpit Edition, em quatro línguas. Uma edição limitada a exemplares para pastores e eclesiásticos de todo o mundo; para distribuir pela imprensa; dirigentes governamentais e políticos; pessoas que, normalmente, formam a chamada opinião pública, ou seja, uma pequena percentagem do público. Uma vez concluída essa edição, cada um dos editores imprimirá, em seu país, as edições mais baratas, destinadas a servirem o público em geral, e depois disso, dedicar-me-ei à edição popular alemã. Até agora, posso dizer que gastei um ano na planificação. A impressão e acabamentos levarão mais seis meses.

-E qual foi o maior problema que se deparou?

-O do papel. Para o impressor da Bíblia o ponto principal é sempre o papel. Claro, falo na edição popular. A Bíblia é um livro tão compacto, mesmo o Novo Testamento que é a parte mais curta, torna-se impossível usar papel normal. Resulta daí, que procuramos papel mais leve, menos espesso, menos encorpado. Entretanto, suficientemente forte para que as palavras impressas num lado não prejudiquem as impressas no outro. Além disso, tem que ser um papel com toda a solidez e durabilidade, atento ao fato de que há pessoas que têm as suas bíblias uma vida inteira. Ao mesmo tempo, a obra não deverá custar muito, ser muito cara. Mas, quanto a esta primeira edição especial, utilizamos o papel indiano com o melhor granulação.

-E quando é que estarão prontos os exemplares da edição limitada?

-Espero que dentro de duas semanas.

- E quanto a segurança? - perguntou Randall casualmente. No Hotel Krasnapolsky, em Amsterdã, as medidas de segurança são excelentes. Mas aqui... como é que consegue ocultar a operação das pessoas abelhudas que querem meter o nariz em tudo?

As rudes feições de lutador de Hennig encarquilharam-se, franzindo o cenho.

- Nada fácil, nada fácil, uma espiga - resmungou. A segurança foi uma espiga. Tem-me, custado uma fortuna. Vou-lhe contar como as coisas se passam. Temos vários prelos na vizinhança, oficinas tipográficas todas a curta distância daqui. Servi-me de uma oficina, o nosso maior complexo tipográfico, segreguei metade do seu espaço do resto do edifício e das outras oficinas, atulhei o local de guardas e meti-lhe lá dentro os nossos melhores operários, os mais antigos e de maior segurança. Arranjei também dois blocos de apartamentos nas proximidades para esses operários e suas famílias, enchendo esses locais, claro, com mais guardas e com informantes. Houve alguns momentos de nervosismo, mas depois as coisas entraram em normalidade. Conseguimos manter oculta dos indesejáveis as nossas operações. Nem um só murmúrio ultrapassou a nossa barreira de vigilância. De fato, Steve... não se importa que o trate por Steve, pois não?... foi um

segredo com tanto êxito, graças à minha vigilância, que ninguém de fora foi capaz de saber aquilo que fazemos aqui no centro nervoso da impressão.

-Ninguém mesmo? - perguntou Randall brandamente, mas com um certo tom de incredulidade.

Hennig mostrou-se momentaneamente surpreso. O seu mau humor pela impertinência da pergunta manifestou-se-lhe no ar carrancudo que tomou.

-Que raio quer dizer com isso?

- Quero referir-me a Cedric Plummer - disse Randall. Quando entrava vi esse jornalista sair deste edifício.

Hennig mostrou-se completamente desconcertado.

-Plummer? Você conhece-o?

-No dia da minha chegada em Amsterdã tentou subornar-me. Queria que eu roubasse um exemplar da Bíblia e lhe desse. Pretende tornar a obra pública antes de nós. Isto é, quer servir-se da obra à sua maneira, prejudicando possivelmente a nossa proclamação ao público.

Hennig, recompusera-se da surpresa, disse com afetado desprendimento:

-Bom, trata-se de um caso à parte. Plummer é a única pessoa de fora que nos tem aborrecido. Mas, acredite-me, esse filho da mãe não conseguirá obter um exemplar de Kari Hennig. Posso jurá-lo pela alma de meu falecido pai.

-Contudo, esteve neste edifício - persistiu Randall.

-Ninguém lhe pediu para vir aqui. Ninguém do projeto se encontrará com ele - disse Hennig áspero. Claro, bem sei que Plummer anda atrás de uma cópia da nossa Bíblia, tal como acontece a dezenas de outros fora da Alemanha. Ele telefonou-me três vezes de Londres e de Amsterdã. Li a danada entrevista dele com de Vroomen no Frankfurter Allgemeine. Recusei-me a atender-lhe as chamadas. Ontem, fez um quarto telefonema. Dessa vez atendi pessoalmente e disse-lhe para não me chatear mais. O tipo queria uma entrevista. Avisei-o, caso não se mantivesse afastado de Mainz num raio de dez quilômetros o mandava abater a tiro. Apesar disso, Plummer apareceu-me aqui hoje sem anunciar. Fiquei furioso quando a minha secretária me disse que ele estava na recepção. Tive desejos de sair do meu gabinete e espancá-lo. Mas não se preocupe, não perdi a cabeça. Dei ordem à minha secretária para se descartar dele, recusando-me, redondamente, vê-lo. De modo que, o filho da mãe acabou desistindo e foi-se embora. Steve, acredite-me...

Deu uma rotação à imponente cadeira giratória e agarrou numa moldura que se encontrava em cima de um aparelho de televisão. Com a moldura na mão levantou-se da cadeira e abandonou a escrivaninha.

-Nenhum homem neste projeto sacrificou mais do que eu para fazer desta Bíblia um êxito. Vê esta fotografia?

Randall observou o retrato de uma mulher ainda jovem com um aspecto sensual, como aquele que costumam ter as artistas de cinema. A mulher representada na fotografia estaria nos últimos estádios dos vinte anos. No canto inferior direito da fotografia via-se a seguinte inscrição: «Meinem geliebten Karl!» Estava assinada: «Von deiner Helga».

- Reconhece este rosto? - perguntou Hennig.

Randall pensou que sim, que conhecia. Depois de ter parado o gravador, respondeu à interrogação com outra pergunta:

- Não é aquela artista alemã que estreou no filme... ?

- Exatamente essa - respondeu Hennig- Deve tê-la visto em muitos filmes. É Helga Hoffmann. - Hennig voltou colocando a moldura no seu primitivo lugar e ficou a admirar a

fotografia que enquadrava. - Sou um homem solteiro. Dentre todas as mulheres que conheci esta é a única com quem desde sempre me quis casar. Temo-nos encontrado intermitentemente há dois anos. Penso que ela está demasiado mergulhada na sua carreira e é demasiado ambiciosa para dar consideração a uma proposta de casamento. No entanto, fez-me saber que, sob certas circunstâncias, seria capaz de viver comigo. Hennig lançou um olhar para a fotografia.

-Infelizmente as artistas são mulheres que olham muito para o alto. O sonho dela é poder ter uma «villa» na Riviera e ser proprietária de um iate; poder ter as duas coisas em St. Tropez. Mas claro que não tem dinheiro para tais excessos. Se eu lhe comprasse o que ela pretende, ficaria muito impressionada. De fato eu não teria muitas dificuldades em oferecer-lhe o que está no âmbito das suas ambições.

O rosto quase côncavo do impressor abriu-se num sorriso um pouco amargo.

- Estas coisas não lhe devem soar aquilo que normalmente se chama amor. Mas para mim é a mesma coisa. Não sou um sentimental. Sou um homem prático. Nunca desejei nada na vida como esta mulher. Ou por outra, nunca tinha desejado nada na vida com tanta intensidade até me surgir a danada Bíblia. Bom, afinal de contas, não me portei nada como uma pessoa prática, portei-me como qualquer sentimental cheio de vaidade. Prefiri ter o meu nome misturado ao Novo Testamento Internacional. Não sei porquê. Talvez, para provar algo ao meu pai, que de qualquer modo há muito se encontra no outro mundo. Ou talvez, para conceder a mim mesmo um pouquinho da partilha de imortalidade. Seja como for, para tomar conta da impressão da Bíblia foram-me impostos sacrifícios financeiros que tornaram impossível, pelo menos por hora, poder dar a Helga aquilo que ela deseja.

- E ela não esperará? - perguntou Randall.

-Não sei. Talvez qualquer outro homem, em Berlim ou Hamburg, venha a oferecer-lhe as futilidades que ela deseja. Veremos. Aquilo que pretendo explicar, Steve, é que uma vez tomada a decisão de ser o impressor da mais importante Bíblia de toda a história, de nenhuma maneira estou disposto a abdicar desta oportunidade. Evidentemente que, meramente para obter certa publicidade, ou para chamar sobre mim algumas atenções, não daria a conhecer antecipadamente a nenhum Cedric Plummer, sob qualquer hipótese que me oferecesse, o conteúdo da nossa Bíblia. Acredita em mim, Steve?

- Acredito.

- Espero que tenha desligado o seu gravador nesta última parte pessoal da conversa.

Randall fez um sinal afirmativo.

- Parece que nos entendemos às mil maravilhas. Agora vamos dar um giro. Quero mostrar-lhe a nossa principal oficina, uma das nossas três na área. Trata-se daquela onde estamos presentemente imprimindo a Bíblia. Fica um pouco mais adiante do Museu Gutenberg, um quarteirão depois da Liebfrauenplatz am Dom. Ainda temos algum tempo antes do almoço.

Deixaram silenciosos o gabinete de Hennig. Uma vez na rua, Randall observou automaticamente as redondezas para ver se Cedric Plummer ainda andava por ali. Ninguém, pelo menos que se parecesse com o jornalista inglês, estava à vista nas imediações. Os dois começaram a caminhar. Hennig, a despeito das suas curtas pernas, impôs um ritmo de passada tão violento que, dois quarteirões mais adiante, Randall estava já transpirando.

Em frente de um moderníssimo edifício de três andares, Hennig atrasou o passo, deu uma olhada ao relógio de pulso e disse:

-Ainda temos tempo para uma curta visita. Venha.

-Que significa este edifício?- quis saber Randall.

-Ah, desculpe, costumo passar muito do meu tempo aqui. Isto é o nosso Museu Gutenberg. Agora pode ligar seu gravador. Vou fornecer-lhe informações para as suas histórias de publicidade.

Em frente das pesadas portas encontrava-se um busto de bronze em cima de um pedestal. O busto revelava um sombrio Johannes Gutenberg adornado com um farto bigode e uma barba bem talhada.

Hennig apontou displicente para o busto.

-Não tem qualquer significado - É apenas para turista ver. Ninguém faz a mais leve idéia de como seriam as feições dele. Não chegou até nós qualquer retrato contemporâneo de Gutenberg. O mais chegado é uma gravura impressa feita em Paris dezesseis anos depois da sua morte. Essa gravura não tem a mínima semelhança com este busto. Revela um homem de aspecto façanhudo com um bigode abundante, caindo solto, e uma barba longa e rala como aquelas que costumam exibir as gravuras dos antigos mandarins chineses. Sabemos que foi sempre um homem frustrado, mas tenazmente rude. Certa vez, só porque esta cidade lhe devia algum dinheiro, Gutenberg dominou fisicamente um funcionário do município e meteu-o na cela de uma prisão. Temos provas documentais disso. Mas, no resto, sabemos muito pouco a respeito dele.

Dirigiram-se para o portão, empurraram as portas de vidro interiores e entraram no saguão do museu. Hennig cumprimentou o bilheteiro que se encontrava encostado ao balcão e aceitou a respeitosa saudação que lhe foi dada por um guarda vestido com uniforme azul e tinha uma braçadeira vermelha.

-Pertencio à administração do museu - explicou Hennig, além disso, sou um dos melhores contribuintes. Coleciono bíblias raras. Sabe disso? Sou dono de um dos exemplares existentes da Bíblia de 42 linhas. Julgo que poderia vender essa Bíblia e obter por ela mais de um milhão de dólares. Significaria poder dar a Helga o que ela pretende e possuí-la. Mas não a venderia por nada deste mundo. Veja isto aqui...

Arrastou Randall até um grande mapa-mundi situado numa das paredes. Por baixo do mapa via-se um painel de instrumentos, com sete botões onde se lia:

1450, 1470, 1500, 1600, 1700, 1800, Hoje.

- Se tocar no botão de qualquer dos anos assinalados - disse Hennig -, obterá dados sobre as impressões feitas nesse ano em todo o mundo. -Premiu o botão marcado 1450. No mapa do mundo acendeu-se uma só luz num ponto fixado. - Apenas Mairiz, vê. - Tocou no botão marcado 1470. Acenderam várias luzes. - A imprensa começava espalhando-se - disse com satisfação. Agora vamos premir o botão que diz Hoje - quer dizer hoje - vê?... O entrecruzar de múltiplas luzes no mapa formou como que uma árvore de Natal pródiga em ramificações. - Uma das coisas que impediu, por tanto tempo, a impressão de livros em massa foi o fato de pouquíssimas pessoas no mundo saberem ler. Mas, com o surgimento da Renascença, a necessidade impeliu à invenção da imprensa. Uma vez tornada possível a impressão de livros, a produção nunca mais parou. Primeiro, bíblias; a seguir dicionários e histórias. A preços muito mais baratos do que os manuscritos elaboradamente traçados à mão por habilidosos copistas, calígrafos e iluminadores. Acabar com os copistas e o poder ganhar algum dinheiro, deve ser um dos motivos prováveis de Gutenberg para criar o tipo metálico móvel. Mas o fato é que uma vez lançado no trabalho de impressão, o velho Gutenberg viu-se sempre com falta de dinheiro, crivado de dívidas.

Hennig olhou em volta.

- Neste andar térreo existem alguns objetos interessantes expostos. No subsolo

encontrava-se uma réplica da velha oficina tipográfica de Gutenberg e da sua primitiva prensa manual. Mas, não sabemos se era mesmo. Não chegou até nós nenhuma descrição da oficina tipográfica original nem da sua prensa de tipo móvel. Sugiro que deixemos isso agora. Não podemos perder tempo. Subamos as escadas. Há uma coisa no primeiro andar que deve ver, embora seja de fugida. Não desligue o gravador.

Subiram os amplos degraus da larga escadaria. Quando chegaram ao primeiro patamar, Hennig falou em alemão para um guarda e este respondeu qualquer coisa.

- Excelente - disse Hennig. - Uma hospedeira cicerone está lá dentro acompanhada por alguns turistas. Quero que observe e ouça.

Randall seguiu o impressor até uma espaçosa sala abobadada um tanto quanto escura. Numa das paredes, encontravam-se quatro vitrines profusamente iluminadas interiormente. Dentro delas Randall pôde ver uma exposição de bíblias copiadas, penosa e elaboradamente, à mão por obscuros monges antes de 1450.

Hennig, baixando a voz, disse-lhe:

-Dois copistas hábeis levaram vinte e quatro meses para conseguirem aprontar quatro destas bíblias. Um dos primeiros impressores logo depois de Gutenberg levou somente dois meses a produzir vinte e quatro mil exemplares de um livro de Erasmo.

Hennig encaminhou-se para as profundidades da sala. Randall observou à frente deles uma jovem gordinha, em frente de uma vitrine expositora, dando explicações a oito ou dez turistas. Aproximando-se mais do grupo, Randall viu um letreiro por cima da vitrine onde se lia: Die Gutenberg-Bibel Mainz 1452-1455. Uma espécie de holofote dirigia o seu brilhante feixe de luz, dentro da vitrine, para a Bíblia de Gutenberg, aberta ao meio.

A jovem cicerone acabou de dar as suas explicações em alemão e imediatamente, com um direto olhar para Randall repetiu monotonamente a sua longa-longa em inglês:

- Os monges levaram, entre trinta a quarenta anos, preparando uma Bíblia especial, com iluminuras, como aquelas que tiveram oportunidade de ver nas vitrines à minha direita. Em três anos, Johannes Gutenberg produziu em sua prensa manual duzentas e dez bíblias, cento e oitenta delas em papel fabricado manualmente. Em todo o mundo existem quarenta e sete exemplares completos, ou porções existentes dessa Bíblia, exemplares encontrados em Nova York, Londres, Viena, Paris, Washington, em Oxford, Harvard e Yale. A Bíblia de Gutenberg, que observam aqui é o segundo exemplar em velino, ou seja, pergaminho fino, e vale um milhão de marcos, equivalentes à duzentos e cinquenta mil dólares. Uma Bíblia completa, toda em papel velino, valeria quatro milhões de marcos, ou um milhão de dólares. Nesta Bíblia de Gutenberg cada página apresenta 42 linhas. Gutenberg começou por uma Bíblia de trinta e seis linhas que não terminou imediatamente. No entanto, esta Bíblia foi terminada e, em 1460, Gutenberg apresentou o primeiro dicionário impresso em Latim, o Catholicon por Balbus.

A moça começou logo a repetir as suas informações em francês, e Randall aproveitara para examinar o grande aposento abobadado, com o teto pintado de azul e as paredes com painéis em madeira de carvalho, quando sentiu que Hennig lhe puxava, impacientemente, pela manga do casaco.

Randall seguiu o impressor para fora da sala e para a brilhante claridade do primeiro piso do museu.

-Foi muito interessante - disse Randall.

-Uma coisa totalmente sem pé nem cabeça - resmungou Hennig. - Não existe a mais leve prova de que Gutenberg, ou qualquer outro indivíduo, inventou a imprensa tal como a conhecemos. Com base em provas circunstanciais, deduzimos que Gutenberg, talvez,

inventou a imprensa partindo do tipo móvel. Até creio que ele o fez. Todavia, não posso provar que assim seja. Do tempo de Gutenberg, existem trinta documentos, ou muitos papéis, mencionando uma pessoa, que na verdade existiu fisicamente. Somente três desses documentos indicam que ele envolveu-se na arte de imprimir. E o que é que nos dizem esses papéis? - Hennig parou, dirigindo sua pergunta retórica ao gravador. Depois, dirigindo o olhar para Randall, inquiriu: - O engenho está a gravar?

- Evidentemente.

-Ótimo, porque esta informação pode auxiliar bastante a sua promoção. Os documentos citados, dizem-nos que Gutenberg pertencia a uma família patricia e que o nome de seu pai era Gensfleisch - nesse tempo havia o costume dos filhos adotarem o apelido da família materna. Gutenberg trabalhou como ourives. Processado por quebrar uma promessa de casamento com uma certa dama chamada Anna. Deslocou-se de Mainz para Estrasburgo durante dez anos. Durante esse tempo encomendou aquilo que, provavelmente, foi o material de impressão que manufaturaram para ele. Regressou a Mainz, pediu dois mil florins emprestados a diversas pessoas para equipamento destinado à impressão de «livros»...Porém, resta saber se a Bíblia de

42 linhas foi um deles. Quem sabe?

- Mas, a pequena lá em cima disse que era.

- Esqueça o que a pequena disse. Escuta Karl Hennig. Não obstante as explicações patrióticas da jovem, não há um único fragmento provando que Gutenberg tivesse qualquer intervenção na impressão da Bíblia de 42 linhas. Provavelmente, essa Bíblia foi feita por Johann Fust, um homem que apoiava Gutenberg financeiramente, e por outro impressor chamado Peter Schoeffer. Quanto a Gutenberg, sabemos que morreu em 1467 ou 1468, e isso porque, um homem que lhe emprestou algum equipamento tipográfico, requereu ao arcebispo «certos moldes, letras, instrumentos, ferramentas e outras coisas referentes ao trabalho tipográfico, deixadas depois da morte de Johannes Gutenberg e que eram, e continuam sendo minhas.» E aqui tem, Steve, tudo o que se relaciona, concretamente, com o caso. Pouca coisa mais do que sabíamos a respeito de Cristo antes do Novo Testamento Internacional.

-Mas, presumindo que Gutenberg foi o inventor, o que é que ele, com exatidão, inventou? - perguntou Randall.

-Simplificando, inventou o molde para a fundição de tipos. O molde dele era de cobre, o meu é de aço, muito mais durável. Esculpiu praticamente as letras do alfabeto e talhou as perfurações, dando relevo às letras, acima da superfície do molde, para assentarem em relevo. Preveniu que as letras fossem colocadas invertidas, para assentarem de maneira certa. Inventou a barra ou forma de caracteres. Inventou, finalmente, os meios através dos quais se desloca o tipo para receber a tinta de impressão, ajustando-se depois na prensa para a gravação na almofada, preparando para a impressão seguinte. Obrou a maneira de movimento contínuo de impressão. Inventou o tipo móvel. Devido a Gutenberg estou hoje reunido aqui consigo e que o nosso Petrônio e Jacob inundarão o mundo alfabetizado, contribuindo talvez para uma modificação substancial da humanidade.

Quando deixaram o museu, seguindo pela rua cheia de sol, Hennig recomendou a Randall para não desligar o gravador.

-Antes de visitar minha tipografia, quero que saiba o que acontece lá. Para a edição especial, criei um tipo facial a que chamo novo Gutenberg de catorze pontos. Eu explico. Ao preparar a sua Bíblia original de 36 linhas, Gutenberg reproduziu as letras imitando as bíblias impressas à mão pelos monges. Utilizou um tipo de letra gótica as quais, nós os

alemães, chamamos Textur, um tipo caligráfico cheio de floreios, como uma autêntica teia impressa. Tal tipo seria hoje pouco familiar, embora muito agradável esteticamente e artisticamente. O gótico é muito denso, entrelaçado, com muitos cantos pontiagudos. Transmite uma aspereza germânica equiparada ao arranhar da nossa língua. De modo que criei um tipo que sugere apenas a letra gótica, mas que é mais familiar, mais arredondada, mais clara e limpa, mais contemporânea. Cá estamos nós no complexo tipográfico. Vamos dar uma rápida olhada.

Depois de passar pelo dispositivo de segurança - Randall lembrara-se de se munir com o seu cartão de identificação de Amsterdã - entraram na gigantesca e barulhenta oficina de impressão, subindo uma escada metálica em espiral até uma plataforma de aço que corria por todo o comprimento da parede. A oficina tinha quatro máquinas de impressão e uma dúzia de operários vestindo macacão azul. Acima do barulho intenso e monótono das máquinas, Karl Hennig falou.

- O que você observa são duas impressoras mais lentas e outras duas mais rápidas. As páginas que saem pertencem à edição especial. Logo que saem daqui são dobradas, reunidas e costuradas. As capas encadernadas estão prontas. As folhas são então inseridas nas capas, por meio de colagem especial e os volumes transportados para os armazéns distribuidores. Os livros serão depois enviados para Nova York, Londres, Paris, Munique e Milão, prontos para distribuição no mesmo dia em que vocês anunciarem a descoberta e a nova Bíblia.

Hennig debruçou-se no corrimão da plataforma e acenou jovial para alguns operários veteranos. Estes olharam para cima e retribuíram os acenos com ar bem-humorado. Hennig mostrou a sua satisfação.

- Os meus veteranos, os mais seguros e de maior confiança - disse com orgulho. - As máquinas lá embaixo imprimem as versões em língua inglesa e francesa. Duas para o inglês e duas para o francês. Na oficina ao lado, as máquinas completam as edições alemã e italiana.

À mente de Randall acudiu um problema logístico que decidiu procurar resolver.

-Karl, depois de toda a publicidade que teremos em três ou quatro semanas, milhões e milhões de pessoas começarão a pedir exemplares do Novo Testamento Internacional. Se você e os outros impressores produzem uma edição diferente para o público em geral, como é que podem oferecer a Bíblia em abundância se os pedidos forem, excepcionalmente, elevados?

-Ach, claro, ainda não informei sobre o processo - respondeu Hennig.- Para a edição popular comercial voltaremos a compor o tipo de novo nas quatro línguas. Mas, não podemos fazer a composição antes da vossa declaração oficial. Não podíamos garantir a segurança. De modo que a composição da edição popular iniciará-se no dia em que vocês fizerem a declaração em Amsterdã para todo o mundo. Ora, se compuséssemos o tipo da mesma maneira que utilizamos para a edição limitada, isto é, usando máquinas de linotipo e operadores humanos, haveria um mês ou dois na melhor das hipóteses. Mas não, a edição popular será feita por meio de composição eletrônica, pelo método de tubo de raios catódicos, que é um fenômeno de velocidade. Pelo método de CRT, siglas por que é conhecido internacionalmente, podemos compor o tipo para uma Bíblia completa, Velho e Novo Testamento, em sete horas e meia. Uma vez que o Novo Testamento ocupa uma quarta parte do total da Bíblia completa, o método CRT pode compor a totalidade do livro em cerca de noventa minutos... minutos, repare bem, não em um ou dois meses. De um dia para o outro poderemos fornecer alguns milhões de exemplares da edição modelo

popular aos livreiros de todo o mundo, pelo menos um mês antes do Natal. Vamos, deixe-me mostrar-lhe o resto do meu método operacional neste complexo tipográfico. Vou conduzi-lo à outra metade, à chamada seção não-bíblica onde se processa o negócio comercial comum.

Deixando a plataforma metálica, desceram as escadas e começaram a visitar as pequenas salas de impressão, através de corredores que conduziam de uma a outra oficina. À medida que progrediam na visita, Randall tornou-se gradualmente consciente de existir uma espécie de ressentimento inexplicável no ambiente - quase uma franca hostilidade - , algo de virulento que pairava na atmosfera. Quando Hennig cumprimentou um dos jovens chefes de oficina, a resposta foi indiferente, fechada, sem um sorriso. Quando Hennig tentava conversar com os tipógrafos, eles, como que casualmente, voltavam-lhe as costas e fingiam estar demasiado ocupados com o trabalho ou, no melhor dos casos, respondiam com monossílabos. Em certa ocasião, quando acabavam de deixar um grupo de operários, Randall teve a impressão, num rápido vislumbre, que eles faziam gestos obscenos nas costas do impressor. Ouviu até um deles resmungar:

-«Lausiger Kapitalist. Knauseriger Hundsfoß».

Randall não fazia a mais leve idéia do que a frase significava, mas suspeitou que não era nada de bom para Hennig.

Acabavam de entrar num corredor que levava à saída quando Hennig foi interceptado por um guarda esbaforido, que lhe falou a meia-voz.

- Desculpe-me - disse Hennig a Randall. - Surgiu um problema sem importância, mas que preciso resolver. Não me demoro nada.

Randall aproveitou o intervalo para localizar os lavabos masculinos. Lá dentro existiam dois mictórios e um deles ocupado por um empregado do escritório. Randall utilizou o mictório vizinho. Ao satisfazer a sua necessidade fisiológica admirou-se ao ver na parede branca, por cima dos mictórios, uma rude caricatura de Hennig. A caricatura representava Hennig nu com um pênis no lugar da cabeça e com dois sacos de ouro, um em cada mão; por baixo estava um trabalhador a quem Hennig esmagava a cabeça com as suas botas. Acompanhando a caricatura via-se o que devia ser um terrível «slogan» explicativo: Hennig ist ein schmutziger Ausbeuter der Armen und der Arbeiter!

Randall relanceou o olhar para o empregado de escritório no mictório ao lado, que abotoava a braguilha, e perguntou-lhe:

-Fala inglês?

- Um bocadinho.

Randall apontou para a caricatura.

- Que querem dizer aquelas palavras?

O escriturário pareceu hesitante.

- Sabe, não é uma coisa muito agradável...

-Seja o que for, não importa...

- Diz: «Hennig é um nojento explorador dos pobres e dos homens que trabalham.»

Perturbado, Randall saiu dos lavabos e percorreu o corredor à procura do seu anfitrião. Encontrou Hennig numa esquina, com cara de poucos amigos com as mãos na cintura, fiscalizando um operário que passava uma escova mergulhada em detergente por cima de uma caricatura idêntica àquela que Randall viu nos mictórios.

Hennig olhou para Randall sem parecer embaraçado.

-Já sabe que há qualquer coisa que corre mal, hem?

- Sim. Acabo de ver o mesmo desenho e as palavras nos lavabos.

-Creio também que deu fé da maneira como os operários mais jovens me tratavam, não é verdade?

- Ser-me-ia impossível não ter visto. Karl, acontece que também tenho ouvidos e percebi algumas frases.

- Ouviu então, hem? Ouviu o lausiger Kapitalist, não é verdade? Ouviu também knauseriger Hundsfoß, hem? Tem razão, eles chamaram-me capitalista miserável e filho da mãe de sovina. Se passasse mais tempo nas oficinas ouviria também unbermherziger Schweinehund nojento sem coração. Deve pois, pensar que Karl Hennig é um monstro, hem?

- Não penso nada - respondeu Randall. - Acontece apenas que não compreendo nada disto.

- Pois eu explicarei - disse Hennig carrancudo. - Entretanto, vamos embora daqui. Reservei uma mesa para almoçarmos no restaurante do Hotel Mainzer Hof. Não quero chegar tarde. Está lá alguém à nossa espera.

Saíram da tipografia. Hennig parou.

- Fica somente a seis quarteirões de distância. Um passeio curto. Mas, se está cansado podemos ir de carro.

- Vamos a pé.

- É melhor, porque terei oportunidade de lhe explicar pelo caminho aquilo que observou. É um assunto privado, só entre nós, por isso, faça o favor de desligar essa geringonça.

Randall desligou o gravador. Caminharam alguns metros em silêncio. Hennig tirou do bolso um amplo lenço, tossiu e expectorou para o tecido, voltando, depois de bem dobrado, a mergulhar o lenço nas profundidades do bolso das calças.

- Muito bem, explicarei - disse com voz grave. Não escondo essa feição - um padrão rudemente mercantil. Era um dos principais requisitos, para se sobreviver na Alemanha de pós-guerra. A guerra devastou-nos por completo. Tratava-se então da velha cantiga da sobrevivência dos mais aptos. Ora a linguagem da sobrevivência era o dinheiro forte, muito dinheiro. Embrenhei-me na impressão da Bíblia só porque existia um grande mercado para as bíblias. O setor representava então riquezas, enorme prosperidade. Grandes lucros em bíblias muito caras. Dessa forma, consegui uma sólida reputação como um impressor religioso de boa qualidade. Então algo aconteceu repentinamente.

Por momentos, o impressor pareceu perdido nos seus próprios pensamentos, caminhando os dois em silêncio por mais alguns metros. Pouco depois reatou o fio da sua exposição.

-O que aconteceu foi que, aqui na Alemanha, o interesse pela religião e pela igreja degenerou, diminuiu. Não há muitos anos ainda, os pobres e oprimidos e as pessoas que se deixavam orientar pela ciência e pela tecnologia declararam que Deus estava morto. A religião começou a decrescer, a deslizar pela ravina da negação e juntamente com ela o negócio e venda das bíblias. Como questão de sobrevivência, vi que devia imediatamente refazer-me da perda devido à súbita baixa das vendas; vi que tinha de deixar de chocar os meus ovos no ninho eclesiástico. De modo que, gradualmente, com aumento progressivo, comecei tentando e consegui ganhar contratos para a impressão de livros baratos, populares, romanceados e pornografia. Sim, na Alemanha existia então um prodigioso mercado para a mais crua pornografia, e eu encontrava-me pronto a imprimi-la, só para que não parasse o fluxo de dinheiro aos meus cofres. Eu queria dinheiro, muito dinheiro, cada vez mais. Nunca me permitiria descambar na pobreza, tornar-me mais um desgraçado à mercê das contingências. Devo também confessar que andei envolvido com muitas jovens degradadas, moças muito caras, até encontrar Helga Hoffmann, também ela um poço de sumir dinheiro. Está começando a entender?

-Não, receio que não compreenda nada - respondeu Randall.

-Claro que não. Você não conhece a mentalidade artesanal alemã. Na drástica e radical reviravolta que organizei no negócio das bíblias para o negócio da pornografia, entrei em conflito com os meus operários e com o Conselho de Trabalho em que estão filiados. Os jovens operários, tal como os veteranos, precedem de longas tradições de família na impressão artística e de qualidade, com todo o orgulho inerente ao seu artesanato, ao seu comércio, à sua produção, coisas que quase transcendem as considerações de lucros, de salários. As famílias daqueles homens trabalharam sempre para impressores de livros religiosos, livros de qualidade, e sentir-se-iam orgulhosos em fazerem para mim tal espécie de trabalho. Ora, quando eu quase abandonei as bíblias, os livros religiosos e me converti em impressor de livrecos baratos, impressões sem mérito, os operários das minhas oficinas sentiram-se abalados. Ressentiram-se da degradação sobre aquilo que imprimiam. Mas o ressentimento foi ainda mais longe: ficaram fúlos com a produção em massa imposta. O ressentimento manifestou-se pelo fato de eu exercer pressão sobre eles, para obter uma maior produção, que significava para mim maior lucro. Pouco a pouco começaram a revoltar-se e a falarem de greve. Nunca antes enfrentara uma greve, e a maior parte dos meus melhores operários nunca tiveram a mais leve razão para a promoverem. Mas agora, até mesmo aqueles que não se poderão dar ao luxo de estar sem trabalhar, que em outras condições não seriam capazes de o fazer, prepararam-se para a greve. De fato, o presidente do Sindicato dos Impressores e Tipógrafos, Herr Zoellner, marcou uma data. Foi há meses. Evidentemente que temos negociado, mas sem fazermos progressos. Eu não me podia render. Zoellner e os seus homens também não quiseram ceder. Fiquemos um beco sem saída. Bom, dentro de uma semana, contando de hoje, ver-me-ei de braços com uma greve. Se ao menos eu lhes pudesse explicar que...

-Mas, Karl- disse Randall - deve haver alguma maneira de lhes esclarecer sobre a realização da impressão da maior das Bíblias na história da indústria tipográfica.

- Nenhuma maneira - disse Hennig. - Estou num atalho. Primeiramente, quando o Dr. Deichhardt me contatou, não me informou do conteúdo da nova Bíblia que pretendia impressa. Disse-me apenas que era radicalmente nova, diferente, importante. Depois de ter delineado o projeto, tive que rejeitar o trabalho. Rejeitei-o porque o lucro que me caberia era pequeno. Recusei-me deixar um trabalho lucrativo, por mais vil que fosse considerado, apenas para conseguir prestígio. No entanto, o Dr. Deichhardt continuou a pretender-me devido à minha reputação anterior. Sabe o que ele fez?

Randall abanou a cabeça negativamente.

-Fez-me jurar que manteria segredo e arranjou-me uma reunião privada em Frankfurt com o Dr. Trautmann. Fiquei impressionado. O Dr. Trautmann é um dos nossos mais destacados teólogos. Quando do encontro, o Dr. Trautmann entregou-me um manuscrito, sugerindo que o lesse imediatamente na sua presença. Aquilo que eu li, pela primeira vez, foram as traduções alemãs do Pergaminho Petrónio e do Evangelho Segundo Jacob- Olhou interrogativo para Randall. - Leu-os?

- Recentemente.

- Ter-lhe-iam produzido o mesmo abalo que me produziram?

-Fiquei profundamente impressionado e comovido.

-Para mim representaram um despertar espiritual. Nem podia acreditar que me acontecesse tal transformação interior, tendo principalmente em conta a minha personalidade como homem de negócios, como comerciante, como ávido procurador de lucros. Todavia, aconteceu-me, voltando de cabeça para baixo o meu senso de valores.

Ach, que noite de depuração aquilo produziu na minha alma! O discutir de hipóteses sobre o que deveria fazer desapareceu por completo. Aceitei o trabalho de imprimir a edição especial, o que significava que teria de abandonar bons lucros provenientes das porcarias que imprimia. Significava também uma redução nos meus rendimentos e, conseqüentemente, ter que esquecer durante um tempo tudo a respeito da Helga.

-E então, isso não satisfaz os seus operários?

-Não. Porque a maioria deles nada soube do caso, porque eu não lhes podia dar conhecimento do meu novo e exemplar trabalho. O inspetor Helderling veio de Amsterdã e impôs no meu complexo de impressão as mais estritas medidas de segurança. Somente um número muito limitado dos meus operários veteranos podia ser utilizado na obra, permitindo-se-lhes que se inteirassem do conteúdo daquilo que imprimiam. Como viu são precisamente aqueles que estão segregados dos outros operários mais jovens, e juraram manter totalmente secreto a espécie de trabalho em que estão empenhados. Quanto à maior parte dos meus operários nada sabem do caso, estão inconscientes de que eu voltei à tradição e à perfeição artesanal das obras religiosas. Desconhecem, igualmente, que tive que sacrificar uma enorme percentagem dos meus lucros anteriores, meramente, para poder participar de uma aventura religiosa histórica.

-De modo que irão para a greve na próxima semana, hem?

-Não sei bem - disse Hennig com um súbito esgar em forma de sorriso-Vou sabê-lo dentro de alguns minutos. Estamos finalmente em Mainzer Hof. Atravessemos a Ludwigstrasse e subamos ao último andar do hotel, onde fica instalado o restaurante, para sabermos a resposta.

Intrigado, Randall entrou com o impressor alemão no hotel, e meteram-se no elevador do saguão com destino ao oitavo andar.

Era um restaurante alegre e arejado, como os olhos de Randall verificaram, com um dos lados da parede possuindo um vidro panorâmico que deixava ver o velho Reno correndo placidamente lá embaixo. O maître dhôtel acolheu Hennig e Randall com uma reverência atenciosa, conduzindo-os rapidamente por entre as filas de mesas e luxuosas cadeiras forradas a brocado até um lugar junto à parede panorâmica, onde se encontrava já instalado um homem de proporções ciclópicas, com todos os sintomas de miopia, pois, tinha o rosto quase tocando um maço de documentos que lia.

- Herr Zoellner, mein Freund! - gritou Hennig. - Ich will schon hoffen dass Sie noch immer mein Freund sind? Ja, ich bin da, ich erwarte ihr Urteil.

O homem de tremendo arcaboço levantou-se de um pulo.

- Es freut mich Sie wieder sehen zu können, Herr Hennig.

- Mas primeiro, Herr Zoellner, deixe-me que lhe apresente um americano de Amsterdã que promoverá a publicidade de um livro prestes a sair dos meus prelos. Herr Randall... Herr Zoellner, que é der erste Vorsitzende, o primeiro presidente da Industrie Gewenschaft Druck und Papier, o sindicato nacional dos nossos tipógrafos e artistas de impressão. Hennig voltou-se para Randall. - Cumprimentei-o como meu amigo. Disse-lhe que me encontrava aqui para saber o seu veredicto.

Hennig fez um gesto para que Zoellner se sentasse e ofereceu a Randall uma cadeira a seu lado. Depois o seu olhar fixou-se intensamente no sindicalista:

- Bem, Herr Zoellner, qual é o veredicto... morte ou vida para Karl Hennig?

O rosto de Zoellner abriu-se num amplo sorriso.

- Herr Hennig, es bedeutet das Leben. - Fez uma reverência com a cabeça. - Viverá... viveremos todos graças a si. As notícias são boas. -Apontou para o maço de papéis que

tinha na sua frente, e disse excitado. - Esta contra-oferta que o senhor apresentou ao nosso sindicato é o contrato melhor que nos foi até agora oferecido, o melhor de que me lembro na minha vida de sindicalista. Os benefícios, os aumentos, os subsídios em caso de doença, a caixa de pensões e reformas, as novas instalações de recreios e divertimentos... Herr Hennig, sinto-me feliz em lhe poder anunciar que a nossa direção aprovou tudo inteiramente e que apresentará o contrato esta semana aos nossos filiados. Tenho a certeza que todos eles aprovarão por unanimidade.

-Encantado, encantado - murmurou Hennig. - Ich bin entzückt, wirklich entzückt. De modo que a greve está olvidada, hem? Prosseguremos juntos, não é verdade?

- Ja, ja, juntos - estrondeou o vozeirão de Zoellner. Fez um gesto respeitoso de cabeça. - Da noite para o dia o senhor será considerado um herói. Talvez não tão rico, mas um herói. Mas diga-me, o que é que o fez mudar de idéias?

Karl Hennig sorriu.

- Li um livro novo. Foi tudo. - Voltou-se para Randall. Vê, Steve? Chega ser enjoativo, ver o sentimentalismo em que me tornei. Imagine-se, eu transformado de um momento para o outro de Satanás em São Hennig. Mas de repente resolvi partilhar o meu dinheiro com os outros. Sou doido, mas um doido feliz.

-Na verdade quando é que resolveu mudar de idéias a respeito de tudo? - quis saber Randall.

- Talvez na mesma noite em que li determinado manuscrito. Mas a mutação levou tempo. Parece-me que na verdade sucedeu a semana passada, na altura em que a minha crise trabalhista se aproximava do seu clímax, e em que me sentei à escrivaninha lendo algumas páginas das provas impressas. Aquilo que li acalmou-me, conferiu-me um grande grau de proporção, reduzindo-me à minha insignificância, obrigando-me, praticamente, a decidir que antes queria ser um outro Gutenberg do que um outro Creso com mistura de Casanova. Bem, realmente a paz é maravilhosa. Temos que comemorar. - Bateu com o garfo contra um copo para chamar a atenção da maître dhôtel. - Vamos fazer um brinde com um Ockfener Bockstein 1959 do Saar. É um vinho branco seco e fresco que contém apenas, cerca de oito por cento de álcool. Será mais do que suficiente para pessoas que já se sentem um pouco tontas de felicidade.

O vagaroso almoço no Mainzer Hof levou duas horas bem contadas. Depois de Zoellner ir embora, Karl Hennig telefonou para o seu motorista e insistiu em que Randall voltasse para Frankfurt em sua companhia.

Durante o caminho, Hennig falou alegremente da piscina olímpica coberta que pretendia instalar para divertimento dos seus trabalhadores. Falou largamente do seu afeto pela atriz Helga. Abordou a sua vida social, mencionando um camarote que alugara a título permanente no teatro de ópera do distrito. Em certa ocasião, apontou para um extenso vinhedo à beira da estrada que produziria com certeza um delicioso Mairiz. Noutra ocasião, quando passavam através de uma tranqüila e velha aldeia, com muros de tijolo vermelho, ruelas estreitas, casas antigas, igreja de altas torres, uma pequena praça protegida pela estátua de um santo, um pouco mutilada, abarrotado de flores frescas em suas mãos - Hennig identificou-a a Randall como sendo Hockheim, onde viviam algumas pessoas de sua família. Depois de entrarem na auto-estrada, a velocidade acelerara-se, Hennig mergulhara em silêncio meditativo.

Repentinamente, pelo menos como pareceu, embora tivessem decorrido quarenta e cinco minutos, foram apanhados pelo vórtice do trânsito de Frankfurt, com todos os ruídos inerentes a uma grande cidade. Os guardas, em camisas de mangas curtas, lá estavam

em cima dos seus pedestais dirigindo o trânsito. As ruas estavam cheias de bondes, caminhões de entrega de mercadorias, Volkswagens, pessoas fazendo compras ou regressando à suas casas depois de um dia de trabalho. Por baixo dos toldos brancos e vermelhos em forma de guarda-sóis dos Terrassen-Café, os clientes instalavam-se para consumirem o seu Teestunde.

-Volta para o Frankfurter Hof, Steve?

-Sim, para buscar minha bagagem e pagar a conta. Tomo o primeiro avião de volta a Amsterdã.

Hennig, em alemão, deu ordem ao motorista para seguir para o hotel.

Logo que chegaram à Kaiserplatz, Hennig disse:

- Se precisar de mais informações, posso dizer-lhe que espero estar em Amsterdã muito em breve.

-Sabe já a data exata em que irá?

- Quando tiver as primeiras bíblias encadernadas e prontas. Provavelmente na semana anterior à declaração pública.

Quando o carro se deteve em frente do hotel, Randall trocou um efusivo aperto de mão com o impressor.

- Muito obrigado pela sua cooperação, Karl. E muito obrigado pela carona até Frankfurt, sinceramente não queria que se incomodasse dessa maneira.

- Mas, caro Steve, não me desloquei unicamente para o acompanhar. Tinha que vir cá. Só lamento não ter tempo para bebermos mais um copo, mas tenho uma entrevista marcada, uma reunião de negócios no bar do Hotel Intercontinental. Bem, auf Wiedersehen.

Randall esperou até o Porsche desaparecer absorvido pelo intenso trânsito e só depois entrou no saguão do Frankfurter Hof. Estava prestes a aproximar-se do balcão da recepção, quando se deteve a meio caminho.

Um homem elegantemente vestido, cofiando a sua barba à Van Dyke, aproximava-se da recepção.

Cedric Plummer, ali.

Primeiro em Mairiz, e agora ali.

Pelo pensamento de Randall perpassou como um relâmpago uma velha história que lera num dos livros de Somerset Maugham.

O garçon do mercador de Bagdade: "Meu amo, ainda há pouco e, quando estava na praça do mercado fui empurrado por uma mulher no meio da multidão e quando me voltei vi que foi a Morte quem me acotovelara. Ela olhou Para mim e fez um gesto de ameaça... meu amo, empresta-me o teu cavalo... irei nas asas do vento para Samarra e lá a morte não me procurara.

E mais tarde no mesmo dia, quando o mercador encontrara a Morte na praça do mercado e lhe perguntara porque é que ela fizera um gesto de ameaça ao seu garçon, a Morte respondera: Não foi um gesto de ameaça, foi apenas um movimento de surpresa. Fiquei surpresa por vê-lo em Bagdade, porque na verdade tenho esta noite um encontro com ele em Samarra."

Aquela recordação poderia parecer insensata, mas não o era inteiramente.

Randall recuou, ocultou-se por detrás de um enorme vaso de pujantes e altas plantas e observou o que se passava.

Cedric Plummer chegou junto ao balcão e apontava um esguio dedo para o recepcionista.

Randall, rapidamente, passou por trás de Plummer e dirigiu-se para o elevador. Mas tentando escapar sem ser notado, não pôde contudo fugir à voz estridente do jornalista,

que dizia bem alto:

- Guter Herr, sou Cedric Plummer...

-Fico avisado, Mr. Plummer.

- ...e se chegar qualquer telefonema ou recado para mim, faça o favor de dizer que estarei de volta dentro de uma hora. Tenho um encontro de negócios no bar do Hotel Intercontinental. Se houver qualquer recado urgente, façam o favor de me ligar para lá.

Ao ouvir as últimas palavras, Randall sentiu um baque de apreensão. Continuou o seu caminho para o elevador e quando chegou junto da porta deu uma rápida olhada para trás. Já não se via nem a sombra de Plummer.

Dentro do elevador, Randall começou tirando conclusões em progressão aritmética.

Karl Hennig havia dito: Só lamento não ter tempo para bebermos mais um copo, mas tenho uma entrevista marcada, uma reunião de negócios no bar do Hotel Intercontinental.

Por sua vez, Cedric Plummer dissera ao recepcionista: Tenho um encontro de negócios no bar do Hotel Intercontinental.

A somar: coincidência.

Prova dos nove: conspiração.

Subtraindo as palavras de Hennig em Mainz, dizendo que se recusara terminantemente vendo Plummer, qual o resultado da nova adição? Nada. Absolutamente nada. As contas estavam todas erradas.

Preocupado, Randall decidiu que de momento deixaria as coisas assim, por resolver. Tinha de estar de volta a Amsterdã nessa mesma noite. Depois estava resolvido a não mexer nem mais uma palha. Iria encontrar-se com Angela. Doía-lhe a alma desejando vê-la... depois, no dia seguinte e nos dias posteriores, tomaria providências para que alguém observasse Karl Hennig de perto.

CAPÍTULO 5.3

Após um curto vôo desde Frankfurt, ao chegar ao aeroporto de Schiphol em Amsterdã, Randall tinha à espera a «limousine» Mercedes-Benz, guiada pelo impecável e amigável Theo.

Dirigindo-se ao Amstel Hotel onde encontrara a tão ansiada mensagem de Angela Monti, dizendo que chegou a Amsterdã e que se encontrava hospedada no Hotel Vitória. A mensagem manifestava que estava desejosa de se encontrar com ele.

Tomou apressadamente um banho de chuveiro, vestiu-se e arregou com firmeza Hennig do pensamento, Plummer e tudo o mais, menos Angela. Desceu a escada, meteu-se no Mercedes e disse a Theo para seguir para o Hotel Vitória. Logo que chegou ao saguão do complexo hoteleiro, dirigiu-se à recepção e mandou ligar para o quarto de Angela, no primeiro piso, indo depois aguardá-la, impacientemente, junto da imponente escadaria.

Quando finalmente a viu descer as escadas, ficou como que hipnotizado, quase não acreditando nos seus olhos. Vira-a apenas uma única vez antes, durante uma tarde, na Itália, no país dela, e partira logo a seguir com a certeza de que nunca se sentira tão atraído por uma mulher. Durante toda aquela semana, nas suas deslocações, transportara com ele toda a impressão do encanto daquela belíssima mulher. Mas, naquele momento, ali, ao fundo daquelas escadas, pela segunda vez que a via, sentira-se completamente esmagado pela assombrosa presença de Angela. Lembrar-se dela apenas como uma linda mulher não seria prestar-lhe a devida homenagem. Angela era a mais desejável e fascinante mulher que, desde sempre, conhecera. A sua magnífica juventude irradiava um

«não sei quê» de maravilhoso. E quando ela naturalmente, sem qualquer artifício, se acolheu em seus braços, premindo contra os dele os seus lábios doces, cheios, suaves, quentes, soube, imediatamente, que Angela era algo que fazia já parte integrante dele.

Theo levou-os ao «Bali», um restaurante indonésio situado na Leidstraat. Depois de mandar embora o simpático motorista holandês, insistindo que estava, perfeitamente, salvo de ataques, dado que não trazia com ele qualquer trabalho. Randall tomara gentilmente o braço de Angela conduzira-a através da porta giratória, subindo dois curtos lances de escada até chegarem à sala de jantar central do restaurante típico. Um garçon de pele escura, com um imponente turbante, indicara-lhe um dos três pequenos gabinetes privativos no fundo da sala.

Sentaram-se em uma mesa quase encostada à parede e encomendado o jantar segundo a lista e as recomendações do garçon. Quase não deu pra sentar, pela enorme quantidade de pratos colocados diante deles, a saior soto ou sopa, bife com molho javanês, uma espécie de salada mista à base de feijão de soja, camarões gigantes, coco frito e outras iguarias. Comeram e falaram esparsamente, consumindo uma garrafa de Mosela seco e feito amor com os olhos através o sutil toque dos dedos.

Saíram de «Bali», de mãos dadas, deram um passeio na fria noite. Atravessaram a Leidseplein, parando para escutarem três rapazes que dedilhavam guitarras. Do alto da ponte de Prinsengracht, de braço dado, debruçaram-se para verem as escuras e calmas águas do canal, olhando com interesse para uma outra ponte que se via à distância onde centenas de luzinhas pareciam luminosos colares de pérolas suspensos do escuro pescoço da noite. Pouco depois tinham-se deslocado lentamente até à ampla, ponte sobre o canal de Singel, vendo lá embaixo embarcações iluminadas.

Naquela particular momento, com a sedutora noite já muito adiantada, ainda estavam na ponte sobre o Singel, a sós - como se mais ninguém existisse no mundo.

Angela disse-lhe que Naomi lhe arranjava um escritório naquela mesma tarde, um gabinete no mesmo piso que o de Randall, quase ao lado, quase porta com porta.

- Sim fui eu que arranjei isso - disse Randall. Angela pareceu hesitante.

- Quer-me então tão perto de si todos os dias?

- Claro que sim. O mais perto possível.

- Steve, não receia cometer um erro? Repare que mal me conhece.

- Tenho estado consigo toda a semana, todas as noites e todos os dias. Oh, Angela, conheço-a muito bem! Nem sabe como a conheço!

- Também eu sinto o mesmo - disse ela tranquilamente.

Randall curvou-se mais uma vez no parapeito para observar o canal lá no fundo, mas quando se voltou de novo para ela, viu-lhe os olhos fechados, os lábios a murmurarem algo, movendo-se, e as mãos postas.

Pouco depois Angela abriu os olhos e sorriu-lhe.

- Que fazia? Estava rezando? - perguntou-lhe Randall.

Ela fez-lhe um sinal afirmativo.

- Sinto-me melhor agora.

- Melhor a respeito de quê, Angela?

-A respeito daquilo que farei. -O doce sorriso dela persistia. - Steve, leve-me ao hotel.

-A qual deles?

- Ao seu. Quero ver onde está instalado.

-Quer na verdade ir ver a minha «suite»?

A mão dela fez uma pressão de desejo na mão dele.

- Não. A «suite» não me interessa. Tudo o que quero é estar contigo.

Estavam os dois nus em cima da cama, voltados um para o outro, beijando-se, as línguas tateando-se em todo um preliminar de amor. A mão dela brincando, de leve em carícias à pele do baixo ventre de Randall, e a mão dele acariciando-lhe carne entre as coxas.

Não trocaram uma única palavra desde que estavam ali, e todos os sons que chegavam aos ouvidos eram as respirações mais apressadas e os ritmos cardíacos acelerados.

A mão de Randall, as pontas dos dedos, deslizaram até ao suave e úmido sacrário que ficava delimitado entre o triângulo formado pela pilosidade sedosa do púbis dela, e os dedos, ágeis procuraram e encontraram a intumescência do clitóris. Lentamente, levemente, os dedos como se tivessem vida própria iniciaram a sua massagem de amor.

Involuntariamente, as ancas dela começaram a realizar movimentos de rotação, e Randall ouviu-a arfar e emitir um suspiro de prazer. Seguidamente, a mão dela escorregou pelo ventre dele e os dedos foram apertar-se em volta da massa ereta do pênis. Randall julgou que ia morrer de gozo ao sentir aquela carícia tão intensamente amorosa, pensou até que seria incapaz de conter-se por mais tempo.

Nesse momento, do mais profundo de Angela partiu um grito imperativo, como que um distante apelo para que o ato de amor se completasse. A mão soltou o pênis e ela rolou sobre si mesma, ficando deitada, em êxtase, de pernas afastadas, olhos fechados e boca entreaberta.

À luz difusa de uma pequena lâmpada de vigia, Randall viu por baixo o corpo nu de Angela, a mulher que ele possuiria, totalmente, até que os dois fossem um. Ela estava pronta, com a massa negra dos cabelos espalhados pela branca almofada; as pálpebras cerradas sobre os olhos encantadores; a boca, de apetitosos lábios vermelhos, entreaberta e a respiração opressa, com os dois montículos, os seios subindo e descendo, onde as pequenas luas em volta dos túrgidos mamilos escureciam cada vez mais; contemplou-lhe o ventre liso, o escuro triângulo abaixo do umbigo, as opulentas ancas e as firmes nádegas que ondulavam...

Ela estava pronta para o amor.

E ele também.

Os joelhos dela ergueram-se e as pernas foram-se abrindo, revelando as coxas firmes. Randall instalou-se entre aquelas pernas, como um pássaro ajeitando-se no ninho. O sexo dele tocou a vagina, abriu caminho lentamente, deslizando pela mistura viscosa desencadeada pelos preliminares amorosos e mergulhou profundamente naquela estreita passagem, sentindo as quentes paredes vaginais a fecharem-se solidamente em volta da sua virilidade, como se o puxassem cada vez para mais fundo, como se o quisessem arrastar todo inteiro para um abismo.

O membro viril acariciava-lhe o fofinho interior, iniciando uma dança frenética, repetidas vezes sem conta, até que ambos começaram a gemer num misto de prazer e dor. Num súbito impulso, as pernas dela elevaram-se e envolveram-lhe firmemente os rins, enquanto as mãos, como garras de veludo se lhe fechavam nas costas. Movimento intenso, ritmo de amor sem cessar, para cima e para baixo, para baixo e para cima... rápido, cada vez mais rápido. Corpos frementes, consumidos por uma gigantesca labareda... Randall sentia um êxtase de paixão como jamais experimentara na sua vida, possuindo completamente aquele corpo que gemia e se agitava compulsivamente sob o seu.

Angela enfiou-lhe as mãos pelos cabelos, fechou-o num amplexo tremendo, enquanto as suas nádegas subiam e baixavam doidamente emparelhadas no ritmo dos impulsos dele.

Gradualmente, toda a massa viscosa da vagina, toda a parte inferior do seu corpo, começou girando, a revoletear cada vez mais rápido, mais rápido...

-Deus meu - sussurrou ele - oh, meu Deus! Minha querida...

-Querido, meu querido... é maravilhoso!

E as ancas dela levantaram-se num súbito movimento e as pernas fecharam-se em volta dele. Toda ela era uma massa tremente que emitia sons roucos na final convulsão do orgasmo total, enquanto ele sentia abrirem-se todas as comportas do seu aparelho de masculinidade, enchendo-a completamente com o seu sêmen, em arrancadas vitais e de tremendo impacto.

-Amo-te - sussurrou-lhe Randall ao ouvido. - Amo-te, amo-te, amo-te...

-Oh, Steve, nunca me abandones, nunca, nunca...

Como que esvaziados, tendo cumprido o grande mistério da luta do amor, ficaram ali, bem seguros nos braços um do outro, até que ela acabou por adormecer, esgotada, com o bonito rosto inundado de paz encostado ao peito dele.

Estonteado, Randall tentou coordenar idéias, ainda emocionado pela entrega dela, pelo soberbo calor daquele corpo. Existiram antes muitas outras mulheres, muitos outros atos de posse e entrega, mas nunca, nunca nada como aquele momento espantoso. Não com Bárbara, de certeza, que nem com Bárbara, de quem naquela noite se lembrava com bondade e afeto, aceitando que as tentativas de amor que fizeram foram meros movimentos mecânicos sem significado, erros que podiam ser perfeitamente imputados aos dois. Um malogro comum. E Darlene? Darlene também não, como negativas foram todas as Darlenes antes de Darlene, com o absoluto torpor sem vida de receptáculos, ou então, com as sábias acrobacias de gueixas bem treinadas. Naomi também não, nem todas as Naomis antes de Naomi, limitadas no prazer, com as suas aberrações sexuais, as mútuas manipulações dos órgãos sexuais, e sem finalidade; puro vício que mantinha morto o verdadeiro objetivo sexual.

Em tantas noites de tantos anos da sua vida de adulto, jamais deu ou recebeu um orgasmo nascido do amor e libertado pelo amor incontido. Nem uma só vez, em tantas noites partilhadas num leito. Nunca, até àquela noite, ali, em Amsterdã, com aquela mulher cheia de juventude e de encanto. Sentiu vontade de chorar. Pelos anos perdidos? Pela final e pura alegria de um prazer verdadeiro e partilhado? Pelos milhões de outros seres sobre a terra condenados a viver e a morrer sem nunca terem conhecido a virtude daquela verdadeira e completa união sexual proveniente de um amor real?

Beijou com amor a face de Angela. Depois enterrou a cabeça firmemente na macia almofada, fechou os olhos e deixou-se também afundar na inconsciência de um sono liberto de inquietações.

Quando começou a ter de novo consciência das coisas, teve a percepção de que soava uma campainha muito longe. Lutou para manter os olhos abertos e viu Angela a seu lado, ainda perdida no mundo dos sonhos. Por entre as tabuinhas das persianas começava a entrar a claridade acinzentada do alvorecer.

O toque da campainha era agora mais persistente. Voltou-se para o lado da mesinha de cabeceira e viu os ponteiros do seu despertador de viagem, eram seis e vinte da manhã, tendo pela primeira vez consciência que a insistente campainha era o telefone tocando.

Ainda tonto, estendeu a mão e ajustou o aparelho à boca e ao ouvido.

- ... Quem fala?

- Steve, fala George Wheeler - disse a voz rouca, mas, de retumbante no outro extremo do fio. - Lamento acordá-lo assim mas, trata-se de uma coisa necessária. Já está levantado?

Está ouvindo-me perfeitamente?

-George, estou bem acordado.

-Ouça. É importante. Quero que esteja no Hospital da Vrije Universiteit dentro de uma hora. É o hospital principal de Amsterdã e faz parte da Universidade Livre. Deve lá estar o mais tardar às sete e meia. Tem um lápis à mão? É melhor tomar nota.

- Um momento. - Randall conseguiu localizar o lápis e o bloco-notas que a gerência do hotel pusera à sua disposição dentro da gaveta da mesinha de cabeceira. - Pronto, já tenho aqui lápis e papel.

-Tome nota. Hospital da Vrije Universiteit. O endereço é Boeleaan 1115. Fica situado em Buitenveldert, um novo subúrbio da cidade. O motorista saberá onde é. Peça à recepção do hotel para lhe mandar vir um táxi. Quando chegar ao hospital pergunte à enfermeira da recepção onde é o quarto em que está Lori Cook, fica no quarto piso. Eu estarei lá... todos nós estaremos lá.

- Um momento, George. Mas que raio é que se passa?

- Quando chegar logo saberá. Não posso explicar as coisas pelo telefone. Basta que lhe diga que aconteceu algo de absolutamente extraordinário. E nós precisamos de você no hospital...

CAPÍTULO 6

Quando o táxi que transportava Randall, um Simca, saía da cidade para entrar na ampla estrada conhecida como Rooseveltlaan, acelerou, deslizando a toda a velocidade por paisagens de bosques e de campos de cultivo, para só abrandar ao desembocar na Boelelaan, já próximo do hospital. Randall oferecera ao motorista uma gorjeta de dez florins se ele conseguisse chegar ao hospital antes das sete e meia e o motorista parecera decidido a não perder aquele dinheiro de bônus.

Naquele momento, da janela do Simca, Randall via o imponente e impressionante complexo que tinha todo o aspecto de ser recentemente construído. Um gigantesco complexo hospitalar formado por inúmeros edifícios. O carro deu a volta na entrada do hospital, um caminho de saibro ladeado por extensos canteiros de flores – o único detalhe colorido naquela cinzenta manhã de céu encoberto.

O táxi deteve-se em frente ao edifício principal e Randall notou que por cima do pórtico estavam as seguintes palavras: ACADEMISCH ZIEKENHUIS DER VRIJE UNIVERSITEIT.

- Chegamos cinco minutos antes da hora marcada - disse o motorista satisfeito.

Randall, depois de ter pago a corrida, tirou de boa vontade mais dez florins da carteira.

Ainda intrigado pelo acontecimento «absolutamente extraordinário» que exigia a sua presença, Randall apressou-se subindo os degraus de pedra da escadaria da entrada.

Depois de passar a porta giratória, encontrou-se num espaçoso saguão. Lá dentro via-se uma pequena loja de venda de tabacos, balas e outros doces, e quase ao lado a recepção da portaria. Atrás do balcão, protegido por um friso envidraçado, estava uma enfermeira.

Mal aproximou-se do balcão quando a holandesa lhe perguntou:

-O senhor é o Sr. Randall?

Ele fez um gesto afirmativo com a cabeça, e a enfermeira prosseguiu:

-Por favor, sente-se durante um momento. O Sr. Wheeler telefonou dizendo que já vai descer para se encontrar com o senhor.

Demasiado inquieto para se sentar, Randall encheu o cachimbo e examinou o grande saguão, com as paredes ornamentadas por mosaicos de arte modernista. Um deles representando Eva nascendo de uma costela de Adão; outro mostrando Caim matando Abel; ainda outro, figurando Cristo afagando uma criancinha. Quando se encontrava mais mergulhado na apreciação dos mosaicos, ouviu que o chamavam. Voltou-se e viu Wheeler que vinha em sua direção limpando as lentes dos grossos óculos, que colocou logo em seguida no imponente septo do seu volumoso nariz.

O editor colocou um braço paternal sobre os ombros de Randall, enquanto a sua voz cava, que por vezes se assemelhava ao bramido de um dromedário, lhe dizia alegremente.

-Sinto-me feliz de o ver de volta, principalmente, nesta altura, Steve. Quero que siga o caso desde o princípio, ainda que de momento não possa utilizar a história. Temos que manter a coisa oculta até termos a certeza de que não há novidade. Entretanto, a partir do momento em que os médicos digam que tudo está ok, deixá-lo-emos então trombetear a coisa para todo o mundo.

- George, mas afinal, do que é que você está falando?

- Desculpe, tinha a impressão que já lhe contara. Mas, a verdade é que não o fiz. Vou-lhe relatar o acontecimento enquanto subimos.

Guiando Randall para junto do elevador, o editor baixou a voz, mas sem conseguir reprimir a excitação que o tomava, dizendo:

- Ouça bem. Ontem à noite, encontrava-me com Sir Trevor no Dikker en Thijs, para

jantar; tendo como convidados o Signore Gayda, o editor italiano, e o assistente teológico dele, Monsenhor Riccardi, quando recebi uma chamada telefônica urgente de Naomi. Ela fez-me apenas um relato brevíssimo do que acontecera, avisando-me para que todos nós nos dirigíssemos a este hospital. Estive aqui a noite toda. Os meus olhos devem ter sinais eloqüentes desta noite velando.

- George - disse Randall impacientemente - quer fazer o favor de me dizer de uma vez por todas que diabo aconteceu?

- Desculpe... Sim, claro que sim. - Chegaram junto dos elevadores, mas Wheeler segurou Randall pelo cotovelo, impedindo-o de entrar. - Segundo aquilo que pude recolher, e as informações ainda são muito imprecisas e confusas, aquela moça que faz parte do pessoal do seu gabinete e que sabe tanto sobre arqueologia... esqueço-me sempre do nome dela... O nome de Angela quase que saltou da boca de Randall, quando se lembrou que o editor não a conhecia e que ele se referia a um elemento do estado-maior da sua seção publicitária.

-Jessica Taylor? A americana...

Wheeler bateu com o punho fechado na palma aberta da outra mão - exatamente. Miss Taylor. Ontem à noite, pouco antes da meia-noite, Miss Taylor recebeu um telefonema incoerente de Lori Cook, a sua secretária, aquela moça coxa, aquela que durante toda a vida foi sempre defeituosa dos membros inferiores. Lori chorava ao telefone, dizia que teve uma visão e que caíra de joelhos no chão rezando para pedir que fosse curada, que voltasse de novo a andar normalmente... e que quando a visão desaparecera se pusera de pé e vira que o seu mal desaparecera por completo, que podia perfeitamente caminhar, como você ou como eu.

- O quê? Não me diga! - exclamou Randall incrédulo. -Tem a certeza de que não está brincando comigo?

- Ouviu o que eu disse, Randall. Andava normalmente, dizendo a Jessica pelo telefone que se sentia fraca e febril; fora deste mundo, e que precisava de alguém pra acudi-la imediatamente. Bom, parece desnecessário dizer-lhe que Jessica Taylor se dirigiu, urgente, à casa de Lori Cook, encontrando-a desmaiada no chão do apartamento. Jessica reanimou-a, mas, depois de ouvir as palavras incoerentes e balbuciantes de Lori ficou sem saber que fazer, atropalhada. Finalmente lembrou-se de mim e telefonou-me. Como eu jantava, Naomi atendeu-a. Esta, eficiente em tudo, mandou imediatamente uma ambulância à casa de Lori. A seguir telefonou-me para o restaurante e telefonou também para o médico assistente da Ressurreição Dois, o Dr. Fass. Eu telefonei para os outros e toda a gente correu ao Hospital da Universidade Livre. Qual é a sua opinião a respeito do caso, Randall? Durante o relato, Randall relembrou a primeira entrevista que tivera com Lori Cook, o passarinho saltitante e medroso com plena consciência do seu mal e que realizara uma peregrinação (como lhe chamara) por Lourdes, Fátima, Turim, Beauraing... odisséia de esperança e desespero em busca do milagre da normalidade.

-O que é que eu penso? - repetiu Randall.- Nem, sei o que pensar. Gostaria de conhecer os fatos. Desculpe, George, mas sabe muito bem que não acredito em milagres.

-Não me venha agora com essas coisas, você referiu-se ao Novo Testamento Internacional como um autêntico milagre - lembrou-lhe Wheeler.

- Nunca pretendi referir-me a um milagre literal. Utilizava uma hipérbole. A nossa Bíblia nasceu de uma escavação arqueológica científica. Teve uma base perfeitamente racional. Mas, um milagre de cura... - suspendeu o que ia dizer, lembrando-se de uma coisa que Lori Cook lhe dissera durante a entrevista, uma coisa sobre o significado que a Nova Bíblia

tinha para ela. A nova Bíblia, que segundo ela ouvia, continha em si algo de incrivelmente miraculoso. Pela mente de Randall perpassou uma suspeita. - George, deve haver mais qualquer coisa por trás do que me contou. Lori explicou o que é que fomentou a visão e o... o chamado milagre?

-Ora. Aí está a telepatia. Era precisamente o que lhe ia contar - e voz de Wheeler vibrava de entusiasmo. - Tem toda a razão em pensar que houve qualquer coisa que desencadeou a visão... uma coisa que devo a um lapso de segurança por parte do nosso diretor de publicidade um indivíduo chamado Steve Randall. Sim, você foi o responsável direto, mas nós, considerando o que aconteceu, perdoamos-lhe.

-Eu fomentei uma brecha na nossa segurança?

-Precisamente. Lembre-se bem. O Dr. Deichhardt emprestou-lhe o nosso Novo Testamento para ler uma noite, com a condição de você próprio entregar na manhã seguinte as provas ao nosso editor alemão. Ora em vez de fazer como o combinado, você encarregou Lori Cook da entrega.

-Sim, lembro-me. Estava a ponto de entregar o exemplar das provas ao Dr. Deichhardt quando fui impedido por uma conversa com Naomi relativa ao itinerário da minha viagem. Depois pedi a Lori que fizesse entrega do documento. Bom, estava certo que ela entregaria as provas do Novo Testamento ao nosso editor alemão. Sei que deveria cumprir o prometido... mas, afinal o que há de errado em Lori Cook encarregar-se do caso?

O rosto de Wheeler contorceu-se numa careta que pretendia ser um sorriso.

-Tal como a Lori confessou à Jessica ontem à noite, antes da ambulância chegar, você deu-lhe ordem para entregar o documento pessoalmente ao Dr. Deichhardt, só a ele e a mais ninguém, não é verdade?

-Plenamente verdade.

-Ora a moça cumpriu à risca as suas ordens. Foi entregar as provas ao Dr. Deichhardt, mas o nosso editor alemão não se encontrava no gabinete. Lori recusou peremptoriamente deixar os documentos à secretária de Deichhardt. Dediciu ficar com as provas até ele regressar. Mas a proximidade escaldante daquele... objeto sagrado... como ela lhe chamou, passou a ser um motivo de forte tentação - tal como, ter o Santo Sudário ou o Santo Graal e não lhes tocar... Lori confessou que pretendia comer qualquer coisa, mas que em vez disso se escondeu num dos armazéns do nosso piso no Kraal e que leu o Pergaminho Petrônio e o Evangelho Segundo Jacob. De fato, se as suas palavras têm crédito, leu o relato de Jacob por quatro vezes antes de, mais tarde, finalmente, entregar as provas ao Dr. Deichhardt.

-Acredito que lesse o Jacob quatro vezes. Que disse ela que ocorreu a seguir?

-Durante toda a semana o seu pensamento foi dominado pelo que Jacob escrevera sobre Jesus. Começou a imaginar, acordada e dormindo, os passos dados por Jesus na terra. Como sobrevivera da cruz, a visita a Roma... com Jacob em Jerusalém, prestes a enfrentar a morte, traçando a história no papiro. Ontem à noite encontrava-se sozinha no apartamento às voltas com todas aquelas alucinações, quando fechou repentinamente os olhos, pôs as mãos e rezou a Jacob, o justo, para a curar, para lhe dar a plenitude da vida, tal como lhe levara a mensagem de um novo Cristo vivo. Abriu depois os olhos e viu na sua frente um círculo luminoso, quase ofuscante e no meio daquele círculo, flutuando, encontrava-se a figura de Jacob, o justo, uma figura que levantou a mão abençoando-a. Lori contou que ficou assustada e ao mesmo tempo exaltada, caindo de joelhos no meio do aposento e fechando os olhos, orando a São Jacob para ajudá-la. Quando abriu os olhos a visão tinha desaparecido. Pôs-se de pé, deu alguns passos e teve consciência perfeita que

o defeito no andar desapareceu, já não coxeava. Desatou a chorar, repetindo vezes sem conta «estou curada! estou curada!». Foi nessa altura que telefonou para Jessica, a qual foi encontrá-la desmaiada... ou em transe... não sei bem... e... bom, Steve, é tudo. Agora podemos subir.

Meteram-se no elevador até ao quarto piso. Passaram apressadamente por duas enfermarias de seis camas e dirigiram-se para o local onde se encontrava um monte de gente, o que indicava claramente o quarto hospitalar de Lori Cook.

Aproximando-se, Randall reconheceu Jessica Taylor, com um livro de notas na mão, Oscar Edlund, o ruivo fotógrafo, com uma máquina a tiracolo. Outras pessoas no grupo familiares a Randall eram Gayda, Monsenhor Riccardi, o Dr. Trautmann e o Reverendo Zachery.

O grupo reuniu-se em volta de um homem de avental branco, obviamente, um médico, que explicava qualquer coisa. Ao lado do médico encontrava-se uma bonita enfermeira, impecável no uniforme e na touca. Wheeler disse ao ouvido de Randall que o médico era o Dr. Fass, ligado à Ressurreição Dois. Um interno holandês, correto e seco, provavelmente, em torno dos sessenta anos.

Respondendo a qualquer pergunta que lhe foi feita, o médico dizia:

-Sim, fizemos chapas de Raios-X em Miss Cook logo que internou. Quando a conduziram ao hospital ontem à noite... esta madrugada, para sermos mais exatos... a colocamos numa cama móvel, nós não gostamos de utilizar macas e, metida neste quarto. Para um diagnóstico mais específico, as nossas camas de tipo suíço são feitas de modo a tirarmos chapas de Raios-X dos doentes através do colchão. Agora, respondendo à outra pergunta, não, não podemos ser exatos sobre qual era o estado de Miss Cook anteriormente à alucinação... digamos mais cientificamente, à experiência traumática da noite passada. Tentamos localizar os pais da doente, que viajam pelo Extremo Oriente. Logo que entrarmos em contato com eles, esperamos obter, eventualmente, registros médicos da doença que estropiou Miss Cook durante a infância. Presentemente, só possuímos para nos orientar as palavras da doente que, claro, não possuem qualquer precisão clínica. Partindo daquilo que Miss Cook nos contou, parece que foi atacada quando era criança, talvez há uns quinze anos, pela osteomielite.

Randall se mexeu.

-Pode-nos descrever a doença, Doutor?

-No caso de Miss Cook, a inflamação sintomática ocorreu na tíbia, ou seja, no volumoso osso que vai do lado direito do joelho até o calcanhar. Pode muito bem ser um caso agudo e causar a destruição do osso - as nossas chapas de Raios-X confirmarão o caso - porque, segundo a doente, teve sempre memória de inchaço, dores e febre prolongadas. A doente não foi convenientemente tratada a tais sintomas, nem submetida a qualquer tipo de cirurgia. Nos anos que se seguiram ao ataque de osteomielite, Miss Cook passou a ser vítima de um coxear crônico.

Wheeler interveio para perguntar:

- Dr. Fass, como é que o senhor explica o caso da noite passada? Afinal de contas, ela está curada, não é verdade? Julgo que agora caminha normalmente. Ou terá o senhor uma opinião diferente?

- Não. Acho perfeitamente razoável dizer-se que caminha normalmente. Miss Cook já o demonstrou satisfatoriamente para o nosso fisioterapeuta. O nosso diretor clínico foi até testemunha dos testes. O nosso neuropsiquiatra vai esta tarde passar algum tempo com a doente. Neste momento, está sendo examinada e interrogada pelos Drs. Rechenberg e

Koster, dois especialistas aos quais pedi conselho. Quanto ao caso da noite passada, duvido que esteja em posição de explicar o que sucedeu. Por um lado, é possível que ela tenha sofrido um choque psíquico, de qualquer natureza, durante a infância, em vez de ser atacada por uma doença de natureza orgânica, e a noite passada as alucinações que teve atuaram como um antídoto, se assim me posso expressar, ao choque pelo desencadear de uma auto-sugestão. Em tal caso, poderíamos classificá-la como uma vítima de neurastenia durante longo tempo, não podendo pois, a sua recuperação ser considerada miraculosa. Por outro lado...

O Dr. Fass suspendeu o que ia dizer para observar as reações nos rostos dos que o cercavam, pestanejando.

-...Se se provar que o coxear de Miss Cook teve origem numa doença orgânica e que ela se curou sem auxílio da ciência, então lidamos com um outro assunto completamente diferente. No que diz respeito a casos desses, parece-me conveniente referir-lhes um relatório cirúrgico feito no século dezesseis pelo estimável Dr. Ambroise Paré depois de tratar um certo doente: «Je le pansay; Dieu le guérit». - Eu tratei-o; Deus curou-o.

O Dr. Fass fez um gesto como quem se desculpa.

- Agora perdoem-me, mas tenho que voltar para junto dos meus colegas. Permitir-lhes-emos que interroguem a doente dentro de um ou dois dias. Evidentemente, que pretendemos tê-la sob observação aqui por um mínimo de duas semanas.

Quando o Dr. Fass abriu a porta, entrando juntamente com a sua enfermeira assistente, Randall forçou o caminho por entre as pessoas para dar uma olhada no interior do quarto.

Lori Cook, tão frágil, tão franzina, sentada na borda da cama com a camisa hospitalar arregaçada até aos joelhos. Um dos médicos debruçado sobre ela, tateando-lhe a perna direita. Dois homens de aventais brancos postados de ambos os lados da doente, observando com profunda atenção o exame do colega. Lori parecia nem dar pela presença de toda aquela gente. Tinha o olhar fito no teto, com o rosto de passarinho, dando um misterioso sorriso. Tinha um ar positivamente beatífico.

Mas a porta acabou se fechando, ocultando a cena dos olhos de Randall.

Afastando-se da porta imerso em pensamentos, Randall viu que o grupo se dispersava e que Wheeler, encostado à parede fronteira com duas outras pessoas, o chamava com um gesto imperioso.

Randall dirigiu-se a Wheeler. As pessoas que estavam junto do editor americano, e que Randall não fora imediatamente capaz de reconhecer, eram Gayda e o teólogo católico italiano, Monsenhor Riccardi. Os três sentaram-se em confortáveis sofás de couro na pequena sala de visitas logo ao lado.

-Que pensa deste caso, Monsenhor Riccardi? -perguntou Wheeler.-Na verdade os católicos possuem muito mais experiência em assuntos como este.

Monsenhor Riccardi alisou uma ruga em sua testa.

- É ainda muito cedo para se dizer, seja lá o que for, Sr. Wheeler. Em tais assuntos a Igreja costuma proceder com muita cautela. É nosso hábito não cedermos a uma credulidade imediata.

- Mas é tão evidente que se trata de um milagre! - exclamou Wheeler.

- A primeira vista, a cura de Miss Cook é impressionante, deveras impressionante - concordou Monsenhor Riccardi. - Todavia, devemos reservar o nosso julgamento. Desde o tempo em que Nosso Senhor realizou cerca de quarenta milagres demonstrativos, tem ocorrido sinais adicionais das Suas visitas de cura a alguns fiéis, até mesmo nos nossos dias. Isso sabemos nós com certeza. Mas, aquilo que nós devemos perguntar a nós

mesmos com mais precisão é: qual a verdadeira natureza de um milagre fidedigno? Consideramos o milagre como uma ocorrência extraordinária, visível em si e não meramente nos seus efeitos, um acontecimento inexplicável em termos de forças ordinárias, só explicado por meio da especial intervenção de Deus. É através de contínuos milagres que Deus se revela a Si Mesmo e de acordo com a Sua divina vontade. No entanto, nem todas as curas aparentemente creditadas à fé podem ser atribuídas à intervenção de Deus. Lembra-se bem, que de cada cinco mil curas ocorridas no santuário de Nossa Senhora de Lourdes, a Igreja possivelmente só considerará como verdadeiramente miraculosas cerca de um por cento.

-Porque a maioria dessas curas é de caráter imaginário, interveio Gayda num tom cheio de pedantismo.-A imaginação, o poder da sugestão manifestam resultados impressionantes. Por exemplo, vejamos o caso da falsa gravidez. A rainha Maria, que foi soberana da Inglaterra até 1588, tinha um desejo tão intenso de ter uma filha que esteve por duas vezes falsamente grávida, muito embora todos os seus sintomas tivessem uma aparência de fidedignos. Outro exemplo é a demonstração feita por um neurologista em Paris nos anos trinta. O médico disse a um doente, com os olhos previamente vendados, que acabava de lhe colocar uma chama por baixo de um braço e que o local estava queimado. No braço do examinado surgiu imediatamente uma bolha. Contudo o doente fora enganado, o membro nem sequer fora aflorado pela mais leve chama. Foi somente sugestionado com habilidade pelo médico. Lembramo-nos também dos chamados estigmatizados, ou que portam o estigma, sangrando de feridas como as que foram infligidas a Cristo... quantos casos desses, Monsenhor Riccardi?

-Através da história 322 casos verificados de pessoas sangrando nas mãos e de lado, tal como Cristo na Cruz. O primeiro foi São Francisco de Assis em 1224, e o último conhecido o de Theresa Neumann em 1926.

Gayda voltou-se de novo para Wheeler.

-Vê, George. Sugestão. Essas pessoas acreditaram piamente na Paixão. Sofreram o que Ele tinha sofrido. Reciprocamente, pelo mesmo poder de sugestão, a nossa Lori Cook ansiava tanto curar-se, e foi tão intensa a crença na nossa Bíblia, que se curou.

-Mas, isso é um milagre, pura e simplesmente um milagre! -exclamou Wheeler de braços levantados para o teto, como se invocasse a potestade divina.

Monsenhor Riccardi levantou-se, com um gesto de assentimento na direção de Wheeler.

- Pode ser. Devemos observar o caso com atenção. Pode muito bem ser o começo. Uma vez propagado o novo evangelho do nosso Jacob a todos os povos, alargar-se-á a fé na Paixão, e com crença, com fé, Nosso Senhor responderá e os milagres abundarão em toda a terra. Vamos orar para que isso aconteça.

Depois do prelado se retirar na companhia do editor italiano, Wheeler reteve Randall, dizendo com um orgulhoso júbilo:

- Steve, digo-lhe que estamos no bom caminho. Sinto-o dentro de mim. Esses teólogos sabem que é um milagre, o primeiro milagre divino que será atribuído ao nosso Novo Testamento Internacional. Mesmo se os protestantes não andam tanto à procura de milagres como os católicos, não poderão ignorar uma prova como esta. Ficarão impressionados pelos poderes da Nova Bíblia, e daí, concluímos a ânsia com que os católicos procurarão uma imprimatura para a nossa Bíblia. Quando se acender a luz verde para avançarmos, quero que você esteja pronto para fazer alarde deste ponto, Steve. Depois de termos feito o nosso anúncio ao mundo, poderá dar largas à história de Lori Cook como quem faz saltar rolha de uma garrafa de vinho espumante. Você imagina

melhor aval do que esse, Steve? Nada de dificuldade nas vendas. Apenas um legítimo trabalho missionário. Pense no bem que podemos fazer.

O bem que podemos fazer a dez dólares o exemplar, quis acrescentar Randall. No entanto refreou a língua...

Sobretudo porque estava impressionado.

Algo acontecera a uma pequena, a um passarinho que conhecia, uma moça que fora uma estropiada e que de repente deixara de o ser.

Não tinha resposta para o fenômeno. E a ciência, ao que parecia, também não. Por isso, qual a dúvida em lhe chamar milagre?

CAPÍTULO 6.1

Cinco horas depois, sentado numa cadeira em frente de Angela Monti, brincando com uma colher em cima da toalha de mesa polvilhada de pequenas bolinhas azuis de um café ao ar livre, Randall relatara a sua experiência no hospital.

Encontraram-se para almoçar no Pool, um café-restaurant, com esplanada, situado a meio caminho entre o Hotel Victória - onde Angela toda a manhã trabalhara em notas relativas às pesquisas de Ostia Antica - e o Krasnapolsky, onde Randall se mantivera febrilmente ocupado depois de sair do hospital com Wheeler.

Angela ouvira o relato e aceitara a história da cura milagrosa de Lori Cook sem surpresa e sem interrogações.

- Não porque eu seja uma católica excepcional, embora tenha fé religiosa, mas, porque suspeito que num mundo, aparentemente racional, existem multidões de mistérios que a nossa limitada capacidade mental não compreende. Na classificação das coisas vivas no universo o nosso nível deve ir pouco além do das formigas - explicara ela com simplicidade.

Angela agarrara-lhe depois a mão que ele tinha em cima da mesa, desejando solícita saber tudo o que ele fizera no resto da manhã após sair do hospital. Mas, antes que ele abrisse a boca surgira um garçon para receber o pedido.

Randall pegou um cardápio colorido com quatro folhas retratando outras tantas iguarias especiais do local, além dos menus normais. Pareciam mesmo alguns daqueles famosos pratos, muito suculentos, que a televisão apresentava em programas dedicados às donas de casa. Randall voltou-se para Angela.

- Tu conheces este lugar e também conheces os meus gostos. O que é que sugeres?

Angela pareceu ficar satisfeita.

-Para pessoas com muito trabalho a fazer, sugiro que comamos pouco. Pra falar a verdade são refeições leves. - Apontou para uma das fotografias do cardápio e dirigiu-se ao garçon.

-Queremos um goulash húngaro.

Logo que o garçon deu as costas, Angela fixou de novo os olhos em Randall.

-Steve, conta-me agora como passaste o resto da manhã.

- Ora, deixa-me concentrar idéias. Antes de sair do hospital telefonei-te, não foi? Como te disse, tudo de que te pudesses lembrar, notas tomadas por ti, documentos de teu pai a respeito da escavação e do achado poderão ser muito úteis para nós. Conduzindo-nos a umas quantas perguntas posteriores que serão aproveitadas para o nosso fim, depois de esclarecidas.

- Já escrevi parte desses apontamentos para tu apreciares.

- Excelente. Bem, depois do hospital fui para o Krasnapolsky. Les Cunningham e Helen de

Boex - são membros do meu pessoal de publicidade e em breve os conhecerá - estavam à minha espera para darem boas notícias. O governo holandês aprovou a nossa utilização do auditório do Palácio Real para anunciarmos ao mundo, em 12 de julho, a nossa descoberta e a publicação do Livro dos Livros. Obtivemos também a anuência para transmitirmos o acontecimento em escala mundial. Por intermédio do satélite de comunicações. Depois redigimos um memorando confidencial para os cinco editores, com cópias extra para outro pessoal do projeto que esteja ligado diretamente ao caso publicitário. Fizemos circular o memorando, apenso a uma nota escrita por mim aos editores sugerindo uma reunião para amanhã de modo a traçarmos os planos finais... Angela, eu não te contei a maior parte destas coisas quando te telefonei do Kras para almoçarmos juntos?

-Sim, contaste-me umas quantas coisas sobre o teu trabalho.

-Detesto repetir-me. Mas é tanta coisa ao mesmo tempo que eu...

-Gosto que repitas. Adoro o som da tua voz. O que é que aconteceu a seguir, Steve?

-Bem, depois convoquei o pessoal do meu departamento para uma reunião no Quarto 204... fica no andar acima do gabinete e é utilizado para reuniões publicitárias, mas é um aposento tão atraente que pensei que seria agradável estarmos ali os dois isolados...

Angela acariciou-lhe a mão.

-Ainda encontras tempo pra pensar em mim durante o teu trabalho? Sinto-me envaidecida, mas, a verdade é que estás demasiado assoberbado pelo trabalho para poder pensar em termos de homem com gregários instintos domésticos.

- Espero que possa ter uns momentos disponíveis. Na verdade o fator tempo exerce uma tremenda pressão sobre nós. Bom, seja como for, reuni-me com o meu pessoal e disso tiremos proveito.

- O que é que vocês discutem numa reunião de publicidade?

- Conte-lhes tudo o que ocorrera. O único membro que sabia do caso desde início era Jessica Taylor. Falei-lhes do caso Lori Cook, da leitura do Evangelho Segundo Jacob e do acontecido posteriormente, ou seja, como ela agora já pode caminhar normalmente. Criei um ambiente de grande sensação. Nomeei Jessica para escrever duas reportagens - uma para ser publicada em nome de Lori Cook contando a vida dela, os anos em que viveu com a enfermidade deformante, a longa busca de um milagre e o sucedido depois de ler Jacob e Petrólio. A outra, uma história da própria Jessica relatando sua experiência com Lori Cook na noite em que a socorreu. Designei Paddy O'Neal para preparar um artigo a respeito da ocorrência, salientando determinados fatos relacionados com o lançamento da nossa nova Bíblia. Evidentemente, esse material, depois de previamente impresso, continuará retido até à confirmação dos médicos e dos teólogos. Uma vez obtidas as confirmações, as histórias estarão prontas para serem oficialmente publicadas. Serão reportagens que lançaremos ao público depois de termos feito o anúncio público do evento via satélite.

Admirada, Angela abanou a cabeça.

-A minha sabedoria a respeito de publicidade foi sempre muito limitada. Pensei que os jornalistas e os repórteres da televisão andavam a cavar notícias, tal como meu pai procede às suas escavações para encontrar qualquer coisa de valor.

Randall soltou uma gargalhada.

-Nem sempre as coisas acontecem assim. Claro, que os homens da imprensa diária cavam e encontram as suas próprias notícias. Mas, os editores dependem das pessoas que fazem publicidade para uma maior e melhor partilha dos frutos. Se pretenderes umas quantas revelações relativas à guerra, política, invenções, religião, ensino; dependerás de

elementos ligados às relações públicas que pertençam a um comando militar, ou ao pessoal de um dirigente nacional, tal como, pessoas de destaque na Igreja ou nas escolas. Não são só os espetáculos, os jogos, ou os produtos industrializados que possuem publicitários. Quase todas as coisas dependem de uma publicidade bem orientada. Por mais estranho que pareça, até Jesus Cristo. Não dependeu Ele dos apóstolos e dos discípulos para irem pelo mundo espalhando a Palavra?

-É uma coisa que soa quase a cinismo - disse Angela.

-Sim, por vezes parece que sim, mas, habitualmente, não contém a mínima intenção cínica. Acontecem tantas coisas diariamente no mundo, coisas que os órgãos de informação não podem saber a cada minuto que se processam. Os meios de informação necessitam de ajuda, uma ajuda que nós, os publicitários, lhes prestamos mesmo fora dos nossos interesses pessoais. E cada um de nós tenta dar aos meios de informação, algo que julga mais importante para o público do que as ofertas da competição.

-Que mais debateram vocês na reunião, Steve?

-Revelei material extra sobre aquilo que me contaste em Milão a respeito de teu pai, e disse ao pessoal que tu te encontravas aqui para fornecer mais informações arqueológicas. Prometi-lhes que iriam ter transcrições das entrevistas que gravei com Aubert sobre o processo de autenticação e com Hennig sobre a impressão tipográfica da Bíblia. Discutimos a seguir algumas idéias para histórias... Ah, é verdade, o Dr. Florian Knight esteve na reunião. Lembras-te de o ter mencionado durante o jantar de ontem?

- O jovem cheio de ressentimentos do Museu Britânico?

-Esse mesmo. Mas, tal como a namorada dele me prometeu, veio ter conosco. Ainda cheio de azedume, mas relutantemente cooperativo. O Dr. Jeffries tinha toda a razão. O jovem Knight é um mago absoluto, no dialeto aramaico e nos comentários aos textos bíblicos - uma espécie de trabalho de detetive sobre as escrituras que serviu para autenticidade dos textos. Foi um pouco difícil com todas aquelas perguntas e respostas cruzando-se, apesar de usar um aparelho auditivo, mas logo que fez uma idéia daquilo que nós precisávamos, foi verdadeiramente fascinante, e todo o meu pessoal anotou as suas palavras.

-Do que é que ele falou, Steve?

- Expliquei principalmente o modo como o Dr. Jeffries e as suas equipas procederam para traduzirem o Novo Testamento Internacional. Contou os pormenores do trabalho, como o Dr. Jeffries seguiu o método utilizado há três séculos pelos tradutores da versão do Rei Jacob. Sabes como foi?

-Não faço a mínima idéia - respondeu Angela - excetuando que a Versão Autorizada - a do Rei Jacob, que como católica, só li num curso sobre livros clássicos - é o escrito mais maravilhoso publicado em língua inglesa.

-E a única grande obra de literatura, desde sempre, sendo produzida por uma comissão. Segundo o Dr. Knight, em 1604 havia uma enorme discórdia religiosa na Inglaterra; de certo modo dando um propósito comum aos membros da Igreja em dissensão, o Rei Jacob aceitou a proposta de um puritano chamado Dr. Reynolds, reitor de um colégio em Oxford, e ordenou a 54 eclesiásticos que, fizessem uma nova tradução da Bíblia. Aparentemente, o Rei Jacob seria a última pessoa que se esperaria que instigasse um projeto de tal vulto. Gostava de livros, mas gostava muito mais de libertinagem. Era um homem cheio de vaidade e extremamente afeminado, de tal maneira que os seus súditos costumavam dizer dele que a Rainha Jacob sucedera ao Rei Isabel.

Angela não pôde conter a explosão de riso.

-Muito inteligente. Foi o Dr. Knight que te contou isso?

-Parece, que quando quer, também é uma criatura divertida. Bom, de modo que o Rei Jacob acabou por aprovar uma comissão de quarenta e sete tradutores, um grupo muito diverso e intrigante. O mais velho dos elementos tinha setenta e três anos, o mais novo vinte e sete. Eram pregadores, professores, lingüistas, gramáticos e eruditos. Um sabia quinze línguas, incluindo o aramaico, o persa e o arábico. Outro fora professor de grego da Rainha Isabel. Outro ainda, desde a idade dos seis anos, que lia a Bíblia em hebraico. Um deles era um refugiado belga, outro um bêbedo. Determinado indivíduo, que fazia parte da comissão, consumido pela tuberculose, trabalhou na obra mesmo no leito de morte. Um dos eruditos, que faleceu durante o projeto, era um viúvo, que deixou sete filhos desamparados. Bom, a comissão foi dividida em seis grupos: dois traduzindo em Oxford, dois em Cambridge e dois em Westminster. Um dos comitês de oito membros em Oxford encarregou-se de metade do Novo Testamento, e o comitê de Westminster da outra metade.

-Mas, Steve, como é que eles traduziam em conjunto?

-Porque cada comitê se encarregava de uma parte da Bíblia para verter do hebraico e do grego em inglês, estando cada indivíduo do comitê encarregado de um ou mais capítulos para traduzir. Os membros dos vários grupos liam uns aos outros as suas traduções, aproveitavam sugestões, faziam correções e, uma vez acabada a parte que lhes coubera, enviavam-na para um comitê diferente para nova revisão. Tudo ficou concluído no espaço de dois anos e nove meses. Depois, nomeou-se uma junta composta por vinte elementos para rever e unificar a primeira redação. Finalmente, um homem, o filho de um carnicheiro que aos dezenove anos se doutorara por Oxford, o Dr. Miles Smith, fez a redação final, sob a fiscalização de um bispo. Resultado? As quinze centenas de páginas da Versão Autorizada do Rei Jacob, publicada em 1611, cinco anos antes da morte de Shakespeare.

-E o nosso Novo Testamento Internacional foi preparado da mesma maneira?

Randall fez um gesto afirmativo com a cabeça.

- O Dr. Jeffries criou três comitês formados por cinco lingüistas comentadores de textos, eruditos, profundos conhecedores de todo o essencial sobre o século 1. O Dr. Trautmann serviu de conselheiro ao comitê de Cambridge, e eles traduziram os quatro evangelhos e os Atos. O Professor Sobrier juntou-se ao grupo de Westminster, que traduziu desde a Epístola de São Paulo aos Romanos até o Apocalipse. O Dr. Jeffries e o seu comitê de Oxford encarregaram-se da tradução do Pergaminho Petrônio, do Evangelho Segundo Jacob e do material dos comentários e notas. Um terrível trabalho... E, Angela, aqui temos finalmente o nosso almoço.

Enquanto comiam o toldo azul do Café de Pool foi levantado. Não brilhava o sol. O dia continuava com um ar cinzento e carrancudo, com a atmosfera cheia de umidade.

Randall e Angela entreteram-se observando os transeuntes que circulavam na rua, para além da esplanada, demarcada por séries de arbustos colocados em artísticos vasos, protegidos pelo entrelaçado de grades na altura das mesas.

Randall acabara de comer quando um rapaz, circulando por entre as filas de mesas, lhe colocou quase ao lado do prato vazio um prospecto publicitário. Randall deu uma olhada no papel e levou-o depois até junto dos olhos como se não quisesse acreditar.

- Angela que diabo é isto?

No folheto, redigido em inglês, lia-se em letras garrafais: «ENJOY WIGNAND FOCKING Corner of PijIsteeg ana Dam». Angela esboçou um sorriso.

- É publicidade sobre um antigo bar das vizinhanças que dá origem a um humor frívolo e pretensioso para os turistas ingleses. Focking é um famoso conhaque holandês. Queres

saborear um cálice? Randall amassou o prospecto e atirou-o para o chão.

- Não, obrigada. E nada de más interpretações, pois prometo-te que não haverá. Julgo que é melhor regressar ao Kras de cabeça fresca.

-Eu também julgo que será melhor voltar para o meu quarto para trabalhar mais um pouco, a não ser...

- A não ser o quê?

- A não ser que precises da minha ajuda como secretária. Se Lori Cook vai estar duas semanas no hospital, precisamente as duas semanas mais duras e críticas para ti, deves pois precisar de uma secretária, não é verdade?

- Sou capaz de te pegar na palavra e poderás aproveitar para realizar o teu trabalho.

Queres na verdade o emprego?

- Se tu me quiseses.

- Quero.

- Sinto-me feliz por te poder ajudar. Vou ao Victória buscar as minhas notas...

- E eu vou contigo para te ajudar a levares para a escola os teus trabalhos de casa.

Depois de paga a conta, Randall e Angela começaram a caminhar pela movimentada via pública. Percorreram a Damrak até o Hotel Victória, uma velha construção de seis andares que ficava numa estratégica esquina, de um lado um canal e via-se relativamente perto uma estação de estrada-de-ferro; do outro lado ficava com vista a um porto conhecido como Open Haven Front.

A umidade contida na atmosfera era opressiva. Assim que saíram do elevador no espaçoso patamar do primeiro piso e se encaminharam para o quarto 105, a camisa de Randall estava molhada em suor. Os aposentos de Angela estavam frescos. Era um cómodo de dois quartos, um que servia de sala de estar e outro de quarto. As paredes pintadas de uma cor creme e o chão coberto com um tapete esverdeado. Via-se uma espaçosa cama, um guarda-roupa de mogno, várias cadeiras com braços, uma delas em frente de uma escrivaninha onde estava a máquina de escrever portátil de Angela e ao lado uma resma de papéis.

-Angela - disse Randall - enquanto tu juntas as coisas para levares para o escritório, importas-te de eu tomar um rápido banho de chuveiro? Estou bastante necessitado de me refrescar.

-Na verdade não tenho o que se possa chamar um autêntico chuveiro, mas sim um braço manual dentro da própria banheira. Mas espalha sem dúvida um belo leque de água.

-Perfeito para mim. - Libertou-se dos sapatos, do casaco e do resto das roupas até ficar apenas com os shorts de malha no corpo. Vendo o olhar atento de Angela, perguntou-lhe:

- Que estás tu vendo?

- Como tu és à luz do dia.

-E então?

- Então... podes agora ir tomar banho.

Randall dirigiu-se para o banheiro, situado quase ao lado da cama. Os mosaicos do chão estavam frios. Agarrou no tapete de banho, de espuma de borracha cor-de-rosa, que se encontrava suspenso num varal metálico e colocou-o junto da banheira. Depois tirou os shorts e entrou para a espaçosa banheira, levantando do descanso o chuveiro manual. Fez uma sábia mistura de água quente e fria até obter uma temperatura ideal e começou espalhando água por todo o corpo.

Sentiu mais conforto. Levou a mão à saboneteira e passou o agradável sabonete por todo o corpo até obter uma maravilhosa e refrescante espuma esbranquiçada.

Quando se voltou para colocar o sabonete de novo no seu lugar, ouviu as argolas metálicas correrem no varal que sustentava a cortina. Voltou-se com tanta rapidez que quase se desequilibrou. Na sua frente, pela nesga da cortina protetora aberta, estava Angela, esplendorosa, nua. Randall esbugalhou os olhos ao contemplar aquele rosto cheio de beleza, os empertigados e bem desenvolvidos seios com os rosados mamilos, as amplas ancas e as roliças coxas a formarem uma tersa massa de carne em volta da encaracolada pilosidade púbica, que mal conseguia esconder o prolongado vinco central.

Sem pronunciar uma palavra, ela entrou também na banheira. Agarrou no sabonete, sorriu e disse:

- Steve, também sinto calor.

Angela começou passando a barra do sabonete pelo corpo de Randall, ensaboando-lhe bem as costas, ao longo das nádegas, entre as pernas, enquanto Randall lhe dirigia para o corpo o braço do chuveiro, perguntando:

-Que tal está?

- Oooh... bem bom, bem bom. Pronto, agora quero-me ensaboar.

Randall desviou o chuveiro, observando-a a ensaboar-se metodicamente até se assemelhar a uma criatura etérea composta por um milhão de bolas de sabão. A medida que as bolas de sabão se dissolviam, revelaram primeiramente um dos firmes mamilos rosados e depois o outro. A seguir, fios de água e de espuma escorreram-lhe pelo corpo, por entre os seios, pelo ventre, convergindo em inúmeras ramificações para o V formado pelas pernas fechadas. Randall sentiu-se fremir, sentiu o arranque da sua virilidade. Pousou o braço do chuveiro manual e agarrou-a, atraindo-a ao seu corpo cheio de espuma.

-Ummmmm, Steve, que coisa maravilhosa.

-Amo-te, minha querida.

Angela recuou ligeiramente e olhou para a parte inferior do corpo, dizendo:

-É uma coisa linda... Não percamos tempo.

Com uma das mãos, ela afastou de novo a cortina e os dois, agarrados, saíram da banheira. Angela deixou-se, cair de joelhos no amplo tapete de espuma de borracha, arrastando-o consigo. Ajeitou-se depois até ficar de costas, com Randall por cima do seu corpo e entre o esplendor das suas pernas, como duas colunas douradas.

Era um movimento espontâneo, maravilhoso e ambos tiveram ao mesmo tempo consciência de que não seria sequer preciso que iniciassem o prévio jogo do amor. Randall foi inclinando o corpo até se encontrar bem por cima dela, rosto com rosto, depois de ter olhado para baixo e visto o vermelho aveludado do seu orifício vaginal à espera, numa ânsia louca. Introduziu o entumecido pênis naquele sexo que o aguardava, naquele ninho de amor e de desejo, fundo, mais fundo e cada vez mais fundo, deixando-se depois ficar quieto, mergulhado nele, enquanto as mãos de Angela lhe percorriam as costas em arrepiantes carícias.

-Nunca tinha tido nos meus braços uma sereia - falou Randall rouco.

-E então, que tal? - perguntou ela também num murmúrio soluçado, quase inaudível.

Randall não lhe pôde responder, porque, ambos começaram a movimentar, e porque ela sabia «que tal», sabia muito bem, como ele, sabiam os dois a resposta sem precisarem de palavras.

O corpo dele, úmido, produzia um som de esparrinhar de água contra o corpo dela. Ritmo... loucura... movimento... movimentos em todas as direções possíveis... novas dimensões no amor... mais rápido, cada vez mais rápido.

Randall teve ainda tempo para pensar que aquela «cópula» representava na verdade o

termo adequado, sem jogos de palavras. Pura verdade. Uma cópula que embriagava mais do que todos os conhaques do mundo. Carne molhada contra carne molhada, depressa, cada vez mais depressa, como que o úmido aplauso de dois corpos que se devoravam, que se fundiam que procuravam uma razão de vida.

O flash de um pensamento na mente de Randall: «Oh, meu Deus, vou acabar! - E em voz alta:

- Angela, Angela, meu amor!

Nunca aquela explosão, aquela expulsão de algo profundamente enraizado nos seus arcanos atingira um momento tão alto, um tal nível e uma tal impressão de felicidade.

CAPÍTULO 6.2

A tarde ia já no meio quando Randall regressou ao Hotel Krasnapolsky. Ainda um pouco perdido no seu sonho de amor, foi despertado de chofre, para descer na verdade das realidades imediatas.

Acabara de entrar no hotel, exibindo o seu cartão vermelho, quando o guarda lhe disse:

- Mr. Randall, ando à sua procura por toda a parte. O inspetor Helderling pretende que o senhor se dirija imediatamente para Zaal C.

- Zaal C?

-A sala de conferências privativa que fica ao lado das escadas, no primeiro andar.

-E onde é que está o inspetor?

-Reunido com os editores na Zaal C.

- Obrigado.

Randall apertou o passo.

Chegou ali eufórico, desanuviado, em paz. Atrás de si, no Hotel Victória, deixara Angela deitada na cama, para onde a transportou e sobre a qual ela adormecera imediatamente, feliz como uma criancinha fatigada depois de brincar. Vestira-se logo a seguir e saíra ainda impregnado de todo aquele amor, daquela entrega pura. Mas, repentinamente, produzira-se uma transformação em todo o seu ser. Na Zaal C aguardava-o um grupo de homens que o procuraram por toda a parte.

O instinto de Randall dizia-lhe que algo de errado ocorrera.

Nem sequer se dirigiu para o elevador. Subiu as escadas de quatro em quatro degraus.

Quando chegou ao patamar, parou para respirar e para localizar o aposento indicado. Lá estava a porta marcada ZAAL C. Lançou a mão na maçaneta da porta para entrar, mas ela não cedeu. Os nós dos seus dedos bateram impetuosamente na almofada de madeira. Esperou por alguns momentos depois uma voz perguntou lá de dentro.

-Mr. Randall, está sozinho?

- Estou - respondeu.

Ouviu um trinco deslizando, depois a maçaneta girando e a porta finalmente aberta; revelou-lhe um fleumático inspetor Helderling a indicar-lhe com um largo gesto que entrasse.

Ao primeiro vislumbre dos editores sentados em volta da mesa de conferências, Randall soube que o seu instinto não o enganara. Sem dúvida que qualquer coisa corria mal, muito mal.

Sob uma neblina de fumo, sentavam-se os editores -Deichhardt, Wheeler, Gayda, Young, Fontaine - e entre eles o inspetor Helderling. Vendo uma cadeira vazia, provavelmente destinada a ele próprio, Randall. Mas, na sala estava mais uma pessoa. Num canto, com

um bloco-notas pousado no colo, e um lápis em cima dele, estava sentada Naomi Dunn. Aquelas caras, que já se lhe tornaram familiares, representavam indivíduos isolados, mas naquele momento pareciam a Randall que eram todas iguais. Verificou que essa aparente semelhança se devia por estarem todas marcadas com o mesmo ar de preocupação. Os editores pareciam na verdade profundamente perturbados.

-Steve, onde diabo é que você está? Bom, isso agora não interessa.-A sua mão, num gesto impaciente, designou-lhe a cadeira vazia, que ficava situada entre a dele e a de Deichhardt. -Convocamos esta reunião de emergência há mais de meia hora. Precisamos do seu auxílio.

Randall, impressionado, sentou-se, observando atento os gestos de Helderling que voltava correndo o trinco, recuperando o seu lugar. Uma vez que toda aquela gente fumava cigarros ou charutos, Randall, nervoso, procurou o cachimbo.

-Muito bem, afinal o que é que se passa? -perguntou.

Foi Deichhardt, na sua voz gutural, quem lhe respondeu.

-Mr. Randall, pretendemos ter a certeza sobre determinado assunto. - Procurou entre um maço de papéis que se encontravam na sua frente, e tirou uma folha mimeografada. - Será este o memorando confidencial que esta manhã nos mandou distribuir?

Randall olhou e confirmou:

-Exatamente. Trata-se do memorando propondo que façamos o anúncio público do Novo Testamento Internacional de uma tribuna montada no grande salão de cerimônias do Palácio Real Holandês. Recomendando que essa declaração seja feita em conferência de imprensa e depois espalhada para todo o mundo via satélite. Se estiverem dispostos a isso, temos já acordos relativos ao assunto com as respectivas autoridades.

- Claro que sim. Estamos dispostos a aceitar esses acordos. Tem a nossa unanimidade - garantiu Deichhardt. - É sem dúvida uma idéia brilhante, uma das mais válidas para o nosso projeto.

- Obrigado. - agradeceu Randall cauteloso, imaginando aquilo que perturbava os patrões.

-Bom, voltando a este memorando - Dr. Deichhardt agitou o papel, preso entre o polegar e o indicador - a que horas é que o pôs em circulação?

Randall tentou lembrar-se com exatidão.

-Por volta... talvez, por volta das dez da manhã.

O Dr. Deichhardt tirou do bolso do colete um imponente e maciço relógio de ouro, ao qual abriu a tampa lavrada.

-Ora agora são quase quatro horas da tarde. De modo que... -os seus olhos correram por todas as pessoas sentadas ao redor da mesa...De modo que, o memorando confidencial foi posto em circulação há seis horas. Muito interessante.

-Steve, quantos exemplares do memorando tirou? - perguntou Wheeler, que puxou a manga do casaco de Randall para lhe atrair a atenção.

-Bem, não tenho aqui a lista... Todavia, julgo que os exemplares se destinaram a todos os que se encontram sentados à esta mesa...

-Mas quantos exemplares? -insistiu Wheeler.

- Quantos? Ora... dezenove, segundo creio.

Wheeler voltou a intervir.

-Pois muito bem, aos presentes distribuíram-se sete exemplares. E os outros doze?

- Deixem-me pensar...

Naomi levantou-se para falar.

-Para o caso de lhes interessar, tenho aqui comigo a lista de distribuição.

-Muito bem. Mencione os nomes das pessoas que receberam cópias, com exceção das que estão nesta sala.

Naomi exibiu uma folha de papel datilografada. Principiou lendo, cada um dos nomes.

-Jeffries, Riccardi, Sobrier, Trautmann, Zachery, Kremer, Groat, O'Neal, Cunningham, Alexander, de Boer, e Taylor. Doze, com os sete aqui presentes, dezenove.

Sir Trevor Young abanou a cabeça.

- Incrível. O nosso pessoal de maior destaque e com mais segurança. Mr. Randall, será que nos esquecermos de alguém? Passou verbalmente o conteúdo deste memorando a mais alguma pessoa?

- Verbalmente? - Randall enrugou a testa, concentrando-se. Ah, claro que sim, Lori Cook, como minha secretária, sabia que sondávamos o Palácio Real e a direção do satélite, mas o fato é que nunca chegou a ver este memorando. Ah... é verdade, também mencionei o documento a Angela Monti, que se, encontra em Amsterdã representando o pai...

O Dr. Deichhardt, espreitando por cima dos óculos na direção do inspetor Helderling, perguntou:

-Miss Menti tem assegurada a anuência dos serviços de segurança como pessoa em quem se possa confiar inteiramente?

-Sem a mais leve sombra de dúvida - respondeu o inspetor.-A esse respeito não há problemas. Todas as pessoas nomeadas foram aprovadas pela segurança e consideradas da maior confiança para o projeto.

- Bom, só resta eu - disse Randall frivolumente. - O diabo é que sou o autor do memorando.

O Dr. Deichhardt: emitiu uma espécie de resmungo.

-Vinte e uma pessoas, com exceção de Miss Cook no hospital. Foram vinte e uma as pessoas, nem uma a mais nem uma a menos, que leram ou ouviram falar no conteúdo deste memorando confidencial. Todos são de confiança. Confesso-me desorientado.

-Desorientado com quê? - perguntou Randall, notando-se na voz uma leve irritação.

O Dr. Deichhardt rufou com os dedos no tampo da mesa.

- Intrigado e desorientado pelo fato de, três horas depois do senhor por em circulação o memorando confidencial, o seu conteúdo já ser conhecido e encontrar-se nas mãos do Reverendo ... o Dominee Maartin de Vroome, Hervord Predikant... pastor de Westerkerk, que é um membro da Igreja Reformada Holandesa. É também dirigente principal do NIRRC Movimento Radical de Reforma Cristã, espalhado por todo o mundo.

Randall levantou-se da cadeira em que estava sentado, com os olhos muito abertos, completamente atônito.

-De Vroome... então ele tem em seu poder o nosso memorando confidencial?

-Exatamente - respondeu o editor alemão.

-Mas isso é impossível!

-Impossível ou não, Steve, tem-no em seu poder - disse Wheeler.

-Quer dizer que de Vroome conhece o local, método e data em que faremos o nosso anúncio ao mundo. E como é que os senhores sabem que ele sabe essas coisas? Que tem em seu poder os dados contidos no memorando? perguntou Randall.

Foi a vez de Deichhardt responder.

- Porque tal como o Dominee de Vroome conseguiu penetrar na nossa segurança, nós conseguimos penetrar na segurança do seu reduto, abrimos uma brecha nas suas muralhas. Possuímos no momento um informante dentro do seu movimento, que desempenha as funções...

O inspetor Helderling levantou-se, fazendo um gesto impeditivo com a mão.

-Cuidado, Herr Professor, muito cuidado...

O Dr. Deichhardt fez um gesto de compreensão, baixando a cabeça ao chefe da segurança do projeto. Depois voltou-se outra vez para Randall.

-Bem, os pormenores não lhe interessam. O que interessa é que temos alguém ligado ao MRRC. Essa pessoa telefonou-me há pouco anunciando-me o conteúdo do memorando confidencial, que aliás o Dominee de Vroome enviou já para a chefia do movimento, juntamente com uma mensagem... também confidencial, é evidente... que o Reverendo enviou a um dos seus mais bem colocados colegas. Quer conhecer a mensagem? Aqui está ela.

Randall aceitou a folha de papel que o editor alemão lhe estendia. Com todo o cuidado, leu: «Caro Irmão na Causa:

Confidencialmente dou-lhe notícia de que o sindicato ortodoxo fará o anúncio público das descobertas e da nova Bíblia a partir do salão principal de cerimônias do Palácio Real de Amsterdã. A declaração e cerimônia serão transmitidos via sistema satélite na sexta-feira dia 12 de julho. Estão em progresso os preparativos para anteciparmos o evento. Muito em breve receberá informação sobre uma reunião que realizaremos em Westerkek. Por ocasião dessa reunião teremos em nosso poder um exemplar antecipado da nova Bíblia. Ora, o nosso anúncio e denúncia do caso ao mundo, será feito através de uma conferência de imprensa, com dois dias de antecedência sobre a programada declaração no Palácio Real. Será mais do que um golpe que vibraremos à propaganda deles, vamos destruí-los e calá-los para sempre.

Em nome do Pai, do Filho e do Futuro da Nossa Fé,

DOMINEE MAERTIN DE VROOME.»

Foi com a mão tremendo que Randall devolveu o papel ao Dr. Deichhardt.

-Como é que ele conseguiu saber? - perguntou Randall, mais pra si mesmo do que para os outros.

-É precisamente aí que reside a questão - disse o Dr. Deichhardt.

-E o que os senhores farão a respeito do caso? - quis saber Randall.

-Isso constitui outra questão diferente. - Respondeu Deichhardt. - Com relação a isso já decidimos a primeira medida a tomar. Uma vez que o Dominee de Vroome já sabe a data da nossa declaração ao mundo, decidimos modificá-la para alguns dias antes, mantendo a nova data um estrito segredo entre as pessoas que se encontram nesta sala – extensivo aos demais colaboradores como Hennig. Todavia, a data só será anunciada no derradeiro momento. Assim, entramos em acordo para que a nova data passe de 12 de julho, sexta-feira, para segunda-feira dia 8... quatro dias antes. Sem dúvida, que o senhor, Randall, poderá proceder novos arranjos com respeito à nossa reserva para o Palácio Real e para a transmissão via satélite.

Randall mexeu-se no seu lugar, visivelmente inquieto.

- Não me sinto preocupado a respeito dos novos arranjos. O que me preocupa é a redução de tempo imposta ao meu departamento. A partir de amanhã restam-nos somente duas semanas e três dias para que preparemos a maior e mais decisiva campanha de publicidade e promoção dos tempos modernos. Não sei se o que pretendem poderá ser feito.

Dessa vez foi Gayda quem falou.

- Se o senhor fosse um crente saberia que tudo pode fazer-se. A fé move montanhas.

Monsieur Fontaine meteu a sua colherada.

-Embora, para um descrente, uma bonificação extra em dinheiro, servirá com certeza como melhor incentivo do que a própria fé.

Randall manifestou o seu desagrado.

- Nem eu nem o meu pessoal precisamos de estímulos com qualquer gorjeta. Tudo o que eu preciso é de tempo, a única coisa que aparentemente não posso ter.-Encolheu os ombros.-Ok... duas semanas e meia.

-Excelente - disse o Dr. Deichhardt. - Outra razão para mudarmos a data da nossa declaração não deriva da contra-manobra de de Vroome, mas como medida também de encurtar o período em que possa acontecer algo de errado. Poderia ocorrer nova fuga sobre os progressos do nosso labor. Sr. Randall, nós já alertamos Herr Hennig, em Mainz, da modificação nos planos e da necessidade de obtermos as bíblias mais cedo. Hennig vai enviar os exemplares e, por isso, os elementos do seu departamento terão a oportunidade adequada de lerem o Petrônio e o Jacob, a tempo de prepararem todo o edifício publicitário. Mas, dentro desse processo, é evidente que nos expomos a um perigo ulterior. O senhor leu a mensagem do Dominee de Vroome. Ele promete aos seus partidários que terá em seu poder um exemplar no Novo Testamento Internacional antes de lançarmos a obra ao público. O tom em que escreveu é de uma certeza cheia de arrogância. Espera que o traidor que lhe facultou o nosso memorando secreto em breve lhe entregue a Bíblia. Ora dessa forma, surgem-nos duas perguntas fundamentais: Como é que de Vroome obteve o memorando? Como é que obterá a nossa Bíblia? Resumindo: Quem será o traidor que se encontra entre nós?

- Sim, quem é o Judas Iscariotes dentro do nosso projeto? - estrondeou Wheeler. -Quem é que nos vendeu ao Diabo por trinta miseráveis moedas de prata?

- E como é que nós o descobriremos antes que ajude a destruir-nos?-rematou Deichhardt. Randall olhou em volta.

-Já pensaram em alguma idéia para resolução do caso?

O inspetor Helderling, que escrevia qualquer coisa num bloco-notas, levantou a cabeça.

- Sugerir o detector de mentiras para todas as pessoas... isto é, as vinte e uma pessoas que receberam o memorando ou, que tiveram conhecimento dele.

-Não, não, isso não-disse o Dr. Deichhardt abanando a cabeça. - Seria uma medida de extremo desespero, capaz de instaurar a desmoralização entre os que nos são completamente fiéis. O trabalho ressentir-se-ia, com evidente prejuízo para o projeto.

- Mas lembre-se que nem todos são fiéis - insistiu o inspetor. - Pelo menos há uma pessoa desleal. Não vejo qualquer outro método para conseguirmos saber a verdade.

- Tem que haver um modo melhor - persistiu o Dr. Deichhardt.

Randall, que escutava a troca de palavras como se lhe chegassem de um outro mundo, tentava fixar idéias sobre a revelação que acabara de obter, elaborando um método que lhe parecia ser eficiente. A maneira de apanhar o traidor seria preparar-lhe uma armadilha dentro do mesmo sistema que o «Judas» aproveitara para fornecer informação a de Vroome. Ignorando as vozes que se entre cruzavam de um para outro lado da mesa, concebeu uma armadilha que se afigurava inteiramente lógica e que constituiria uma espécie de prova do fogo. Logo que a elaboração mental se completou, interrompeu os outros decididamente:

- Tive uma idéia. Tenho a impressão que funcionará dentro daquilo que pretendemos. Aliás, é uma coisa que podemos pôr imediatamente em execução.

Teve a noção de que todos aqueles olhos o devoravam, enquanto se estabelecia um silêncio de morte. Agarrando pensativo o cachimbo, levantou-se, deu alguns passos no

espaço entre a cadeira e a parede, voltando a aproximar-se da mesa.

- É uma armadilha de uma simplicidade aflitiva, mas a verdade é que não vejo nela qualquer falha que nos impeça de descobriremos rapidamente o traidor. Escutem: suponhamos que elaboramos um segundo memorando ultra-secreto, um documento sobre o desenvolvimento dos nossos planos publicitários. Seja o que for que inventemos para o documento não está agora em causa, mas o memorando deverá ter toda a verossimilhança de uma informação melindrosa a respeito da campanha de produção que, é lógico, seguirá ao anúncio do Palácio Real. Digamos que vamos enviar esse memorando às mesmas pessoas que receberam o documento anterior... Bem, julgo que o documento seja fornecido às pessoas que se encontram agora aqui... mas enviaremos exemplares a todos os outros envolvidos no caso. Cada exemplar do novo memorando será, no mais lato sentido do termo, uma cópia de um documento de base, com exceção de uma palavra. Isto é, em cada exemplar haverá uma palavra que nenhum dos outros contenha. Faremos uma lista rigorosa das pessoas que receberão o memorando, e inscreveremos à frente do nome a palavra especial designada na sua cópia. Estão vendo onde quero chegar? Logo que o documento chegar às mãos da pessoa que nos traiu, sem dúvida que o conteúdo, palavra por palavra, será transmitido ao Reverendo de Vroome. Ora o vosso informante no quartel-general do Dominee de Vroome terá conhecimento do caso e imediatamente relatará ao Kras o texto obtido. Dado que o memorando não será exatamente como os outros por virtude da simples diferença de uma palavra, procuraremos justamente saber qual é a palavra diferente no texto do documento passado a de Vroome e teremos descoberto o nosso «Judas».

Fez uma pausa para observar as reações.

-Não é má idéia, nada má mesmo-disse Wheeler.

O Dr. Deichhardt, bem como quase todos os outros, pareceu meio confuso.

-Pretendo certificar-me se na verdade consegui compreender o seu plano - disse o editor alemão. - Pode fornecer um exemplo concreto?

O cérebro de Randall era uma máquina viva e criadora que já estabelecera por completo o plano.

- Posso. Tomemos como exemplo a Última Ceia de Cristo. Quantos eram os discípulos que estavam com Ele?

- Toda a gente sabe que eram doze - respondeu enfático Sir Trevor Young. -Bom... Tomé, Mateus... e todos os outros.

- Ok, doze - anuiu Randall. - Serve às mil maravilhas. Vamos então estabelecer uma lista dos doze nomes pertencentes a doze pessoas deste projeto, que receberam, ou foram informadas sobre o conteúdo do nosso último memorando. Não há precisão de incluímos quem se encontra nesta sala, tal como já frisei. Incluindo Naomi, estão aqui oito pessoas, o que nos deixa treze hipóteses. Subtraíam ao número alguém de quem preciso para me auxiliar preparando a armadilha, por exemplo, Jessica Taylor. Responsabilizo-me por ela. Temos agora já doze nomes relacionados com o documento que servirá de isca. Mas, se nenhuma dessas doze pessoas nos trair, então o «Judas» terá forçosamente que estar entre Jessica, Naomi, eu ou qualquer dos que estão aqui presentes. Vamos, no entanto, jogar na hipótese mais segura do traidor ser um dos doze escolhidos, a pessoa que nos vendeu a de Vroome... Naomi, repita-nos os nomes dos doze.

Naomi levantou-se e destacou os nomes contidos na lista.

-Dr. Jeffries, Dr. Trautmann, Reverendo Zachery, Monsenhor Riccardi, Professor Sobrier, Mr. Groat, Albert, Kremer, Angela Monti, Paddy O'Neal, Les Cunningham, Elwin Alexander, Helen

de Boer.

Um outro nome passou pela cabeça de Randall: o Dr. Florian Knight-que chegara recentemente. Considerou acrescentar o nome dele à lista, mas teve receio. O jovem professor universitário, amargurado pelo projeto que lhe destruíra uma obra, ainda não devia ser admitido a semelhante jogo. Todavia, no caso de poder constituir um perigo, deveria pois ser incluído. Mas Randall, com todo o conhecimento dos problemas de Knight, hesitava em submetê-lo a tal prova. Sob qualquer circunstância, Randall pensou que também não seria necessário, dado que o mais provável seria o Dr. Jeffries partilhar o seu memorando com o protegido.

-Muito bem Naomi - disse Randall.-São exatamente as pessoas a quem vamos entregar os exemplares do novo memorando.

O Dr. Deichhardt emitiu um fundo suspiro.

-É difícil imaginar um deles traindo-nos. Foram todos devidamente investigados e aprovados pela segurança. A maior parte estão conosco desde os primórdios da Ressurreição Dois. Como todos nós, o seu interesse é de preservação do segredo da nova Bíblia.

-Mas alguém nos atraíu - lembrou Wheeler.

- Tem razão... Toda a razão... Continue, Sr. Randall.

- Ok - continuou Randall. - Digamos que o memorando passa a ter o seguinte texto: «Confidencial. Foi decidido que o anúncio público da nossa publicação fazendo no Palácio Real o dia por excelência dedicado à glória eterna de Jesus Cristo seja seguido por doze dias consecutivos dedicados aos doze discípulos que o Novo Testamento menciona pelos seus nomes. Esses dias serão devotados aos assuntos públicos de celebração da nova Bíblia. O primeiro dos doze dias será dedicado ao discípulo André». Esse memorando será enviado ao Dr. Jeffries. O nome de código para o Dr. Jeffries passará a ser André. Prepararemos depois um outro exemplar do documento, exatamente com as mesmas palavras, exceto o nome do discípulo, passando o último período lendo-se assim: «O primeiro dos doze dias será dedicado ao discípulo Filipe». Essa cópia será destinada a Helen de Boer. O nome de código para Helen passará a ser Filipe. A terceira cópia terminando com a referência ao discípulo Tomás e caberá ao Reverendo Zachery, que será conhecido pelo nome de código de Tomás. E assim sucessivamente ao longo de toda a lista, cada um desses doze colaboradores codificados com o nome de um dos discípulos. Pois bem, quando de Vroome obtiver uma cópia do memorando, saberemos pelo nosso informante quem nos atraíu. Admitamos que o exemplar chegado às mãos do Dominee tem o nome do discípulo André, nesse caso saberemos que o elemento traidor entre nós é o Dr. Jeffries. Percebem?

Levantou-se um coro de assentimento em volta da mesa. E o Dr. Deichhardt murmurou:

- Percebemos muito bem. É demasiado claro e demasiado assustador.

- Demasiado assustador? - repetiu Randall.

- Sim, conceber que alguém entre nós nos traiu.

-Se um dos doze discípulos de Cristo o pode trair - murmurou Randall bem calmo - porque é que não podemos acreditar que um dos nossos esteja de novo pronto a trai-Lo... destruindo-nos também?

- Tem razão - disse o Dr. Deichhardt. - Levantou-se ponderoso, observando os outros editores seus colegas e voltou-se depois para Randall. - Estamos todos de acordo. Há demasiado em causa para descrenças ou sentimentalismos. Prossiga com o plano, Mr. Randall. Pode começar imediatamente preparando a sua armadilha.

CAPÍTULO 6.3

Foi um dia longo e fatigante e, às onze e vinte da noite, Steve Randall sentia-se feliz por poder voltar aos seus aposentos do Arristel Hotel.

Mexendo-se no assento traseiro da «limousine» Mercedes-Benz, Randall teve consciência do farfalhar da folha de papel que meteu no bolso interior do casaco. Uma folha de papel onde estavam escritos os nomes dos doze apóstolos que serviram para a redação do memorando, em que fora auxiliado por Jessica Taylor. A frente do nome de cada discípulo encontrava-se o nome de cada um dos membros da Ressurreição Dois a quem o documento fora endereçado.

Pensou no tempo que levaria o traidor a enviar o memorando ou entregá-lo em pessoa ao Dominee Maartin de Vroome, ignorando a ratoeira que lhe fora armada. O memorando anterior levava cerca de três horas, depois de publicado, chegando até ao Reverendo. O novo documento, do qual cada uma das versões fora datilografada por Jessica Taylor, começara sendo distribuído quarenta e cinco minutos depois que ele saíra da reunião com os editores. As cópias foram enviadas em mão própria por elementos dos serviços de segurança de Helderling, a destinatários ainda trabalhando nas instalações do KrasnapoIsky ou àqueles que se encontravam nos seus hotéis ou apartamentos em Amsterdã, terminado o dia de trabalho. Fora também preparado um protocolo sendo assinado por cada uma das pessoas que recebessem o memorando, para não haver dúvidas sobre a posse.

Randall encontrou-se de novo tentando deduzir quais os motivos daquela traição: foi por amor ou por dinheiro?

Em geral eram os mais fortes motivos que costumavam provocar a traição. Bom, o melhor era não se deter em qualquer dos doze indignados. O melhor era rezar para que o impostor fosse apanhado antes de poder deitar as imundas mãos ao segredo mais precioso: a edição especial do Novo Testamento Internacional que Herr Hennig em breve expediria de Mairiz.

Enquanto ainda se encontrava no seu gabinete de trabalho, Randall telefonara à Angela para convidá-la a jantar com ele. Embora muito fatigado, não resistira a vê-la nessa noite. Tinham jantado no elegante restaurante do Hotel Polen, permutando reminiscências da vida anterior um do outro. Depois, até sentindo-se cansado, custou-lhe deixar aquela mulher querida, embora consolado com a idéia de que a veria de novo pela manhã. Acabara por deixá-la à porta do Victória Hotel. Naquele momento em que se aproximava do Amstel ainda sentia nos seus lábios o perfume delicioso dos lábios dela.

O carro voltou à esquerda. Um minuto depois, tendo dado as boas-noites a Theo, Randall ficou por momentos parado no passeio em frente do edifício. Quando se preparava para entrar, ouviu que alguém o chamava. Parou, voltou-se e o homem que o chamara começou a emergir das sombras em que estava mergulhado o parque de estacionamento.

- Mr. Randall! - chamou o homem de novo. - Só um momento, por favor!

Caminhando ao seu encontro, o homem foi de repente iluminado pelo halo de luz que emanava a jorros da entrada do Amstel.

Cedric Plummer.

Mais zangado do que surpreso, Randall preparava-se para lhe dar as costas, quando Plummer o agarrou pela manga do casaco.

Randall deu um violento puxão para se libertar.

-Quero que fique bem esclarecido, de uma vez por todas, que não temos nada para dizer um ao outro, hem!?

A voz de Cedric Plummer adquiriu um tom suplicante.

-Não se trata de mim. De modo nenhum o incomodaria, mas, estou aqui enviado por alguém... alguém muito importante que o deseja ver.

Randall estava decidido a não se deixar comover.

-Tenho muito pena, Plummer, mas não me lembro de ninguém que você possa conhecer que eu esteja interessado em ver.

Deu uns passos na direção da entrada. O jornalista inglês, com um ar de aflição seguiu-o.

- Mr. Randall... espere...ouça. Trata-se do Dominee Maartin de Vroome...foi ele que me enviou.

Randall parou.

-De Vroome? -Olhou desconfiado para o jornalista. -Foi de Vroome que o mandou procurar-me?

- Foi... Pode ter certeza absoluta - respondeu Plummer, abanando a cabeça repetidas vezes afirmativamente como um boneco animado.

- E como é que eu sei, que você não está mentindo, com quaisquer outros desígnios em mente?

-Juro que é a pura verdade. Porque raio havia de estar mentindo? Que ganharia eu com isso?

Randall hesitou entre a desconfiança pelo inglês e o excitado desejo de que fosse verdade.

- E porque é que de Vroome pretende encontrar-se comigo?

-Não faço a mínima idéia.

- Já sabia que não tinha - disse Randall, sarcástico. E porque razão o Reverendo de Vroome o utilizaria, um jornalista estrangeiro, como seu mensageiro? Não seria mais simples que me fizesse um telefonema?

Um pouco encorajado pela pergunta, Plummer respondeu prontamente:

-Porque ele costuma fazer tudo por vias indiretas, oblíquas. É um homem circunspecto em todos os seus contatos. Um homem na posição dele tem que ser precavido, astuto, cauteloso. Não correria o risco de lhe telefonar, tal como não alimenta quaisquer desejos de ser visto consigo em público. Se conhecesse o Dominee de Vroome compreenderia o seu comportamento.

-E você conhece-o?

-Bastante bem, Mr. Randall. Sinto orgulho em lhe poder chamar amigo.

Randall lembrou-se da sensacional entrevista de Plummer com de Vroome para o London Daily Courier. Fora uma longa entrevista, em primeira mão e exclusiva. E lembrando-se dela, Randall apressou-se para acreditar que a reivindicação de Plummer era verdadeira a respeito da amizade que o ligava ao clérigo reformista holandês.

Randall considerou a hipótese de um encontro com de Vroome. Era coisa que oferecia perspectivas mais de artimanhas do que vantagens. Todavia, um fator irresistível impelia Randall para defrontar o homem. A única sombra negra, que se interpunha entre o futuro de Randall e o êxito da Ressurreição Dois, era a daquele enigmático Reverendo de Vroome. Não é muito frequente que uma pessoa tenha a oportunidade de se encontrar, frente a frente, com um inimigo que habitualmente escolhe a sombra para se acobertar. Na verdade, a oportunidade era irresistível...Dominee de Vroome era caça grossa...muito grossa mesmo...a maior peça daquele safari.

Randall fixou o ansioso inglês, perguntando:

- E quando é que de Vroome me deseja ver?

-Já, precisamente agora, se for conveniente pra você.

-Deve ser um motivo muito urgente para pretender um encontro em hora tão tardia.

-Não lhe posso dizer se é ou não urgente, mas posso assegurar-lhe que o Reverendo é uma espécie de filho da noite.

-Onde é que ele está?

-No seu gabinete de Westerkerk.

- Muito bem, vamos lá descobrir o que quer o grande homem.

Minutos depois seguiam no carro de Plummer, um coupé Jaguar, ao lado do Prinsengracht - Canal dos Príncipes - imerso em escuridão. O canal serpenteava em volta da parte ocidental do centro de Amsterdã e ao longo da Dam. Sentado no fofo lugar do carro de desporto, Randall estudava o perfil de Plummer -o seu cabelo fraco, os olhos pequenos, a cor macilenta da pele, que só parecia viva devido ao tufo de barbicha à Van Dike - e especulava qual o motivo que seria capaz de aproximar o jornalista inglês e o poderoso líder de um movimento religioso radicalista.

-Plummer, sinto-me curioso a seu respeito e a respeito de de Vroome. Você chamou-lhe amigo...

- Exatamente - Plummer não desfitou os olhos do caminho em frente.

- Que espécie de amizade? Será você o propagandista das idéias dele através da imprensa, e fará parte do rol de pagamentos do Reverendo? Trabalhará você para o movimento reformista? Ou será apenas um dos seus muitos espiões?

A mão de Plummer largou o volante por momentos e agitou-se repetidas vezes num movimento negativo, o que lhe conferia um ar peculiar de efeminado.

- Oh, céus, não, nada disso, meu caro rapaz, nada de tão melodramático como isso. Para lhe ser franco, digamos que entre mim e o Dominee existem interesses comuns...nomeados: a vossa nova Bíblia, o grande segredo que está sendo mantido tão fortemente por trás das muralhas do Krasnapolsky. Ambos temos razões diferentes, para desejarmos saber o máximo que pudermos desse segredo, antes que o vosso Dr. Deichhardt lance o Livro às massas como quem alimenta pombinhas num jardim. Achei que podia ajudar o Reverendo de Vroome a esse respeito, de muitas e variadas maneiras, recolhendo pequenas informações, tagarelices, segredos, enfim, tudo aquilo que geralmente está ao alcance de um bom profissional da imprensa. Em troca, espero que o Dominee - auxilie pensando-me, fornecendo-me a história exclusiva que escreverei para o mercado mundial de notícias, elites que vocês consigam lançar o pregão da vossa obra - Voltou para Randall um sorriso hipócrita, repugnante, pelos dentes apodrecidos. - Lamento, velho companheiro, se isto o pode privar da glória, mas c'est la guerre.

Randall sentiu-se mais divertido do que aborrecido com a franqueza do homem.

- Você está seguro de que o seu amigo de Vroome lhe possa servir as nossas cabeças numa bandeja, hem?

Plummer sorriu de novo com aquele seu jeito dissimulado.

- Sim, estou seguro disso.

-Bom, pelo menos, você teve a cortesia de nos avisar.

- É verdade, um sentido de jogo franco à maneira de Eton e de tudo o mais...- Depois, mas já sem sorrir, acrescentou:- Seja lá o que for que pense de mim, Mr. Randall, sou um gentleman. E o mesmo acontece com o Dominee de Vroome.

-É verdade, de Vroome... Sei pouquíssimo a respeito dele. Oficialmente o que é que ele é? Chefe da Igreja Reformada Holandesa?

-Não existe chefe oficial da Nederlands Hervornd Kerk... a Igreja Reformada Holandesa. Os quatro ou cinco milhões de protestantes deste país, nas 1466 paróquias espalhadas por onze províncias, elegem cinquenta e quatro representantes, uns pastores outros leigos de

destaque. Poderia dizer-se que o sínodo governa a Igreja Holandesa, mas na verdade não é assim. Os membros do sínodo são testemunhas e não bispos. Dominee de Vroome costuma dizer que o sínodo não é a autoridade, mas sim a consciência da Igreja. A Igreja aqui é uma comunidade demasiado centralizada, de um tipo que se afigurará quase anarquista a um inglês ou a um americano. O Dominee foi eleito pelo conselho da Igreja dessa comunidade para chefiar uma Igreja local individual. Disse-me, repetidas vezes, que não tem qualquer autoridade especial mesmo na sua própria Igreja. O seu poder deriva exclusivamente da personalidade. Os seus únicos deveres são de falar bem e escutar melhor, e de nunca se esquecer que a sua Igreja é realmente a Igreja do povo. Mencione-lhe estas coisas para que compreenda o homem com quem encontrar-se-á.

-Essas palavras apresentam-no como se fosse um humilde pastor da vizinhança - disse Randall. - Ouvi dizer que ele é o líder do Movimento Radical da Reforma Cristã, com legiões de partidários, eclesiásticos e leigos, em todo o mundo.

- Lá isso é verdade - concordou Plummer - Todavia, não invalida o que eu disse. A nível local, não tem mais peso na Igreja do que um vulgar camponês. E esse fato importante - que é na prática o que ele prega: a encarnação de uma relevante fé popular -faz dele um verdadeiro rei no estrangeiro. Quanto a mostrá-lo como um radical, a maneira como a palavra é proferida, tem um som sinistro. Um radical é simplesmente alguém que deseja fazer modificações imediatas, drásticas e fundamentais na ordem existente. Sim, nesse sentido o Dominee de Vroome é um líder radical da Igreja.

Pouco depois, Plummer apontou para a frente, tirando uma das mãos do volante.

-Cá está...Chegamos ao quartel general de de Vroome. Westerkerk, consagrada em 1631, edificada em forma de cruz ao estilo neoclássico, provavelmente com a torre mais alta de Amsterdã. Um tanto compacto e feio, hem? E a primeira Igreja da Holanda-lugar de casamentos da casa real holandesa-e a presença de de Vroome transforma-a na primeira Igreja do Protestantismo.

Estacionaram o carro na Westermarkt, e Randall aguardou na praça, enquanto o inglês fechava o seu Jaguar.

Para Randall, a casa de oração que lhe ficava em frente, parecia-se com uma casa holandesa de tamanho desproporcional, coroada por um rígido campanário que procurava atingir as alturas do céu. Tal relação fazia com que a construção parecesse, ao mesmo tempo, amigável e ameaçadora, exatamente como o seu principal habitante, segundo Randall suspeitava. Examinando a fachada, com mais cuidado, à luz dos candeeiros de iluminação pública, Randall observou que o edifício era construído de pequenos tijolos que, com o tempo, transformaram-se em vermelhos, um tom que com aquela luz se parecia com manchas de sangue seco. Randall decidiu que o aspecto total era na realidade ameaçador, tal como o próprio Dominee Maartin de Vroome.

- O que é que quer dizer Dominee? - perguntou Randall a Plummer.

- Senhor, Mestre - respondeu o jornalista inglês. - Vem do latim dominus, e é aqui o equivalente a Reverendo. Incidentalmente, quando se dirigir a de Vroome, chame-lhe também Dominee.

Quando começaram a caminhar para a Igreja, Randall disse:

- De Vroome enviou-o para me convidar. Não sabia se eu aceitaria. Pensa que estará à minha espera?

-Sim. Está à sua espera.

- Como é que pode ser tão positivo a respeito disso, se nem sequer sabe do que me pretende falar?

- Nem esperava que ele dissesse. É consigo que ele pretende falar e a seu tempo lhe dirá.
- Plummer fez uma pausa. - Claro está que posso supor.
- Não me diga que tentará obter de mim qualquer informação. Seria arrojo demasiado.
- Meu caro camarada, o Dominee não é assim tão rude. Pode ser persuasivo, mas é um pacifista. Receio que você se tenha deixado intoxicar por esses filmes de violência que a televisão americana transmite sem cessar. Ou será que já ouviu falar a respeito dos cadáveres que estão ocultos por baixo de Westerkek?

- Quais cadáveres?

- Oh, então não sabe? Nos velhos tempos, os paroquianos eram enterrados em criptas por baixo da Igreja. Por causa disso desenvolvia-se um cheiro de tal ordem que os fiéis eram obrigados a munir-se de frascos de Água de colônia quando assistiam aos serviços religiosos. De fato alguns dos fiéis mais velhos ainda continuam a trazê-la, embora o cheiro há muito tenha desaparecido. Não, Mr. Randall, não tema que vá parar no mesmo local que esses corpos. - Sorriu sarcástico. - Pelo menos penso que não terá essa sorte. Randall teve vontade de lhe falar nos dois malfetores que o atacaram na primeira noite em que chegara a Amsterdã, num dos setores daquele mesmo canal que passava junto da Westerkerk, mas pensando bem no caso resolveu calar-se.

Contornaram o templo, passando para além das enormes portas de carvalho chapeado, à moda espanhola, que constituíam a principal entrada, e caminharam na direção de um pequeno bangalô, em perfeito estilo holandês, pintado de verde, com as janelas tapadas por cortinas de pano branco, residência incrustada, por assim dizer, no corpo da Igreja. Subiram os quatro degraus até a porta que arvorava uma tabuleta: COSTERIJ.

-A porta principal está trancada -explicou Plummer.- Aqui é a casa do sacristão.

A porta não estava fechada com trinco, e os dois homens penetraram numa espécie de vestíbulo.

-Vou ver onde é que está o Dominee-disse Plummer, que continuou a penetrar nas dependências da casa, desaparecendo num corredor. Pouco depois Randall ouviu a voz dele e uma voz feminina conversando algumas palavras em holandês. Logo a seguir Plummer reapareceu e fez um gesto na direção de uma grande porta quase em frente.

-De Vroome está na ala principal da Igreja.

Randall seguiu o jornalista para o interior da Igreja. Era uma coisa tremendamente vasta e cavernosa. Só um dos quatro candelabros de bronze que pendiam do alto teto em abóbada estava aceso, o que deixava quase todo o corpo da Igreja mergulhado na escuridão. Com exceção da faixa vermelha de uma passadeira que se estendia pela ala central da Igreja, e que formava uma cruz com a outra faixa de passadeira estendida pela igreja, uma pessoa tinha imediata impressão de severa austeridade. Em vez de bancos, viam-se filas de cadeiras, estufadas em veludo verde e ligadas umas às outras, que faziam face a um estrado, no centro do qual se via um púlpito em madeira. Randall concluiu que devia ser a tribuna do pastor.

Plummer examinava o interior, habituando os olhos à obscuridade, e naquele momento apontava para o centro do templo, em meio a floresta de colunas que sustentavam a abóbada.

-Está ali. Na primeira fila em frente do púlpito. Randall fixou os olhos, perscrutando a escuridão, e conseguiu ver a solitária figura de um clérigo, todo ataviado de negro, como uma mancha de escura no meio da escuridão, inclinado para a frente, numa das cadeiras, com os cotovelos apoiados nas pernas e a cabeça metida entre as mãos.

- Está a meditar - disse Plummer num murmúrio respeitoso. A distante figura moveu-se.

A cabeça ergueu-se na direção em que Randall e o jornalista se encontravam. Mas a claridade era fraca e Randall não pôde ter a certeza que de Vroome os visse.

Plummer deu uma ligeira cotovelada em Randall.

- Ele sabe que você se encontra aqui. Vamos esperá-lo no gabinete. Não demorará mais de um ou dois minutos.

Voltaram até junto do vestíbulo da casa do sacristão, subiram alguns degraus de uma pequena escada. No patamar lateral viam-se duas grandes portas com duas tabuletas. Na da esquerda lia-se: WACHT KAMER. E na direita: SPREEK KAMER.

- A Sala de Espera e a Sala de Recepção -disse Plummer, impelindo Randall para a direita. - A Sala de Recepção é o gabinete do Reverendo. Vê aquele globo sobre a porta? Acende-se uma luz vermelha quando o Dominee não quer ser incomodado.

O gabinete surpreendeu Randall. Apesar do que Plummer lhe dissera, esperara encontrar um gabinete que se ajustasse a um príncipe da Igreja internacionalmente conhecido. Mas o escritório nada tinha de pretensioso, embora fosse confortável. Possuía um divã, uma mesa baixa para café, duas poltronas, uma lareira, uma escrivaninha muito simples com uma cadeira de alto espaldar, duas fileiras de livros espalhados por estantes, alguns quadros representando brasões, um enorme quadro a óleo, de concepção moderna, da Última Ceia. Finalmente, era iluminado por meia dúzia de abajur.

Randall recusou a poltrona que lhe fora apontada por Plummer. Agora a tensão tomara conta de todo o seu ser. Estava preocupado pelo pensamento de que uma tal entrevista viesse sendo considerada e interpretada de maneira errada por Deichhardt e pelos outros editores se soubessem... e com certeza que saberiam. Com antecipação, o inspetor Helderling nunca teria permitido semelhante coisa. Randall não fazia a mais leve idéia daquilo que o Dominee sabia sobre a Ressurreição Dois, mas era óbvio que, através do seu, ou dos seus espões, de alguma coisa tinha conhecimento. De qualquer modo, o que continuava sendo um fator desconhecido era se sabia o conteúdo do Novo Testamento Internacional, ou alguns pormenores dos achados do Professor Monti em Ostia Antica. Um dos perigos contra o qual Randall se devia manter em guarda era que o eclesiástico lhe quisesse passar uma rasteira, levando-o a fazer qualquer revelação involuntária.

Perturbado, lamentando ter-se ido meter no covil do inimigo, Randall foi até à janela situada do lado direito da escrivaninha. Nesse momento a porta rangeu e Randall voltou-se rapidamente, como que reagindo a um choque.

O Dominee Maartin de Vroome encontrava-se no limiar da porta, trazendo ao colo dois gatos siameses aos quais afagava o pêlo.

Era um homem alto, talvez de um metro e oitenta e relativamente novo para a elevada posição que ocupava, talvez quarenta e cinco a quarenta e oito anos - seguramente menos de cinquenta. Envergava uma longa veste batina, que lhe caía direto pelo corpo seco. Tinha o cabelo espesso, crespo e comprido, de uma cor indefinível parecida com o açafrão. As feições, cadavéricas, revelavam o asceta ou o fanático. Sobrancelhas espessas e em linha contínua, olhos afundados nas órbitas, mas de um penetrante azul, faces chupadas, uma boca em que era difícil adivinhar os lábios, que não passavam de um traço severo.

Plummer, que tomara uma posição servil, como um escravo, resolveu fazer as apresentações.

- Dominee... eis Mr. Randall. Mr. Randall... apresento-lhe o Dominee de Vroome.

Sem cerimônias, de Vroome colocou os gatos no chão, deu um passo a frente, estendeu a mão, apertou mole e fugidio a destra apresentada por Randall, dizendo com voz cava:

- Bem-vindo a Westerkerk. Foi grande generosidade da sua parte anuir a vir a esta hora

tardia. Sem preâmbulos escusados, é evidente que ouvi falar muito de si, e por isso pensei que um encontro só seria vantajoso para ambos. -A sua voz continuava sendo cava, mas à medida em que ia falando tomara uma sonoridade vibrante, arrastadora. - Sugiro que se sente no divã, é o lugar mais confortável do aposento. Poderá até servir para vencer a sua resistência.

Um cliente frio, pensou Randall enquanto se aprofundava no sofá. Frio, urbano, grandiloquente e formidável.

-O que é que o faz pensar que eu tenha qualquer resistência a vencer? -perguntou Randall. Dominee de Vroome não respondeu, mas fez um gesto na direção de Plummer dizendo-lhe que podia ficar no gabinete. Plummer, nervoso, sentou-se numa das poltronas junto das estantes com livros e pareceu ficar como mais um dos objetos inanimados da sala. Dominee de Vroome lançou uma olhada para o tampo da escrivaninha, como para certificar-se de que estava tudo em ordem. Depois, satisfeito, dirigiu-se para a poltrona que ficava em frente do sofá, enrolou a batina em volta das pernas e sentou-se, dirigindo-se a Randall:

-Julgo que, como novo membro da Ressurreição Dois, seja o que for, tal nome idiota possa significar, embora conjecture qual seja a resposta certa para esse código-, o senhor foi já devida e cuidadosamente informado a meu respeito, acerca do meu papel como adversário da ortodoxia religiosa, representada pelos seus patrões. Por conseguinte, tendo ouvido a parte mais tendenciosa a meu respeito e através uma lealdade natural para com as pessoas com as quais trabalha e para quem trabalha, considera-me certamente como a verdadeira encarnação do Diabo. A sua guarda mantém-se rigidamente levantada. O senhor mostra-se, compreensível, com resistência.

Randall não se pôde furtar a esboçar um sorriso.

-Dominee, no meu caso não se comportaria da mesma maneira? A minha profissão leva-me a uma total manutenção do sigilo, enquanto o senhor está precisamente devotado, tentando arrancar-me o cioso segredo.

A boca, quase sem lábios, do Reverendo rasgou-se talvez, pretendendo dar um sorriso.

-Mr. Randall, tenho outros meios a recorrer sem ser o de o utilizar para me revelar os fins da Ressurreição Dois e o conteúdo exato do Novo Testamento recentemente traduzido.O senhor é meu convidado, e não me passa sequer pela cabeça perturbá-lo com sondagens a respeito daquilo que jurou manter secreto.

- Agradecido - disse Randall. - Tranquilizado a esse respeito, poderei tomar a liberdade de perguntar o que pretende então de mim?

-Principalmente, que me escute. Empréstando-me, solícito, seus atentos ouvidos poderá aprender alguma coisa. Em primeiro lugar, é vital que saiba aquilo porque luto e aquilo porque lutam os seus patrões e os lacaios deles. Julga que já sabe tudo, mas na realidade nada sabe.

-Tentarei ser receptivo -prometeu Randall.

De Vroome fez estalar os ossudos dedos.

-Ninguém pode ser totalmente receptivo. A mente humana é uma selva de preconceitos, de tabus, de histórias da carochinha e de dolos. Não, não espero que abra por inteiro sua mente para absorver com verdade aquilo que tenho para lhe dizer. Tudo quanto peço é que não a feche por completo.

-Não está fechada - garantiu Randall, pensando que diferença faria a de Vroome que fosse assim ou assado.

-Aquilo em que creio, aquilo em que milhões de pessoas, em todas as terras do mundo

acreditam, e insistem em tornar realidade, é uma nova Igreja. Uma Igreja com significado e adaptada à sociedade de hoje e às suas básicas necessidades. Ora, antes de tudo, tal reforma requer uma nova compreensão das Escrituras, que devem ser lidas à luz dos nossos conhecimentos atuais e do progresso científico. O Dr. Rudolf Bultmann, o teólogo alemão, lançou o primeiro apelo às armas na nossa revolução não-violenta. Para ele, era pura perda de tempo procurar um Jesus ligado às coisas da terra. O que lhe interessava era procurar a essência, os significados profundos, as verdades contidas na fé da Igreja primitiva, limpando de todos os mitos o Novo Testamento; despojando, tal como ele disse, a mensagem do evangelho dos seus elementos concretos, não positivos. Para reunir o homem moderno dentro da religião, segundo a crença do Dr. Bultmann, devemos afastar do Novo Testamento o Nascimento do ventre de uma Virgem, os milagres, a Ressurreição, as promessas pueris e não científicas de uma vida excelsa no Céu, ou as ameaças de tremendos castigos no Inferno. Como orgulhosos herdeiros de todos os investigadores honestos, desde Galileu e Newton, a Mendel e Darwin, achamos pouco plausível aceitar, tal como Allan Watts sublinhou, «a herança do Pecado Original desde Adão, a Imaculada Conceição de Maria, o Nascimento de Jesus de um ventre Virginal, a Crucificação para Remissão dos nossos pecados, a Ressurreição física de Cristo, o Regresso de Jesus dentre os mortos, a sua corpórea Ascensão ao Céu e a nossa ressurreição dentre os mortos no dia do juízo Final; um julgamento que nos amarra física e espiritualmente, ou à bem-aventurança eterna, ou às eternas penas infernais». De modo que acreditamos, que o homem moderno precisa e aquilo que aceita como plausível é a mensagem de um homem sábio ou um mestre, que poderá ter-se chamado Jesus, uma mensagem que ajude o homem moderno enfrentar a realidade da existência-ou, tal como um teólogo de Oxford resumiu o pensamento do Dr. Bultmann, levar a cada pessoa uma mensagem «por meio da qual viva em harmonia com o seu ser, um ser que sabe que morrerá e cuja certeza o leve, por conseguinte, a viver com autenticidade». Para encurtar, parece-me não descabido parafrasear algo dito por Renan, esclarecendo que temos que produzir, uma pessoa que não seja possuída pela fé, mas, sim que possua fé. Fui suficientemente claro, Mr. Randall?

-Plenamente, Dominee.

-Atingimos uma fase na qual julgo necessário, a fim de estarmos de acordo com o nosso tempo, fazermos uma revisão mais radical às Escrituras, se quisermos que o evangelho seja um instrumento de utilidade para ajudar e para salvar o homem moderno. Crer em Jesus Cristo como um Messias, ou como um ser histórico, já não tem importância vital para a religião. O que assume a máxima importância é o reler, com uma nova dimensão, a mensagem social dos primitivos cristãos. Não importa quem proferiu a mensagem, ou quem a escreveu. O que interessa é o significado da mensagem hoje, especialmente quando ela se libertar dos seus elementos míticos e sobrenaturais; espremida e purificada, para deixar os seus resíduos de amor do homem pelo homem e da sua crença na fraternidade. E tudo isso me leva de encontro aos conservadores, aos defensores do velho Cristo e dos velhos mitos, aos quais o vosso plano se prepara para representar...

- Como é que sabe que eles são conservadores? - interrompeu Randall. -Como é que pode ter certeza de que eles não estejam também prontos para uma modificação drástica?

- Porque os conheço pessoalmente, a todos eles, e sei muito bem aquilo que defendem, Não falo dos vossos cinco editores, os promotores da nova Bíblia. Esses são apenas desprezíveis. O interesse deles é meramente comercial. As únicas Escrituras que lhes interessam estão nos livros do haver, dos lucros fáceis, e a única religião que professam é

a do evangelho das contas bancárias. Para sobreviverem, precisam do apoio dos vossos Trautmanns, Zacherys, Sobriers, Riccardis, Jeffries, bem como, dos conselhos da Igreja ultrapassada, retrógrados, e das Sociedades Bíblicas. São esses homens, cuja crença em Cristo, cuja administração e proteção do Deus deles, embruteceu e retardou a verdadeira religião e a verdadeira Igreja durante séculos. Eles sabem muito bem que está morta a razão básica para a religião que professam. Todavia, continuam pregando falsos temores e esperanças falsas; abaixando uma cortina de ritual e dogma que os oculta dos verdadeiros problemas dos seres humanos reais. Tillich disse-nos que a verdadeira teologia ensinaria a respeito daquilo que nos interessa: o significado da nossa existência, da nossa vida. Não obstante, esses teólogos ortodoxos ignoram deliberadamente tais coisas. Tal como dizem os meus amigos do Centro pro Unione, em Roma, esses teólogos são os que querem preservar o velho clube religioso, o «status quo» ortodoxo do inevitável processo da dissolução. A menos que eles reformem, ou que se rendam a nós para reformarmos, o mundo passará a consistir de novas gerações sem religião, sem fé, sem espírito para a sobrevivência humana o qual só se adquire e desenvolve por meio da fé.

- O senhor falou de uma depuração da Bíblia - notou Randall. - Mas como é que pensa reformar a organização da própria Igreja?

- Quer dizer, de uma maneira prática?

- De uma maneira prática.

- Para ser conciso.. . - e de Vroome deixou a frase em suspenso, fazendo uma festa, distraído, no gato siamês que se lhe roçava pelas pernas, como se avaliasse o que dizer. Logo a seguir, retomou o fio à meada. - ... Bom, a nova Igreja que eu advogo será uma Igreja única, tanto protestante como católica. Deverá ter uma unidade cristã. Prevalecerá nela um espírito ecumênico um mundo numa Igreja. Essa Igreja não promoverá uma fé cega, nem milagres, nem celibato, nem uma autoridade irrefutável para o seu clero. Será uma Igreja que rejeitará as riquezas, que gastará o seu dinheiro com as pessoas, e não com a construção de catedrais maciças como a Westerkek, a Abadia de Westminster, Notre Dame ou São Patrício, em Nova York. Funcionará em comunidade, por meio de pequenos grupos que não serão submetidos a sermões. Mas que desfrutarão de celebrações espirituais. Integrará minorias, funcionará dentro do reconhecimento da igualdade feminina, promoverá ação social. Apoiará o controle da natalidade, o aborto legal, a inseminação artificial, o auxílio psiquiátrico, a educação sexual. Opor-se-á aos governos e indústrias privadas, dedicados ao negócio de matar, de oprimir, poluir e explorar. Será uma Igreja de compaixão social, seu clero e membros agirão e viverão consoante os ensinamentos do Sermão da Montanha, não se limitando apenas a segui-lo como um ideal inatingível.

-E não pensa que os teólogos e editores da Ressurreição Dois queiram da mesma maneira essa espécie de Cristianismo?

As comissuras da boca de de Vroome, arquearam-se, mais uma vez, ameaçando sorrir.

- Pensa que eles querem o mesmo que eu, o mesmo que deseja a grande massa do povo? Se assim é, interrogue-os. Pergunte-lhes se não é apenas para manterem as vias tradicionais e a hierarquia, que eles se opõem ao meu movimento. Pergunte-lhes porque é que em assuntos de ética cristã, se mostram sempre vacilantes entre o compromisso e o mais acirrado fanatismo. O compromisso é igual a indolência e o fanatismo excesso de zelo - o que significa ausência de amor. Atualmente temos outra alternativa: solucionarmos as imediatas necessidades dos nossos companheiros e vizinhos. Pergunte aos seus associados se estão prontos a acabarem com a sua Igreja de ensinamentos dogmáticos,

em troca de debates livres. Pergunte-lhes o que é que eles estão fazendo - agora - a respeito de relações entre raças, pobreza, distribuição desigual de riquezas. Pergunte-lhes se estão prontos, para acabarem com as suas rançosas instituições, para se integrarem numa comunidade cristã universal, onde o ministro ou o sacerdote não são pessoas especiais, onde perdem a categoria de dignitários, sendo humildes servidores para ensinarem a vida espiritual ao povo que os emprega e a quem a Igreja pertence. Mr. Randall, faça-lhes estas perguntas e quando obtiver as respostas, compreenderá aquilo que eles não conseguem compreender: que o principal problema da vida não é a preparação para o que virá depois da vida terminada... é instaurar o reino do Céu aqui na Terra, fornecê-lo já.

Dominee de Vroome fez uma pausa, fixou os olhos em Randall durante alguns segundos e prosseguiu, medindo, cauteloso, cada palavra proferida.

-Quanto a essa Bíblia secreta que os seus amigos fabricam - seja lá o que for que ela contenha, sejam quais forem as coisas boas que tenha para oferecer, seja qual for a sensação que possa criar-não é um produto de amor. Os motivos que apóiam a sua publicação são repugnantes, condenáveis e pecaminosos. Para os editores, o motivo é o puro lucro. Para os teólogos, é essencialmente, desviar milhões de pessoas da reforma da religião sadia e sã, hipnotizá-las, ou levá-las pelo medo a regressarem ao velho desespero de uma Igreja transportada para o país dos sonhos, uma Igreja mítica, ritualizada. Asseguro-lhe que com a nova Bíblia eles esperam matar o meu movimento e varrer de uma vez por todas a Igreja clandestina. Com essa Bíblia, esperam reviver a religião da vida futura, num outro mundo, ideal e impraticável, pondo termo à religião do presente, do agora, da vida terrena. Sim, Mr. Randall, os motivos deles são insulsos e pecaminosos...

Randall tinha que interromper aquela torrente de palavras.

-Dominee desculpe, mas, tenho que interrompê-lo. Penso honestamente que o senhor está indo longe demais. A sua razão de queixa a respeito dos editores pode ser válida, embora pense que os julgue com demasiada severidade. Seja como for, nem tentarei garantir, se são ou não os motivos que os impelem. Todavia, sem dúvida, que tenho de saltar em defesa do resto do pessoal envolvido no projeto. Acredito que essas pessoas são defensoras devotas, honestas e sinceras daquilo que consideram como um produto da revelação divina. Tomemos o exemplo do Dr. Bernard Jeffries, de Oxford. Foi o primeiro dos teólogos com quem me encontrei. Creio sinceramente na dedicação dele ao projeto, derivando, tão somente, da devoção incontestável que o arrasta para a erudição e para o espiritualismo...

Dominee de Vroome levantou uma das mãos.

-Mr. Randall, não profira nem mais uma palavra. Disse para tomarmos como exemplo o Dr. Bernard Jeffries... pois bem, tornemo-lo como um perfeito exemplo no que diz respeito à apreciação global que eu fazia. Não negarei que é um homem dedicado à erudição e um perito na matéria. Nem sequer, porei em dúvida que seja um homem de profunda convicção religiosa. Mas não são esses os principais motivos que o levam a participar na produção da nova Bíblia. Existe um outro motivo, e esse totalmente de foro político.

- Político? - espantou-se Randall. - Não posso acreditar.

-Não pode? Talvez possa. Já ouviu falar do Conselho Mundial das Igrejas?

-Já. Meu pai é um pastor. Foi ele que ouvi falando nisso.

-Mas conhece alguma coisa a respeito do Conselho?- insistiu tenazmente de Vroome.

Randall hesitou.

-É... se bem me lembro... é uma organização internacional que engloba os mais

importantes grupos protestantes. Não me recorde de outros pormenores.

-Retrata-me avivar sua memória, e ao fazê-lo, que lhe pinte, ao mesmo tempo, um retrato claro do seu abnegado e altruísta Dr. Jeffries. -A medida em que ia falando, conforme Randall notou, o semblante do clérigo holandês tornara-se mais frio e a vibrante voz mais implacável. - O Conselho Mundial das Igrejas, com sede em Genebra, é composto por 239 Igrejas protestantes, ortodoxas e anglicanas, pertencentes a noventa países. Essas Igrejas agrupam em todo o mundo 400 000 000 de membros. O Conselho Mundial é a única organização religiosa, fora de Roma, com um controle e potencial autoridade capaz de constituir um desafio para o Vaticano. Todavia, desde a sua fundação nesta cidade, em 1948, até agora, de nenhuma forma manteve, sob qualquer hipótese, espécie de semelhança com o Vaticano. Tal como o primeiro secretário geral anunciou na primeira assembléia: «Nós somos um Conselho de Igrejas, não o Conselho de uma Igreja indivisível». E, tal como, se disse no terceiro congresso, realizado na Índia: «O Conselho Mundial das Igrejas, é uma associação de Igrejas, professando o credo, o qual de acordo com as Escrituras, Nosso Senhor Jesus Cristo é Deus e o Salvador». Resumindo, o Conselho é um corpo formado por várias Igrejas ligadas entre si pelos laços mais livres possíveis; Igrejas com diferentes ambientes sociais e raciais; procurando uma comunicação entre elas; buscando uma unidade cristã; lutando para estabelecer um consenso de fé e ação social comuns. No espaço entre os seus congressos, realizados de cinco em cinco, ou de seis em seis anos, a sua política é incrementada por um comitê Central e por um comitê Executivo. Ora, as duas posições mais ativas e responsáveis dentro da organização são os cargos de secretário-geral - um trabalho permanente e compensado monetariamente - e de presidente - que é um posto meramente honorário. Dos dois, o de secretário-geral é de grande influência - por governar as duzentas pessoas do pessoal agregado à sede de Genebra e funcionando, como um oficial de ligação entre as Igrejas membros, sendo o porta-voz do Conselho para todo o mundo.

-Entretanto, não é uma figura designadamente autoritária, segundo julgo, ou é?

-Tal como as coisas hoje estão, não, absolutamente não. O secretário-geral não possui poderes judiciais. Repito, possui grande influência e um poderio potencial para manejar os cordeirinhos. É aqui que vamos pois, enquadrar o seu espiritual e altruísta, Dr. Bernard Jeffries. A hierarquia da Igreja ortodoxa - os bispos e eclesiásticos de maior projeção, os entrincheirados conservadores - possuem um plano bem arquitetado, para uma votação maciça na próxima assembléia geral do Conselho Mundial das Igrejas, a fim de instalarem o Dr. Jeffries como próximo secretário-geral em Genebra. Através dele, planejam reestruturar o Conselho Mundial para o transformarem num Vaticano protestante, o qual terá Genebra como centro tentacular. Uma vez o Dr. Jeffries eleito, os conservadores passarão a governar, por édito e promulgação, levando os aderentes de todas as Igrejas de volta ao redil da fé cega, pondo termo para sempre às esperanças de uma fé viva, vital, popular, livre. E como é que a cabala ortodoxa levará a efeito tal programa? Por meio da excitação, da propaganda e alarido engendrados pela nova Bíblia que está sendo preparada pelo pessoal da vossa Ressurreição Dois.

Escutando aquela verborréia incisiva, Randall teve uma vaga idéia de ter já ouvido, anteriormente, o nome do Dr. Jeffries ligado ao Conselho Mundial. Tentou recordar-se quem fez a citação, e de repente lembrou-se. Em Londres, da boca de Valerie Hughes, a noiva do Dr. Knight. Mas, nessa anterior referência, à candidatura do Dr. Jeffries a secretário-geral do Conselho, houvera uma certa lógica. Naquele momento, segundo a versão do Reverendo de Vroome, os motivos para a candidatura eram apresentados a uma

nova luz com seu quê de sinistra. Randall, perturbado, fez a pergunta a qual lhe queimava o pensamento:

-E o Dr. Jeffries tem conhecimento desse plano?

- Se tem conhecimento? Pertence à primeira linha do esquema, da trama, colaborando ativando e politizando, em segredo, para ser promovido a secretário-geral. Possuo documentos -cópias da correspondência trocada entre Jeffries e seus conspiradores apoiando tudo aquilo que lhe disse.

-E pensa que ele poderá ascender ao cargo?

-Ascenderá se a vossa nova Bíblia lhe der suficiente publicidade, lhe conferir distinção e o projetar para uma nova estatura difícil de desafiar.

-Volto de novo, fazendo-lhe a mesma pergunta e pretendo que me responda diretamente - disse Randall. - Pensa que o Dr. Jeffries poderá ascender ao cargo?

- Não - respondeu de Vroome seco. Voltando a esboçar o seu sorriso. -Não, não o conseguirá. E eles também não conseguirão levar as suas intrigas a bom termo.

- Porque não?

- Porque eu os impedirei. Fa-los-ei parar por meio da demolição do trampolim através do qual o Dr. Jeffries pensa pular para o poder - a vossa nova Bíblia - Desacreditando-a e destruindo-a antes de anunciá-la e pôr em circulação entre o público. Uma vez feito isso , haverá outro secretário-geral para o Conselho Mundial das Igrejas. Fixe bem, Mr. Randall, estou disposto a ser o futuro secretário -geral.

Randall não pôde esconder o seu espanto.

- O senhor? Mas pensava que era contra a autoridade eclesiástica e...

- E sou - interrompeu de Vroome brusco. - É essa a razão porque é imperativo que seja o próximo secretário-geral do Conselho Mundial. Precisamente para proteger a organização da fome pelo poder. De modo a preservá-la para a unidade cristã. Tornando-a ainda mais sensível à modificação social.

Randall sentia-se confuso. Não discernia bem, se o Dominee era honesto nas virtudes que apregoava, ou se não passava de um ambicioso. Tão politiqueiro como aqueles aos quais se opunha com tanta tenacidade. Havia mais, de Vroome acabara de falar na necessidade de destruir a nova Bíblia. Randall sentia-se impelido a entrar em confrontação com o Dominee, em relação à irracional determinação mostrada, para a destruição de um documento tão excepcional.

- Quando a mim, nem sequer tenho disposição para comentar quem deverá, ou não, ser o próximo secretário-geral do Conselho Mundial das Igrejas. Todavia, é meu dever, tecer comentários à atitude tomada contra a versão revista do Novo Testamento. Documento nunca lido e do qual sabe tão pouco, ou nada. Pondo de lado as vantagens, ou desvantagens políticas, na verdade não vejo como é que poderá destruir - foi exatamente a sua palavra, destruir - uma Bíblia a qual levará conforto a milhões de pessoas, às quais impregnará de uma nova fé e de uma nova esperança. Uma obra que poderá ser promotora de fraternidade e amor, os verdadeiros fins que o senhor procura através do seu movimento. Como é que pensa ser moralmente defensável destruir o Verbo uma vez que nada sabe sobre a sua mensagem?

De Vroome franziu o cenho.

-Não preciso saber antecipadamente o conteúdo da mensagem, dado que conheço muito bem os seus mensageiros.

-Que quer dizer?

-Sei tudo o que é preciso saber a respeito das pessoas envolvidas na descoberta, na

autenticação, na produção e na promoção da vossa Bíblia.

Pela primeira vez Randall perdeu o domínio dos seus nervos.

-O que é que pretende insinuar com isso?-perguntou com uma ponta de azedume. -Já conheci o pessoal mais importante ligado ao projeto. Algumas dessas pessoas conheço-as agora excelentemente. A maioria, sou positivo a respeito do fato, são gente decente, sincera, honesta. A maior parte dessas pessoas possui manifesta integridade e os propósitos que as guiam são perfeitamente sãos. E o senhor de modo nenhum pode conhecer essas pessoas tão bem como eu.

-Na verdade?-disse de Vroome em tom divertido. Levantou-se. -Nesse caso, vamos lá ver aquilo que o senhor sabe... e aquilo que eu sei... a respeito do vosso devotado rebanho.

Enfurecido pela segurança manifestada pelo pastor, Randall fez um esforço para se conter, enquanto observava o Dominee de Vroome dirigindo-se à escrivaninha. Metendo as mãos nas profundidades da batina, o clérigo tirou uma chave com a qual abriu uma das gavetas, extraindo uma pasta de arquivo, que abriu e colocou em cima da escrivaninha.

De Vroome sentou-se, tirou um maço de papéis de dentro da pasta, folheou-o deliberadamente durante um segundo, depois ergueu o maço no ar para Randall ver.

-Aqui o meu dossiê sobre o pessoal ligado à Ressurreição Dois. Demasiado longo para o senhor poder ler. -Colocou o maço dentro da pasta de arquivo, colocou os cotovelos em cima do tampo e repousou o queixo sobre as mãos.-Posso dizer-lhe em poucos minutos tudo o que precisar a respeito do vosso fiel rebanho.

-E se for mentira?

-Basta procurar cada um deles para verificar se é verdade ou mentira aquilo que lhe disser. De fato, até o convido a proceder dessa maneira.

- Continue - disse Randall cáustico.

-Já falamos do seu abnegado Dr. Bernard Jeffries. - O seu tom continuava calmo, como quem fala de assuntos de somenos importância. - Vamos lá então passar em revista alguns outros do vosso círculo. Bom, falemos, por exemplo, do vosso George L. Wheeler, o poderoso e rico editor religioso americano, o qual contratou a si para fazer a publicidade do projeto. O que é que o senhor sabe a respeito dele? Sabe que esse grande capitão da indústria, esse tubarão do capital estava à beira da falência quando foi obrigado a entrar em negociações de venda da editorial a Mr. Towery, presidente do cartel Empresas Cosmos? Sim, não faça essa cara de espanto porque é a pura verdade. Mas, o negócio ainda não está concluído. Depende do êxito da publicação da vossa nova Bíblia. Para Wheeler, a nova Bíblia terá de ser um sucesso se quiser sobreviver no negócio e manter a sua posição social de escalão. Quanto a Towery, o seu único interesse ao tomar a casa editorial de Wheeler cifra-se em adquirir prestígio à custa da nova Bíblia, a qual o projetará para as alturas no seu destacado círculo Batista. Foi essa a razão porque Wheeler resolveu contratar a si - para satisfazer Towery e para salvar a si próprio com a certeza de que a nova Bíblia se tornará a mais famosa na história.

- Não me disse nada que eu já não soubesse - disse Randall, imensamente aborrecido com a arrogância de de Vroome, e sem querer admitir que tinha ouvido algo de novo. Entretanto, a verdade é que desconhecia, que a sobrevivência de Wheeler como editor dependesse essencialmente do êxito do Novo Testamento Internacional.

-Não lhe disse nada que não soubesse já?-repetiu de Vroome.-Talvez, melhore os meus cadastros. Vamos lá, falaremos da vossa nova Bernardette de Lourdes, a sua simplíssima secretária Miss Lori Cook. O senhor esteve esta manhã no Hospital da Universidade Livre, e testemunhou os resultados de um milagre, não é verdade? A vossa Miss Cook que desde

a infância era uma estropiada dos membros inferiores, teve ontem uma visão, recuperando-se, voltou a andar. Vejam lá! Lamento imenso em relação a si e à moça, porque a verdade é simples como a água - Miss Cook sempre pôde locomover-se normalmente. Mas, posso dizer-lhe, como consolo, que ela não é uma traidora, nem uma especuladora materialista com o vosso projeto. Somente uma mistificadora doentia, neurótica, patética. Com sentido prático da realidade, tornou-se fácil verificar a história dela na América. Bastou uma chamada telefônica, para um pastor do nosso movimento, de uma Igreja situada nas vizinhanças do local onde nasceu e vivia Miss Cook, para revelar-se a verdade. A documentação legal está a caminho. Temos provas das proezas atléticas de Miss Cook no liceu, exigindo pernas firmes. A verdadeira aflição dela cifrou-se sempre no fato de não ser atraente, de nunca receber atenção, nem amor. Por isso, quando pretendeu juntar-se ao vosso projeto fingiu ser coxa para conseguir afeto e piedade. Recentemente, viu que ainda obteria mais atenção e indulgência, brincando às Bernardettes, de modo que enveredou decidida pelo desempenho de tal papel. Ela está curada, sendo objeto de extrema atenção, de cuidados especiais e de consideração. Amam-na. Em breve, será uma legenda viva. Mas, Mr. Randall, não faça dela uma lenda para exaltar a publicidade da nova Bíblia, ou então, seremos forçados a expo-la em público. De modo nenhum quereria ferir a pobre e desamparada criança. Nem sequer, peço-lhe para acreditar nas minhas palavras...

-Não acredito...- murmurou Randall, abalado pela revelação de de Vroome.

-...Só peço-lhe: não seja, completamente tolo, para utilizar o caso de Lori Cook na sua campanha de promoção. Se o fizer, creia-me, lamentará. - De Vroome apanhou um dos siameses do chão e colocou-o no colo, depois estendeu a mão para o maço de papéis. - Quem quer que seja o próximo, a citar do seu rebanho? Ah, talvez, aqueles com os quais se encontrou na viagem feita na semana passada. Pensa também, serem pessoas de confiança e devotas? Quer que lhe fale deles?

Randall ficou calado.

- Quem cala consente - disse de Vroome. - Pois bem. O senhor esteve em Mainz, na Alemanha. Passou o dia com Karl Hennig. Um companheiro franco, aberto; excelente pessoa esse impressor alemão, hem? Um devoto de Gutenberg e de livros raros, não é verdade? É mais do que isso. Trata-se do Karl Hennig, que na noite de 10 de Maio de 1933, se juntou a milhares de outros estudantes nazistas, para a monumental parada à luz de archotes, pelas ruas de Berlim. Manifestação em massa, que terminou na praça da Unter den Linden, onde Karl Hennig e os seus camaradas, grandes admiradores e admirados por Goebbels, queimaram numa pira monumental milhares de livros, livros escritos por Einstein, Stefan Zweig, Thomas Mann, Freud, Zola, Jack London, Havelock Ellis, Upton Sinclair, etc. Sim, precisamente o mesmo bem-humorado Karl Hennig, devotado impressor alemão e queimador nazista de livros. Quanto a esta informação, devo-a ao meu amigo aqui presente, Mr. Cedric Plummer - e a mão de de Vroome apontou para o sumido jornalista inglês.

Atônito pelo que ouvia, Randall quase se esquecera da presença de Plummer. Olhou então para o local onde ele estava e viu-o corar, como se recebesse um excelso elogio, ouvindo-o também murmurar com voz de falsete:

- É a pura verdade. Tenho o negativo de uma velha fotografia do jovem Henning lançando livros para a fogueira.

Nesse momento os recentes acontecimentos de Mainz e Frankfurt começaram a delinear-se para Randall, uma espécie de ajustamento de peças do quebra-cabeça. É provável, Hennig recusar-se a ver Plummer, até saber a razão da visita do jornalista. Depois disso,

encontrara-se com Plummer em Frankfurt. Agora estava clara a razão para o encontro: chantagem.

- Porque raio essa pretensão de lançar o descrédito sobre Hennig? - perguntou Randall a Plummer em tom verberativo. - O que é que você ganhará com isso?

-Um exemplar antecipado da vossa nova Bíblia - respondeu Plummer, com os lábios arreganhados. - Um preço baratíssimo, para recuperar o negativo de uma velha fotografia, pouco edificante.

Dominee de Vroome moveu a cabeça num gesto de assentimento. -Exatamente - disse- O nosso preço é um exemplar da nova Bíblia.

Randall afundou-se no sofá, incapaz de falar.

-Vamos agora falar do curriculum de mais dois dos vossos colaboradores e terminaremos -continuou infatigável, o eclesiástico-Avaliaremos o vosso notável e objetivo cientista, o Professor Henri Aubert, do processo de estabelecimento de datas pelo carbono-14. O senhor esteve em Paris com ele, e ele contou-lhe, com certeza, como a descoberta autenticada, restaurou-lhe a fé, a humanidade, e o seu desejo de dar à esposa, o filho que ela há tanto desejava, não foi? Contou-lhe que a mulher já transporta no ventre o filho dos dois, não é verdade? Mentiu-lhe. O Professor Aubert mentiu-lhe. Ele é fisicamente incapaz de dar à sua mulher o almejado filho. Perguntará porquê? Porque há anos se submeteu a uma vasectomia com êxito total. Acreditava firmemente no controle da natalidade e preferiu ser esterilizado por um hábil cirurgião, tem os canais deferentes que transportam o esperma dos testículos para as cavidades seminais cortados, obstruídos. É óbvio, que dessa forma inexistem quaisquer possibilidades de se desencadear o processo de procriação. O vosso Professor Aubert não é digno de confiança. Enganou-o. É impossível poder ter dado um filho à mulher.

-Mas fê-lo! - exclamou Randall. - Fui apresentado a Madame Aubert e vi que estava grávida.

De Vroome arvorou de novo o seu indulgente sorriso. -Mr. Randall, eu não disse que Madame Aubert não podia engravidar. Só disse que nunca estaria grávida do Professor Aubert. Está grávida? Claro que sim, está grávida...Engravidada pelo amante dela, por Monsieur Fontaine ... Não faça essa cara, de espanto... Sim, exatamente o mesmo Monsieur Fontaine editor francês da vossa Bíblia, o homem sem mancha. Quanto ao Professor Aubert, torna-se óbvio, que ele fecha os olhos a tal coisa, mas não devido ao seu desejo de ter um filho, ou de manter junto de si a esposa. Simplesmente, porque era contraproducente um escândalo, na altura em que ele e um colega foram nomeados candidatos a um Prêmio Nobel da Química, pela descoberta do processo de datação pelo carbono, o qual desenvolvia há tantos anos. O seu Professor Aubert coloca as honras acima do orgulho... e da veracidade. Com certeza, não espera que acredite na palavra de um homem como ele, seja em que assunto for. Quanto a si, estaria disposto a acreditar? Randall não queria dar crédito a de Vroome, entretanto, deixara de ter forças para poder desafiar o advogado do Diabo. Aguardou.

- Guardei para o fim a mais pessoal e significativa informação - disse de Vroome. - Por muito doloroso que seja para ambos, tenho que falar agora de Miss Angela Monti, de Roma, a sua nova apaixonada.

Randall sentiu um impulso dizendo-lhe para levantar e ir embora. Todavia, por outro lado, sabia ser preferível ouvir aquilo que ia ser dito.

-Evidentemente, que o senhor teve um encontro com o pai dela, o Professor Augusto Monti, fornecendo-lhe todas as informações necessárias relativas à nova Bíblia, não é

verdade? -perguntou de Vroome. Não esperou pela resposta. -Talvez, não o tenha conseguido ver, tal como outras pessoas não conseguiram recentemente. Será? Bem, inclino-me pensando que de fato não se encontrou com ele. E porque não? Porque o professor está sempre sendo enviado para escavações longínquas, para o Médio Oriente e para outros locais. Enviado por superiores que se sentem invejosos da sua descoberta, hem? Não é o que, Angela diz a toda a gente, incluindo-o? Perdoe-me a rudeza, porém, Miss Monti mente. Onde estará então o Professor Monti? Está em Roma, algures num subúrbio de Roma, escondido, caído em desgraça, em aposentadoria compulsória ordenada pelo governo. Porquê? Porque o governo italiano soube que o Professor Monti, nos preparativos para as escavações que levaram à descoberta, comportou-se de maneira imprópria. Em vez de arrendar o local para a escavação, enganou os pobres camponeses que eram os donos do terreno e comprou-lhes o título de propriedade, por nada, de modo a tirar proveito pessoal, ficando com cinquenta por cento do valor do seu achado, em vez de o dividir com os verdadeiros proprietários. Enganou deliberadamente os camponeses. Depois do Professor Monti ter feito a descoberta, os antigos donos do terreno dirigiram-se ao Ministério da Educação Pública e contaram a história. Foram reembolsados. O escândalo foi abafado. O Professor Monti foi silenciosamente retirado do seu cargo na Universidade e forçado a manter-se na sombra, oculto numa aposentadoria compulsória.

Randall empertigou-se, procurando conter a ira que o avassalava.

-Não passa de um acervo de mentiras. Não acredito numa só palavra do que disse.

Dominee de Vroome encolheu os ombros.

-A sua fúria não se deve voltar contra mim. Angela Monti é a única pessoa com quem deve estar zangado. É ela quem lhe tem ocultado a verdade, não apenas para proteger o miserável progenitor, mas, também para que o senhor ajude a promover internacionalmente o nome do pai. Se ela o puder seduzir, para transformar o pai, no nome mais destacado do projeto, então o professor emergirá da sombra, terá poder para desafiar o governo e sairá a terreiro para colher os louros da glória. Em tal caso o governo italiano sentir-se-á tão intimidado, que não terá vontade de revelar o mau procedimento do Professor Monti, terminando a sua punição Miss Monti mente-lhe. Está utilizando-o em proveito do pai. Sinto muito, mas a verdade é esta.

-Continuo não acreditando.

-Se é essa a sua atitude, então pergunte diretamente a Miss Monti.

-É precisamente o que penso fazer.

-Não vale a pena se dar ao trabalho de perguntar-lhe, ou pedir confirmação do que acabei de lhe contar. Ela continuará mentindo. Em vez disso, peça-lhe com insistência, para que ela lhe arranje um encontro com seu pai. Não vacile.

-Não procederei assim com esse ardil - indignou-se Randall.

-Então nunca saberá a verdade.

-Existem muitas verdades, tal como existem muitos pontos de vista e muitas interpretações diferentes sobre aquilo que por vezes se vê ou ouve.

Dominee de Vroome abanou a cabeça.

- No caso de cada uma das pessoas que eu mencionei só existe uma verdade. No velho mito, Pôncio Pilatos perguntou a Nosso Senhor: Quid est veritas? -Qual é a verdade?- No caso exposto, se tivesse que dar uma resposta a Pilatos, converteria as letras da pergunta dele num anagrama: «Est vir qui adest»-o que traduzido significa: «É o homem que está diante de vós». Sim, Mr. Randall, aquele que está na sua frente neste gabinete, Maartin de Vroome, possui a verdade. Se o senhor investigar como eu investiguei, se buscar a verdade

como eu busquei, aprenderá a confiar e a crer em mim. Se o fizer, poderá então avaliar porque lhe solicitei esta entrevista.

-É isso mesmo, estou à espera de saber. Porque é que me pediu que viesse esta noite aqui?

- Precisamente para tentar mostrar-lhe a sinceridade da nossa causa e a insinceridade das pessoas ligadas à Ressurreição Dois. Para dar conhecimento ao senhor de que está sendo mal informado. Utilizam-no para fins indignos. Para o fazer compreender que o empregaram para ser o instrumento, a alavanca que forçará as portas do êxito-o senhor e muitas outras pessoas de boa-fé na Ressurreição Dois - em favor de um sindicato comercial de editores e de um bando de sectários religiosos inflexíveis e de pensamentos completamente errados. Pedi-lhe para vir aqui a fim de procurar conquistá-lo para a nossa causa, para que se junte a nós. Mas, nos meus esforços para lhe abrir os olhos, para lhe fazer ver a luz, julgo, pelo contrário, que só consegui antagonizá-lo.

-O que é que o senhor na verdade pretende de mim? perguntou Randall com uma nota de violenta insistência.

- Os seus serviços e o seu gênio profissional. Necessitamos do senhor aqui, ao nosso lado, para nos ajudar a contradizer a propaganda da Ressurreição Dois e a promover o nosso esforço para restaurarmos a religião e a fé entre o povo de todo o mundo. Faça-lhe uma oferta generosa, Mr. Randall - a oportunidade de abandonar um barco prestes a afundar-se por uma embarcação segura, em perfeitas condições de navegabilidade; a oportunidade para preservar o seu futuro e a sua integridade; a oportunidade para acreditar em algo. Quanto a dinheiro, os meus associados e eu podemos oferecer-lhe tanto, ou mais, do que aquilo que lhe pagam Wheeler e as suas coortes. Terá tudo a ganhar e nada a perder.

Randall levantou-se.

-Por tudo aquilo que ouvi, nada terei a ganhar, pelo contrário será tudo a perder. Posso fé nas pessoas com as quais estou trabalhando. Não tenho fé em si. Tudo o que ouvi não passou de mexericos, nada de fatos essenciais. Ouvi coisas falando de chantagem, não palavras de decência. Quanto à sua causa, não passa de uma promessa. Quanto à Ressurreição Dois, trata-se de uma verdadeira realização. Quanto a si, propriamente dito-Randall olhou para o homem que estava na sua frente imóvel. O rosto do pastor não tinha o mínimo movimento, como se se tratasse de uma máscara de ferro que tivesse afivelada. Randall pensou se ousaria continuar, mas decidiu-se. -...Não o julgo menos ambicioso, ou egoísta, do que aqueles para quem trabalho, mas penso, isso sim, Dominee, é mais um fanático. Poderá encarar isso como uma necessidade fundamental e para um fim bom, mas o fato é que nunca poderia trabalhar para um homem tão justo, tão inflexível, tão certo de que é a única pessoa detentora da verdade. Não me podia transformar num vira-casacas e ajudá-lo a destruir a única coisa na qual, até agora, fui capaz de crer: a Palavra... Sim, a Palavra que vamos transmitir ao mundo. É uma mensagem a qual o senhor nada conhece e, se depender de mim, nem uma só frase saberá dela até que, a salvo de ataques perniciosos, esteja entregue ao mundo a que pertence. Boa-noite, Dominee. Posso desejar-lhe boa-noite, mas não boa-sorte.

Suspenso, sem se atrever a respirar, à espera que a tempestade se desencadeasse, Randall sentiu-se desapontado por verificar que a calma era absoluta. De Vroome limitava-se a abanar a cabeça num movimento oscilatório. Por momentos sentiu-se como um mau ator que tivesse recitado mecanicamente uma tirada melodramática. Ter-se-ia julgado um tanto pateta se não existissem razões para as suas palavras de crítica. De Vroome fustigou pessoas que não se podiam defender - Jeffries, Wheeler, Lori Cook, Hennig,

Aubert, até Angela e o pai. Domínee mostrara-se uma pessoa rude e vingativa, daí Randall não se sentir envergonhado por perder o controle.

- Basta, basta - pronunciou de Vroome. - Nem sequer tentarei convencê-lo, mostrar-lhe como se engana a meu respeito e a respeito da minha causa, nem o erro em que persiste a respeito daqueles que tão lealmente defende. Esta noite dissemos tudo quanto havia a dizer. Deixemos as coisas no pé em que estão. Mas lembre-se do que lhe vou dizer: estou longe em relação a certos fatos a respeito dos seus colegas e daquilo que eles representam. Pedi-lhe para verificar a verdade por si próprio. Se buscar essa verdade, desejará então encontrar-se outra vez comigo. Será possível que então me considere a mim e aos meus fins com mais caridade, seja mais compreensível. Se isso ocorrer antes da vossa Bíblia ser publicada, como acredito que aconteça, quero que saiba que a minha porta continuará aberta pra você... e que a nossa causa poderá utilizar os seus serviços.

- Obrigado, Domínee.

Randall voltara-se para sair quando ouviu de novo soar a voz de pastor de Westerkerk.

- Mr. Randall, quero dar-lhe um último conselho.

Já perto do limiar da porta, Randall voltou-se e viu que de Vroome havia colocado o gato no chão e que se encontrava de pé, tal como Plummer, escondido parcialmente atrás da negra batina.

- É um conselho pra você e uma advertência pra você e os seus colegas. - De Vroome desdobrava um papel qualquer. - Não percam o vosso precioso tempo com truques tolos e infantis num esforço para me fazerem cair numa ratoeira. Agitou uma folha de papel azul. - Refiro-me a este memorando, que ainda não há muito tempo o senhor pôs em circulação entre o seu pessoal e corpo de consultores.

Randall engoliu em seco e aguardou.

- O senhor pretendeu que isto fosse, tomado como um memorando sério e urgente a respeito dos seus esforços de promoção -continuou de Vroome. -Não há a mais leve dúvida que pretendeu apenas experimentar o pessoal a fim de saber qual dos que o rodeiam é a pessoa desleal que me tem entregue todas as informações acerca das vossas operações. Esperava que quando eu visse este memorando, como de fato aconteceu, agisse num primeiro impulso para me antecipar publicamente às medidas que consiga, revelando-lhe assim o ponto nevralgico, a brecha no vosso aparelho de segurança, de modo que Helderling saiba qual o pessoal a eliminar a fim de diminuir a brecha por onde as revelações se escoam. Mas o senhor cometeu um erro - na verdade

dois - porque é um amador em teologia sendo os seus conhecimentos sobre o Novo Testamento deficientes. O que o seu memorando contém relativamente ao cumprimento do programa é de tal modo impossível que um erudito na matéria, uma pessoa versada com segurança nos evangelhos, no foro cristão, tal como eu sou, teria que à viva força dar imediatamente pela insensatez. Nem por um momento poderia aceitar o documento como sério, para cair inocentemente na sua ridícula armadilha. Não volte jogando comigo estes jogos pueris. Ou, se quiser na verdade apanhar-me em falso, deixe então que sejam os peritos a agirem sob a sua orientação.

Randall sentiu que o sangue lhe corria pelas veias e artérias com desusada força. De Vroome não detectar a verdadeira ratoeira, Ainda ficava de pé uma oportunidade.

-Não faço a mínima idéia daquilo a que se refere...

- Ah, não faz a mais leve idéia? Ora deixe-me ser mais explícito e refrescar-lhe a memória. -De Vroome fixou os olhos na folha de papel. - Vejamos aquilo que o senhor escreveu: «Confidencial. A declaração pública no Palácio Real da nossa publicação será um

dia dedicado a consagrar a Ressurreição de Jesus Cristo. Foi decidido que os doze dias seguintes serão sucessivamente dedicados aos doze discípulos cujos nomes estão mencionados no Novo Testamento». - Depois o senhor menciona os doze discípulos, incluindo Judas Iscariotes. -De Vroome abanou a cabeça. Em estado de grande tensão, Randall ficou à espera que o Dominee continuasse, que lesse a última frase, a frase com o nome de código que revelaria o traidor da Ressurreição Dois. Mas de Vroome nada mais leu. Pousou o documento em cima da escrivaninha e voltou a abanar a cabeça. -Rematada tolice.

Randall sentiu-se em pulgas, desesperado, mais do que isso, intrigado com as palavras do Dominee.

-Mas não compreendo... -balbuciou.

-Não compreende qual foi a sua tolice? Esperava então que se pudesse acreditar que estaria sendo sério a respeito de uma promoção destinada a consagrar uma nova Bíblia ao dedicar doze dias a doze discípulos e mencionando Judas Iscariotes como um deles? Judas... o sinônimo histórico que designa um traidor, o homem que atraçou Cristo?

Randall ficou perturbado. Eis o que foi tolice. Não havia debatido o nome de cada discípulo com os editores. Mencionara-os de moto próprio e ditara o danado memorando a grande velocidade, mandando-o distribuir sem consultar nenhum dos peritos na matéria para verificação.

Inexoravelmente, de Vroome continuou:

-O seu segundo erro foi declarar que o Novo Testamento faz menção aos nomes de doze discípulos, quando qualquer teólogo de meia tigela-com suficiente atenção-logo verificaria que os nomes invocados são treze, dado que, depois da traição de Judas, Cristo substituiu-o por Matias, que é o décimo terceiro discípulo nomeado. Se o seu memorando tivesse creditado Cristo com treze discípulos, sugerindo que se dedicassem doze dias a doze apóstolos, com a substituição de Judas por Matias, talvez me tivesse enganado, obtendo êxito com o truque. Mas isto... -olhou para a folha de papel azul com desprezo - este jogo infantil nada podia resultar. - Sorriu friamente para Randall. - Não nos subestime. Respeite-nos, e acabará por se juntar a nós.

Zangado consigo mesmo, Randall lançou uma olhada para o documento. A última frase. Tinha que ver a última frase.

O coração galopava-lhe no peito, quase que teve medo que o som se propagasse, como o bater de um tambor, pelo gabinete. Procurou desesperadamente lembrar-se de qualquer pretexto que fizesse de Vroome revelar-lhe a última frase. Tentando manter controlado o tom da voz, disse:

- Dominee, apreciei imenso a sua preleção a respeito de relações públicas e erudição bíblica, mas receio não lhe ter apreendido o sentido. Não fui eu quem escreveu esse memorando.

O pastor fez um gesto de impaciência, resmungando:

- É uma pessoa obstinada. Continua com as suas brincadeiras. Será capaz de reconhecer a sua assinatura?

-Com certeza.

-Então é ou não a sua assinatura?

O Dominee de Vroome estendia a folha de papel azul por cima da escrivaninha, na sua direção. Quase que mal se podendo mover, com as pernas trementes, Randall aproximou-se da escrivaninha.

Olhou para o memorando. A última frase, logo acima da assinatura, saltou-lhe à vista.

O primeiro dos doze dias será dedicado ao discípulo Mateus. Randall levantou a cabeça, tentando disfarçar o sentimento de triunfo que se apoderara de todo o seu ser. Fez com que as feições tomassem um ar de envergonhada desculpa.

-Venceu, Dominee. É de fato a minha assinatura. Já me tinha esquecido que esse memorando estava destinado sendo hoje entregue.

O Reverendo de Vroome fez um aceno, satisfeito, ao mesmo tempo que voltava a agarrar no documento e o dobrava cuidadosamente.

-Esqueça tudo aquilo que quiser, mas peço-lhe que se lembre pelo menos de uma coisa: saberemos tudo o que houver para saber acerca da nova Bíblia antes que o senhor possa hipnotizar o povo com ela. Prepararemos o público para se opor ao vosso assalto e para repelir o ataque. Se pretender estar ao lado da parte vitoriosa, venha para junto de nós e trabalhe conosco em pé de igualdade... Bom, Mr. Plummer vai agora conduzi-lo ao Amstel.

- Muito grato, mas prefiro apanhar sozinho um pouco de ar fresco para aclarar as idéias - disse Randall apressadamente. -Como queira.

De Vroome conduziu Randall até à porta e, sem pronunciar mais nenhuma palavra, foi indicar-lhe a saída.

Minutos depois, já com a casa do sacristão e a mole do templo deixados para trás, Randall atravessou as séries de vetustas árvores que lançavam uma espessa sombra nas vizinhanças de Westerkerk, apressando o passo até chegar à solitária praça, iluminada pelos abajur públicos.

Sentia zumbir-lhe nos ouvidos um nome, um nome que lhe latejava nas fontes como baquetas a zabumbarem insistentemente num tambor.

Mateus. Nem sentia paciência para procurar um táxi numa ocasião daquelas. Era o momento da verdade. Só uma das pessoas a quem fora distribuído o memorando estaria designada pelo código de Mateus. Quem teria recebido o documento incriminador com o nome de Mateus?

Quem?

Encostado a um dos abajur de iluminação pública, que espalhava uma mancha de luz amarelada, Randall, com as mãos tremendo de impaciência, meteu a mão no bolso interior do casaco para tirar a lista dos doze discípulos e das dozes pessoas que se encaixavam na distribuição. Pronto. Ali estava a lista. Abriu-a. Os olhos percorreram ávidos a folha de papel

Discípulo André - Dr. Bernard Jeffries

Discípulo Tomás - Reverendo Zachery

Discípulo Simão Pedro - Dr. Trautmann

Discípulo João- Mons. Riccardi

Discípulo Filipe - Helen de Boer

Discípulo Bartolomeu - Mr. Groat

Discípulo Judas - Albert Kremer

Discípulo Mateus-O nome que figurava a seguir do pontilhado era o de Angela Monti.

Fora uma noite em claro. Noite de pesadelo. Naquele momento a manhã daquela sexta-feira ia em mais de meio, a mais negra manhã que em toda a sua vida Randall conhecera. Havia dado ordens a Theo para o conduzir, não para o Grande Hotel Krasnapolsky, mas sim ao edifício de cinco andares que se alongava pela Dam - o Bijenkorf, os maiores armazéns da cidade de Amsterdã.

Vinte minutos antes, ainda no Amstel, telefonara a Angela Monti. Não a conseguira encontrar no Victória Hotel, mas a chamada feita a seguir localizara-a na sala pegada ao seu próprio escritório, onde ela se preparava para substituir Lori Cook no cargo de secretária.

A conversa telefônica fora curta.

-«Angela, tenho uma coisa urgentíssima para te dizer. Aí no escritório não. Em qualquer parte fora do Krasnapolsky. Disseste-me que já estiveste muitas vezes em Amsterdã. E se nos encontrássemos nos grandes armazéns da Dam? Haverá lá um «snack-bar» ou um café, um local qualquer onde possamos estar sentados durante alguns minutos?» -Tinha um café no andar térreo e outro no quarto e último andar. - Ok, iremos para o último andar. Vou já para lá. Não te demores».

Entrara nos armazéns Bijenkorf pelo lado da Dam. Dado ser uma hora bastante matinal, o monumental empório ainda não estava cheio de pessoas fazendo compras, como era hábito. Junto ao balcão de uma seção de bolsas e chapéus de senhora, perguntou a uma das vendedoras, que falava inglês, onde ficavam os elevadores.

Seguindo as indicações, atravessou com toda pressa por entre balcões e vitrines cheias de jóias de fantasia, flores artificiais, discos e toalhas, quase sem nada ver, sem se importar com o que o cercava, concentrado em sua próxima confrontação com Angela Monti.

Possivelmente ela era uma mentirosa. Era quase com certeza uma traidora. Primeiramente duvidara das informações de de Vroome a respeito do Professor Monti se encontrar em desgraça, e de Angela ter mentido para o utilizar como um meio de elevar o pai. E mesmo depois de possuir a prova de que Angela colaborava com de Vroome: para destruir a Ressurreição Dois, Randall recusara-se acreditar. Aliás, as premissas pareciam não se encaixar bem. Afinal de contas porque iria ela ajudar a arruinar um projeto quando essa destruição significaria, por seu turno, a ruína total do bem amado progenitor? A não ser que...e isso era uma forte possibilidade a considerar... a não ser que, afinal o Professor Monti, não fosse o bem amado pai que ele supunha. Por tudo o que Randall sabia, parecia na realidade possível que Angela odiasse o pai, procurando o ensejo para arruinar o projeto que se construía a partir da descoberta de Ostia Antica.

De qualquer modo, quaisquer que fossem os motivos dela, o que permanecia de pé amargamente era o fato da sua armadilha ter funcionado e demonstrado inegavelmente que era Angela a informante do Dominee de Vroome, a traidora da Ressurreição Dois. Ora uma vez tendo digerido essa verdade premente, deixara de duvidar que ela fosse uma mentirosa que o estivesse simplesmente a desfrutar como uma pessoa útil aos seus malévolos propósitos. Sim, não podia duvidar das palavras do Reverendo de Vroome. Todavia, na tarde do dia anterior e na noite que a antecederara, a sua intimidade com Angela fora total, uma entrega como nunca tivera com outra mulher. Em tão curto espaço de tempo, fora levado a amá-la e a confiar nela como jamais confiara noutra qualquer mulher. Era-lhe impossível crer que ela tivesse não só traído o projeto como ainda o seu amor por ela. No entanto, era também impossível explicar a prova provada da revelação que tivera

em Westerkerk.

Bom, de qualquer maneira, dentro de alguns minutos saberia a temerosa verdade. Receava-a, mas tinha que a conhecer custasse o que custasse.

Sentia desejo de estrangular Angela por sabotar a recente fé que adquirira. Mas, se o fizesse seria como cometer um suicídio. Era uma confrontação sem esperança. Uma luta onde não haveria sobreviventes.

Todos os elevadores estavam cheios. Alguns metros mais além, viu que alguns clientes se serviam de uma escada rolante. Não podia esperar. Apertou o passo até lá. Pôs o pé no primeiro degrau e segurou-se ao corrimão.

Deixando o último lance da escada rolante no quarto andar, procurou à esquerda e à direita o seu caminho, até deparar com um aviso que dizia: EXPRESS BAR/EXPRESS BUFFET.

Passou por uma roleta, para entrada controlada de uma só pessoa de cada vez, aceitando um bilhete amarelo de uma ocupada empregada-o bilhete ou conta onde depois a máquina registradora faria o furo adequado para avaliação daquilo que encomendaria. Em frente, num comprido balcão onde se encontravam as comidas, viu Ângela sossegada, com uma bandeja na mão. Olhava o cardápio suspenso na parede por trás do balcão: warme gerechten, koude gerechten, limonade, koffie, thee, gebak.

Aproximou-se dela pela parte de trás e pediu-lhe:

-Encomenda-me apenas chá, sem mais nada. Vou arranjar um lugar para nos sentarmos.

Antes que ela o pudesse cumprimentar, Randall voltou-lhe as costas para não ter que enfrentá-la. As bonitas mesas em fórmica colorida do centro do «snack» estavam cheias. Do outro lado havia um balcão recurvado, provido de bancos altos, onde não faltava lugar. Elevou-se até ficar sentado num dos bancos, de costas voltadas para o bar onde a comida era servida.

A espera pareceu-lhe interminável.

-Bom dia, meu querido-era Angela.

-Bom dia -respondeu friamente.

Tirou-lhe a bandeja, onde se encontrava o chá para ele e café e torradas com manteiga para ela, segurando-o entre os dois para não beijá-la, até que ela trepou para o banco. Depois colocou a bandeja em cima do balcão e manteve-se ocupado colocando açúcar no chá e a mexer desesperado o líquido dentro da xícara, incapaz de olhar de frente.

-Que se passa Steve? Estás muito estranho esta manhã.

Randall resolveu-se finalmente olhando aquele lindo rosto, sondando aqueles belos olhos verdes, que nas suas profundezas escondiam a traição, olhos que naquele momento exprimiam a desorientação.

Sentiu-se doente, nauseado, sem saber o modo como começar o que tinha para lhe dizer.

- Steve, porque é que me fitas dessa maneira?

-De que maneira?

- Assim, friamente.

O tormento só terminaria quando despejasse o que havia para dizer. Com voz tremente, começou:

-Angela, soube ontem à noite uma coisa a teu respeito, que preciso esclarecer. - Respirou profundamente e lançou depois a acusação direta. - Mentiste-me a respeito de teu pai.

O rosto de Angela coloriu-se.

- Menti-te? Quem é que disse que eu te menti? Que loucura te contaram?

- Fizeste-me acreditar que teu pai estava impedido de poder trabalhar para a Ressurreição. Dois por políticas e ciúmes de superiores. Contaste-me que ele não podia se encontrar

comigo, nem cooperar com outros membros do nosso projeto devido a esses superiores o manterem constantemente ocupado em escavações remotas, em Pella, no Egito. Convenceste-me que teu pai era obrigado a curvar-se às ordens para manter a cátedra na Universidade de Roma. Mas ontem ouvi algo que contraria completamente as tuas versões. -E o que foi que ouviste? Podes fazer o favor de me dizer? - A voz dela tremelicava, tal como a dele tremera no início da conversa.

- Ouvi que o teu pai não foi enviado para proceder nenhuma escavações arqueológicas. Teu pai foi demitido da Universidade de Roma, isto é, impuseram-lhe uma aposentadoria compulsória e vive agora escondido, em semi-reclusão, algures num dos subúrbios romanos. E essa situação mantém-se quase desde a descoberta de Ostia Antica.

Randall hesitava em dizer o resto, mas ela insistiu.

- Steve, que mais ouviste dizer?

- Que teu pai foi obrigado a aposentar-se por ter lesado os interesses de uns pobres camponeses. Comprou dolosamente o terreno das escavações da Ostia Antica para guardar a totalidade dos cinquenta por cento sobre a descoberta. Se tivesse alugado apenas os terrenos só receberia vinte cinco por cento. A verdade só se tornou conhecida depois das escavações quando os antigos donos se dirigiram ao ministério para se queixarem de serem burlados. O ministério abafou o caso para não ser pasto das revelações da imprensa, reembolsando os camponeses a suas próprias expensas para eles não falarem. Teu pai teve que se sujeitar, pedir a aposentadoria para não perder, pelo menos, a pensão do Estado. Suponho que concordou em não se associar ao projeto da Ressurreição Dois, mantendo-se afastado. De modo a protegê-lo, na tua qualidade de filha, passaste mentindo a respeito das ocupações dele. Todavia, ainda consigo compreender essa parte da tua mentira, a outra parte que não compreendo é que se torna a meus olhos imperdoável, Angela.

-Que outra parte?

-Até eu aparecer, evitaste sempre cooperar com o projeto. Logo que eu surgi, consideraste que eu era o grande agente de publicidade contratado pela Ressurreição Dois. Viste em mim alguém capaz de dar celebridade e fama ao Professor Augusto Monti, promovendo-o de tal maneira aos olhos do mundo inteiro, que fosse impossível o governo italiano mantê-lo no exílio virtual em que se encontra, de tal modo, que as competentes autoridades jamais se atrevessem tocando no escândalo de Ostia Antica. A publicidade e a fama limpariam por completo o nome de teu pai, restaurando-o em todos os títulos. Para atingires esse fim não hesitaste em servir-te deliberadamente de mim, mentindo-me e utilizando-me como um fantoche.

Separou-os uma imensidão de silêncio, mas os olhos de Angela não paravam de o fitar.

-Acreditas que me servi de ti?-perguntou.

-Nem sei bem em que acreditar. Tenho de procurar a verdade.

-Acreditas então que fiz amor contigo, na tua cama e no meu quarto, que deixei que penetrasses o meu corpo só porque queria aliciar-te, seduzir-te de forma a que fosses um fantoche ao serviço da minha família?

-Escuta Ângela...

-Quem te disse que menti, que me servi de ti? Quem te contou que meu pai foi aposentado compulsoriamente por ter cometido uma fraude, um crime? Quem, quem te disse tais coisas?

-Estive ontem à noite com o Dominee Maertin de Vroome. Olhou-a cuidadosamente para ver a reação do rosto dela àquela revelação. Mas na cara dela só se revelou a surpresa.

Talvez surpresa por saber que se encontrara com de Vroome.

-De Vroome?- murmurou Angela.

- Sim, encontrei-me com ele ontem à noite. O Reverendo mandou-me buscar. Bem, mas o resultado da nossa entrevista pode esperar um momento. O ponto fulcro é o fato de Dominee nos querer destruir. Para esse fim, coligiu arquivos sobre certas personalidades essenciais da Ressurreição Dois. Possui um cadastro muito completo sobre o teu pai e sobre ti. Divulgou-me certo conteúdo desses arquivos. Angela, agora que já sabes o que se passou, acredita que não teria dado crédito a essas coisas se não fora algo mais grave que soube.

-Algo mais grave? O quê?

-Já lá vamos. Primeiramente, preciso obter uma resposta que ainda não me deste. Angela, o que de Vroome me contou... é ou não verdade?

-Mentira, completamente mentira-disse Angela com a voz tremendo.-Se é que te menti, as mentiras foram de somenos importância, mentiras incapazes de causarem mal, que esclareceria quando te conhecesse melhor. Mas, o que de Vroome te disse de meu pai... que meu pai cometeu uma fraude... é uma descarada mentira. Não passa de uma difamação.

- Se o que ouvi não é verdade, Angela, qual é então a verdade?

- Conheces as leis italianas sobre arqueologia. Muito embora o governo fosse proprietário da maior parte do terreno demarcado de Ostia Antica, os terrenos ao longo da faixa litoral não lhe pertenciam, nem estavam sob o seu controle, precisamente as terras onde meu pai queria proceder a escavações. Essa área, constituída por alguns hectares era propriedade privada. Meu pai ofereceu aos proprietários, dois irmãos e uma irmã uma alternativa - alugar as terras ou comprá-las.

- E teu pai contou aos proprietários aquilo que andava procurando? - perguntou Randall.

- Evidentemente. Os donos pensaram que ele era maluco. Não quiseram arriscar-se a entrar num jogo que lhes parecia insensato, vão, incapaz de produzir dividendos. Manifestaram-se desejosos de vender as terras estéreis, sem uso e não hesitaram. O que fizeram foi especular aumentando o preço, de tal maneira que meu pai encontrou dificuldades para conseguir a soma suficiente para obter o título da propriedade.

-Então onde é que de Vroome: conseguiu arranjar a idéia de que a ação de teu pai foi de natureza irregular?

-Do Dr. Fernando Tura, claro. Quando meu pai fez a descoberta, o Dr. Tura ficou louco de ciúmes. Então informou os antigos donos da terra sobre o que tinham perdido com a venda do título de propriedade. Convenceu-os a queixarem-se às autoridades, protestando que foram enganados, que meu pai não lhes contara nada sobre a verdadeira utilização das terras, falando, pelo contrário, de um uso muito diferente. Os membros do ministério foram obrigados a proceder a uma investigação cuidadosa, realizando uma acareação à porta fechada, onde se provou que tudo o que meu pai fizera fora correto, não havendo fundamento para as acusações. Existem provas escritas do caso, se o governo aceder a revelá-las, poderei mostrá-las.

-E quanto a teu pai, Angela?

-Ficou satisfeito de ser ilibado. Mas, é uma pessoa extremamente sensível. A pressão das investigações, principalmente, o fato de alguns dos seus amigos terem dado crédito às acusações constituiu para o meu pai o cúmulo das provações. Mesmo antes de ser ilibado, resignou do cargo que ocupava na universidade e recolheu-se num isolamento voluntário. Não quis ter mais nada a ver com as políticas profissionais. Havia atingido o grande

objetivo da sua vida e bastava-lhe.

-Ainda se encontra retirado?

-Sim. Vive a vida de um recluso, devotando-se a estudar e escrever. Continua a manifestar a sua amargura a respeito do círculo acadêmico, e também não manifesta interesse em entrar em contato com as pessoas que desenvolveram a sua descoberta. Pensa que o anúncio mundial do seu achado será uma prova concludente. Mas o Dr. Tura, a fim de justificar sua conduta, seu procedimento, nunca cessou de dar voz às suas atordoadas difamações, aproveitando-se para murmurar em toda a parte o escândalo. Parece não haver dúvidas que de Vroome ouviu esses boatos e se dirigiu ao Dr. Tura, aceitando como verdades as difamações para o seu arquivo, como se se tratasse de verdades irrefutáveis. E porque não? Como tu próprio disseste, Steve, de Vroome pretende destruir o nosso projeto e todas as pessoas a ele ligadas. Porque é que eu me incomodei a um encontro contigo em Milão depois de ter recusado avistar-me com outros membros do teu pessoal? Simplesmente para ter a certeza de que possuías a história fidedigna do papel que meu pai representou na descoberta arqueológica de Ostia Antica. Se, tal como meu pai acredita, o anúncio mundial da descoberta falará por si mesmo, nesse caso eu, como sua filha, tinha que me certificar que as declarações fossem completas e corretas.

-Porque é que aúste a vir para Amsterdã como consultora?

Pelos lábios de Angela passou um pálido sorriso.

-Não foi para me utilizar de ti. Não existe a menor necessidade de me servir de ti. Convidaste-me e eu aceitei. Aceitei não para me assegurar de que meu pai obtivesse mais publicidade. A que terá, e a que já tem, são mais do que suficientes. A posição dele é inamovível. Aceitei porque... porque me afeiçoei a ti imediatamente... e desejei estar junto de ti.

Randall sentiu-se comovido, mas não podia deixar embalar-se assim. Ainda estava por fazer a mais grave das acusações. A partir do momento em que proferisse o que se tornava necessário, as relações entre os dois acabariam para sempre. O nome de Angela Monti correspondia ao código do apóstolo Mateus. Era ela a traidora, e tinha que ser informada daquilo que ele descobrira antes do caso ser revelado ao inspetor Helderling, ao Dr. Deichhardt, George Wheeler e aos outros.

O que ela acabara de dizer? Ah, sim, que se deslocara para Amsterdã para estar junto dele.

-Angela, haverá qualquer outra razão que te tenha levado a juntares-te ao projeto?

-Qualquer outra razão? Não, não houve outra. -Levantou uma das sobrancelhas com uma expressão intrigada -Que outra razão poderia haver?

-Realizares alguma coisa por alguém, fora de teu pai e do afeto por mim.

-Por alguém? O que é que...

Não. Não havia qualquer processo de amortecer o choque. O golpe tinha que ser direto.

-Angela, porque é que trabalhas dentro do nosso projeto como uma informante do Dominee de Vroome? Porque é que forneces os segredos da Ressurreição Dois ao nosso maior inimigo?

Randall nunca tinha visto um rosto expressando maior espanto. Não era pânico nem receio, apenas espanto. Os lábios dela movimentaram-se durante momentos sem que a voz fosse capaz de se acompanhar. Mas por fim as palavras conseguiram soltar-se-lhe da garganta.

-Como? O que é que disseste?

Repetiu o que havia dito, acrescentando:

- Possuo provas irrefutáveis de que estás ao lado de de Vroome.

-Steve, querido, de que raio estás falando? Enlouqueceste ou quê?

Randall não podia deixar-se convencer assim.

- Ontem à tarde enviei um memorando confidencial a doze pessoas que fazem parte do nosso projeto. Uma dessas cópias do memorando chegou às mãos de de Vroome. Foi precisamente o teu exemplar que chegou às mãos do Dominee. É um fato incontestável, Angela, sei exatamente o que digo e não pode ser negado.

O espanto dela cada vez parecia mais genuíno.

-Memorando? Que memorando é que eu dei a de Vroome? Bem digo eu que enlouqueceste. Não conheço de Vroome. Nunca o vi mais gordo ou mais magro na minha vida. E também não estou nada interessada em conhecê-lo. Que interesse teria? Diz-me, que interesse teria em conhecer esse homem? Steve, deves ter perdido a razão. Que trapalhadas estás tu dizendo?

-Vou-te explicar sucintamente as coisas. Ouve com atenção. Rudemente, Randall contou-lhe o que se passara com o primeiro memorando que fora entregue ao Dominee de Vroome, do segundo documento que dispusera como uma armadilha, e do modo como vira um exemplar do memorando com o nome de código que lhe destinara a ela, Mateus, em cima da escrivaninha do Reverendo de Vroome.

-O memorando com o nome de código Mateus foi-te entregue em mão própria, Angela. Tenho um protocolo assinado por ti. Lembras-te agora?

-Sim, lembro-me. Recebi o documento... deixa-me pensar bem... sim, estou a recordar-me. Depois de teres saído do meu quarto adormeci e quando acordei vi que já era muito tarde. Fiquei aborrecida com o tempo perdido e corri para Krasnapolsky a fim de realizar algum trabalho que me distraísse. Dirigi-me ao gabinete que Miss Dunn me tinha primeiramente destinado e comecei a mudar os meus arquivos para o outro gabinete. Depois chegou um guarda da segurança interna... sim...agarrei no memorando que ele me entregava e lancei-lhe um olhada para ver se era importante. Não me pareceu de consideração prioritária. Coloquei-o numa das pastas de arquivo e levei-o para o gabinete de Lori. Na segunda gaveta do arquivo havia espaço e eu coloquei a pasta, juntamente com os outros documentos que trouxe, nessa gaveta. Lembro-me perfeitamente de ter feito exatamente isso. Ainda deve lá estar.

Randall avaliou o que ela lhe tinha dito. Ou Angela seria de uma impecável honestidade ou era a mais consumada mentirosa que jamais encontrara na vida. Contudo a explicação da sua honestidade parecia fraca.

- Angela, só havia uma cópia do memorando com o nome de Mateus. Estás dizendo-me que se encontra no fichário do escritório, mas eu garanto-te que a vi no gabinete de de Vroome.

Parece-me óbvio que o documento não se pode encontrar ao mesmo tempo no teu arquivo e na posse de Dominee.

- Lamento, mas não te posso explicar as coisas de outra maneira. Posso ir mostrar-te já o meu exemplar.

-Muito bem, vamos lá ver.

Quando desceram dos bancos altos do bar, Angela fitou-o abertamente.

-Não acreditas em mim, pois não?

-Só te posso dizer aquilo que vi... e vi de Vroome mostrar-me esse exemplar do memorando.

-Steve, não serás capaz de pensar que a minha ligação com esse horrível de Vroome não faz qualquer sentido? Ele pretende arruinar a Ressurreição Dois e desacreditar o Novo

Testamento Internacional. Pelo contrário, eu só desejo auxiliar o projeto a singrar para que o mundo aceite a nova Bíblia. Pelo menos, se não por amor de ti, com certeza para ver que o nome de meu pai e a sua descoberta sejam coisas devidamente honradas. Porque é que iria colaborar com um homem que pretende destruir o meu pai juntamente com toda a outra gente?

-Não sei. Haverão imensas coisas que eu desconheço a respeito do Professor Monti ou de Angela Monti. Por tudo o que posso saber, talvez afinal de contas desprezes o teu pai.

- Oh, Steve! -exclamou ela com o desespero a vibrar-lhe na voz. Angela agarrou na bolsa, enquanto Randall agarrava nos tickets para ir pagar à caixa. -Bom... vou-te mostrar que continuo a ter o meu memorando no fichário.

Em silêncio, meteram-se no elevador até ao piso térreo dos armazéns Bijenkorf. Atravessaram o Dam e dez minutos depois encontravam-se no gabinete que fora destinado a Lori Cook e que Angela ocupava.

Enquanto Randall ficava encostado à escrivaninha com o rosto fechado, sombrio, Angela dirigiu-se a um dos dois fichários metálicos, destravando-o e puxou para fora a segunda gaveta, começando a passar as pastas do arquivo.

-Arquivei na letra M... Memorandos do Serviço de Relações Públicas.-Abriu os dois batentes metálicos que marcavam a letra M, desfolhou qualquer coisa lá dentro, e depois com voz profundamente desapontada disse: -Mas não está nada dentro da pasta. Tenho a certeza que... - Freneticamente começou procurando em todas as letras. - Talvez me tenha enganado e tenha colocado a pasta noutra letra qualquer. Espera um bocadinho, encontrarei o documento num instante.

Passaram alguns minutos, e o documento sem aparecer. Angela endireitou-se, tendo estampado no rosto o pânico pela perda sofrida.

Randall não perdera as suspeitas sobre a honestidade daquela mulher amada.

-Tens a certeza que arquivaste o documento?

-Penso que sim-disse, já com uma nota de insegurança na voz - Depois de me mudar do antigo gabinete estes arquivos estavam todos espalhados em cima da escrivaninha e eu comecei a arrumá-los...

-Entrou alguém no escritório antes de fechares o fichário à chave?

-Se alguém em ... ? Sim! Sim! Não te mencionei as visitas ontem à noite ao jantar porque não me pareceram importantes. -Encaminhou-se para a escrivaninha -Vieram várias pessoas procurar por ti. Eu... Deixa-me assentar idéias... tentei ser o mais eficiente possível e por isso escrevi o nome de todas as pessoas que vieram aqui ou que fizeram chamadas telefônicas. -Abriu uma das gavetas, tirou um bloco-notas e dobrou a capa. - Jessica Taylor entrou durante breves segundos. Disse que vinha realizando um trabalho para ti e vinha ver se precisavas de mais alguma coisa. Informe-i-a que tinhas saído e que não sabia onde te encontravas.

-Estava no andar de baixo com o inspetor Helderling examinando se todos os exemplares do memorando foram entregues.-Fez um gesto na direção do bloco-notas.-Quem foram as outras pessoas que vieram?

Angela percorreu a lista com o dedo.

- Elwin Alexander e... - Suspendeu abruptamente o que ia dizendo e a consulta ao bloco. - Agora me estou me lembrando! Que estúpida fui em me ter esquecido! O seu nome está aqui, escrevi-o. Olha, Steve, olha aqui... O dedo voltou-lhe correndo pela página do bloco-notas até ao fim, onde tinha um nome escrito a lápis: Dr. Florian Knight.

- Knight? - espantou-se Randall.

-Sim, foi o Dr. Knight -disse Angela com evidente alívio. Graças a Deus que posso esclarecer as coisas. Agora vais acreditar-me. Sim, o Dr. Knight entrou quando eu arquivava. Queria falar-te. Disse-me que estava numa conferência publicitária contigo e que tu havias prometido entregar-lhe certo material para o orientar a respeito do tipo de informações que desejavas dele. Prometeste-lhe alguma coisa?

- Sim.

- Como tu não te encontravas, o Dr. Knight viu os arquivos e disse que talvez tivessem alguma coisa que lhe interessasse. Mostrou-me o seu cartão de segurança de primeiro plano, como o meu e o dos outros consultores, de modo que pensei não haver qualquer razão para recusar o que pedia. Começou a remexer nas pastas e declarou-me que o material que queria talvez estivesse no teu gabinete, mas pediu então que lhe emprestasse o último memorando, porque tendo-se deslocado para Amsterdã à última hora pretendia estar a par dos teus planos. Garantiu-me que de manhã, quando te viesse de novo procurar, me entregaria o documento, junto com uns outros que levou e que lhe serviriam de orientação.

-E entregou o documento de manhã?

Angela deu uma olhada pelo tampo, perturbada.

- Ao que parece, não. Deve ainda ter o memorando em seu poder.

-Não, não o deve ter-murmurou Randall firme.

- Quem o tem é o Reverendo Maartin de Vroome. - Fechou um dos punhos e deu uma pancada seca na palma da outra mão. -O Dr. Florian Knight! Maldição! Eu já devia saber que era assim.

- Saber o quê? -Não importa agora.

- Cometi qualquer erro em emprestar-lhe o memorando?

-Isso agora também já não tem importância. Não poderias compreender o que estava ou não errado.

- Steve, mas agora já sabes que nada tenho a ver com o Dominee Maartin de Vroome. Com certeza que acreditas em mim. Vem, irei contigo ao gabinete do Dr. Knight. Ele dir-te-á na minha frente o que se passou e talvez dê qualquer explicação sobre o assunto.

-Não necessito das explicações dele-disse Randall amargamente.

Interiormente, Randall amaldiçoava o seu sentimentalismo. A partir do momento em que ouvira dizer que Knight odiava o Dr. Jeffries e a Ressurreição Dois, confissão tanto mais fidedigna porque lhe fizera por Valerie Hughs naquela taverna londrina, não devia ter autorizado o pedante erudito de Oxford a juntar-se ao projeto. Desde o princípio devia ter sabido que Knight era uma ovelha ranhosa, o único com probabilidade de se vender para recuperar o dinheiro que julgava ter perdido com o lançamento da nova Bíblia. Randall lembrou-se de ter pensado nele no dia anterior; lembrou-se de não lhe ter precisamente enviado um memorando, por exclusão na lista, na vã esperança de que o sabotador fosse outra pessoa qualquer. Mas, afinal de contas, o sabotador era sem dúvida o Dr. Florian Knight. Maldição.

Angela aguardava.

-Vamos ao encontro do Dr. Knight?

-Não há necessidade que tu vás.-tentou sorrir-Angela, perdoa-me por não ter confiado em ti. A única coisa que te posso dizer é que... que te amo muito.

Ela refugiou-se nos braços que ele lhe abria, fechou os olhos e premiu os lábios desesperadamente contra os dele. Quando o longo beijo terminou, murmurou:

- Steve, eu amo-te mais, muito mais do que o amor que tu serás capaz de me dedicar.

Randall sorriu.

- Isso é o que veremos. - Desprendeu-se a custo dos braços dela. - Agora vou conversar com o Dr. Florian Knight. Tenho que ter uma entrevista com ele a sós.

Em passos rápidos, seguiu pelo corredor e entrou, depois, no gabinete do Dr. Knight. Não estava.

A secretária disse como quem pede desculpa:

-Lamento, mas o Dr. Knight telefonou dizendo que não vinha hoje.

-Onde é que está.

-A trabalhar no hotel onde se hospeda. O Hospice San Luch시오.

-Hospice quê?

-Vou escrever-lhe a direção. San Luch시오. Fica em Waldeck Pyrmontlaan, número nove. Quase todos os clérigos e teólogos do nosso projeto se encontram lá hospedados. É um hotel muito estranho.

Randall não tinha tempo para lhe perguntar onde é que estava a estranheza do local. Limitou-se a agarrar no papel com a residência e encaminhou-se para o porta.

Mas, antes de chegar ao limiar, ouviu a voz da secretária perguntar:

-Quer que telefone ao Dr. Knight a anunciar a sua visita?

-Não. Prefiro fazer-lhe uma surpresa.

CAPÍTULO 7.1

Era na verdade um estranho hotel.

A primeira vista, o San Luch시오 decepcionava. Parecia-se com um vulgar prédio de apartamentos, um prédio moderno, de cinco andares, edificado numa ampla rua.

O San Luch시오 era algo de que Randall nunca ouvira falar -um pequeno hotel construído exclusivamente para eclesiásticos católicos e pastores protestantes com as respectivas famílias que estivessem em trânsito por Amsterdã. Servia também de alojamento a várias freiras.

Theo, que como sempre conduzia Randall, provara-se um centro informativo precioso. Durante os doze meses anteriores, Theo fora uma espécie de ponte móvel de transporte para vários eclesiásticos, bem como para teólogos seculares, entre o Krasnapolsky e o San Luch시오. Conhecia pois muito bem o local, e a pergunta de Randall desencadeou um verdadeiro dilúvio de pormenores.

O San Luch시오 -nome adaptado em honra do primeiro seguidor de São Francisco de Assis, foi construído em 1961. O hotel clerical tinha trinta e quatro quartos e cinquenta camas. O custo de um quarto com café da manhã incluído, era de catorze florins por dia. Theo explicara-lhe que a sala logo a seguir ao saguão servia como sala de comer às horas das refeições e como sala comum de orações durante o resto do tempo. Para o efeito, ao longo das paredes existiam uns compartimentos em madeira com um pequeno oratório e uma cadeira. Quando das refeições as cadeiras eram conduzidas para a longa mesa central, o que lhe conferia o aspecto de uma espécie de refeitório monástico. Do outro lado do saguão, segundo a explicação de Theo, encontrava-se a capela privativa do hotel. À entrada da porta estavam suspensas duas batinas especiais, para os celebrantes católicos e protestantes. Num pequeno gabinete lateral, que funcionava como sacristia, encontravam-se os paramentos e apetrechos destinados à celebração da missa.

Theo parara o Mercedes-Benz em frente do hotel e Randall, em passadas vigorosas, atravessara o passeio e entrara no San Luch시오.

O saguão não oferecia nada a aparência de um vulgar saguão de hotel, pelo contrário,

parecia-se com a sala de estar de uma residência particular, uma sala tornada confortável pelos extremos cuidados de uma dona de casa irrepreensível. As paredes circundantes tinham pequenos painéis de ripas de madeira, em castanho, onde se dispunham almofadas de couro acolchoadas. Randall observou que serviam para encostos quando os visitantes se sentassem nos banquinhos dispostos por baixo. Nas paredes viam-se quadros com cenas bíblicas, uns em tela outros de pano bordado, como nas tapeçarias, que davam um maravilhoso efeito colorido ao ambiente. Em frente do saguão ficava a recepção-uma simples mesa atrás da qual se sentava muito empertigada uma garçonne que tinha lá seus cinqüenta e tantos anos.

O ambiente exsudava por todos os poros um ar de asseio, pureza, bondade.

Não, na verdade não se adequava ao propósito feroz que ali o conduzira, pensou Randall, ao propósito de defrontar um teólogo para o desmascarar. Para lhe dizer que não passava de um reles filho da puta e de um nojento traidor.

Randall dirigiu-se à secretária.

-Precisava ver o Dr. Florian Knight. Trabalhamos os dois juntos.

A grave e altiva recepcionista levou a mão ao telefone.

-O Dr. Knight espera-o?

-É provável.

-Vou ligar para o quarto. Diz-me o seu nome, faz favor.

Depois de ter dado o nome, Randall dirigiu-se nervoso para o limiar do salão que servia de local de oração e de sala de jantar, observando distraído a enorme mesa central, as cadeiras e as divisórias de madeira. Depois voltou para junto da recepção, precisamente quando a garçonne colocava o fone do telefone no descanso.

-O Dr. Knight está no quarto. Fica no piso quatro. Esperá-lo-á à porta do elevador.

De fato o Dr. Knight encontrava-se no corredor quando Randall saiu no quarto andar. Olhou-o e considerou que não obstante o seu aspecto fosse o mesmo daquele homem que encontrara numa cama em Londres e que ainda na véspera vira na conferência com o seu pessoal, tinha contudo um ar diferente. Pela primeira vez, desde que Randall o conhecera, não exibia aquele rosto fechado, façanhudo, irado, de pessoa permanentemente contra o mundo. Mostrava-se calmo e senhor de si. Enquanto se dirigiam para o quarto, Randall pôde também notar que o homem manifestava um senso de preocupação bastante profundo.

O quarto de Knight no San Luchesio era ainda menor do que o do apartamento de Londres. Mas estava impecavelmente limpo e tinha um aspecto austero, muito semelhante ao da cela de um monge num convento. Tinha uma cama estreita, uma mesa dobrável, um armário para guardar ternos e, num canto, uma bacia para lavar as mãos. Por baixo da alta janela estava uma cadeira solitária.

-Aproveite a cadeira- ofereceu Knight, com um tom relativamente hospitaleiro e menos brusco do que era hábito.- Oferecer-lhe-ia, de boa vontade, uma bebida se não fora o caso do álcool ser expressamente proibido neste hotel franciscano. Se não fosse tal proibição acharia o lugar decentemente confortável. Os bons irmãos hospitaleiros gerentes do hotel como se São Francisco de Assis fosse o diretor executivo. E dado que o santo se preocupava mais em fazer sermões aos passarinhos, do que em falar com os bípedes humanos, os garçons, num arremedo, resolvem também tratar os hóspedes de uma maneira chilreante. É tudo muito encantador.

Depois, quando já se tinha sentado na beira da cama, acrescentou:

- Lamento muito que se tenha deslocado até aqui, Mr. Randall. Estava na disposição de ir

amanhã até ao Krasnapolsky, pondo-me incondicionalmente ao seu serviço. Seja como for, está aqui. Em que posso ser-lhe útil? Algo de especial?

- Sim, muito especial até - respondeu Randall martelando as palavras.- É um assunto que lhe diz essencialmente respeito.

-Muito bem. Pois aqui estou às suas ordens, meu caro.

Randall decidiu não desperdiçar palavras. Dir-lhe-ia sem rodeios.

- Dr. Knight, ontem, no termo de uma dia de trabalho, o senhor pediu certo material de arquivo emprestado a Miss Monti, a minha secretária. Entre esse material encontrava-se um memorando confidencial escrito por mim. Ora, algumas horas mais tarde o mesmo memorando estava nas mãos do Dominee Maartin de Vroome, inimigo declarado do nosso projeto.

Calou-se, esperando qualquer reação do Dr. Knight, reação de surpresa ou negação, mas o erudito oxfordiano não deixou transparecer qualquer emoção. Tirou calmamente do bolso uma caixa de pastilhas para refrescar a boca, oferecendo a Randall, depois de ter aberto a tampa. Diante a negativa do publicitário, metendo na boca um dos pequenos comprimidos de menta, Knight disse:

- Lamento ouvir-lhe dizer isso, mas também lhe posso garantir que em nada me surpreende.

Randall, apanhado de chofre, olhou-o aturdido.

- Não se sente surpreso?

- Bom, embora não esperasse que de Vroome tivesse o documento, a verdade é que não excluía também a hipótese de lhe poder ir parar às mãos. A minha surpresa é em saber que o senhor descobriu a tramóia. Tem certeza de que é o Reverendo de Vroome quem tem o memorando?

-Absoluta. Tive ontem à noite uma entrevista com de Vroome e vi-lhe o documento na mão.

-E não tem dúvidas de que fosse o memorando que eu pedi emprestado a Miss Monti?

-Nenhuma. Era exatamente o mesmo memorando-disse Randall um pouco desconcertado pela forma natural com que Knight aceitava o seu papel de traidor. - Vou-lhe revelar a forma como pude determinar com exatidão a veracidade do documento e a forma como a pista do roubo me conduziu até si.

O mais rapidamente que pôde, Randall revelou os nomes de código utilizados na elaboração dos exemplares do memorando, com alguns pormenores sobre a conversa que tivera com de Vroome e o que se passara com Angela Monti. Quando terminou, o seu olhar continuou fixado no Dr. Knight. O teólogo inglês continuava a chupar calmamente a sua pastilha de menta, mas Randall reparou que a mão pousada na borda da cama tremia ligeiramente.

- Vamos lá ver agora o que tem a dizer do caso.

- Muito inteligente da sua parte - disse Knight com admiração.

- E muito pouco inteligente da sua. De fato posso até dizer que a sua atitude foi sumamente estúpida. Desde o momento em que soube que o seu livro deixava de ser publicável devido ao aparecimento do Novo Testamento Internacional, considerei-o um perigo, mas um perigo que se poderia correr. Mas eu devia ter compreendido que uma pessoa tão amargurada contra o nosso projeto e tão necessitada de dinheiro seria capaz de tudo para nos derrubar.

O pequeno tique nervoso da mão de Knight acentuou-se. Tremia agora visivelmente.

- Soube então tudo a meu respeito, hem?

- Sim, desde o princípio. Desde Londres. Mas fiquei tão impressionado pelas suas credenciais, pelo seu valor potencial para o projeto... que... juntamente com o pedido de Valérie...

-Ah! Valérie...

-...que...pus de lado quaisquer dúvidas e persuadi-me que o senhor, apesar de tudo seria uma pessoa de inteira confiança, incapaz de uma traição. Estava enganado. Traiu-nos. Vou voltar ao Krasnapolsky e relatar tudo o que sei.

-Não-disse o Dr. Knight com rapidez, quase com frenesi.

O seu frio exterior britânico começara a desintegrar-se, a abrir fendas. Aos olhos de Randall começou a deparar-se um espetáculo como o do retrato de Dorian Gray; ainda em vida aquele rosto começou enchendo-se de rugas, a mostrar um evidente aspecto de envelhecimento gradual.

-Não, não lhes diga- suplicou. -Não permita que eles me ponham fora do projeto!

- Que não os deixe porem-no fora? - inquiriu Randall espantado. -Mas o senhor admitiu que entregou o memorando a de Vroome...

-Não entreguei nada diretamente a de Vroome, nada, acredite no que lhe digo. Se fui fraco, se de qualquer maneira trai a suas esperanças, foi em pequenas coisas, de maneira quase inofensiva. Mas tudo isso já passou, modificou-se. Agora já podem confiar em mim absolutamente. Sou inteiramente devotado à Ressurreição Dois. O projeto é a minha vida. Não posso permitir que me separem deste trabalho. Tenho que continuar.

Levantou-se e começou a medir o pequeno aposento, torcendo as mãos nervosamente.

Estupefato pela reação, Randall observava-o de boca aberta. As contradições do comportamento e das palavras do Dr. Knight não faziam sentido. Randall decidiu que o homem era um doente, um histérico. Tinha que o levar para um caminho racional.

-Vejamos, Dr. Knight, como pode o senhor dizer que é inteiramente devotado à Ressurreição Dois, quando ainda não passou muito tempo depois de ter admitido que entregou os nossos segredos a de Vroome? Espera então que nós mantenhamos um traidor no nosso seio?

-Não sou nenhum traidor! -exclamou com veemência o Dr. Knight. Chegou-se para Randall e ficou-lhe na frente dominando-o com a sua magra figura de asceta.-Então não é capaz de compreender? Pretendi ser um traidor. Comecei dando o primeiro passo nessa senda, mas depois não pude... foi-me impossível logo que a verdade me foi revelada... Foi-me impossível. E agora têm que me deixar continuar no trabalho. Matar-me-ei se não me permitirem que fique!

- Mas de que raio está o senhor falando? Nada disso faz sentido. É completamente ridículo. Basta de o aturar...

Fez um gesto para se levantar, mas as mãos de Knight, como garras, fizeram-lhe pressão sobre os ombros.

- Não... não... espere, Randall, tem que me dar uma oportunidade. Vou-lhe explicar tudo. Vou-lhe despejar tudo o que sei e então fará sentido. Estava com receio, mas afinal vejo que é

necessário ou tudo estará perdido. Por favor, ouça o que tenho para lhe dizer.

Só depois de Randall se ter de novo ajeitado na cadeira é que o Dr. Florian Knight se retirou de junto dele, voltando a sentar-se na borda da cama, tentando dominar a agitação que o tomara, tentando pensar na maneira de transformar os pensamentos em palavras. Finalmente, com certos sinais de calma, fixou os olhos no chão e começou:

-Logo que o senhor chegou aqui, tentei ocultar o que se passa. Pensei que a minha

franqueza nua e crua o desarmaria e abria caminho para um entendimento... bem uma confissão que fosse capaz de o satisfazer sobre a minha participação num erro, numa coisa má, mas sem ser um traidor. Pensei que lhe poderia provar que estava modificado a respeito da minha forma de encarar o projeto e da minha necessidade de continuar na Ressurreição Dois. Mas afinal vi que o senhor me continuava a julgar um vira-casacas, o que me levaria sendo demitido. Sim, considero agora que não pode haver maneira de evitar confessar-lhe toda a verdade. De resto, penso que também não existe qualquer razão sólida para proteger os outros...

Os outros. Randall apurou o ouvido.

-... E que já não há qualquer razão para ter medo de lhe revelar o que se passou ontem à noite e esta manhã.-Olhou para Randall.-Se ainda pensa que não faz sentido...

- Vamos, continue.

- Obrigado. A respeito da minha amargura, da minha zanga contra o Dr. Jeffries, não posso desmentir que seja verdade. Foi uma indiscrição da querida Valerie falar-lhe no caso, mas não posso perfeitamente perdoar-lhe. A maior vocação de Valerie são os esforços que tem feito, quase sempre, para me salvar do meu próprio mau gênio e... -sorriu como que envergonhado -...e salvar-me por amor dela também. Mas nunca deixei de lhe ser devotado. Sim, foi ela que me pediu para que me juntasse à Ressurreição Dois. Concordei, mas não pelas razões que ela pensava. Vim para aqui, tal como o senhor suspeitou, com sentimentos que me tomavam indigno de confiança. Sabia que a Ressurreição Dois tem inimigos. E sabia perfeitamente quem eles eram. Li a entrevista de Plummer com Maartin de Vroome, e os dois artigos que ele publicou dentro da mesma linha de opiniões. Não tinha planos definidos, mas, cá bem no fundo da minha mente pensava que como membro da Ressurreição Dois encontraria modo de me salvar.

- Salvar... Quer dizer obter dinheiro?

- Bem... sim. De certa maneira sim. Bem, já que temos de usar de franqueza, pensava que o dinheiro seria a minha única salvação. Recusaram-me dinheiro por causa do Novo Testamento Internacional, dinheiro que me restauraria a audição, dinheiro que me permitiria casar com Valerie e poder sustentá-la, vivendo a minha vida com propriedade e de harmonia com o que um estudioso merece.

-E vai daí procurou Cedric Plummer?

-Não foi necessário. Foi Plummer quem me procurou. Ou, para ser mais exato, foi alguém era representação de Plummer.

Randall ergueu uma das sobrancelhas.

-Alguém? Do Krasnapolsky?

-Sim.

Randall procurou no bolso do casaco e tirou o gravador miniatura.

- Se não se importa?...

- Vai gravar as minhas palavras? Para quê?

- Se houve outras pessoas envolvidas no caso...

- Vejo. Ajudará a me inocentar, não é?

- Não posso garantir isso, Dr. Knight. Mas se na verdade tem uma defesa legítima, será de toda a vantagem em que eu grave a nossa conversa, para o caso de se tomar necessário. Se não ficar satisfeito com a história, limparei a gravação à sua frente... e poderá então contar as coisas aos editores em primeira mão.

- Acho justo. - Esperou que Randall ajustasse o volume e colocasse o aparelho no chão, entre a cama e a cadeira. Knight olhou para o gravador. - O meu júri. Ajudar-me-á a

inspiração

para me confessar e defender tão completa e desapaixonadamente quanto possível.

-Estava-me contando a maneira como quando chegou a Amsterdã, depois das verificações no Krasnapolsky, foi abordado por outra pessoa sem ser Plummer...

-Sim, alguém que, não sei como, sabia tudo a respeito da minha situação, acerca do meu livro não publicável sobre Cristo, sobre o meu defeito auditivo, enfim sobre a minha ira, necessidades e falta de dinheiro. Esse alguém sugeriu-me que talvez houvesse um meio de reaver o dinheiro que me devia ter cabido. Dessa vez não anui. Todavia, durante o meu curto tempo de estadia em Amsterdã, tomei o hábito de copiar todo e qualquer material secreto recebido, ou que passava ao meu alcance. Tornei-me cuidadoso em ouvir tudo o que pudesse, tomando notas e ocultando-as. Não dei um passo na minha vingança a não ser quando de novo fui abordado. Quis saber quanto valeriam os meus serviços. Em troca, perguntaram-me o que tinha para oferecer. Impulsivamente, numa experiência, mostrei o meu pequeno arquivo de material da Ressurreição Dois à pessoa que me abordara. Quase logo a seguir proporcionaram-me uma entrevista com Plummer, que me informou graciosamente ser perfeitamente útil o material cedido.

-Foi então dessa maneira que eles souberam da data da nossa declaração pública e dos nossos planos para a transmitirmos ao mundo via satélite, não é verdade?

- Sim. Tudo útil, segundo Plummer me disse, mas não era suficiente. Queriam que eu continuasse a obter mais notas e memorandos para os servir, mas, o mais importante de tudo, desejavam um exemplar da nova Bíblia ou pelo menos um sumário do conteúdo da nova Bíblia, isto é, do Pergaminho Petrônio e do Papiro Jacob, coisas em que eu trabalhara mas que não conseguira ver totalmente. Plummer disse-me que havia uma outra maneira de o material ser obtido...

-Por Hennig! -exclamou Randall.

- Como?

-Não importa. Continue.

-Mas, não queriam correr riscos. Pretendiam ter uma dupla certeza. Foi então que Plummer me anunciou o preço que estavam dispostos a pagar. Era... era uma quantia esmagadora. Uma soma que seria a solução para todos os meus problemas. Verdadeiramente irresistível. Concordei em lhes entregar a nova Bíblia, ou pelo menos transcrições das novas descobertas que ela contivesse. Prometi-lhes a entrega da Bíblia para ontem.

Mais uma vez Randall manifestou a sua surpresa e confusão.

- Como é que esperava colocar as mãos num exemplar? O livro encontra-se fechado a sete chaves e na maior segurança no cofre-forte do impressor. Todas as páginas de provas da edição especial antecipada estão em cofre.

O Dr. Knight agitou um dedo em discordância.

- Nem todas. Mas não nos afastemos da minha cronologia. Anteontem tentei obter uma cópia da nova Bíblia, mas falhei. Claro que não a pude entregar conforme o combinado, e tive que convencer o meu contato, provando a minha boa-vontade. Assim, fiz uma busca nas minhas notas e em documentos obtidos, entre eles figurava o seu memorando com o código do apóstolo Mateus.

-Vejo.

-Claro está que não ficaram satisfeitos. Queriam a Bíblia. Fui positivo em que poderia obter um exemplar nessa mesma noite, isto é, quanto a nós, ontem à noite.

-Mas não pôde...

- Pelo contrário. Pude e apanhei.

Randall estremeceu.

- Obteve o Novo Testamento Internacional?

- Sim, com poucas dificuldades. Veja bem, Mr. Randall, nem todas as páginas de provas da edição se encontram em cofre. Cada teólogo chefe tem o seu exemplar. O Dr. Jeffries tem uma cópia. Não se esqueça, as nossas relações continuam ainda sendo íntimas. Jeffries possui um enorme quarto no primeiro piso, quarto a que eu tenho acesso para poder consultar os seus livros de referências. Sabia que ele tinha o exemplar do Novo Testamento numa pasta que tem um cadeado que só se abre por meio de relação de letras, tal e qual como um cofre-forte. Mas o Dr. Jeffries; é um homem distraído, tornando-se um hábito comum escrever todas as coisas para lhe ajudarem a memória. Passei uma busca sutil ao quarto dele para obter a relação. Tal como esperava estava escrita numa pequena agenda. Decorei-a. Ele projetava sair anteontem à noite, mas à última hora cancelou o encontro que tinha. Mas a saída ficou adiada para ontem. Esperei que ele saísse, depois entrei-lhe no quarto. Abri a pasta e tirei as provas encadernadas do Novo Testamento Internacional. Levei o livro para fora do hotel e fui direto a uma loja de fotocópias, uma loja que descobrira antes e que sabia estar aberta à noite. Mandei fotocopiar as páginas com o material anotado, com a tradução do Pergaminho Petrônio e do Evangelho Segundo Jacob. Voltei ao quarto do Dr. Jeffries e coloquei as provas na pasta. Depois regresssei a este quarto com as minhas fotocópias.

Randall sentiu-se vacilar.

-E entregou-lhes o material?

O Dr. Knight mais uma vez agitou o dedo espetado em ar de reprovação.

- Estive quase... cheguei a levantar o telefone para fazer uma chamada para o meu contato, entregando as fotocópias por trinta moedas. Mas, como sabe, sou aquilo que sou e não me posso furtar a esse destino... sou um estudioso, um erudito muito curioso, acima de poder ser um negociante prático. De modo que não fui capaz de resistir lendo primeiro o Evangelho Segundo Jacob antes de lhes entregar o documento.

- Leu-o então... - pronunciou Randall pausadamente. E que aconteceu depois?

- O milagre - disse o Dr. Knight com simplicidade.

-O quê?

- Aconteceu a minha comunicação com o Senhor e o milagre que se seguiu, Mr. Randall, se me conhecesse bem saberia que sou um homem profundamente interessado na religião, sem ser todavia um homem intensamente religioso. Encarei sempre Cristo, a Sua Missão, a partir de um ponto de vista exterior, objetivamente, como um estudioso. Nunca me aproximei d'Ele suficientemente, nem O admiti dentro do meu coração. Mas na noite passada li o Jacob neste quarto, sentado exatamente nesta cama e chorei, vi o Cristo verdadeiro pela primeira vez, pela primeira vez senti a Sua fé e misericórdia. Fui apanhado pela tempestade mais violenta que desde sempre experimentei. Poderá compreender-me? Randall fez um gesto positivo com a cabeça, incapaz de pronunciar qualquer palavra.

Com palavras cada vez mais fluentes e mais veementes, o Dr. Florian Knight continuou:

- Depois de ler deixei-me cair de costas sobre a cama e fechei os olhos. Fiquei positivamente sufocado de amor por Cristo, de uma fé esmagadora da Sua pregação, e avassalado pelo desejo de Lhe ser útil. Devo ter adormecido. No meu sono, ou talvez em certo interlúdio em que despertei durante a noite... não sei bem... vi Jesus, toquei-lhe a fímbria da túnica, ouvi-O falar-me...dizer-me algumas das palavras que Jacob, irmão do Senhor, registrou para a posteridade. Roguei-lhe que me perdoasse os pecados cometidos e

os por cometer até em pensamento. Prometi a Nosso Senhor dedicar-lhe a minha vida. Jesus, na sua infinita misericórdia, lançou-me a Sua bênção, dizendo-me que, a partir de então, tudo seria justo na minha vida. É possível que veja em tal episódio, em sonho dormindo, ou em sonho acordado, uma espécie de alucinação, de loucura... Também pensei que estaria sendo louco ou lunático, se não fora aquilo que se seguiu.

Dr. Knight, possivelmente mergulhado na introspecção calou-se.

Randall, observando a forte emoção que se apoderou do seu interlocutor, e ávido de conhecer o que se tinha passado, instigou-o:

- O que foi que se seguiu, Dr. Knight?

- O inacreditável - murmurou a pestanejar. - Bom, acordei esta manhã muito cedo, embora a luz do sol já penetrasse por esta janela, que está por cima de si. Eu estava todo molhado de suor, mas senti-me expurgado de toda a mesquinhez. Sentia-me em paz. Deixei-me ficar na cama saboreando essa paz... foi nessa altura que ouvi distintamente um som doce, meigo, extraordinário, um passarinho a chilrear no peitoril da janela. Um passarinho, ouvi um passarinho a trinar a sua canção, eu que em muitos anos nunca ouvira, nunca fora capaz de poder ouvir semelhante coisa... eu que durante anos mal podia ouvir a voz de um ser humano, mesmo que ele estivesse junto de mim, se não me gritasse... eu que era surdo há tempo imemorial, ouvia um passarinho a cantar e sem ter o aparelho auditivo nos ouvidos... porque nunca durmo com o aparelho posto. Olhe para ele, ali está na mesinha de cabeceira, precisamente no local onde ontem à noite o deixei... já não preciso dele... o senhor não notou... mas o fato é que ouvi todas as palavras que pronunciou neste quarto. Ouvi-as claramente, facilmente, sem ter que fazer o mínimo esforço. Esta manhã fiquei positivamente doido de contentamento. Depois de ouvir o passarinho, saltei da cama e liguei o meu rádio, deliciando-me com a música que me inundava o ser. Abri a porta do quarto e ouvi as garçonetes que estavam lá fora no corredor, conversando, e eu podia-as ouvir perfeitamente. Tinha-me oferecido de corpo e alma a Cristo e Jesus tinha-me ouvido, escutara as minhas preces e curara-me. Eis o milagre. Acredita-me agora, Randall?

- Acredito, Florian - respondeu Randall, profundamente comovido. Pensou no que ouviria a seguir e não teve que esperar muito.

- Quando consegui recompor-me totalmente, fiz a chamada telefônica. Falei ao meu contato, disse-lhe que estava pronto a vê-lo, em vez de ir trabalhar. Encontrei-me com ele na oculta residência que possui em Amsterdã, avisando-o de que me foi impossível obter a cópia da nova Bíblia para lhe entregar. Lamentei que lhe tivesse feito essa promessa e que me arrependia até do material que já lhe entregara. Pedi-lhe que me entregasse aquilo que lhe dei, o seu memorando com o nome do discípulo Mateus. Respondeu-me que era impossível, que se encontrava já noutras mãos. Presumivelmente, chegou ao conhecimento de de Vroome, embora eu não tenha a certeza.

- Sim, já estava na posse do Dominee.

- Depois, essa pessoa... o meu contato... instigou-me a continuar a fim de obter um exemplar da Bíblia para lhe entregar. Disse-lhe que a idéia se me tornara repugnante. Respondeu-me que me pagariam mais do que foi combinado. Retorqui-lhe que não estava interessado no negócio. Tornou-se então ameaçador, garantindo-me que a não ser que cooperasse procederia à minha denúncia. Frisei-lhe que não me importava nada com as ameaças e dei-lhe as costas. Regressei aqui ao hotel e destruí as fotocópias que mandara tirar do Novo Testamento Internacional, para ter a certeza de que o conteúdo ficaria fora do alcance de de Vroome. Pouco depois, anunciaram-me sua visita. Pode pois, ajuizar agora

o quanto devo ao novo livro, ao projeto e porque roguei para não consentir que me despedissem. Tenho que ficar, para ajudar nesta obra tão extraordinária.

Enquanto ouvia, Randall refletira. Não estava em causa, a maneira como – se por meios miraculosos ou psicológicos – o aparelho auditivo do Dr. Knight fora restaurado. Em certo sentido, na verdade, acontecera um autêntico milagre. Se o milagre de Lori Cook foi ou não uma fraude, era coisa que já não interessava. O milagre do Dr. Knight era prova suficiente do poder da mensagem contida na nova Bíblia. Mas, segundo garantiu a si mesmo, era um milagre que nunca revelaria pessoalmente aos editores. Não deixaria que explorassem o caso para obtenção de maiores vendas do Novo Testamento Internacional. Estava disposto a aconselhar o Dr. Knight a manter também segredo, a continuar a usar o seu aparelho auditivo até que a Bíblia fosse apresentada ao público com todo o êxito. Tornava-se mais do que evidente que o Dr. Knight passara a ser uma pessoa a quem se poderia confiar totalmente. A sinceridade do homem não oferecia a mais leve dúvida. Só faltava uma coisa.

- Florian, se deseja ficar conosco e ajudar à nossa obra, deve denunciar-me agora quem é o traidor que se encontra entre nós, a pessoa que contactou consigo e que colabora com de Vroome.

- Não, essa pessoa na verdade não colabora diretamente com de Vroome, nem sequer tenho a certeza de que o conheça pessoalmente. É um íntimo amigo de Cedric Plummer. Foi uma coisa que me saltou à vista a primeira vez que me levou à presença do jornalista. Encontramo-nos no clube noturno Fantasio. Os dois tipos fumaram cachimbos de haxixe. Pareceram-me mais do que íntimos. Tenho a certeza que o meu contato deu os nossos segredos a Plummer e que foi este, por sua vez, quem os levou a Maartin de Vroome.

- Talvez tenha razão. Agora o nome do homem que colabora com Plummer... Quem é o traidor da Ressurreição Dois? Tem que me dizer.

- Pergunta-me quem é o Juças? - Knight parou por breves momentos. - É Hans Bogardus, o bibliotecário do projeto. É ele o homem que deve ser corrido como um leproso. Não quero ver o nosso Cristo crucificado de novo e para sempre.

CAPÍTULO 7.2

De regresso ao primeiro andar do Grande Hotel Kranapoisky, Steve Randall foi direto ao seu gabinete.

No escritório a recepcionista, Angela Monti levantou inquisitorial os olhos das teclas da máquina de escrever, perguntando-lhe:

- Foi o Dr. Florian Knight?

- Não.

- Sinto-me contente. Então quem é o traidor?

- De momento não discutamos isso, Angela. Falamos mais tarde. Por favor, faz-me uma ligação para o Dr. Deichhardt. Se não o encontrares, liga-me para George Wheeler.

Randall entrou em seu gabinete. Tirou o gravador do bolso, ligou-o, voltou a fita durante alguns minutos, em seguida apertou o botão para ouvir a gravação. Voltou a fita pra trás, escutando com mais atenção. Parando a fita de vez em quando, para apagar certas informações secretas. Finalmente, satisfeito, desligou a máquina, meteu-a na pasta e esperou que Angela tocasse o telefone.

Por fim, demasiado impaciente para agüentar a espera agarrou a pasta e entrou no escritório de Angela, precisamente no momento em que esta pousava o fone no gancho.

- Lamento, Steve. Nenhum deles se encontra no Kras. Ambos saíram de Amsterdã. A secretária do Dr. Deichhardt disse-me que os editores partiram para a Alemanha, para Mainz, a fim de terem esta manhã uma reunião com Hennig.

- Ela disse quando é que estarão de volta a Amsterdã?

- Perguntei-lhe isso mesmo. Não sabe. Possivelmente não lhe disseram nada.

Randall, entre dentes, proferiu uma maldição. Teria que realizar sozinho todo o trabalho sujo. Sabia perfeitamente que o crítico encontro com Bogardus não podia esperar. Estavam em causa coisas de extrema importância.

- Obrigado, Angela. Até logo.

Saiu do corredor, virando à direita ao fundo, e acabou por parar diante de uma porta marcada Kamer 190. No painel superior da porta estava pintada a palavra BIBLIOTECA em cinco línguas e logo por baixo em cursivo, Hans Bogardus.

Randall rodou a maçaneta e entrou.

Hans Bogardus estava sentado a uma imensa escrivaninha, onde se empilhavam um monte de livros. Estava atentamente debruçado sobre um volume e, de vez em quando tomava umas notas. O seu comprido cabelo loiro, cor de palha, caía-lhe para a frente ocultando parcialmente o rosto. Ao som do abrir e fechar a porta, levantou vivamente a cabeça. Os seus traços jovens e de natureza efeminada manifestaram surpresa. Principiou um movimento para se levantar, mas um gesto imperioso de Randall impediu que consumasse a ação.

- Não vale a pena levantar-se - disse Randall, sentando-se sem cerimônias na cadeira a frente dele, no outro lado da escrivaninha.

Quando Randall começou a colocar a pasta em cima da atravancada mesa e a abri-la, olhou diretamente para o jovem bibliotecário holandês. Como sempre, Steve achou Bogardus repulsivo. Com exceção dos olhos protuberantes de rã e dos lábios carnudos e salientes, a cara do bibliotecário era quase plana, com os buracos das duas narinas representando um nariz. A cor da pele era de um branco pálido, deslavado, quase albino.

-Como está, Mr. Randall? -perguntou Bogardus na sua voz de falsete.

Randal, sem perder tempo a responder, apontou para a pasta.

- Tenho uma coisa pra você.

Bogardus olhou inquisitivo para a pasta.

-A Bíblia final impressa em Mainz... Será que já chegou?

-Não, ainda não chegou. Mas posso desde já dizer-lhe, Hans, que quando chegar não será você quem lhe porá a vista em cima.

As pálidas pálpebras de Bogardus abriram-se e fecharam-se várias vezes. Passou a ponta da língua pelos proeminentes lábios.

- Como... Eu não... Que raio quer dizer com isso?

- Precisamente isto - disse, Randall, tirando o gravador da pasta e colocando-o em frente de Bogardus, ao mesmo tempo que apertava a tecla play. -A primeira voz que ouvir é a do Dr. Florian Knight. A outra pertence-me. A gravação foi feita há menos de uma hora.

A voz do Dr. Knight começou a ouvir-se com inequívoca fidelidade. Randall inclinou-se para frente, ajustou o volume, e recostou-se depois na cadeira cruzando os braços, enquanto observava as reações do bibliotecário.

Gradualmente, nos dolorosos e lentos segundos decorridos, enquanto a confissão do Dr. Knight enchia a sala abarrotada de livros, a cara descolorida de Hans Bogardus começou a tingir-se de uma cor indecisa. Pinceladas de cor-de-rosa apareceram-lhe nas chatas maçãs do rosto, mas sem que ele fizesse o mais leve movimento. Como em contraponto ao

discurso do Dr. Knight só se ouvia o seu respirar apressado, penoso.

A fita estava quase no fim e ouviu-se então a concludente acusação final. A voz do Dr. Knight soou cheia de solenidade.

"O nosso Judas? É Hans Bogardus, o bibliotecário do projeto. É ele o homem que deve ser corrido, como um leproso. Não quero ver o nosso Cristo crucificado de novo e para sempre."

Depois do arranhar final da fita rebobinando, indicando o fim da gravação, Randall inclinou-se, tocou no botão marcado stop e guardou o gravador na pasta.

Foi com frieza que fitou o olhar parado do bibliotecário.

- Importa-se de desmentir o que acaba de ouvir em frente do Dr. Knight, perante a junta reunida dos editores e na presença do inspetor Helderling?

Hans Bogardus não respondeu.

- Muito bem, Bogardus, você foi apanhado. Felizmente para nós aquilo que você entregou ao seu amigo Cedric Plummer, com destino às mãos do Dominee de Vroome, foi de pouquíssimo valor. Mas, claro que não obterá mais nada, e muito menos ainda, um exemplar da edição especial da Bíblia. Farei com que Helderling envie aqui um guarda do serviço de segurança para o vigiar... Até conseguir contatar Deichhardt ou Wheeler, hoje mesmo, em Mainz de modo a que eles o despeçam.

Randall ficou à espera de uma histérica ejaculação de desmentido, de uma demente cena de defesa, ainda que a prova fosse insofismável.

Todavia, o homem não abriu a boca.

Pouco depois, começou a esboçar-se um sorriso no rosto chato do holandês, sorriso que tinha algo de satânico.

- O senhor é maluco, Randall. Esses seus padrões... essa gente não se atreve a despedir-me.

Estava para acontecer algo inesperado, totalmente deslocado em relação a tudo o que se passara.

-Pensa então que não o despedirão? Suponha que nós...

- Sei que não me despedirão - interrompeu Bogardus com decisão. - Não, não se atreverão despedir-me quando ouvirem aquilo que descobri. Continuarei no meu emprego até que queira ir-me embora de livre vontade. E posso dizer-lhe que não tenho intenção de partir sem levar um exemplar da Bíblia comigo.

Randall decidiu que o jovem holandês perdeu o juízo. Não valia a pena gastar saliva com aquele imbecil. Levantou-se.

-Muito bem, vamos lá procurar saber se o despedem ou não. Farei uma ligação telefônica para Deichhardt ou Wheeler em Mainz...

Hans Bogardus inclinou-se para frente, continuando a sorrir para Randall com o ar desaforado.

-Sim, vá lá telefonar, mas quando falar com eles não se esqueça de uma coisa. Diga-lhes que Hans Bogardus, com o seu gênio, descobriu na Bíblia deles aquilo que todos os cientistas, eruditos de textos comparados e teólogos foram demasiado cegos para verem. Diga-lhes que Hans Bogardus descobriu uma deficiência fatal, uma falha, na nova Bíblia, um desliz que pode destruí-la, revelando-a como uma falsificação. É um desliz que se for revelado ao mundo lançará toda a obra completamente por terra. Será a ruína total do projeto. E sem dúvida que revelarei essa brecha vulnerável no tremendo edifício se me forcingem a deixar o cargo que ocupo.

O tipo era completamente doido, não havia dúvida. No entanto, o jovem holandês falava

com convicção absoluta; tanta convicção que Randall sentou-se de novo na cadeira. Recordou-se de Naomi lhe ter dito certa ocasião que Hans Bogardus tinha um cérebro de computador, que detectava qualquer coisa.

-Uma deficiência fatal na nova Bíblia? Como pode ser isso se se trata de uma obra que ainda não o autorizaram ler, que nem sequer viu?

- Pode crer que já li o suficiente, Durante um ano mantive-me sempre alerta. Olhei, investiguei, ouvi, reuni todas as peças de interligação da obra. Não se esqueça que sou o bibliotecário, que sou eu quem referencio os livros de texto. Chegaram-me pedidos para investigar uma palavra, um período, um parágrafo, uma citação. A parte de leão está guardada, mas não se esqueça, vi muitas partes do quebra-cabeças. É verdade que certas partes essenciais me foram vedadas, a mim e a outros. Não é menos verdade que desconheço o conteúdo exato da descoberta de Ostia Antica. Não sei noventa por cento do texto, mas sei que diz respeito a material até agora desconhecido acerca de Cristo, com pormenores do seu ministério alargado na terra. Sei no entanto, com certeza, que a nova obra apresenta Jesus com tendo estado em vários lugares fora da Palestina, e que um desses lugares foi Roma.

Randal sentia-se impressionado, ao mesmo tempo, experimentava um certo respeito pelo bibliotecário.

-Muito bem, Hans. Vamos supor que o pouco que conhece é exato. Pretende que eu acredite, que esse pouco contém informações suficientes para poder ter descoberto algo de errado, aquilo a que chama um lapso...

-Um lapso fatal.

-...perfeitamente, um lapso fatal que escapou aos maiores peritos do mundo, aos homens que leram o texto total, traduziram e estudaram atentamente durante anos?

- Precisamente. Esses homens possuem uma visão de funil, só vêem aquilo que querem ver, porque consideraram o texto com a estreita visão da fé. Posso dizer-lhe que casos desses aconteceram já antes em Amsterdã. Entre 1937 e 1943 descobriram seis novos, e até então, desconhecidos, quadros pintados por Vermeer, um pintor do século XVII. Descobertos por um homem chamado Hans van Meegeren e vendidos por oito milhões de florins - cerca de três milhões de dólares - aos maiores museus e colecionadores de arte do mundo. Os críticos e os peritos louvaram os Vermeers como autênticos, sem sequer verem que as mãos do Cristo de uma das telas eram a reprodução das próprias mãos de Meegeren, que as cadeiras de uma outra tela eram as cadeiras do moderno estúdio dele, que os óleos utilizados nas telas continham resina sintética, que antes de 1900 não existia. Ora Vermeer tinha morrido em 1675. Os quadros eram falsificações, que mais tarde vieram a lume. Qualquer um que tivesse olhos para a verdade não necessitaria ver toda uma tela dos Vermeer forjados para encontrar o deslize. Foi suficiente um quarto de centímetro para analisar a resina sintética. Pois bem, eis o paralelo, a mim, sem estar obcecado, bastou-me um quarto de centímetro do quadro da vossa Bíblia para ver que se tratava de uma falsificação.

Uma vez que o ouvira até ali, Randall decidiu ir um pouco mais longe.

- E tendo descoberto esse...chamado deslize, apressou-se a desvendá-lo a Plummer e a de Vroome?

Bogardus hesitou.

-Não, não revelei nada. Ainda não revelei.

- Porque não?

- Trata-se de... de um assunto pessoal.

Randall apoiou as mãos abertas no tampo da mesa e, com um súbito impulso, levantou-se. - Muito bem, agora tenho a certeza que mente. Se tivesse encontrado algo de errado na Bíblia, iria direto fazer a revelação a Plummer. Não é verdade que ele lhe costuma pagar substancialmente o preço da traição?

Bogardus saltou da cadeira como se fosse impelido por uma mola. O seu rosto chato era uma massa congestionada de um cor-de-rosa pálido e nos olhos fuzilava-lhe a ira de uma pessoa que fosse ultrajada na sua honra.

- Cedric não me paga nada! O que lhe faço é por amor!

Randall sentiu-se estardecer de nojo. Bom, de qualquer modo ali estava a ligação dos fatos. Considerou Bogardus e Plummer a viverem um romance de amor. Tinha tocado sem dúvida um nervo de alta tensão carregado de homossexualidade.

Bogardus voltou à posição inicial.

-Mantive até agora em segredo aquilo que descobri, não revelando sob qualquer hipótese a Cedric. Sei perfeitamente o valor que teria para ele. Seria até mais importante do que a nova Bíblia. Se o Cedric pudesse escrever sobre o lapso, se a tornasse pública, seria... famoso e rico... mas eu mantive o caso em segredo porque... como é que se costuma dizer?... Ah, ponho as barbas de molho. Porque ultimamente o Cedric não se tem mostrado tão carinhoso comigo como no início, e... eu sei... pressinto que me foi infiel, com alguém que é mais jovem e mais atraente. Cedric tem-me dito que quando tudo isto estiver acabado me levará numa viagem de férias ao Norte de África. Uma viagem que se fará depois de eu lhe ter entregue a nova Bíblia. Sim, a nova Bíblia foi suficiente para que de momento o possa conservar para mim. Todavia, caso as coisas se passem de forma diferente, continuo a ter um trunfo na manga, com aquilo que descobri pessoalmente e que será o bastante para demolir tudo este edifício.

Randall sentira-se enojado e, ao mesmo tempo, tocado pela piedade perante o desespero que vibrava na voz do holandês, desespero de alguém que receia perder o ente amado. Mas começava também a imaginar que validade teria a reivindicação do bibliotecário sobre seu conhecimento de algo errado no Novo Testamento Internacional, algo que pudesse ser uma matéria de descrédito. Bogardus estaria mentindo, jogando com uma coisa que amedrontasse os editores, impedindo-os de o despedirem e forçando-os a entregarem-lhe o texto do livro. Não havia outra possibilidade a não ser lançar um desafio direto ao traidor.

- Hans...

O holandês, ainda imerso no seu desespero de amor pela possível traição de Plummer, abstraiu-se como alguém fechado numa concha, esquecido de que não se encontrava sozinho.

- Hans, você não me forneceu nenhuma razão para que eu não relate o que sei aos editores e para que eles não o ponham imediatamente na rua. Você gabou-se de encontrar uma discrepância numa passagem da nova Bíblia. Julgo que é o que pretende insinuar com seu lapso. Se na verdade encontrou tal prova, chegou o momento para a revelar, ou então, para calar essa boca. Naquilo que me toca, penso que você não encontrou nada que me impeça de fazer com que o ponham no olho da rua.

- Ah, pensa então que não? -perguntou Bogardus com ar feroz.

Mas não acrescentou mais nada.

Randall hesitou.

-Continuo à espera.

Hans Bogardus, passando a língua pelos lábios secos, continuava silencioso.

-Muito bem, agora tenho a certeza que você não só é um traidor como um mentiroso. Acabou-se. Vou tomar providências para que o ponham na rua como um cão.
Deu meia volta e começou a caminhar para a porta.
- Ouça! - gritou subitamente Bogardus, que se levantou com a rapidez do raio, indo em direção a Randall. -Pode dizer-lhes para me porem na rua, mas não deve dizer-lhes só isso. Não interessa nada que eles saibam ou não. Seja como for já é muito tarde para eles. Diga-lhes que verifiquem o papiro número 9, a quarta linha começando de cima. Ainda ninguém conseguiu ver o que isso significa exceto eu. Se eu entregasse este segredo ao Cedric seria o fim da Ressurreição Dois. Mas... -parou para respirar ruidosamente - ...prometo nunca revelar o que sei se eles me entregarem a Bíblia imediatamente. De outra forma estarão completamente perdidos.
-Hans, o que eles vão fazer é escorraçarem-no daqui para fora ainda hoje.
-Fale-lhes no papiro número 9, quarta linha... E verá.

CAPÍTULO 7.3

Randall afastou o homossexual do seu caminho, abriu a porta e saiu.

Perfeitamente, ia ver.

Uma hora depois já tinha visto.

Randall estava sentado à sua escrivaninha, colocou o telefone no ouvido, preso pelo ombro, esperando que a telefonista dos escritórios de Karl Hennig, em Mairiz, localizasse George Wheeler.

Enquanto esperava, de novo olhava às folhas de papel datilografadas com as notas que obtivera. Representavam o que conseguia saber sobre o «lapso fatal» de Bogardus no papiro número 9, linha 4, do Evangelho Segundo Jacob.

Foi difícil adquirir as informações. Por um lado, Randall não era um erudito nem um estudioso. Por outro lado, não tinha acesso aos fragmentos originais guardados no cofre forte do subsolo. E ainda pra piorar todos esses empecilhos, não sabia ler aramaico. A última coisa que constituía o principal impedimento, visto lembrar-se, de repente, que possuía um jogo completo de fotografia tiradas por Edlund dos papiros, o único jogo de fotografias existentes. O material encontrava-se bem fechado no seu arquivo privativo.

Estudara atentamente o perfeito close-up do fragmento marcado com o número 9, todavia, indecifrável e desprovido de significado com os seus rabiscos, pontos e caracteres cheios de arabescos, a maioria ainda por cima pouco nítidos. Mas, a impressão estava acompanhada por uma lista dos títulos dos capítulos, pelos respectivos números dos parágrafos, designando onde cada uma das linhas em aramaico, figurava nas traduções do Evangelho Segundo Jacob. O Papiro Número 9, linha 4, correspondia a Jacob 23:26 na edição inglesa do Novo Testamento Internacional.

Uma vez que não lhe permitiram ficar com uma cópia da Bíblia que lera, Randall concentrou idéias para ver quem teria um exemplar à mão. Os editores estavam longe de Amsterdã. O Dr. Knight destruiu as suas fotocópias. Nessa seqüência, Randall lembrou-se que o Dr. Knight utilizou as páginas das provas contidas na pasta do Dr. Jeffries.

Localizou o professor de Oxford no seu gabinete e o teólogo mostrara-se encantado em cooperar. Ummm... Jacob 23:66... Ummm, vamos ver. Randall retirou-se do gabinete com a linha traduzida: «Na sua fuga de Roma, Nosso Senhor, juntamente com os discípulos caminhou durante toda essa noite através das abundantes terras de cultivo do Lago Fucino, um imenso pantanal que fora mandado secar e dragar por Cláudio César e que os romanos cultivavam e lavravam com os maiores cuidados».

Simples, fácil de compreender, perfeitamente inocente.

Onde é que estava o fatal lapso que Bogardus tinha descoberto e mencionado?

Os judeus foram escoreçados de Roma em 49 D.C., e Jesus com eles. Aquilo tinha-se passado no ano da morte de Cristo, o último ano da sua vida, segundo Jacob. O que é que havia de errado naquilo?

Sem revelar aquilo que procurava, Randall recrutara Elwin Alexander e Jessica Taylor para lhe descobrirem tudo o que houvesse a respeito do Imperador Cláudio, da expulsão Judaica de Roma em 49 D.C. e sobre aquelas terras de cultivo que outrora foram os pantanais do Lago Fucino, próximo de Roma. Os seus investigadores tinham rebuscado as obras dos antigos escritores - Tácito, Suetônio, Dion Cássio, o grupo que traçara a História Augusta, bem como os historiadores modernos, tanto anteriores como posteriores a Gibbon. Em resumo, a equipe de publicitários de Randall, acabara por lhe entregar fotocópias de todo o material investigado.

Catando, minuciosamente, por entre todo aquele material, de repente, Randall sentira os olhos ficarem presos a uma data. Abalado, reconheceu de imediato qual o deslize fatal a que Bogardus se referia.

O Lago Fucino, perto de Roma, foi uma grande bacia de água sem saída para o mar. Regularmente, quando chegava a estação das chuvas na antiga Roma, as águas do Fucino elevavam-se acima do nível do leito, transbordavam e empapavam as terras circundantes, transformando-as em pantanais.

O Imperador Cláudio contratara engenheiros para dragarem e secarem o lago permanentemente. Esses engenheiros desenvolveram um colossal plano. Fora uma tarefa formidável. Foi escavado um túnel de 4 827 metros a partir do Lago Fucino, através da rocha viva de uma montanha adjacente, para canalizar a água até ao rio Ciris. O Imperador Cláudio deslocara trinta mil trabalhadores que, durante um decênio, escavaram e construíram o túnel de drenagem. Logo que ficou completado, as águas do lago foram totalmente despejadas no rio e depois do lago seco a depressão, bem como as terras pantanosas circundantes, converteram-se em belíssimas terras de agricultura.

Segundo o Evangelho de Jacob, Jesus caminhara por essas terras agrícolas, que outrora foram o Lago Fucino, em 49 D.C. Ora, segundo os historiadores romanos, Cláudio César só mandara escoar as águas do lago, transformando as terras pantanosas em terras de cultivo no ano 52 D.C.

O lapso, o lapso descoberto por Bogardus.

Jesus, fugitivo, passara pelas terras secas do lago em 49, apesar do fato irrefutável do lago existir ainda nessa data, só sendo esvaziado da sua água três anos depois de Cristo ter morrido.

O anacronismo, a discrepância no Evangelho Segundo Jacob ali estava, bem à vista para quem quisesse ver. Possivelmente ninguém ainda se dera conta do deslize com exceção do bibliotecário. No entanto, se a passagem fosse sublinhada, mostrada a todo o mundo, sem a mínima sombra de dúvida que as pessoas ficariam tão perturbadas, como Randall estava naquele momento. Devia haver uma explicação para aquele deslize.

Ainda à espera da chamada para Mainz a fim de falar com George Wheeler, Randall pensava que o editor não teria dificuldades em resolver o problema com justiça. E uma vez o caso sanado, Bogardus seria despedido de imediato e a Ressurreição Dois estaria, finalmente, a salvo das garras de Dominee de Vroome.

A telefonista alemã do complexo impressor de Hennig estava de novo falando:

-Herr Wheeler já foi avisado. Em breve atenderá o telefone.

Depois ouviram-se uma série de arranhadelas e clicks e, logo a seguir, a voz de Wheeler chegando aos tímpanos de Randall como um trovão.

-Alô! Quem fala daí... Steve Randall?

-Eu mesmo, George. Tenho que...

-Arrancaram-me precisamente de uma reunião importantíssima. Disseram-me que era uma chamada de urgência. Que raio pode haver que seja assim tão importante? Não será coisa que possa esperar até eu regressar?

Não obstante a irritação manifestada por Wheeler, Randall persistiu:

-Não, George, não é coisa que possa esperar. É na verdade importantíssimo. Deparou-se-nos aqui um problema tremendo a resolver.

-Se se trata de algo ligado à publicidade...

-É uma coisa que diz respeito a todo o projeto em si, que se relaciona com a Bíblia. Vou informá-lo rapidamente. Ontem à noite encontrei-me com o Reverendo Maartin de Vroome.

-Como? Você encontrou-se com de Vroome?

-Exatamente. Foi ele que me mandou procurar. Senti-me tão curioso que fui.

- Foi um passo perigoso. O que é que o homem queria?

- Contar-lhe-ei os pormenores quando você voltar. A coisa que interessa...

- Steve, escute, amanhã falaremos sobre o caso. - A voz de Wheeler tinha uma entoação de pressa. - Agora tenho que me juntar aos outros editores e a Hennig. Estamos numa reunião de emergência. Ocorreu um caso insólito. Falamos depois...

- Parece-me que sei perfeitamente o que é essa emergência - interrompeu Randall. - Descobri que Plummer e de Vroome estão tentando fazer chantagem com Hennig. Possuem provas de que ele foi um dos nazistas queimadores de livros em 1933.

Do outro lado do fio veio uma exclamação de surpresa.

-Como é que descobriu isso?-perguntou Wheeler.

-Fui informado por de Vroome..

- Esse filho da mãe...

-O que é que vocês vão fazer a respeito do caso? - perguntou Randall, curioso.

- Ainda não temos certeza. De Vroome possui os negativos e algumas fotocópias, mas a verdade é que as fotografias podem mentir. Neste caso particular as fotografias deslustram a verdade dos fatos. Nessa altura Karl Hennig era ainda uma criança, mal acabara de entrar para a escola preparatória. Para ele, os outros divertiam-se nas ruas e quis juntar-se à diversão. Que rapaz não se sentiria tentado a atirar ao fogo as obras maçudas que figuravam nas seletas? De nenhuma maneira foi um nazista, nem sequer fez parte da juventude Hitleriana. Mas se a coisa for revelada, distorcida, tornada objeto de sensacionalismo... Bem, você que é um homem da publicidade sabe muito como é...

-Bem sei. O quadro apresenta-se negro. Prejudicará as vendas.

- Bom, mas nada será revelado - garantiu Wheeler em tom convicto. - Temos vários planos para amordaçar os nossos inimigos. Uma coisa é certa: de modo nenhum pagaremos o preço exigido por de Vroome. Não lhe entregaremos antecipadamente o nosso segredo seja porque preço for.

- Foi precisamente por isso que lhe telefonei, George. Acabo de descobrir uma situação similar de chantagem precisamente aqui no Krasnapolsky. E pretendo saber até...

- Qual situação de chantagem? O que é que se passa por aí?

Resumindo, Randall contou-lhe como, durante a reunião com de Vroome, acabara por ser levado a descobrir a identidade do traidor ao projeto.

-E quem é ele? -quis saber avidamente o editor.

- O nosso bibliotecário. Hans Bogardus. Estive com ele ainda não há uma hora. Confessou. Mas está disposto a...

- Está despedido! - urrou Wheeler. - Você disse-lhe que estava despedido, não é verdade?

- Não... um momento, George.

- Vá procurá-lo e diga-lhe imediatamente que vai para o olho da rua. Diga-lhe que a autorização lhe foi dada, pessoalmente, pelo Dr. Deichhardt e por George Wheeler. Mande chamar Helderling e os seus guardas e atire para a valeta esse filho da puta do Bogardus com um bom pontapé no cu.

- Não é assim tão simples como isso, George. Foi essa a razão porque lhe telefonei.

- O que é que quer dizer com essas palavras?

- Está tentando fazer chantagem pessoalmente. Afirma ter descoberto uma prova inofismável que desafia a autenticidade do Evangelho Segundo Jacob. Diz que entregará essa prova ao seu amante, Cedric Plummer... não se admire são essas relações que os ligam... e diz que fará explodir a Ressurreição Dois como um barril de dinamite se o despedirem.

- Que raio está você para aí dizendo, Steve? Que prova é essa?

Randall agarrou no seu maço de notas e leu a Wheeler a passagem de Jacob sobre o Lago Fucino e as investigações feitas aos historiadores romanos e aos mais modernos sobre o mesmo caso.

- Ridículo! - explodiu Wheeler. - Temos os maiores peritos que existem no mundo... peritos na datação dos documentos, em crítica aos textos, em língua aramaica e eruditos na história romana e do povo judaico. Foram anos de trabalho. Cada uma das palavras, frase, período, parágrafo de Jacob estudados através de lentes de aumentar, foram analisados pelos olhos mais sabedores do globo terrestre, pesados pelos cérebros mais evoluídos do mundo. E todos eles, unanimemente, sem uma única exceção, aprovaram o Evangelho Segundo Jacob, autenticaram-no sem vacilações. Por isso, quem é que acreditará num bibliotecário maricas falando de um erro impossível?

- George, é possível que não acreditem, nem ouçam um bibliotecário maricas e minhocas, apagado, mas com certeza que todo o mundo acreditará e ouvirá o Dominee Maertin de Vroome, se for ele a obter o segredo.

- Pois bem, o Dominee não obterá nada, porque não há nada a obter. Não existe qualquer erro. O achado de Monti é real. A nossa Bíblia é à prova de todas as contingências.

- Então, como é que você explica o caso do nosso Novo Testamento descrever Jesus passeando através de um lago seco perto de Roma, que na verdade só foi drenado três anos depois da data apontada no nosso Evangelho?

- Tenho a certeza que você ou Bogardus devem estar errados. Enganaram-se. Não há a mínima dúvida quanto a isso. - Fez uma pausa. - Está bem, está bem, só para lhe sossegar o espírito, leia-me novamente esse material...devagar. Um momento...Vou procurar um lápis e um pouco de papel. Leia-me lá essa coisa sem pés nem cabeça.

Randall leu o mais lentamente possível, destacando bem as palavras.

- É tudo, George - disse quando terminou.

- Obrigado. Vou mostrar aos outros. Mas isto não nos levará a parte alguma. Pode esquecer o caso. Continue a proceder como habitualmente. Primeiro vamos resolver o nosso problema aqui.

- Ok - proferiu Randall, sentindo-se tranqüilo. - Então vou prosseguir com a dispensa de Bogardus. Farei com que o inspetor Helderling o escolte até fora do hotel, para nunca mais entrar.

Do outro lado do fio fez-se silêncio, um silêncio curto. Logo a seguir, aos ouvidos de Randall chegou uma voz vacilante:

-A respeito de Bogardus...evidentemente, que o vamos correr daí para fora. Mas, depois de refletir, julgo que essa atitude deve ser assumida por nós. Isto é... um empregado como Bogardus não está sob a sua alçada. O Dr. Deichhardt gosta, que em tais assuntos, as coisas se façam o mais corretamente possível. Sabe como são os alemães. Vou dizer-lhe o que fazer. Por hoje esqueça-se do que há a respeito do Bogardus. Continue fazendo o seu trabalho. Amanhã, quando regressarmos, cumpriremos o nosso dever. Penso que é a melhor maneira de agir. Pronto, agora é melhor voltar para a reunião a fim de resolvermos este problema mais imediato com Hennig... Ummm... a propósito, Steve, grato pela sua vigilância. Em Amsterdã diminuiremos essa brecha no dique. Merece um bônus. E quanto a esse... esse lago... como é o nome dele... ah, Fucino... bom, esqueça-o. E Wheeler desligara. Randall desligou também o telefone.

Todavia, cinco minutos depois, sem se ter mexido da sua cadeira rotativa, Randall não fora ainda capaz de esquecer o Lago Fucino.

Tentou determinar o que é que o perturbava.

Descobriu.

Fora a modificação no tom de voz de George Wheeler e a mudança de atitude do editor, quanto a despedir Hans Bogardus. Em termos rudes, Wheeler quisera, primeiramente, o bibliotecário imediatamente posto fora do Krasnapolsky. Mas, depois de saber da descoberta e da ameaça de Bogardus, Wheeler tornara-se de súbito menos insistente a respeito de despedi-lo imediatamente.

Estranho. Havia algo que perturbava ainda mais Randall: a maneira casual como Wheeler pusera de parte o anacronismo que Bogardus descobrira. Wheeler não o refutara com quaisquer fatos novos e concludentes. Simplesmente, levantara a ponta do tapete e varrera o lixo incômodo pra baixo. Evidentemente, Wheeler não era um teólogo, ou um erudito, por isso, não esperava dele respostas fidedignas. Mas, pensou Randall, melhor seria que alguém descobrisse muito depressa uma explicação para tal discrepância.

Endireitou-se na cadeira. Ele, Steve Randall, era em si mesmo um dos guardiães da Fé, da nova Fé. Tanto na sua qualidade de ser humano, como de homem da publicidade, não podia vender, sob qualquer hipótese, ao mundo (ou que fosse contrário ao senso do seu espírito de verdade) se não tivesse respostas exatas dadas a todas as perguntas que se levantassem.

Ora ali, na sua escrivaninha, estava uma pergunta. O lapso de Bogardus. A credibilidade do projeto seria destruída se não lhe fosse dada resposta.

É verdade que era um detalhe sem importância. Todavia...

Pela mente passou-lhe um velho, muito velho, adágio. De quem era? De George Herbert... ou talvez, de Benjamin Franklin. "Por falta de um prego, perde-se a ferradura; por falta de uma ferradura, perde-se o cavalo; por falta de cavalo, perde-se o cavaleiro."

Pois bem, aquele cavaleiro não se perderia.

Começaria por verificar a solidez de todos os pregos que seguravam a ferradura.

Randall lançou mão do telefone.

- Angela, faz uma ligação para Naomi Durin. Diz-lhe que pretendo uma passagem de avião para Paris dentro das mais próximas duas horas. Diz-lhe para me arranjar uma entrevista, ainda esta tarde, com o Professor Henri Aubert no laboratório dele.

- Outra viagem? É alguma coisa importante, Steve?

- Apenas investigações. Mais umas pesquisas.

CAPÍTULO 7.4

Randall estava mais uma vez em Paris, no Centre National des Recherches Scientifiques da Rue Ulm, onde o Professor Aubert tinha o seu gabinete e os seus laboratórios.

Naquele momento, sentados nos extremos opostos de um sofá Louis XVI, enfrentavam-se, enquanto Aubert abria a pasta de arquivo que um contínuo lhe acabava de entregar.

Antes de considerar o conteúdo da pasta, Aubert coçou uma das suas bastas sobranceiras, refletindo-se-lhe no rosto uma certa contrariedade.

- Não compreendo, Monsieur Randall, porque é que quer que reveja, uma segunda vez os resultados dos testes dos papiros Monti. Não lhe posso dizer nada de diferente, sobre as anteriores explicações que lhe facultei quando o recebi pela primeira vez.

- Apenas pretendo ter a certeza de que não descurou nada.

O professor continuou a não se mostrar satisfeito com a explicação.

- Nunca poderia descurar, sob qualquer hipótese, especialmente, a respeito dos papiros Monti. Olhou atentamente para Randall, estudando-o. - Haverá qualquer coisa que o preocupe particularmente?

Randall admitiu:

- Para lhe ser franco, existe uma certa confusão à cerca da tradução de uma folha designada como Papiro Número 9: Randall agarrou na pasta que tinha pousado no chão junto ao sofá, abriu-a e tirou a fotografia feita a partir do negativo de Oscar Edlund ao Papiro Número 9. - É esta precisamente disse, estendendo a fotografia ao Professor.

- Um belo espécime. - Aubert encolheu os ombros, resignado, num gesto autenticamente gaulês. - Pois muito bem. Vou então rever os nossos testes sobre os papiros.

Randall colocou a fotografia na pasta, encheu o cachimbo e foi puxando lentas fumaças, enquanto, observava o professor percorrendo, atento, os relatórios das experiências. Aubert retirou da pasta duas folhas de papel amarelado e leu-as com cuidado. Depois de um intervalo, encarou de novo Randall.

- Os sumários aos nossos testes com o carbono-14 confirmam aquilo que o senhor já sabe. Os papiros em causa são absolutamente autênticos. Derivam do século 1 e podem com lógica ser localizados em 62 D.C., altura em que Jacob escreveu sobre a fibra prensada chamada papiro.

Randall tinha que ter uma dupla certeza. Durante a viagem para Paris documentara-se.

- Professor, têm havido certas autoridades na matéria que se mostram altamente críticas quanto as experiências com o carbono-14. Por exemplo, G. E. Wright mandou analisar por três vezes um pouco de madeira muito antiga, obtendo três datas diferentes, tão distantes, como de 746 A.C. a 289 A.C. E depois que o Dr. Libby anunciou os testes feitos aos Documentos do Mar Morto em 1951, alguém escreveu, um ano depois, em The Scientific American, julgar que haviam muitas «contradições perturbadoras e fraquezas» a respeito do sistema de datação pelo radiocarbono, e que o processo estava ainda, longe de ser «tão funcional como uma máquina de lavar pratos». O senhor considerou todas as margens possíveis de erro?

O Professor Aubert sorriu.

- Claro que sim. Considerarei. Evidentemente, os críticos tinham razão, pelo menos, aqueles mencionados pelo senhor, e que falaram de largas margens de erro no decênio dos anos cinquenta. Naquele tempo, através dos nossos testes, podíamos determinar a datação de um objeto num espaço de cinquenta anos, desde a verdadeira data. Mas, gradualmente, com melhoramentos introduzidos, com condições mais favoráveis, conseguimos determinar a data de um objeto antigo com uma ligeira margem de vinte e cinco anos

desde a origem. -Pôs a parte a pasta de arquivo. -Se tem quaisquer apreensões a respeito da autenticidade do Papiro Número 9, pode pô-las de lado. Tenho os meus relatórios sobre as experiências e a minha longa experiência em conseguir interpretá-los. É mais do que suficiente. De fato, modéstia à parte, a minha palavra deve ser suficiente para o sossegar. Monsieur Randall, pode confiar em mim.

-Poderei? -perguntou Randall de chofre. Não pensara deliberadamente em expor cruamente as suas dúvidas, mas estava demasiado em causa para que tentasse camuflar a verdade.

- Tem a certeza que posso confiar completamente em si?

O Professor Aubert, que principiara a levantar-se, preparando-se para dar a entrevista por finda, voltou a deixar-se cair no sofá. As suas feições aquilinas tinham enrijecido.

- Monsieur, quer-me explicar o que é que está insinuando?

Randall viu que tinha ido longe demais para recuar, por isso, prosseguiu:

- Insinuo que o Professor poderá não ser completamente honesto para mim.Principalmente naquilo que me contou de si próprio da primeira vez que nos encontramos.

O Professor Aubert fitou Randall durante um segundo. Quando voltou falando fê-lo cauteloso, perguntando:

- Posso saber ao que pretende referir-se?

- Empenhou muito da sua nova fé no futuro. Nessa altura, disse-me que conseguira finalmente, dar a sua esposa o filho que ela tanto desejava. Mas, desde então, soube por certa fonte secreta que o senhor se submeteu a uma vasectomia; que voluntariamente, há já vários anos, se tornou estéril por meio de uma operação aos testículos, de modo que... não pode... seria incapaz de engravidar uma mulher.

Aubert mostrava-se visivelmente abalado.

-A sua fonte, Monsieur... Quem lhe deu tal informação?

-O Dominee Maertin de Vroome, que parece ter procedido investigações íntimas, sobre muitas pessoas relacionadas com o nosso projeto. Foi ele quem me deu semelhante informação a seu respeito.

-E acreditou nele? Afinal de contas, Monsieur, viu a minha mulher, Gabrielle. Viu com os seus olhos que ela estava em adiantado estado de gravidez.

A conversa tornava-se cada vez mais melindrosa e difícil para Randall. Não obstante, estava decidido a prosseguir.

-Professor Aubert, eu não disse que a sua mulher não podia dar à luz um filho. Disse que, segundo de Vroome, o senhor não lhe podia dar um filho, embora me tivesse dito que podia. -Hesitou, mas acabou por acrescentar: -Acredite que só lhe menciono isto devido discutirmos o grau de confiança.

O Professor Aubert abanou a cabeça, quase como se fosse pra si mesmo, e pareceu perder algo da sua rigidez.

- Pois muito bem. Tem razão. Se o que pretende, no entanto, tiver de depender a minha palavra, pode confiar nela sem a mais sombra de dúvida. E essa confiança não pode admitir exceções. O que o seu informante lhe disse é verdadeiro. Submeti-me à operação chamada vasectomia há muito tempo, foi uma besteira da minha parte. Sou na verdade estéril. Incapaz de engravidar uma mulher. No entanto, trata-se de uma coisa que geralmente uma pessoa não gosta de propalar publicamente, e que nada tem a ver com a integridade da minha palavra de honra.

O que é importante e se mantém, é a verdade do que lhe disse sobre a influência que o Petrônio e o Jacob tiveram sobre renovar a minha fé. Quer quanto à autenticidade do pergaminho e dos papiros, quer quanto à fé, fui-lhe franco e verdadeiro. Posso acrescentar,

que foi também, verdade ter informado Gabrielle, que desejava um filho, tanto ou mais do que ela. E por isso... disse-lhe para buscar a maneira de engravidar.

Randall sentiu-se envergonhado de ventilar tal assunto e foi tomado de um sentimento de asco quanto ao Dominee de Vroome por o obrigar a desconfiar dos seus colegas.

- Professor Aubert, peço-lhe desculpa. Lamento profundamente ter duvidado da sua palavra.

O cientista francês tentou sorrir, mas não conseguiu mais do que um esgar doloroso.

-Foi perfeitamente compreensível a sua atitude dadas as circunstâncias especiais. Agora já se sente satisfeito?

- Sim, inteiramente satisfeito - respondeu Randall, preparando-se para partir. - Queria ter a certeza que a escrita do papiro era do tempo de Cristo, e o senhor garantiu-me aquilo que desejava saber.

Mais uma vez o Professor Aubert endireitou-se e tomou um tom estritamente profissional.

- Pardon, Monsieur Randall, mas julgo que não me compreendeu. Eu não lhe garanti que a escrita nos papiros fosse do tempo de Cristo, mas, apenas que os papiros remontam a esse tempo. O nosso processo de datação por intermédio do radiocarbono autentica os papiros, mas não o que neles se contém. Os nossos testes mostraram que o material utilizado para o Evangelho Segundo Jacob – incluindo, nesse exemplo, o que se encontra representado no Papiro Número 9 - remonta na verdade a esse período. Quanto à mensagem escrita no papiro... embora tenha a certeza de que é também autêntica, devo contudo informá-lo que não pertence ao meu setor de estudos, não faz parte da minha especialidade científica.

Tal distinção nunca até então ocorrera a Randall. Apanhara-o completamente de surpresa.

- Bem... então a que setor, a que especialidade pertence? Quem é que autentica a grafia, o processo de escrita?

-Trata-se de um processo que requer grande número de especialistas. Com notoriedade para o trabalho de dois cientistas especializados. Um deles, examinara o papiro à luz de uma lâmpada ultra-violeta, para ver se contém antigos sinais de outros símbolos gráficos, evidentemente, para determinar se alguém utilizou um velho papiro eliminando-lhe a antiga escrita. Outro cientista, um químico, fará uma análise química dos pigmentos da tinta. Por exemplo, no caso particular de que falamos, Jacob usou um cânhamo cortado em diagonal para obter uma ponta aguçada. Molhou o cânhamo em tinta noir de fumée – pó de sapato - secular processo de obtenção de tinta da qual se conseguia a ligação por meio de qualquer forma de aglutinante. Essa tinta pode ser analisada para se saber se pertence ao período geral de 62 D.C.

-Mas quem é que procede à análise da escrita propriamente dita, ao estilo concordante?

- Eruditos de grande experiência, teólogos, comentadores especializados. Esses homens compararam os fragmentos de aramaico com outros escritos na mesma linguagem que já foram autenticados. Examinarão se o texto foi escrito no lado certo do papiro e não no verso ou na contra-folha. Mas, claro que o critério mais importante será a qualidade e estilo - ou uso corrente - da antiga linguagem, sem que possa haver um deslize. Deve saber com certeza que cada época fornece um estilo peculiar que a torna sui generis textualmente. - O Professor Aubert ensaiou um sorriso. -Está claro que tudo isso foi já feito por perfeita equipe de peritos, para verificarem a escrita. Não vejo nenhuma razão pela qual se possa duvidar desses homens.

-Tem toda a razão. No entanto, digamos que eu sou pouco razoável e teimoso. Suponhamos que eu tenha ainda uma pequena dúvida. Como poderia eu vê-la dissipada?

-Muito simples. Teria de ir consultar o mais proeminente perito do mundo em aramaico. Só assim as suas dúvidas poderiam desaparecer por completo.

-E quem é o maior perito do mundo em aramaico?

-Existe um que leva na palma todos os outros. Claro que há muitos outros excelentes e de confiança, como o Dr. Bernard Jeffries, da Ressurreição Dois, ou o Reverendo Maartin de Vroome, da facção oposicionista. Mas, bem acima deles, ergue-se a figura ímpar do Abade Mitros Petropoulos do mosteiro de Simopetra no Monte Athos.

-Abade Petropoulos... - Randall franziu a testa num evidente esforço para se lembrar de qualquer coisa. -O nome não me é familiar. E o Monte Athos ainda menos. Onde fica?

-Um dos últimos lugares, verdadeiramente exóticos, que ainda existem no nosso mundo moderno. Athos é uma comunidade monástica independente, que se ergue numa península remota da Grécia, cerca de 300 quilômetros a norte de Atenas, através do Mar Egeu. Trata-se de um território diminuto e com autogoverno que engloba vinte mosteiros de religião, grega ortodoxa, governado por um Santo Sínodo, em Karyes, composto por um representante de cada mosteiro. A comunidade religiosa do Monte Athos foi estabelecida há cerca de mil anos, provavelmente no século IX, por Pedro o Athonita, e foi a única comunidade cristã que sobreviveu ao domínio islâmico ou turco. No começo do nosso século haviam, segundo creio, quase oito mil monges nos montes da península de Athos. Hoje, poucos mais haverão do que três mil.

Tudo aquilo era novidade para Randall e tinha um estranho som bizarro, exótico.

-Esses monges... que raio fazem eles nesse local?

-O que é que fazem os monges em qualquer lado? Rezam. Procuram o êxtase, a unicidade com Deus. Buscam a revelação divina. Presentemente, no Monte Athos existem duas seitas. Uma cenobítica, ortodoxa, austera, rígida, conforme os votos de pobreza, castidade e obediência total às regras da disciplina. A outra seita é idiorrítica, mais flexível, mais democrática, permitindo o dinheiro, os haveres pessoais, o conforto. Claro que o Abade Petropoulos é um monge cenobita. No entanto, a sua grande reputação em aramaico tornou-o uma pessoa mais mundana. Estuda tanto quanto ora; tal como muitos outros monges, ensina, pinta ou devota-se à jardinagem quando não está ocupado nas suas devoções.

-Já se encontrou com o Abade? - perguntou Randall.

-Não, nunca o vi pessoalmente, mas falei com ele em certa ocasião pelo telefone-parece uma incoerência, mas muitos dos mosteiros têm telefone-e de vez em quando correspondo-me com ele. O Monte Athos é um perfeito armazém de manuscritos antigos-pelo menos existem nas suas bibliotecas dez mil manuscritos de grande antiguidade-e por várias vezes, quando acontece serem descobertos pergaminhos medievais esquecidos, o Abade Petropoulos recorre a mim para lhes fazer os necessários testes. Sim, sei perfeitamente, por tudo o que tenho ouvido, às mais altas autoridades na matéria, que o Abade é a maior autoridade em aramaico do primeiro século da era cristã.

Durante aquela última parte da exposição do Professor Aubert, Randall vasculhou sua pasta e localizado a lista do pessoal especializado que tinha trabalhado, ou que ainda trabalhava no Hotel Krasnapolsky em Amsterdã. Percorreu a lista reservada aos peritos e tradutores de nomeada internacional empregados no projeto. Entre os nomes não figurava o do Abade Mitros Petropoulos. Randall olhou para o professor.

-É estranho, mas, o nome do abade não figura na lista dos consultores passados, ou presentes, que trabalharam para a Ressurreição Dois. Ora aqui temos nós a descoberta arqueológica religiosa mais importante de toda a história, escrita precisamente em

aramaico.

O professor fala-me do maior perito do mundo em aramaico, e, todavia, ele nunca fez parte do nosso projeto. Tem alguma idéia conclusiva sobre o fato de nunca consultarem o abade?

-Tenho certeza que o consultaram em qualquer altura -disse o Professor Aubert, mas revelando pouca convicção no tom de voz.-Seria inconcebível, para uma descoberta como o Papiro Jacob, que o abade não visse os originais. Deve haver qualquer explicação.

-Mas que explicação, pergunto eu?

-Fale com Dr. Deichhardt ou Monsieur Wheeler. Foram eles que contrataram os tradutores. Devem saber alguma coisa. Ou então, procure o Professor Monti. Esse com certeza será a fonte informativa mais segura.

- Claro que sim - respondeu Randall devorado pela incerteza. Lembrou-se de repente que seria impossível poder falar com Wheeler, ou com qualquer outro dos editores, que se encontravam em Mainz. Quanto ao Professor Monti, no seu retiro em Roma, era também difícil de conseguir. Outra idéia repentina lhe passou pela mente. - Professor Aubert, acabo de ter uma idéia que pode ajudar a esclarecer o caso relativamente ao Abade Petropoulos. Posso servir-me do seu telefone?

O Professor Aubert levantou-se do sofá e indicou-lhe o telefone.

-Pode usar o meu telefone e ficar à vontade. Tenho que entregar esta pasta ao arquivo geral e ver o que se está passando no laboratório. Dentro de dez minutos estarei de volta. Quer que peça à minha secretária para lhe fazer a chamada?

-Se não se importar... queria falar com nossa sede em Amsterdã, mais particularmente com Miss Angela Monti.

Randall estava falando com Angela ao telefone havia já alguns segundos. Presumira que queria saber se houvera qualquer problema no escritório que requeresse a sua atenção. Naquele momento, como que por casualidade, lançara a pergunta que lhe queimava a língua.

-A propósito, Angela, há mais uma coisa que te quero perguntar. Depois de teu pai ter realizado o achado levou-o para consultar a qualquer perito destacado em aramaico - ou isso foi coisa, que os editores tivessem apenas feito após a concessão do governo italiano?

- Claro que sim, meu pai fez examinar o papiro por peritos em aramaico. Meu pai sabe suficiente aramaico para avaliar o valor da descoberta, mas claro que não confiou apenas nele. Tinha que saber a opinião dos mais proeminentes eruditos em línguas semitas.

- Só em Roma? Ou resolveu consultar eruditos noutras partes do mundo?

- Fez consultas em toda a parte. Era uma coisa necessária. Sabes bem os resultados. - Ocorreu um curto silêncio. - Porque perguntas isso, Steve?

- Apenas curiosidade.

- Apenas curiosidade? Conheço-te melhor do que pensas, Steve. Diz-me porque é que estás preocupado a respeito do aramaico?

Decidiu que não havia nenhuma razão para lhe ocultar o segredo. Naquela mesma manhã ela provara ser uma pessoa de absoluta confiança.

-Bem, não tenho tempo para entrar em pormenores. Consegui encontrar o traidor do nosso projeto. Não, não era o Dr. Knight. Foi outra pessoa. Soube da boca dessa pessoa que parece haver... bem... uma tradução errônea do aramaico... algo que poderá criar uma discrepância inexplicável no texto.

-Não! É impossível! Não pode ser! O texto dos papiros foi analisado por muitos

especialistas em aramaico, os melhores do mundo.

-Pois bem, é isso precisamente que me preocupa-disse Randall.-Parece que não foram consultados os melhores especialistas do mundo. Acabei de saber aqui em Paris pela boca do Professor Aubert, que o erudito em aramaico mais destacado do mundo é o Abade Mitros Petropoulos, dirigente de um dos mosteiros do Monte Athos, na Grécia. Pois, não fui capaz de encontrar o nome dele na lista das pessoas que trabalham para a Ressurreição Dois. O seu nome diz-te alguma coisa?

- O Abade Petropoulos? Evidentemente que sim. Conheci-o pessoalmente. Meu pai sabia muito bem que ele era o mais proeminente erudito em aramaico e por isso, há cinco anos, fomos, eu e meu pai, ao Monte Athos pedir a opinião do Abade. Foi da maior hospitalidade e bondade para nós.

-O teu pai mostrou-lhe os papiros?

-Exatamente. Foi uma experiência inesquecível. O mosteiro... não me lembro do nome... era tão pitoresco... Bem, o Abade levou muito tempo examinando e analisando a escrita. Tivemos que ficar no mosteiro durante uma noite... comendo aquela horrível comida- penso que era polvo cozido... até o Abade completar, no dia seguinte, o seu exame. O monge ficou totalmente esfuziante com a descoberta. Disse que nada havia sobre a terra comparado com o Evangelho Segundo Jacob, assegurando-lhe a mais completa autenticidade.

-Ainda bem. Podes crer que foi muito bom ouvir-te essas palavras-disse Randall, com evidente alívio. -A única coisa que me intriga, é a razão que levou Deichhardt a escolher o Dr. Jeffries em vez de preferir o Abade Petropoulos para fiscalizar a tradução final do documento. Penso que se o abade é o mais erudito dos eruditos, devia ser ele a pessoa ideal para o serviço.

-Eles tentaram, Steve. Meu pai recomendou o Abade Petropoulos, e os editores quiseram contratá-lo, mas ele entrou num prolongado período de jejum e com a ajuda da dieta muito limitada do mosteiro, das condições insalubres, da água poluída, etc., enfraquecera de tal maneira que adoeceu gravemente. Quando eu e meu pai fomos vê-lo, ele ainda mostrava sintomas de fraqueza. Bom, em suma, quando o indicaram ao trabalho de tradução, o abade estava demasiado doente para poder deixar o Monte Athos e vir para Amsterdã, e os editores também não podiam esperar que melhorasse. Tiveram que se satisfazer com a verificação dos papiros pelo Abade Petropoulos. Não hesitaram em recorrer a outros tradutores, tidos aliás mundialmente como distintas autoridades em aramaico.

- Isso explica tudo - rematou Randall.

- Pronto. Diz-me agora quando é que deixas de te preocupar desnecessariamente e voltas para os meus braços?

- Podes apostar que vou voltar direto para os teus braços. Até logo à noite, querida.

Depois de desligar, Randall sentiu-se melhor. Se o Abade Petropoulos autenticou a escrita do papiro, tal como, o Professor Aubert autenticara o material para determinação da data, não havia mais problemas a levantar, nem perguntas. Se Hans Bogardus encontrou uma discrepância no texto, devia ser coisa sem importância, resultante de qualquer obscuridade de tradução. Randall tinha que deixar exames ulteriores para a competência dos editores e dos respectivos teólogos consultores. Quanto a si, tinha realizado trabalho suficiente e experimentava uma sensação de segurança de que o Novo Testamento Internacional - e a sua nova fé - estivesse bem protegido dos ataques inimigos.

Cinco minutos depois, pasta debaixo do braço, esperava à porta do gabinete do Professor Aubert para agradecer ao cientista sua generosa perda de tempo e prestimosa

colaboração.

Logo que avistou o Professor, agradeceu-lhe efusivo.

- Vou voltar para Amsterdã. Já está tudo esclarecido.

- Ah, bon, sinto-me satisfeito - disse o cientista. - Permita-me acompanhá-lo até à porta.

- Quando começou a caminhar pelo comprido corredor, o Professor voltou-se para Randall.- Soube por Mademoiselle Monti que o Abade Petropoulos trabalhou no projeto para os editores?

- Não, não exatamente para o projeto - respondeu Randall. -Mas há cinco anos, o abade viu e examinou os papiros contendo o Evangelho Segundo Jacob, autenticando a escrita. De fato o Professor Monti e a filha, Angela Monti, fizeram uma viagem à Grécia e passaram dois dias juntos do Abade Petropoulos no mosteiro do Monte Athos, enquanto ele examinava o texto em aramaico.

O Professor Aubert olhou vivamente para Randall:

-Disse-me: que Mademoiselle Monti foi com o pai visitar o abade ao mosteiro do Monte Athos?

-Exatamente.

- Visitaram juntos o Monte Athos?

- Sim Miss Monti e o pai estiveram lá juntos? Foi Miss Monti quem lhe disse isso? - perguntou o Professor Aubert com incredulidade.

- Sim, foi ela quem me disse.

O Professor Aubert atirou a cabeça para trás e soltou uma vigorosa gargalhada.

- Pas possible.

Randall olhou atônito para o cientista,

- Que raio de tanta graça há no que eu disse?

O Professor Aubert tentou conter a vontade de rir. Acabou por passar o braço pelos ombros de Randall.

- Tem graça porque Mademoiselle Monti quis pregar-lhe uma peça. Esteve... como é que se diz em inglês?... fez o senhor de bobo...desfrutando.

Randall mantinha-se de cenho fechado.

-Não compreendo.

-Vai já compreender. Quem quer que conheça alguma coisa a respeito do Monte Athos lhe dirá que seria completamente impossível Miss Monti visitá-lo. Nem há cinco anos, nem nunca poria o pé na península. Não lhe falei no caso antes? Essa é uma das razões porque o Monte Athos é um único no mundo. Jamais foi permitido que alguma mulher atravessasse a fronteira daquela comunidade monástica. Em mil anos, nunca nenhuma mulher, obteve autorização para visitar o Mosteiro.

- Como?

- É a pura verdade, Monsieur Randall. Desde o século nono, devido aos votos de castidade, de modo a reduzir-se a tentação sexual, as mulheres foram proibidas no Monte Athos. Na verdade, com exceção dos insetos, borboletas e aves selvagens, que não se controla, foram até proibidas as fêmeas de qualquer espécie. No Monte Athos existem galos, mas não galinhas; bois, mas não vacas; carneiros, mas não ovelhas. Há gatos e cães, mas não fêmeas da sua espécie. A população é totalmente masculina. Nunca lá nasceu nenhuma criança. O Monte Athos é uma terra sem mulheres. Por isso, asseguro-lhe que se Mademoiselle Monti lhe disse que esteve lá, só podia estar brincando, a desfrutá-lo.

-Pelo contrário, falava-me com toda a gravidade-disse Randall com voz quase sumida.

Observando o rosto de Randall, o Professor Aubert deixou de rir.

- Talvez não tivesse ouvido bem. Talvez ela quisesse dizer que foi com o pai até à Grécia e o Professor Monti foi depois sozinho ao Monte Athos...

-Nenhum deles viu o abade-disse Randall firme -e o abade nunca pôs os olhos no aramaico traçado nos papiros. -Fez uma pausa.- Mas garanto-lhe, que verificará os documentos, porque serei eu quem vai ter com ele. Professor Aubert, como é que se consegue chegar ao Monte Athos?

CAPÍTULO 8

Cerca de dois dias depois, incrivelmente, Steve Randall encontrou-se de súbito projetado praticamente para a Idade Média. Era um princípio de tarde banhado pelo glorioso sol grego. Havia acabado de chegar ao seu destino, o mosteiro de Simopetra, um velho, vetusto edifício construído em pedra e madeira, com galerias e balcões salientes, como que suspensos à beira de penhascos, a mil e duzentos pés acima do Mar Egeu.

Transportava uma bolsa de mão, leve, cheia com uma muda de roupas interiores e alguns artigos destinados aos seus arranjos de «toilette», comprados à pressa em Paris, sem esquecer, claro está, a sua preciosa pasta. Nesse momento, atravessava um pátio poeirento e servia-lhe de guia o irmão-porteiro, Padre Spanos, um monge de meia idade, vestindo uma batina púrpura.

O irmão-porteiro recebeu-o montado no burrico, em que se fizera conduzir até ao cimo do monte por um guia nativo, o jovem Vlahos, sempre cercado por um forte cheiro a alho e queijo cabreiro.

- Siga-me, siga-me - cantava-lhe ao ouvido a voz de tenor do Padre Spanos no seu rude inglês.

E Randall, já sem fôlego, seguia o ágil monge para o interior do mosteiro de Simopetra, subindo arrastado os desconjuntados e íngremes degraus de madeira.

Lá ao longe soou algo como um martelo batendo contra uma bigorna, mas um som que tinha algo de cana rachada ou de sino com uma brecha.

Randall parou, admirado com o som, perguntando:

-Que é isto?

Tendo já chegado ao cimo das escadas, o Padre Spanos disse para baixo:

A segunda chamada para o semandron. É um martelo de madeira batendo contra uma prancha de cipreste, convidando os nossos cem irmãos à oração. A primeira chamada faz-se à meia-noite. A segunda agora, depois da refeição do meio-dia. Agora é para as vésperas. A terceira congregação de orações é feita pouco antes do anoitecer.

Randall chegou, finalmente, ao cimo da escadaria.

- Quanto tempo demora este período da liturgia?

-Três horas. Mas não tenha medo. Não terá que esperar tanto pelo Abade Petropoulos. Ele espera-o. As suas devoções serão abreviadas. - O monge descerrou os lábios num sorriso.

- Está esfomeado, não é verdade?

- Bem...

- Tem a refeição preparada. Quando acabar de comer o abade já despachou-se. Venha.

Randall percorria agora atrás do Padre Spanos um comprido e largo corredor, desagradavelmente úmido, com as paredes caiadas. A distância certa, a monotonia do corredor era quebrada por colunas bizantinas, e, por um ou outro afresco, representativo de qualquer santo com os seus perscrutadores olhos protuberantes como em todos os ícones. Entraram finalmente na sala de recepção, ou de hóspedes, pouco diferente de uma cela, embora muito mais ampla. No centro via-se uma comprida mesa e dois bancos um de cada lado, de madeira bem polida. No meio da mesa estava colocado um prato de estanho, na frente um jarro do mesmo metal que, como tampa, usavam uma maçã. De um lado do prato havia um garfo de ferro, de limpeza duvidosa, e do outro uma larga colher de madeira.

O Padre Spanos indicou a Randall o lugar à mesa que estava posto.

-Agora coma descansado. Depois da refeição, o abade recebê-lo-á em seu gabinete, que

fica na porta ao lado.

- Como está o Abade? Ouvi dizer que está bastante doente nestes últimos cinco anos.

- Sim, tem andado adoentado. Perturbações intestinais. Teve um período de febre tifóide. Mas é muito rijo e resistente. O clima, a vida espiritual, as ervas secas medicinais, e o poder derivado do toque dos sagrados ícones têm feito voltar a força ao corpo do Abade Petropoulos. Já está praticamente curado.

- Nestes anos mais recentes fez alguma viagem fora do Monte Athos?

- Não. Bom, quer dizer, foi duas vezes a Atenas. Mas projeta muito em breve viajar para além da Grécia. -O Padre Spanos, voltou-se e bateu as mãos com vigor. -Um acólito vai servi-lo.

- Padre, antes de ir embora, mais uma pergunta. Ouvi dizer que é vedada a entrada a mulheres nas santas comunidades da península. É verdade?

O Padre Spanos, fez um sinal confirmando com a cabeça e disse num tom cheio de solenidade:

-O édito foi decretado há dez séculos. Nenhuma fêmea, humana ou animal, conspurcou jamais as nossas comunidades. Houve três exceções. Certa vez, em 1345, um rei Sérvio trouxe a sua mulher até a praia. Em tempos mais recentes, a Rainha Isabel da Romênia aproximou-se de um mosteiro, o mesmo fazendo Lady Strafford de Recliffe, mulher de um embaixador inglês, mas ambas foram expulsas. Para além de tais tentativas instigadas pelo Diabo, nunca uma mulher esteve no Monte Athos. Posso apresentar-lhe um exemplo. Em 1938 faleceu neste mosteiro o nosso venerável irmão Miahilo Tolto, com a respeitável idade de 82 anos. Viveu e morreu sem nunca ter posto os olhos numa mulher em toda a sua vida.

-Como é que isso foi possível?

-A mãe do Padre Tolto morreu ao dar à luz. Foi trazido em bebê, com quatro horas de existência. Foi crescendo e aqui atingiu a idade varonil, a idade madura e a velhice, sem nunca ter visto uma mulher. Mais um exemplo. -O sorriso de dentes cerrados do monge reapareceu. -Um ginecologista grego, saturado das suas doentes, quis ter a certeza de que podia fugir à perseguição delas, para poder repousar e conseguir a paz. Veio passar as férias em Monte Athos. Sabia muito bem que aqui estaria a salvo de qualquer mulher. Profunda verdade. Não sofremos as tentações de Eva. Somos nós apenas, os irmãos e Deus. Espero que aprecie a sua humilde refeição.

Logo que o padre Spanos se foi embora, surgiu um acólito, envolto numa longa batina, que principiou servindo o almoço a Randall. A comida era simples: papas de aveia, peixe cozido, queijo de ovelha seco, hortaliça, pão negro, café turco e uma laranja. Tanto Angela como o guia Vlahos, haviam-no preparado para o polvo cozido, mas Randall sentiu-se contente de não ser contemplado com semelhante prato. O jarro, cheio de um forte vinho tinto, conferiu mais sabor a tudo aquilo que comia.

No entanto, o pensamento de Randall não estava posto na comida, mas sim em tudo aquilo que acontecera em Paris dois dias antes.

Angela Monti voltara-lhe a trair a confiança. Mentira-lhe. Contara-lhe que visitara o Monte Athos, que era talvez o único lugar do mundo onde nunca poderia ter posto os pés.

Durante toda a sua árdua viagem, sentira-se cheio de uma raiva interior, dirigida principalmente contra Angela. Aprendera a amá-la e acreditou naquela italiana. Na semana anterior, quando pensara que ela era uma mentirosa e uma traidora, Angela provara-lhe que nenhuma das acusações era verdadeira. Fora imensa a satisfação sentida, passando a amá-la e a confiar nela ainda mais do que antes. De repente... aquela mentira estúpida.

Nos seus piores momentos, em viagem da França para a Grécia, nos diálogos íntimos que travara com ela, chamara-lhe selvaticamente mulher sem escrúpulos, traidora descarada. Normalmente seria incapaz de tratar qualquer mulher, ainda que fosse uma prostituta, em termos tão cruéis, mas não podia conter a raiva pelo enorme desapontamento. Fora principalmente, através de seu amor por Angela, que mais se radicara numa nova fé de essência religiosa, que o levara a crer devotado aos outros.

Quando a sua viagem terminara - por ironia numa terra onde as mulheres não eram admitidas -aquela particular mulher, ainda lhe dominava o pensamento. Se fisicamente Angela nunca estivera naqueles lugares, espiritualmente conseguira ultrapassar os mil anos de proibição dos monges e estava presente através dos pensamentos que lhe dedicava. Gradualmente, invocando-a com os olhos da memória, Randall sentiu que a ira se desfazia. Tentou inventar desculpas para a mentira dela, porque continuava a amá-la... mas não foi capaz de encontrar a mais leve desculpa.

Decidiu afastá-la do pensamento, varrê-la da idéia.

Passou em revisão os acontecimentos daqueles últimos três dias que o conduziram àquela península isolada do Egeu onde só o sexo masculino imperava.

Recordou a tarde da passada sexta-feira em Paris, depois da mentira de Angela... diacho, livra-te dela, arreda-a do teu pensamento, procede como um homem livre, concentra-te... quando, num súbito impulso, resolvera submeter o anacronismo descoberto por Bogardus ao julgamento final do maior perito do mundo em aramaico.

Depois, passara a manhã de sábado tratando das formalidades de conseguir um convite, depois uma licença, para visitar o Monte Athos. Sem o prestígio e o peso político do Professor Aubert, tal solicitação demoraria semanas e ser conseguida. Com os telefonemas feitos por Aubert, a licença demorara poucas horas. A Repartição Eclesiástica do Ministério dos Negócios Estrangeiros, concedera-lhe o seu diamonitirion, passaporte especial para visitar a República Independente de Athos, prometendo que o documento o esperaria em Salônica. Aubert entrara em contato com um seu colega da Universidade de Salônica, que, por seu turno, entrara em contato com o Abade Petropoulos em Karyes, na península de Athos, para uma entrevista. O Abade concordara em receber Randall no mosteiro de Simopetra. Depois de tudo tratado, os complexos arranjos para a viagem realizaram-se a toda a velocidade.

Uma vez estabelecido o seu itinerário, Randall fizera duas chamadas telefônicas para Amsterdã. Telefonara para o Hotel Victória a fim de deixar recado a Angela Monti que estaria ocupado durante cinco ou seis dias numa missão especial. A seguir ligara para George L. Wheeler no Hotel Krasnapolsky, mas fora informado que o editor ainda se encontrava em Mainz, muito ocupado em tratar tudo com Hennig. Randall deixara apenas uma mensagem quase em código dizendo que visitaria o Abade Petropoulos a respeito da discrepância de Bogardus e que voltaria dentro de dois dias, a fim de preparar a campanha publicitária para o dia no qual anunciaria ao mundo o grande acontecimento.

Nesse mesmo sábado, entrara no aeroporto de Orly, em Paris, a bordo de um jato da Olympic Airways com destino a Salônica, na Grécia. O avião percorrera a distância em menos de quatro horas. Percorrendo as largas avenidas de Salônica, ladeadas por casas de tipo greco-mourisco e com inumeráveis igrejas bizantinas de permeio, pegou seu passaporte no Consulado Americano, fizera reservas finais para o resto da viagem e passou uma noite de insônia no Hotel Mediterrâneo.

De manhã cedo, entrara a bordo de um sujo barco de cabotagem movido a óleos pesados, que deixava um cheiro nauseabundo, para a viagem de oito milhas até Daphni, o porto

oficial que servia o Monte Athos. Em Daphni, numa esquadra policial de pitoresco telhado de telhas vermelhas, um oficial, vestindo uma capa de veludo tendo bordada a água bífala bizantina, saía branca gomada e borlas na ponta dos revirados sapatos, carimbava-lhe o passaporte. Depois, ao abrigo do telhado que servia de alfândega, monges de longos cabelos haviam-lhe inspecionado a bagagem. A porta, um monge - parecia-lhe ainda incrível! - apalpara-lhe com vigor os peitos e as partes pudendas, explicando: «Para termos a certeza de que não é uma mulher disfarçada de homem.»

Tendo passado pela alfândega com a bagagem e o sexo aprovados, Randall encontrara-se com o guia, avisado com antecedência para o esperar em Daphni. O jovem grego, Vlahos, guia e muleteiro ao mesmo tempo, vestia-se sumariamente, nos pés calçava uns cômicos sapatos feitos de tiras de pneu, facilitando escalar quase a pique. Vlahos tinha já alugado um engaze, embarcação particular, para os transportar durante a curta distância marítima até ao desembarcadouro de Simopetra. O tal barco particular acabara por se mostrar ser um ligeiro esquife de duvidoso poder de flutuação. No entanto, com o patrão ao leme, em adiantado estado de embriaguez, ele e Vlahos abrigados do sol, pesado como chumbo, sob um incrível toldo de pano encerado, que devia ser contemporâneo da guerra greco-turca, lá conseguiram chegar a salvo até ao embarcadouro de madeira situado entre ameaçadores rochedos, mesmo no sopé acima, onde se erguia o mosteiro, semelhante aos mosteiros budistas da cidade sagrada de Lhasa no Tibete, quase debruçado sobre o mar.

Vlahos encetara então uma prolongada discussão para o aluguel de dois machos. Montados no dorso das mula, lá foram subindo a árdua escalada montanha, pelo trilho precário que contornava o abrupto penhasco. Após vinte minutos de ascensão, descansaram um pouco numa capelinha, onde havia um ícone representando a Virgem ladeada por São Joaquim e Santa Ana. Enquanto enchiam os cantis de água fresca caindo em cascata pelo flanco da montanha, Vlahos explicara-lhe que Simopetra significava Rochedo de Prata e que o mosteiro lá no cimo, para onde subiam, foi fundado em 1363 por um eremita que teve uma visão divina.

A única visão de Randall, fora escapar ileso, da perigosíssima viagem pelo estreito caminho rochoso, talhado face ao abismo, balançado pelo passo de uma mula caprichosa, a sofrer o enervante sol, que o mordida com os seus penetrantes raios. Visão de encontrar a solidez e a segurança do mosteiro, espécie de paraíso perdido, que o esperava ao cimo do caminho. Cinquenta cansativos minutos mais tarde chegaram ao cimo, e para além de verdes hortas em declive, lá estava, finalmente, a aprumada parede do mosteiro, com os seus balcões e galerias salientes. No limiar daquilo que parecia uma ponte moveável medieval encontrava-se o irmão-porteiro apressando-se ao encontro dos visitantes.

Durante todo aquele exótico pesadelo, Randall pensara e tornara a pensar, que ia finalmente, saber como é que Jesus, segundo Jacob alegou, pudera ser capaz de passar pelas terras de cultivo de um lago romano, que só fora esvaziado do seu conteúdo de água três anos após a segunda crucificação!

Tratava-se de uma busca maluca, quixotesca. Afinal porque diabo empreendera aquela viagem? Não lhe fora difícil responder à interrogação: procedera assim por desejar conservar viva a sua nova fé, uma fé que mal acabara de nascer e que era ainda tão periclitante.

- Mr. Randall...

Voltou-se repentinamente, como que acordado de um sonho, para se dar conta de que o padre Spanos estava ao lado dele.

-...se quiser fazer o favor, o Abade Mitros Petropoulos vai agora recebê-lo. É hábito tratá-lo

por Padre.

Randall entregou ao acólito a mala de viagem e, conservando a pasta, seguiu o padre Spanos até ao gabinete do Abade.

O aposento no qual entrara era surpreendentemente espaçoso e recebia luz a jorros. As paredes estavam cobertas por afrescos religiosos que, embora de presença vigorosa, tinham algo de rudes. Abundavam os ícones representando o arcanjo Gabriel, Cristo e a Virgem. Do teto pendia um impressionante candelabro de estanho e, por toda a parte, viam-se lampiões de óleo, metálicos. A uma mesa redonda, onde se viam espalhados alguns papéis e abertos alguns volumosos livros medievais, estava uma figura patriarcal, que decerto teria setenta anos ou mais.

Na cabeça tinha um chapéu típico, parecido com um fez, utilizado pelos monges ortodoxos. Envolvia-lhe, o corpo magro, uma pesada túnica negra, decorada com várias caveiras e tíbias costuradas ao hábito, conjunto que se completava, por umas pesadas botas de camponês. Era um sacerdote grego, relativamente baixo e frágil. Não obstante, o alvo cabelo comprido, as volumosas barbas e imponente bigode, ainda se lhe via a pele fina como pergaminho. O abade usava umas exóticas lunetas de lentes quadradas, como Randall nunca fora capaz de ver.

O padre Spanos apresentou o patriarca e retirou-se sem fazer ruído.

Aquele septuagenário decrépito era o Abade Mitros Petropoulos.

- Bem-vindo a Simopetra, Sr. Randall. Espero que a viagem não tenha sido muito fatigante.

A voz do patriarca era amável, bondosa, repousante.

- Sinto-me honrado por ser recebido neste mosteiro, Padre.

- Prefere que conversemos em francês ou italiano, ou o meu inglês será suficiente pra você?

Randall sorriu.

- Evidentemente em inglês... embora neste momento sinta enormes desejos de saber aramaico.

- Ah, o aramaico... acredite que, não é assim tão formidável, como muita gente imagina. Claro que me é difícil ser juiz em tal matéria, porque devotei toda a minha vida ao estudo dessa linguagem. Peço-lhe que se sente. - O Abade sentara-se, entretanto, numa cadeira de espaldar liso como que a convidar Randall fazendo o mesmo, e este não se fez rogado, tomando lugar noutro assento ao lado do patriarca. O Abade prosseguiu: - Espero que nos dê a honra de descansar esta noite entre nós antes de regressar a Salônica.

- Se não for incômodo...

- Sentimo-nos sempre contentes com os nossos hóspedes, que não são muito frequentes. Claro, que irá achar as nossas acomodações um tanto desconfortáveis. Para já quero avisá-lo, que as banheiras são desconhecidas no nosso mosteiro. Costumamos dizer: «Quem se lavou uma vez no espírito de Cristo não precisa mais se lavar.» Mas, verá que os nossos colchões são limpos e que as camas não têm pulgas, nem percevejos.

- Padre Petropoulos, digo-lhe que o meu único interesse reside no aramaico.

- Sim, evidentemente. A linguagem falada por Nosso Senhor. A humilde linguagem, sem beleza própria, todavia, se mostra como a mais sábia do mundo na sua articulação. Sim, o aramaico. Uma língua semita. Deriva de Aram, nome das terras altas da Síria e Mesopotâmia, onde era falada pelo povo aramaico. Era um povo nômade, que começaram a estabelecer-se como colonos no norte da Palestina, incluindo a Galiléia, depois do quinto século antes de Cristo. Quando Cristo nasceu, cresceu e se fez homem era a linguagem comum do pobre povo galileu.

O hebraico, era mais uma língua falada pelas pessoas de instrução. No tempo de Cristo, o hebraico era falado pelos sacerdotes, estudantes, doutores e juizes, ao passo que o aramaico era a língua das massas, e também usada pelos comerciantes. Todavia, o hebreu e o aramaico são línguas interligadas, poderíamos dizer que são primas.

-De que modo diferem uma da outra?

-Não é de fácil explicação -disse o Abade Petropoulos, cofiando a longa e alva barba. - Como é que hei de dizer?...O hebraico e o aramaico, possuem o mesmo alfabeto de vinte e dois caracteres, ou sinais escritos. Mas, apenas consoantes. Nenhuma das línguas têm caracteres para as vogais. Entretanto, quando faladas, as línguas contêm mais sons fonéticos do que os permitidos no alfabeto. De modo que, quando da fala as línguas passam à escrita, os sons desaparecidos, ou vogais, passam sendo indicados por marcas ligadas às seqüentes consoantes. Uma pessoa escrevendo em hebreu e outra em aramaico traçarão as mesmas consoantes para as mesmas palavras – mas, cada uma acrescentará marcas diferentes, ligeiramente diferentes, para cada vogal. Por exemplo, se Jacob escrevesse Senhor, ou Meu Deus em hebreu, a palavra seria figurada como Eli, ao passo que em aramaico escreveria Elia. Fiz-me entender?

- Bem... sim, julgo que consegui compreender.

- No fundo não tem importância. Segundo penso, o que o trouxe aqui foi o antigo aramaico, não é verdade?

-Exatamente.

- Ora, vamos lá saber. Sr. Randall, digo- lhe que além da limitada informação recebida de Salônica, sobre a sua visita, para que eu examine um papiro com caracteres escritos, pertencendo ao aramaco do século 1, nada mais sei a respeito das razões que o trouxeram até nós.

-Padre, já ouviu falar na Ressurreição Dois?

- Ressurreição Dois?

-É o nome de código, para uma empresa destinada à publicação de uma Bíblia, com sede em Amsterdã. Um grupo de editores juntou-se para, apresentação ao mundo, de uma nova versão do Novo Testamento, baseado num momentoso achado arqueológico, feito nos arredores de Roma, há cerca de meia dúzia de anos...

- Sim, evidentemente - interrompeu o Abade Petropoulos. Estou agora coordenando idéias. Um erudito bíblico da Grã-Bretanha... Jeffries... Dr. Jeffries... fez-me um convite para colaborar na tradução de um achado em língua aramaica. Não foi muito explícito, mas no pouco que me contou por carta havia uma nota bastante intrigante. Se nessa ocasião não estivesse doente, talvez me tentasse a aceitar. Mas, foi impossível. Sr. Randall, poderá revelar-me do que se trata? Garanto-lhe que a sua confidência não ultrapassará estas paredes.

Sem a mínima hesitação, nos cinco minutos seguintes Randall desvendou ao patriarca os pontos principais do Pergaminho Petrônio e do Evangelho Segundo Jacob.

Quando se calou, os olhos do Abade brilhavam.

-Será possível? - murmurou. - Será verdade ter acontecido tal milagre?

-Sim, Padre. É verdade, mas uma verdade que depende essencialmente da sua avaliação de um fragmento intrigante dos papiros encontrados na escavação de Ostia Antica.

- Trata-se de obra de Deus, e eu sou Seu humilde servidor.

Randall colocou a pasta em cima dos joelhos, abriu-a e procurou a fotografia ampliada tirada por EdIund do Papiro Número 9. Logo que a teve em mãos, disse:

-A descoberta foi feita em Ostia Antica, uma antiga estância marítima perto de Roma,

pelo Professor Augusto Monti, o célebre arqueólogo italiano. Julguei que o Professor Monti e uma sua filha tinham vindo a Simopetra há cinco anos para que Ihes autenticasse a descoberta. Só anteontem, soube que foi impossível a filha do Professor Monti visitar o Monte Athos...

- Absolutamente impossível.

- ...Mas pensava que talvez o Professor Monti, sozinho, tivesse consultado-o, Padre.

A comprida barba branca do Abade moveu-se de um lado para o outro.

-Não, ninguém com esse nome me consultou. Pelo menos...- ficou-se pensativo, como se lembrasse de algo. Foi Monti que disse? Um arqueólogo da Universidade de Roma?

- Precisamente.

- Sim, lembro-me agora de uma troca de correspondência. Talvez, há quatro ou cinco anos. Talvez antes. Esse professor de Roma convidou-me, pagava-me todas as despesas para eu me deslocar a Roma, a fim de autenticar certo papiro aramaico. Estava demasiado ocupado para vir ao Monte Athos. Depois, lembro-me também agora... quando o Dr. Jeffries me convidou para colaborar na tal tradução, referiu-se a um arqueólogo italiano que descobrira dois documentos notáveis do século 1. Mas, quanto a encontrar-me pessoalmente com o Professor Monti aqui em Athos, ou em outro lugar... não, nunca tive a boa fortuna de o conhecer.

- Vejo que não - disse Randall, tentando ocultar o seu azedume. - Só queria ter certeza. - Pousou de novo a pasta no chão, mas exibiu a fotografia do Papiro 9, bem como, uma cópia da tradução inglesa definitiva do texto em aramaico. -Foi isto que me trouxe a Athos para Ihe mostrar. Padre, permita-me que Ihe explique o problema que envolve este fragmento, estou certo poderá resolver.

Omitindo os pormenores sobre Bogardus e sobre o papel que desempenhava na Ressurreição Dois, Randall explicou o mais sucintamente possível que certa pessoa, na altura em que o Novo Testamento Internacional estava já nas máquinas de impressão, descobrira por acidente um anacronismo, uma discrepância, na tradução da passagem descrevendo a fuga de Jesus através de um vale fértil, onde outrora existira o Lago Fucino. -No entanto, segundo os historiadores e romanos -concluiu Randall-o Lago Fucino, só três anos mais tarde, foi drenado.

O abade compreendia a explicação, pedindo:

-Permita-me ver a tradução.

Randall entregou-a.

-Veja a quarta e quinta linhas.

O Abade leu primeiro a tradução para si e voltou depois a lê-Ia a meia-voz.

-«Na sua fuga de Roma, Nosso Senhor... ummm... juntamente com os seus discípulos... ummm... caminhou durante toda essa noite, através das abundantes terras de cultivo do Lago Fucino, um imenso pantanal que fora mandado secar e drenar por Cláudio César e que os romanos cultivavam e lavravam com os maiores cuidados.» - Ficou pensativo. - Bom, se me permite, verei agora o aramaico de onde foi feita esta tradução.

Randall entregou a fotografia ao abade. O idoso sacerdote grego olhou a fotografia, fez uma careta e fitou Randall.

-Isto é apenas uma reprodução. Tenho que ver o papiro original.

-E é isso justamente o que eu não tenho. Os editores nunca me permitiriam, nem a ninguém, viajar com o documento original. O papiro é de um valor incalculável. Mantêm-no bem seguro num cofre-forte especial em Amsterdã.

O Abade Petropoulos mostrou o seu desapontamento.

-Então a tarefa que me destina torna-se duplamente difícil. Ler aramaico, esses caracteres minúsculos, já oferece muita dificuldade, mas, examiná-los numa reprodução e tentar traduzi-los acuradamente, é quase impossível.

-Mas esta fotografia foi tirada com infravermelhos, para fazer realçar os caracteres mais apagados e...

- Não importa, Sr. Randall. A reprodução é uma coisa de segunda mão. Constitui uma perturbação para os meus olhos já cansados.

-Padre, não poderá pelo menos, tentar ler o que a fotografia mostra?

-Sim, tenho intenções de tentar. Com certeza que tentarei -levantou-se com um resmungo, abriu uma gaveta, de onde tirou uma grande lente de aumentar e aproximou-se de uma lâmpada.

Randall observou atento o Abade curvar-se mantendo a fotografia do papiro voltada para a luz e observando-a com a lente. Durante vários minutos, o sacerdote ortodoxo grego, ficou concentrado no exame da fotografia, parecendo esquecido da presença de Randall. Finalmente colocou a lente em cima da mesa e recostou-se na cadeira, para voltar a agarrar na tradução e lê-la mais uma vez.

Sem pronunciar palavra, estendeu a tradução a Randall e, cofiando a barba, avaliou mais uma vez a fotografia.

- Como sabe, o Dr. Jeffries e os seus colegas tiveram a enorme vantagem de trabalhar com o documento original. Tendo isso em conta, a excelência da tradução parece-me inegável. Se assim for, então o códice, ou pergaminho deste fragmento deve ser legitimamente considerado como a mais extraordinária e tremenda descoberta da história cristã.

- A respeito disso não tenho a menor dúvida - concordou Randall. - A minha dúvida reside no seguinte: será exata a tradução do aramaico?

Perdido em obscuros pensamentos, o Abade Petropoulos continuava a cofiar a barba.

-Tanto quanto posso avaliar pela fotografia, a tradução é absolutamente exata. Mas claro que não posso jurar, não posso empenhar a minha palavra em garanti-la. Muitos dos caracteres em aramaico, como pode observar, estão bastante sumidos, quase desaparecidos, manchados pelo decorrer dos séculos. Várias palavras, precisamente nas linhas em questão, são pouco legíveis.

-Bem sei, Padre, no entanto...

Ignorando as palavras de Randall, o Abade prosseguiu:

-É sempre assim com documentos muito antigos. Um leigo não compreende tais problemas. Primeiramente, lidamos com a matéria física: o papiro. Qual o papiro que foi usado num manuscrito como este? Este papel para escrita era manufaturado da medula formada pelo caule da planta chamada papiro, encontrada na região egípcia do Nilo. O caule era cortado em tiras, e duas camadas dessas tiras eram coladas juntas transversalmente. O papiro resultante não era mais durável do que o nosso moderno papel de linho vulgar, e certamente não se destinava a durar dezenove séculos. Em climas úmidos, o papiro desintegrava-se. Em climas secos, podia sobreviver mais, mas tornando-se extremamente quebradiço, prestes a desfazer-se em fragmentos, ou em pó, mal se tocasse com um dedo. O fragmento de papiro que me mostrou em fotografia está provavelmente tão quebradiço, tão gasto que a escrita deve estar quase obscura. Além disso, no século I, o aramaico era escrito numa caligrafia de forma quadrada, cada letra ou caracteres escritos separadamente. Em resultado disso, as letras não estavam individualmente ligadas. O leigo será levado a pensar que isso as tornará mais fáceis de

distinguir e ler. Pelo contrário, é mais fácil ler uma palavra cuja letra esteja unida numa caligrafia cursiva. Mas infelizmente, as palavras interligadas e a caligrafia cursiva só apareceram no século IX. Tais são os obstáculos que se levantam, ainda mais avolumados, quando a avaliação tem de ser feita através de uma reprodução.

- No entanto, esse aramaico foi lido, completamente traduzido.

- Sim, tal e qual como os três mil e cem fragmentos e antigos manuscritos do Novo Testamento que existem espalhados pelo mundo - oitenta em papiros e duzentos em caracteres unciais, ou seja, em letras maiúsculas - e que também foram traduzidas com êxito. Mas foram traduzidos depois de superadas dificuldades gigantescas.

Randall insistiu.

- Aparentemente, nestes papiros, as dificuldades foram superadas. O evangelho Segundo Jacob foi traduzido. Disse-me estar crente em se tratar de uma tradução cuidada. Como explica então a discrepância no texto?

- Existem várias explicações possíveis. Não sabemos se em 62, Jacob seria suficientemente instruído para poder escrever o evangelho por seu próprio punho. É possível que fosse. Mas provavelmente, para ganhar tempo, ditou o documento a um escriutário, um dos escribas de grande prática no tempo, apondo apenas a sua assinatura. Este papiro pode representar aquilo que o escriba escreveu originalmente, ou pode ser um exemplar extra, uma cópia-uma das duas outras cópias que Jacob disse ter enviado a Barnabé e Pedro-traçado por qualquer outro escriba. Ouvindo o que lhe seria ditado, o escriba pode ter percebido alguma coisa mal, interpretando mal, escrevendo o erro no papiro. Lembre-se que em aramaico, um simples ponto por cima, ou por baixo de uma palavra, ou um ponto colocado em posição errada, pode mudar por completo o sentido da palavra. Por exemplo, há uma palavra em aramaico que pode querer significar «morto» ou «aldeia», dependendo unicamente do lugar em que seja colocado um ponto. Um erro de tal teor pode ser muito bem a causa do anacronismo. Ora, na verdade, ao escrever ou ditar a biografia de Cristo, treze anos depois da morte do Senhor, a memória de Jacob pode ter falhado sobre por onde e como Nosso Senhor partiu de Roma.

- Acredita em tal?

- Não - respondeu o Abade. - Este material era demasiado precioso, mesmo naquele tempo, para poder permitir um erro humano de tanta negligência.

- Então que pensa que possa ter acontecido?

- Julgo que a explicação mais provável poderá ser que os modernos tradutores - com o devido respeito pelo Dr. Jeffries e pelos seus colegas - cometeram um erro ao verterem o aramaico em inglês e noutras línguas contemporâneas. Tal erro pode ser derivado de duas razões fundamentais.

- E quais são essas razões?

- A primeira é muito simples, porque não conhecemos hoje todas as palavras em aramaico que Jacob sabia em 62. Não sabemos o completo vocabulário aramaico. Não existe nenhum dicionário para tal língua e até nós não nos chegou nenhum. De modo que, temos definido com êxito muitas palavras, cada papiro que vai sendo descoberto nos apresenta palavras desconhecidas, que ainda não havíamos visto antes. Lembro-me de uma descoberta feita na gruta de Murabba'at, no deserto da Judéia que me pediram para ajudar a traduzir. O achado consistia em contratos legais traçados em aramaico e escritos em 130 D.C., bem como duas cartas escritas em aramaico pelo chefe judeu rebelde, Bar-Kokhba, que foi responsável pela revolta de 132 D.C. contra o domínio de Roma. Continham numerosas palavras aramaicas que nunca tinha visto anteriormente.

- Como pôde então traduzi-las?

- Da mesma maneira como o Dr. Jeffries e os colegas dele traduziram algumas das palavras desconhecidas, que com certeza encontraram no papiro Jacob: por comparação com as palavras do texto conhecidas, tentando compreender o significado e sentido que o escritor do texto original, pretendeu instilar na obra e também por similaridade com formas gramaticais familiares. O que digo é que por vezes se torna impossível exprimir uma língua antiga em palavras modernas. Em certa altura, a tradução torna-se mais um caso de interpretação. Mas essa espécie de interpretação pode levar a cometer erros, enganos.

O Abade confiou a barba pensativo, para logo a seguir continuar.

- A segunda ratoeira, Sr. Randall, é que cada palavra aramaica poderá ter vários significados. Por exemplo, existe uma palavra em aramaico que significa «inspiração», «instrução» e «felicidade». Qual a definição, segundo o verdadeiro uso da palavra pelo autor, é precisamente o que um tradutor tem que decidir. Ora a decisão do tradutor tem que ser ao mesmo tempo subjetiva e objetiva. Subjetivamente, deve pesar a justaposição das várias palavras numa linha ou em algumas linhas. Objetivamente, deve tentar ver que um ponto ou um traço, outrora inseridos, hoje sumiu por completo. É tão fácil passar por cima, julgar erradamente, cometer um erro. Os seres humanos não são infalíveis. Pelo contrário, são suscetíveis de cometerem erros. Os tradutores da Versão do Novo Testamento do Rei Jacob trabalharam a partir de antigos textos gregos e contudo, referiram-se a Jesus como «seu Filho», quando na verdade o antigo grego não tinha palavra como «seu». Procedeu-se a uma correção na Versão Modelo Revista, passando lendo-se «um Filho». Tal modificação foi provavelmente mais exata, todavia, alterou o significado da referência relativamente a Jesus.

-Poderá uma coisa dessas ter acontecido nesta tradução?

-É possível. O aramaico foi traduzido para se ler que Nosso Senhor «caminhou através das abundantes terras de cultivo do Lago Fucino, que fora mandado secar ... » Se substituir «abundantes terras de» por «abundantes terras em redor» ou «terras próximas» e «fora mandado secar» por «seria mandado secar», o o significado transforma-se por completo.

-Julga possível que as palavras fossem mal traduzidas?

-Julgo que é a explicação mais provável.

-E se não estiverem mal traduzidas? Se se tratar de uma tradução fiel?

-Nesse caso consideraria com suspeita a autenticidade do Evangelho Segundo Jacob.

-Mas se for na verdade apenas um erro de tradução?

-Considerarei o novo evangelho como exato e como a mais momentosa descoberta da história humana.

Randal inclinou-se para a frente na sua cadeira.

-Padre, não pensa que valerão a pena todos os esforços que se fizerem para que na verdade se saiba se o novo evangelho é ou não o achado mais momentoso da história humana?

O Abade Petropoulos mostrou um ar de confusão.

-O que é que está tentando dizer-me?

- Sugiro que amanhã de manhã se desloque comigo a Amsterdã a fim de examinar o papiro original e para nos dizer, de uma vez por todas, se será uma descoberta verídica ou, na pior das hipóteses, um achado espúrio.

-Quer que eu vá consigo para Amsterdã?

-Amanhã. As suas despesas serão pagas. O mosteiro será contemplado com uma

generosa contribuição. Mas, mais importante do que tudo, a autenticação de um perito mundialmente consagrado como o Abade Petropoulos colocará o Novo Testamento Internacional acima de toda a suspeita.

O Abade, com ar pensativo, acenou positivamente com a cabeça.

-Sim, o último ponto é o mais importante. Será na realidade um trabalho de Deus. Sim, Sr. Randall, a viagem a Amsterdã é possível. Mas não amanhã.

- Magnífico! - exclamou Randall. - Quando poderá então encetar a viagem?

-Há muito tempo que projeto assistir, como representante da nossa república monástica de Monte Athos, a um conselho ecumênico da Igreja Ortodoxa Grega, que será presidido pelo meu superior e amigo, Sua Santidade o Patriarca de Constantinopla. É imperativo que esteja presente às sessões juntamente com os metropolitas da igreja. Devemos fazer todos os esforços possíveis para mantermos unidos os nossos oito milhões de fiéis. A sessão inaugural do conselho terá lugar em Helsínquia de hoje a sete dias. Está marcado que eu parta de Atenas para Helsínquia de hoje a cinco dias.

O velho Abade levantou-se com lentidão. Randall teve a certeza que por detrás da mata pilosa que escondia as feições do sacerdote havia um rasgado sorriso de satisfação.

-De modo que, Sr. Randall -continuou o Abade-, estou a considerar partir daqui um dia antes, isto é dentro de quatro dias, e fazer um pequeno desvio. Afinal de contas, penso que Amsterdã pode também ser considerado como um caminho para Helsínquia, não é verdade? Sim, lá estarei para verificar com os meus olhos o vosso papiro original e para lhe dizer se fomos visitados por um verdadeiro milagre divino, ou se se trata de uma mistificação... Sr. Randall, agora creio que prefere repousar um pouco antes de jantar. Vamos-lhe preparar a nossa iguaria favorita. Já alguma vez comeu polvo cozido?

CAPÍTULO 8.1

Randall esperava, após regressar a Amsterdã e ao seu trabalho no Hotel Krasnapolsky três dias depois, encontrar George L. Wheeler e os outros editores furiosos com ele devido à vadiagem.

Em vez disso, a reação de Wheeler apanhou-o completamente desprevenido pela surpresa. Randall regressara a Amsterdã na noite anterior - partiu de Monte Athos ao alvorecer de segunda-feira e chegou a Amsterdã na terça à noite - com a intenção de se defrontar imediatamente com Wheeler, seguindo-se a cena mais penosa com Angela Monti. Mas a viagem de regresso, a desconfortável e traiçoeira descida da montanha sobre o dorso de um macho, o desconjuntado bote alugado, o sebento e ronceiro «ferry» de cabotagem, o jato de Salónica para Paris, a mudança em Orly para o avião de Amsterdã, a corrida de táxi desde o aeroporto de Schiphol até ao hotel onde estava hospedado, haviam-no massacrado por completo.

Entrara em seu quarto e completamente abalado de fadiga resolvera adiar o confronto com Wheeler e Angela. Ficara tão exausto que nem sequer fora capaz de tomar banho, limitara-se a estender-se em cima da cama e dormira ininterruptamente até de manhã.

Dirigindo-se ao seu gabinete no Krasnapolsky, resolveu que ainda não estava pronto para ajustar as contas com Angela. Existiam outras prioridades. Havia dois testes de fé: o da validade da Palavra e o da honestidade de Angela. E a Palavra tinha prioridade.

Fez uma ligação interna para Angela da sala de recepção dos editores, anunciando sua presença, contando cerce as palavras calorosas que ela lhe disse, ao mesmo tempo explicando que estaria ocupado com os editores durante todo o dia (e como não passava

de um subterfúgio e não queria encará-la quando fosse para o escritório, pedira-lhe para proceder determinada investigação na Natherlands Bijbelgenootschap, a Sociedade Bíblica Holandesa). Quanto a um encontro para a noite, foi evasivo. Seria possível que os editores quisessem a sua presença, segundo disse, mas veria o que podia fazer e avisava-a depois. Uma vez arrumado, de momento, o caso com Ângela, dirigira-se ao gabinete privativo de Wheeler, preparado para o pior, e ficara verdadeiramente surpreso.

Impulsivamente, Randall desatara imediatamente falando, sem dar ao editor tempo para o interromper, revelando onde estivera e o que andara fazendo nos últimos cinco dias.

Wheeler escutara o com um interesse cheio de benevolência, respondendo de uma maneira congratulatória:

-Não, meu caro Randall, de modo nenhum me senti preocupado por você ter negligenciado o seu trabalho de promoção. Aliás, nenhum de nós ficou aborrecido. Penso de longe que é mais importante que se convença de que não há nada de errado. Afinal de contas, não poderíamos, nem quereríamos, que se entregasse de corpo e alma ao lançamento de um produto sem acreditar nele cem por cento.

-Obrigado, George. Logo que o Abade Petropoulos vir o fragmento e o aprovar, ficarei totalmente convencido.

-Isso é uma outra coisa em que lhe estamos gratos. Desde início pretendemos poder deslocar Petropoulos do seu retiro, para apor o duplo selo da autenticidade na tradução do documento, mas as nossas diligências malograram-se sempre. Você conseguiu aquilo que para nós foi impossível, e só podemos agradecê-lo por sua iniciativa. Não que tenhamos quaisquer dúvidas a respeito dos papiros, mas porque constituirá para nós uma honra ter o Abade associado a este projeto. Será também uma satisfação enorme podermos libertá-lo a si de qualquer ulterior dúvida ou preocupação.

-É muita bondade da sua parte, George. Começarei trabalho e posso, desde já, garantir-lhe que estará pronto para o dia do anúncio ao mundo.

- O dia do anúncio ao mundo... Bem, sentir-nos-emos aliviados quando isso tiver acontecido e passado. Entretanto, embora tenhamos que nos manter vigilantes, julgo que agora poderemos respirar fundo.

- Como diabo poderemos respirar com tantas complicações à nossa volta? - perguntou Randall.

- Quanto a Hennig, penso que arquitetamos um plano praticável para o proteger da chantagem de Plummer. Quanto ao Judas entre nós, esse bastardo do Hans Bogardus, despedimo-lo. Pusemo-lo no olho da rua logo que regressamos de Mainz.

- Despediram-no?

- Oh, fez um escarcéu dos demônios, deu por paus e por pedras, ameaçou-nos revelar tudo, como já havia feito consigo, avisou-nos que iria expor a lapso fatal a Plummer e a de Vroome e que nos arruinaria desde o momento em que lançássemos a nossa Bíblia ao público. Respondemos-lhe que o caminho estava livre para proceder como quisesse, mas que os esforços dos seus amiguinhos não lhes valeriam de nada. Uma vez que vissem a Bíblia, ficariam logo crentes que era invencível. Seja como for, pusemos o Bogardus na rua.

Randall nunca se sentira tão impressionado. O fato dos editores não terem medo das revelações de Hans Bogardus e estarem prontos a facilitar ao Abade Petropoulos o exame dos papiros, quase que restaurava por completo a fé de Randall no projeto. Havia contudo uma última pergunta.

- George, tenho a fotografia do papiro número 9 na minha pasta...

- Você não devia transportar por toda a parte uma coisa tão preciosa. Devia manter essa fotografia fechada na segurança do seu fichário.

-É o que farei a seguir. Mas desejava compará-la com o fragmento do papiro original que se encontra no cofre-forte da subsolo. Pretendo ver se o original é na verdade tão fácil de ler. Por outras palavras, gostaria de conhecer aquilo em que o Abade trabalhará.

-Pretende então dar uma olhada no original? Com certeza estará à sua disposição, se isso o fizer feliz. Não há problemas. Farei um telefonema para Groot, no cofre-forte da subsolo e dir-lhe-ei para retirar o original, de forma a poder lê-lo. Depois poderá descer e ver com os seus próprios olhos. Aviso-o, desde já, que não há muito que ver. Tentar perceber alguma coisa de um fragmento de papiro com tantos séculos de existência é quase impossível, a não ser que seja um perito como Jeffries ou Petropoulos. Todavia, olhando-o sempre terá uma idéia do que é um manuscrito de 62 D.C.; as verdadeiras palavras escritas pelo irmão de Jesus. Será uma coisa que no futuro terá orgulho em contar aos seus netos junto à lareira. Muito bem, vou ligar para Groat, depois descenderemos ao subsolo. Tudo aquilo ocorrera antes das dez da manhã.

Naquele preciso momento, oito minutos depois das dez, Randall e Wheeler entraram no elevador e desceram às entranhas do Krasnapolsky, onde, num porão, fora construído um cofre-forte especial para segurança dos tesouros, que fariam com que a Ressurreição Dois e o Novo Testamento Internacional fossem uma realidade para o mundo.

O elevador especial interno parou suavemente, as portas automáticas deslizaram nas suas calhas, e Randall seguiu Wheeler pelo subsolo. À porta foram saudados pelo rasgado cumprimento de um guarda de segurança, sentado numa cadeira, tendo atravessada nos joelhos uma carabina de precisão,

O subsolo tinha algo de soturno e os ruídos dos passos reverberavam em eco pela abaulada abóbada. Acabando de voltar a esquina de um segundo corredor, ficaram praticamente ofuscados pela intensa luz que brilhava lá no fim.

-O cofre -explicou Wheeler.

Já à porta, Randall pôde observar a tremenda aparência da blindagem de aço, cheia de manivelas e volantes, do gigantesco cofre-forte, avultando o dial dos números de registro e relação em brilhante metal cromado. A espessa porta de aço estava escancarada.

Subitamente, dos arcanos do cofre, saiu quase correndo a figura pesadona e maciça de um homem, projetando-se com se fosse uma catapulta humana.

Surpresos, Randall e Wheeler detiveram-se e ficaram de boca aberta ao reparar que, a peruca do homem estava às três pancadas, mexia-se-lhe a escovinha do bigode num tique de excitação, e tinha o casaco escuro aberto deixando ver o brunido cabo de uma revólver saindo. Era Mr. Groat, o curador do cofre-forte.

O curador escoregou mesmo na frente deles, e o martelar dos seus sapatos para conseguir manter-se de pé foram empecilhos às palavras que tentava proferir.

Wheeler agarrou-o pelos ombros.

-Groat, que diabo aconteceu?

- Mijnheer Wheeler. - gritou Groat. - Help! Ik ben bestolen! Politie!

Wheeler abanou-o com rudeza.

- Diabo, homem, fale inglês! Spreek Engels!

- Socorro ... precisamos de ajuda - arquejou o volumoso holandês. - Eu ... nós... nós fomos roubados... A polícia... temos que chamar a polícia!

-Diabo, Groat. Lembre-se que todo este lugar está cheio com a nossa própria polícia - disse-lhe Wheeler irado. - O que é que sucedeu? Recomponha-se e conte-nos o que

aconteceu.

Groat foi atacado por um espasmo de tosse, que finalmente conseguiu controlar.

- O papiro... o papiro número 9... perdeu-se... desapareceu! Foi roubado!

-Está doido! Não pode ser! -berrou o editor,

-Procurei por toda a parte... por toda a parte-murmurou Groat. -Não se encontra na gaveta que lhe foi destinada... nem nas outras gavetas... não está em nenhuma delas... não se encontra em lado nenhum.

-Não acredito nisso - disse Wheeler ríspido. - Vou eu próprio procurar.

Wheeler dirigiu-se com rapidez para o interior do cofre-forte, levando colado aos seus calcanhares o atarantado curador. Randall seguiu-os vagaroso, tentando compreender, juntar todos os fragmentos daquele quebra-cabeças.

Chegando à entrada do cofre-forte, Randall observou atento aquele gigante de aço à prova de fogo e à prova de roubo. Tinha pelo menos seis metros de comprimento por três de largura. As paredes laterais eram construídas de cimento armado e lâminas de aço, vendose nelas uma vasta disposição de gavetas metálicas. Quatro lâmpadas fluorescentes no teto de cimento iluminavam brilhantemente uma comprida mesa retangular metálica, onde se viam uma dezena ou mais de placas de vidro perfeitamente lisas.

Depois a atenção de Randall voltou-se para as atividades a que se entregavam Wheeler e o curador do cofre.

Groat tirava uma das amplas gavetas metálicas, enquanto Wheeler examinava o conteúdo. Daquela gaveta o par deslocou-se para a mais próxima e à medida que a busca decorria, o editor parecia cada vez mais frustrado e apoplético.

Imaginando se haveriam quaisquer outras áreas na câmara onde o papiro se pudesse encontrar fora do seu lugar habitual, ou até escondido em qualquer local escuso. Randall continuou examinando o cofre. Na parede da esquerda estavam dois ventiladores, muito no alto, e por baixo deles, ao nível dos olhos, uma série de mostradores e mesa telefônica, sem dúvida destinados ao controle da umidade destinada aos valiosos papiros de pergaminho. O chão de cimento estava escrupulosamente limpo.

Randall recuou-se, enquanto o editor, com a cara fechada e de aspecto preocupado, ombro a ombro com o estarrecido curador, depois das suas buscas se dirigiram para junto dele.

- É impossível, mas na verdade não se encontra-disse Wheeler com voz rouca de emoção.

- O Papiro Número 9, desapareceu.

- Só esse? - perguntou Randall incrédulo. - E quanto aos outros. Ainda lá estão?

- Foi o único que desapareceu - disse Wheeler, tremendo numa mistura de raiva e frustração. -Tudo o mais está no seu lugar. - Brusco, abriu caminho entre Randall e Groat para inspecionar a fechadura e as trancas da espessa e maciça porta.

- Nenhuma marca, nenhum arranhão na pintura. Não foi forçada.

Randall interveio para perguntar ao curador:

-Quando é que viu pela última vez o papiro número 9?

- Ontem à noite - respondeu o estupefato Groat. - Ontem à noite, quando fechei o cofre-forte para ir para casa. Todas as noites, antes de sair, faço uma inspeção no material, em todas as gavetas, a fim de ter certeza de que está tudo em ordem e também para verificar as condições gerais, para saber se o umidificador funciona como deve ser.

-Desde essa altura até há pouco esteve aqui alguém visitando o cofre?- perguntou Wheeler.

-Ninguém, nem uma só pessoa, até que os senhores chegaram aqui -respondeu Groat.

-E quanto aos guardas que Helderling mantém aqui de serviço? -quis saber Randall.

- Ser-lhes-ia impossível - respondeu o curador. - Não possuem quaisquer meios para poderem entrar no cofre. Não lhes é fornecida a relação para abertura.

-E quem é que possui essa relação a não ser o senhor? - inquiriu Randall.

Wheeler meteu-se de permeio naquela parada de perguntas e respostas.

- Posso dizer-lhe as pessoas que têm acesso ao cofre-forte. São apenas sete. Groat, evidentemente. Helderling. Os cinco editores - Deichhardt, Fontaine, Gayda, Young e eu. Mais ninguém.

- Poderia alguém ter roubado os números que servem à relação do cofre? - perguntou Randall.

- Não - respondeu Wheeler sem vacilar. Os números da relação nunca foram escritos. Todos nós os decoramos. Abanou a cabeça. - Impossível... é daquelas coisas que não podem ter acontecido. Incrível. É o mistério mais danado encontrado em minha vida. Tem de haver uma solução simples para o caso, porque volto a repetir, é daquelas coisas que não podem ter acontecido.

-Mas aconteceu-disse Randall-, e, por coincidência, a um fragmento de papiro em que estamos tão interessados, precisamente aquele que vínhamos observar.

-Não importa o fragmento que é - uivou Wheeler. - O fato é que não nos podemos dar ao luxo de perder seja qual for. Meu Deus, poderá ser um autêntico desastre. Os materiais nem sequer nos pertencem. São do governo italiano. São tesouros nacionais. Logo que termine o contrato de empréstimo, a concessão que nos foi dada, temos de entregar os documentos na íntegra. Mas isso ainda não é o pior. O pior de tudo é que precisamos de todas as partes dos papiros originais para apoiarem publicamente a autenticidade do nosso Novo Testamento Internacional.

-Especialmente o Papiro Número 9 - disse Randall calmo.-É esse precisamente o que está em causa.

As sobranças de Wheeler encrespavam-se.

-Não está nada e está tudo em causa. Porque raio fazemos exceções?

- Porque Plummer e de Vroome denunciarão ao mundo o lapso nesse particular fragmento, e toda a Bíblia estará em causa, a menos que o Abade Petropoulos veja o fragmento e nos dê a resposta que desejamos.

Wheeler deu um palmada na testa.

-Petropoulos! Tinha-me esquecido dele. Quando é que ele vem fazer a verificação?

-Amanhã de manhã.

- Inferno! Bem... você tem que o fazer adiar a viagem. Envie-lhe um telegrama. Diga-lhe que o exame tem de ser adiado. Diga-lhe que nos manteremos em contato com ele em HeIsinqui. Randall sentiu um baque no coração.

-George, isso não está ao meu alcance. O Abade já está a caminho de Amsterdã.

-Diacho, Steve, é necessário que o detenha. Não temos nada para lhe mostrar. Agora não percamos mais tempo. Tenho que comunicar o caso a Helderling, bem como, a Deichhardt e aos outros. O nosso principal trabalho será sabermos onde se encontra o fragmento e recuperá-lo.

- A polícia de Amsterdã - titubeou Groat - temos que a avisar.

Wheeler voltou-se para o curador com a ira estampada no rosto.

- Você está doido? Se permitíssemos que a polícia se misturasse nisto estávamos liquidados. Seria o fim do nosso sistema de segurança. De Vroome viria a conhecer tudo e mais alguma coisa. Perderíamos a corrida. Todos os bípedes da Ressurreição Dois serão submetidos a um interrogatório de terceiro grau, mas será estritamente um trabalho

interno. Não haverá nenhum gabinete, nenhum escaninho, nenhuma escrivaninha, fichário e armário que não seja voltado de pernas para o ar. Mesmo os aposentos onde vive o nosso pessoal, tudo será investigado minuciosamente, até recuperarmos o documento. Groat, você fique aqui, no cofre.

O guarda de segurança também não deve se mexer do seu lugar. Vou subir para dar o alarme. E você... você Randall... tem que contatar Petropoulos, não o podemos receber, pelo menos por enquanto.

Dez minutos depois, quando Randall regressou ao seu escritório, ainda profundamente perturbado devido aos acontecimentos, encontrou um envelope junto ao calendário em sua escrivaninha. Era um radiograma enviado de Atenas.

Estava assinado Abade Mitros Petropoulos.

O Abade estava já a caminho de Amsterdã e desejoso por examinar o fragmento. Chegaria na manhã seguinte às 10h50.

Randall soltou um gemido, O perito dos peritos, o restaurador da fé, estava a caminho. Já não podia ser detido. E não havia o lapso de Bogardus para se lhe mostrar, não havia nada para lhe apresentar, absolutamente nada.

Randall sentiu-se doente. Não de frustração... mas de desconfiança.

CAPÍTULO 8.2

Na manhã seguinte, chegando ao Aeroporto de Schiphol meia hora antes, Steve Randall sentou-se no balcão do «snack» fazendo hora para esperar o Abade Mitros Petropoulos do mosteiro de Simopetra, no Monte Athos, que chegaria no voo da Air France.

Bebendo a sua xícara de café - a terceira daquela manhã - Randall contemplou pensativo e sombrio um ponto perdido para além dos espelhos do balcão.

Sentia-se mais deprimido do que nunca. Não fazia a menor idéia daquilo que diria ao Abade, com exceção da verdade sobre o desaparecimento do Papiro Número 9, uma verdade que os editores pretendiam ocultar. Randall não conseguia pensar em qualquer desculpa e muito menos em mentir. Decidiu contar a verdade e desfazer-se em desculpas, por ter feito o idoso sacerdote deslocar-se a Amsterdã para nada. Imaginava, perfeitamente, como seria a decepção do Abade quando lhe contasse o que havia a respeito da perda do fragmento. Imaginava também se o velho eclesiástico, não alimentaria alguma suspeita, tal como, desde o dia anterior, acontecia a ele, Randall, suspeitas que lhe devoravam a mente.

Sim, a verdade é que a tremenda busca, do dia anterior para recuperação do fragmento, redundara em fracasso.

Heldering e os seus homens interrogaram todas as pessoas que trabalhavam na Ressurreição Dois. Esmiuçaram todos os escaninhos nos aposentos dos dois andares do Krasnapolsky que pertenciam ao projeto. Organizaram uma longa lista de cada uma das pessoas ligadas ao empreendimento que não viviam no Kras, procedendo também a busca nos respectivos quartos e casas, desde o quarto do Dr. Knight no Hotel San Luchesio, até o suntuoso quarto de Angela Monti no Victória. Procederam buscas no apartamento do curador Groat, e Randall, por sua conta e risco, introduzira-se no quarto de Hans Bogardus enquanto o bibliotecário estava ausente.

O inspetor Heldering e os seus agentes nada sabiam e nem vestígios encontraram do Papiro Número 9. Os editores, que se recusaram entrar em pânico ou desistirem, fecharam-se com Heldering na sala de conferências até à meia-noite. O mistério

andarsa-se ainda mais para toda a gente ligada ao projeto. Para Randall, só as suspeitas andaram-se.

Na noite anterior retirara-se sozinho para a sua «suite» do Amstel. Angela telefonara-lhe. Trocara-lhe as voltas a todas as perguntas sobre o que sucedera, mentindo que tinha gente à espera dele, para uma conferência, na sala de espera. Finalmente, prometera-lhe encontrar-se com ela na noite seguinte. O encontro com Angela, nessa mesma noite, era mais um acontecimento penoso a acrescentar a todos os outros, um acontecimento que sabia não poder adiar por mais tempo.

E toda a noite refletira. Continuava ainda a cismar ali sentado ao balcão do «snack» do aeroporto de Schiphol. Era demasiado para poder ser uma coincidência. O fragmento desaparecera, precisamente, na altura em que se procederia sua autenticidade. Mal ousara conjecturar como é que o fragmento desaparecera. Recordara-se a si mesmo persistente que a perda do papiro constituía um tremendo prejuízo para os cinco editores, prejudicava-os tanto como, prejudicava a fé dele, Randall, numa religião renovada. Sem aquele fragmento eles seriam homens perdidos, vulneráveis, tal como, para ele a perda significava o ruir da fé. O desaparecimento do importante documento não podia ser um trabalho interno... mas, de qualquer maneira, não podia ser também, um trabalho lançado do exterior.

Em desafio a toda lógica, a sombra da desconfiança e da suspeita devorava Randall.

Subitamente, de um alto-falante disfarçado no teto, saiu uma voz que dizia insistente:

-«Mr. Steve Randall! Solicitamos sua presença no Inlichtingen... no balcão do serviço informativo. Mr. Steve Randall ... »

O que seria?

Apressado, Randall pagou a conta e saiu em largas passadas do «snack», dirigindo-se para o balcão das informações no saguão do Schiphol.

Deu o nome a uma das simpáticas holandesas que estavam atrás do balcão.

A moça procurou num escaninho e surgiu depois com uma mensagem, que lhe entregou.

Randall leu: «Mr. Steve Randall. Telefone imediatamente para Mr. George L. Wheeler no Grande Hotel Krasnapolsky. É urgente.»

Segundos depois, Randall estava ao telefone, esperando que a secretária de Wheeler ligasse para o editor.

Randall conservou o fone bem encostado ao ouvido, sem saber o que iria surgir dali, mas sabendo, com toda a certeza, que o voo da Air France nº 912, precedente de Paris, onde vinha o Abade Petropoulos, chegaria dentro dos mais próximos quatro minutos.

A voz profunda de Wheeler chegou-lhe do outro extremo da linha. Mas, estranhamente, não era uma voz severa e quase selvagem, era, pelo contrário, uma voz alegre, saltitante, cheia de júbilo.

- Steve?... Está aí? Tenho grandes novas para lhe transmitir! Formidáveis novas! Encontramos a coisa...localizamos o papiro perdido!

O coração de Randall saltou dentro do peito.

- Encontraram?

- Parece uma coisa inacreditável, mas a verdade é que não foi roubado, nem sequer tirado do cofre. Esteve sempre lá dentro enquanto andávamos todos à procura dele. Que me diz a isto? Sabe bem como a procura do documento se transformou num verdadeiro desespero. Já não sabíamos para onde nos voltar. Há cerca de uma hora, sugeri que voltássemos a procurar no cofre. Mas dessa vez, quis que todas aquelas gavetas de metal e lâminas de vidro fossem retiradas, completamente desmontadas. Empenhamos dois

serralheiros civis no trabalho. E quando a gaveta 9 foi retirada e colocada no chão, encontramos o desaparecido, encontramos o nosso Papiro Número 9! O que aconteceu foi o seguinte: a retaguarda da gaveta ganhou uma folga e a chapa subiu uns milímetros na calha. O fragmento do papiro, dentro das folhas protetoras de acetato de celulose, não sabemos bem como, deslizou pela fenda e ficou em posição fora do alcance da vista entre a armação e a parede de cimento armado. Foi em tão crítica posição que encontramos a preciosidade, e, graças a Deus, estava intacta, sem sofrer qualquer acidente. Que tal, Steve? Que pensa disto?

- Que penso? - disse Randall atônito. - Bom, penso que foi uma coisa maravilhosa.

-De modo que pode trazer-nos o seu Abade Petropoulos. O Papiro está aqui à espera dele. Estamos prontos para a sua decisão final.

Randall desligou o telefone e apoiou a cabeça por momentos contra a parede da cabine, sentindo-se aliviado, mas ao mesmo tempo confuso.

Lá fora soavam os alto-falantes.

«Voo número 912 da Air France. O avião acaba de aterrisar, vindo de Paris.»

Apressou-se a ir para a área de espera por onde os passageiros passariam depois de saírem da alfândega.

Estava preparado para enfrentar o Abade, para enfrentar a verdade, e... mais uma vez... para se refugiar na nova fé.

CAPÍTULO 8.3

Era uma cena curiosa aquela assistida e refletiu Randall.

Estavam dentro do cofre-forte, todos eles, no subsolo do Hotel Krasnapolsky, e reunidos ali, numa atenção muda, há mais de vinte minutos. O foco de atenções da assembléia era a única pessoa naquele aposento sentada: o Abade Mitros Petropoulos, superior do mosteiro de Simopetra, no Monte Athos.

O Abade, com o seu chapéu eclesiástico quase em forma de fez, com a sua ampla batina negra e a branca barba quase roçando a borda da mesa, debruçado para a folha de papiro, de cor marrom, que fora retirada da pasta protetora de acetato de celulose e estava naquele momento prensada entre duas lâminas de vidro. Encontrava-se completamente embrenhado na sua análise, aos quase apagados caracteres em aramaico, escritos em espessas colunas no papiro. De vez em quando, quase com um gesto ausente, lançava mão da poderosa lente de aumentar e estudava mais em detalhe determinada palavra. Por várias vezes, pôs de lado o papiro, para consultar uns livros raros dispostos sobre a mesa, depois agarrava na caneta de tinta permanente e rabiscava qualquer nota no bloco que se encontrava ao seu lado direito.

Atrás do abade, a respeitosa distância, o Dr. Deichhardt George Wheeler, Monsieur Fontaine, Sir Trevor Young e Signore Gayda observavam-no tensos. Ainda atrás dos editores, o curador Groat mantinha-se com um ar solene e algo protetor.

Randall, cercado pelo Dr. Jeffries, Dr. Knight, Professor Sobrier e Monsenhor Riccardi, encontrava-se no interior do perímetro da casa-forte, absorvido naquele espetáculo que comportava um só ator.

Randall pensava se todos os espectadores não passariam, de repente, finda a análise, a serem participantes de uma verdadeira tragédia. Passados vinte e cinco... vinte e seis tremendos minutos que pareciam uma eternidade.

De repente, o Abade Petropoulos mexeu-se. O frágil dorso do eclesiástico ortodoxo grego

endireitou-se, encostou-se para trás na cadeira. Cofiou a barba e voltou-se olhando firme para os editores.

-Pois muito bem, estou satisfeito.

O silêncio foi quebrado, e contudo mais ninguém se atrevia a pronunciar palavra.

O abade sintetizou:

-A discrepância pode perfeitamente ser explicada. Foi cometido um pequeno erro, um erro compreensível, mas não obstante, um erro, quando da leitura do original aramaico e, por consequência, incidindo na tradução. Uma vez feita a necessária correção, mais ninguém poderá duvidar do texto. É de fato autêntico, para além de qualquer dúvida.

As suas feições dos cinco editores, onde se viam rostos contraídos, distenderam-se como se lhes tivessem tirado dos ombros um peso de cem arrobas de martírio.

Logo se apressaram correndo para o Abade, cada um querendo apertar a mão àquele ancião que acabava de os salvar da ruína.

- Excelente, excelente! - exclamou Dr. Deichhardt. Padre Superior, e agora quanto ao erro que descobriu ... ?

O Abade Petropoulos pegou o bloco-notas.

-O perturbante período em aramaico foi originalmente lido pelos vossos tradutores com o seguinte significado: «E na sua fuga de Roma, Nosso Senhor, juntamente com os discípulos, caminhou, durante toda essa noite através de abundantes terras de cultivo do Lago Fucino, um imenso pantanal que fora mandado secar e dragar por Cláudio César e que os romanos cultivavam e lavravam com os maiores cuidados.» Vários dos quase invisíveis traços rabiscos e pontinhos foram sem dúvida negligenciados, mas corretamente interpretados e inseridos no texto como mandam as regras, dão-nos a oportunidade de vermos a existência de palavras diferentes que, por conseguinte, modificam o sentido. Lidas corretamente as palavras aramaicas formam a seguinte oração: "E na sua fuga de Roma, Nosso Senhor, juntamente com os discípulos, caminhou durante toda essa noite através das abundantes terras de cultivo perto do Lago Fucino, que seria mandado secar e dragar por Cláudio César e que os romanos cultivariam e lavrariam com os maiores cuidados." Estão vendo, «caminhou através das abundantes terras de cultivo perto», foi lido e traduzido por engano como «caminhou através das abundantes terras de cultivo do», e «que seria mandado secar», foi lido por engano como, "que fora mandado secar".

O Abade pôs de lado seu bloco.

-De modo que temos o mistério esclarecido. Tudo está bem quando acaba bem, meus senhores. Devo acrescentar, que considero o fato de ter podido ver este papiro de Jacob como um dos mais comoventes momentos de toda a minha já longa vida. Toda a descoberta em si representa o ponto mais alto da história espiritual do homem. O texto irá alterar, para melhor, o rumo de toda a cristandade. Agradeço-lhes a oportunidade que me deram para me sentir mais próximo da pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo.

-Nós é que lhe estamos muito agradecidos! -exclamou o Dr. Deichhardt, enquanto, juntamente com Wheeler, ajudava o idoso sacerdote e levantar-se da cadeira.

Pouco depois o editor alemão anunciou:

- Agora vamos para o andar de cima comer um digno e alegre almoço comemorando este momento histórico que acabamos de viver. Padre Superior, peço-lhe o favor de aceitar o nosso convite, antes de seguir para o conselho ecumênico, em Helsinqui.

- De boa-vontade e sentindo-me muito honrado por tão amável convite - respondeu o Abade.

Wheeler pegou o bloco de notas abandonado pelo Abade Petropoulos.

-Terei de chegar à mesa um pouco atrasado, tenho que telefonar urgentemente para Herr Hennig em Mairiz. Temos que mandar parar todo o trabalho das oficinas de encadernação. Temos que mandar corrigir todas as traduções com essa página impressa de novo em cada uma das edições.

- Sim, sim, é uma coisa que deve ser feita de imediato.- concordou o Dr. Deichhardt. - Diga a Hennig que não podemos sofrer atrasos. Pagaremos horas extras aos operários e subsidiaremos os gastos extras do complexo impressor.

Quando começaram a sair do cofre-forte, Randall e seu grupo afastaram-se para deixar passar o Abade e os editores. Ao passar junto de Randall, o Abade fez uma breve paragem.

- Mr. Randall, agora pode verificar por si aquilo que lhe disse quando em Simopetra me mostrou a fotografia do papiro. A fotografia nem por sombras é tão clara como o original. De resto falta-lhe a dimensão de profundidade, não revelando, por isso mesmo, marcas de identificação impressas no papiro. É frequente, para uma pessoa como eu, que vivo há tanto tempo entre documentos antigos, os originais oferecerem o que nenhuma reprodução poderá oferecer.

- Padre, sinto-me muito satisfeito por ter tido oportunidade de verificar o original. Sem dúvida que ajudou a resolver um tremendo problema.

O Abade sorriu.

- Os méritos sobre o caso são partilhados por nós dois.

Depois, o Abade e os editores foram-se embora, seguidos por Sobrier e Riccardi. Finalmente, Randall encontrou-se dentro do cofre com um perturbado Dr. Jeffries, um beatífico Dr. Knight e um afadigado curador Groat, que se preparava para arrumar todas as coisas em seus lugares.

Quando o volumoso curador se preparava para meter o papiro na sua capa de celulose, o Dr. Jeffries deteve-o.

- Um momento, Mr. Groat. Antes de arrumar esse papiro deixe-me dar mais uma olhada a essa confusa coisa.

O Dr. Jeffries dirigiu-se à mesa, colocou o papiro entre as lâminas de vidro, observado atento pelo Dr. Knight e por Randall.

Obviamente, o Dr. Jeffries mostrava-se aborrecido. A responsabilidade pela equipe de tradutores que procederam à final solução dos documentos pertencera-lhe inteiramente. Ter sido apanhado num erro tão crasso, fora sem dúvida um grave golpe para o seu ego. Jeffries colocara o pince-nez olhando atentamente para o papiro.

Randall, que ainda não tinha conseguido ver o controverso papiro, debruçou-se para dar uma olhada mais de perto. Tratava-se de uma larga folha de papel marrom, enrugado, cheio de manchas, tênue, quebradiço, com as margens desfazendo-se. Tinha dois buracos desiguais como se fossem feitos pelas traças, mas, o mais surpreendente era a clareza da escrita em aramaico. A olho nu, e sem ser uma pessoa treinada no estudo de tais documentos, Randall podia perfeitamente abranger porções completas das espessas colunas cheias de traços e rabiscos.

-Ummm...ummm...não compreendo - murmurou o Dr. Jeffries. -Nunca conseguirei compreender como pude enganar-me na leitura deste período. Agora, que tenho oportunidade de o ver de novo, parece-me tão claro, tão fácil de traduzir, como aconteceu ao Abade, que até me espanta. Existem umas quantas manchas duvidosas, claro, mas mesmo assim posso ler as palavras corretamente. - Abanou zangado a cabeça. - Deve ser da minha idade e dos meus olhos cada vez mais fracos...

- Foi o senhor quem traduziu esta parte? - perguntou Randall,

-Sim - suspirou o Dr. Jeffries.

-Mas no seu grupo houve mais quatro pessoas que verificaram a tradução depois de completada. Eles também erraram na leitura do período.

- Hum... é verdade. Todavia, o erro...

-O erro coletivo deve-se a que, colegas trabalhando com uma pessoa possuindo a reputação do Dr. Jeffries, estão sujeitos a deixar-se intimidar -interrompeu o Dr. Knight, com um certo ar crítico. - Se o Dr. Bernard Jeffries emite uma opinião, ela torna-se decreto, lei, ordem, que poucos eruditos se atreveriam a contestar. Tudo depende do imenso respeito devido à erudição do Dr. Jeffries.

O Dr. Jeffries fungou.

-A erudição e o estudo requerem vista apurada. A minha vista deixou de ser apurada. Não quero empreender mais projetos deste modo. De fato - voltou-se para o seu protegido - chegou a hora de dar lugar aos jovens. Pessoas com olhos jovens e mentes mais ágeis. Florian dentro em breve devo abandonar a minha cátedra em Oxford. Devo deslocar-me para Genebra a fim de assumir responsabilidades completamente diferentes. Quando me demitir procurarão sem dúvida saber a minha opinião e recomendação para o preenchimento do lugar. Florian, lembrar-me-ei da promessa que lhe fiz porque, além de tudo o mais não conheço ninguém com mais aptidões.

O Dr. Knight baixou a cabeça.

- A boa opinião que tem a meu respeito é tudo o que quero e desejo, Dr. Jeffries. Este foi um dia auspicioso - disse indicando o papiro. - O que na verdade interessa é a maravilha e portento neste achado. Tal como disse o Abade Petropoulos, mudará o rumo do cristianismo.

Randall apontou para a folha de papiro.

- Dr. Jeffries, são então estas as linhas que o Abade acabou de traduzir, não é verdade?

- As linhas completivas? Sim, são estas mesmas.

Randall curvou-se aproximou os olhos do papiro, examinando atento os tênues caracteres.

- Espantoso, são muito mais distintas e fáceis de ler do que a fotografia tirada. - Endireitou-se. - A que é que se deve tal fenômeno? Pensava que a fotografia a infravermelhos se destinava precisamente a restaurar antigos manuscritos que não podiam ser decifrados com facilidade, tornando-os muito mais claros do que os originais. Não é assim?

- Eu hesitaria em generalizar essa opinião - respondeu o Dr. Jeffries com manifesto desinteresse.

- Julgo que ouvi afirmar o caso a EdIund. Se assim for, então o negativo tirado a infravermelhos tem de ser mais fácil de ler do que o original em cima desta mesa.

- Para exatidão, o erudito recorre sempre ao original disse o Dr. Jeffries impaciente.- Não há possibilidade de distorção. Bom... já basta deste maldito negócio. Vamos para cima participar no almoço para esquecermos as mágoas de um mau trabalho numa boa refeição.

Subiram os três no elevador até o primeiro andar onde Randall, desistindo de assistir ao almoço, deixou a companhia dos dois eruditos e se dirigiu ao seu gabinete. Ao penetrar no gabinete de recepção, sentiu algo de desconfortável ao pensar que nessa noite teria de enfrentar Ângela. Mas, naquele momento, a escrivainha estava vazia e Randall lembrou-se que na noite anterior a encarregara de outro trabalho de pesquisa na Sociedade Bíblica Holandesa.

Confortado pelo pensamento de que poderia, pelo menos estar só, livre de momento de Angela, Wheeler e todos os outros. Entrou no gabinete, tirou o casaco, aliviou o colarinho, acendeu o cachimbo e começou a passear lentamente de um lado para o outro.

Na Zaal G, na sala de jantar, os editores e os seus convidados comemoravam. Sozinho, no seu escritório, Randall não se sentia com a mínima disposição para celebrações, pelo menos por enquanto.

Havia algo de escrupuloso, algo de errado, que ainda o preocupava, e queria definir melhor qual eram as suas dúvidas.

Hans Bogardus lançou o espectro de nuvens sombrias, de tempestade sobre o projeto ao ameaçar a revelação de uma discrepância no Evangelho de Jacob, mas há pouco, no cofre-forte do subsolo, um perito inatacável, acima de toda a suspeita, um sacerdote vindo de um canto remoto da Grécia, de uma península do Mar Egeu, explicava tudo claramente, afastando o anacronismo, e proclamando a nova Bíblia absolutamente pristina e autêntica. Sim, é verdade. Mas, o que na realidade preocupava Randall era o que teria acontecido entre a descoberta de Bogardus e a autenticação do Abade Petropoulos.

No Monte Athos, o Abade mostrara-se relutante, reticente em avaliar uma fotografia tirada do papiro em questão, mas, nessa altura, parecera ficar também convencido de que o documento fora excelentemente traduzido por uma equipe de eruditos chefiada pelo Dr. Jeffries. Ora alguns dias depois, o Abade debruçara-se sobre o original do papiro e, sem a menor hesitação, avaliara que o aramaico não fora traduzido com exatidão, e que o Novo Testamento era por conseguinte um documento para além de toda e qualquer suspeita.

O que é que modificara a avaliação do Abade? Uma nova visão do papiro... ou... um novo papiro para ver?

Sim, era aquela a parte diabólica de todo o caso, o desaparecimento, o incrível desaparecimento do Papiro Número 9, no momento exato em que se tornara vital fosse examinado pela maior autoridade mundial em aramaico. Coincidência? Talvez. Bem, mas depois seguira-se o não menos espantoso reaparecimento do papiro, a sorte incrível da sua recuperação, precisamente na altura da chegada do Abade. Outra coincidência? Talvez.

Bem... talvez.

Talvez.

Era estranho quanto ao delírio aramaico num antigo papiro, estranho como um simples milímetro de um rabisco deslocado mais à esquerda ou mais à direita, aqui ou ali, podiam estabelecer a diferença entre uma mistificação profana e uma verdade divina. A simples localização de um pequeno rabisco, que não fora visto anteriormente. Todavia, os olhos do Abade encontraram, ressurgindo a fortuna e boa-sorte para os cinco editores religiosos. De tão pouco dependiam as fortunas e os futuros dos homens.

Entretanto, a fotografia era o que mais preocupava Randall. Se o Abade fora incapaz de distinguir os caracteres que na fotografia formavam as palavras do texto, devia, normalmente, ter ainda mais dificuldades em fazer a avaliação pelo original. Randall disse para com seus botões que nada daquilo fazia sentido. Estava quase certo, de que um negativo infravermelho, conferia a qualquer fotografia, mais clareza do que a um original apagado pelo tempo. No entanto, as palavras na fotografia decalcada do negativo a infravermelhos eram infinitamente mais tênues do que no original que acabara de observar.

Não, aquilo não fazia sentido. Ou, possivelmente, até talvez fizesse sentido demais.

Randall aproximou-se do seu fichário à prova de fogo e abriu-o. Destrancou a barra de segurança e puxou a gaveta, onde arquivara finalmente a fotografia, sob insistência de

Wheeler.

A pasta de arquivo contendo as fotografias tiradas por Edlund à descoberta do Professor Monti - o único jogo de reproduções existentes no edifício - estava mesmo na sua frente. Randall abriu a pasta e tirou a primeira fotografia da fila. Não era a Número 9, mas sim a Número 1. Desconcertado - pensava que quando procedera ao arquivo da controversa fotografia a colocara em primeiro lugar-, começou a catar todas as fotografias apressadamente: a pertencente ao Papiro Número 9 era a última da fila - a primeira contando inversamente.

Pensou que não era caso para suspeita. Anteriormente, já se enganara várias vezes na ordem de arquivar documentos. O mais provável, pois, seria ter metido a fotografia do Papiro Número 9 na pasta sem ter visto onde a colocara.

Levou a fotografia do papiro para cima da mesa e sentou-se para observar melhor.

O Dr. Jeffries, quando tinham ficado a sós no cofre-forte, indicara-lhe quais as linhas em aramaico do original que haviam desencadeado a controvérsia. Randall percorreu a fotografia com os olhos e localizou-as facilmente. Os seus olhos não se podiam afastar delas, como se estivesse hipnotizado.

Aquelas linhas eram as mesmas de antes, mas, de certa maneira, não pareciam as mesmas.

Piscou os olhos. Apresentavam-se-lhe muito mais claras do que quando as examinara no Monte Athos. Pelo menos pareciam-lhe mais claras. Diacho, eram de fato tão ou mais legíveis do que o papiro original que ainda há momentos vira na casa-forte. Se aquela fosse a fotografia que tinha mostrado ao Abade Petropoulos no Monte Athos, o sacerdote teria sem dúvida podido ler os caracteres com facilidade, na verdade muito mais facilmente do que fora capaz de decifrar o original.

Randall atirou a fotografia para cima da escrivaninha e esfregou os olhos.

Estariam os olhos a enganá-lo? Seria aquela a mesma fotografia que sempre foi? Ou seria o seu velho cinismo, aquele cinismo que Bárbara, a sua mulher, que o seu infortunado pai, que ele próprio sempre odiaram, aquele cinismo, descrença auto destruidora em qualquer coisa de valor, que estava a regressar, que de novo se espalhara por todo o seu ser como um cancro em desenvolvimento? Pesava os seus sentimentos.

Seria a dúvida que persistia no seu ser, um desejo honesto de encontrar a verdade, ou um hábito enraizado de rejeitar a fé? Teria razão para a renovação das suas suspeitas ou estava

a viciar-se no seu ceticismo sem fundamento que acabava por se tornar um hábito de desvirtuar todas as coisas, por mais sagradas que fossem?

Infanto! Havia um meio de saber a resposta.

Levantou-se impulsivo da cadeira, agarrou na fotografia e vestiu o casaco.

Havia uma pessoa que tinha a resposta. Uma pessoa, a única que tirara a fotografia, Oscar Edlund, o fotógrafo da Ressurreição Dois. E era Oscar Edlund a quem ele procuraria de imediato.

CAPÍTULO 8.4

Hora e meia depois, Randall desceu do táxi que o conduziu à residência de Edlund, encontrando-se olhando para um típico prédio holandês do século XIX, de três andares, situado no caos conhecido como Nassaukade.

Randall foi informado que era aquela a casa alugada pela Ressurreição Dois, para

alojamento de alguns dos seus homens trabalhando no projeto. Albert Kramer, Paddy O'Neal e Elwin Alexander, entre outros, partilhavam os oito quartos da residência, sendo também, habitada por Oscar Edlund, que dispunha igualmente de certos compartimentos onde montara a câmara escura.

O táxi que transportara Randall não pudera levá-lo mesmo até à entrada da porta. O espaço para estacionamento estava ocupado por um «sedan» vermelho de aspecto oficial, tendo ao volante, à espera, um motorista uniformizado. A medida em que se aproximava da moradia, Randall observava o «sedan» pintado de vermelho, conjecturando o que diziam as palavras pintadas na carroceria: Heldhaftig, Vastberaden, Barmhartig.

O motorista pareceu adivinhar os pensamentos de Randall, porque na altura em que ele passou junto da porta, lhe perguntou cortes:

- O senhor é americano?

Como Randall tivesse feito um aceno afirmativo com a cabeça, o homem prosseguiu:

- Bom, as palavras que o intrigam pintadas no veículo querem dizer em inglês: «Heróica, Decidida, Prestimosa». São a divisa da brigada de incêndios de Amsterdã. Este é o carro oficial do comandante dos bombeiros.

- Muito obrigado pela explicação - agradeceu Randall, preparando-se para entrar na porta da escada, ao mesmo tempo que pensava qual a razão do carro do comandante de bombeiros se encontrar naquele local.

Randall acabava de ultrapassar o limiar, quando viu a porta interior abrir-se e surgir Edlund, com o rosto mais melancólico do que nunca, na companhia de um homem uniformizado. Embora absorvido numa troca de palavras com o comandante de bombeiros, Edlund viu logo Randall e fez-lhe um gesto para esperar um pouco.

Randall ficou no último degrau, à espera, ainda mais intrigado, até que finalmente, Edlund trocou um aperto de mão com o comandante da brigada de incêndios. Ao passar por Randall, o oficial levou a mão ao quepe num cumprimento, desceu os degraus e tomou lugar no «sedan» vermelho.

Edlund apressou-se ao encontro de Randall, que lhe disse:

-Desculpe, eu devia ter telefonado primeiro para saber se estava muito ocupado. -Depois, apontando para o «sedan» que iniciara a marcha, perguntou: - Há alguma novidade?

Edlund passou a mão pelo cabelo cor-de-cenoura e respondeu desconsolado:

- Complicações, nada mais do que complicações. Desculpe se estou mal-humorado. O cavalheiro que viu sair daqui, é o comandante da brigada de incêndios de Amsterdã. Veio-me entregar o relatório sobre o sinistro. O onderbrandmeester dele...

-O quê?

- Um dos chefes de grupo de incêndios e alguns bombeiros estiveram aqui até de madrugada e realizaram uma investigação.

- Olhou para Randall interrogativamente. - Não sabia? Desculpe, ser tão precipitado. Ontem à noite, nas traseiras da casa, declarou-se um breve foco de incêndio...

- Ficou alguém ferido?

- Não. Felizmente ninguém. Nessa altura, afortunadamente, não havia viva alma aqui. Estávamos todos no Kras para uma especial reunião noturna que foi convocada.

- Uma reunião noturna especial? Com que fim?

- Foram os editores que nos convocaram, mas quando chegamos estavam apenas representados pelo Dr. Deichhardt e por Miss Dunn. Pregaram-nos um sermão sobre a necessidade de trabalharmos com mais rapidez. Nada de importante, apenas conversa barata.

-E foi enquanto vocês estavam no Kras que o incêndio se alastrou?

- Sim -respondeu EdIund firme. - Um vizinho viu fumaça saindo da casa e fez uma chamada de alarme para a estação de Nieuwe Achtergracht. Em poucos minutos chegou uma bomba de incêndio e um carro auxiliar. Na altura em que eu, Paddy e Elwin regressamos o fogo já dominava, mas tive que me conservar de pé até tarde para assistir à investigação às origens do incêndio.

Randall deu uma olhada inquisitiva pelo edifício.

-A vossa casa não me parece muito afetada.

- Não, o fogo foi confinado ao lugar onde se originou. O foco de incêndio deu-se na minha câmara escura e na outra dependência fotográfica, mas foi apagado antes de se poder propagar. Todavia causou prejuízos grandes nas minhas instalações fotográficas.

-Então os únicos locais afetados foram as suas instalações fotográficas?

- Apenas elas. Queimada mais da metade da câmara escura e alguns prejuízos no resto das instalações. Vou-lhe mostrar.

Passaram por um pequeno «hall» de entrada, onde se manifestava um intenso cheiro de comida vindo da cozinha, seguiram por uma sala de teto alto, aparentemente a sala de estar, com os cortinados verdes e sofás de veludo, onde pairava um aroma distinto de tabaco, e chegaram a um aposento da retaguarda, onde predominava um cheiro a coisas queimadas, a fumo.

Via-se uma sólida porta de carvalho arrombada à machadada, uma enorme e complicada fechadura de batentes, e volantes semelhante à da casa-forte do Krasnaplosky. Uma outra porta interior apresentava-se semi carbonizada.

-Eis as minhas instalações fotográficas, ou tudo o que resta delas - disse EdIund. - Não se pode divisar grande coisa até reparação da instalação elétrica, mas esta parte das instalações destinava-se à ampliação das fotografias, emulsões, secagem, etc. As paredes são de mosaico, e é sobre aquela mesa de fórmica que abro os rolos de filmes. E aquelas tinas e covilhetes... bem, isto pra você já não interessa. Vê aquele canto? A parede da direita e o equipamento estão carbonizados. A parede do fundo foi bastante afetada e as cortinas de separação do outro quarto arderam completamente. Se quiser fazer o favor de me acompanhar...

EdIund passou para outro quarto, levando Randall. A um canto via-se uma prensa metálica de metal, com as peças quase fundidas devido às chamas. O outro quarto, espécie de arquivo, fora o que sofrera mais danos: viam-se restos contorcidos de câmaras de filmes, refletores descamados e um fichário semi-derretido. Era um nota trágica de devastação.

Com um trejeito de impotência perante a calamidade EdIund lançou um olhar pelo quarto.

- Ao que parece o sinistro começou por aqui. Que bagunça. Além de tudo o mais foi realmente uma má altura para este estúpido fogo. Terei que trabalhar vinte e quatro horas por dia para compensar as perdas.

-Qual foi a origem do sinistro? -perguntou Randall?

- A princípio, o subchefe, de bombeiros insistiu que foi um ato de vandalismo. Mostrei-lhe que era impossível. Estas instalações foram desenhadas e construídas, na parte da residência que sofreu uma completa remodelação, com o fim expresso de arranjar uma área de segurança. Como pode observar seria impossível alguém entrar por aquela porta especial, que aliás, os bombeiros tiveram que arrombar à machadada para conseguirem passar com as mangueiras. Os vândalos não poderiam ter penetrado, nem nenhum piromaniaco conseguiria abrir a porta salvo conhecendo a relação.

- E quantas pessoas conheciam a relação?

-Eu, claro está. Mais ninguém pode utilizar estes quartos...- deteve-se, aparentemente a refletir. - Bom, suponho que haverá outras pessoas na Ressurreição Dois que conheçam a relação, uma vez que mandaram construir as instalações para eu utilizar. Penso que o inspetor Helderling deve ter os números que aciona o dispositivo do disco. Talvez a relação fosse também conhecida pelo Dr. Deichhardt: e pelos outros editores. Por fim, acabei por convencer o subchefe dos bombeiros que não podiam ser vândalos. Seria impossível que pudessem penetrar nestes quartos.

- E se os vândalos conseguissem entrar com a ajuda de alguém da Ressurreição Dois? Edlund olhou atentamente para Randall.

-Também levei isso em consideração. Mas é uma coisa sem pés nem cabeça. Porque é que alguém do projeto havia de querer destruir o fruto do nosso trabalho?

- Sim, na verdade porque é que alguém da Ressurreição Dois teria interesse em fazer uma coisa dessas?... - repetiu Randall, mais pra si do que para ser ouvido por Edlund.

-De modo que os peritos dos bombeiros prosseguiram a investigação às causas, e há pouco o comandante trouxe-me o relatório. Embora não esteja absolutamente conclusivo, o comandante está convencido que o sinistro se deu por um curto-circuito. -Edlund tapou o nariz com a ponta dos dedos.- Cheira muito mal aqui. Vamos embora.

Deixaram as carbonizadas instalações fotográficas de Edlund e passaram para a sala de estar. O fotógrafo tirou do bolso um maço de cigarros e ofereceu a Randall. Este declinou a oferta e Edlund tirou um cigarro, meteu-o na boca e acendeu-o com um isqueiro.

-Lamento aborrecê-lo com este drama, principalmente quando o senhor veio hoje aqui pela primeira vez para me dar o prazer da sua visita. As circunstâncias obrigam-me ser um mau anfitrião. Bom, precisa alguma coisa de mim, Steve?

- Sim. Uma coisa sem importância maior. - Apontou para o envelope que tinha na mão. - Pretendo que me deixe dar uma olhada pelo negativo que fez do Papiro Número 9. Edlund reagiu de maneira verdadeiramente desanimadora.

- Mas... isso constituiu precisamente uma das partes da perda que sofri. Bem viu lá dentro as máquinas e o fichário completamente arruinados. Todo o meu jogo de negativos se desfez em cinzas e fumo. Nem um só ficou para amostra. Lamento muito, mas como vê não posso atender o seu pedido, por muito simples que seja. Mas claro que o caso não é grave, tomei já disposições para fazer um novo jogo de negativos aos papiros e pergaminho. Amanhã vou estar muito ocupado na casa-forte do Kras. Depois de amanhã terei já os filmes revelados, para lhe mostrar tudo o que quiser ver. Não se trata propriamente de uma perda irremediável para os nossos serviços. Não se preocupe.

- Não estou preocupado - respondeu Randall cauteloso. -O fato é que tenho um jogo de fotografias relativas aos seus primeiros negativos. Queria apenas comparar esta fotografia que aqui tenho com o negativo do Papiro Número 9... para verificar se na fotografia não terá qualquer falha em relação ao negativo original.

Edlund mostrou-se espantado.

-Mas claro que sim, tudo o que havia no negativo tem que estar na fotografia. Porque raio havia de haver qualquer diferença? Fui eu próprio quem fez a revelação e as ampliações, e costumo tomar sempre muito cuidado para que...

-Oscar, não me interprete mal-atalhou rapidamente Randall. - Não coloco em dúvida a técnica e honestidade do seu trabalho. Bom, acontece que ao passar revista a todas as cópias houve uma que não me pareceu da mesma qualidade... bem... isto é, tão nítida, tão precisa como as outras.

- Qual delas? A Número 9? Não pode ser. São todas iguais, da mesma qualidade, com o

mesmo papel, o mesmo grão, a mesma intensidade de luz, a mesma exposição, tudo da mesma maneira. Tem a fotografia aí consigo, não é verdade. Deixe-me ver.

Randall tirou a fotografia ampliada do envelope e passou-a a EdIund.

-Aqui está.

O sueco examinou brevemente a fotografia.

-Nada vejo de errado. A mesma qualidade das outras. Tudo nesta cópia é claro. Lamento, Steve, mas esta não é diferente em nada das outras cópias que fiz.

-Você usou a técnica dos infravermelhos nesta cópia, não foi assim?

-Com certeza.

-Diga-me, porquê infravermelhos?

-Julgava que sabia a razão. Uma vez que se tenha de fotografar um objeto que esteja, pelo menos em parte, ilegível, terá que se proceder à técnica dos infravermelhos. Os métodos ordinários não conseguem fazer realçar o que não pode ser visto com clareza, mas os infravermelhos arrancam tudo das profundidades. Os papiros refletem a radiação de infravermelhos que os ilumina e assim, tanto o negativo, como a cópia tornam-se mais legíveis.

-Foi dessa forma que fez a fotografia que tem aí nas mãos? -havia uma nota de hesitação na voz de Randall.-Oscar, examine bem a fotografia. Foi na verdade você que a fez? Será capaz de jurar que é obra sua?

Em vez de olhar para a fotografia que tinha nas mãos, EdIund fitou gravemente Randall.

- Steve, do que é que está falando? Claro que sim, fui eu que fiz esta fotografia. A quem mais é que permitiriam fazê-la? Sou o único fotógrafo contratado pela Ressurreição Dois, o único com absoluta aprovação e com passe de segurança, o único contratado para realizar os trabalhos de arte para o departamento de publicidade que você comanda. O que é que o leva a pôr em dúvida que fosse eu o autor desta fotografia?

-Precisamente porque ela se me afigura diferente das outras. Não possui a mesma qualidade ou... ou estilo.

- Qualidade? Estilo? Nem sequer sei o que pretende com essa conversa. - Com gestos de aborrecimento, EdIund levantou a fotografia examinando, voltando-se para aproveitar melhor a luz. A verificação era agora mais prolongada e cuidadosa.

- Oscar, veja bem as linhas quatro e cinco da primeira coluna - recomendou Randall.

- Muito bem. Estão excelentes. Perfeitamente legíveis.

-Ora aí é que bate o ponto -retorquiu Randall, pensando se devia revelar a EdIund o verdadeiro motivo da sua preocupação, se lhe havia de dizer que na primeira vez que o Abade Petropoulos examinara a cópia fotográfica aquelas linhas se apresentavam mais indistintas, tal como as do próprio papiro. Mas que a partir do exame feito pelo eclesiástico grego na casa-forte do subsolo do Krasnapolsky, tanto o papiro como a fotografia - estranhamente fora de ordem no seu arquivo - haviam adquirido uma nova clareza fenomenal. Contudo decidiu não fazer de momento nenhuma revelação, fazendo apenas crer ao fotógrafo que já vira o papiro anteriormente. - Oscar, quando vi o papiro pela primeira vez essas linhas eram as mais difíceis de ler, estavam quase indecifráveis. Tornava-se impossível divisarem-se os traços e rabiscos em aramaico à vista desarmada. Mas agora, nessa fotografia, pode ver-se tudo com a mesma nitidez. É uma coisa que não faz sentido.

- Para si não faz sentido, mas faz para um fotógrafo experimentado. Quando me fornecem algo como o fragmento de um papiro que possua duas ou três áreas na superfície que estejam muito ilegíveis, embaçadas ou manchadas, emprego uma técnica especial, a que

se pode chamar de bloqueio, isto é, se utilizar uma grande exposição para dar realce a linhas ou zonas ilegíveis também darei uma exposição excessiva ao resto do texto legível. Para evitar isso, concentro luz em certos setores e bloqueio as restantes zonas. Assim, as partes que necessitam de um terço da exposição de luz, relativamente aos pontos sobressaem, são dispostas de modo a que recebam exposição normal. Com tal técnica consigo obter um negativo uniforme e legível, com a conseqüente aplicação dessas qualidades na cópia. Vou-lhe mostrar.

Ergueu a fotografia e aproximou-se de Randall.

-Aqui - apontava com o dedo - pode ver perfeitamente o que consegui com a minha técnica de maior exposição, fazendo destacar a quarta e quinta linhas para que se vejam claramente.

Havia uma outra zona deste papiro, segundo me recorde, que estava bastante enegrecido e ilegível até que eu... -a voz morreu-lhe na garganta, e ele fitou de olhos arregalados a parte inferior da coluna em caracteres aramaicos.-É estranho -murmurou.

- O que é que tem de estranho? - perguntou Randall.

- Esta outra zona aqui ao fundo. Tem demasiada exposição... o processo de bloqueio para gradação da luz é deficiente. A proteção plástica transparente para bloquear a luz tem a função de cortar a intensidade da iluminação das zonas onde não há necessidade de exposição em demasia... não parece um trabalho meu... uma coisa assim tão tosca. Tenho a certeza... ou pelo menos tinha a certeza, de ser mais equilibrado em tal gênero de trabalho. Verifiquei centenas de vezes as fotografias e sempre me senti satisfeito. Sim, eis aqui uma zona com demasiada exposição e sem necessidade disso. Isto é, a olho nu, para qualquer leigo, a coisa passará despercebida, mas para mim tem uma clareza extraordinária. Não compreendo.

Randall, suavemente, tirou-lhe a fotografia das mãos.

- Oscar, talvez você não fosse o autor desta reprodução, quem sabe?

- É minha, porque fui eu que fiz todo esse trabalho - respondeu canhestro Edlund, como quem se procura convencer. - E no entanto, um trabalho tão pobre não parece meu. É estranho que tal coisa tenha acontecido.

- Sim, ultimamente no projeto têm acontecido coisas muito estranhas.

Randall queria acrescentar que era estranho como algumas linhas da reprodução fotográfica, muito ilegíveis à vista no Monte Athos, transformaram-se, milagrosamente, em Amsterdã, em linhas perfeitamente legíveis. Que era estranho que certo papiro tivesse desaparecido no mesmo dia em que o desejara ver, para reaparecer convenientemente no dia seguinte. Que era estranho como um negativo que ele queria comparar com a cópia fotográfica fosse consumido pelo fogo horas antes. Que era estranho como a perfeita técnica fotográfica de Edlund, fosse tão mal aplicada naquela fotografia, justo na Número 9 da série dos papiros relativos ao Evangelho Segundo Jacob.

Para Randall levantaram-se todas aquelas perguntas, mas, sem conseguir obter respostas satisfatórias. Evidentemente, que Oscar Edlund, sem o crucial negativo, e com a inabalável convicção de ser o único fotógrafo da Ressurreição Dois, jamais lhe poderia fornecer a resposta de que precisava.

Randall viu que a não ser que alguém, em qualquer local, apoiasse as suas dúvidas ou as afastasse de uma vez para sempre, teria de se dedicar à Ressurreição Dois com uma fé cega. Mas, também sabia que seria difícil, senão impossível, possuir essa fé cega, quando os olhos teimavam em abrir-se-lhe. Mas a abrirem-se para quê?

Naquele mesmo instante, absorveu um pensamento, um pensamento que lhe atravessou o

cérebro como um relâmpago, e os seus olhos arregalaram-se para uma possível solução que até então lhe passara completamente despercebida, a mais óbvia de todas as soluções.

-Oscar, importa-se que utilize o seu telefone?

-Há um no corredor, atrás dessa parede à direita. Telefone à vontade. Bom, e agora, se me desculpar e der licença, tenho muita limpeza a fazer.

Randall agradeceu ao mestre-fotógrafo, esperou que ele saísse da sala e dirigiu-se depois ao telefone situado em cima de uma mesinha no corredor, marcando o número da Ressurreição Dois.

Disse à operadora do P.B.X. que queria falar com o Abade Mitros Petropoulos. Poucos segundos depois estava ligado à secretária do Dr. Deichhardt.

-Aqui fala Steve Randall. O Abade Petropoulos ainda se encontra aí?

- Está sim, Mr. Randall. Acaba precisamente de almoçar com os editores e estão agora todos reunidos em conferência no gabinete do Dr. Deichhardt.

- Pode fazer a ligação lá para dentro? Queria falar com o Abade.

-Lamento muito, Mr. Randall, mas recebi instruções para não fazer ligações telefônicas para o gabinete nem consentir interrupções sejam de que ordem forem.

-Espere, julgo que quanto a mim é um caso diferente. Fui eu quem trouxe o Abade a Amsterdã. Faça a ligação. Trata-se de um assunto importantíssimo.

-Não posso, Mr. Randall. A ordem do Dr. Deichhardt: foi sem exceções.

Exasperado, Randall deu um novo rumo à conversa.

-Está bem. Quanto tempo mais estará o Abade aí?

-O Dr. Deichhardt acompanhará o Abade Petropoulos ao aeroporto dentro de quarenta e cinco minutos.

-Perfeito. Estarei aí dentro de trinta minutos. Pode fazer o favor de tomar conta de um recado e entrega-lo ao Abade logo que ele saia do gabinete?

-Às suas ordens.

- Diga-lhe... - pensou bem no recado, e depois ditou-o lenta e distintamente: - Diga-lhe que Steve Randall gostaria de lhe falar por breves minutos antes de ele partir para o aeroporto de Schiphol. Diga-lhe que lhe agradecia muito se fosse ao meu gabinete. Diga-lhe que pretendo... agradecer-lhe de novo pessoalmente e despedir-me dele. Tomou conta?

A secretária respondeu que sim. Randall, satisfeito, desligou o telefone. Depois, apressadamente, saiu da moradia para apanhar um táxi.

Vinte minutos mais tarde estava de novo em seu escritório no Krasnapolsky, desejoso de mostrar ao Abade Petropoulos a intrigante fotografia do Papiro Número 9.

Entrou no escritório preparado para esperar a entrada do Abade, quando viu que não se encontrava sozinho.

No meio do aposento estava George L. Wheeler, mas um Wheeler que Randall nunca antes tivera oportunidade de conhecer. A rude cara de lua-cheia do editor não arvorava o seu disfarce de caixeiro viajante cheio de urbanidade. Pelo contrário era de ira. Ao ver entrar Randall avançou, dominando-o com o seu maciço arcabouço, plantado na sua frente.

- Onde é que você está? - rugiu.

Um pouco intimidado pela inesperada agressividade do homem que o contratara, Randall hesitou.

- Bem, pretendi obter algumas fotografias publicitárias e...

- Não me embale com essa conversa. Sei muito bem onde é que está. Foi procurar o EdLund. Saiu de lá agora mesmo.

-Exatamente. As instalações fotográficas de EdIund, foram devoradas por um incêndio e nós...

- Sei tudo a respeito desse estúpido incêndio. O que eu quero saber é o que você cheirava por ali. Você não foi lá para obter quaisquer fotografias publicitárias. Foi lá porque continua bisbilhotando por toda a parte como um rafeiro a respeito dessa coisa disparatada do Papiro Número 9.

- Ainda alimentava algumas dúvidas e por isso pretendi verificar determinada coisa.

-Junto ao EdIund. E como ele não o pôde auxiliar, você decidiu -voltar a agarrar-se às saias do Abade Petropoulos. -O tom de voz de Wheeler era colérico. -Muito bem, estou aqui para lhe dizer que hoje não terá oportunidade de ver o Abade, nem hoje, nem nestes tempos mais próximos. Partiu para o aeroporto há dez minutos. E se você alimenta quaisquer idéias de contatar com ele em Helsinqui ou no Monte Athos, perca-as de uma vez por todas. O Abade foi sabiamente aconselhado para não ver ninguém, não falar com quem quer que seja, incluindo o nosso próprio pessoal, a respeito de tudo o que possa envolver o Evangelho Segundo Jacob. Devo acrescentar que ele concordou com todo o coração, porque também ele deseja preservar a obra de Deus daqueles que no interior, tanto quanto do exterior, querem solapar o projeto Ressurreição Dois.

-George, um momento, eu não quero solapar seja o que for. Quero somente estar certo de que tudo o que apoiamos é autêntico.

-O Abade ficou satisfeito com a autenticidade que verificou, e nós estamos também satisfeitos. Posto isto, que raio de coisa pretende você fazer?

-Tento apenas satisfazer a mim mesmo. Afinal de contas, também faço parte desta operação...

-Então, com um milhão de diabos, proceda justamente como uma pessoa que faz parte da organização! -berrou Wheeler, com o rosto lívido de ira contida. -Proceda como um dos nossos e não como uma pessoa pertencente à brigada de demolição de de Vroome. Foi você que trouxe aqui o Abade Petropoulos para verificar o papiro, e ele observou os documentos originais e deu-os como genuínos. Que raio pretende você mais?

Randall não respondeu.

Wheeler avançou mais um passo na direção de Randall.

-Vou-lhe dizer o que nós pretendemos: substituí-lo! Simplesmente substituí-lo, mas sabemos, no entanto, que essa substituição criaria demoras que não podemos suportar. De modo que concordamos que se você cumprir o seu serviço estritamente, sem andar a meter o nariz nos nossos assuntos, continuaremos a alinhar consigo. Contratamo-lo, e por uma boa soma, para você lançar a nossa Bíblia ao público em condições ideais, mas não o contratamos para andar fazendo investigações sobre a obra. A nova Bíblia foi já objeto de milhares de investigações pelos homens mais qualificados do mundo, homens que sabem muito bem aquilo que fazem. Não o contratamos também, para andar a desempenhar o papel de Advogado do Diabo. Lá fora existem já de Vroomes demais para esse trabalho, sem ser preciso que você lhes dê uma ajuda. Você está aqui com um único fim: vender a nossa Bíblia ao público por meio de uma publicidade excelentemente orientada. Fui pois escolhido para lhe recordar qual é o seu verdadeiro trabalho no nosso projeto, e parece-me melhor que o faça... que nos dê o préstimo do seu trabalho especializado e nada mais.

-É isso mesmo que eu pretendo também-disse Randall sem se alterar.

- Não estou interessado naquilo que você pretende ou não. O que me interessa são os resultados. O que queremos são resultados positivos. Ouça-me bem. Sabemos perfeitamente quem destruiu as instalações fotográficas de EdIund. Sabemos

perfeitamente que foram certos desordeiros de de Vroome...

-De Vroome? Como é que ele ou algum dos seus homens podiam entrar nas instalações?

- Não importa como, o que interessa é que o fizeram. Foi de Vroome, tem que aceitar a nossa palavra a respeito do caso. A partir de agora não vamos correr mais riscos com esse miserável radicalista. O homem está desesperado e é capaz de tudo e mais alguma coisa. Decidimos vibrar-lhe o golpe final. Resolvemos pela última vez modificar a data da nossa declaração ao mundo. Daqui a oito dias, na sexta-feira dia 5 de julho. Reunimo-nos com o seu pessoal nesta passada hora. Mudamos já as datas para a declaração no Palácio Real e para a transmissão via satélite. Mandamos recolher, ajustar os telegramas e convites à imprensa. Estamos a dispor as coisas para que sejam publicados artigos ante declaração pública de modo que o público possa estar alertado e atento a observar um grande acontecimento dentro de uma semana, a partir de amanhã. Ordenamos a Hennig que envie Bíblias mesmo sem encadernação para o seu pessoal logo que estejam prontas com a devida retificação. Queremos que o departamento de publicidade-o que o abrange a si também-passe trabalhando dia e noite na preparação do dia em que a obra for anunciada. Queremos ter tudo pronto na altura exata em que seguirmos para o Palácio Real a fim de falarmos ao mundo da nossa Bíblia. Está ouvindo, Steve? Que nada mais interfira com o seu trabalho a partir deste momento.

-Muito bem, George.

Wheeler deu uma rápida volta e dirigiu-se para a porta do gabinete, mas logo que lá chegou voltou-se para trás.

- Steve, seja o que for que você busca, acredite que não encontrará, porque o que você procura não existe. Acredite na minha palavra. Portanto, deixe de andar a caçar fantasmas e

confie em nós.

Desapareceu.

E Randall ficou com as suas interrogações, mas, sem as respectivas respostas. Todavia, repentinamente, viu que Wheeler o havia deixado ficar com mais alguma coisa: com um fantasma.

Um a mais. Aliás, o último que poderia fornecer as respostas.

Pela primeira vez sentia-se ansioso de estar nessa noite com Angela Monti.

CAPÍTULO 8.5

Randall trabalhara até tarde com o pessoal do seu departamento e só às dez horas da noite pôde finalmente sair do Krasnapolsky para o seu encontro, por tanto tempo adiado, com Angela Monti.

Ansiava tanto quanto temia aquele encontro. Desde que soubera em Paris como Angela o enganava -desde a sua viagem ao Monte Athos, durante a qual todo o seu ser se revoltara profundamente contra ela - muita água correrá sob as pontes, os acontecimentos multiplicaram-se e ao mesmo tempo, a sua ira fora cedendo, sem contudo, ceder um sentimento de desconfiança. Se pudesse escolher continuaria a adiar aquele momento vital em que a verdade iria ter predominância. Mas infelizmente não tinha alternativa, tornava-se imperativo que a defrontasse. Daquela reunião dependia muita coisa.

Quando Randall, relutante, fez soar os nós dos dedos contra a porta do Quarto 105 do Victória Hotel, preparou para se encontrar com ela fria e desapaxada, num confronto direto até ao âmago do problema. Todavia, quando a porta se abriu para revelar aquela

figura vincadamente feminina, com o seu cabelo bem penteado, negro como as asas de um corvo, os seus sedutores olhos verdes como as ondas do Mediterrâneo, a linha do voluptuoso corpo moldada pelo penteador, quase que se esquecera de todas as suas resoluções. Correspondera com ardor ao abraço e beijo dela, perturbado pelo perfume a evoluir-se daquela mulher querida, sentindo um bem estar indizível ao contato com aqueles seios eretos, pontudos que pareciam querer-lhe penetrar no peito com desejo. Correspondera-lhe com todo o calor, mesmo tentando dominar-se. Finalmente conseguira desvencilhar-se, com rudeza, do terno amplexo de Angela e entrara no confortável aposento.

Seguira-se uma conversa banal - as investigações que ele lhe mandara fazer e os novos prazos para o programa de apresentação ao mundo que o obrigavam a dobrada atividade - e ela arranjara-lhe um uísque duplo, com água e colocara para ela um conhaque. Randall sentira-se incapaz de enveredar sem mais preâmbulos no Taccuse, e cada momento que ia passando tornava mais difícil de começar o ataque direto contra a honestidade moral dela, com todas as implicações que o caso englobava.

Randall tentara manter o tom da conversa centrado sobre matéria profissional. Nada fácil. Finalmente abordara um tema dedicado a fotografias, à grande variedade de que se necessitava para a campanha de promoção. Disse que aguardara que Edlund pudesse haver-se com tais requisitos, mas infelizmente o fotógrafo sueco sofrera um acidente quanto ao seu material. Randall contou a Angela o incêndio nas instalações fotográficas de Edlund e o atraso que aquilo representava para o projeto. Finalmente lembrara-lhe que durante o primeiro encontro dos dois em Milão ela prometera mostrar-lhe uma coleção de cópias fotográficas que possuía relacionada às escavações do pai em Ostia Antica.

- Tens essas fotografias contigo? - perguntara-lhe. - Estou especialmente interessado em ver algumas fotos que o teu pai possa ter tirado aos papiros de Jacob na altura em que fez o achado, ou melhor ainda, se for possível, grandes planos e ampliações dos papiros depois de devidamente tratados e colocados nas lâminas de vidro.

Sim, ela fizera-se acompanhar para Amsterdã por uma coleção variada de fotos. Dirigira-se depois a um armário e dele tirara uma pasta com umas dezenas de fotografias que espalhara no centro do carpete verde.

Naquele momento, tendo já decorrido meia hora desde o momento fatal do encontro, estavam os dois sentados no chão, lado a lado, ele sem casaco, examinando as séries de fotografias.

Para Randall, o registro visual da escavação representava algo de fascinante. Entre outras coisas, aquelas reproduções ofereciam-lhe a primeira oportunidade de ver o Professor Monti, um homem baixinho, mas bem entroncado, com uma espécie de rosto querubínico que é normal ver-se em todos os italianos tocadores de realejo. Viam-se alguns trabalhadores italianos, posando ao bom sol romano, junto das trincheiras das escavações. Passou umas quantas fotos que representavam Angela e sua irmã Claretta, alta, magra, menos bela do que Angela-junto ao pai, no local das escavações, depois do triunfo da grande descoberta. Havia umas quantas fotografias do Professor Augusto Monti mostrando os seus achados, mas o aramaico dos papiros perdia-se na distância, carecendo de clareza. Sim, havia ali de tudo um pouco, exceto aquilo que Randall procurava com tanto afã,

Passou a última fotografia e olhou para Angela.

- Excelente, Angela, muitas delas servem perfeitamente aos fins da nossa campanha publicitária. Voltaremos a examiná-las no final da semana e reproduziremos algumas que

se apresentem de melhor qualidade e sejam mais representativas.

Os verdes olhos de Angela observaram-no.

- Na verdade não me pareces muito entusiasmado.

-Não, nada disso. São na verdade fotografias aproveitáveis. Bom... a verdade é que tinha esperança de que houvesse algumas ampliações e primeiros planos dos papiros.

- Lembro-me perfeitamente que existiam uns grandes planos dos papiros. Meu pai costumava examinar com atenção algumas dessas fotografias no remanso do seu gabinete de trabalho. Mas isso foi antes do achado ser autenticado e concedido, mediante contrato, pelo governo italiano aos editores. Meu pai é habilitado em aramaico, de modo que era capaz de interpretar os papiros tal como podia perfeitamente ler italiano, alemão ou inglês. Posso até dizer que praticamente gravou na memória cada uma das linhas, cada um dos caracteres, tal era o orgulho e o amor pela descoberta ímpar.

-E onde é que se encontram agora essas reproduções em grande plano?

-Não sei. Procurei para as trazer comigo quando vim para Amsterdã. Mas não, fui capaz de encontrar uma única. Perguntei a meu pai, mas ele é daquele tipo de sábios distraídos. Não se lembrava do que foi feito de tais reproduções. No fundo julgo que também não se interessava muito por elas. Tinha-as gravadas de cor e salteado. Julgo que as tenha dado ao ministério e que este provavelmente, as tenha cedido ao Dr. Deichhardt. -Teve um vislumbre de esperança, a transparecer-lhe no olhar e na voz: - Porque é que não perguntas, ao Dr. Deichhardt?

- Sim, vou ver se lhe pergunto.

- Bom, mas de toda a maneira penso que possuis um jogo de fotografias dos papiros tiradas por Edlund.

- Apenas tenho... bem, trata-se de uma coisa sem importância. Queria ver algumas outras reproduções.

Ela contemplou-o interrogativa. Randall evitou encontrar-lhe os olhos, ocupando-se afadigador reunir as fotos espalhadas no carpete e a metê-las na pasta.

Depois de ter completado a tarefa, viu que Angela ainda continuava a estudá-lo atenta.

- Steve, porque é que me tens evitado? - perguntou-lhe calmamente.

- Tenho-te evitado?

-Sim. Alguma coisa aconteceu. Quando é que voltas a amar-me como dantes?

Randall sentiu que um frio lhe percorria a espinha, uma sensação dolorosa que lhe tolhia todos os músculos do corpo. Com idêntica calma, embora forçada, respondeu:

- Quando puder acreditar em ti de novo, Angela.

-Não acreditas em mim agora?

- Não, Angela, não posso acreditar em ti - respondeu-lhe francamente.

Finalmente aquilo tinha sucedido. As perigosas palavras foram proferidas. Sentia-se aliviado, como se lhe tivessem tirado de cima arrobos de peso incômodo, mas mais uma vez se sentia possuído pela cólera, uma cólera tanto mais exacerbada quanto era justa.

Angela manteve-se silenciosa, sem qualquer ação visível.

O seu belo rosto, com exceção das pálpebras que batiam em movimentos regulares, continuava imóvel.

-Muito bem, foste tu que quiseste saber, de modo que agora é melhor prosseguir, despejar o saco todo.

Ela aguardou em silêncio.

-Não acredito em ti, pela razão muito simples de não poder acreditar, é impossível continuar a crer em ti. Angela, mentiste-me na semana passada. Já antes me havias

mentido, mas então uma mentira sem importância, talvez uma mentira piedosa. Mas desta vez a tua mentira é imensa e de uma importância de que nem sequer te dá conta. Randall esperou que ela dissesse alguma coisa, que se defendesse, que o interrogasse, mas Angela parecia mais desgostosa do que perturbada.

Randall prosseguiu:

-Mentiste-me a respeito do Monte Athos. Disseste-me que tinhas ido lá com teu pai para verem o Abade Petropoulos. Contaste-me que o Abade tinha examinado e autenticado os papiros. Recordas-te? Pois bem, foram umas mentiras descaradas, Angela. Descobri porque eu próprio fui ao Monte Athos. Sabes que estive na semana passada no Monte Athos?

-Sim, Steve, sei perfeitamente.

Tinha que acabar com aquilo de uma vez por todas.

- É verdade, eu estive no Monte Athos, mas tu é que nunca estiveste. Num espaço de mil anos nunca uma mulher, nunca uma fêmea, estivera na Península de Athos. As mulheres são proibidas no local. Tu nunca lá estiveste, tal como o teu pai, nunca lá pôs também os pés. O Abade Petropoulos nunca viu teu pai - sem sequer havia tido o mínimo vislumbre dos papiros até esta manhã. Serás capaz de negar o que digo?

-Não, Steve, não posso. -A voz dela era coisa, um murmúrio imperceptível. -Na verdade menti-te.

-Nesse caso como esperas que eu possa acreditar em ti, confiar em ti... acreditar em mais alguma coisa que me digas?

Angela fechou os olhos e passou a mão pela testa, depois fitou angustiada os olhos em Randall.

- Steve, eu... eu não sei como me aproximar de ti. Há tanto de ti que é só intelecto e não alma, coração. Só o teu coração compreendia que às vezes uma mentira é a coisa mais leal, mais salvadora que se pode dizer à pessoa que se ama. Steve, quando me telefonaste de Paris, o meu coração compreendia-te, adivinhando o que se passava contigo, sentindo-te na tua natureza inquisitiva, uma natureza que é a minha maior preocupação e a parte que menos aprecio em ti.

- E então, que parte detestável de mim será essa? - perguntou ele agressivo.

- O teu cinismo. O teu cinismo irracional, defensivo, auto protetor. Sim, talvez ele te sirva de escudo e te proteja de seres ferido. Mas sem dúvida que é também um sentimento contrário à vida, uma coisa que te impede de atingires a plenitude da vida, porque fica de permeio entre ti e ela, uma coisa que te impede de aceites, ou de ofertares um amor profundo. Um verdadeiro amor. Uma coisa sem fé não pode amar. Ouvi-te a voz quando me telefonaste de Paris e percebi que de novo estavas envolvido em dúvidas a respeito da autenticidade de meu pai. Imaginei-te a perdeses a pequena parcela de confiança que tinhas conseguido obter. Estavas de novo a transformar-te no Steve Randall, a quem se torna impossível uma identificação com os pais, com a mulher, com a filha, com toda a gente. Bom, adivinhei que ali estavas tu, frente a cem por cento de provas da autenticidade, conferida pelos mais respeitados e experientes eruditos e peritos do mundo sobre motivos bíblicos, tentando de novo lançar ao descrédito sobre o milagre que meu pai desenterrou das entranhas da terra em Ostia Antica. Ali estavas tu em Paris... no Monte Athos... sempre à procura de alguma coisa, de alguém, ainda que fosse o Diabo, que pudesses concordar contigo e justificar a razão do teu cinismo. A verdade é que não podia agüentar mais esse teu estado de espírito. Queria parar com as dúvidas de uma vez para sempre. Não por amor de meu pai, podes crer, mas por amor de ti. De modo que disse a

primeira coisa que me veio à cabeça. Recordava-me do nome do Abade Petropoulos num mosteiro do Monte Athos, eu escrevi à máquina as cartas que meu pai lhe enviou. Mas, nada sabia sobre o Monte Athos e as suas regras, de modo que me envolvi numa mentira descarada. Gato escondido com o rabo de fora. Sim, menti-te, estava pronta mentindo, dizendo-te que havíamos estado no Monte Athos, dizendo-te qualquer coisa, para te impedir de arruinares a única coisa, que podia dar um sentido à tua existência. Como se tu estivesses neurótico, obsedado pela idéia de realizar aquilo que o Reverendo de Vroome não tem conseguido fazer - destruir a Ressurreição Dois; toda uma vida de trabalho e a grande obra da vida de meu pai; uma nova esperança para a humanidade; as nossas relações de amor e destruíres-te até a ti próprio. Foi o que eu tentei impedir com a minha inocente mentira, Steve. Obviamente, falhei. Foste ao Monte Athos, prosseguiste impulsivo e quando o Abade discordou de ti e apoiou a nós e à grande obra, mesmo assim, ainda não estás satisfeito. Mesmo que os fatos te mostrem, onde está a verdade, e onde se encontra o erro, mesmo assim tens que prosseguir na tua dúvida. Desta vez desconheço aquilo de que andas à procura, mas vejo perfeitamente que não estás nada interessado nas fotografias que te mostrei. Andas à procura de qualquer outra coisa... seja o que for... algo que te diga que tens razão para a tua descrença, para não confiares. Mesmo agora, podia mentir outra vez, para te fazer parar essas buscas negativas, mentira, se fosse preciso, um milhão de vezes para te impedir dessa autodestruição.

Falara ininterruptamente, em torrente, e mostrava-se sem fôlego, fraca, desanimada. Angela procurou as mãos de Randall sem palavras, afagou-as, levou-as ao peito e olhou-lhe para o rosto para tentar compreender o que ele ocultava.

Finalmente, mais calma, voltou falando.

- Steve, amo-te. Faria qualquer coisa para fazer com que me amasses... para te dar fé, fé em mim e naquilo que eu creio... no projeto. Com uma tal fé poderias finalmente conhecer o amor... mas não só por mim, mas amor por ti mesmo. Ser-te-á possível?

Randall sustentou-lhe firmemente o olhar.

-Sim, é possível.

- Como? Que posso eu fazer? Já te disse que estou disposta a fazer aquilo o que for que me peças.

- Tudo? - perguntou ele suavemente. - Pois muito bem, quero que amanhã me leves para Roma.

-Para Roma?

- Quero conhecer o teu pai.

- Meu pai... - repetiu ela sumindo a voz. - É importante para ti?

-Quero conhecer o homem que descobriu a Palavra. Quero mostrar-lhe uma fotografia, fazer-lhe uma pergunta. Ele é a última ligação. O fim da linha. Depois de me encontrar com ele serei obrigado a parar. É o que pretendes, não é verdade? Queres que eu pare, não é? Queres que eu tenha fé?... Pois bem, Angela, depende de ti, está nas tuas mãos. Levas-me até junto de teu pai?

-Isso... isso resolverá quaisquer dúvidas que alimentas a meu respeito?

- Sim.

-Muito bem, Steve. É... é um erro, mas também é uma coisa que tem de ser feita. Iremos amanhã para Roma de avião. Vais conhecer o Professor Augusto Monti. Encontrar-te-ás com ele frente a frente. Talvez isso solucione tudo.

CAPÍTULO 9

Naquela sexta-feira, quase ao fim da manhã, quando o avião a jato da Alitália, procedente de Amsterdã, parara finalmente numa das pistas do aeroporto Leonardo da Vinci, situado a certa distância da Cidade Eterna, e enquanto caminhavam pela rampa de cimento que levava à alfândega dominada pelos carabinieri, indicada por uma placa com uma seta onde se lia Controllo Passaporti, Randall sentia-se avassalado por um sentimento de grande satisfação.

Angela rendera-se finalmente aos seus desejos.

Seguiram o carregador, impecável no seu terno azul, que transportava as bagagens (Steve não renunciara contudo em levar a sua preciosa pasta) pelo grande saguão envidraçado que levava ao exterior, «hall» gigantesco atravancado por uma multidão ruidosa de passageiros e visitantes. Entraram num dos táxis que esperavam o fluxo de passageiros, passaram junto à gigantesca estátua de Leonardo da Vinci, deixando para trás as placas que indicavam ROMA e que arvoravam o brasão da grande metrópole italiana, os grandes cartazes publicitários da Pepsi-Cola, Linhas Aéreas Etíopes, Visitem Israel, Telefunken, Olivetti. Passaram por verdes pinheirais e por campos não menos verdes, hortas onde enormes os vegetais que fazem o orgulho dos romanos. Passaram pelo mercado de comestíveis conhecido como Cassa del Mercato, pelos apartamentos moderníssimos do subúrbio de San Paolo, pelo Cinodromo, pista para corridas de galgos e pelas ruínas do Forum e do Coliseu. Durante aquela meia hora de corrida do táxi até ao Hotel Excelsior, Randall sentira-se invadido por um senso crescente de excitação.

Aquele local, simultaneamente antiquíssimo e moderno, era o local onde tudo começara. Em Roma, muitos séculos depois, o povo lembrar-se-ia ainda, que fora ali que a Ressurreição Dois começara e onde se iniciara o renascimento da fé. Sim fora ali que a esperança, mais uma vez, se sobrepusera a um mundo materialista e sórdido. Tudo isso seria possível - Randall orara para que fosse possível - se a última dúvida negra fosse finalmente afastada pela única pessoa pertencente ao projeto, que até essa altura estivera escondida de tudo e de todos.

Deixou Angela, segurando a sua pasta no parque privativo de carros no Hotel Excelsior, Randall apressara-se a entrar no saguão do complexo, a fim de se registrar para a estada de uma noite. Uma vez colocada a sua bagagem na «suite», quarto nº 406, que lhe designaram, descera as escadas para se juntar a Angela e acompanhá-la à villa da família Monti, onde o Professor Augusto Monti, o recluso, os esperava.

Saindo do Hotel, atravessando o parque privativo ao encontro de Angela, que se encontrava agora a esperá-lo na Via Vittorio Veneto, Randall sentiu-se como se caminhasse dentro de um alto-forno. Era meio-dia e Roma era uma autêntica fornalha batida pela intensidade do sol de Verão.

Angela alugara um carro com motorista. Este era um italiano sem idade, compacto, que se apresentara a si mesmo como Giuseppe. O carro era um Opel de quatro portas, estilo «sedan», que felizmente possuía instalação de ar condicionado, imune ao calor exterior por ter as janelas todas cuidadosamente fechadas.

Sentados no lugar traseiro, Angela olhou atentamente para Randall, sem o mínimo sorriso no lindo rosto, perguntando-lhe:

- Estás pronto? Agora vamos ao encontro de meu pai.

-Mais uma vez, Angela, muito obrigado.

Ela falou rapidamente em italiano ao condutor, acabando de lhe dar a direção em inglês.

-Para a Villa Bellavista, que fica logo a seguir da Via Belvedere Montello.

O carro integrara-se a seguir no trânsito da Via Veneto, seguindo o seu rumo ao encontro do Professor Monti.

Randall respirou fundo e pensou: «Finalmente».

A corrida levou quarenta minutos, talvez quarenta e cinco. Randall teve um vislumbre das praças e ruas atravessadas: Piazza Barberini, Via del Tritone, Piazza Vavour, Viale Vaticano, que levava à cidade do Vaticano. Logo a seguir a Via Aurélia, deixando Roma. Depois a Via Boccea, o campo, vendo-se apenas algumas casas espalhadas, por aqui e por ali, ou pequenos aglomerados que formavam lugarejos campestres.

Uma curva apertada para a direita. A Via Belvedere Montello. O Opel afrouxava, até parar.

-Pronto, chegamos, Villa Bellavista -anunciou Angela.

Randall olhou pela janela do carro. Por trás de uma grade de ferro, pintada de verde, montado sobre um pequeno muro pintado a ocre, cercada por verdes maciços ajardinados, parcialmente oculta por séries de ciprestes e pinheiros, via-se uma mansão de dois andares.

Angela falou ao condutor e este seguiu ao longo das grades até chegar a um grande portão, que prestativo foi escancarado por um porteiro já idoso. O porteiro levou a mão ao boné num cumprimento, que Angela retribuiu, enquanto Giuseppe seguia pela área onde os pneus chiaram. Segundos depois pararam em frente da porta principal da residência, a que dava acesso uma escadaria.

Giuseppe saíra rapidamente do carro e apressara-se abrindo-lhes a porta traseira.

Randall, agarrando na sua pasta, levando consigo a grande mistura de emoções diversas- antecipação, apreensão, subiu os degraus da escadaria com Angela. Na grande porta, ela nem sequer se preocupou em tirar quaisquer chaves da mala, o batente estava aberto, foi só empurrar. Randall seguiu-a.

Encontraram-se num amplo saguão com o chão de mosaicos artísticos em losangos. A direita via-se uma escada. A esquerda uma sala de espera, um aposento enorme de teto em abóbada. O mobiliário incluía dois pianos de cauda, vários sofás e muitos abajur de pé alto.

Randall pensou que se tratava de uma residência demasiado pomposa para um professor aposentado.

Angela conduziu-o até junto do sofá mais próximo da porta, mas Randall não se sentou, ficou de pé, rígido olhando para duas coisas que se confundiam.

Em frente via-se uma janela, rasgão de luz entrando no ambiente, uma vez que estava armada de sólidas grades de ferro. Ao mesmo tempo, duas pessoas penetraram na sala: eram duas mulheres, ainda jovens, vestidas em uniformes azul-marinho, com toucas de enfermeira e aventais brancos por cima dos uniformes.

Espantado Randall voltou-se para Angela, olhando-a interrogativo. Ela acenou-lhe com a cabeça.

- Sim, é aqui que meu pai vive. Esta casa é um asilo para pessoas com desarranjos mentais.

CAPÍTULO 9.1

Quinze minutos depois, sozinho e medindo a sala em largas passadas, Steve Randall ainda não se recomposera completamente da revelação de Angela.

Até àquele dia parecera-lhe sempre, perfeitamente lógico, pensar que o Professor Augusto Monti se aposentara e tivera de viver em semi-reclusão nos arredores de Roma por

motivos políticos. Até mesmo na altura em que ali chegara, a Villa Bellavista se lhe afigurava uma residência privada, o perfeito e luxuoso retiro para um arqueólogo eminente que tinha feito uma descoberta fabulosa. De fato a Villa foi outrora a mansão dos arredores de Roma de uma rica família, vendida, alguns anos antes, a um grupo de psiquiatras italianos e convertida numa casa de cura, um sanatório para pessoas mentalmente afetadas. Os médicos mantiveram a casa dentro do seu estilo e mobiliário tanto quanto possível, por pensarem que uma tal atmosfera de intimidade caseira só seria benéfica para as pessoas aos seus cuidados.

Todavia, apesar de todos os disfarces, continuava sendo, em linguagem contundente, um manicômio, o local onde o Professor Monti se encontrava há mais de um ano – talvez, como o seu mais destacado paciente, muito embora, sumido na sombra de uma das mais terríveis doenças.

Tudo aquilo revelado a Randall por Angela, nos primeiros momentos, carregados de emoção, seguidos à revelação inicial.

Angela havia-lhe dito:

-Agora poderás compreender todas as minhas evasivas e mentiras. Não faz um ano, meu pai estava perfeitamente bem de saúde e era uma pessoa normal, principalmente, com uma mente completamente lúcida. De um dia para o outro, sofreu um tremendo colapso mental. Tornou-se um introvertido, desorientado, desinteressando-se, desde então, de todas as coisas. Não podia fazer tal revelação a ninguém, nem aos editores, e a ti também não. Se soubessem tal notícia, distorceriam-na os inimigos de meu pai, ou os inimigos do nosso projeto e eu não podia deixar que tal acontecesse. Foi por isso que me mantive sempre como uma barreira, entre meu pai e aqueles que queriam contactar com ele. Finalmente, na noite passada vi que não te podia deter sobre aquilo que procuravas. Pensei em contar-te tudo imediatamente, evitando esta viagem, mas receei, talvez pensasses que estava de novo mentindo. De modo que fiz como desejavas, trouxe-te a Roma, à Villa Bellavista, para veres com os teus próprios olhos. Steve, confias agora em mim?

-Para sempre, minha querida. -Tomara-a nos braços carinhoso, comovido e envergonhado. -Angela, lamento muito, podes crer que ninguém lamenta mais do que eu. Espero que me possas desculpar.

Já o perdoara, porque conseguira compreender as suspeitas que ele alimentara, mas ainda acrescentara:

- Além disso, trouxe-te aqui para que te encontrasses com meu pai, obedecendo ainda a uma outra razão. Habitualmente, ele costuma encontrar-se naquilo que parece ser um estado de abstração total, mas, por vezes, muito raramente, mostra uns breves intervalos de lucidez. Quase sempre, quando eu e minha irmã o visitamos, meu pai se encontra fora de qualquer realidade. Todavia, de vez em quando, surge uma centelha de entendimento, um rápido relâmpago do seu antigo ser normal. Tenho esperança, para teu descanso, que quando lhe mostrares a fotografia e lhe fales, talvez consigas tocar-lhe nalguma corda sensível que lhe recorde o passado. Dessa forma, isso poderia remover a tua última incerteza a respeito do Evangelho Segundo Jacob, e fazer algum bem ao meu pobre pai.

-Muito obrigado, Angela. Mas na verdade não esperas nenhum reconhecimento por parte de teu pai, não é?

- Infelizmente, será o mais provável. Contudo, nunca se sabe. Existem tantos mistérios acerca da mente humana. Bom, agora vou subir sozinha para o ver a sós. Espera aqui, não demorarei muito. Depois, vou pedir a alguém que te leve até junto dele.

Angela retirou-se.

Randall continuava meditando o aposento em largas passadas, de um lado para o outro tentando imaginar, porque é que um professor como Augusto Monti - com um inteligência tão viva toda a sua vida - pudera, da noite para o dia, mergulhar na escuridão da loucura. Para si constituía um grande embaraço, nunca antes tivera que lidar, sob quaisquer hipóteses, com uma pessoa mentalmente doente. Não fazia a mínima idéia, do que devia esperar, nem de como se comportar. Entretanto, invadido por uma ligeira esperança de que o Professor pudesse - através de qualquer palavra, qualquer sinal - despertar para um reconhecimento do Papiro Número 9. Randall sabia que tinha que prosseguir com aquele encontro.

De repente, viu que Angela entrou na sala, mas não estava só, era acompanhada por um enfermeira, alta, ossuda, mas, ainda jovem.

Enquanto a enfermeira permanecia à porta, Angela encaminhou-se para ele, com o rosto invadido pela tristeza quase chorosa.

-Como está o teu pai? - quis saber Randall.

- Completamente calmo, sereno. - Afogando um soluço, acrescentou: - Mas não me reconheceu.

Fazia um tremendo esforço para não chorar, mas as lágrimas acabaram por rebentar dos seus olhos. Randall passou-lhe um braço pelos ombros, tentando confortá-la. Angela, perturbada, procurou um lençinho na bolsa e secou os olhos, para depois fitar Randall, forçando um sorriso:

- Está... está sempre assim. Pronto, não te preocupes querido, isto passa. Steve, podes ir agora vê-lo. Não tenhas medo, ele é inofensivo. Calmo. Tentei falar-lhe de ti, mas não sei se ele compreendeu. Mas deves tentar. Vai com a enfermeira, a Signora Branchi, que te ensinará o caminho. Vou estar ocupada enquanto espero por ti. Tenho que fazer uma chamada para casa para dizer à Lucrezia... é a nossa governanta... que a minha irmã chega hoje de Nápoles, com os filhos para me ver.

Randall, depois de Angela ter feito as apresentações, seguiu a enfermeira, caminhando os dois por um corredor asséptico. No meio do caminho a Signora Branchi tirou de um dos bolsos da bata um volumoso molho de chaves.

-Este é o quarto do Professor Monti - anunciou detendo-se junto de uma porta. Depois reparando que esta estava escancarada, mostrou-se repentinamente preocupada. A porta estaria fechada. Meteu a cabeça dentro do quarto e voltou-se depois para Randall com evidente alívio. -Está lá uma das garçonetes, que veio recolher a louça do almoço.

Segundos depois, a servente, com uma bata de cor diferente da da Signora Branchi, saiu do quarto transportando uma bandeja com louça. A enfermeira fez-lhe uma pergunta em italiano, a que a garçoneite respondeu respeitosa, seguindo depois, muito apurada, pelo corredor.

A Signora Branchi olhou para Randall.

- Perguntei-lhe como está o Professor. Respondeu-me que se encontra como é costume, sentado em frente da janela, olhando. Agora o senhor já pode entrar. Vou apresentá-lo e depois deixá-los-ei sozinhos. De quanto tempo precisa para falar com ele?

-Francamente, não sei - respondeu Randall nervosamente.

-O Dr. Venturi prefere que as visitas não excedam dez a quinze minutos.

-Muito bem, então conceda-me quinze minutos.

A Signora Branchi abriu a porta e introduziu Randall. Para surpresa de Randall o aposento não tinha em nada, o aspecto de um quarto hospitalar. Esperava um quarto semelhante

àquele que seu pai ocupara no hospital de Oak City. Em vez disso, observava um aposento que era um combinado de quarto, biblioteca e sala de estar de um apartamento privado.

A imediata impressão de Randall foi a de uma clausura, ensolarada, confortável, mesmo acolhedora, equipada com ar condicionado. Num dos lados do quarto estava um leito, tendo ao lado uma mesinha de cabeceira provida do respectivo abajur. Uma portinha parcialmente aberta revelava um amplo banheiro, cujo chão era de azulejos azuis. No canto oposto do quarto, por baixo de um moderno quadro a óleo pendurado na parede, via-se uma decorativa escrivaninha, com a sua cadeira de couro. Em cima dela estavam várias molduras com fotografias, uma delas mostrando uma senhora de idade com as orelhas adornadas por compridos brinços (provavelmente a falecida esposa do professor), mais dois retratos das filhas, Claretta e Angela e um dos netos. No centro do aposento encontrava-se um cadeirão de braços, estofado, uma mesinha onde estava um vaso com uma planta decorativa, e duas outras cadeiras simples. Pela ampla janela podia ter-se um vislumbre dos jardins. Somente as estreitas barras de ferro do lado exterior, perturbavam a serenidade da paisagem, ao mesmo tempo, que as paredes brancas, denunciavam o toque de clínica psiquiátrica.

Junto da janela balançando-se mecanicamente, quase perdido nas profundezas da ampla cadeira de balanço, via-se um homem baixo, de idade, todavia, com um rosto ainda fresco, onde enormes tufos de cabelos brancos, das espessas sobranceiras, um homem de olhos quase líquidos fixados num ponto distante do horizonte: com ligeiras modificações, o mesmo homem que Randall tivera ocasião de observar, na noite anterior, quando Angela lhe mostrara as fotografias de Ostia Antica.

A Signora Branchi dirigiu-se à cadeira de balanço, tocando levemente na manga da camisa de desporto usada pelo ocupante.

- Professor Monti - disse ela baixinho e carinhosamente, como se estivesse falando com uma pessoa adormecida, que pretendesse acordar - tem aqui um visitante que veio da América.

A enfermeira fez um sinal a Randall, que rodeou a cadeira de balanço e se colocou em frente do professor.

- Professor Monti, este é o senhor Randall. Está interessado no seu trabalho.

O Professor Monti observou o mover de lábios da enfermeira com certo interesse, mas sem se dar conta da presença de Randall, tanto pela sua expressão parada como pelo silêncio que manteve. A Signora Branchi afastou-se, dizendo:

- Mr. Randall, agora vou deixá-los a sós. Se precisar de mim, há uma campainha ao lado da cama. Se não me mandar chamar, voltarei dentro de quinze minutos.

Randall aguardou que ela saísse, ouviu a porta fechar-se e a lingüeta correr na fechadura, e finalmente, sentou-se numa cadeira sem braços em frente da pequena figura de homem sumida na cadeira de balanço.

Entretanto, o Professor Monti dera-se conta da presença do visitante e estava agora a olhá-lo silencioso, mas sem curiosidade.

Randall voltou a apresentar-se.

- Chamo-me Steve Randall e sou de Nova York. Sou amigo de sua filha Angela. Creio que ela já lhe falou de mim.

- Angela - repetiu o Professor Monti, sem aparentar qualquer espécie de reconhecimento na realidade daquele nome. Limitara-se, simplesmente, a repetir um nome como uma criança aprendendo um novo jogo.

Randall, algo impotente, prosseguiu:

-Estou certo que a sua filha lhe explicou a minha ligação com a Ressurreição Dois e o trabalho que realizo para promover o seu achado.

Sentia-se como se falasse à parede de límpida alvura que se encontrava por trás do professor no outro extremo do quarto. Teve um impulso em direção à cama para tocar para a Signora Branchi e sair correndo daquele local. Não obstante, compulsivo, manteve-se falando, relatando a maneira como o editor George L. Wheeler o contratara e levara para Amsterdã. Falou da excitação que ele, o outro pessoal do projeto, sentiam com a aproximação do dia no qual a descoberta seria revelada ao mundo, através da palavra impressa do Novo Testamento Internacional, a enorme felicidade, que os documentos encontrados pelo professor em Ostia Antica, proporcionaria a toda a gente pelo Globo.

À medida que Randall falava o Professor Monti tornava-se mais atento. Embora absorto, incapaz de falar, parecia responder de certa maneira ao discurso de Randall. Parecia tão alerta como estaria qualquer ancião, em rápido processo de senilidade, a um monólogo de um estranho, numa língua da qual não percebesse metade das palavras.

Randall animou-se. Aquele podia muito bem ser o momento lúcido há tanto esperado, despertado, por levá-lo a um campo familiar. Talvez fosse ainda um dia de sorte, um dia feliz.

- Professor, vou dizer-lhe exatamente porque me encontro aqui.

- Sim?...

- A sua descoberta foi autenticada. O Novo Testamento, revisto e corrigido, foi traduzido em quatro línguas principais. A Bíblia está quase pronta para ser entregue ao público, com exceção... - hesitou, para logo a seguir continuar com decisão.-Só existe ainda um problema e eu tenho esperança que o professor me ajude a resolvê-lo.

- Sim.

Randall observou a cara do professor, onde transparecia uma genuína curiosidade, ou pelo menos parecia.

Randall sentiu-se definitivamente encorajado. Para resumir, Randall agarrou na pasta, acionou o botão do gravador e tirou a fotografia crucial.

-Entre nós, várias pessoas encontraram um erro desorientador na tradução. Agora, vou dizer-lhe aquilo que me perturba. -Randall avaliou a fotografia. -Tenho aqui uma fotografia tirada ao Papiro Número 9, um dos papiros que o senhor encontrou em Ostia Antica. O que me perturba é que esta fotografia é de certa maneira diferente da primeira que vi do Papiro Número 9. A minha preocupação é de que alguém tenha alterado o Papiro, ou substituído por outro qualquer papiro.

O Professor Monti debruçou-se, com aspecto compreensivo, na cadeira.

- Sim?...

Satisfeito, Randall continuou:

-Agora, não temos maneira de saber se esta fotografia, representa o papiro original que o senhor descobriu ou se representa um papiro alterado. O negativo original foi consumido pelo fogo. No entanto, Professor Monti, Angela disse-me, que o senhor viveu tão intimamente com cada um dos preciosos fragmentos, que tem impressos na mente, os mínimos pormenores, todos os pontinhos, traços e rabiscos. Angela pensa que o senhor poderá saber de imediato, se esta fotografia será na verdade uma reprodução exata do papiro que descobriu em Ostia Antica... ou se representa apenas, uma folha alterada ou substituída. É um caso da mais elevada importância, Professor Monti, sabermos a verdade. Pode dizer-me se esta fotografia representa o papiro que descobriu em Ostia Antica?

Estendeu a fotografia ao professor, que lhe pegou cuidadoso, mas com mãos trementes.

Durante vários segundos o professor ignorou a fotografia que tinha nas mãos, olhando fixo para Randall, enquanto se balançava sem parar.

Finalmente, parecendo lembrar-se daquilo que tinha nas mãos, os seus olhos moveram-se para a fotografia. Lentamente, levantou a reprodução, ajustou-a em determinado ângulo, de modo que os raios do sol escoando-se pela janela gradeada, pudessem banhá-la por completo. Na cara redonda esboçou-se a sombra de um sorriso gradual, e Randall fitou-o, sentindo um baque de esperança renovada.

Decorreram segundos do mais completo mutismo. O Professor Monti abaixando a fotografia, até colocá-la nos joelhos, sem deixar de olhá-la. Os seus lábios começaram a mexer-se, e Randall esticou-se para não perder nem um som. A voz saiu pouco audível, aos arranques, balbuciante:

- É verdade, verdade, fui eu que escrevi isso. - Levantou a cabeça e contemplou Randall. - Eu sou Jacob, o Justo. Fui testemunha desses acontecimentos. - Parou. Depois, os lábios de novo moveram-se e a voz saiu-lhe mais alta e clara. -Eu Jacob de Jerusalém, irmão de Nosso Senhor Jesus Cristo, herdeiro do Senhor, o mais velho dos irmãos sobreviventes do Senhor e filho de José de Nazaré, em breve serei levado perante o Sinédrio e perante o Sumo Sacerdote Ananias, eu acusado de comportamento sedicioso devido à minha chefia dos seguidores de Jesus na nossa comunidade.

Randall deixou-se cair para trás, pesadamente, na cadeira.

- Meu Deus - gemeu pra si mesmo - o velhote julga-se Jacob de Jerusalém, irmão de Jesus Cristo.

O Professor Monti erguera os olhos para o teto, prosseguindo com uma voz rouca, que se tornava mais fervorosa à medida que falava:

- Os quatro outros filhos de José o carpinteiro, irmãos sobreviventes do Senhor e meus, são Judá, Simão, Josias e Judas, e todos estão para lá das fronteiras da Judéia e Iduméia, resta eu para falar do filho primogênito e mais amado.

O Professor Monti recitava, no seu inglês com sotaque, uma das primeiras partes do papiro em aramaico que foi incluído no Evangelho Segundo Jacob, do Novo Testamento Internacional. Mas existia algo de inesperado, quase fantástico na recitação, e Randall detectou aquilo que era estranho, o elemento novo no texto. O Professor Monti, ao discriminar os nomes dos irmãos de Jesus e Jacob, preenchia uma parte perdida do terceiro papiro, uma parte que se desintegrara ou dissolvera, acabando por desaparecer depois de quase dois mil anos.

Era inexplicável, excetuando uma possibilidade: que o Professor tivesse tão enfronhado no âmbito bíblico que se lembrasse dos nomes dos irmãos do Senhor por intermédio de outras fontes, do Evangelho Segundo S. Mateus, dos Atos dos Apóstolos, de primitivos historiadores da Igreja como Eusébio, englobando-os no seu recital.

-Eu, Jacob, o Justo, irmão de Nosso Senhor...

O Professor Monti continuava sem parar com a sua demente declamação.

Esmagado de pena por aquele velhote para o qual não existiam esperanças, condoído da pobre Angela, Randall ficou ali grudado à cadeira ouvindo cheio de tristeza.

As palavras do Professor Monti tornaram-se indistintas. Por fim, calou-se, e os seus olhos fixaram-se de novo sem expressão na janela, no jardim, na imensidão ignorada...

Suavemente, quase com carinho, Randall tirou a fotografia do colo do velhote e voltou a metê-la na pasta. Desligou o gravador, e viu as horas no relógio de pulso. A Signora Branchi voltaria dentro de um ou dois minutos.

Levantou-se, agarrando na pasta.

-Obrigado, Professor Monti, pelo tempo que me concedeu e pela sua prestimosa colaboração.

Para completa surpresa de Randall, o professor levantou-se da cadeira de balanço. Ainda aparentava menos altura. Passou em frente de Randall e dirigiu-se à escrivaninha, onde se sentou, parecendo momentaneamente esquecido daquilo que se propusera fazer, para logo a seguir abrir uma gaveta de onde tirou uma folha de papel branco e um toco de lápis.

Fez vários traços no papel, examinou o trabalho feito, avaliando-o, e pareceu ter ficado contente consigo próprio. Depois agarrou na folha de papel e estendeu-a a Randall.

-É pra você-disse.

Randall aceitou o papel, pensando sobre o que o Professor poderia ter desenhado naquela folha.

- É um presente - murmurou o Professor Monti. - Uma coisa que o salvará. Um presente de Jacob.

Randall olhou para a folha de papel, onde se via um desenho rudimentar.

Tanto quanto Randall podia ver, tratava-se de um esboço infantil, primitivo e enigmático de um peixe atravessado por um dardo.

Era aquele o presente de Jacob, um talismã que salvaria Randall, como o professor prometera, Randall tentou imaginar qual seria o significado na mente conturbada do Professor Monti. Suspirou. Nunca saberia e de resto era coisa que parecia já ter deixado de interessar.

Randall ouviu a porta do quarto abrir-se, depois da lingüeta correr.

Meteu rapidamente a folha de papel dobrada, no bolso do casaco, agradecendo de novo, gentilmente, ao Professor a colaboração e o dispêndio de tempo, depois deixou o pai de Angela sentado à escrivaninha e foi ao encontro da enfermeira Branchi, que o esperava no limiar.

Ao chegar no corredor, ficou olhando enquanto a enfermeira fechava cuidadosamente a porta à chave. A seguir, a Signora Branchi voltou-se para ele e disse:

-Agora vou levá-lo até junto da Signorina Monti.

Mas Randall ainda não estava pronto para se ir embora. Pela cabeça passara-lhe mais uma idéia.

- Signora Branchi, penso se haverá na clínica qualquer médico... qualquer psiquiatra que assiste à evolução da doença do Professor Monti. Isto é, um médico que se devotou ao caso do Professor. Haverá algum em exclusivo?

-Evidentemente que sim. Na nossa clínica temos sete médicos privativos e o diretor clínico é o Dr. Venturi, precisamente quem tem observado o Professor Monti desde que ele foi admitido em Bellavista. O gabinete dele fica próximo.

-Seria possível vê-lo por alguns minutos?

-Aguarde um pouco. Vou ver se ele está livre.

CAPÍTULO 9.2

O Dr. Venturi podia recebê-lo.

O diretor clínico era um homem quase calvo, do tipo absolutamente italiano, com um rosto simpático, olhos escuros, límpidos, nariz arqueado e umas mãos que nunca estavam quietas. Não tinha aparência de um médico, mas, Randall pensou que o fato se explicava pelo traje, um esportivo paletó xadrez, em vez do tradicional avental branco.

Quando Randall o interrogou a respeito do avental branco, o Dr. Venturi explicou:

- O habitual avental branco da clínica marca uma distância entre médico e doente, e quanto a mim essa separação não é desejável. Pretendemos, que os nossos conturbados clientes se sintam em pé de igualdade com os médicos que os tratam. É importante para nós que todos os doentes, inclusive o Professor Monti, não se sintam diferentes relativamente aos seus médicos. Queremos que os nossos doentes confiem em nós, que nos vejam como amigos.

O gabinete do Dr. Venturi oferecia um aspecto, tão pouco médico, quanto a sua pessoa. Sentado numa cadeira de retorcidos, figurando flores, do outro lado da escrivaninha estilo Império. Randall encontrou-se no meio de um aposento mobilado com sofás modernos, luxuriantes plantas e quadros abstratos.

Num último e desesperado esforço para conseguir obter qualquer pista que o ajudasse a resolver o mistério do Papiro Número 9, relatara ao Dr. Venturi o encontro, sem êxito, com o Professor e a mania deste se julgar Jacob, o Justo, irmão de Jesus Cristo; acabando por perguntar:

-Antes da minha visita, o Professor alguma vez se comportou assim?

O Dr. Venturi, mexendo nos variados objetos que se encontravam em cima da mesa para ter as mãos ocupadas, respondeu:

-Frequentemente, e posso dizer-lhe que é comportamento muito intrigante para nós. Aliás perfeitamente inconsistente com os sintomas gerais dele. Normalmente, uma pessoa perturbada que se julga um Messias - ou o irmão de Jesus, como é o caso - é habitualmente um paranóico, com complexo de superioridade. Por outro lado, o Professor Monti, tem perda de memória e sintomas catatônicos, relacionados com a histeria e baseados em sentimentos de culpa. O fato de sofrer alucinações seria clinicamente compreensível, mas, normalmente um doente no seu estado não se imbuiria na identidade de uma pessoa exaltada como Jesus ou Jacob. Seria mais ajustável que tivesse um sentimento de culpa forjado, em qualquer mal feito, precisamente a qualquer dessas duas personagens religiosas, Jesus e Jacob, dada a sua habitual depressão e pacifismo. O comportamento dele hoje para consigo, atuando como o irmão de Jesus, continua sendo incompreensível para mim. Mas, evidentemente, nós sabemos muito pouco do passado interior do Professor Monti, da sua psique, e é pouco provável, que tenhamos oportunidade de saber mais.

Randall remexeu-se na sua cadeira.

- Pretende dizer-me que não sabe nada a respeito do ambiente profissional do Professor Monti e sobre as suas escavações arqueológicas?

- Ah, Mr. Randall, sabe então tudo a respeito da descoberta de Monti em Ostia Antica? Não podia falar no caso a não ser...

-Faço parte do projeto, Dr. Venturi.

-Não sabia. Jurei à filha nunca falar do caso a estranhos e sempre fui fiel à palavra dada.

-O que é que sabe sobre o trabalho do Professor?-perguntou Randall.

-De fato, muito pouco. Quando me chamaram para me ocupar do caso, claro, que o nome do Professor Monti era já familiar. É um nome, aliás, muito conhecido na Itália. Pelas filhas soube que realizou escavações perto de Ostia Antica, que tem uma magna importância nos setores da história bíblica e da teologia. Disseram-me que o achado constitua a pedra angular de uma nova Bíblia.

- Mas o senhor desconhece a substância do achado do Professor, não é verdade ?

- Sim, desconheço. Está tentando dizer-me que se tivesse conhecimento poderia compreender melhor as suas alucinações em julgar-se Jacob, irmão de Cristo?

- Doutor, talvez ajudasse a iluminar o problema com uma nova luz. Sem dúvida que o achado de Ostia Antica serviu de base única para uma nova Bíblia completamente diferente.

- Já suspeitava isso. Recentemente, no nosso matutino romano Il Messaggero, li um artigo dividido em três partes, da autoria de um jornalista inglês... não me lembro do nome...

- Cedric Plummer?

- Exatamente, Plummer. Os artigos eram vagos, longos e carentes de fatos. Diziam a respeito de preparativos secretos, em Amsterdã, para a publicação de uma nova Bíblia, uma versão baseada em novos achados e apoiada pelos conservadores da Igreja de modo a manterem o status quo. Era uma coisa deveras intrigante, mas, tão carregados de especulações que achei difícil levá-los a sério.

-Mas, pode levar o caso a sério - garantiu Randall.

-Ah, então essa futura Bíblia, é na sua maior parte, responsabilidade do nosso doente, hem? -Distraído, Dr. Venturi mudou a data do seu calendário, para em seguida voltar a corrigir a posição da folha.- Que infelicidade, o Professor Monti não poder gozar dos frutos do seu trabalho. Quanto às suas alucinações, pra nós, acho que essa Bíblia esclareceria melhor sobre elas. Todavia, duvido que para ele tenha qualquer significado do ponto de vista médico. Durante o seu encontro com o Professor aconteceu mais alguma coisa digna de menção?

- Não, mais nada digno de nota. - De repente, lembrou-se do peixe desenhado e levou a mão ao bolso. - Exceto isto - desdobrou o desenho e mostrou-o ao médico -o Professor Monti fez este desenho e ofereceu-me antes de sair, dizendo que era um presente que seria a minha salvação.

-Ah, o peixe! - exclamou o Dr. Venturi, com ar de quem está a par do caso.

Nem sequer pegou a folha de papel que Randall lhe estendia, em vez disso, abriu uma das gavetas, mexeu numa pasta de arquivo da qual tirou seis folhas de papel, colocando em cima da escrivaninha, à vista de Randall. Todas, aquelas folhas exibiam a mesma variante do peixe atravessado pela seta, iguais ao esboço que Randall tinha em mãos.

- Como vê, possuo a minha coleção pessoal da arte do Professor Monti. Sim, ele fez estes desenhos como prendas ocasionais, dedicadas a mim ou às enfermeiras que o tratam. Parece-me que o seu instinto artístico se limita a um único objeto: o peixe. Está obcecado por ele. Desconhecemos, desde que está aos nossos cuidados, que tenha feito qualquer outro desenho com tema diferente. Somente o peixe.

- Deve ter qualquer significado - murmurou Randall. - Tem alguma teoria sobre o que o professor tenta comunicar com esta forma?

- Com certeza! Mas, não posso imaginar com precisão, exceto que o peixe se relaciona intimamente com as alucinações do Professor, a respeito de viver no século I da nossa era. Como sem dúvida saberá, os primeiros seguidores de Cristo, os cristãos primitivos, quando perseguidos e acossados, empregaram o símbolo do peixe para se identificarem secretamente uns aos outros. A origem dessa senha visual é interessante. Para os discípulos de Cristo, os pioneiros do cristianismo, o Messias era conhecido como «Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador», o que traduzido em grego, a língua usada pelas forças de ocupação romanas, ficava: Iesous Christos, Theou, Uios, Soter. As iniciais dessas cinco palavras gregas, em conjunto soletravam-se I-CH-TH-U-S, por corruptela popular ICTHYS-a palavra grega peixe. Hoje mesmo, chamamos ao estudo dos peixes ictiologia. De modo que, como pode apreciar, as iniciais do nome de Jesus Cristo e os seus títulos dão a correspondência de peixe - o símbolo da identificação do culto entre os cristãos

perseguidos pelas autoridades para se darem a conhecer entre si.

-Fascinante -concordou Randall, que examinou mais uma vez o desenho. -Mas quanto ao dardo... não faz parte do símbolo, não é?

-De fato não - respondeu o Dr. Venturi, apressando-se a guardar os seis desenhos na gaveta. -Parece ser um acréscimo devido à personalidade artística do Professor Monti. A lança, seta, dardo, arpão, o que quer que seja, afigura-se um símbolo negativo. No entanto, quem pode saber o que na verdade se passa na mente do Professor? Ao julgar-se Jacob, o irmão, revela a fraternal rivalidade para com Jesus -o peixe - atravessando-O com um dardo? Ou pensará se a lança ou seta, atravessando o símbolo de seu irmão, constitui uma arma espetada no seu próprio ser? Não sabemos. Na verdade, julgo que tal símbolo, como muitas outras relacionadas com o Professor Monti, continuarão um profundo mistério.

O Dr. Venturi localizou um artístico cachimbo e uma bolsa de tabaco, perguntando cortês:

-Importa-se que fume cachimbo?

Randall tirou também do bolso o cachimbo e o tabaco. Depois de trocarem as qualidades do tabaco e de tirarem, algumas apreciativas fumaças, voltaram ao Professor Monti. Mas então Randall recuou no tempo para perguntar.

-Há quanto tempo o Professor encontra-se na sua clínica? Se não constituir uma violação da palavra empenhada, será possível que me diga também, quais as circunstâncias que levaram a sua internação nesta casa de saúde?

-As circunstâncias - repetiu o Dr. Venturi, soltando uma pensativa baforada de fumo.-Bem a verdade é que a história do caso é confidencial, mas, quando Angela Monti me avisou que traria o senhor aqui, pedi-me, ao mesmo tempo, que tanto eu como o pessoal fôssemos claros e francos a respeito do estado mental do pai...

Randall apressou-se dizendo:

- Angela encontra-se lá embaixo na sala de espera. Se desejar podemos falar com ela?

- Não há necessidade. Ora deixe-me ver... o meu envolvimento no caso começou, mais ou menos, há um ano e dois meses. Nessa altura, notificado por um colega meu, por acaso, médico pessoal da família Monti, querendo urgente meus serviços de psiquiatra para um dos doentes dele, que se encontrava no Policlínica, um hospital no complexo da universidade. O doente era o Professor Augusto Monti. Sofrera um súbito colapso nervoso, revelando-se agudo. Fui vê-lo, examinei-o cuidadosamente e fiz o meu diagnóstico.

-Exatamente, o que foi que levou o professor a ser hospitalizado?

Distraído, o Dr. Venturi colocou o cachimbo no cinzeiro, voltou a pegar nele, tornou a pousá-lo, depois pegou um lápis e começou a fazer rabiscos num livro de receitas.

- Quer saber com exatidão quais foram as circunstâncias que levaram a internação do Professor Monti, não é verdade? Dois dias antes do colapso sofrido pelo professor, como soube depois, o arqueólogo ainda estava com excelente capacidade física e mental em seus deveres de rotina na Universidade de Roma. Ensinava os seus alunos na classe de arqueologia, procedendo as normais reuniões do curso e consultas com os elementos ligados à Aula di Archeologia. Preparava um requerimento, para a concessão de empreendimento numa nova escavação em Pella. Nesse dia, como em muitos outros dias da sua carreira, mantinha um programa de entrevistas e de recepção de visitantes.

- Que espécie de visitantes?

-A espécie habitual, normalmente recebidos por um arqueólogo famoso. Por vezes recebia colegas e professores de arqueologia estrangeiros, ou até mesmo entidades governamentais. Talvez, vendedores de equipamentos científicos ligados ao setor

arqueológico; de receber estudantes em vias de completarem os cursos; ou editores de jornais e revistas dedicadas à arqueologia. Não sei quais foram as suas exatas atividades nesse dia específico; é possível que a filha, Signorina Monti, lhe possa dar mais pormenores. Tudo o que sei é que o Professor Monti se manteve na universidade durante quase toda a manhã desse dia. Por uma, ou duas vezes, saiu por ter entrevistas marcadas. Regressou, logo a seguir, ao complexo universitário, para continuar trabalhando no remanso do seu gabinete. Ao cair da noite, como não chegasse ainda em casa para jantar, a Signorina Monti telefonou para um dos contínuos, pedindo-lhe para lembrar ao Professor que eram horas de ir para casa. O contínuo subiu as escadas e dirigiu-se para o gabinete do Professor Monti, no departamento de arqueologia. Bateu na porta, mas não obteve resposta. Admirou-se uma vez que no interior do gabinete havia luz. Resolveu entrar. Encontrou o Professor Monti sentado à escrivaninha - num estado de desordem incrível - balbuciando coisas incoerentes, isolado num mundo perdido, proferindo palavras sem nexo, dizendo absurdos, o tipo de conversa que o senhor acaba de ouvir dele. Pouco depois Monti calou-se e caiu num tremendo estado de estupor. O contínuo, assustado, dirigiu-se ao telefone e avisou a Signorina Monti, que mandou seguir para a universidade uma ambulância.

Randall sentiu um estremecimento ao imaginar a cena; calculando a dor de Angela quando encontrou o pai naquela situação.

-Depois do choque, o Professor mostrou-se alguma vez coerente ou, antes, as coisas que dizia formavam algum sentido?

- Nunca durante este ano e dois meses em que dura a doença. Para usar de uma figura de retórica - um sopro apagou-lhe repentinamente a luz da razão. Desde então perdeu qualquer elo de ligação com o mundo real.

-Não há esperanças de o poder fazer voltar à normalidade?

-É impossível dizer uma coisa dessas. Quem sabe o que o futuro nos trará em matéria de ciências, de medicamentos psiquiátricos, para obtenção de curas, ou quais as evoluções que surgirão, em matéria de bioquímica, relacionada com as anormalidades mentais? Presentemente nada possuímos que possa justificar termos esperanças de cura. Pode ter a certeza que tentamos tudo o que foi possível no caso. Vários dias depois, consegui a transferência do Professor Monti para aqui, iniciando logo várias formas de tratamento - psicoterapia, medicação farmacológica e eletrochoques sob anestesia. Sem resultados práticos. Atualmente nossos esforços destinam-se a mantê-lo confortável, em paz, sem problemas no que se refere ao sono. Encorajamo-lo a manter-se ocupado, convidando-o a freqüentar a nossa oficina de terapêutica ocupacional, a participar em artesanato, utilizar-se da nossa piscina; mas, o professor revela pouco interesse. Na maioria das vezes senta-se perto da janela olhando para o exterior ou, a ouvir música. Vê também televisão, embora tenha dúvidas se absorve o que vê.

- Angela...isto é, Miss Monti, pensa que o pai tem, por vezes, momentos de lucidez.

O Dr. Venturi encolheu os ombros.

- É filha... consola-a tal pensamento e nós não estamos interessados em contradizê-la.

- Percebo - disse Randall pensativo. - E quanto a visitas? O Professor Monti tem recebido outras visitas sem ser as filhas?

- Não. Quer dizer, as suas visitas são as filhas, os netos, quando estão em férias e, no aniversário do doente, a governanta da sua casa.

- Ninguém estranho?

- Não. Ninguém estranho pode ser admitido - garantiu o Dr. Venturi. - Algumas pessoas

pediram licença para visitá-lo, mas foi-lhes negada. As filhas do Professor tomaram a decisão de que a presença do pai aqui, bem como, a sua infeliz perturbação mental, deviam ser objeto de segredo, tanto quanto possível. Só os familiares diretos do Professor, ou pessoas que acompanham a família, têm licença para visitar o nosso doente.

-Mas, quanto a estranhos... - persistiu Randall. - O senhor falou-me há pouco de alguns que pediram licença para visitar o Professor. Lembra-se quem eram eles?

O Dr. Venturi tirou o cachimbo da boca.

- É difícil lembrar-me de nomes. As pessoas que se dirigiram à clínica solicitando autorização para visita, eram uns amigos íntimos e colegas da universidade. Dissemos-lhes, simplesmente, que o Professor sofria de uma depressão nervosa e que era fundamental o mais restrito repouso. Foram várias as pessoas que se nos dirigiram nos primeiros meses e que não obtiveram licença de visita. A partir daí nunca mais fomos importunados.

- Mais ninguém?- perguntou Randall. - Não houve quaisquer tentativas de visita recentes?

-Bom, já que menciona isso... houve alguém e recordo o fato por se tratar de uma pessoa muito conhecida.

-Quem? -perguntou Randall, não escondendo o seu interesse.

-Um clérigo eminente, o Reverendo Maertin de Vroome. Fez-me um pedido por escrito para visitar o Professor. Devo dizer-lhe que fiquei impressionado. O Reverendo invocou relações de amizade com Monti. Todavia, pouco depois, informaram-me não se tratar de amizade entre as duas celebridades. Tive esperanças que uma visita de Maertin de Vroome estimulasse o doente, de modo que enviei o pedido às filhas. A Signorina Angela e a Signora Claretta recusaram firmemente a permissão, assim, informei o Reverendo que o Professor não podia receber visitas. Na verdade o senhor é o primeiro estranho obtendo licença para visitá-lo, desde sua internação nesta clínica. - O psiquiatra lançou um olhar para o relógio-calendário em cima da mesa-Tem mais perguntas que queira fazer, Mr. Randall?

- Não - respondeu Randall, levantando-se. - Muito obrigado. Nada mais há que queira perguntar... ou saber.

CAPÍTULO 9.3

A viagem de volta a Roma, no Opel de Giuseppe: com ar condicionado, foi sombria.

No assento traseiro, com Angela bem agarrada a ele, um relutante Randall foi forçado a repetir o que ocorrera durante a entrevista com o Professor e depois com o Dr. Venturi.

Angela, sem se alargar muito, recordou com saudade os belos tempos nos quais o pai era um homem mentalmente saudável, falando da sua apurada inteligência e do gosto, do seu intelecto, pelas coisas superiores da vida. Rematou dizendo, com palavras de mágoa, que era pena o pai não desfrutar da maravilha que o seu achado produziria na humanidade.

-Ele já teve a alegria de vibrar com a descoberta que fez, porque avaliou aquilo que ofereceria ao mundo.

- És um amor - disse Angela beijando-lhe o rosto. - Um autêntico amor cheio de ternura.

Angela convidou-o a jantar na casa dela, juntamente, com a irmã e os sobrinhos. Randall sentiu-se quase tentado em aceitar, mas depois reconsiderou.

- Não, obrigado. Penso que será melhor que te reunas com a tua família em absoluta intimidade. - Depois disto teremos tempo de sobra para estarmos juntos. Além disso, tenho que voltar para Amsterdã. Começou a fase final para o lançamento. E a propósito,

Wheeler deve estar a soprar de raiva por não ter comparecido hoje no gabinete.

-Partes de avião esta noite?

-Talvez, ao fim da noite. Colocarei em dia alguma correspondência pessoal e aproveitarei enquanto estou em Roma. Logo que regresso a Amsterdã já não terei tempo para me coçar. Devo cartas aos meus pais e à minha irmã. Também tenho correspondência de negócios privados, tal como, arranjar as coisas definitivas com Jim McLoughlin, o tipo do Instituto Raker de que te falei. O meu advogado ainda não o localizou. Pensei, pois, que era melhor escrever pessoalmente a McLoughlin, talvez, a carta lhe seja entregue. Sim, tenho alguns assuntos de correspondência para arrumar. Seguirei para Amsterdã no último voo da noite.

- Bom, parece-me que será melhor que Giuseppe te leve primeiro ao Excelsior, depois levar-me-á a casa.

Randall deu instruções ao motorista, e voltou-se depois para Angela.

-E tu, partes amanhã de manhã para Amsterdã? Ela contemplou-o com um sorriso travesso.

-Não, vou amanhã à noite, se o meu patrão não me despedir. Pretendo fazer umas compras com a minha irmã, quero levar os meus sobrinhos aos jardins Borghese e talvez faça umas visitas a algumas pessoas amigas. Se não te importas, terás a tua secretária amanhã à noite, está bem?

-Não. Está tudo muito bem. Mas, estarei à tua espera impaciente.

Angela estudava-o agora com atenção, já sem sorrir.

- Steve, há uma coisa que quero saber...

- Diz.

-Logo que chegues em Amsterdã, o que é que vais fazer?

- O que farei? Lançar-me ao trabalho, claro. Trabalharei como um doido, para pôr o projeto em funcionamento.

Olhou-a melhor, vendo-lhe o ar de preocupação estampado no rosto, compreendeu onde ela queria chegar.

- Oh, queres saber se eu vou... insistir em saber o que há com o fragmento do papiro... com a fotografia? Não, Angela, parou. Teu pai era a derradeira pista. Cheguei a um beco sem saída. Ainda mesmo que quisesse continuar, desconheço qual o caminho a seguir. Arrumarei, definitivamente, minha caracterização à Sherlock Holmes e voltarei ao trabalho de promoção da nova Bíblia. Devotar-me-ei, por completo, a vender ao mundo a Palavra.

-Mesmo alimentando dúvidas?

- Angela, foi isso que me trouxe à Roma. Sempre alimentei dúvidas a respeito dos mistérios, tal como, sempre tive latente um pedacinho de fé. Conheces a oração de Ernest Renan? «ó Deus, se é que Deus existe, salva a minha alma, se é que tenho alma.» Assim estou eu exatamente hoje.

Angela soltou uma gargalhada cristalina.

- E podes viver com isso?

-Tenho que viver. Não tenho escolha.-Deu umas pancadinhas nas costas da mão de Angela.

- Não te aflijas. Prosseguirei meu caminho. Pronto, chegamos ao Excelsior. Bem, querida, mais um beijo, até amanhã.

Depois de sair do Opel, sempre mantendo segura a pasta, observou o carro a confundir-se com o trânsito geral e penetrou no saguão do hotel, onde a temperatura era amena. Parou, por momentos, no balcão da recepção, para receber a chave. Dirigiu-se a seguir para os elevadores.

Uma das máquinas acabava de chegar ao piso térreo e desembarcava os passageiros. Ficou ao lado da porta até o elevador esvaziar-se. Entrou e quase tocou o botão que indicava o quinto andar, quando percebeu mais alguém dentro. Alguém estendeu-lhe o braço, por cima de seu ombro, para apertar o botão do quarto andar. O braço estendido estava envolto naquilo que parecia a fazenda preta e brilhante de uma batina.

Quando as portas automáticas se fecharam, o elevador começou lentamente a sua ascensão. Randall voltou-se e encarou o seu companheiro de viagem.

Suspendeu a respiração.

Na sua frente, ultrapassando-o com a imponência da sua altura, envolto na mesma batina negra, via-se a cara cadavérica e quase sem lábios de Dominee Maertin de Vroome.

O Reverendo dirigiu-lhe o arremedo de um sorriso.

-Voltamos então a encontrarmo-nos, Mr. Randall. Confio que a sua visita desta tarde ao Professor Monti tenha sido proveitosa.

Desconcertado pelo descaramento do homem, Randall perguntou áspero:

-Como diabo sabe que visitei o Professor?

- Veio a Roma para o ver, tal como, eu pretendi antes. Muito simples, como vê. Além disso, tomei como um dos meus mais sagrados deveres, mantê-lo em observação constante, Senhor Randall. Desde a nossa entrevista, observo seus movimentos cada vez com mais interesse e também cada vez com mais respeito. O senhor é, tal como eu imaginei desde o princípio, um investigador da verdade. Não existem muitas pessoas preocupadas em procurar a verdade. Mas o senhor é um dos poucos preocupados com essa busca. Quanto a mim, também sou, como sabe, um ardente investigador da verdade. Sinto-me encantado por saber que a nossa busca, neste especial caso, é a mesma e que os nossos caminhos convergem. Talvez, chegou para nós o momento, aqui na Cidade Eterna, de termos mais uma conversa pessoal.

Randall sentiu-se enrijecer. Todos os seus sentidos vibraram em alerta.

- Conversarmos a respeito de quê?

- A respeito da falsificação do Evangelho Segundo Jacob e da falsificação do Pergaminho Petrólio.

-O que é... que lhe dá tanta certeza tratar-se de falsificações?

-Porque acabo de ver o próprio falsificador e soube pormenores da falcatura... Bem, Mr. Randall, estamos no meu andar. Confio em que queira também sair aqui...

CAPÍTULO 9.4

Randall estava sentado, em profundo estado de espanto, no esplendor da vasta e luxuosa sala de estar, ocupada por Dominee de Vroome, no Hotel Excelsior.

Autenticamente estupefato pela declaração objetiva do clérigo, Randall trotara dócil atrás dele, no quarto andar, percorrendo o atapetado corredor até entrar na sala de espera.

Randall quisera acreditar que se tratava de qualquer truque, de um jogo que o Reverendo quisesse jogar com ele. Mesmo pensando na sua disposição céptica a respeito do projeto, das suas dúvidas e reticências, Randall queria naquele momento duvidar das palavras do inimigo da Ressurreição Dois. Infelizmente não podia. Algo no tom de voz do Dominee, quando lhe falara no elevador dissera a Randall que, finalmente, estava à beira de alcançar a tão procurada verdade.

Continuava sentado, silencioso, absorto, no seu cadeirão de braços, forrado de veludo, sem tirar os olhos, como que hipnotizado, de Dominee.

O clérigo, em seguida, depois da entrada no aposento, perguntara-lhe se queria que desse ordem ao snack para trazer alguma coisa para comer, por exemplo, hors-d'oeuvres, recomendando-lhe até o caviar Beluga, ou o prosciutto di Parma.

Randall abanara a cabeça negativamente, incrédulo com a calma e descontração do sacerdote.

Finalmente, Dominee de Vroome, perguntara-lhe:

- Então aceitará certamente uma bebida, não é verdade?

Sem esperar resposta, o Reverendo encaminhara-se silencioso como um felino até o frigorífico embutido num artístico móvel, que fazia parelha com o resto da mobília rococó, examinando os rótulos das garrafas que estavam numa prateleira.

Continuando de costas voltadas para Randall perguntara com toda a naturalidade.

-O que é que deseja tomar, Mr. Randall? Quanto a mim vou beber um pouco de conhaque misturado com água mineral.

- Para mim, se quiser fazer o favor, Scotch-on-the-rocks.

-Muito bem.

Enquanto preparava as bebidas, de Vroome prosseguira com a conversa:

- Tal como o senhor me apontou na nossa entrevista, Mr. Randall, reconheço agora que a maior parte das pessoas, o pessoal, que trabalha na Ressurreição Dois, são criaturas decentes, homens de profunda espiritualidade. Pessoas que acreditam na essência da Palavra, tal como eu creio. Mas, encontram-se de tal maneira famintos por uma renovação universal da fé, que se submetem, por completo, àqueles que os manipulam, puxando os cordeiros. Permitiram que os comerciantes, mercantilistas, os cegassem; colocando-lhes uma venda nos olhos; dobrando-se sem raciocinar, aos famintos do poder religioso, pessoas que são capazes de usar todos os meios para sobreviverem. - Fez uma longa pausa, para depois concluir: - Sim, capazes de utilizarem todos os meios, até mesmo a falsificação.

De Vroome voltou-se finalmente para Randall, atravessando de novo o tapete oriental com dois copos nas mãos.

- Não tenha dúvidas, Mr. Randall. O senhor segue a pista certa. Existe um falsificador. Ouvimo-lo. Vimo-lo.

Chegou junto à mesinha de café e colocou o copo de uísque em frente de Randall. Depois sentou-se confortável no sofá ao lado de Randall, erguendo o seu copo de conhaque numa espécie de brinde.

- Bebamos à vontade.

Bebericou o conhaque, notando que Randall não tocara em seu copo. Acenou a cabeça num gesto de compreensão.

Colocou o copo que tinha na mão em cima da mesinha, arranjou as dobras da batina em volta das pernas, e olhou firme para Randall.

-Quer os fatos, não é verdade? Como é que descobrimos o falsificador? Não tínhamos meios de o localizar, embora tivéssemos a certeza de que ele existia, ou que pelo menos existira. Não, não fomos nós que o encontramos. Pelo contrário, foi ele que nos procurou. A isca, involuntária, foi a série de artigos publicada por Cedric Plummer sobre o cisma entre as igrejas cristãs, falando dos seus esforços para uma reforma, artigos que esmiuçaram os preparativos da hierarquia ortodoxa para publicação de um Novo Testamento drasticamente revisto e com base em certa descoberta, não anunciada publicamente, feita em Itália. Os artigos de Plummer, como sabe, foram publicados internacionalmente, e um dos principais jornais a publicá-los na tradução italiana foi o Il

Messaggero, jornal romano de grande circulação.

Randall pensou, até então, tudo aquilo soava verdadeiro. Ainda não havia uma hora que o Dr. Venturi lhe mencionara os artigos do Il Messaggero.

Dominee de Vroome prosseguiu.

- Como deve imaginar, Plummer recebeu um considerável número de cartas em resposta aos seus sensacionais artigos. Uma dessas cartas, escrita num papel barato e sem referências especiais, foi enviada a Plummer; aos cuidados do jornal romano, juntamente com muitas outras, para o London Daily Courier, onde Plummer é correspondente. Por seu turno, o diário londrino enviou automaticamente para o hotel de Plummer em Amsterdã, um tremendo maço de missivas. Ao passo que o nosso amigo jornalista Plummer tem muitas outras limitações e falhas, o desrespeito pelo público não é uma das suas fraquezas, pelo contrário, lê todas as cartas que lhe são endereçadas. Foi com particular atenção, que devorou uma missiva em especial, com selos e carimbos dos correios de Roma. Leu-a e releu-a. Tratava-se de uma carta, um tanto provocadora, escrita por um cavalheiro que se dizia francês, morando há vários anos exilado em Roma. Não assinava a carta com o seu nome verdadeiro, mas sim com um divertido e auto depreciativo pseudônimo: Duca Minimo. Mr. Randall, a língua italiana é-lhe familiar?

- Não - respondeu Randall.

- Bom, Duca Minimo, equivale literalmente a Duque de Nada ou, mais precisamente, em linguagem popular, significa Zé Ninguém. Um contraponto excelente ao conteúdo da carta que representava algo de muito positivo. Devo acrescentar que o autor da carta não forneceu endereço a Plummer, com exceção de indicar Fermo Posta, Posta Centrale, Roma - Caixa Postal

Geral, ou Posta Restante da Estação Central dos Correios de Roma. Agora vamos ao conteúdo da missiva...

Como que fazendo aumentar o suspense, Dominee levou de novo o copo aos lábios antes de prosseguir:

- ... que parecia bom demais para ser verdadeiro. Esse expatriado francês em Roma escrevia que havia lido os artigos de Plummer com grande interesse. Exatamente as suas palavras: com grande interesse, sem tirar nem pôr. Uma afirmação ímpar, mas sem contestação. Seguia dizendo que quanto à nova Bíblia - o Novo Testamento Internacional, como o homem pensava que se chamaria - baseava-se numa escavação feita pelo arqueólogo italiano, Professor Augusto Monti, da Universidade de Roma, no perímetro da velha cidade de Ostia Antica, escavação que foi levada a efeito há seis anos. Os trabalhos do Professor Monti levaram a uma descoberta extraordinária, um novo evangelho escrito em aramaico por Jacob, o Justo, irmão de Jesus e implicando ser um evangelho anterior em data a qualquer outro evangelho dentro dos cânones existentes. Juntamente com esse novo quinto evangelho, Monti tinha também encontrado fragmentos de um antigo pergaminho romano oficial, enviado de Jerusalém para Roma; documento contendo um conciso relato sobre o julgamento de Jesus. Duca Minimo, escrevia que fora com base nesse achado que o Novo Testamento Internacional tomara forma. Todavia, dizia também, que toda essa base para a nova Bíblia não passava de uma mentira. Garantia que a descoberta do Professor Monti, nada mais era do que uma falsificação cuidadosa e erudita, que levava muitos anos preparando. Duca Minimo, garantia que a nova descoberta arqueológica era uma falsificação, por ser ele o falsificador e dizia orgulhoso que a autenticação e aceitação dos documentos o colocavam na primeira fila dos mistificadores literários; excedendo tudo o que no passado fora feito no capítulo por Ireland, Chatterton,

Psalmanazer ou Wise.

Os calmos olhos de Dominee de Vroome procuraram observar qualquer reação em Randall, reação que não transpareceu em seu rosto.

-Sem dúvida que o nosso correspondente se mostrava uma pessoa sabedora -acrescentou de Vroome.

Absorvido como estava, Randall manteve-se calado na ânsia de ouvir o que se seguiria.

-Para concluir o conteúdo da carta, o exilado francês dizia a Plummer, que estava pronto a revelar todo o seu papel de mistificação e a tornar a falsificação pública na véspera do anúncio da nova Bíblia ao mundo. Escrevia que se Plummer quisesse saber pormenores sobre a falsificação e conhecer o preço em que ele avaliava as provas da sua habilidade, estava pronto a encontrar-se com Cedric e a negociar com ele em terreno neutro. Para esse encontro preliminar, preparou para receber Plummer sozinho, numa dada data e num certo local de Paris, se Plummer lhe enviasse um bilhete de avião de Roma para Paris, ida e volta, à Cidade Eterna; juntamente com uma determinada quantia para passar a noite e se alimentar. Era deste teor, Mr. Randall, a carta que Cedric Plummer me entregou.

Randall agarrou seu copo de uísque. Finalmente precisava de um trago. Depois perguntou:

-E o Dominee acreditou naquilo que a missiva dizia?

- A princípio não. Claro que não. O mundo está cheio de maníacos religiosos. Normalmente, eu teria até ignorado uma tal carta. Todavia, quanto mais a estudava, mais admitia a possibilidade, que talvez, o seu autor estivesse falando verdade. Raciocinei que a missiva continha algo que lhe conferia um aspecto de veracidade. O autor dizia que a descoberta do Professor Monti fizera perto de Ostia Antica. Até então, embora soubéssemos o papel desempenhado pelo Professor, desconhecíamos o local exato do achado, um segredo cuidadosamente guardado pela Ressurreição Dois. Todos nós, que estávamos fora do caminho tomado pela nova descoberta, sabíamos que o achado fora feito na Itália, entretanto, desconhecíamos por completo a exata localização. Era um caso sugestivo e impressionante, algo que valia a pena ser verificado, e que estava perfeitamente apto a verificar de imediato, por meio de certos associados que tenho aqui em Roma. Logo que forneci a esses informantes o nome da escavação - perto de Ostia Antica - essas pessoas confirmaram-me que na verdade fora nas vizinhanças de Ostia Antica, que o Professor Monti realizara uma importante descoberta bíblica, ainda que mantida em segredo. Pude igualmente verificar, pela primeira vez, que até o título da nova Bíblia era da maior precisão. Pelo menos, o título foi, até então, mantido em exclusivo pela chefia do vosso projeto. Seria possível que certas pessoas de influência, mesmo fora do sancta sanctorum da Ressurreição Dois, soubessem o segredo, mas isso seria impossível a um obscuro exilado francês na cidade de Roma. Não, não podia ignorar um tal pormenor. Mesmo que o chamado Duca Minimo, não fosse o falsificador, mesmo que tivesse obtido a sua informação por outras vias, sem dúvida, que o seu conhecimento do assunto devia ser tomado a sério. Se ele não fosse a imediata fonte do conhecimento da falsificação, certamente, mantinha contato com a pessoa, ou pessoas, que a conceberam. Impossível ter duas opiniões, valia bem a pena travar conhecimento com o homem, atendendo até ao modesto investimento financeiro que comportava. De modo que instruí Cedric Plummer para lhe escrever à Posta Restante de Roma, manifestando interesse em ouvir o alegado falsificador, concordando com a data, o dia, hora e o local do encontro; enviando-lhe, ao mesmo tempo, o bilhete de avião ida-e-volta e o dinheiro para as despesas de alojamento e de alimentação. Plummer assim fez, e na data acordada partiu para Paris de modo a estar presente ao encontro.

- Quer dizer... que Plummer se encontrou realmente com esse homem?

- Sim, encontrou-se com ele.

Randall bebeu um grande gole de uísque.

- Quando?

-Faz hoje uma semana.

- Onde?

- No Père-Lachaise em Paris.

-Onde é que isso fica?

-O cemitério do Père-Lachaise... não ouviu falar do local? - perguntou de Vroome com surpresa. - É o cemitério mais célebre de Paris onde estão sepultadas tantas grandes figuras do passado, como Heloisa e Abelardo, Chopin, Balzac, Sarah Bernhardt, Colette... O nosso falsificador escreveu que estaria à espera de Plummer, exatamente, às duas horas da tarde, em frente da escultura de Jacob Epstein que domina o sepulcro de Oscar Wilde. Admito que todo o caso parece rodeado de um cenário teatral. Todavia, a escolha teve também a sua razão de ser. Para uma pessoa notória, um falsificador confesso, o lugar afigura-se o mais conveniente para uma entrevista íntima e sem ouvidos indiscretos. Visitei o Père-Lachaise, em certa ocasião, um local imenso, calmo, isolado, feito de colinas, veredas, florestas de choupos e de acácias. Perfeito e verdadeiramente intrigante para um sensacionalista como Plummer.

-E eles encontraram-se então nesse local, Plummer e o falsificador? -apressou Randall.

- Sim, encontraram-se - respondeu de Vroome - mas não junto à sepultura de Oscar Wilde como fora previamente combinado. Quando Plummer chegou ao cemitério, um guarda perguntou-lhe se se chamava Cedric Plummer e entregou-lhe um envelope que alguém deixara para lhe ser entregue. Dentro do envelope havia uma folha de papel com uma nota rabiscada por Duca Minimo. O homem mudara o local da entrevista, avisando Plummer para seguir até junto da sepultura de Honoré Balzac. Parece que havia muita gente junto do sepulcro de Oscar Wilde. Plummer achou aquele pormenor excepcionalmente poético. Balzac descrevera com a sua pena magistral imensos trapaceiros e malfetores. Naquela altura, ainda conseguira chamar até junto da sua última residência, um homem que, possivelmente, seria um dos maiores falsários de toda a história. Plummer comprou um mapa turístico do cemitério, marcou o caminho até à tumba de Balzac e não teve dificuldade em encontrá-la. E no local encontrou-se também com o falsificador, Dominee de Vroome parou, acabou o seu conhaque e considerou o seu copo vazio, bem como o de Randall, nas mesmas condições.

-Mais um uísque, Mr. Randall?

-Nada de nada... com exceção da sua história. O que é que aconteceu?

-Como sempre, o devotado jornalista, Plummer, escreveu extensas notas do encontro. Eu li-as. Em essência falavam do verdadeiro nome do falsário, ou do homem que a si próprio assim se proclamava: Robert Lebrun. Plummer, descreveu-o como um homem de idade-avaliou cerca de oitenta e três anos-mas, sem vestígios de senilidade, perfeitamente alerta, de cabeça fria e esclarecida, cabelo castanho já ralo, olhos cinzentos, com uma catarata num deles. Óculos. Nariz pontiagudo, queixo prógnato, boca quase sem dentes, rosto profundamente marcado por fundas rugas. Provavelmente de altura média, segundo avaliação de Plummer, mas parecendo baixinho devido a curvatura para a frente. O andar do homem tem um jeito estranho, mais arrastado do que coxeante, devido a ter uma perna artificial, coisa em que não gosta nada de falar. A sua origem e ambiente conferem certo fundamento à história contada.

-E qual é essa origem?

-Paris. Nascido e criado em Montparnasse. Não disse muita coisa a Plummer. Ficaram ali, junto do túmulo de Balzac, ao sol e Lebrun manifestou-se fatigado a breve trecho. Contou que na sua juventude trabalhara como aprendiz de gravador. Era pobre e queria ganhar dinheiro para ele, para a mãe, irmãos e irmãs; e, por isso, começou a fazer imitações. Acabou por ver que tinha um certo jeito para falsificações e, por isso, começou a forjar passaportes falsos. Deslocou-se depois para falsificar pequenas notas, formou-se em imitador de cartas históricas, manuscritos raros, fragmentos de bíblias medievais com iluminuras e, finalmente, atreveu-se a forjar um documento governamental, sem a necessária preparação para tal espécie de coisas. Desconheço os pormenores, mas, sei que foi descoberto, preso, julgado e, devido a possuir já no cadastro uns quantos crimes, embora menores, do mesmo teor, foi considerado incorrigível e condenado a prisão na notória colônia penal da Guiana Francesa. A vida em tais paragens tornou-se um inferno vivo para o jovem Lebrun. As autoridades nada fizeram para o reabilitar e ele tornou-se mais rebelde e recalcitrante do que nunca, sofrendo os efeitos dessa rebeldia. O exílio em paragens tão nefastas desarticulou-o. Em dada altura, depois da reclusão numa das três ilhas ao largo da costa da Guiana, que mais tarde se tomaram conhecidas como o arquipélago da Ilha do Diabo, Lebrun esteve à beira de se suicidar. Foi nessa ocasião que passou a ter a proteção de um cura católico francês, um padre da ordem da Congregação do Espírito Santo, que se deslocava a St. Jean para visitar as colônias penais das ilhas, duas vezes por semana. O sacerdote interessou-se por Lebrun, levou-o lentamente para a religião e a fé, facultando-lhe leituras espirituais edificantes. Gradualmente, a vida de Lebrun, ganhou propósito e alcance de conhecimentos, verdadeiro escopo. Finalmente, depois de passar três anos na colônia penal da Guiana, deparou-se a Lebrun certa espécie de oportunidade para receber o almejado perdão. Plummer não obteve muitos pormenores sobre o caso, mas soube, todavia, que tal oportunidade acabou por se malograr, a sua fé foi traída e Lebrun tornou-se cada vez mais irritadiço, mais amargurado e anti-social do que nunca. Especialmente contra a religião.

Randall estava confuso.

-Não compreendo.

-Desculpe por não esclarecer ponto tão crucial, mas na verdade sei muito pouco a respeito disso. Tudo o que Lebrun revelou foi que o sacerdote em quem confiara, esse clérigo, fora portador de uma proposta do governo francês. Se Lebrun se oferecesse para certa empresa perigosa, ou para determinada experiência, conseguindo sobreviver, ser-lhe-ia concedida anistia e libertação da colônia penal. Lebrun mostrou-se relutante em oferecer-se como voluntário, mas fê-lo encorajado pelas palavras do padre. Sobreviveu ao empreendimento à custa de perder uma perna. Todavia, considerou, que mesmo a tal preço, merecia a pena a liberdade. Sucede que a anistia que o clérigo prometera a Lebrun, em nome do governo francês não foi concedida. Lebrun foi de novo atirado para o seu inferno tropical. A partir desse dia negro da traição, Lebrun devotou-se à vingança. Contra o governo europeu? Não. Contra o sacerdócio, contra o clero, contra toda a religião – por causa da decepção sofrida por meio da religião em que acreditara. Foi assim que consumido pelo ódio, devotado de alma e coração à vingança, concebeu o seu tortuoso plano, um plano que se destinava a transformar em escárnio os crentes em Cristo e a vibrar um golpe fatal contra o clero, fosse qual fosse a sua fé.

- A falsificação de um novo evangelho - murmurou Randall.

- Sim, isso. Uma falsificação, arranjando uma fonte pagã para dar testemunho do

julgamento de Cristo, que ele passara a detestar. Devotaria todo o resto da sua vida, preparando a mistificação, levando o público a acreditar nela. Acabando, finalmente, por expor a mentira, mostrando assim a falsidade da fé religiosa, a crendulidade e facilidade com as quais os fiéis são enganados. Entre 1918, quando foi atirado de volta para a sua cela na colônia penal da Guiana, e 1953, altura em que os franceses puseram termo ao terrível inferno tropical, Robert Lebrun preparou a sua tremenda vingança. Embrenhou-se profundamente na Bíblia, na erudição bíblica e na história do cristianismo do primeiro século. Finalmente, depois de 38 anos de reclusão, a sua prisão terminou com a eliminação da colônia penal da Guiana pelo governo francês. Lebrun regressou à França, libertado, um homem livre, ao mesmo tempo, um ex-condenado obcecado pela vingança contra a Igreja.

-E empreendeu então a sua genial falsificação?

- Imediatamente, não - respondeu Dominee de Vroome. Antes de mais, precisava de dinheiro. Reatou a sua vida clandestina de falsário, transformando-se numa autêntica fábrica de passaportes falsos. Continuou também com os seus profundos estudos das Sagradas Escrituras, de Jesus, dos primitivos tempos cristãos, iniciando-se na aprendizagem do aramaico. Sem dúvida que mostrou ser um autodidata brilhante, verdadeiro gênio em erudição bíblica. Finalmente, conseguiu juntar dinheiro suficiente, para adquirir os materiais antigos de que necessitava. Com tais materiais, os seus conhecimentos e o seu ódio, abandonou a França, estabelecendo residência em Roma e para se desenvolver secretamente em aperfeiçoamento de papiros e pergaminhos, para aquilo que devia ser a falsificação de maior êxito em toda a história. Foi com enorme satisfação que, há doze anos, completou o seu trabalho.

Randall estava totalmente hipnotizado, demasiado intrigado para manifestar, por mais tempo, qualquer desconfiança.

- E Monti? - perguntou. - Onde é que o Professor Monti entrou no caso? Esse Lebrun conheceu Monti em Roma?

- Não. No início Lebrun não conheceu pessoalmente o Professor Monti. Entretanto, no curso dos seus estudos sobre arqueologia bíblica, Lebrun familiarizou-se com o nome de Monti. E então, certo dia, depois de ter finalizado a sua falsificação, e quando se debatia com o problema magno de saber onde e como iria enterrar os documentos, deparou-se-lhe de súbito, um artigo radical, escrito pelo Professor Monti, para um jornal versado em problemas arqueológicos.

Randall fez um aceno positivo com a cabeça.

- Sim, o artigo controverso, escrito pelo Professor Monti, sobre a possibilidade de se encontrar o perdido documento Q, na Itália, em vez de na Palestina, ou no Egito.

-Exatamente -disse o Dominee de Vroome, impressionado. - Vejo que tem tirado sério proveito do seu trabalho, Mr. Randall. É evidente que tem tido a boa influência da filha do Professor Monti. Bem, prosseguindo, certo dia, quando estava na Biblioteca Nacional, Lebrun leu o artigo de Monti e de imediato, juntou todos os fios soltos da sua meada. Dos lugares sugeridos por Monti, para uma possível futura descoberta, um deles era o local de velhas ruínas soterradas ao longo da linha do litoral perto de Ostia. Depois de um estudo meticuloso do local, Robert Lebrun, arranhou a maneira de sepultar sua falsificação, profundamente, debaixo da terra entre as ruínas de uma vila romana do século I.

O ceticismo de Randall veio acima.

-Como é que lhe foi possível, fazer tal coisa, sem ser descoberto?

- Fê-la - respondeu o clérigo com firmeza. - Não sei como, e o homem não revelou a Plummer os meios de que se serviu. Porém, continuo pensando que Lebrun era e é capaz

de tudo e mais alguma coisa. Acima de tudo, como já observou, foi sempre um homem de paciência infinita. Uma vez enterradas as falsificações do papiro e do pergaminho, deixou que passassem alguns anos, a fim de permitir que, o vaso selado e o suporte de pedra, se tornassem parte integrante das ruínas, de modo a absorverem as devastações do tempo, parecendo tão velhas como o conteúdo do seu interior. Durante esse período, o governo italiano autorizara escavações em Ostia Antica. Lebrun manteve-se com esperança de que o seu trabalho de falsário, fosse desenterrado por acidente. Mas essas escavações não foram suficientemente amplas. Entretanto, o Professor Monti continuava a publicar os seus artigos radicais, fazendo publicidade das suas opiniões a respeito do documento Q encontrar-se na Itália. Em virtude destes, seria severamente criticado e ridicularizado pelos seus colegas mais conservadores. Sabendo de todas as polêmicas e críticas; conhecedor de todas as controvérsias intestinas; Lebrun pensava que o Professor Monti se mostrasse suficiente louco pelos ataques dos seus colegas, atirando-se para as ruínas de Ostia Antica, a fim de provar que as suas projeções, em matéria arqueológica, não eram simples fantasias. Lebrun decidiu então, que chegara o tempo de agir. De modo, que há sete anos, tal como, o homem revelou a Plummer no cemitério parisiense, resolveu fazer uma visita ao Professor Monti, na Universidade de Roma. E, depois dessa iniciativa, a artimanha psicológica de Lebrun alcançou os mais positivos resultados.

-Quer dizer que Monti se mostrou receptivo? -perguntou Randall espantado. - Mas receptivo e reativo a quê?

-A um pequeno fragmento de papiro, com caracteres aramaicos, que Lebrun levou consigo -respondeu Dominee de Vroome. Não subestime Lebrun. É diabolicamente inteligente. Retirou dois pedacinhos do Papiro Número 3 do Evangelho Segundo Jacob, material de partes diferentes, com aspecto corroído, para fazer com que a folha de papiro enterrada, parecesse gasta pelo tempo, ou pelos bichos e, por conseguinte, mais verdadeira. Um dos dois pedaços estava praticamente intacto e o outro, embora mais envelhecido e deteriorado ainda apresentava caracteres visíveis. Foi precisamente esse fragmento que mostrou ao Professor Monti. Claro que Lebrun previa que o Professor lhe perguntaria como é que o fragmento chegara à sua posse. Explicou que era um estudioso amador da história romana do século I. Há muito tempo preparando um livro a respeito de Roma e das suas colônias asiáticas, nesse particular período. Relatou ainda que costumava, durante os fins de semana, visitar os locais antigos envolvidos no primitivo comércio romano com o mundo exterior. Dado que Ostia, fora um porto de mar ativo, no tempo de Tibério e de Cláudio; Lebrun passara, incontáveis fins de semana, passeando pelas redondezas, tentando visionar o porto como ele fora dois mil anos antes. Lógico, tudo isso a fim de recolher dados concretos, para o seu livro, pelo menos foi o que ele disse ter contado a Monti. Explicou ao Professor que, devido à sua assídua frequência da área, passara a ser uma figura popular entre as pessoas de Ostia, por isso mesmo, certo domingo ao entardecer, fora abordado por um garoto italiano que lhe mostrava um souvenir para venda: precisamente o fragmento do papiro apresentado ao Professor.

- Mas... e o Professor não manifestou curiosidade em saber como é que o rapaz obtivera o fragmento? - interrompeu Randall.

-Claro que manifestou. Porém, meu caro, lembre-se: Lebrun tinha resposta pra tudo. Disse que a criança, juntamente com outros amigos, brincavam de escavar cavernas nas colinas e montes da região. Uma semana antes acharam um pequeno pote de barro, que se desfez em pedaços ao abri-lo. Dentro do pote viam-se alguns papéis velhos. A maior parte dos fragmentos de papel desfizeram-se em pó quando lhes tocaram. Entretanto, salvaram-se

alguns, utilizados pelos moços, como notas de banco para brincarem de mercado. Depois de se fartarem de brincar atiraram os fragmentos fora. Todavia, o pequeno vendedor de recordações resolvera ficar com o fragmento, exibindo-o para venda. Pensando obter uns tostões com ele, pois, habituara-se às várias pessoas comprando as coisas mais disparatadas. Lebrun contou ao Professor que comprou o papiro por uma soma irrisória, sem ter a certeza do valor do objeto. Ao regressar ao seu apartamento de Roma, examinara então detalhadamente o fragmento. Deu-se conta do possível significado dado seu profundo conhecimento em antigos manuscritos. Depois resolvera apresentar o pedaço de papiro ao Professor Augusto Monti, autoridade arqueológica da Universidade de Roma, de modo a obter uma autenticação. De acordo com o relato de Lebrun, Monti mostrou-se céptico, ainda que manifestasse interesse. Pediu a Lebrun que deixasse ficar em sua posse o fragmento durante uma semana, de modo a poder estudá-lo. A partir daí, pode perfeitamente imaginar o que aconteceu em seguida.

Randall ouviu a exposição do clérigo com toda a atenção. Tal como, durante tanto tempo pusera sérias reservas à história da Ressurreição Dois, antepunha também, naquele momento as mais sérias reservas à história de Lebrun. Ambas tinham os seus pontos fracos e fortes. Mas só uma das versões devia ser a verdadeira.

- Dominee, o meu único interesse é saber o que é que Lebrun imaginou a seguir.

Os olhos de de Vroome consideraram-no.

- Bom, mostra-se tão céptico como o Professor Monti se mostrou no início. - Sorriu. - Mas acredito que se convencerá, tal como ele se convenceu, na semana seguinte depois de confiarem-lhe o fragmento do papiro. Quando, na data combinada, Lebrun se dirigiu de novo à universidade, Monti recebeu-o com toda a cortesia e fechou-se com ele no seu gabinete. Monti não escondeu a sua exaltação. Lebrun contou a Plummer que o Professor estava fora de si verdadeiramente, anunciando-lhe que estudara cuidadosamente o fragmento e que estava mais do que satisfeito sobre a sua autenticidade. O fragmento aparentava ser pertencente a um códice de um Novo Testamento primitivo, antecedente a qualquer outro existente e conhecido. Sem dúvida que era anterior aos mais antigos evangelhos conhecidos, anterior ao evangelho escrito por Marcos por volta do ano 70 D.C., e ao evangelho escrito por Mateus por volta do ano 80 D.C. Se aquele fragmento sobrevivera, outros deveriam ter sobrevivido também. O Professor disse a Lebrun, caso fossem encontrados mais fragmentos, representar-se-ia a mais incrível descoberta bíblica de toda a história. Se Lebrun estivesse pronto a levá-lo ao local, Monti obteria as autorizações necessárias e iniciaria as suas pesquisas. Lebrun mostrou-se pronto a cooperar, impondo duas condições: primeiro caso as escavações provassem ter êxito, o Professor Monti entregar-lhe-ia metade dos proventos obtidos; a outra condição foi de que seria mantido como um sócio na sombra, a sua intervenção no caso seria mantida em segredo e o seu nome nunca seria pronunciado, nem registrado por Monti. Para acalmar a estranheza manifestada pelo Professor, contou-lhe ser um exilado na Itália, possuindo na França um cadastro não muito desejável, devido a certos crimes praticados na mocidade. Claro que não revelou a Monti a verdadeira amplitude do seu cadastro criminal, disse-lhe apenas não querer publicidade em torno do seu nome. Com medo das autoridades italianas sabendo do «currículum» policial na França expulsarem-no da Itália como persona non grata. O Professor concordou com as duas condições impostas, firmando-se o acordo da sociedade secreta entre os dois.

-E Monti iniciou as suas escavações em Ostia Antica?

-Exato, no local indicado por Lebrun. Após um ano de preparativos, o Professor Augusto

Monti começou as escavações. Três meses depois tropeçou, positivamente, no suporte de pedra esmagado, oco, contento o segundo pote, ou vaso de cerâmica selado, aquele no qual se encontrava o Evangelho Segundo Jacob e o Pergaminho Petrônio. E hoje, seis anos depois, o mundo está prestes a ser contemplado com o seu quinto evangelho e com o seu Jesus Histórico através do Novo Testamento Internacional.

- Dominee, penso afinal querer beber mais um uísque. Aceito a sua oferta de há muito - disse Randall respirando fundo. -Penso também, precisar mais um conhaque.

Enquanto de Vroome pegava os dois copos vazios, dirigindo-se para o frigorífico; Randall, nervoso, carregou o forninho do seu cachimbo com tabaco da bolsa de couro. Procurara durante algum tempo aquela porta para a verdade, mas, naquele momento, tendo-a escancarada diante de si, ainda não via as coisas muito claramente do outro lado. Confuso, exprimiu seu desapontamento em voz alta.

-Reverendo, essa não pode ser a história toda. Falta alguma coisa. Há tantas coi...

Sem se voltar, enquanto manipulava as bebidas, Dominee de Vroome replicou:

-De forma nenhuma lhe contei a história toda, ainda falta o desfecho - na verdade dois desfechos - um relacionado com Lebrun e Monti; outro com Lebrun, Plummer e eu próprio. O sacerdote acabou de colocar as bebidas e regressou com o scotch-on-the-rocks para Randall e com o seu conhaque misturado com água mineral. Depois pousou os copos na mesa, ajeitou-se confortavelmente no canto do sofá e prosseguiu o seu relato.

- Segundo Robert Lebrun, após a descoberta ser autenticada e vendida aos editores da Ressurreição Dois, o Professor Monti entregou-lhe religiosamente metade dos lucros provenientes do achado. Lembre-se, porém, qual o objetivo primevo de Lebrun. Não era o dinheiro. O seu principal objetivo era ver a descoberta reconhecida pela Igreja; expondo depois, a mistificação de modo a gozar sua vingança final. Ano após ano, esperou pela publicação do Novo Testamento Internacional. Sempre à beira de perder algo da sua infinita paciência, acalmava-se pela certeza dada pelo Professor Monti de que o achado seria traduzido e preparado para livro, obra que muito em breve apresentar-se-ia ao mundo. Era esse o momento que Lebrun esperava com tanto afã. Logo que a descoberta fosse tornada pública; Lebrun sairia da sombra, para provar também publicamente, que não passava de uma mentira e que a Igreja não era mais do que uma gigantesca fraude. No ano passado, entretanto, algo muito significativo sucedeu a Lebrun. O falsário gastou a maior parte do dinheiro recebido do Professor. Gastara-o principalmente com prostitutas das ruas, estando muito perto da penúria. Todavia, habituado à miséria, não foi essa a razão do seu ato seguinte. Aquilo que o levou a marcar uma nova entrevista com o Professor Monti alicerçou-se num verdadeiro caso de amor. Na sua idade tão avançada, Lebrun apaixonou-se violentamente por uma das prostitutas que povoam os jardins Borghese. Era uma mulher ainda nova, pateta e venal, com certeza não teria qualquer outro interesse no velho sátiro, a não ser, dele fornecer-lhe certos confortos, mesmo satisfazer-lhe luxos. Lebrun confessou francamente a Plummer, seu desespero em possuí-la, vendo só uma solução no caso: fazer chantagem.

-Chantagem? Fazer chantagem com quem? Com o Professor Monti?

-Claro. A passagem dos anos não apagou sua obsessão em desmascarar a religião como tolice viva e a Igreja como um engano, mas essa mania cederia lugar a um vulcão, talvez, mais rugidor: a necessidade de dinheiro, dinheiro para poder comprar amor. E assim, em certa data do passado ano, arranjou um encontro privado com o Professor Monti...

-Em que altura do ano passado?

-Não tenho a certeza.

Randall fez rápidos cálculos, talvez há um ano e dois meses.

- Poderia ser em Maio do ano passado? - perguntou.

-Julgo que sim, talvez a data confira. Seja como for, encontrou-se com o Professor Monti algures fora da Universidade. Insistiu em saber quando é que o achado de Ostia seria publicado. Nessa altura, a tradução estava na segunda leitura, a ser enviada às tipografias de Hennig em Mainz. Monti assegurou Lebrun da publicação da Bíblia no ano seguinte, ou seja, este ano. Revelou até a Lebrun o nome da Bíblia. Satisfeito, Lebrun lançou então o seu ataque. Disse a Monti precisar desesperadamente de dinheiro, uma grande quantia, o mais cedo possível e que esperava do Professor o montante do qual precisava. Ao que parece, Monti não se deixou comover. Não tinha dinheiro disponível, mas mesmo que o tivesse, não via qualquer razão para ter que o dar a Lebrun. Fizeram uma relação e Monti cumpriu a sua parte no negócio, pagando a Lebrun o combinado. Não via nenhuma razão para lhe dar mais dinheiro. Lebrun retrucou que existia uma razão de peso, «se não me der mais dinheiro, arrasá-lo-ei e arruinarei a Bíblia que esses editores têm em preparação. Exporei ao mundo a sua descoberta como aquilo que ela realmente é... uma falsificação... um embuste, e uma fraude inventada pelo meu cérebro e executada pelas minhas mãos». Será capaz de imaginar o efeito que tais palavras produziram no pobre Professor Monti?

Randall tirou o cachimbo da boca.

-Decerto que Monti não acreditou no homem.

-Claro que Monti não acreditou. Além disso, como é que ele poderia acreditar? Mas Lebrun contou a Plummer que também preparou para tal contingência. Fazia-se acompanhar por uma prova inegável da sua falsificação.

- Que prova?

-Não revelou isso a Plummer -respondeu Dominee de Vroome.-Mas ao que parece tinha na verdade uma prova incontestável da mistificação, porque quando o Professor Monti a viu ficou assombrado, apoplético, quase em estado de choque. Lebrun, acrescentou: «Se me der o dinheiro que pretendo, entregar-lhe-ei esta prova da falsificação. A sua carreira e a sua reputação manter-se-ão intactas, impolutas e permanecerá a autenticidade do Novo Testamento Internacional. Se recusar, tornarei a prova pública e mostrarei que os documentos Jacob e Petrólio não passam de falsificações habilidosas. O que é que diz?» O que Monti disse... foi que encontraria maneira de arranjar o dinheiro, sob qualquer hipótese, onde fosse.

-E arranjou?

-Nunca teve essa possibilidade, Mr. Randall, como de resto o senhor sabe perfeitamente. Voltou ao seu gabinete privado na universidade. Pode imaginar os seus pensamentos ao ficar ali sentado à sua escrivaninha, só, num estado de pessoa petrificada. Sabendo que foi mistificado e que o trabalho de toda uma vida estava à beira de arruinar-se. Estava prestes a cair em desgraça, sendo arrastado na lama, arrastando consigo à bancarrota os organizadores da Ressurreição Dois e a Igreja mundial. Acabou sofrendo um completo colapso mental, perturbou-se-lhe o entendimento e apagou-se-lhe a razão da luz. Quando Lebrun alguns dias depois, tentou contactar com ele, para o pagamento da chantagem, soube que o Professor estava demasiado doente para poder falar fosse com quem quer que fosse. Lebrun não confiou naquilo que lhe foi dito, de modo que realizou ulteriores investigações na universidade e foi informado que Monti se encontrava com licença ilimitada. Não muito certo ainda, Lebrun, uma tarde, seguiu as filhas de Monti até à Villa Bellavista, nos arredores de Roma. Quando descobriu que o destino delas era um sanatório para perturbados mentais, foi forçado a aceitar o fato que Monti deixara de lhe poder ser

útil.

- Fez qualquer tentativa para falar às filhas do professor?

- Que eu saiba, não - respondeu de Vroome. - Depois disso, tal como contou a Plummer, Lebrun considerou várias outras vítimas para a chantagem. Pensou em dirigir-se ao ministério italiano da Educação para extorquir dinheiro jogando com o peso do escândalo, mas acabou por ser suficientemente sensato para ver que não tinha força para desafiar o governo. Limitar-se-ia a prendê-lo, confiscar-lhe-ia a prova da falsificação e abafaria tudo. Pensou em dirigir-se a Amsterdã e apresentar aos editores a prova da sua fraude, sentindo que eles fariam tudo e mais alguma coisa para protegerem os milhões de dólares investidos no projeto. Mas temeu-lhes também a potência, tirando-lhe a prova e lançando-o para uma cela. Concluiu que o seu extremo recurso seria encontrar alguém, alguém possuindo credenciais sem mácula, que desejasse tanto quanto ele destruir a Ressurreição Dois. E foi então que tropeçou com os artigos de Cedric Plummer, calculando que encontrara o homem e a sua única esperança. E tinha razão. Na verdade escolhera o caminho certo, batera à porta indicada.

Com a mão tremendo, Randall levou o copo aos lábios e bebeu profundamente.

- Bem, qual foi a conclusão dessa reunião entre Plummer e Lebrun no cemitério de Paris? O senhor pagou-lhe e conseguiu obter a prova da falsificação?

O Dominee de Vroome franziu o nariz, levantou-se, procurou um charuto na caixa que se encontrava numa mesa de pé alto, dizendo enquanto o acendia:

- Chegamos ao segundo desenlace, muito mais bizarro do que tudo o que o antecedeu.

Calou-se e ficou, pensativo, rolando o charuto entre os dedos, para prosseguir depois:

- Sim, Plummer negociou com Lebrun. Enquanto passearam no cemitério de Père-Lachaise. Lebrun deixara a prova da falsificação escondida em certo lugar seguro nas vizinhanças de Roma. Concordou em voltar a Roma para recolher a evidência e esperar que Plummer, provido do dinheiro o procurasse na Cidade Eterna. Combinaram um segundo encontro. Lebrun marcou a data, a hora e o local, um café obscuro, fora de mão, que frequentava ocasionalmente. Quando desse segundo encontro, seria permitido a Plummer que examinasse à sua vontade a prova da mistificação e por ela, um relato escrito de toda a trama, entregaria a Lebrun uma quantia em dinheiro relativamente modesta.

- Quanto?

Antes de responder, Dominee, imponente na sua estatura, tirou uma grande fumaça do charuto e expeliu depois uma densa nuvem de fumo azulado.

- Lebrun queria cinquenta mil dólares, ou o equivalente em dinheiro inglês, ou suíço. Plummer regateou com ele. Lebrun acabou por fixar a quantia em vinte mil.

- Bom, o encontro efetuou-se?

- De certa maneira, sim. Mas, primeiro deixe-me colocar uma mudança nos planos. Quando Plummer regressou a Amsterdã e me contou o que se passara entre ele e Lebrun, fiquei - deixe-me usar esta imagem - extremamente esperançado e hilariante. Logo a seguir reconheci que a transação era demasiado vital para a nossa causa, para deixar que Plummer fosse sozinho tratar do caso. Cedric é um entusiasta e um jornalista, mas não é um perito em papiros, em aramaico, em crítica e avaliação de textos bíblicos. Eu sou um perito em todas essas coisas. Estava certo que a prova da falsificação de Lebrun seria o outro fragmento recortado do vosso Papiro Número 3 e mantido intacto. Ou algo similar. Esperava também que a prova contivesse evidência inegável de ser não genuína mas falsificada. Ninguém mais do que eu estava apto a avaliar tal prova em última instância, de longe com mais rigor de que Plummer. Por isso resolvi acompanhá-lo a Roma.

-Quando foi isso?

- Há três dias. Dirigimo-nos ao ponto do encontro.

-Em que local da cidade?

Pacientemente, de Vroome satisfaz a curiosidade de Randall.

-Num pequeno café de estudantes, muito pobre, uma espécie de bar, situado na via que se dirige à Piazza Navona. Na verdade, o café fica na esquina da Piazza di Cinque Lune -Praça das Cinco Luas-e da Piazza di S. Appollinare. Um estabelecimento de longe muito menos pitoresco do que os nomes dos locais sugerem. O café chama-se Bar Fratelli Fabri - Bar dos Irmãos Fabri. Um local pouco atraente. Quatro mesas no passeio, em frente, com uma cadeira de vime e um toldo caindo de podre para proteger os clientes habituais dos raios do sol. Duas entradas protegidas por tiras de plástico para as moscas não entrarem - bom aquela espécie de cortinas com contas barulhentas, geralmente associam-se a uma casa de má reputação nos bairros argelinos ou que ainda, guardam as portas dos talhos em certas cidades latinas. Plummer e eu devíamos encontrar-nos com Lebrun à uma hora da tarde. Chegamos quinze minutos antes, levando os vinte mil dólares, ocupamos uma das mesas aqui fora, mandamos vir Carpanos e esperamos pela chegada do falsário com a impaciência que bem se pode imaginar.

-Ele apareceu? -perguntou Randall ansiosamente.

-Cinco minutos depois da uma, quando já nos começávamos a preocupar, surgiu um táxi na Piazza delle Cinque Lune e os pneus chiaram para uma paragem do outro lado da rua em que o café estava situado. A porta do veículo abriu-se e vimos sair um homem de idade, arrastando a perna, que se dirigiu à janela da frente a fim de pagar ao motorista. Lembro-me de Plummer me tocar no braço, dizendo: «É Robert Lebrun, ei-lo» Plummer levantou-se impetuosamente gritou: «Lebrun! Estou aqui!» Lebrun voltou-se, quase caindo devido à perna artificial, fixou um olhar de míope, semicerrando as pálpebras, na nossa mesa e a sua expressão transformou-se por completo. Pareceu ficar agitadíssimo, congestionado de ira. Fechou um das mãos e agitou o punho na nossa direção, gritando colérico para Plummer: «Você não cumpriu a palavra dada! Afinal não queria publicar nada, pretendia apenas vender-me a um desses diabos!» E apontava um dedo na minha direção. Foi então que me dei conta vestia a minha batina, o uniforme do meu ofício de sacerdote. Um erro idiota. Esteve num serviço religioso e não me lembrara de tirar. O velhote pensava que Plummer fizera um pacto com a Igreja, que tentara obter a prova de falsificação para a Igreja. Plummer tentou desfazer o engano, tentou vencer a corrente de trânsito e chegar até junto de Lebrun, mas era demasiado tarde. O velhote meteu-se dentro do táxi, e o veículo partira a toda a velocidade. Nenhuma esperança havia de o apanharmos. Nunca mais o vimos, nem conseguimos localizá-lo. Nas listas telefônicas de Roma não existe nenhum Lebrun, nem nenhum registro de bairro indicativo desse nome. Evaporou-se como o fumo. Desapareceu por completo.

-De modo que nada consegui - disse Randall.

- Com exceção daquilo que acabo de contar. Todavia, revelei-lhe tudo o que aconteceu, exatamente como aconteceu, contei-lhe todos os nossos segredos, porque sei que alimenta as mesmas suspeitas que eu, a respeito da nova Bíblia, e porque o senhor, Randall, conseguiu uma coisa que a mim me está vedada. Mr. Randall, foi hoje visitar o Professor Augusto Monti, e Monti é a única pessoa que saberá o verdadeiro nome do falsário e a sua residência. Só Monti, e mais ninguém, poderá conduzir-nos até Lebrun, e até à prova concludente da falsificação. Julga que ele nos ajudará?

Randall tirou o cachimbo da boca, agarrou na pasta e levantou-se.

- Sabe bem que Monti sofreu um colapso nervoso. Sabe que se encontra numa clínica para doentes mentais. Que ajuda nos poderá prestar?

-Mas os seus colegas na universidade informaram-nos que sofre apenas de um distúrbio mental temporário.

-Foi isso que lhes fizeram crer. Não é verdade. Estive com o Professor Monti. Tentei conversar com ele de forma racional, mas falhei redondamente. O Professor Monti está irremediavelmente louco.

O Dominee de Vroome pareceu acusar o golpe de uma tal revelação.

-Nesse caso, estamos irremediavelmente perdidos, desamparados. - Os seus olhos fixaram-se em Randall. - A não ser que haja mais qualquer coisa que o senhor saiba e que nos possa ajudar. Se assim for, ajudar-nos-á?

-Não!-respondeu Randall. Começou a atravessar o aposento, dirigindo-se para a porta, mas ao passar junto de de Vroome parou.-Não, não o posso ajudar, e se pudesse não tenho a certeza se o faria. Não estou certo que exista uma pessoa como Robert Lebrun. Mas se na verdade existe, não tenho certeza se merece credibilidade. Obrigado pela sua gentileza e pela confiança que depositou em mim, Dominee, mas vou regressar a Amsterdã. Minha busca da verdade terminou aqui, em Roma. Não tenho fé no seu Robert Lebrun nem na existência dele. Boa noite.

Mas ao deixar a suite de de Vroome, percorrendo o corredor daquela ala do quarto andar e ao começar a subir o lance de escadas até ao seu quarto, no andar de cima, Randall tinha a pesar-lhe na consciência o fato de não ser honesto com o clérigo holandês.

Randall tinha consciência de que mentira deliberadamente. Não tinha a mínima sombra de dúvida que, algures na cidade, existia um homem chamado Robert Lebrun, e que esse Lebrun possuía determinada prova da falsificação. Era uma coisa lógica, ajustava-se perfeitamente à sequência dos acontecimentos já descobertos.

O que restava era procurar Lebrun e obter a prova. Não voltaria ainda a Amsterdã, ainda não. Estava disposto a fazer um esforço final para desenterrar a verdade. De momento, possuía uma pista, uma pista que talvez o levasse até Lebrun.

Só dependia de uma coisa: do êxito da chamada telefônica que faria à Angela Monti.

CAPÍTULO 10

No fim da manhã do dia seguinte, na sufocante atmosfera romana, Steve Randall, sentado na fresca sala de espera da casa dos Monti, esperava que a governanta lhe trouxesse aquilo que tão ardentemente procurava.

Tudo o que pudesse seguir-se dependeria do telefonema que na noite anterior fizera a Angela. Não fora capaz de apanhá-la em casa, pois saíra com a irmã, mas depois da meia-noite ela telefonara-lhe para o Excelsior ao ser informada do telefonema dele.

Randall decidira ocultar-lhe o encontro inesperado que tivera com o Dominee de Vroome, bem como, a revelação do clérigo sobre a extraordinária descoberta de Augusto Monti poderia não passar de uma fraude. Pensou que não havia razão para preocupar Angela com a chocante revelação de de Vroome, tanto mais que não fora ainda provada.

Angela perguntara-lhe:

-Partes então para Amsterdã pela manhã?

- Provavelmente só à tarde - respondera. - Há mais uma coisa que pretendo ainda fazer na parte da manhã. Uma coisa que, requer a tua colaboração.- Naquele ponto hesitara, prosseguir tão casualmente quanto possível: - Angela, no dia em que o teu pai adoeceu... isto é, no período imediatamente posterior a levarem-no ao hospital... o que é que fizeram dos seus papéis, de todos os documentos que ele tinha no gabinete da universidade?

- Uma semana depois do meu pai ser internado na Villa Bellavista, Claretta e eu dirigimo-nos ao seu gabinete da universidade... ainda me recordo como foi doloroso tratando-se de alguém muito querido de repente doente... e tiramos tudo de pessoal das gavetas da escrivaninha e fichários e metemos os objetos em caixas de cartão.

-Guardaram então tudo?

-Sim, todos os papéis e outros objetos pessoais de meu pai. Com o pensamento animoso de que um dia viesse a precisar das coisas, embora saibamos agora ser pouco provável, transferimos tudo para nossa casa. De fato não tivemos ânimo para proceder a qualquer escolha, limitamo-nos a meter tudo dentro das caixas de cartão e, juntamente com o fichário de mão, guardamos as caixas numa arrecadação vaga. Ainda estão lá, tal e qual, vieram da universidade, nunca tive coragem de lhes mexer, parece-me que seria reabrir uma ferida dolorosa.

- Compreendo perfeitamente, Angela. Olha, importar-te-ias que eu fizesse uma busca aos objetos guardados na escrivaninha de teu pai? Gostaria de dar uma olhada pelos seus pertences de manhã, antes de partir de Roma.

-Não, não me importo. Não há muita coisa para procurar, mas está tudo à tua disposição.

-Fizera uma longa pausa. Steve, afinal o que é que procuras?

- Bem, uma vez que o teu pai figurará em destaque nas cerimônias do dia em que o Novo Testamento Internacional vai ser anunciado ao mundo, pensei que pudesse encontrar algumas notas que pudessem falar por ele, dar uma idéia concreta da sua personalidade e idéias.

Angela manifestara-se encantada:

-Que excelente idéia. Mas há só um empecilho, não estarei em casa de manhã, eu e a minha irmã sairemos com as crianças. Se preferires esperar até que regresse...

Randall interrompera apressado.

-Não, acho melhor não perder mais tempo. Posso procurar entre as coisas de teu pai se houver alguém em casa que me deixe entrar.

-Vou dar ordens à Lucrezia para te deixar entrar. Lucrezia é a nossa governanta, desde

sempre trabalhando à serviço da família. Mas há um problema...

- Qual, Angela?

-...não poderes ler as notas de meu pai. Apesar de dominar muitas línguas, escrevia sempre as suas notas em italiano. Estou pensando que se eu estivesse em casa ... mas tu preferes não atrasar o teu regresso, não é verdade? Bom... ah!... é verdade, a Lucrezia é capaz de traduzir perfeitamente do italiano para o inglês, de modo que se vires alguma coisa de importância, que te interesse ou desperte atenção podes pedir-lhe que verta para a tua língua. Mas se preferires leva o que quiseses para Amsterdã e quando eu regressar ajudar-te-ei. A que horas vens a minha casa?

- Pode ser às dez horas. Está bem?

- Excelente, A Lucrezia estará à tua espera e irá buscar à arrecadação as caixas com os papéis de meu pai. Queres ver também o fichário?

- Tens alguma idéia do que o fichário contém?

- Os textos das conferências, discursos e artigos publicados na imprensa da especialidade.

- E o que foi feito da correspondência particular?

- Meu pai fez uma limpeza semanas antes de adoecer. Precisava de espaço e rasgou tudo o que não tinha importância. Mas o resto encontra-se no fichário, especialmente artigos que podem ser úteis para a campanha de publicidade.

- Penso que sim. Mas de momento penso que esses artigos e súmulas de conferências e discursos levarão muito tempo a consultar. Será melhor deixá-los para mais tarde, depois de ter anunciado o Livro ao mundo, quando pudermos apreciar esses papéis os dois juntos.

-Sentir-me-ei imensamente feliz por poder ajudar-te. De modo que amanhã queres apenas ver o que está dentro das caixas?

-Exatamente. Só quero as coisas que estavam na mesa de teu pai.

Ao desligar o telefone sentiu-se penalizado pela mentira dita a Angela, mas consolou-se dizendo a si mesmo que não lhe podia revelar aquilo que procurava, pelo menos por enquanto. De momento só uma coisa importava: encontrar Robert Lebrun.

No dia anterior, enquanto escutara de Vroome, pensara em todas as eventualidades, na possibilidade de haver de verdade um Robert Lebrun e uma pista que o ajudasse a localizar o homem.

O Dr. Venturi, involuntariamente, fornecera-lhe a primeira pista ao dizer-lhe que o Professor Monti tinha freqüentes encontros com pessoas fora da universidade e que no dia em que sofrera o colapso mental acabara precisamente de regressar de uma entrevista com alguém.

A segunda pista fora-lhe fornecida por de Vroome ao contar que no dia fatal do seu colapso Monti tivera uma entrevista com alguém chamado Robert Lebrun.

Ligadas as duas peças, começavam dando um certo sentido figurativo ao quebra-cabeças. Era uma pista tênue, construída em palavras alheias e produto de conjectura, mas sob qualquer hipótese, constituía uma pista que era possível seguir para localizar o paradeiro de Lebrun.... e chegar à possível verdade.

Naquele momento, na quente manhã, mas gozando a frescura da sala de estar da residência dos Monti, situada perto da Piazza del Popolo, Randall sentia-se bem mais perto de qualquer revelação.

Era uma residência antiga, remodelada e decorada com gosto. A sala de estar estava mobiliada com peças da escola veneziana, em tons verde-ouro, mobílias preciosas e que lhe conferiam um formidável senso de conforto. Lucrezia, a governanta, já idosa e com aqueles seios desenvolvidos, produto exclusivo das mulheres latinas em idade canônica e

maternal, com um aspecto de irrepreensível asseio, recebera-o falando um inglês esquisito, mas muito funcional. Servira-lhe café com bolo caseiro e entregara-lhe um dicionário italiano-inglês e um vocabulário comparado que Angela havia deixado. Depois apressara-se em buscar as caixas de cartão com os pertences do professor.

Randall deslocou-se até junto da mesa redonda onde Lucrezia colocara a bandeja com o café e serviu-se. Ao mesmo tempo, saboreando a negra bebida, pensou que beneficiava já da vantagem de Angela e a irmã terem preservado, sem lhes tocar, os objetos pessoais do pai. Mas logo a seguir surgiram as perguntas íntimas críticas: Teria o Professor Monti, naquele longínquo dia de Maio há um ano e dois meses, deixado na verdade o seu gabinete da universidade para se encontrar com Lebrun? E se na verdade tivesse ido, um homem tão ocupado como o Professor Monti teria escrito qualquer apontamento do encontro? Como todos os sábios distraídos não se esqueceu de tomar nota? Ou não teria tido receio, dado o melindre do caso, de registrar tal entrevista?

Randall acabara de beber o café quando Lucrezia surgira com uma grande e pesada caixa de cartão. Randall correria a ajudá-la, mas antes que o conseguisse já ela colocara a caixa no chão.

-Por favor, procure nesta caixa, enquanto eu vou buscar outra.

Logo que ela desapareceu, Randall sentou-se no carpete, cruzou as pernas e, depois de tirar a tampa da caixa, começou a retirar o conteúdo.

Pôs de lado as pastas azuis, cheias de papéis relativos a esquema de pesquisas, o pesado tinteiro de ônix e vários outros objetos funcionais de escrivaninha.

Um professor com tantas entrevistas pessoais cumprindo, com tantos compromissos, devia normalmente tomar quaisquer apontamentos, talvez numa agenda ou num bloco notas.

Randall não fazia a menor idéia do material utilizado na Itália para tais fins - não quisera perguntar a Angela - mas devia haver alguma coisa, qualquer registro, qualquer nota solta, a não ser que Monti detivesse tudo no seu cérebro, o que devia ser o mais improvável.

Tirou mais documentos, as últimas cópias datilografadas para conferências e discursos que nunca chegara a pronunciar, correspondência que parecia requerer resposta e que jamais a obteria.

Randall, cuidadoso, mergulhou a mão nas profundezas da caixa, rebuscou e tirou depois a mão onde pegou uma agenda, com uma capa de couro marrom, com um grande «clip» que apanhava a capa frontal e um certo número de páginas interiores. Na capa lia-se, em italiano, em letras douradas, gravadas: Agenda.

As pulsações do coração de Randall aceleraram-se. Abriu a agenda na página marcada pelo «clip» e leu a data: 8 Maggio.

Nas pautas das páginas marcadas as horas da manhã, tarde e noite do dia. Várias linhas preenchidas, aparentemente com a caligrafia do Professor Monti.

Os olhos de Randall percorreram lentamente as linhas da agenda, estudando atento cada uma das anotações feitas.

10h00. . .Conferenza con professori

12h00. . .Pranzo con professori

14h00. . .Visita del Professore Pirsche alla Facoltà

Verificou o sentido das principais palavras por intermédio do dicionário italiano-inglês. Não fornecia qualquer pista: uma conferência com professores, um almoço com alguns professores da faculdade e Monti aguardando a visita de um professor estrangeiro (aparentemente alemão-pelo nome) em seu gabinete.

Os olhos de Randall continuaram a seguir a página e, subitamente, parou:

16h00...Appuntamento com R.L. da Doney. Importante.

Randall ficou petrificado.

Com lentidão, traduziu.

16h00 significa quatro horas da tarde.

R. ligava com Robert. L. com Lebrun.

Doney... era com certeza Donney's, café-restaurant mundialmente famoso - o gran caffè de Roma - situado na Via Vittorio Veneto, perto do hotel Excelsior.

Appuntamento com R.L. da Doney. Importante. Em outras palavras - Encontro com Robert Lebrun no Doney. Importante.

Impressionado, Randall compreendeu que descobrira aquilo que procurava.

Naquela tarde de Maio do ano precedente, o professor anotou seu encontro com Robert Lebrun no café Doney. Precisamente naquele local, segundo de Vroome, Lebrun revelara ao Professor Monti sua alegada falsificação, a partir desse momento Monti começara a resvalar para a névoa da demência.

Uma tênue indicação do passado recente, mas uma indicação fidedigna.

Randall colocou a agenda na caixa, lançou apressado as outras coisas por cima, e levantou-se.

Lucrezia entrava na sala de estar transportando uma segunda caixa.

-Esta caixa só tem livros científicos, jornais, nada mais - anunciou.

Rápido, Randall atravessou a sala ao encontro da governanta.

-Obrigado, Lucrezia, já não preciso ver o conteúdo dessa caixa. Encontrei aquilo que buscava. Mil agradecimentos.

Deu um sonoro beijo na face da governanta e deixou-a, de boca aberta, enquanto se precipitava para a porta.

CAPÍTULO 10.1

Randall saiu do táxi em frente à porta do Excelsior, mas não entrou, passou para além do suntuoso pórtico, para além do grupo de motoristas, sem nada a fazer, conversavam animados ao sol e parou, depois, no passeio observando o local onde Robert Lebrun, há um ano e dois meses atrás, fizera a tremenda revelação ao Professor Monti.

O café Doney dividia-se em dois setores. A parte do restaurante era lá dentro, projetando-se por uma extensão que formava parte do andar térreo do Hotel Excelsior. Quanto ao café, cujas mesas estavam colocadas fora, formando uma esplanada, ocupavam o resto do comprimento do passeio da Vittorio Veneto, desde o parque de estacionamento do hotel até à mais próxima esquina.

O café Doney consistia em duas longas filas de mesas e cadeiras. De um lado mesas encostadas às grandes vidraças formando o corpo principal do restaurante. Depois uma passagem no meio, não muito larga, do outro lado mais mesas quase encostadas aos carros estacionados, projetando-se para o cimento da Vittorio Veneto, onde o trânsito tem uma intensidade mantida quase durante as 24 horas do dia. A passarela entre os dois corpos de mesas do café servia de passagem aos pedestres e estacionamento dos garçons.

Contemplando o célebre ponto de reunião romano exposto ao calor impiedoso do sol, Randall sentiu-se grato que o Doney tivesse dois soberbos e amplos toldos dando uma sombra convidativa. Aquela hora, pouco antes do meio-dia de sábado, o café revelava-se

um local convidativo, quase propício à caçada a qual Randall desenvolvia.

Pelas mesas, espalhados, viam-se poucos clientes e na sua maioria turistas, pelo menos com aparência disso. O cenário constituía quase uma natureza morta, e até mesmo aqueles que se movimentavam o faziam de uma maneira estudada, lenta. Sim, pensou Randall, tratava-se daquele inferno tórrido, Roma em fins de junho, uma atmosfera anulando tanto a ambição, como a iniciativa de uma vida dinâmica.

Com a limitada informação que possuía, Randall considerou qual a melhor forma de proceder. Há um ano e dois meses atrás, lembrou-se, fora Robert Lebrun quem marcara o local de encontro com o Professor Monti, logo o falsário devia ser freqüentador do local. Se a sua dedução estivesse certa, era muito possível que Lebrun fosse uma figura conhecida dos garçons que serviam no Doney.

Randall observou vários dos sonolentos garçons. Todos eles usavam um casaco curto branco, espécie de jaqueta, com dragonas azuis, franjas, calças pretas com uma lista de veludo lustroso, camisas brancas e gravatas pretas. Junto à primeira fila de cadeiras da esplanada, na parte de dentro do passeio, vislumbrou um homem com um tom de autoridade na figura. O homem usava uma jaqueta azul e tinha um lacinho preto, em vez da gravata dos outros garçons, para além de um ar de energia como quem estivesse habituado a chefiar. Randall deduziu que devia ser o chefe dos garçons da esplanada.

Randall atravessou a faixa de passagem, sentindo imediato alívio na sombra do toldo, e foi-se sentar numa das mesas de esquina, voltado para o trânsito. Após um ligeiro compasso de espera, um dos garçons deu fé da sua presença. Apressou-se chegando junto à mesa que ocupara, apresentando-lhe a colorida lista que trazia na mão.

Ao abrir a ementa, Randall perguntou casualmente:

-O chefe-de-mesa está perto?

-Si.

O garçon voltou-se para o local onde se encontrava o homem de jaqueta azul e chamou:

-Júlio!

O chefe, Júlio, avançou para o local com tanta rapidez quanto lhe permitiam as suas pernas, trazendo já em riste a caneta e o bloco de apontamentos.

-As suas ordens, senhor.

Randall, com ar distraído, percorreu a lista. Todas as coisas figuravam em duplicado, um dos lados para os menus em italiano e o outro em inglês. Os olhos de Randall foram atraídos pelo título de Gelati, e logo abaixo Granita di limone - limonada - 500 liras.

-Quero uma limonada - pediu Randall.

Júlio tomou nota.

-Mais nada?

- Não.

Júlio tirou a folha anotada, estendeu o pedido ao garçon e apressou-se a retirar a lista.

-Para dizer a verdade - disse Randall casualmente - queria mais uma coisa, se fosse possível. Mas não tem nada a ver com vossa lista. - Randall levou a mão ao bolso interior do casaco, tirou a carteira e puxou três enormes notas de 1000 liras. - Sou um escritor americano e necessito de certas informações. Talvez possa dar.

A imperturbável face profissional do chefe dos garçons manifestou vincos de interesse. Os olhos cravaram-se nas liras que Randall tinha na mão.

-Talvez seja possível, Signor. Sentir-me-ei contente se puder ajudá-lo.

Randall dobrou as notas e meteu-as na mão do chefe.

-Júlio, há quanto tempo trabalha no Doney?

-Há cinco anos, Signor. -Ao mesmo tempo meteu apressadamente as notas no bolso, murmurando: - Grazie.

-Trabalhava aqui em Maio do ano passado? Ou estaria nessa altura em férias?

-Estava trabalhando aqui... um pouco antes da verdadeira estação de turismo, mas mesmo assim uma altura em que estamos sempre cheios -respondeu, agora com um sorriso amigável nos lábios.

-Vou dizer-lhe aquilo que procuro saber. Realizo um trabalho de investigação e pretendo encontrar uma pessoa a qual não vejo há muito tempo e que, segundo me disseram é freqüentadora do Doney. Um amigo meu encontrou-se com essa pessoa aqui, em Maio do ano passado. Foi através desse amigo que obtive a informação, disse-me ser cliente deste café. Você conhece normalmente os freqüentadores assíduos?

Júlio gabou-se.

-Claro que sim. Não por se tratar do meu trabalho, mas porque também se torna inevitável ter relações e conhecer os nossos devotados clientes. Conheço-os, quase todos pelo nome e até sou capaz de descrever o caráter e a vida de cada um deles. É precisamente isso que torna a minha ocupação tão compensadora. Quem é a pessoa que o senhor procura?

- Um francês, mas que reside em Roma há muito tempo. Não faço a menor idéia do ritmo da sua freqüência no Doney. Mas, meu amigo disse-me que costuma vir aqui, ou pelo menos costumava.-Randall, tomou fôlego, depois rogando mentalmente, que as palavras proferidas fosse o seu «abre-te sesamo»: - Chama-se Robert Lebrun.

O chefe não reagiu.

Lentamente repetiu:

- Lebrun...

- Robert Lebrun - insistiu Randall.

O chefe franziu a testa, vasculhando seu cérebro.

- Vejo se me lembro... - Calou-se, aparentemente receoso de ter que voltar a desembolsar a gorjeta. - ...Mas não funciona. De fato não temos nenhum cliente regular com esse nome. Se tivéssemos com certeza que me lembraria.

Um véu de tristeza obscureceu a alma de Randall. Tentou lembrar-se da descrição de Lebrun feita pelo Dominee de Vroome.

-Se eu lhe disser como ele é talvez se lembre...

-Diga, por favor.

- Deve ter mais ou menos oitenta anos. Usa óculos. Tem uma cara muito enrugada. É quase corcunda. Mais ou menos a sua altura. A descrição ajuda alguma coisa?

Júlio manifestava o mesmo ar de ignorância e apreensão.

- Sinto muito, mas bem vê, são tantos...

De repente, Randall lembrou-se de outra coisa importante.

-Espere, há uma coisa que você notaria à viva força. O homem coxeia ao andar por ter uma perna artificial.

Imediatamente a cara de Júlio se iluminou.

- Sim, temos um cliente assim. Não sabia que ele era francês devido ao seu italiano ser tão impecável, digo até que é um perfeito espelho de cavalheiro romano. Mas o nome dele não é Lebrun. Na verdade, não sei qual seu verdadeiro nome dele, exceto aquele que ele nos dá. Depois de tomar demasiados cálices de Pernod ou Negroni, desata a brincar e diz que o seu nome é Totí, Enrico Toti. Trata-se de uma graça romana. Não compreende?

- Não.

Júlio apontou com o dedo para além da Via Vittorio Veneto.

- Nos jardins Borghese, entre muitas estátuas que adornam as áreas, há uma enorme escultura de um homem nu, numa atitude heróica, colocada sobre um suporte de mármore quadrado. O homem nu só tem uma perna, está encostado num rochedo e o coto da perna que lhe falta confunde-se com o rochedo. Na base da estátua há uma inscrição onde se lê: Enrico Toti. Diz também que morreu em 1916. Esse Toti, embora tendo uma só perna, apresentou-se como voluntário ao exército italiano durante a guerra contra o Império Austro-Húngaro. Mas claro que foi rejeitado. No entanto, voltou a apresentar-se, vezes sem conta, até que os superiores do exército deixaram de lhe recusar o alistamento. Pois Toti, com a sua perna e o seu coto, lutou bravamente e foi considerado como um grande herói italiano. Por isso, nosso cliente brincalhão, quando está já um pouco alto, gosta de dizer que o seu nome é Toti e que foi um herói de nome. Para nós, aqui no Doney, é o único nome pelo qual o tratamos.

-Toti? Bom, não se parece nada com Lebrun, pois não?-Claro que ele pode ter os nomes que quiser.

De repente, Randall viu que o chefe, pensativo, exibia um rasgado sorriso, como alguém lembrando-se de uma coisa engraçada.

-Alguma novidade, Júlio?

-Lembrei-me agora de um outro nome. Parece uma tolice, mas...

-Um outro nome? Refere-se a esse Toti?

-Uma coisa tonta, muito tonta. Mas, as moças da vida, que andam pelas ruas, em volta dos jardins Borghese... Compreende, hem... ? deram-lhe um outro nome, puseram-lhe uma alcunha, por ele ser tão intelectual e pretender ser tão elegante, quando na verdade é um pobre de Deus merecedor de compaixão. Chamam-lhe... -Júlio, não pôde conter um risinho-Duca Mínimo, que significa Duque de Nada. É com essa alcunha que elas o arreliam. Randall, excitado, agarrou o braço de Júlio.

- É ele sem dúvida, o homem que eu procuro! Toti, aliás, Duca Mínimo, aliás, Roberto Lebrun.

- Sinto-me contente, Signor - disse Júlio, sentindo que as suas 3000 liras estavam a salvo.

- Ele continua ainda frequentando o Doney? - quis saber Randall.

- Continua. É um dos nossos mais fiéis clientes, quase todas as tardes quando o tempo está bom. Vem aqui tomar o seu aperitivo todas as tardes às cinco horas, manda vir o Pernod 45 ou o Negroni, diz umas quantas graças e entretém-se lendo o jornal.

-Esteve aqui ontem?

- Ontem não trabalhei no turno das cinco da tarde. Hoje é que estou nesse turno. Mas um momento que vou já saber...

Júlio dirigiu-se a três garçons que estavam um pouco afastados e fez-lhes uma qualquer pergunta. Os homens riram-se e acenaram as cabeças vigorosamente.

O chefe regressou até junto de Randall sorrindo.

-Sim, Toti... ou Lebrun como o senhor lhe chama... esteve aqui ontem à hora habitual. É muito provável que hoje também venha, tomar o seu aperitivo às cinco.

- Excelente - exclamou Randall - melhor do que bom. Levou de novo a mão ao bolso interior, extraiu a carteira e tirou dela uma nota de 5000 liras. Meteu a nota na mão do espantado Chefe, dizendo:

- Júlio, trata-se de uma coisa muito importante para mim...

-Obrigado, Signor, muito obrigado. Se puder fazer mais alguma coisa, creia que estou ao seu dispor.

-Bom, virei aqui quando faltar quinze para às cinco. Quando Toti chegar, mostre-me. Eu tratarei do resto. Se acontecer do homem vir mais cedo do que o costume, telefone para mim, estou hospedado no Excelsior. Meu nome é Steve Randall. Não se esqueça? Steve Randall.

-Não esquecerei o seu nome, Sir... Steve Randall.

-Só mais uma coisa, Júlio. Como é que o nosso comum amigo, Toti ou Lebrun, chega aqui todos os dias? Vem de táxi ou a pé?

- Chega sempre a pé.

- Então deve viver nas vizinhanças. Não conseguiria percorrer grande distância com uma perna artificial, pois não?

-Com certeza que não.

- Muito bem-disse Randall, levantando-se. - Obrigado por tudo, Júlio. Até logo às cinco horas.

- Então, Sir, não toma a sua limonada?

- Não, ofereço-lhe, com os meus cumprimentos.

CAPÍTULO 10.2

Teve que esperar umas inquietas cinco horas nos seus aposentos do quinto andar do Excelsior.

Tentara concentrar-se no pensamento daquilo que se seguiria. Quando chegara ao quarto lançara a pasta para cima da cama e extraíra dela a correspondência carente de resposta mais imediata. Depois instalara-se à mesa de tampo de vidro, situada junto da janela e lançara-se ao trabalho.

Escrevera uma carta de rotina, como o pode fazer um filho afetuoso, ao pai e à mãe, incluindo saudades à irmã, Clare, e ao tio Herman, endereçando-a para Oake City. Rabiscara uma curta missiva, mais de caráter turístico, descrevendo paisagens e ambientes, do que propriamente paternal a sua filha Judy, em São Francisco. Iniciara uma carta para entregar a Jim McLoughlin (onde quer que ele estivesse), explicando que a firma Randall Associates o tentara localizar durante várias semanas para lhe fazer saber que circunstâncias imperativas e ponderadas (não mencionando a venda às Empresas Cosmos, de Towery) forçavam a firma a não poder tomar conta dos serviços acordados com o Instituto Raker. Todavia, não fora capaz de finalizar a carta, acabando por rasga-la em pedaços.

Devido não responder as últimas cartas do seu advogado, considerara fazer um telefonema para Thad Crawford, em Nova York, mas imediatamente se dera conta de que lhe faltava paciência. Embora não sentisse apetite, telefonara para o serviço de refeições aos quartos e encomendara um almoço ligeiro, mas o almoço ligeiro transformara-se numa refeição - cannelloni com cogumelos e frango estufado, ao molho de tomate e pimentões que comera compulsivamente, devido ao aumento de ansiedade, à medida que as horas passavam.

Pensara também fazer saber a Angela que continuava em Roma, mas acabara por se decidir contra tal telefonema, por não querer dizer-lhe mais mentiras, nem ir enchê-la de apreensões. Considerara ligar para Amsterdã explicando os motivos da sua vadiagem, uma vez que faltavam apenas seis dias para o anúncio do Novo Testamento Internacional, mas acabara por resolver adiar a chamada - e o desencadear da inevitável ira de George Weeler- até ter-se encontrado com Robert Lebrun.

Por mais que tentasse não pensar em Lebrun, não conseguira afastar o homem dos seus pensamentos. Percorrera, em largas e impacientes passadas, o espaço do seu quarto, até

saber de cor todos os pormenores do desenho fabuloso do tapete oriental que revestia o chão, os objetos existentes e todas as cores que o cercavam. E cada vez que voltava as costas à janela e percorria o aposento em sentido inverso, via o seu rosto cheio de vincos de preocupações refletir-se no espelho da parede fronteira.

Pouco mais de duas semanas, chegara a Amsterdã, para realizar um trabalho vital e para aprender, por si mesmo, o significado da fé. Todavia, passou metade desse tempo deslocando-se a Roma naquele momento dramático - realizando esforços tendentes a aniquilar a única coisa em que seria possível crer com todo o seu ser.

Tudo começara com o lapso de Bogardus. Talvez, aquela ânsia de extermínio fosse mantida viva por causa do lapso Randall. Randall, como Angela lhe apontara, como todas as pessoas relacionadas com ele, por isto ou por aquilo, já várias vezes, chamaram-lhe a atenção... Um lapso, uma falha fomentada por um cinismo inflexível. De modo que a sua perseguição era loucura, a menos que o seu racionalismo fosse honesto. E o seu racionalismo repousava no fato substancial de uma pessoa ter fé, sem se subordinar a uma crença mística absoluta, cega, sem objeções. Sim, acreditava que uma pessoa devia considerar uma realidade tangível.

E todo aquele ciclo vicioso o conduziu de novo a Robert Lebrun, sob qualquer hipótese, em Lebrun repousava a derradeira resposta.

Naquele momento, sentado a uma das mesas da esplanada do Doney- preocupado e inquieto -continuava devorado pelos mesmos pensamentos. Já não sabia bem se desejava que Lebrun aparecesse ou não. Só tinha uma certeza, desejava que se o encontro tivesse de se dar, pelo menos, que tudo terminasse o mais breve possível.

Durante todo o tempo decorrido, desde que se sentara na esplanada, quando faltava um quarto para as cinco, Randall consultava o relógio, de minuto a minuto, exasperado do porquê o ponteiro percorria tão lentamente no mostrador.

Passavam seis minutos das cinco. Inclinou-se para pegar no copo e beber mais um trago do seu Dubonnet e, nesse preciso momento, viu que Júlio, o chefe de mesa, se dirigia em sua direção.

Em voz baixa, mantendo o rígido perfil, Júlio disse-lhe:

-Signor Randall, ele está aqui.

- Onde?

-Atrás de mim, nesta mesma fila de mesas, na terceira contando do fundo, nas minhas costas. Pode com certeza reconhecê-lo. Olhe.

Júlio afastou-se um pouco e Randall olhou.

Era exatamente como de Vroome o descrevera, mas de certa maneira todo o seu conjunto se manifestava ainda mais carregado.

O homem afigurava-se ainda mais baixo e mais curvado do que Randall esperava. Cabelo castanho, ralo, o rosto sulcado por uma rede de rugas formando profundos vales e escavadas ravinas. Os óculos redondos, de aros de tartaruga e grossas lentes. Usava um terno claro, de verão, mas com o casaco apenas colocado sobre os ombros, no estilo tão peculiar dos italianos e dos jovens aspirantes a atores de cinema. Tinha um ar de pessoa envelhecida, porém, não de fragilidade. Absorvido na leitura de um jornal e na mesa, em frente dele, via-se um copo.

Randall levantou-se impulsivamente.

Ao chegar ao seu destino, afastou um pouco a cadeira em frente do ocupante da mesa e sentou-se sem cerimônias.

-Monsieur Robert Lebrun, espero que me dê o prazer de aceitar uma bebida e permita

apresentar-me.

Lebrun baixou um pouco o jornal e fixou Randall com uns olhos mostrando uma sombra de impaciência. Os seus lábios úmidos movimentaram-se, mostrando uns dentes postiços mal fixados, removendo-se dentro da boca, e foi numa voz rouca, como o crocitar de um corvo, que perguntou:

-Quem diabo é você?

- Chamo-me Steve Randall. Ocupo-me de publicidade e sou escritor. Americano, de Nova York. Estou aqui só para conhecê-lo.

-E o que é que pretende? Chamou-me Lebrun... Onde é que ouviu esse nome?

Os modos do francês eram tudo menos cordiais, e Randall viu que tinha de apressar as suas explicações.

-Soube que o senhor foi em tempos amigo do Professor Augusto Monti, isto é, foram uma espécie de sócios numa empresa arqueológica.

- Monti? O que é que sabe de Monti?

- Sou amigo íntimo de uma das filhas dele. Na verdade, ainda ontem mesmo, estive com o Professor Monti.

Lebrun mostrou-se imediatamente interessado, mas cauteloso.

-Diz que viu Monti? Se assim foi, quer ter a bondade de me dizer em que local.

Tudo Ok, pensou Randall. Começava o primeiro teste.

-Na Villa Bellavista. Visitei-o, falei com ele e falei depois com o médico que o trata, o Dr. Venturi.

- Randall hesitou, mas resolveu lançar em jogo o seu trunfo para o segundo teste.

- Sei umas coisas da sua colaboração com o Professor Monti com respeito ao achado, de Ostia Antica.

Os encovados olhos do homem fixaram-se duramente em Randall.

-Ele falou-lhe de mim?

-Exatamente, não. Não diretamente. Acontece até que a memória do professor está, de certo modo, arruinada.

- Continue.

-Mas foi-me dado acesso a verificar os papéis pessoais do professor, todos as anotações tomados quando ele se encontrou consigo, faz um ano, aqui mesmo, no Doney.

- Ah... então também sabe esse pormenor.

- Sei, Monsieur Lebrun. Isso, e mais alguma coisa. Fiz um grande esforço para descobrir o seu paradeiro, Monsieur Lebrun. Pretendo falar-lhe amigavelmente, na esperança de que o que o senhor tenha para me dizer redunde em nosso mútuo benefício... meu e seu.

Lebrun levantou os óculos para a testa, afagou a ponta do seu longo queixo prognato, querendo chegar a qualquer conclusão e decisão, a respeito daquele estranho colocado à sua frente. Mostrava-se impressionado, mas sem baixar a guarda.

- Como posso eu ter a certeza que o senhor não mente?

- Mentir a respeito de quê?

- A respeito de ter visto Monti. Existem tanto charlatões por toda a parte. Como posso eu ter a certeza?

A pergunta transformava-se num obstáculo imprevisto.

-Não sei que prova lhe posso fornecer para acreditar em mim. Estive com o Professor Monti. Falamos os dois – embora, nossa conversa não tivesse nenhum senso - e... mas então que devo eu dizer para que me acredite?

-Tenho que ter a certeza que estive com ele - insistiu o teimoso velhote.

-Mas estive com ele. O professor até me deu... Repentinamente lembrou-se daquilo que

havia metido no bolso do casaco ao deixar o seu quarto e, metendo a mão, tirou a folha de papel e alisou-a em cima da mesa. Não fazia a menor idéia do significado daquilo à Lebrun, mas era tudo o que possuía de Monti. Empurrou o desenho para diante do francês.

-O Professor Monti desenhou-me isto, um peixe atravessado por uma seta. Foi uma oferta de despedida. Não sei se para o senhor significa alguma coisa, mas é tudo o que possuo do Professor Monti para lhe mostrar, Monsieur Lebrun.

Ao ver o desenho, pareceu exercer um efeito salutar sobre Lebrun. Levantando a folha de papel até colocar a alguns centímetros dos olhos... na verdade de um dos olhos, porque Randall ele então fê, que a outra vista estava obscurecida pela película esbranquiçada de uma catarata... Lebrun, examinou o desenho e devolveu-o, depois, a Randall.

-Sim, esse desenho é-me familiar.

-Está então satisfeito?

-Sim, satisfeito porque se trata de um desenho que eu costumava fazer com frequência.

-O senhor?

Randall fora apanhado de surpresa pela declaração do velhote. Enrolando as palavras, numa espécie de ruminação, Lebrun murmurou:

-Sim, eu. O peixe. O cristianismo. O dardo. A morte do cristianismo. O meu desejo. Não me surpreendo de Monti fazer este desenho. A última recordação dele. Eu traí o cristianismo e Monti. reflete o desejo da minha morte. O desejo ardente dele. Se é que foi ele quem fez esse desenho.

- Como podia mais alguém saber disto? - perguntou Randall, implorando.

-Talvez a filha do Professor Monti.

-Ela nunca mais o viu em seu perfeito juízo perfeito, desde o último encontro que Monti teve consigo.

O francês mostrou-se carrancudo e obstinado.

- É possível. Se é que viu Monti... ele referiu-se a mim... ou à minha obra?

Randall sentiu-se impotente.

-Não, não me falou de si. Quanto à sua obra... refere-se ao Evangelho Segundo Jacob e ao Pergaminho Petronio?

Lebrun não respondeu.

Apressadamente, para que o impacto da revelação não se perdesse, Randall continuou.

- O professor julga-se Jacob, o irmão de Jesus. Recitou-me, em inglês, palavra por palavra, aquilo que está escrito em aramaico no Papiro Número 3, a primeira das páginas com palavras escritas. - Randall parou, tentando lembrar-se do conteúdo da gravação que fizera na Villa Bellavista, o qual várias vezes ouvira no gravador durante a noite passada. Preencheu até a porção desaparecida do terceiro papiro.

Lebrun manifestou sinais de aumentado interesse.

-Sim? Como é isso?

- Quando Monti descobriu o Evangelho Segundo Jacob, o papiro apresentava um certo número de buracos. No terceiro fragmento existe uma frase incompleta onde se lê: «Os outros filhos de José, os irmãos sobreviventes do Senhor e meus, são» - a parte seguinte perdeu-se, mas o texto prossegue assim: - «Resta eu para falar do primogênito e mais amado Filho». Bom, Monti recitou-me essa parte, mas também recitou a parte perdida.

Lebrun inclinou-se para a frente.

-Como? Como é que ele completou o texto?

-Vamos lá ver se consigo lembrar. - Randall fez um esforço para desbobinar a gravação na sua mente. - Monti recitou-me: «Os outros filhos de José, os irmãos sobreviventes do

Senhor e meus, são Judá, Simão, Josias ...»-«... e Judas, e estão todos para além das fronteiras da Judéia e da Iduméia e só resta eu para falar do primogênito e mais amado Filho»-rematou.

Lebrun, interrompendo Randall, ao mesmo tempo que se encostava pesadamente às costas da cadeira.

Randall fixou o velhote surpreso.

-O senhor... conhece essa parte do texto...

-É natural- respondeu Lebrun. Os seus lábios arreganharam-se num sorriso que ainda lhe vinco mais as rugas. -Fui eu que o escrevi. Monti não é Jacob. Eu é que sou Jacob de Jerusalém, irmão do Senhor.

- Nesse caso... Jacob, Petrônio, toda a descoberta... tudo isso não é mais do que uma mentira.

-Uma brilhante mentira-emendou Lebrun. Olhou atento para a direita e para a esquerda, acrescentando depois: Uma falsificação, a mais magnificente em toda a história. Agora já sabe a verdade. -Estudou Randall durante uns momentos. Estou satisfeito que se tenha encontrado com o Professor Monti, mas não estou satisfeito sobre aquilo que deseja de Robert Lebrun. Afinal de contas, o que é que quer de mim?

- Os fatos - respondeu Randall. - A prova da sua falsificação.

- E o que é que fará com essa prova?

- Publicá-la-ei. Exporei àqueles que pretendem pregar uma falsa esperança a um público crédulo.

Estabeleceu-se um longo silêncio, provocado deliberadamente por Lebrun. Finalmente, o francês falou.

- Têm havido outros - disse brandamente, quase como que pra si próprio - outros que têm pretendido a prova da mistificação e que também fizeram a jura solene de revelar ao mundo a podridão interna da Igreja e o lado sórdido da religião. Acontece porém, que acabaram por se revelar agentes do clero, tentando obter provas da verdade para a enterrarem bem fundo, onde não possa encontrar, de modo a preservarem para sempre os seus mitos. O dinheiro deles não bastou para me convencer, por me faltar a confiança neles para fazerem a revelação da verdade ao mundo. Corno posso pois confiar em si?

- Confiará em mim quando souber que fui contratado para dar o máximo de publicidade à Ressurreição Dois e para promover a nova Bíblia, e estive quase a fazê-lo até que comecei a ter dúvidas - respondeu Randall com toda a franqueza. - Confiará porque as minhas dúvidas me levaram a buscar a verdade... uma verdade que talvez tenha encontrado em si.

- Encontrou a verdade em mim - disse Lebrun. - Eu é que não tenho a certeza de encontrar a verdade em si. Não posso entregar a verdade a respeito da obra de toda uma vida, a não ser que tenha a certeza... absoluta... de que essa verdade possa ver a luz do dia.

Randall encontrava pela primeira vez, além de de Vroome, outra pessoa cujo ceticismo ombreava com o seu, ou ainda, o ultrapassava.

Aquele homem transformara-se num ser exasperado e frustrado que não se deixava convencer. Desde o desagradável incidente com Plummer, Lebrun era provavelmente incapaz de confiar em qualquer ser humano. Quem, num mundo tão traiçoeiro, possuiria a força de caráter suficiente e as credenciais sem mácula necessárias, para convencer aquele velhote de que o seu investimento de uma vida seria compensado, que a designada prova seria apresentada ao povo de toda a terra? Vasculhando na sua mente, quase como o filósofo grego Diógenes percorrendo as ruas de Atenas, com uma lanterna acesa em

pleno dia, à procura de um homem. Randall acabou por pensar em Jim McLoughlin. Se Jim, ali estivesse a seu lado, o Jim com a sua feroz integridade, com a sua admirável história de investigar, onde quer que se encontrasse, a hipocrisia e a mentira, o Jim do Instituto Raker devotado procurando a verdade para além de todas as consequências possíveis e imaginárias... sim, se Jim ali estivesse com certeza que conseguiria obter a confiança de Robert Lebrun...

Repentinamente, Randall sentiu um estremecimento de esperança.

Afinal Jim McLoughlin e o Instituto Raker estavam ali à mão, em Roma. A alguns metros de distância.

Com muita confiança, Randall voltou-se para o velhote.

-Monsieur Lebrun, julgo que o posso convencer a depositar confiança em mim. Peço-lhe que suba comigo ao meu quarto do Excelsior para lhe apresentar a minha prova. Depois de lhe mostrar o que tenho, não terá dúvidas em me fornecer a sua prova.

CAPÍTULO 10.3

Encontravam-se os dois no quarto de Randall, no quinto piso do Hotel Excelsior.

Robert Lebrun, com o seu andar irregular, evitava a estofada cadeira de braços, com o seu banquinho para repousar os pés, e fora sentar-se na cadeira dura de espaldar reto colocada junto à mesa de tampo de vidro, que Randall utilizara como mesa. Uma vez alojado, os seus olhos começaram a seguir todos os movimentos de Randall com curiosidade.

O publicitário tinha naquele momento a sua pasta de couro aberta em cima da cama e procurava algo nos seus arcanos. Finalmente, endireitou-se e encaminhou-se para junto de Lebrun, exibindo na mão a pasta de arquivo onde a enorme etiqueta com o título: The Raker Institute.

- Sabe ler o inglês coloquial? - perguntou.

- Quase tão bem como leio o antigo aramaico - respondeu Lebrun.

- Ainda bem. Por acaso, ouviu falar de uma organização existente nos Estados Unidos, que se chama Instituto Raker?

- Não, nunca ouvi.

- Sim, suponho que não tenha ouvido. Até agora ainda não mereceu as honras da grande publicidade. - Estendeu a pasta de arquivo a Lebrun. -Nesta pasta encontra-se correspondência trocada entre mim e um homem chamado Jim McLoughlin, diretor do Instituto Raker, anteriormente a um encontro que tivemos em Nova York. Também aí estão notas relacionadas à nossa entrevista. Em meses vindouros irá ouvir, com certeza, falar substancialmente de McLoughlin. Trata-se do último exemplar de uma grande tradição de cruzados e dissidentes americanos, sempre prontos a atacar e a revelar o mal onde quer que ele se encontre, homens semelhantes ao vosso Zola...

- Zola... - murmurou Lebrun numa voz que era quase uma carícia.

- A nossa tradição americana tem tido sempre homens desses, embora poucos e crucificados às mãos dos poderosos da terra. Mas, apesar disso, nunca se calaram nem se deixaram extinguir, porque foram sempre as vozes da consciência pública. Homens como Thomas Paine e Henry Thoreau. E, mais recentemente, cruzados como Upton Sinclair, Lincolin Steffens, Ralph Nader, que expuseram os atentados praticados pelos grandes capitães da indústria contra um público confiante. Bem, Jim McLoughlin e os seus investigadores do Instituto Raker são os últimos na linha dessa tradição democrática de demanda da verdade e revelação impiedosa do mal.

Robert Lebrun escutara Randall atentamente.

- E o que é que faz esse homem e o seu Instituto?

- Recentemente, investigam uma conspiração secreta, levada a efeito, por certas indústrias e firmas americanas, para sonegarem ao conhecimento do público, determinados inventos e produtos. Desenterraram provas de que os grandes monopólios- a indústria petrolífera, a indústria automobilística, a indústria têxtil e indústria do aço, para não nomear muitas outras com culpas no cartório - têm subornado, cometido até violências, para sonegarem do público uma tabela a preços módicos, capaz de substituir com vantagem a gasolina, um pneu que praticamente nunca mais se gastaria, um tecido que agüentaria uma vida inteira de uso, um fósforo eterno. E isto é só o começo. Ainda neste decênio, revelarão conspirações de cartéis, contra o público praticadas pelas companhias telefônicas, por bancos e companhias de seguros, trabalhando de parceria, por fabricantes de armamentos, por militares e certos outros setores governamentais. McLoughlin acredita que o público está em permanente perigo de ser enganado pelas empresas livres não regulamentadas. Crê também que o povo, não só na democracia como sob o comunismo, possui um governo representativo... mas não tem representação eficaz. É um homem que nunca pára, que anda sempre à procura de descobrir toda e qualquer conspiração perpetrada contra o público. E, como verá pela documentação nessa pasta, fui eu o único publicitário, para quem ele apelou a fim de ajudá-lo.

Randall, colocou a pasta de arquivo na mesa, em frente de Lebrun.

-Aqui estão, Monsieur Lebrun, as únicas credenciais válidas que possuo como homem pronto a revelar a mentira e procurando a verdade. Leia os documentos e decida depois se deve ou não confiar em mim.

Lebrun agarrou na pasta e abriu-a. Randall dirigiu-se para a porta.

-Vou deixá-lo sozinho durante os próximos quinze minutos. Vou lá embaixo ao bar, tomar uma bebida. Posso oferecer-lhe também uma?

- Poderei já não estar aqui quando regressar - avisou Lebrun.

- Corrirei esse risco.

- Bom, traga-me um uísque simples. Bem forte.

Randall saiu do quarto.

Levou consigo a sua bravata, tão pouco segura de si, para o bar junto ao saguão, rezando intimamente para que Lebrun não desaparecesse.

Passaram-se cerca de vinte minutos quando Randall voltou ao quarto.

Ao entrar, seguido por um garçon transportando o uísque simples e um uísque com gelo.

Randall imaginava se só tomaria a sua bebida, ou teria que engolir as duas.

Mas Robert Lebrun ainda lá estava. Continuava sentado junto à mesa, tendo a seu lado a pasta de arquivo fechada.

Randall mandou o garçon embora, depois de lhe meter uma nota na mão, e levou o uísque simples ao velhote. Lebrun agarrou no copo.

-Já me decidi - disse numa voz estranha e distante. Aliás, você é a minha derradeira possibilidade. Contar-lhe-ei como escrevi o Evangelho Segundo Jacob e o Pergaminho Petrônio. Não é uma história muito longa, mas posso garantir-lhe que nunca houve antes uma história como essa. Trata-se de uma história que deve ser conhecida... e cabe-lhe, Randall, o papel de apóstolo para impor a verdade sobre a mentira, para revelar a todo o mundo, a mentira da nova vinda de Cristo.

Curvado para a frente, sentado na cadeira junto à mesa, falando para Randall numa voz despida de emoção e monótona, Robert Lebrun contou os acontecimentos da sua mocidade

antes de ser condenado ao desterro para a colônia penal da Guiana francesa.

Durante meia hora falara da sua pobre infância em Montparnasse, na descoberta da sua habilidade para as falsificações e nas suas fraudes criativas que o haviam conduzido a uma vida de pequenos crimes em Paris. Falara das suas numerosas prisões e condenações. Do seu esforço para conseguir um pé-de-meia confortável e a independência por meio da falsificação de um documento governamental. Falara da sua final detenção pelos agentes da Súreté e da sua condenação à deportação para a Guiana pelo Tribunal Correcional.

Embora Randall, já antes, tivesse ouvido uma súpula daquelas aventuras, manteve uma atenção fascinada por se tratar da própria fonte dos acontecimentos. Randall nem por indícios quis mostrar, que menos de vinte e quatro horas antes, desde que escutara parte da história de Lebrun, contada pelo Dominee de Vroome, ouvida por seu rumo a Cedric Plummer depois do encontro com o falsário no Père-Lachaise. Mostrou-se interessado e absorvido como se ouvisse o relato pela primeira vez, esperando com toda a paciência ouvir o que ainda desconhecia e tão ardentemente desejava.

Nesse momento, Robert Lebrun dizia:

- E assim, por ter sido quatro vezes preso na França por crimes menores, fui automaticamente classificado como incorrigível, sem possibilidades de perdão ou reabilitação e condenado a passar o resto da vida na colônia penal da Guiana francesa. A colônia tornou-se globalmente conhecida pelo nome de Ilha do Diabo, mas na verdade continha cinco prisões separadas. Três estadeavam-se em ilhas, mas só a menor dessas ilhas, uma ilhota com cerca de mil metros de circunferência, é que era na realidade a Ilha do Diabo, seu nome. Uma ilha reservada unicamente aos presos políticos-como o capitão Alfred Dreyfus vítima de uma conspiração de elementos militares, que o acusaram erradamente de vender segredos militares franceses à Alemanha. Em nenhuma ocasião essa ilhota teve nas suas cabanas mais de oito presos ao mesmo tempo. As outras duas ilhas do grupo, situadas a nove milhas das costas da Guiana, eram a Royale e a St. Joseph. As duas prisões no continente, situadas a certa distância da cidade de Caiena, eram St. Laurent e St. Jean. Quanto a mim fui enviado para a St. Joseph.

A voz seca de Lebrun começara a destrambelhar-se, e o homem levou o copo de uísque simples aos lábios e bebeu um bom trago, pigarreando a seguir para aclarar a garganta.

- Em que ano é que o enviaram para a Guiana? -perguntou Randall.

-Muito anos antes de você ter nascido. Em 1912.

- O presídio era uma coisa assim tão má como foi escrito?

- Muito pior - garantiu Lebrun, em tom grave. - Os condenados que fugiram para escreverem sobre o caso, falaram das crueldades praticadas e dos seus sofrimentos, mas sempre com tendências a dar um ar romanesco, como se se tratasse de uma aventura. Mas a Guiana nunca foi nada disso, nunca foi um inferno encantador. Nenhum dos clichés conhecidos é capaz de descrever exatamente aquele inferno vivo. Um tormento muito pior do que a morte. Talvez o espectro da guilhotina forneça a idéia mais aproximada, dentro do sentido revelador de todos os dias executar-se sem nunca, todavia, a execução pôr termo à vida. Tortura e dor infundáveis, conforme aprendi por experiência pessoal, são muito piores do que a morte. Por isso mesmo, penso que Prometeu foi um mártir muito maior do que São Pedro. Fui embarcado para a Guiana em 1912 a bordo da barca La Martitüère, confinado não numa cabine, mas sim dentro de uma gaiola de ação, juntamente com mais nove degredados, a bom bordo do porão. Originalmente, a colônia penal tinha um significado de local onde os condenados se poderiam reabilitar e redimir pelo seu

comportamento. Será capaz de acreditar que o nome oficial dessas ilhas era Res du Salut-Ilhas da Salvação? No entanto, tal como todas as organizações manejadas pelas mãos do homem, o fim para o qual foi criado, corrompeu-se. Quando eu fui enviado para a Guiana, a filosofia penal estava assim estabelecida: uma vez que um homem lançado na vida do crime, torna-se para sempre um criminoso, está para além de qualquer redenção, transforma-se num animal, de modo que deve deixar-se sofrer e apodrecer até à morte para que nunca mais volte dando preocupações à sociedade.

-E todavia o senhor encontra-se aqui.

-Encontro-me aqui porque a minha vontade foi mais forte do que a desgraça, porque tinha que estar aqui-disse Lebrun, ao mesmo tempo com orgulho e amargura. -Tinha uma razão para sobreviver, como em breve observará. No início, quando pensava que era ainda um homem, e tentei agir como tal, eles obraram de maneira a lembrar-me, que eu não passava de um animal, menos do que isso. Como explicar os meus dois primeiros anos no degredo? Dizer que a vida era brutal ou desumana... meras figuras de retórica, eufemismos. Escute bem: de dia mosquitos, chusmas de mosquitos, alimentando-se nas chagas que cobriam todo o espaço de pele de um homem que estivesse à mostra, com mutucas entranhadas nas unhas e formigas vermelhas a morderem os pés. De noite, morcegos, morcegos vampiros, a sugarem-nos o sangue.- E sempre, mas sempre, desintéria, febre, escorbuto. Olhe.

Abrindo a boca, Lebrun, com os dedos, arranhou os lábios e mostrou as gengivas cheias de cicatrizes, descoloridas que se viam por cima da má dentadura postiça.

- Como é que eu perdi os meus dentes? Apodreceram, caíram devido ao escorbuto. Fui-os cuspiando, pouco a pouco, aos dois e três de cada vez. Com mais de quatro condenações, como forçado para toda a vida, classificado entre os relégués, entre um daqueles que jamais sairiam da colônia. Na ilha de St. Joseph encarregaram-me de partir pedras, desde o alvor do dia até cair a noite, e se protestasse, lançavam-me na solitária ou cela disciplinar. Sabe o que é que significava a solitária na ilha de St. Joseph? Existiam três blocos regulares-a prisão regular, a solitária e o asilo dos lunáticos-mas o mais desumano era o bloco das solitárias. Seria atirado para um buraco de cimento, mais ou menos, com três metros e meio, por dois e meio. Cobertura nem vê-la, por cima apenas barras de ferro cruzadas. Na cela existia um banco de madeira, um balde servindo de latrina e um cobertor trocado de dois em dois anos.

"O cheiro que se desprendia daquela atmosfera carregada, poluída com intensa mistura de urina e excrementos humanos fa-lo-ia com certeza desmaiar de nojo. Na solitária, teria de passar vinte e três horas e meia dentro do poço de cimento, apenas com meia hora no exterior, no pátio murado, para apanhar um pouco de ar fresco e fazer exercícios. A prisão regular não era muito melhor. Por vezes até era pior, especialmente à noite, quando os invertidos, os homossexuais resolviam lançar seus ataques vampírescos. Fizesse sol ou chuva, a comida era sempre a mesma, nunca variava. Ao café, um púcaro de folha com uma coisa negra a que chamavam café. Ao almoço, um pouco de água quente com umas folhas de couves podres boiando, uma fatia de pão e uma minúscula carne pútrida. Para o jantar, feijões cheios de gorgulho ou um pouco de arroz de goma, que mais parecia grude. Convertido quase a um saco de ossos, era sovado a murro, chicoteado, torturado a pontapé, de muitas outras formas pelos guardas, que na maioria eram corsos selvagens, antigos componentes da Legião Estrangeira, brutais ou ex-flics. Não alimentava sonho mais caro do que o suicídio, do que o alívio que me adviria da morte, podendo então repousar em paz e descanso entre os Bambus - o cemitério dos forçados em St. Laurent. Então,

certo dia, aconteceu um milagre -nessa altura, seja como for, foi assim que pensei - e passei a ter uma razão para viver.”

O padre, lembrou-se, Randall. De Vroome mencionara um sacerdote francês que havia protegido Lebrun no momento mais negro do degredo.

- A cerca de dezesseis quilômetros de St. Laurent-du-Maroni, perto do rio Maroni, a colônia penal tinha instalações, numa clareira cercada por pântanos, onde imperava a malária e por densas florestas insalubres. Nesse local ficavam as repartições administrativas, as cabanas dos guardas, uma serração, um hospital, uma prisão de cimento e uma cabana especial, e essa área chamava-se o Campo de St. Jean ou Prisão de St. Jean. Para os trezentos condenados que lá se encontravam confinados, cheios de chagas abertas, de lesões de toda a espécie e de olhos vazios, cegos, aquilo era um lugar terrível. Dormiam sobre o chão de cimento das celas, cobertos de pústulas, pus e excrementos. Eram somente alimentados com sopa de farelos e com bananas verdes. Eram escravizados desde as seis da manhã às seis da tarde, derrubando árvores na terrível selva, e jungidos a zorras, com arreios e tudo, como bestas de carga, para transportarem os troncos para a serração. Foi para um tal lugar, para St. Jean, que me enviaram, e foi esse o milagre que me forneceu razão para acreditar ainda na vida, para viver.

-Encontrou uma razão para viver num inferno como aquele?

- Sim. Por causa da cabana especial que havia na clareira disse Lebrun. - já mencionei a cabana, não é verdade?

- Mencionou.

-Tratava-se da igreja do campo-a única igreja que conheci na colônia penal, sem contar com a capela da Ilha Royale, que não era utilizada - disse Lebrun. - Essa igreja, conhecida como a cabana, erguia-se sobre pilastras de sustentação. Com exceção do telhado, de traves de madeira e folhagem, era construída em sólida pedra, com cinco janelas em forma gótica abertas em cada uma das duas paredes principais. Claro que não era para uso dos forçados. Fora construída como local de orações para os guardas e para os administradores e suas mulheres. Tinha também um dedicado padre... - Lebrun ficou silencioso durante algum tempo, pensativo, como que tentando recordar o sacerdote, e depois voltou à sua narrativa. - Chamava-se Paquin, Père Paquin, um padre francês magrinho, débil, anêmico, mas muito devoto, natural de Lion. O Padre Paquin tinha a seu cargo a capela de St. Jean. Visitava também os forçados do hospital e, ocasionalmente, fazia viagens a outras instalações no continente e também nas ilhas.

-Está me dizendo que era o único sacerdote que havia em toda a colônia penal?

- Sim, o único - respondeu Lebrun. Refletiu durante um segundo e corrigiu: - Não, quando eu cheguei à Guiana havia outros sacerdotes. Bom, a colônia penal tinha já um século de existência, e no princípio estava a cargo dos Jesuítas, que mais tarde foram, no entanto, suplantados pela Ordem francesa da Congregação do Espírito Santo, com sede em Paris. Quando cheguei à Guiana havia lá um Vigário Apostólico, uma espécie de bispo, que residia em Caiena, a capital, responsável perante o Vaticano. O Vigário era uma espécie de administrador de curas que realizavam atividades religiosas nas onze paróquias da Guiana Francesa. Mas três anos depois, isto é, na época a que me reporto, foram todos expulsos, exceto um. Só o Padre Paquin permaneceu.

- E porque é que os padres foram expulsos?

- Porque, como o cura me disse uma vez, estavam decididos a ajudar o pobre rebanho de deserdados da Guiana - como nos chamavam - iniciando uma cruzada internacional de orações de modo a chamarem as atenções para a situação dos condenados. O governo

francês mostrou-se hostil à idéia e procedeu à convocação dos religiosos, opondo-se a todas as atividades do culto na Guiana, apenas permitindo a estada de um cura.

-O seu Padre Paquin?

- Sim - respondeu Lebrun. - Que oficiava na sua capela de St. Jean. Dado que essa igreja não se encontrava decorada e também não tinha outro mobiliário além do altar-mor, do púlpito e de alguns bancos para os fiéis, o cura decidiu, certo dia, melhorar o templo. Pretendeu colocar vitrais nas janelas e pinturas sagradas nas paredes para tornarem o santuário mais espiritual e mais atraente. O cura pretendia um artista para executar a obra e ouviu dizer que eu era o único artista que se podia encontrar entre os oito mil condenados da colônia penal. Desse modo, requisitou a minha transferência da ilha de St. Joseph para a prisão de St. Jean, no continente, Claro que eu não era artista nenhum, nem nunca fui, limitara-me a gravar o busto de La Belle France em notas falsificadas. Mas o fato de eu ser conhecido por ter falsificado uma Bíblia medieval iluminada, fez com que as autoridades do presídio me recomendassem. A mudança de estar sob a custódia dos guardas brutais da ilha para o meu cargo de prestar serviços àquele cura teve tal repercussão que cheguei a pensar que era incrível.

-De que maneira?

-Bom, o Padre Paquin, a parte o fato do seu fanatismo religioso, era um homem razoável, bom para mim e apreciador dos meus talentos criadores. Deixara de me sentir aterrorizado. Era tratado com bondade. Fui submetido a cuidados médicos, deram-me um novo uniforme prisional e roupas interiores limpas, comia uma comida ligeiramente melhor. Embora não sendo um verdadeiro artista realizado, sugeri que os vitrais fossem decorados com citações gregas e latinas tiradas do Novo Testamento. As paredes da capela fossem pintadas com primitivos símbolos cristãos, tais como, o peixe e o cordeiro, e com muitos outros. O cura, entusiasmado, conseguiu obter uma considerável biblioteca de livros para investigações, variadas versões da Bíblia, gramáticas latina, grega e aramaica, histórias ilustradas da Igreja primitiva e outros volumes do gênero. Debrucei-me por todos os livros, absorvi cada uma das palavras contidas, não uma vez nem duas, mas vezes sem conta. Passei um ano a decorar a igreja, obra que mereceu os louvores unânimes dos visitantes, e o Padre Paquin estava orgulhoso da obra e de mim. Durante todo esse período quase imperceptível, fora-me convertendo a Cristo. Sob a orientação do cura, ensinaram-me que a única esperança e paz para mim se encontravam em Deus, no Seu Filho Unigênito, na bondade e no amor. Pela primeira vez, em três anos de injustiça naquele inferno vivo, tive um vislumbre de haver decência na terra e senti o forte querer de me manter vivo para de novo voltar à pátria e voltar a tornar-me outra vez um ser humano. Todavia eu estava ligado à colônia penal até que a morte me arrebatasse... e no entanto, devido aos ensinamentos daquele padre, desejava viver. Foi então que surgiu a grande oportunidade.

- Oportunidade para quê?

-Para ser perdoado. Para ser livre.

Lebrun fez uma pausa, sorveu mais um gole do seu uísque puro e recomeçou o relato.

-Estava-se em 1915 e toda a Europa se encontrava envolvida em luta, durante a primeira fase da Grande Guerra-a Primeira Guerra Mundial. O diretor da colônia penal reuniu os condenados com sentenças de mais curta duração, e alguns dos relégués, os condenados a prisão perpétua, os incorrigíveis, mas só aqueles que tinham demonstrado bom comportamento, e eu entre eles, uma vez que me encontrava sobre a influência e patrocínio do sacerdote. Foi-nos dito que se nos alistássemos como voluntários para

incorporação num batalhão especial do Exército Francês, um batalhão de infantaria destinado a combater na frente ocidental da Europa contra os Hunos, seríamos, depois da guerra, tomados em consideração para clemência do governo. Tudo aquilo se mostrara muito ambíguo, falho de especificação, e poucos foram os condenados que se ofereceram. Quando o meu amigo cura mostrou não compreender a razão porque eu não aproveitara aquela oportunidade, contei-lhe que discutira o caso com os outros condenados e que nenhum de nós se arriscaria a morrer crivado de metralhadora, como carne para canhão, sem uma garantia de recompensa. O Padre Paquin consultou as autoridades e voltou com uma oferta positiva. Se me oferecesse como voluntário para combater pela França, e se conseguisse persuadir os meus companheiros de degredo a fazerem o mesmo, o Ministério da Guerra nos garantiria anistia e liberdade, uma semana depois da guerra acabar. Mais ainda, o Padre Paquin prometeu-me solenemente que «como servo de Nosso Senhor Jesus Cristo, em nome do Salvador, tens a minha promessa pessoal de apoiar a promessa do governo. Dou-te a minha palavra que se te apresentares como voluntário para combater, serás perdoado e restaurado dos teus direitos de cidadão e na liberdade. Dou-te a minha palavra não só pelo governo francês, mas também em nome da Igreja.» Aquilo bastava-me...em parte, devido ao meu poder persuasivo, bastou também aos meus companheiros de desgraça. O governo era uma coisa, mas o cura e a Igreja eram coisas muito diferentes no conceito da infalibilidade e de absoluta confiança. De modo que, juntamente com outros condenados, apresentei-me como voluntário para o exército.

A Randall, aquela parte da narrativa afigurava-se inacreditável.

-Monsieur Lebrun, está a querer dizer-me que na colônia Penal da Ilha do Diabo se formou uma unidade especial que foi enviada para França para lutar contra os alemães?

-Exatamente.

- Mas então porque é que eu nunca li semelhante coisa nos livros de história?

- Compreenderá imediatamente porque, é que o caso não teve uma grande publicidade - respondeu Lebrun. Coçou a coxa no local onde o coto estaria ligado à perna artificial (pelo menos segundo pensou Randall), voltando seguidamente à narração. Inspirados pela promessa solene do nosso cura, apresentamo-nos como voluntários para um corpo de infantaria. Embarcamos em Caiena e desembarcamos em Marselha no mês de junho de 1915. Embora em condições especiais, voltávamos a pisar o solo da nossa bem-amada França. O nosso regimento foi formado. Os nossos oficiais eram os guardas da Ilha do Diabo. Possuíamos todos os privilégios dos verdadeiros soldados, salvo um: enquanto fizéssemos parte do exército nunca poderíamos ter uma licença. Fomos designados como Força Expedicionária da Ilha do Diabo e colocados sob a chefia dos corpos de exército comandados pelo general Philippe Pétain.

-E chegaram a entrar em combate?

-Fomos enviados na verdade para a frente? -diretamente para as linhas de combate nas trincheiras de Flandres. Estivemos na frente, consecutivamente durante três anos. O nosso batalhão sofreu tremendas baixas naquele espantoso banho de sangue, mas sempre era melhor do que o inferno que deixáramos para trás, principalmente devido à garantia que nos fora dada pelo cura. Batemo-nos como verdadeiros leões. Devido a estarmos sempre na vanguarda, e sem podermos ser rendidos, ficaram nos campos de batalha dois terços dos mil e oitocentos homens pertencentes à Força Expedicionária da Ilha do Diabo. Os que sobreviveram ficaram em parte mutilados. A seis meses do Armistício, a minha perna esquerda ficou crivada de estilhaços pela artilharia alemã. A perna teve de ser amputada, mas eu salvei-me. Era um gigantesco preço a pagar pela liberdade, mas quando acordei no

hospital depois da amputação decidi que valia bem a pena. Assim que o coto cicatrizou, aprendi a andar com uma perna artificial primitiva, uma perna de pau muito rudimentar. Veio então o Armistício e a almejada paz. Eu era ainda um jovem e pensava que estava prestes a começar uma nova vida. Com cerca de seiscentos outros sobreviventes do nosso corpo expedicionário, celebrei na mais ruidosa alegria o nosso regresso a Paris, onde devíamos esperar a proclamação da nossa anistia. Logo que chegamos à capital fomos levados para a prisão de La Santé. A ida para a prisão era uma coisa que não esperávamos e apelei para o meu cura-o Padre Paquin fora capelão do exército num posto de comando das linhas de reserva -e perguntei-lhe o que é que se passava. Ele abençoou-me e agradeceu-me o sacrifício, até me abraçou como se eu fora um filho pródigo voltando ao lar, e assegurou-me em nome do Salvador que a estadia na prisão constituía uma espécie de alojamento temporário antes da nossa libertação. Garantiu-me que a nossa liberdade seria concedida no espaço de uma semana. Fiquei tão aliviado e contente que até chorei de alegria. Passou uma semana. Então, certa manhã, chegaram subitamente à Santé os nossos antigos guardas corsos da Guiana, reforçados por uma multidão de novos guardas, armados de espingardas de baioneta calada, arrebanharam-nos como gado, levaram-nos à ponta de baioneta até vagões de gado e fomos conduzidos a Marselha. Naquele porto, substituíram-nos os uniformes por outros de prisioneiros e informaram-nos que, por razões de segurança nacional, devíamos regressar todos a le bagné, às instalações de degredo na Guiana, para continuarmos cumprindo as nossas condenações. Impossível uma revolta. Tínhamos demasiadas armas apontadas contra nós, foi um autêntico suicídio. Vi de relance o Padre Paquin. Chamei-o em voz alta, mas o rosto dele manteve-se impassível, limitou-se a encolher os ombros. Recordo-me perfeitamente que o último gesto que fiz antes de embarcar foi mostrar ao cura o punho fechado e gritar-lhe: «A Igreja não passa de fumier et ordure (monte de esterco)! Merde para o teu Cristo! Hei de me vingar!»

Randall abanou a cabeça cheio de descrença.

-Isso ocorreu de verdade?

- Sim, aconteceu. Não tenha a mínima dúvida. Tudo se encontra registrado nos arquivos, em Paris, dos Ministérios da justiça e da Defesa Nacional. E assim, nós que tínhamos dado o nosso couro na defesa da França voltamos como recompensa, para os mosquitos, para as mutucas, para os morcegos-vampiros, para o monstruoso calor, para os pântanos, a malária, os trabalhos forçados, os espancamentos e toda a brutalidade da Ilha do Diabo. Mas dessa vez eu tinha ainda uma razão para viver, para sobreviver. Não existe para um homem motivo mais forte do que a vingança. Eu queria vingar-me. Vingar-me do duro governo sem coração e sem palavra? Contra o padre perjuro e traidor? Não. Queria ter oportunidade de me vingar de maneira estrondosa de todo o dolo representado pela religião, verdadeira inimiga da vida, veneno e ópio que em vez de salvar, só oprime o homem com as suas falsas falinhas mansas a respeito de um bondoso Salvador. A minha antiga fé estava tão mutilada, tão coxa como o meu corpo. E foi durante a viagem no navio que nos levou a St. Laurent-du-Moroni que eu concebi o meu golpe de mestre -golpe de graça contra todos os vendilhões do Cristo, contra a própria hierarquia da Igreja pela decepção que um dos seus membros me impusera da forma mais perjura e cruel, numa jura que me fizera pela sua própria fé. Concebi, na sua forma rudimentar, o Evangelho Segundo Jacob e o Pergaminho de Petrônio. Desde 1918, ano em que regressara à colônia penal da Guiana Francesa, até 1953, quando a colônia foi finalmente fechada e abandonada pela Comissão de Liquidação francesa devido à má reputação que as suas péssimas

condições desencadearam em todo o mundo, com constantes protestos, fiz cuidadosos preparativos para o meu golpe.

Horrorizado e fascinado, sentindo-se, ao mesmo tempo, chocado e cheio de simpatia por aquele homem submetido a tais provações, Randall continuou ouvindo a estranha história descrita pelo velhote.

Como preso exemplar, as autoridades da colônia haviam conferido a Lebrun mais latitude do que aos outros condenados. Por meio de fazer gravações artísticas em cascas de coco, de realizar vários trabalhos de artesanato e pergaminhos sobre obras religiosas que eram bem vendidos em Caiena, por meio de falsificação de manuscritos medievais (enviados pelo correio para Paris por um guarda colaborador, que metia ao bolso uma percentagem de trinta por cento), vendidos a negociantes de arte através contatos criminosos. Lebrun conseguira obter o dinheiro necessário à compra de livros sobre religião para as suas investigações. Pôde também comprar material para fazer notas falsas, vendidas a preços irrisórios aos passadores oficiais, o que aumentou as suas potencialidades de obter livros raros destinados ao seu projeto.

Durante os trinta e cinco anos do seu segundo degredo, Lebrun, à custa de enormes esforços, tornara-se um autêntico perito sobre Jesus, sobretudo o que existe relativo ao Novo Testamento, ao aramaico e grego, a papiros e pergaminhos. Em 1949, devido ao seu excelente cadastro no degredo, a sua posição fora mudada de condenado a prisão perpétua, para liberto condenado que saía do confinamento da colônia penal, mas que tinha de permanecer nas vizinhanças das instalações de degredados. Mudando o seu uniforme de riscas de preso pelo de ganga azul de liberto. Lebrun fora viver num pobre aldeamento perto do Rio Maroni, a curta distância de St. Laurent, continuando a fazer souvenirs e da falsificação de manuscritos. Em 1953, quando acabara a colônia penal da Guiana, os relégués foram enviados para França a fim de continuarem cumprindo as suas condenações em prisões governamentais, e Lebrun, com outros libérés regressara finalmente a Marselha a bordo do cargueiro Athesli, sendo posto em completa liberdade em solo da França.

Estabelecendo outra vez a sua casa em Paris, Lebrun reatara a sua falsificação clandestina de notas de banco e passaportes, de modo a obter o dinheiro preciso para se sustentar e para adquirir os caríssimos materiais necessários para perpetrar a sua mistificação há tanto tempo planejada. Logo que tudo preparou, voltara para sempre as costas à França. Depois de ter enviado de contrabando para Itália um caminhão com os materiais para a fraude. Lebrun estabelecera residência em Roma e começara a criar a sua tremenda e pavorosa falsificação bíblica.

Chegado a essa parte da narrativa, Randall quis saber pormenores.

-Mas como é que o senhor pôde começar a aspirar enganar os peritos e os teólogos? Posso compreender que pudesse ter aprendido grego suficiente, mas segundo me têm dito o aramaico é na verdade um quebra-cabeças para além de ser uma língua atualmente extinta...

- Não, ainda não está completamente extinta garantiu Lebrun com um sorriso. - Na sua forma presente ainda é falada por muçulmanos e cristãos na área fronteiriça do Curdistão. Quanto ao aramaico do tempo de Jesus, na verdade um quebra-cabeças, como disse, lembre-se que lhe dediquei quarenta anos da minha vida, de longe muito mais que dediquei a todos os refinamentos da minha língua nativa, o francês. Estudei o aramaico através de revistas especializadas em filologia, etimologia, lingüística; revistas que publicavam os artigos publicados pelas maiores autoridades mundiais em aramaico como o Abade,

Petropoulos de Simopetra e Dr. Jeffries de Oxford. Consultei muitos livros de estudo sobre o assunto, incluindo uma Gramática do Aramaico Bíblico, de autoria do filólogo alemão Franz Rosenthal, livro que encontrei em Wiesbaden depois de muitas pesquisas. Mais importante ainda, obtive e estudei em reprodução-que copiei à mão centenas de vezes de modo a que pudesse escrever facilmente a linguagem- os primitivos manuscritos aramaicos do Livro de Enoch, do Testamento de Levi, da Apócrifa Geral do Genesis. Na verdade uma linguagem difícil, mas com aplicação acabei por dominá-la.

Impressionado, Randall quis ainda saber mais detalhes.

-Monsieur Lebrun, o que me intriga mais é a autenticidade dos papiros. Como é que conseguiu fabricar papiros que fossem capazes de passar pelos complicados testes científicos?

-Não tentando sequer fabricá-los -disse Lebrun com simplicidade. -Tentar reproduzir o antigo papel foi uma coisa tola. Na verdade, os papiros, bem como o pergaminho, foram os elementos menos difíceis da falsificação. Talvez os mais perigosos, mas os mais fáceis. Como muito bem sabe, Randall, eu não fui somente um falsário mas também um habilidoso ladrão. Os meus amigos do mundo clandestino eram criminosos e ladrões. Atuando em conjunto, durante um período de dois anos, conseguimos adquirir os materiais antigos para eu poder escrever. Devido aos meus intensivos estudos, conhecia a localização de todos os documentos e códices catalogados pertencentes ao século I, além de saber também, por meio de contatos especializados, onde se encontravam as descobertas ainda não catalogadas. Conhecia a fundo os museus públicos e as coleções particulares, bem como as bibliotecas onde os documentos se encontravam expostos. Nunca descurei o conhecimento dos milionários com coleções privadas. Muitos documentos têm páginas em branco no princípio e no fim da obra, ao passo que a maior parte dos códices possuem folhas não utilizadas. Foi essas folhas em branco que roubei ou mandei roubar.

A audácia do sujeito espantava Randall.

- Pode especificar? Isto é, que coleções escolheu? Onde se encontravam?

Lebrun abanou a cabeça negativamente.

- Prefiro não lhe dizer os lugares exatos onde me apropriei, contra a vontade dos donos, de um certo número de papiros e pergaminhos, mas não me importo de lhe falar de um certo número de coleções que tivemos debaixo da mira, entre os quais algumas que visitamos depois, eventualmente, com intenções mais sérias. Posso falar-lhe da Biblioteca Vaticano e do Museu de Turim na Itália, da Biblioteca Nacional na França, da Biblioteca Nacional de Viena, na Áustria, da Biblioteca Bodmer situada perto de Genebra, na Suíça, e de numerosos locais na Grã-Bretanha, como a Coleção Beatty em Dublin, a Biblioteca Rylands em Manchester e o Museu Britânico em Londres.

-Praticaram na verdade roubos nesses locais?

- Sim, praticamos roubos em alguns deles, não em todos... principalmente porque nem todos possuíam papiros e pergaminhos datando exatamente do século 1. O Museu Britânico foi particularmente frutífero em tal matéria. Uma fonte fascinante, a mais completa no assunto, de fato o museu ofereceu-me um rolo de papiro do século I com bastantes áreas em branco, um papiro de Samaria com uma grande porção sem nada escrito, mas melhor ainda, grande parte dos papiros do museu, com grande quantidade de porções em branco, não se encontravam catalogados por falta de pessoal e carência de fundos de manutenção. A seguir, deixe-me ver, encontrei um verdadeiro tesouro na Biblioteca Nacional do meu querido Paris nativo-milhares desses manuscritos em

armazém, não traduzidos, não publicados, sem figurarem nos catálogos.

Que pena um tal desperdício. De modo que, apoderei-me de algumas folhas de papel de pergaminho em branco, de documentos do século I, e dei-lhes o melhor uso possível. Compreende?

- Claro que sim - respondeu Randall. - Mas como raio é que conseguiu praticar essas coisas?

- Ora, praticando-as, fazendo o melhor trabalho possível com as minhas próprias mãos - respondeu Lebrun com um ar perfeitamente ingênuo. - Procedendo com o maior cuidado, mas objetivamente. Entrei em certo museu de madrugada, noutros escondi-me até à hora de fechar. Em ambos os casos, uma vez desligados os sistemas de alarme, levei eu próprio a cabo os roubos. Para os museus mais protegidos, utilizei os serviços de colegas mais práticos no assunto, pagando-lhes bem. Em dois exemplos, empreendia negociações. Bem sabe como os pobres guardas dos museu e bibliotecas são mal pagos. Alguns têm famílias numerosas, muitas bocas a alimentar. Uns modestos subornos fazem abrir muitas portas. Não, Randall, de fato não foi muito difícil obter a soma de papiros e pergaminhos de que necessitava. E, se não se importa, tudo peças autênticas, os pergaminhos não anteriores ao ano 5 antes de Cristo e os papiros não posteriores a 90 da nossa era. Como tinta utilizei uma fórmula usada desde 30 D.C. até 62 D.C., que reproduzi com um ingrediente especial-bastante idoso, juntamente com negro-de-fumo e um fixador vegetal, a verdadeira tinta empregada pelos escribas dos primeiros séculos da nossa era.

-Mas o conteúdo do seu relatório Petrônio e o Evangelho de Jacob... Como é que ousou inventá-los como fez? Como é que pôde pensar que aceitariam tais documentos pelos mais esclarecidos teólogos e eruditos do mundo?

A boca de Lebrun entreabriu-se numa careta de troça.

-Em primeiro lugar, porque existia uma desesperada necessidade de tais documentos. Aqueles, dentro do meio religioso, ávidos de dinheiro, ou de poder, que desejavam com todo o seu ser que uma tal descoberta fosse feita para os beneficiar. Os líderes religiosos prepararam para um achado de tais repercussões, desejavam que fossem descobertos tais documentos. A época e o clima estavam amadurecidos para uma nova ressurreição de Jesus. Também porque nenhuma das idéias, ou ações que invoquei em nome de Petrônio ou de Jacob, foram completamente inventadas por mim. Quase tudo o que aproveitei havia já sido antes sugerido pelos patriarcas da Igreja, pelos historiadores religiosos, ou por primitivos escritores de outros evangelhos das épocas que se seguiram ao século I. Tudo estava feito, à espera de moldagem, tudo negligenciado ou completamente ignorado, exceto pelos teóricos da história do cristianismo.

-Pode dar-me alguns exemplos? Começemos pelo Pergaminho Petrônio. Houve realmente um centurião chamado Petrônio?

-O perdido Evangelho de São Pedro diz que houve.

-O perdido Evangelho de São Pedro? Nunca ouvi falar de semelhante coisa.

-Mas existe-garantiu Lebrun.-Foi encontrado numa antiga necrópole perto da cidade de Akhmim, no Alto Nilo, Egito, em 1886 por arqueólogos franceses. O Evangelho de Pedro é um códice em pergaminho escrito por volta de 130 D.C. Difere dos evangelhos canônicos de muitas maneiras diferentes. Diz que foi Herodes -não os judeus, nem Pilatos mas Herodes o responsável pela execução de Jesus. Também diz que o homem que comandava a centúria de legionários encarregados da execução da sentença se chamava Petrônio.

-Macacos me mordam! -exclamou Randall sem se poder conter. - Quer-me dizer que o Evangelho de Pedro é fidedigno?

- Não só fidedigno, como, segundo Justino o Mártir – que se converteu ao cristianismo em 130 D.C. -, o Evangelho de Pedro, nessa altura, era mais respeitado do que o são presentemente os quatro evangelhos conhecidos. No entanto, quando se procedeu à coletânea do Novo Testamento no século IV, o Evangelho de Pedro não foi admitido, foi posto de lado e relegado para os Documentos Apócrifos - isto é, os escritos de autoridade e autenticidade duvidosa.

- Percebo - disse Randall. - Mas, no seu Pergaminho Petrônio, coloca Jesus sendo julgado como revolucionário e subversivo, um homem que se considera acima da autoridade de César. O que é que o levou a pensar que os peritos engoliriam tal isca?

- Simplesmente porque a maior parte dos eruditos bíblicos acreditavam no fundo que essa rebelião e subversão foram coisas verdadeiras - respondeu Lebrun. - Para apoiar o que lhe digo basta-me que lhe cite uma passagem, que é um desafio, da obra iconoclástica. O Evangelho Nazareno, Restaurado, por Graves e Pedro: «Não há dúvida que Jesus foi ungido e coroado Rei de Israel; mas os editores do Evangelho empenharam o melhor dos seus esforços, e com êxito, para ocultarem o fato devido a meras razões políticas.»

-E quanto à sua falsificação do Evangelho Segundo Jacob... os variados discursos que atribui a Jesus, constituem fatos ou trata-se de ficção?

Os olhos de Lebrun brilharam por trás das grossas lentes.

- Mon cher Monsieur Randall, acertemos numa coisa: o fato constituiu a base para a minha ficção. O Logos, o Verbo do Senhor, apresentou-se como coisa de somenos, não me levantou praticamente problemas. Para isso consultei os documentos apócrifos, os documentos antigos de duvidosa exatidão. Tomemos como exemplo um antigo documento achado numa escavação arqueológica, a Epístola Yacobi Apocrypha - documento Apócrifo de Jacob, uma coletânea de dizeres atribuídos a Cristo. Ora eu pedi emprestado alguns desses discursos, tendo apenas que os rever ou compando-os para os melhorar ou aumentar. No documento, também chamado Apoeryphon, quando Jesus se despede de Jacob, lê-se: «Depois de pronunciar semelhantes palavras, o Senhor foi-se embora. Mas nós caímos de joelhos em terra e eu e Pedro, agradecemos de todo o coração e os nossos corações elevaram-se para o Alto.» na Versão Revista Segundo Lebrun, pus a coisa assim: “E o Senhor despediu-se de nós, lançou-nos a sua bênção e perdeu-se na neblina e na escuridão. Então, caímos de joelhos e agradecemos ao céu elevando Para ele os nossos corações.”

Com ar de satisfação, Lebrun lançou uma olhada para Randall, esperando a reação dele.

Mais uma vez Randall abanou a cabeça admirado pela audácia do homem.

- Vejo o que quis dizer com o fato servir à ficção. Mas gostaria de saber ainda mais coisas. E quanto à descrição de Jesus por Jacob? Não esperava um tal Cristo, com olhos pequenos, nariz grande e adunco, rosto desfigurado por cicatrizes e deformidades, encontrasse resistência em serem aceitas?

-Não. Existem antigas insinuações, sugestões da aparência pouco atraente de Cristo. Clemente de Alexandria quando verberava os fiéis preocupados com as suas boas aparências exteriores, lembrava-lhes que Jesus tinha «um semblante feio, deformado». André da Creta escreveu que Jesus «tinha sobranceiras hirsutas e que se ligavam». Cirilo de Alexandria recordou que Cristo possuía «um semblante muito feio», acrescentando, no entanto, que «comparada à glória da divindade, a carne não possuía qualquer valor». Será preciso continuar?

- Não. Mas o que é que o induziu a escrever que Jesus sobreviveu à crucificação?

- Ora, existe uma longa tradição que Jesus não morreu quando foi crucificado. Inácio, que

foi bispo de Antioquia, na Síria, em 69 D.C., declarou que Jesus estava «em carne» depois da Ressurreição. Segundo Irineu, o respeitado Papias - que foi bispo de Hierápolis - conheceu pessoalmente o discípulo João, e esse Papias declarou que Jesus não morreu antes dos cinquenta anos. Os rosa-cruzistas sempre reivindicaram possuir antigos documentos a provarem que Jesus escapou à morte da Cruz de Jerusalém. Um historiador rosa-cruz escreveu o seguinte: «Quando os discípulos entraram no túmulo foram dar com Jesus repousando tranqüilamente, recuperando com rapidez, força e vitalidade». Essas mesmas fontes declararam também que a seita dos Essênios ocultou Jesus. Incidentalmente, essênio não significa só «santo» como também «curandeiro», médico. Um essênio pode muito bem ter curado Jesus. Foi esse o pomo de discórdia arremessado para a arena das discussões religiosas por Karl F. Bahrdt e Karl H. Venturini, que escreveram uma vida de Jesus nos últimos anos do decênio começado em 1700. Teorizaram que os essênios foram os promotores dos milagres de Cristo, os promotores da Ressurreição, e disseram que Jesus foi descido da Cruz não morto, mas, apenas inconsciente, sendo depois reanimado, voltando à vida por um curandeiro ou médico essênio.

-E esse caso de fazer Jesus andar por Roma?

- Sim... Roma - proferiu Lebrun, repetindo a palavra arrastada, quase com amor. - Esse, foi o meu maior risco... mas afinal porque não? Os judeus fariseus do século II acreditavam que o Messias se revelaria em Roma. Pedro viu Jesus, em carne, na Via Apia. O historiador romano Suetônio, responsabilizou Cristo por fomentar desordens em Roma. De fato, existe uma tradição reportando Jacob dizendo aos seus partidários que se qualquer deles imaginasse onde estaria Deus, ele podia garantir-lhes que «o vosso Deus está na grande cidade de Roma».-Lebrun fez uma pausa, considerando aquilo que tinha dito. Pareceu ficar satisfeito.-Penso que Roma foi uma coisa bastante lógica.

-Aparentemente foi.

-Vê, Monsieur Randall, quase todos os conceitos da minha falsificação foram baseados em qualquer antiga indicação. Precisamente as mesmas indicações e pistas que têm levado os teólogos dos tempos modernos e os eruditos do Novo Testamento a tentarem reconstituir a vida de Cristo, preenchendo os espaços vazios, por meio de dedução e de lógica, por meio de interpretação do ambiente do tempo e com a aplicação de teorias. Os modernos eruditos bíblicos sabem, que os atuais quatro evangelhos, não constituem a história concreta, verídica. Os quatro evangelhos canônicos não passam de uma série de mitos reunidos muito juntinhos, muito embora esses mitos tenham sido baseados em ocorrências verdadeiras. Isso tem desafiado muitos peritos modernos a especularem sobre aquilo que realmente poderá ter acontecido nos primados do século I. Esses peritos de nada gostariam mais, do que virem a constatar, que a razão estava com eles por meio da descoberta de um perdido evangelho-um evangelho que sempre se acreditou que existisse como a fonte primeva para os quatro evangelhos aceitos -preenchendo todos os buracos em aberto. De modo que, fosse qual fosse, a resistência que o Jacob e o Petrônio pudessem encontrar, continuariam a haver centenas de teólogos e eruditos vivos para clamarem: «Finalmente, a prova daquilo que durante tanto tempo teorizamos afinal aconteceu!»

- Bom, a sua suposição saiu certa, Monsieur Lebrun. Os peritos internacionais mais respeitados estudaram o seu Jacob e o seu Petrônio e aprovaram os documentos como verdadeiros.

- Nem um só minuto duvidei que isso viesse a acontecer - garantiu Lebrun complacente. -

Depois de conseguir enterrar a minha falsificação -e digo que, de certo modo, esse segundo e último passo foi o mais difícil...

- O mais difícil porquê? - interrompeu Randall.

-Porque fui forçado a utilizar a área de Ostia Antica como o local para a descoberta, apoiando as idéias descritas pelo Professor Monti e para o envolver mais tarde no assunto, e porque tive então de enfrentar problemas difíceis de resolver.

-De que maneira?

-Ocultando o meu trabalhinho em qualquer caverna de Israel ou da Jordânia, ou em qualquer subsolo poeirento de mosteiro no Egito, foi mais fácil e mais lógico. A maioria das descobertas bíblicas realizaram-se nessas áreas secas. Mas em Ostia Antica... pavoroso. Ninguém poderia imaginar um lugar mais improvável para um papiro sobreviver dezenove a vinte séculos. Pôs-se o problema da água. Nos antigos tempos a elevação dos terrenos de Ostia era tão pouca que as águas do Tibre inundavam a zona com frequência. Nenhum papiro, nem pergaminho, resistiria a essas constantes inundações. Tive então que me apoiar noutro fato histórico. No século II, o Imperador Adriano mandou demolir Ostia e reconstruiu-a numa elevação, com cerca de mais um metro de nível, de modo a neutralizar as inundações. Dominei o problema tomando a decisão de meter os manuscritos num bloco de pedra.

- E isso não seria imediatamente um caso para despertar suspeitas?

- De modo nenhum - respondeu Lebrun. - Sabia que muitos mercadores abastados tinham outrora vivido em Villas situadas no Litoral, perto de Ostia Antica... e se um desses mercadores, um judeu que fosse em segredo um cristão, tivesse desejado preservar manuscritos valiosos trazidos da colônia da Palestina, seria precisamente essa a maneira que utilizaria.

- De modo que para preservar os documentos teve de se servir de um bloco de pedra antiga?

- Mas não foi assim tão fácil - garantiu Lebrun. - As pedras italianas não garantem proteção suficiente contra as infiltrações do elemento líquido. A argila apropriada ao clima seco do Mar Morto, era demasiado frágil para uma área marítima como Ostia. A tufa calcária, muito comum, provava-se demasiado porosa. Até mesmo os mármore são sujeitos a fragmentar-se por ação da água. Finalmente fixei-me em uma das vinte e cinco variedades de granito cinzento, um granito durável, uma qualidade de granito sem mistura de feldspato que incha e se enfola debaixo da água. Consegui arranjar um grande bloco desse granito antigo, dei-lhe a forma quadrada para assemelhar-se a um suporte de pedra que tivesse servido para manter qualquer peça de estatuária, depois serrei o bloco ao meio no sentido horizontal e modeliei um côncavo em cada uma das partes. Seguidamente meti os papiros e o pergaminho em bolsas protegidas com óleo, coloquei-os dentro de um vaso de olaria, selei o vaso e enfiei-o dentro do buraco cinzento do bloco de granito. Selei também o bloco com breu, envelheci os materiais e enterrei tudo numa área ainda não sujeita a escavações, onde se pensava que houvessem em camadas, enterradas, ruínas do segundo século e possivelmente também do primeiro. Esperei alguns anos para que o bloco enterrado se confundisse com a terra e ganhasse a cor necessária e foi então que abordei o Professor Monti com um fragmento que detivera e que pretendi fosse descoberto num outro vaso enterrado na área. Logo que tive Monti do meu lado, nunca mais me preocupei. Randall pensou que tudo aquilo que ouvira era diabólico. Para ter realizado semelhante trabalho, aquele velhote que estava na sua frente, ou era um louco, ou um gênio perverso. Ou ambas as coisas, se na verdade levava tal obra a cabo e não fantasiava.

-E agora está pronto a revelar ao mundo a sua mistificação do Evangelho de Jacob e do Pergaminho de Petrónio?

- Estou pronto.

- Julgo que disse que já antes, uma ou duas vezes, tentou fazer a revelação.

- Sim. No ano passado encontrei-me com Monti, porque necessitava de dinheiro urgente. Ameacei-o de tornar conhecida a fraude se não me entregasse mais dinheiro, aliás plenamente merecido por mim. Confesso, no entanto, que se ele me tivesse entregue a massa só manteria a palavra dada de nada revelar por um período muito curto. Mas teria que continuar a possuir parte da minha prova de falsificação para mais tarde revelar a mistificação ao mundo. Isso porque, com dinheiro ou sem ele, nunca poderia deixar que a Igreja escapasse à minha vingança. Depois, mais recentemente, entrei em negociações com outra parte interessada. Mas, as coisas ficaram em águas de bacalhau, quando vi que essa parte agia como intermediária a soldo da própria Igreja, que pretende a todo o custo adquirir as minhas provas a fim de as suprimir, de modo a salvar a falsa fé e a Bíblia mentirosa, forjada.

- Está pronto a vender-me essa prova se eu revelar ao mundo toda a história?

- Estou, mas de acordo com uma compensação monetária adequada - disse Lebrun com delicadeza.

- E o que é que considera como uma compensação monetária adequada? - perguntou Randall, acrescentando rapidamente: Isto é, tendo em consideração que eu sou um mero indivíduo e não uma instituição bancária.

Lebrun acabou de beber o seu uísque.

- Serei razoável se o pagamento for em dólares americanos...

- Será em dólares americanos.

- Vinte mil dólares.

-É uma grande quantia.

- Pode ser dividida em duas prestações - disse Lebrun. No fim de contas aquilo que lhe darei torná-lo-á rico e famoso.

- E o que é que me dará em troca do dinheiro?

- A prova - respondeu Lebrun. - Uma prova da minha falsificação irrefutável e indiscutível.

-Que prova é essa?

- Em primeiro lugar um fragmento de papiro que preenche uma lacuna, o que falta e que constitui o buraco do Papiro Número 3 a que se referiu no Doney. Esse fragmento consiste na seção desaparecida que Monti lhe recitou na casa de saúde, aquela em que Jacob fala dos irmãos de Jesus e seus. Mede mais ou menos 6,5 por 9,2 centímetros e ajusta-se perfeitamente ao buraco do chamado original.

-Mas os peritos poderão dizer que se trata de um fragmento autêntico, tão autêntico e verdadeiro como o resto dos papiros que se encontram em Amsterdã?

Lebrun arreganhou os lábios num sorriso malicioso, arqueando ao mesmo tempo uma das sobrancelhas.

-Há muito tempo que previ essa possibilidade, Monsieur Randall. Esse fragmento, por mim mantido, posta na folha de papiro comprimida, desenhada com tinta invisível, sobre o texto que é visível, metade de um peixe atravessado por um dardo ou arpão. A outra metade está no Papiro Número 3. O fragmento que mantenho oculto tem também a minha assinatura e um pequeno texto escrito pela minha mão dizendo que a obra não passa de uma falsificação. Não, não pense que poderá tornar legível essa tinta invisível por métodos

infantis - não é feita de leite para poder tornar-se passível de aparecer quando exposta ao calor. Não, nada disso. A tinta baseia-se numa fórmula usada por Locusta...

- Por quem? - interrompeu Randall?

-Nunca ouviu falar de Locusta? Era a envenenadora oficial do Imperador Nero pouco depois da época que eu arranjei para Jesus ser expulso de Roma. Locusta ensinava aos alunos as suas receitas de venenos e costumava experimentar as mistelas nos escravos. Por ordem da mãe de Nero, Locusta misturou veneno numa iguaria de cogumelos estufados comida pelo Imperador Cláudio. Diz-se que matou dez mil pessoas com as suas poções. Naturalmente, tornava-se necessário à envenenadora comunicar frequentemente em segredo com Nero, de modo que se tornou adepta das tintas invisíveis. Acontece que acabei por descobrir uma das melhores, e menos conhecidas, fórmulas de Locusta.

- Pode dizer-me em que consiste?

Lebrun hesitou durante um segundo, depois mostrou os seus descoloridos dentes.

-Vou dizer-lhe nove décimos da fórmula. O décimo restante só será revelado depois de o nosso negócio estar concluído. Na realidade, Locusta apreendeu a fórmula, melhorando-a depois, a partir dos escritos de um tal Philon de Bizâncio, um cientista grego. Philon, por volta de 146 A.C., inventou uma tinta invisível feita de um ácido confeccionado com bagas de centáurea. Escrevendo com essa tinta, os caracteres não podiam ser vistos. Para tornar visível a escrita devia aplicar-se aquilo a que agora se chama sulfato de cobre misturado com um outro ingrediente. Muito exótico. Se tudo for cumprido como esperamos, terá conhecimento da fórmula completa e poderá então fazer revelar o meu nome, texto e desenho que agora são invisíveis no papiro, denunciando a autenticidade de todo o evangelho de Jacob. Para a minha entrega dessa fórmula e do fragmento desaparecido, que acabei de descrever, será preciso obter a primeira metade dos vinte mil dólares em que assentamos o pagamento. Se estiver satisfeito, dar-lhe-ei depois a parte restante e a prova mais concludente da minha falsificação a troco dos outros dez mil dólares.

-E que prova concludente será essa?

Lebrun continuou a sorrir.

-Fragmentos adicionais que preenchem todas as lacunas do evangelho de Jacob. Monsieur Randall, conhece com certeza os jogos de paciência, os chamados quebra-cabeças, não é verdade? Como sabe, cada uma das pequenas peças, recortadas da forma mais extravagante, têm que se ajustar para completar a final figura. Ora aí está: os editores em Amsterdã possuem vinte e quatro papiros, alguns dos quais com um ou dois desaparecidos, ao todo nove pequenos fragmentos perdidos; pois eu tenho essas nove peças do quebra-cabeças. Cada um dos fragmentos irregulares, tirados dos papiros da Ressurreição Dois, se ajustará perfeitamente ao conteúdo que falta para completar o puzzle. Quando esses fragmentos desaparecidos forem utilizados para preencher as falhas, a prova da fraude e da mistificação será óbvia e irrefutável. Tenho oito desses fragmentos. Uma das peças foi a que mostrei a Monti, mas as outras oito estão bem protegidas numa caixa de ferro bem oculta. Serão as coisas que acabo de descrever suficientes para o convencer que o Novo Testamento Internacional se baseia num embuste?

-Sim-respondeu Randall. Sentia a pele dos braços arrepiar-se, como se fosse pele de galinha.-Julgo que sim. E quando é que me pode fornecer as provas?

-Quando é que as quer?

-Esta noite - respondeu Randall.- Agora mesmo.

-Não, possivelmente não poderei...

- Então amanhã.
- Amanhã também não. Claro que tenho tudo muito bem escondido. Voltei a ocultar as provas no ano passado depois do meu encontro com Monti. Muito recentemente, quase que estive tentado a ir buscar as provas ao lugar onde estão para as mostrar a um eventual comprador... mas depois tive sérias dúvidas a respeito das intenções dele. Resolvi não ir buscar os artigos até ter a certeza da honestidade da pessoa interessada. As minhas suspeitas acabaram por justificar-se. De modo que, Monsieur Randall, essas provas continuam escondidas no lugar onde as oculte há mais de um ano. Em resultado disso... bom, não me posso explicar melhor... levará algum tempo para buscar os fragmentos. O local é fora de Roma, não muito longe, mas ainda assim necessito de um prazo mais largo do que até amanhã para ir buscar os artigos.
Pensando qual seria o lugar em que o homem ocultara as provas e que complicava a entrega, Randall decidiu não mostrar pressa, nem forçar mais explicações.
-Pois muito bem, já que não pode ser amanhã, em vista das circunstâncias que me expôs, digamos então que me trará as coisas depois de amanhã, na segunda-feira, está bem?
-Certo-garantiu Lebrun.-Depois de amanhã posso entregar-lhe aquilo que tenho.
-Dê-me a sua residência. Irei ter consigo.
-Não-disse Lebrun, ao mesmo tempo que se levantava com lentidão. - Não, não seria prudente, nem aconselhável. Encontramo-nos no café Doney às cinco horas da tarde. Procederemos então à nossa permuta. Se quiser, viremos depois aqui, ao seu quarto, para ver se fica satisfeito.
Randall levantou-se.
-Ok, no café Doney, às cinco de segunda-feira.
Enquanto se encaminhavam para a porta, Lebrun, de viés, contemplou atentamente Randall.
-Desde já, posso prometer-lhe que não ficará desapontado. Au revoir, mon ami. Este é um dia glorioso e feliz.
Observando Lebrun coxeando a caminho do elevador, Randall perguntou a si mesmo porque é que para ele, apesar de ter alcançado os seus objetivos, aquele dia não lhe parecia nem glorioso nem feliz.
Depois, vendo o falsário entrar no elevador, encontrou subitamente a resposta.
A fé tinha voado.

CAPÍTULO 10.4

Havia ainda um dever a cumprir, uma tarefa obrigatória e pouco confortável a desempenhar antes de Randall começar a sua vigília de quarenta e oito horas. Tinha que fazer uma ligação telefônica de longa distância. Randall pediu a ligação para o Grande Hotel Krasnapolsky de Amsterdã, diretamente para falar com George L. Wheeler.
O editor ainda se encontrava em seu gabinete da Ressurreição Dois, e a secretária dele estabeleceu rapidamente a ligação.
-Steve? - rosnou Wheeler.
-Olá, George, pensei que era meu dever...
-Onde raio é que você está desta vez? -interrompeu Wheeler.-Ouvi a minha secretária dizer...
-Estou em Roma. Deixe-me explicar o que se passa.
-Em Roma?-explodiu Wheeler. -Macacos me mordam! Em Roma?... E porque é que você não se encontra sentado à sua escrivaninha trabalhando? Não o esclareci suficiente, que agora precisava de todas as pessoas trabalhando, vinte e quatro horas por dia, a fim de

estarmos prontos para a conferência de sexta-feira no palácio real? Já não fiquei muito satisfeito quando Naomi me disse que você escapara ontem de Amsterdã, para fazer umas pesquisas não sei onde, mas esperava que voltasse ontem à noite...

-Eu também contava poder voltar a noite passada, mas aconteceu uma coisa de suma importância...

-Não existe nada de mais importante que o nosso trabalho, por isso mesmo espero vê-lo, de uma vez por todas, sentado à sua escrivaninha, e não se levantar da cadeira sem completar o seu trabalho. Temos que estar prontos para anunciarmos...

- George, ouça-me com atenção - implorou Randall. Talvez não haja qualquer declaração para fazer ao mundo. Tenho a certeza que lhe será difícil ouvir isto, mas no final, acabará agradecendo-me. Penso que será melhor adiar a notícia ao mundo... adiar até mesmo a publicação do Novo Testamento Internacional.

No outro extremo da linha, em Amsterdã ocorreu um período tenso de silêncio, mas logo a seguir ouviu-se a arrepiante voz de Wheeler:

-Que raio está você aí dizendo?

Randall sentiu o peso da tremenda responsabilidade. Sabia que seria muito duro, mas tinha que contar tudo até o pormenor, não havia outra alternativa.

-George, vocês não podem publicar a Bíblia. Soube a verdade a respeito dela. O achado do Professor Monti... O Pergaminho Petrônio... o Evangelho Segundo Jacob... não passam de descaradas falsificações.

Mais uma vez um silêncio de morte. Depois chegou-lhe, aos ouvidos a voz espantada e dura de Wheeler.

- Está doido?

- Neste momento, gostaria de fato estar. Acredite-me, nunca estive tanto na posse de todas as minhas faculdades mentais. Encontrei o falsificador dos documentos. Falei com ele e ele contou-me das provas insofismáveis que possui. Agora quer ouvir-me com atenção?

-Perde seu tempo e perco o meu também. O tom de voz de Wheeler denotava grande irritação. -Apesar disso, se isso lhe dá qualquer conforto, despeje lá o que tem a dizer.

Randall quis dizer ao homem que o tinha para dizer não o fazia sentir-se mais confortável, pelo contrário, fazia-o sentir-se miserável, perdido; entretanto, não era momento para se deter explicando os seus sentimentos pessoais. Tratava-se do momento crítico da verdade em que o editor teria que enfrentar os fatos.

-Muito bem, -disse Randall firme - Aí vai aquilo que descobri em Roma...

Contou-lhe tudo sem parar. Falou-lhe de sua ida à Roma, forçando Angela a levá-lo até junto do pai. Disse-lhe onde e como encontrara o Professor Monti e alongou-se até a entrevista posterior com o Dr. Venturi. Depois revelou o encontro com Dominee. A longa conversa no quarto do Reverendo no Excelsior. Repetiu detalhes que ouvira da boca de de Vroome.

Nessa altura foi interrompido pela voz do editor, dizendo em tom furioso.

-Logo vi, trata-se então de de Vroome e desse bastardo do Cedric Plummer... surgindo para sua conveniência, com uma história de um falsário... E você caiu nessa? Eu já devia saber que eles tentariam um golpe de última hora. De modo a contratar um falsificador para sabotar o projeto, hem?

- Não, George, nada disso - protestou Randall. - Não se trata de uma manobra de de Vroome. Quer fazer o favor de me ouvir com atenção?

Prosseguiu sem dar tempo ao editor responder. Explicou como Plummer se encontrara com

o falsário em Roma, para adquirir a prova da mistificação, e o modo como o falsificador arrepiara-se, no caminho, ao ver o Dominee de Vroome com a sua batina.

-Foi então, que decidi fazer uma tentativa, para ver se na verdade existiria o tal falsário, para ouvir da boca dele a história da falsificação.

Relatou como lhe surgira a idéia de verificar os papéis do Professor Monti. Como encontrara a agenda contendo a data e lugar da entrevista com o mistificador, ocorrida há um ano e dois meses. Revelou como se dirigira ao café Doney e como finalmente, se encontrara cara-a-cara com o autor da falsificação.

-George, o falsário deixou o quarto do hotel no qual falo com você ao telefone, não faz meia hora. Trata-se de um francês, um parisiense, Robert Lebrun que vive há vários anos em Roma sob o nome de Enrico Toti. É um octogenário que devotou uma vida inteira à criação da maior mentira do século e da história da religião -os papiros Jacob e o pergaminho Petrônio. Quer ouvir como ele o fez?

Mas Randall não deu tempo a Wheeler para esboçar sequer uma resposta. Lançou-se na história de Robert Lebrun. Contudo, não revelou todos os pormenores. Instintivamente, Randall decidiu não fornecer quaisquer informações sobre o passado de Lebrun. Não falou de sua mocidade de crime em Paris; nem sobre a condenação dele; o envio para a colônia penal da Guiana; subsequente desilusão com a Igreja e obsessão de se vingar de uma forma estrondosa. Randall percebeu que se contasse tais pormenores a Wheeler, serviriam apenas para reforçar a recusa do editor em acreditar nos fatos essenciais.

Por conseguinte, manteve-se dentro do quadro daqueles fatos. Revelando como Lebrun, motivado por um azedume inexplicável contra a Igreja, se tornara num perito em tudo o que pertencesse ao foro do Novo Testamento e história do primitivo cristianismo. Randall falou dos quarenta anos dedicados por Lebrun, preparando a mistificação; substanciando a história com a qual o francês levava o Professor Monti a realizar a escavação em Ostia Antica e a sensacional descoberta.

Com verdadeira pena, pensando que o editor estaria num estado de desespero atroz, Randall concluiu:

- Lamento muito ter que lhe contar isto, George. Mas no fundo sei perfeitamente que você, o Dr. Deichhardt e todos os outros só queriam a verdade.

Esperou pela resposta de Wheeler, mas ela não surgiu. A linha, de Amsterdã para Roma, estava muda.

Randall insistiu:

- George! George... Que pensa fazer agora?

De repente surgiu a voz do editor, uma voz tremendo de raiva.

- O que penso fazer?...Sei o que devia fazer...Devia despedi-lo... aliás, como já devia tê-lo despedido muito antes.-Fez uma pausa.-Sim, devia despedi-lo de uma vez para sempre por ver o louco que você é. Mas não o farei. O tempo é limitado. Precisamos de si. Mas quanto a toda essa trama, tem que voltar de novo ao seu perfeito juízo, o mais rápido possível, logo que medite bem em todas as besteiras contadas por de Vroome.

O comandante disposto a deixar-se afundar com o seu navio por uma questão de orgulho e tradição, pensou Randall. Era a última coisa esperada.

- George, não ouviu o que eu contei? Apesar de tudo o que está em causa, não está bem claro pra você que toda a obra não passa de uma fraude... uma mistificação engendrada por um gênio maléfico? Sei muito bem o que é que você, especialmente, perderá com o abandono do projeto. Porém, acho que é melhor pensar em toda a perda de crédito e de dinheiro, se quiserem levar avanti a publicação da Bíblia e depois desmascarada em

público, como uma mentira.

- Não haverá nenhuma revelação dessas, idiota! De Vroome arquitetou todo esse cenário para o apanhar nas malhas dele. Quis utilizá-lo, lançando pânico entre nós, para causar dissensões no seio do nosso projeto.

- Pois bem, se não acredita, ponha-se em contato com de Vroome para ele lhe dar a confirmação.

- Nem sequer me rebaixaria para escutar esse filho da mãe. Você é que foi apanhado numa ratoeira, numa hipócrita mentira. Seja suficientemente homem para admitir que foi enganado e liberte-se de todos esses macaquinhos que lhe encaixaram dentro da cabeça, depois volte depressa a completar o seu trabalho, enquanto estamos nesta disposição favorável.

Randall fez um tremendo esforço para se conter.

- Na verdade não acredita naquilo que lhe disse?

- Nem numa única vírgula. Tudo o que penso é que se trata de qualquer mentiroso psicopata a soldo de de Vroome... Espera que acredite em tal mentira?

- Muito bem, na verdade não é obrigado a acreditar. - Randall lutou para que a sua voz não se alterasse. - Sim, não é obrigado a acreditar até que eu obtenha as provas para lhe mostrar.

- Que provas?

- Depois de amanhã - segunda-feira à tarde - Lebrun encontrar-se-á comigo no Doney para me entregar a prova da sua falsificação.

Foi como se Wheeler não tivesse ouvido a declaração de Randall. De repente ali estava a voz do editor falando de novo, num esforço aparente para dominar a sua ira, enveredando por uma nova tática conciliatória, exprimindo-se quase como o faria um pai tentando chamar um filho à razão.

- Steve, deixe-me que lhe diga uma coisa. Sabe bem que eu sou homem emente a Deus. Sabe bem que sempre aceitei Jesus como meu Salvador. Toda a minha vida tenho pensado bastante em Nosso Senhor e naquilo que Ele pode fazer por nós. Pois bem, paralelamente, tive também sempre a sensação que se Jesus regressasse de novo à Terra, tal como agora irá regressar por obra, graça e milagre do evangelho escrito pelo irmão d'Ele, também de novo surgiria alguém disposto a trair uma segunda vez o Salvador por trinta sujas moedas de prata. Esse Roberto Lebrun não passa de um maníaco que odeia Cristo. Se Cristo se sentasse entre nós, seria mais uma vez inspirado dizendo: «Em verdade vos digo que um de vós me há de trair»; e quando lhe perguntassem quem seria o traidor, Nosso Senhor responderia de novo: «O que meter comigo a mão no prato, esse me há de trair». E Cristo molharia a sopa e dá-la-ia ao seu Robert Lebrun... talvez a de Vroome e a você próprio.

Era coisa completamente absurda, ouvir as palavras e atos de Cristo na "Última Ceia"; pronunciadas por um capitalista americano, um vendilhão de bíblias, por meio de uma chamada de longa distância desde Amsterdã.

Entretanto, Wheeler prosseguira:

- Steve, siga o meu conselho, não queira fazer parte dessa traição imunda. O Cristo verdadeiro está entre nós. Deixe-O viver. Não permita que um tal Lebrun se converta num Judas do século vinte. E quanto a si, Steve, não queira ser o Pilatos do Senhor. Não pergunte outra vez o que é a verdade... quando tem a verdade ao seu alcance.

-...Mas, e se a verdade pertencer a Lebrun? O que acontecerá se na segunda-feira ele me aparecer com...

- Lebrun não irá ao encontro marcado - disse o editor peremptoriamente - nem na segunda-feira, nem nunca mais. Apóia-nos a autoridade das maiores sumidades do mundo em matéria bíblica. E você, o que é que você tem? A história da carochinha de um ex-condenado maluco determinado a assassinar Deus e o bem-amado Filho. Pense bem nisto, Randall.

O ruído do desligar do telefone foi como que uma explosão para o ouvido de Randall, e ele seguiu o conselho do seu «patrão», pensou em tudo o que tinha escutado.

Mas o seu pensamento devotou-se, essencialmente, a rememorar as últimas palavras proferidas por Wheeler: E você, o que é que você tem? A história da carochinha de um ex-condenado maluco...

Ex-condenado.

Como é que Wheeler sabia que Robert Lebrun fora um condenado? Randall pusera o máximo cuidado em não lhe revelar essa faceta da vida de Lebrun. Não proferida a mais leve palavra do passado do falsificador...

Não obstante, Wheeler sabia que Lebrun era um ex-condenado. Era estranhamente sinistro, e Randall estremeceu. Naquele momento teve um pressentimento de algo que desconhecia mas que poderia representar uma ameaça, um perigo diabólico.

CAPÍTULO 11

Finalmente segunda-feira à tarde. O sol começava a declinar e o dia mantinha-se quente sem estar abrasador, enquanto Randall se encontrava sentado no café Doney, da Via Veneto, esperando por Robert Lebrun.

Distraído, brincava com a taça de campari colocada na sua frente. A cabeça voltava-se instintivamente, para a esquerda e para a direita, para a direita e para a esquerda-como se assistisse a um jogo de tênis -observando o passar incessante dos transeuntes cruzando para cima e para baixo, através a passagem entre as mesas.

Era cansativo manter-se naquela tensão constante. Randall pensou que Lebrun se apresentaria como prometera e tentou descontrair-se. Passou a mão, numa massagem, pela parte anterior do pescoço, sentindo os músculos tensos como cordas de violino. Depois deu-se ao luxo de se recostar na cadeira de vime e começar a devanear.

O espaço de tempo entre a partida de Lebrun, no sábado ao fim de tarde, e aquela espera no Doney na segunda-feira, talvez fosse difícil suportar se Randall não tivesse ocupado todos os seus momentos com trabalho. Diga-se em abono da verdade, que não conseguira trabalhar no sábado à noite. Depois de Lebrun sair do quarto, mas, particularmente, depois do conflito telefónico com George L. Wheeler, sentira-se demasiado agitado para trabalhar com calma. No entanto, enquanto comia uma rápida refeição que mandara servir no quarto, ponderara todos os pontos essenciais do futuro imediato. O que é que aconteceria se... apesar do desprezo, ridicularizante de Wheeler, sobre as possibilidades da falsificação... Lebrun, entregasse de fato provas absolutas e irrefutáveis da mistificação? Qual seria o próximo passo a dar? Dirigir-se-ia a Wheeler, a Deichhardt e aos outros editores, apresentando-lhes as provas e obrigando-os a aceitarem aquilo que era impossível negar? Por outro lado, que fazer se eles continuassem irredutíveis na rejeição da verdade? Sim, que fazer? Seria improvável tal atrevimento de ignorar a existência das provas verdadeiras de uma falsificação, mas, se pretendessem ignorá-las?

Existiam outras alternativas, que Randall ponderava como possibilidade a levar em consideração. A única coisa que não divisara claramente era o que é que tudo aquilo representaria pra si, excetuando a satisfação de descobrir a verdade. Uma sombria satisfação, essa perspectiva de verdade, acompanhada pela destruição de uma fé revivida. Sombria ou não, de certa maneira, emprestava uma nova dimensão ao seu ser mais recôndito.

No dia anterior, domingo, durante quase todo o dia e parte da noite, trabalhara com afinco. Continuava a vigorar o seu contrato com a Ressurreição Dois e a constar das folhas de pagamentos e sentia-se no dever de retribuir essa afinidade. Todavia, o trabalho parecia não querer andar, tratava-se de um trabalho arrancado a ferro, operar a coletânea de pesquisas feitas e esquematizar informações para a imprensa, revelando o milagre do Novo Testamento Internacional. Trabalho cansativo por se tratar de preparativos para glorificar aquilo que considerava uma causa perdida e uma mistificação que nunca veria a luz do dia.

Também no dia anterior, apesar de ser domingo, fizera muitos telefonemas para Amsterdã, pelo menos seis ou sete telefonemas, colaborando com o seu pessoal de relações públicas. Sim, todos estavam em Krasnapolsky, apesar de ser domingo, dedicados e dando o melhor do seu esforço...O'Neal, Alexander, Taylor e Boer. Homens e mulheres, os fiéis da Ressurreição Dois, leram-lhe as muitas prosas para a campanha publicitária. Sugeriu-lhes correções ou retificações e fornecera-lhes diretrizes de última hora. Em troca,

ditara-lhes os seus principais pensamentos para publicação final, notas destinadas imediatamente ao copiadador.

A certa altura, Jessica Taylor, como que por acaso, dissera-lhe do regresso de Angela Monti de Roma, perguntara por ele, ficara surpresa de não estar em Amsterdã e mostrara-se preocupada. Randall pedira a Jessica, para transmitir a Angela, que ainda se encontrava em Roma fazendo umas anotações, ocupado numas tentativas úteis, voltando na terça-feira. Jessica perguntara-lhe se era tudo o que queria que transmitisse a Ângela. Sim, era tudo, excetuando dizer-lhe, para tomar conta do seu gabinete e atender todas as chamadas telefônicas.

A não ser Wheeler, nenhum outro componente do pessoal da sua seção lhe perguntara que raio é que ele fazia em Roma nesta altura de trabalho tão intenso.

No dia anterior fizera mais duas coisas importantes: a primeira, vital; a segunda, de certa maneira, crucial.

A vital fora telefonar ao seu advogado Thad Crawford. Ligara para casa dele em Nova York, acordando-o e ordenara-lhe para ir ao banco na segunda-feira logo de manhã, utilizando todos os poderes de homem de leis, para que o banco enviasse para a sua filial de Roma uma transferência de 20000 dólares. Recomendou-lhe que a ordem especificasse: pagamento feito em dinheiro e na moeda padrão americana.

A crucial apenas porque Wheeler o enervara quanto à veracidade da história de Lebrun, ou carência de verdade - procurara certificar-se, relativamente ao ex-condenado, com quem estava disposto a negociar. Um velho amigo de Randall - os dois andaram juntos no negócio de publicidade - desistira das relações públicas, há muitos anos, para voltar ao seu primeiro amor, o jornalismo, fixando-se em Paris. Trabalhava como correspondente da Associated Press, situada na Rue de Berri. Tratava-se de Sam Halsey, um homem duro, franco, bom profissional e imune à rotina, cuja amizade com Randall se mantivera pelos anos a fora com encontros em Nova York, para beberem juntos e darem uma volta, sempre que Halsey ia aos Estados Unidos de licença.

A tarefa consistiria em localizar Sam Halsey na cidade luz através do telefone. Por sorte, Randall encontrara imediatamente o amigo, trabalhando solitário a noite, em sua escrivaninha da Associated Press, tão folgado e profano como sempre.

Randall dissera-lhe que precisava de um favor urgente, um trabalho de investigação, com necessidade das respostas no início da tarde de segunda-feira, o mais tardar. Haveria possibilidade de Sam ter alguém disponível, para encarregar-se daquele trabalho? Sam perguntara-lhe do que se tratava. Randall explicou sua necessidade em saber se o Exército Francês formou um regimento em 1915 chamado Força Expedicionária da Ilha do Diabo. Pretendia também, saber se nos arquivos do Ministério da Justiça haveria cadastro referente a um jovem francês chamado Robert Lebrun, que foi preso e julgado por falsificação em 1912, sendo condenado a ir para o exílio da Ilha do Diabo. Intrigado, Sam Halsey oferecera-se para fazer ele próprio a investigação, prometendo telefonar-lhe dizendo qualquer coisa, no dia seguinte de manhã.

Naquele dia, segunda-feira, Randall, tanto de manhã como o meio da tarde, não trabalhara para a Ressurreição Dois. Pelo contrário, como Wheeler muito bem frisara, Randall trabalhara contra a organização do Krasnapolsky.

Thad Crawford manobrava de maneira a transferir-lhe aquilo que Wheeler - outra vez Wheeler, maldição! - caracterizava como as trinta moedas de prata. Randall fora ao banco American Express, da Piazza di Spagna, buscar os 20000 dólares. O dinheiro, em notas de fácil transação, encontrava-se no cofre alugado no Excelsior, pronto a ser entregue a

Lebrun em troca das provas da falsificação.

Antes de levantar o dinheiro, Sam Halsey fizera dois telefonemas de Paris. O primeiro informara que depois de várias diligências; usando o poder da imprensa e algumas influências fortes lançadas em cheio; na seção de relações públicas do Ministério da Defesa Nacional; conseguira, embora relutante, licença para examinar alguns documentos classificados do Serviço Histórico do Exército, em Vincennes. No arquivo, o diretor mostrara-se camarada e cooperativo. Procurando entre velhos documentos, Sam tivera a confirmação de ter na verdade sido estabelecido um regimento de condenados voluntários da Guiana Francesa em 1915. Regimento que combatera sob a designação da Força Expedicionária da Ilha do Diabo e circunscrito ao comando do general Pétain. Todavia, surgira um desapontamento. Na lista dos voluntários não constava qualquer «Robert Lebrun». O nome mais parecido encontrado na lista entre os condenados relativos à letra L, fora o de um tal «Laforgue, Robert»; Sam não repousara sobre aqueles primeiros louros. Deu garantia de dirigir-se ao Ministério da Justiça para fazer umas sondagens e telefonaria a Randall algumas horas depois.

Menos de uma hora depois, de fato, Sam Halsey telefonara para Roma. Os poeirentos arquivos do Ministério da Justiça relativos ao ano de 1912 não continham o cadastro de nenhum criminoso com o nome de «Lebrun, Robert». Porém, com o seu sexto sentido de jornalista, como um cão de caça, seguindo uma pista pelo faro, Sam Halsey, acabara de encontrar o cadastro de um tal «Laforgue, Robert».

-E Steve, acertei em cheio... um falsificador de documentos e falsário, operando sobre cinco outros nomes diferentes. Aperta bem o cinto, meu rapaz, um dos nomes que figuravam no registro era «Lebrun, Robert», condenado por toda a vida à deportação na Guiana francesa em 1912.

De modo que Lebrun não mentira. Apesar das advertências de Wheeler, Lebrun não fora ainda apanhado em nenhuma falsidade, pelo menos, no que se referia à sua personalidade. A crença de Randall na história da mistificação, e em que as provas seriam apresentadas, restabeleceu-se completamente.

Fora com a maior confiança, que Randall se dirigira ao Doney, dez minutos antes das cinco horas, a fim de esperar a chegada de Robert Lebrun.

Naquele momento, Randall regressou daquela revisão do passado, olhando nervoso para o relógio de pulso. Exatamente cinco e vinte e cinco. Olhando para toda aquela gente que ia e vinha. Viam-se muitos rostos estranhos, todos diferentes uns dos outros, mas a cara que estava tão bem gravada na memória de Randall, não figurava entre aquela multidão desconhecida,

Passavam trinta minutos da hora determinada por Lebrun para o encontro.

Randall concentrou-se, cada vez mais nervoso, na observação daquela gente; esperando o excitante momento no qual visse o velhote, coxeante, quase corcunda, com as madeixas de cabelo ralo, os óculos de lentes escuras e grossas. Duras feições corroídas por profundas rugas, como um campo arado, o homem que lhe entregaria dois objetos em troca de dinheiro: primeiro uma pequena entrega, com os devastadores fragmentos perdidos, portando o grito da fraude traçado em tinta visível e depois, a outra entrega mais volumosa de um pequeno cofre de ferro, contendo as terríveis partes desaparecidas de um antigo quebra-cabeças, que representava a missa de réquiem para o Evangelho de Jacob e para o Pergaminho de Petrônio, o centurião.

Escoaram-se os minutos, minutos como a eternidade, e ninguém à vista que tivesse a mínima semelhança com Lebrun.

A taça de campari em cima da mesa, a qual Randall ainda não tocara, foi finalmente esvaziada de um trago.

E nada de Robert Lebrun.

O ânimo e a confiança de Randall foram-se desvanecendo. As grandes esperanças principiavam a ruir como um castelo de cartas soprado por uma criança. Premonição de um desastre total, como que apanhado pelo princípio de uma avalanche esmagadora. Cinco minutos depois das seis atingiu o ponto máximo do desânimo. Tudo se desmoronara até o fundo do abismo.

Wheeler avisara-o: Lebrun não irá ao encontro marcado...

E de fato, faltara.

Randall sentiu-se esmagado e logo a seguir enganado, indignado. Afinal que acontecera ao velho filho da mãe? Acabara por reacear entregar os seus pergaminhos e mudara de opinião? Teria decidido que não devia confiar naquele novo sócio, acabando com o negócio? Entrara em negociações com qualquer outra pessoa por uma oferta maior?

Fosse qual fosse a resposta, Randall sentia-se obrigado em saber a razão porque Robert Lebrun desistira da relação feita. Se Lebrun não vinha ao seu encontro, nesse caso, diabos levassem todo aquele sujo assunto, iria ele ao encontro de Lebrun. Ou, pelo menos, tentaria ir ao encontro de Lebrun.

Randall colocou uma nota de 500 libras e uma gorjeta em cima da mesa. Levantou-se e foi à procura do seu "especialista em Lebrun", seu orientador pessoal do Doney, Júlio o chefe-de-mesa.

Júlio estava precisamente no limiar da porta que dava para o restaurante, ajustando seu lacinho. Ao ver Randall, acolheu-o com entusiasmo e calor.

-Está tudo correndo bem, Mr. Randall?

-Não muito bem, Júlio - disse Randall -Combinei encontrar-me aqui com o nosso comum amigo, aquele a quem vocês chamam Toti ou Duca Minimo, o meu Robert Lebrun. Combinamos encontrar-nos aqui, na esplanada, às cinco horas. Já passa das seis e ele ainda não apareceu. Teria vindo antes das cinco?

Júlio abanou a cabeça negativamente.

-Antes dessa hora havia pouca gente na esplanada, eu teria inevitavelmente dado por ele.

-Anteontem você disse-me que ele às vezes vinha a pé até ao Doney. Concordamos que com a sua perna artificial não percorreria grandes distâncias, o que provavelmente significará que deve morar nas redondezas, hem?

- Sim, também penso que ele deve morar perto.

-Júlio, reflita bem. Alguma vez ouviu dizer onde é que ele mora?

O chefe de mesas enrugou a testa, acabando por declarar com ar desalentado:

-Não, nunca ouvi dizer onde ele morava. Não faço a menor idéia. Afinal de contas, Signore Randall, são tantos os clientes, mesmo os mais regulares...- Tentava ser prestativo. Por outro lado, nas vizinhanças mais imediatas não há muitas residências privadas e aquelas existentes nunca estariam ao alcance da bolsa de Toti... de Lebrun... do Signore Lebrun. Tenho impressão de que ele é pobre.

-Sim, é pobre.

-De modo que também não se pode dar ao luxo de viver permanentemente num hotel. Nestas redondezas existem umas pensões menos dispendiosas -principalmente utilizadas pelas moças de vida fácil que andam pelas ruas... mas até mesmo tais pensões seriam demasiado caras para o nosso amigo. Tenho a impressão que ele deve viver num pequeno apartamento. Ora, não muito longe daqui, existem uns quantos desses apartamentos para

as classes menos beneficiadas. É possível que ele viva num desses apartamentos... mas onde? É isso que eu não sei.

Randall procurou a carteira no bolso interior do casaco. Até mesmo na Itália, onde os naturais são em geral, mais gentis e amigos para ajudarem os estrangeiros, do que em nenhuma outra parte da Europa, a lira continuava servindo como uma espécie de estímulo para uma cooperação mais eficaz. Randall meteu três notas de 1000 liras na mão de Júlio.

- Júlio, por favor, preciso que me auxilie mais...

- É muita bondade sua, Mr. Randall - agradeceu o chefe de mesas, metendo rapidamente as notas no bolso.

Randall continuou:

-É possível que você conheça alguém que possa ajudar neste caso. Anteontem fez com que acabasse por encontrar Lebrun. Talvez possa novamente dar um jeito se pensar bem... A testa de Júlio enrugou-se e passando um momento em concentração disse:

-Existe uma pequena possibilidade, mas não posso prometer nada. Vou ver o que posso fazer. Se quiser ter a bondade de esperar.

Encaminhou-se rápido para a passarela central que dividia as duas partes da esplanada, fez um ruído imperioso por meio da fricção de dois dedos para vários garçons, chamando:

-Per piacere! Facciamo, presto!

Os garçons apressaram-se, convergindo para o chefe. Randall observou que Júlio lhes falava animado, gesticulando, imitando um passo rígido, para descrever a perna artificial de Lebrun. Quando acabou a sua mímica, vários dos garçons reagiram encolhendo os ombros. Dois ou três coçaram as cabeças, como quem pensa, mas continuaram calados como ratos. Finalmente, Júlio, com um gesto, mandou-os para os seus postos. Seis dos garçons voltaram para os locais que anteriormente ocupavam, mas um deles ficou estático, pensativo, com o queixo apoiado numa das mãos.

Júlio principiara a encaminhar-se para Randall, com uma expressão de desapontamento, quando de repente o garçon que ficara pensativo chamou:

- Júlio!

O homem correu positivamente atrás do chefe e puxou-lhe pela manga. Júlio inclinou um pouco a cabeça como para ouvir em segredo aquilo que o outro lhe dizia. O garçon apontou um dedo para o outro lado da rua, ao mesmo tempo que Júlio acenava com a cabeça, alargando a boca num sorriso.

- Bene, bene, Grazie! - exclamou finalmente o chefe, dando um pancadinha amigável nas costas do subordinado.

Randall continuava no limiar da porta do restaurante, com ar de espanto, quando Júlio chegou perto dele com uma expressão radiante.

-Talvez seja possível, Mr. Randall, embora com tais mulheres nunca se possa saber ao certo. Os garçons, os nossos criados, conhecem perfeitamente a maior parte dessas moças italianas que vagueiam pelas ruas, bandos de jovens prostitutas. Tal como, em muitas outras cidades da Europa, elas andam por toda a Roma, principalmente pelos Jardins do Pincio, pelo Parque Caracalla e pela Via Sistina. Junto da Piazza di Spagna, mas as mais bonitas e engraçadas freqüentam a Via Veneto para brindarem os transeuntes com os seus sorrisos fatais e fazerem o seu negócio. A esta hora há muitas que se sentam para tomarem o aperitivo, algumas aqui mesmo, no Doney, mas com mais freqüência do outro lado da rua, no Café de Paris, o nosso principal competidor. De modo que Gino, aquele garçon me falou, lembrou-se que Toti... o seu Lebrun... tem muitas amizades entre as prostitutas. Gino disse-me que até já quis casar com uma.

-Sim, sim, já ouvi dizer isso mesmo -corroborou Randall, apressado.

- Eu disse que aquela com quem Lebrun tencionava casar, quando tivesse muito dinheiro, tem uma amiga com quem partilha o mesmo quarto e que essa amiga quase todos os dias se senta à mesma mesa do Café Paris, mais ou menos a esta hora. Chama-se Maria. Eu também a conheço. Gino pensa que ela saberá onde Toti vive.-Júlio coçou a cabeça.- Talvez ela não queira dizer... mas, vendo dinheiro...bem, o dinheiro costuma soltar as línguas, não é verdade? Gino julga que ela esteja agora na Paris. O melhor é darmos uma olhada. Eu vou consigo.

-Será capaz de fazer isso, Júlio?

Júlio mostrou toda a dentadura num largo sorriso.

- Para um italiano deixar o trabalho para falar a uma moça bonita não constitui problema... pelo contrário, é um prazer.

E Júlio começou a caminhar pelo passeio, seguido por Randall. Passaram o Hotel Excelsior e detiveram-se na esquina imediata à espera que abrisse o sinal para passagem de pedestres. Do outro lado da rua, paralela ao Doney, Randall pôde ver uma tabuleta em letras vermelhas onde se lia: CAFÉ PARIS - RESTAURANTE. As mesas da esplanada estavam parcialmente ocultas por enormes vasos com plantas, e o local parecia ter ainda mais frequência do que o Doney.

No semáforo acendeu-se a luz verde e eles atravessaram pela zona demarcada da zebra. Enquanto caminhavam, Júlio voltou-se para Randall e disse-lhe:

-Vou apenas apresentá-lo como um amigo americano que pretende travar conhecimento. Depois deixo-os. É a melhor maneira. Pode explicar-lhe diretamente o que pretende. Todas essas moças falam o seu inglês, e a Maria também.

Logo que chegaram ao quiosque, de venda de revistas na outra esquina, Randall segurou Júlio por um momento.

-Quanto é que lhe devo oferecer?

-Para os italianos, uma moça como a Maria, uma prostituta de certa classe, leva cerca de dez mil liras, ou quinze dólares. Mas para um turista, especialmente para um americano, habitualmente mais endinheirado, e que em regra não discute preços, é possível que ela peça vinte mil liras, cerca de trinta dólares... com um pouco de discussão, talvez o preço desça... Esse dinheiro dá direito a um máximo de meia hora na cama, possivelmente em alguma pensão escusa. O tempo é escrupulosamente contado. Se apenas quiser falar, a importância é a mesma, mas - Júlio piscou malicioso o olho - pode-se perfeitamente falar e fazer amor ao mesmo tempo. Estas moças orgulham-se de despacharem depressa os clientes, de modo que a meia hora transforma-se usualmente em dez minutos. São umas espertalhonas, dão conta de um homem nesse tempo. Ora vamos lá ver se ela se encontra aqui.

Júlio abriu caminho à cotovelada por entre os curiosos que rodeavam o quiosque para lerem as revistas, parou por baixo do toldo berrantemente vermelho e deu uma olhada pelas mesas. Randall tinha-o seguido, mas mantendo-se a curta distância.

Júlio continuava a observar os ocupantes das mesas, quando de repente o rosto se lhe iluminou com um ar de satisfação. Acenou, deu uma cotovelada de cumplicidade em Randall e enfiou-se por entre as mesas a caminho da fila encostada à parede. Randall trotou atrás dele como um cachorrinho perdido.

Tratava-se de uma coisinha jovem e bonita, que nesse momento extraía a azeitona, espetada num palito, que lhe adornava o copo de martini, ao mesmo tempo, fazia um gesto de cumprimento para Júlio. Tinha o cabelo negro e comprido emoldurando um rosto

de Madonna, um quadro de pureza e inocência, apenas desmentido pelo vestido leve de verão, generosamente decotado para lhe expor uns seios grandes e rijos e generosamente curto e apertado, expondo umas pernas e parte das coxas bem torneadas e tirando partido de um traseiro bem lançado e abundante.

- Maria - murmurou Júlio, fazendo o rápido gesto de lhe beijar a mão como se ela fosse uma grande dama.

-Signore Júlio- correspondeu a moça, agradavelmente surpresa.

Júlio ficou de pé, inclinando-se para a jovem para lhe murmurar algumas rápidas palavras em italiano. Ouvindo-o atenta, ela acenou com a cabeça duas vezes e olhou francamente para Randall rígido, em pé, sentindo-se com ar de pateta.

Júlio fez um sinal a Randall para se aproximar.

-Maria, aqui está o meu amigo americano, Signore Randall. Peço-te que sejas boa para ele.- Voltou-se para Randall com um sorriso.-Ela será camarada pra você. Por favor, sente-se. Arrivederci.

Júlio desapareceu com a maior rapidez e Randall ocupou uma cadeira de vime ao lado de Maria, sentindo-se ainda pouco à vontade e pensando se algum dos clientes das mesas próximas

estaria olhando. Deu uma olhada de viés e teve a consolação de verificar que ninguém se preocupava com ele.

Maria deslocou-se mais para perto dele e os montículos parcialmente à mostra dos seus seios tremeram provocadores. Ela cruzou novamente as pernas e dirigiu-lhe um sorriso.

-Mi fa piacere di vederlo. Da dove viene?

-Tenho pena de não falar italiano -desculpou-se Randall.

- Perdoe-me - disse Maria. - Estava dizendo que tinha muito prazer em conhecê-lo e perguntei onde é a sua casa.

- Sou de Nova York e também tenho muito prazer em conhecê-la, Maria.

- Júlio disse-me que era amigo do Duca Mínimo - alargou o sorriso - é verdade?

- Sim, somos amigos.

- Um velhote simpático. Quis-se casar com Gravina, a minha melhor amiga, mas faltou-lhe o dinheiro. Pouca sorte.

- É possível que em breve tenha muito dinheiro - disse Randall.

- Sim? Verdade? Espero que sim. Hei de dizer a Gravina.

Os olhos da moça, captaram o olhar apreciador de Randall.

-Gosta de mim? Pensa que sou bonita?

-É muito bonita, Maria.

- Bene. Quer ir já fazer amor comigo? Farei tudo o que quiser consigo. Amor bom. Amor regular. Amor francês. O que desejar. Ficará satisfeito. São apenas vinte mil liras. Não é muito para passar um bom momento. Quer ir já com Maria?

-Escute, Maria, ao que parece Júlio não lhe disse... mas há uma coisa mais importante que preciso.

Ela pisou os olhos e considerou-o como se Randall fosse maluco.

-Mais importante do que o amor?

-Neste momento, sim. Maria, sabe onde Lebrun... o Duca Mínimo mora?

A moça pôs-se imediatamente em guarda.

-Porque é que quer saber?

- Tinha a residência dele e perdi-a. Devia ter-me encontrado com ele há uma hora no Doney. Júlio pensou que você podia ajudar-me.

- E foi por isso que me procurou?

- É uma coisa muito importante.

- Importante pra você, mas não para mim. Tenho muita pena. Sei a residência dele mas não lhe posso indicar. Tanto eu, como a minha amiga Gravina, juramos nunca dar a ninguém a residência do Duca. Não posso quebrar a minha jura. De modo que agora talvez tenha tempo para ser amado por Maria.

-Só me sobra tempo para vê-lo, Maria. Se o Duca Mínimo é seu amigo, posso dizer-lhe que pretendo saber a residência para o ajudar.- Subitamente lembrou-se e levou a mão ao interior do casaco, tirando a carteira.-Você disse que faria amor comigo por vinte mil liras. Ok, ganhará vinte mil liras se me quiser fazer feliz de outra maneira.

Randall tirava da carteira as grandes notas de mil liras, quando ela olhou em volta nervosa e lhe empurrou a mão com a carteira.

-Por favor, aqui não.

- Desculpe - disse Randall, metendo a carteira no bolso, mas mantendo um punhado de notas fechadas na mão. - Você não tem que fazer nada de especial para obter o dinheiro, apenas mostrar-me onde ele vive.

Maria contemplou o dinheiro semi-oculto na mão de Randall

-Jurei não dizer... mas o senhor quer realmente ajudá-lo. Quer fazê-lo rico?

- Quero - respondeu Randall, disposto a concordar com tudo o que ela quisesse.

-Nesse caso, para bem dele, indicar-lhe-ei onde mora.

O apartamento dele fica aqui perto.

- Obrigado.

Sem demora, Randall pagou a despesa da moça, levantou-se ao mesmo tempo que ela e saíram juntos da esplanada do Café de Paris. Passaram pelo quiosque da esquina, pelo sinal de pedestres aberto e seguiram pela Via Veneto até à esquina do Hotel Excelsior.

Maria indicou a larga rua que corria ao longo da ala lateral do hotel, dizendo.

-Via Boncampagni. Ele vive nesta rua, não muito longe, a três ou quatro quarteirões de distância. Podemos ir a pé.

Maria enfiou o seu braço no de Randall e começaram a seguir os dois pela Via Boncampagni. A moça à medida que caminhava, cantava em surdina, mas, no fim do primeiro quarteirão, parou abruptamente e estendeu a mão aberta para Randall.

-Agora pode pagar-me.

Randall colocou-lhe na mão o monte de liras dobradas. Maria, cuidadosamente, contou as notas. Satisfeita, enfiou o dinheiro na bolsa.

-Vou levá-lo ao seu amigo.

Maria reatou a caminhada, sempre a cantar em surdina, acompanhada por Randall.

Ao passarem pelo terceiro quarteirão, Randall perguntou.

-Como é que sabe onde é que o Duca Mínimo mora?

-Vou dizer-lhe, mas não conte ao seu amigo. O Duca é um homem muito orgulhoso, mas em certas ocasiões, quando Gravina ou eu, ou mais uma, ou duas moças do nosso círculo, não podemos encontrar lugar nas pensões por estarem cheias, entramos num arranjo com ele para satisfazermos os nossos clientes, utilizando o quarto dele para fazer amor. Cada vez que usamos o quarto damos-lhe metade do que ganhamos, mas não nos importa. É um homem gentil e bondoso para nós, além disso, o dinheiro serve para o ajudarmos a pagar o aluguel.

- E quanto é que ele paga de aluguel?

-Cinquenta mil liras por mês, por um quarto, uma pequena cozinha e um banheiro.

- Cinquenta mil? Equivale a cerca de oitenta dólares. E ele pode pagar tanto?

-Ele diz que já vive ali há muitos anos. Desde que era rico.

Atravessaram um cruzamento, a Via Piemonte. Percorreram o quarto quarteirão.

- Desde que era rico? E quando é que ele foi rico - perguntou Randall.

-Talvez há quatro ou cinco anos, segundo ele diz.

Randall pensou que se ajustava um novo dado do problema. Cinco anos antes, Lebrun recebera parte, do bolo de Monti pela descoberta de Ostia Antica.

-Pronto, chegamos- anunciou Maria.

Pararam em frente de um edifício de apartamentos de seis andares, edificação de idade indeterminada, com a pintura da fachada num estado pouco agradável. A entrada do edifício situava-se entre a Iranian Express Company e uma loja com uma tabuleta dizendo BARBIERE, onde se via à entrada o poste colorido dos barbeiros.

Por cima do quadrado de mármore que formava a porta de entrada, via-se uma placa de pedra com a palavra CONDOMINIO.

Por baixo ficavam duas maciças metades de uma porta de madeira, abertas de par em par, logo seguido de porta em vidro. Para além divisava-se um saguão e aquilo que parecia ser uma casinha ou um balcão, vendo-se ainda mais além, a sugestão do que devia ser um pátio.

Maria estendeu a mão.

-Vou deixá-lo aqui, tenho que voltar ao trabalho.

Randall apertou-lhe a mão.

-Obrigado, Maria. Mas onde é que...

- Entre por aquela porta. O cubículo que se vê à direita é onde o portiere guarda a correspondência. À esquerda há um elevador e também uma escada. Mas deve primeiro encontrar-se com o portiere para lhe dizer que quer ver o Duca Minimo. Se ele não estiver no cubículo, vá até ao pátio. Num dos lados vêem-se umas janelinhas cheias de flores onde vive o portiere e a mulher. Chame-o e ele leva-o até ao seu amigo. Buona fortuna - Começou a caminhar para ir embora, mas voltou atrás dados alguns passos, para dizer: - Mr. Randall, quando vir o Duca não lhe diga que foi a Maria quem o trouxe até aqui.

- Prometo que não direi, Maria.

Ficou a vê-la caminhar para a Via Veneto, com as opulentas nádegas a ondular em compasso com a bolsa, branca.

Subiu o lance de escadas que levava à entrada, abriu a porta e entrou no saguão. O cubículo do portiere estava vazio. Randall dirigiu-se então para o sombrio pátio.

O centro estava ocupado por grandes vasos providos de plantas de borracha, com as suas largas folhas de um verde escuro. À esquerda, numa janela aberta de par em par, via-se um homem ainda jovem, muito moreno, com todo o tipo de siciliano, que regava uns vasos de flores alinhados no peitoril.

O homem parou de regar e olhou curioso para Randall.

- Boa-tarde - cumprimentou Randall. - Fala inglês?

-Si. Um pouco.

- Onde é que posso encontrar o portiere?

- O portiere sou eu, Deseja alguma coisa?

- Um amigo meu vive neste prédio. Queria...

-Só um momento.

O portiere desapareceu da janela e reapareceu momentos depois a uma porta lateral que dava para o pátio. Era um homem baixinho, de aspecto desenvolto e comunicativo, que

vestia uma blusa azul e umas calças do mesmo tecido, manchadas. Confrontou Randall de mãos nas ancas, perguntando:

- Procura alguém?

- Sim, um amigo meu. - Randall conjecturou que nome havia de utilizar. Lamentou não ter perguntado a Maria o nome porque o velhote era conhecido. O mais provável era ter dado o nome italiano. - O Signore Toti.

- Toti? Lamento, mas não temos nenhum inquilino que se chame Toti.

- Tem uma alcinha. Chamam-lhe Duca Mínimo.

- Duca ... ? - O portiere abanou vigorosamente a cabeça. Não, não há aqui ninguém com esse nome.

Nesse caso devia ser Lebrun, decidiu Randall.

- Bem, na verdade trata-se de um francês... a maior parte dos amigos conhecem-no pelo nome de Robert Lebrun,

O portiere fitou Randall.

- Temos um inquilino chamado Robert, um francês, mas não é Lebrun. Talvez quisesse dizer Laforge.

Robert Laforge, hem? Laforge, evidentemente. Era o mesmo nome obtido por Sam Halsey, da Associated Press de Paris, nos registros do Ministério da Justiça e nos Arquivos Históricos do Exército, O verdadeiro nome de Lebrun.

- Sim, Laforge! É esse mesmo. Troco sempre o apelido dele. Justamente, Robert Laforge, é a pessoa que pretendo visitar.

O porteiro olhava agora para Randall de um modo estranho.

- É da família dele? - perguntou.

- Sou um amigo íntimo. Laforge espera-me. Aguarda a minha visita para tratarmos de um importante negócio.

- Mas isso é impossível - murmurou o portiere. - O Signore Laforge foi ontem vítima de um desastre grave em frente da Stazione Ostiense, era meio-dia. Foi atropelado por um carro que fugiu. Morreu imediatamente. As minhas condolências, signore, mas o seu amigo já não pertence ao número dos vivos.

CAPÍTULO 11.1

Um jovem graduado da polícia, simpático e cooperativo acompanhara Randall até à porta da Questura, a central da polícia romana, chamara-lhe um táxi e instruíra o motorista:

-«Obitorio, Viale dell'Università».

Dissera mais qualquer coisa em italiano, repetindo a palavra «Obitorio» e especificara o endereço exato, «Piazzale del Verano, 38».

O motorista do táxi fizera rapidamente o sinal da cruz, agarrara-se ao volante e arrancara, e naquele momento dirigiam-se, a razoável velocidade, para o imenso complexo universitário de Roma, onde ficava situado o necrotério da cidade.

Sacudindo de um para outro lado do assento do táxi, quando este seguia ao sabor das curvas e contra curvas do caminho. Randall sentia-se ainda entorpecido pelo rude golpe que sofrera, de que começava lentamente a recuperar.

Refletiu que embora muitas pessoas, durante a vida, estejam sujeitas a vários abalos e decepções, com certeza, poucas eram tão afetadas como ele em tão breve espaço de tempo. Em pouco mais de um mês fora presa de emoções intensas e violentas. Primeiro a apoplexia do pai, depois o caso de Bárbara e o divórcio, ligado ao fato de saber da filha, Judy, ligada a um caso de entorpecentes. A seguir toda a tensão vibratória da Ressurreição

Dois, os sentimentos arrasadores de desconfiar da lealdade de Angela e o terrível momento em se inteirara do lapso descoberto por Hans Bogardus. Mais recentemente o choque de encontrar o Professor Monti numa clínica de doenças mentais, na altura em que o Dominee de Vroome lhe revelara a existência de uma mistificação e de um falsificador nos documentos Jacob e Petrônio. Os momentos alternados de temor e esperança em procurar localizar Lebrun, como se os choques violentos se tornassem uma constante da sua existência.

Todavia, em nenhuma outra ocasião se lhe afigurava o sofrimento da emoção mais forte do que no momento fatídico em que o portiere lhe anunciara a morte violenta de Robert Lebrun.

Fora tão inesperado o golpe que ficara meio louco. No entanto, o homem é um animal estranho com grande capacidade de sobrevivência, pelo menos, quando tem uma missão a cumprir que o manda sobreviver, e ele, aliás, acostumara-se já a um sem número de vicissitudes bruscas desde que se juntara à Ressurreição Dois.

Lembrava-se, como se fosse num sonho, o modo como o portiere lhe relatara os acontecimentos do dia anterior, domingo. A polícia apareceu no prédio da Via Boncampagni para se certificar se morava lá um Signore Robert Laforgue. Uma vez informados que vivia de fato um Laforgue no prédio, os agentes participaram ao portiere que o inquilino fora morto num acidente de viação três horas antes.

A vítima ia atravessar a praça da Pirâmide de Caio Cestio para a Porta de San Paolo, onde se situava a pequena estação de trem-de-ferro chamada Stazione Ostiense, quando um grande carro preto - uma das testemunhas dissera tratar-se de um Pontiac americano, enquanto outra contestara ser um Aston Martin inglês - entrara a toda a velocidade na praça, apanhara a vítima em cheio, lançando o corpo a dez metros de distância, e, na confusão que se seguira, com as pessoas correndo de todos os lados, acabara sumindo num abrir e fechar de olhos, sem sequer reduzir a velocidade. A vítima do brutal choque morrera instantaneamente.

Os agentes explicaram ao portiere que os pertences encontrados nos bolsos da vítima revelaram tratar-se de Robert Laforgue e indicavam o seu endereço. Entre esses haveres não se encontrara nada que revelasse a existência de familiares ou amigos, nem qualquer cartão de seguro. Conheceria o porteiro, qualquer pessoa da família, ou amigo íntimo, a quem a polícia notificasse ou que, pudesse encarregar-se de fazer o funeral ao morto? Não, o portiere não sabia de nenhuma pessoa da família, nem tinha conhecimento de qualquer amigo da vítima. Por questão rotineira, os agentes subiram ao apartamento de Lebrun à procura de qualquer indício. Mas, ao que parecia nada encontraram de positivo para resolver a situação.

Randall recordava que pedira licença ao porteiro para visitar o apartamento de Lebrun. Como um sonâmbulo, seguira o prestável siciliano até ao elevador, onde se lembrava ter visto uma maquina que acionava o censor por intermédio da introdução de uma moeda na ranhura - o porteiro murmurara algo, de que quem queria comodidades, tinha que pagar por elas, mas depositara uma moeda de 10 liras na ranhura e premira o botão para o terceiro andar.

Chegando ao terceiro piso, à esquerda do elevador, o porteiro abria uma porta. No interior, passado um pequeno hall, via-se logo uma sala única, simultaneamente servindo de sala de estar e quarto. Entre as paredes, que outrora foram verdes, mas que agora apresentavam uma cor desbotada e suja, havia um divã de molas servindo de cama, dois abajur de pé alto incrivelmente feios, uma cômoda disforme, um rádio, um espelho rachado, um

frigorífico pequeno do qual se projetava ainda o ruído da ligação elétrica (o portiere desligara-o imediatamente). Algumas prateleiras toscas onde se viam uns livros, brochados, com a aparência de muito manuseados (na maioria romances e livros sobre política, mas nem um exemplar que falasse de teologia, arte antiga, ou que versasse a história da Palestina ou de Roma). A meio do teto uma lâmpada protegida por um globo imundo. A seguir um aposento que parecia servir de cozinha, recheado de uma quinquilharia dificultando a circulação, uma enorme pia de zinco, e um poial de pedra com um fogão. Mais além, um banheiro minúsculo.

Com relutância, sob a vigilância do porteiro, Randall percorrera a pobre moradia, procedendo a uma busca entre os miseráveis haveres de Lebrun - dois ternos bastante maltratados, apresentando o peso dos anos e um sobretudo roto; algumas roupas interiores nas gavetas da cômoda. Com exceção de contas da mercearia, ainda não liquidadas, não existiam ali documentos pessoais ou cartas que fornecessem qualquer pista de contato ou associação de Robert Lebrun (ou Laforgue) com qualquer ser vivo no globo terrestre.

-Nada, absolutamente - lamentara-se Randall - nem fotografias, nem notas, nem qualquer coisa escrita pela mão dele.

O portiere respondera que Lebrun, a não ser umas amigas da rua, vivera praticamente como um eremita.

- É como se alguém estivesse aqui e procurasse eliminar qualquer possível identificação - admirara-se Randall.

-Exceto os agentes da polícia, e agora o signore, com o meu conhecimento, não esteve aqui mais ninguém.

- De modo que tudo o que resta de Robert Laforgue é o seu cadáver. Bom, onde é que está o corpo?

-A polícia avisou-me que se descobrisse qualquer pessoa da família ou amigo, o corpo ficava depositado durante um mês no Obitorio...

-Necrotério?

- Si, necrotério... o corpo ficará lá depositado durante um mês à espera de alguém que pague o funeral. No caso de ninguém aparecer, o corpo será enterrado no Campo Comune...

- Campo Comune? A vala comum, onde são enterrados os corpos dos desgraçados que não têm ninguém, não é?

O portiere fizera sinal que sim.

-Penso que é meu dever ver o cadáver para ter a certeza de que é Robert Laforgue.

A polícia encontrara documentos de identificação no corpo, mas outra pessoa podia transportar documentos com o nome de Lebrun. Randall tinha que se certificar, tinha que ter a certeza.

-Como é que devo proceder para ver o corpo?

-Tem que se dirigir primeiro à Questura, a central da polícia, para obter a licença de ver o corpo e fazer a identificação.

E fora assim que Randall se dirigira à Questura, pedindo para ver o cadáver de Robert Laforgue. Tratando com um jovem graduado da polícia, Randall fornecera-lhe os vários nomes do francês morto, a idade da vítima, e uns quantos sinais particulares. Dera ao oficial da polícia o seu nome, idade e profissão e contara uma história de ter travado amizade com Laforgue em Paris, sendo seu hábito visitá-lo sempre que vinha a Roma. Preenchera quatro copiosas páginas do Processo Verbale, uma espécie de relatório oficial sobre o desastre, e o policial fornecera-lhe um passe para ver o corpo, para o identificar e

reclamá-lo, se assim desejasse. O jovem graduado levava a sua amabilidade ao ponto de lhe chamar um táxi e de orientá-lo para o necrotério da cidade.

O táxi diminuiu a velocidade e Randall espreitou pela janela. Seguiam por entre os maciços edifícios do complexo universitário, a Città Universitaria. Ao atingirem a Piazzale dei Verano, o motorista parou o carro e apontou o dedo para um compacto edifício, num conjunto de três alas, por detrás de um muro de pedra, a que dava acesso um portão de ferro.

- Obitorio - murmurou o motorista com respeitoso temor.

Randall pagou a corrida ao homem, dando-lhe uma generosa gorjeta.

Depois do táxi desaparecer na sombra, Randall empurrou o portão de ferro, semi-aberto e penetrou num pequeno pátio. Por cima da entrada do edifício mais compacto, via-se um letreiro, iluminado por uma lâmpada, que dizia: UNIVERSITÀ DI ROMA; ISTITUTO DI MEDICINA LEGALE E DELLE ASSICURAZIONI, OBITORIO COMUNALE.

Obitorio Comunale, que lugar mais incrível para finalmente se encontrar com Robert Lebrun.

No interior do edifício encontrou um guarda vestindo um uniforme indescritível. Para o vasto saguão davam várias portas. Randall mostrou o passe ao guarda e este indicou-lhe uma das portas à direita. Encostado a um comprido balcão de mármore polido via-se um funcionário de bigode examinando alguns documentos.

Formal como todos os funcionários públicos do mundo, o bigode levantou a cabeça dos documentos e perguntou qualquer coisa em italiano.

-Lamento mas só falo inglês -respondeu Randall.

-Embora não muito bem, falo qualquer coisinha de inglês.

O tom do homem era pouco menos de murmurante e respeitoso comum a gatos-pingados e a funcionários dos necrotérios em todas as cidades do mundo.

-Chamo-me Steve Randall e vim para identificar o cadáver de um amigo meu. Chamava-se em vida Robert Lebrun... não, Robert Laforgue. Foi trazido para aqui ontem.

-Tem algum documento passado pela polícia?

-Tenho -respondeu Randall, entregando-lhe o documento passado pela Questura.

O funcionário agarrou um microfone telefone que se encontrava por baixo do balcão e falou rapidamente, em italiano, dando a volta ao balcão para chegar perto de Randall.

-Faça favor de me seguir -disse.

Saíram para o vasto saguão e encaminharam-se para outra porta, com dois painéis de vidro fosco com o seguinte dizer: INGRESSO È VIETATO - que Randall conjecturou que queria dizer proibida a entrada. O funcionário abriu a porta, e logo chegou às narinas de Randall um cheiro nauseabundo. Era o cheiro inegável da morte e teve que parar subitamente possuído por tremenda náusea. O seu primeiro instinto foi voltar-se e fugir daquele local a sete pés. Aquela identificação não tinha nenhum objetivo concreto. A sobrevivência era tudo o que importava, mas o funcionário tinha-o agarrado firmemente por um braço e arrastava-o ao longo de um comprido corredor.

No extremo do corredor, via-se um policial de sentinela em frente de uma porta com os dizeres: STANZE DI RICONOSCIMENTO.

- Que quer dizer - perguntou Randall, apontando.

- Sala de reconhecimento - traduziu o funcionário. - É aqui que pode proceder à identificação do cadáver.

A polícia abriu a porta e Randall, tapando o nariz com o lenço, obrigou-se a entrar. Tratava-se de uma pequena sala iluminada com luz fluorescente indireta. Duas portas de

vidro no extremo oposto da sala foram abertas e um servente entrou empurrando uma maca de rodas onde se desenhavam as formas de um corpo coberto por um lençol branco. O funcionário encaminhou-se para junto da maca e Randall, como um autômato, aproximou-se também. O homem pegou numa das pontas do lençol e ergueu-a parcialmente.

-Será este o seu... Robert Laforgue?

Randall sentiu que as tripas lhe vinham à boca ao inclinar-se para espreitar. Bastou um olhar para se certificar que aquele rosto marcado por fundas rugas, agora na morte amarelo como

um pouco de pergaminho, um rosto pisado, intumescido, pertencia sem dúvida a Robert Laforgue, aliás, Robert Lebrun.

-É sim - respondeu, procurando dominar a náusea.

-A sua identificação é positiva?

-Positiva.

O funcionário abaixou o lençol e fez sinal ao servente para levar a maca embora. Depois voltou-se para Randall.

- Obrigado signore. Daqui estamos despachados.

Quando saíram da sala de reconhecimento, andando pelo sombrio corredor, Randall sentia nas narinas não só o fétido cheiro da morte, mas também um odor de estranha coincidência.

Era essa a última sensação de cheiro que o avassalava. Quando pretendia ver o original do Papiro Número 9 em Amsterdã, ele desaparecera por coincidência. Quando procurara analisar o negativo de Edlund tirado ao papiro, por coincidência todos os negativos do fotógrafo foram devorados por um incêndio providencial. Há pouco, quando preparou para receber a prova da fraude, o falsificador, por coincidência, fora atropelado fatalmente por um carro desconhecido na véspera da entrega.

Atropelado ou assassinado? Coincidência...ou propósito minado?

O empregado do necrotério estava falando.

-Signore, sabe de alguém da família que possa reclamar o corpo?

- Duvido que tenha família.

-Nesse caso, como o senhor foi a única pessoa que procedeu ao reconhecimento do corpo, todas as disposições a seu favor são perfeitamente legais. - Lançou um olhar esperançado para Randall. -Claro, se o desejar.

-Que quer dizer?

-Uma vez que foi feita a identificação, já podemos dar destino ao cadáver. Se o senhor não tiver intenção contrária, o corpo será enterrado no Campo Comune...

- Ah, é verdade! Ouvi falar nisso. A vossa fala comum.

- Mas se quiser responsabilizar-se, poderemos arranjar modo de uma agência funerária se encarregar de fazer o funeral, colocá-lo em câmara ardente na capela do cemitério católico, o Cimitiro Verano, com todos os serviços religiosos inerentes. A campa terá uma pedra funerária e será enterro respeitoso, se o senhor quiser pagar.

Chegaram ao saguão e voltaram para a sala do grande balcão de mármore polido. Randall não hesitou. Sob quaisquer hipótese, Lebrun procurou cooperar. Ainda que não tivesse tido oportunidade de levar até ao fim a sua promessa, merecia sem dúvida algo em troca dos seus préstimos. Além de tudo o mais, tratava-se não de uma obra piedosa, mas do respeito devido a todo o ser humano.

-Sim, pagarei todas as despesas para que o cadáver tenha um funeral como deve ser.

Apenas com uma retificação... - não se pôde impedir de sorrir levemente ao recordar as idéias de Lebrun. - Não pretendo serviços religiosos e não quero que o corpo seja enterrado no cemitério católico. O meu amigo era... um agnóstico.

O funcionário do necrotério fez um gesto de compreensão e ocupando seu lugar por trás do balcão.

-As coisas serão feitas com o senhor desejar. Depois da agência arranjar o corpo, o enterro far-se-á no cemitério não católico... no Cimitiro Acatolico. Existem muitas pessoas não crentes, principalmente poetas estrangeiros que repousam nesse cemitério. Tudo se fará de maneira correta, fique descansado. Quer pagar já, signore?

Randall pagou a quantia que o homem lhe pediu, aceitou um recibo, assinou um documento oficial da transação e sentiu-se felicíssimo por poder finalmente partir.

Quando se preparava para partir, o funcionário chamou-o.

- Signore! Um momento...

Pensando no que poderia haver mais, Randall voltou até junto do balcão de mármore. O funcionário mostrou-lhe um saco de plástico.

-Uma vez que reclamou o corpo para enterrar, tem direito aos haveres da vítima.

-O quê, às coisas que se encontram no apartamento? Pode oferecer tudo a qualquer instituição de caridade não religiosa.

- Assim se fará... mas não se trata disso, trata-se do que está dentro deste saco, os pertences pessoais do morto, encontrados na altura do acidente.

O funcionário soltou o laço que prendia a boca do saco, voltou-o ao contrário e deixou cair no balcão o conteúdo.

-Escolha aquilo que quiser como última recordação... -

Ouviu-se uma campainha tocar insistente num departamento interior.

- Desculpe-me - disse o homem, precipitando-se para atender o telefone.

Randall ficou encostado ao balcão, contemplando tudo o que restava da memória de Lebrun.

Era pouca coisa e o que via fazia-lhe doer a alma. Agarrou nos pertencentes um a um, pondo-os de lado à medida que os observava. Havia a caixa metálica retorcida e amoldada de um relógio de bolso, com os ponteiros parados nas doze e vinte e três. Um maço de cigarros franceses da marca Gauloises. Uma caixa de fósforos. Algumas moedas de 10 liras. Finalmente uma imitação barata de uma carteira de couro, em plástico.

Randall levantou a carteira, abriu-a e começou tirando o que estava dentro.

Uma carteira de identidade.

Quatro notas de 1000 liras.

Um pouco de papel muito enrugado e dobrado em várias partes.

E um bilhete de trem, em cartão cor-de-rosa.

Randall atirou a carteira de identidade e as quatro notas para o balcão, junto da carteira. Desdobrou o pedaço de papel. No meio via-se desenhado um peixe com uma seta a atravessá-lo. Era semelhante ao que lhe fora ofertado, desenhado pelo Professor Monti, com a diferença daquele peixe ser mais redondinho e ter um outro traço distinto, possivelmente desenhado por Lebrun. No canto inferior direito, numa letra firme e bem desenhada, numa tinta azul viam-se as palavras: Cancellio C, Decumanus Maximus. Porta Marina. 600 m. Catacomba.

Agora o bilhete de trem. Estava dividido em duas seções dobradas. As partes exteriores estavam numeradas de um a trinta e um, o que representava, obviamente os dias do mês. No meio da primeira seção lia-se: ROMA S. PAOLO / OSTIA ANTICA. O outro lia-se:

OSTIA ANTICA / ROMA S. PAULO.

Randall sentiu as fronteiras a latejarem.

O funcionário do necrotério estava outra vez no balcão.

-Mil perdões -disse. -Encontrou alguma coisa?

Randall mostrou-lhe as duas partes em cartolina cor-de-rosa.

-O que é isto?

O funcionário examinou.

-Um bilhete de trem, de ida e volta. Tem a data de ontem. A primeira seção é da estação de S. Paulo em Roma e para Ostia Antica, onde existe uma estância balnear e umas ruínas antigas. O outro pedaço representa o regresso, de Ostia Antica para Roma. Foi comprado ontem, mas não utilizado, uma vez que não está picado nenhum dos dias do mês.

As fronteiras de Randall continuavam a latejar e no seu cérebro instalava-se um caos tentando reconstruir o que sucedera no dia anterior, domingo: Robert Lebrun dirigia-se à estação de S. Paulo, comprara um bilhete de ida e volta para Ostia Antica. Como era ainda cedo dirigira-se com certeza, a coxear, para a praça, a fim de apanhar um pouco de sol antes de partir. Mais tarde, atravessando a praça de volta à estação, fora atropelado e morto, tendo na carteira o bilhete para Ostia Antica e volta que nunca mais utilizaria.

Ostia Antica, o local onde o Professor Augusto Monti fizera a sua extraordinária descoberta... Lebrun quisera ir a Ostia Antica para recuperar as provas de que esse grande achado não passava de uma falsificação.

Randall meteu o bilhete no bolso do casaco e analisou o desenho do peixe e as palavras escritas no canto inferior direito. Randall olhou para o funcionário.

-Onde fica a Porta Marina?

-Porta Marina? É também em Ostia Antica. No extremo das ruínas romanas de Ostia Antica... as Termas de Porta Marina... muito interessante muito antigo, verá.

Sim, podes apostar que verei, pensou Randall.

Dobrou o papel com o desenho e meteu-o no bolso, perto do bilhete do trem.

-Pode ficar com o resto-disse ao funcionário.

-Obrigado, muito obrigado, e as minhas condolências pela perda de um amigo, signore.

Randall pensou: sim, condolências pela morte de um amigo, mas ao mesmo tempo graças a esse mesmo amigo pelo pequeno legado, por aquela pequena esperança.

Randall saiu do necrotério para o ar quente da noite exterior. Sabia que tinha que terminar a viagem que Lebrun procurava iniciar. O bilhete de trem não fora utilizado. Mas no dia seguinte na sua mão haveria um outro bilhete de ida e volta para Ostia Antica... Roma / Ostia Antica e Ostia Antica / Roma... e aquele bilhete seria usado sem dúvida.

E depois? O dia seguinte diria.

CAPÍTULO 11.2

Quanto custara a noite a fazer-se dia. Que lentidão no ontem se tornar hoje.

Randall tinha um bilhete cor-de-rosa no seu bolso, um bilhete marcado pelo alicate do revisor no número 2. Chegara finalmente a manhã do dia 2, terça-feira.

Ao ritmo do balanço do trem elétrico que o conduzia cada vez mais perto da antiga estância. Porto marítimo romano, semi-enterrado pelo decorrer dos séculos e onde a pá do Professor Monti iniciara a história da Ressurreição Dois, por meio do testemunho de Robert Lebrun. Randall pensava que talvez a sua viagem representasse o fim da Ressurreição Dois... morreria onde nascera.

A noite anterior fora muito ocupada para Randall. Pelo porteiro do Hotel inteirara-se do horário matinal dos trens para Ostia Antica. Fora-lhe dito que o trem não levava mais de vinte cinco minutos de viagem desde Roma. Depois de se informar do horário, Randall percorrera as ruas em volta da Via Veneto para bisbilhotar em algumas livrarias, que normalmente se mantivessem abertas até às oito horas, ou mais tarde, para servirem os turistas. Encontrara duas lojas e numa delas, com uma seção de língua inglesa, descobrira aquilo que pretendia: exemplares usados de livros definitivos sobre Ostia. Um de autoria de Guido Calza, que orientara e dirigira explorações nas ruínas no início do século vinte. Outro de autoria de Russel Meiggs, que escrevera o registro mais histórico do apogeu e decadência da antiga cidade do litoral, porto franco da grande metrópole que fora a Roma imperial.

Para substanciar os volumes comprados, como apoio, Randall adquirira também um mapa turístico com a planta de Ostia, nos primitivos tempos romanos e na era atual; e uma monografia que descrevia as ruínas trazidas à luz do dia desde o século passado. Em nenhuma das obras figurava o nome do Professor Augusto Monti, coisa aliás compreensível, visto que todas aquelas orientações eram anteriores à descoberta feita por Monti seis anos antes. Além disso, segundo Randall se recordou, a descoberta de Monti mantivera-se um segredo bem guardado, que só no fim daquela mesma semana viria em pleno a sua publicidade mundial.

Depois de jantar e até às duas horas da manhã debruçara-se sobre os livros e o mapa, estudando com afinco, como nunca se lembrara de estudar, nem nos tempos do liceu. Conseguira quase memorizar o traçado e a história de Ostia Antica e dos seus arredores. Enfronhara-se na descrição de uma típica villa romana patricia do século I, como aquela cujas ruínas foram objeto das escavações do Professor Monti. A residência típica tinha um vestíbulo; um atrium, ou pátio descoberto; um tablinum, ou biblioteca; um trictinium, ou sala de jantar; uma oecus, ou sala principal da casa; uma cozinha monumental; alojamentos para os escravos que serviam a casa; um certo número de latrinas...e, claro, por Júpiter Capitolino, até mesmo uma catacomba.

No pedaço de papel com o desenho do peixe arpoado que metera na carteira, Robert Lebrun escrevera, depois de Porta Marina, e de 600 m., a palavra catacomba. Durante a noite passada, Randall procurara o significado daquilo e soubera que numerosas escavações feitas na Itália revelaram que determinadas Villas, propriedades de um converso cristão, em segredo, possuíam em regra a sua catacomba, o subterrâneo privado servindo de jazigo à toda família.

Depois do esgotante estudo dos livros e do mapa, Randall abrira a pasta, retirara um dos arquivos, desfolhara as notas tiradas, e as notas fornecidas por Angela, sobre as escavações feitas pelo Professor Monti seis anos antes. Procurando lembrar de todas as palavras proferidas por Lebrun durante o encontro, juntara-as às notas anteriores já tomadas. Finalmente, com os olhos ardendo, fatigado física e intelectualmente, deitara-se e adormecera.

Nessa manhã, apenas armado e equipado com o mapa; a folha de papel com o desenho do peixe atravessado pelo dardo; e com as notas criptográficas inseridas no canto inferior direito, tomara um táxi até à Porta San Paolo.

A estação Ostiense parecia-se mais com uma estaçãozinha provinciana. Colunas de mármore sem definição de estilo no exterior, saguão com chão em mosaicos e para lá do café e loja de venda de jornais, revistas e tabaco, as fileiras de guichês para venda de bilhetes.

Com o bilhete na mão, dirigira-se para a plataforma entrando no vagão. Naquele momento, olhando para o mostrador do relógio viu que já tinham decorrido dezessete minutos de viagem e faltando apenas oito para chegar ao seu destino.

Noutras circunstâncias, teria achado a viagem insuportável. Os bancos de madeira eram incômodos. Os vagões repletos de passageiros, pessoas pobres regressando às suas aldeias. Cruzavam-se conversas em todos os tons, na maior parte lhe pareciam queixumes. A atmosfera estava sufocante e quase todas aquelas pessoas transpiravam abundantemente, enquanto o sol impiedoso batia nas janelas. De vez em quando, o trem entrava num curto túnel, mas sem que o calor diminuísse, porque nessa altura acendiam-se as luzes interiores.

Observando a paisagem, Randall não via nada de interessante. A beira da linha viam-se blocos em mau estado de conservação, ostentando o espetáculo de roupas estendidas nas varandas. Aqui e além, a visão rápida de algumas residências de veraneio, ou raros projetos de desenvolvimento interurbano incompletos. O trem parava em todas as estações. Primeiro detivera-se em Magliana, depois em Tor di Valle, a seguir em Vittinia.

Naquele instante acabavam de deixar para trás Acilia. A paisagem melhorava, oferecendo à vista o desenrolar de vastas oliveiras, quintas, campos cultivados, pequenos cursos de água que iam engrossar a corrente do Tibre. A espaços, por entre as clareiras de madeira demarcando a linha férrea, Randall observava a linha cimentada de uma auto-estrada moderna, a Via Ostiensis, paralela a um caminho vicinal, feito de lajes cobertas de musgos.

Randall pensou que aquele caminho devia ser outrora a majestosa estrada que de Roma levava ao porto de Ostia, estrada mandada fazer por Júlio César, continuada por Augusto e melhorada por outros imperadores. A partir de Cláudio e Nero o porto passara a ser uma fortaleza contra eventuais invasores, e os celeiros rudimentares de Ostia absorviam o trigo desembarcado de vários pontos do império para abastecimento da capital.

Todavia, Randall pouco se importava com a paisagem que demarcava um dos momentos mais altos e mais baixos da história da humanidade, ao mesmo tempo, quase não sentia o calor e as penosas condições em que a viagem decorria, porque o seu pensamento estava voltado, exclusivamente, para o esperado lá adiante. Pensava na possibilidade de que Robert Lebrun, embora em espírito, o guiasse até a prova da mistificação, que obviamente se devia encontrar algures nas escavações controladas pelo governo do antigo porto marítimo na embocadura do Tibre. Sim, provavelmente a prova não se devia encontrar muito longe do local, onde Lebrun plantara a sua falsificação para Monti encontrar.

Randall tinha o pressentimento de que seria difícil alcançar as provas e que, praticamente, era como procurar agulha em palheiro. No entanto, tinha uma pista, um indício, transmitindo-lhe uma confiança ilimitada, impelindo-o para aquele final de ato. Nada lhe parecia agora mais importante do que saber se a mensagem contida no Evangelho Segundo Jacob e no pergaminho do centurião Petrônio – a qual dentro de poucos dias iria ser fornecida ao mundo pela Ressurreição Dois - era a Palavra salvadora...ou uma tremenda mentira.

O trem diminuiu a velocidade e os freios produziram um ruído arrepiante em contato com os trilhos de ferro, até que toda a composição imobilizou. Randall mirou o relógio. Desde que, partiram de Roma, vinte e seis-minutos decorridos. Olhou para fora a tempo de ver, um alpendre e um nome escrito numa das faces: OSTIA ANTICA.

Levantou-se e juntou-se aos outros passageiros que se dirigiam para a saída. Seguiu fielmente as pessoas, no fim da plataforma, dirigiram-se para um lance de escadas,

engolfando-se um pequeno rio, viaduto de passagem, sob a via férrea. Novo lance de escadas e encontrou-se na pequena estação de Ostia um edifício pitoresco em tijolo vermelho. Finalmente a rua.

Procurando fugir do intenso calor Randall - acabou por ficar, agradavelmente surpreso ao avistar uma praça afigurando-se-lhe um autêntico oásis, sombreada por palmeiras e de figueiras. Para além da praça, o esboço de uns degraus que levavam a uma ponte sobre um viaduto, com certeza paralelo à estrada. A multidão, que saíra com ele do trem, desapareceu como que por encanto e Randall parecia estar só naquele lugar pacífico. Mas essa sensação de solidão durou pouco. Em frente via-se um táxi, um veículo com todo o aspecto de ser contemporâneo dos primitivos dinossauros, encostado nele, sorrindo comicamente, via-se o motorista vestindo um anacrônico guarda-pó e com um chapéu muito semelhante ao usado pelos gondoleiros de Veneza.

O motorista levou a mão ao chapéu, respeitoso, interceptou o passo de Randall e disse-lhe com uma rasgada vêneta:

-Buon giorno, signore. Chamo-me LuPo Farinnaci. Toda a gente em Ostia me conhece. Tenho um táxi, um Fiat. O signore quer um táxi?

- Julho que não é preciso - disse Randall. - Vou só visitar as escavações...

- Ah, scavi, scavi, escavações, si. Pode ir a pé, não é muito longe. Sobe o viaduto, atravessa a auto-estrada e vê logo o local.

- Muito obrigado.

- Não deve ficar lá muito tempo. Está muito calor. Talvez depois precise se refrescar. Se quiser Lupo leva-o no táxi até Lido de Ostia, a praia que serve Roma.

-Julgo que não terei tempo para isso.

-Talvez tenha, depois logo vê. Se precisar de um táxi, Lupo anda por aqui... Lupo costuma estar perto do restaurante chamado local Onde Enéias Desembarcou... também costumo estar junto do lugar que vende fruta, um pouco adiante. Talvez precise de mim.

- Obrigado, Lupo. Se precisar de si, procurá-lo-ei.

Randall subiu as escadas que levavam à ponte do viaduto e atravessou a auto-estrada. Na altura em que descia o pequeno declive, que levava a um campo aberto, onde se via um pinheiral, a camisa enopada de suor se lhe colara à pele. Mapa na mão, identificou o castelo, construído no século XV, por Giuliano della Rovere, mais tarde nomeado pelo Papa, com o nome de Júlio II. Em seguida localizou um restaurante ostentando na fachada um estranho nome, Allo Sbarco di Enea - local Onde Enéias Desembarcou, como lhe traduzira Lupo. Sob a fresca sombra via algumas mesas, onde várias pessoas almoçavam em mangas de camisa.

Mais adiante lá estava a entrada principal para as ruínas, que o mapa indicava como Cancellò A, Porta Romana.

Mais uns passos e avistou o amplo portão de ferro, aberto de par em par, com um poste onde se via a seguinte indicação: SCAVI DI OSTIA ANTICA.

Mal passara o portão e eis que tudo de novo se transformava à sua vista como que por obra de magia. O terreno subia ligeiramente, em suave declive. A sua frente ficava um parque, ou aquilo parecia-lhe um parque, cheio da fresca sombra de verdes pinheiros, da qual uma brisa imperceptível lhe trazia às narinas o cheiro tão agradável. Dali avistava-se o magnífico mar banhado pelo sol, misturando ao cheiro da resina, um odor de sal e iodo.

À esquerda avistou um pavilhão miniatura, num pequeno balcão, uma mulher gorda o observava atenta. A mulher tinha na mão um maço de bilhetes.

-Bisogno comprare un biglietto per entrare, signore! Para entrar tem que comprar um

bilhete, senhor!

Randall aproximou-se e comprou um bilhete para ter o direito de ver as ruínas. Procurando o dinheiro certo no bolso, Randall viu uma outra placa com alguns dizeres e olhou interrogativo para a vendedora de bilhetes.

Ela correspondeu à solicitação e explicou:

-É um aviso da diretoria para os visitantes não se aproximarem das escavações. É proibido. Só as ruínas é que são para ver, não as escavações. Diz também para os visitantes terem cuidado com os desníveis de terreno ao caminharem, de modo a não caírem em nenhuma cova.

-Terei o máximo cuidado - garantiu Randall.

Voltando de novo ao mapa, Randall procurou a Decumanus Maximus, a antiga via que levava a tudo aquilo que fora descoberto nas ruínas de Ostia Antica. Não teve dificuldade em encontrar a estrada, mas, logo ao dar os primeiros passos, reconheceu que não era nada fácil caminhar por ali.

A via, tal como na altura do século II em que fora construída, estava pavimentada com seixos redondos e escorregadios, separados por intervalos. Caminhar por aqueles lajedos demandava um autêntico prodígio de equilíbrio que levou Randall a desistir e a preferir a beira da estrada invadida pela erva. Seguiu por entre as altas ervas, onde por vezes se viam clareiras peçadas de destroços, mármore e materiais de construção, locais que outrora haviam formado a cidade de Ostia, estância marítima que fora abastecedora de trigo a Roma e lugar de veraneio dos orgulhosos patrícios.

Consultando o mapa, inteirou-se que naquele local estavam as paredes derrocadas de um celeiro do século II. Mais adiante, colunas quebradas e umas lajes em socacos, tudo o que restava de um anfiteatro do ano 30 antes de Cristo, onde os romanos e ostienses assistiram à grandes representações das tragédias e comédias da época. Além, o Templo da Fortuna e mais adiante os Banhos do Forum. Impaciente com os detalhes do mapa, que lhe roubavam uma vista do conjunto das ruínas, Randall, a breve trecho, desistiu de o consultar para deliciar a vista por aquelas soberbas ruínas de uma civilização morta. As camadas expostas revelavam umas de mármore com as suas elaboradas gravações, todo um setor de uma casa, com as paredes, interiores pintadas, fontes quebradas e piscinas, onde outrora, a água cantara alegremente enchendo o ambiente de frescura. Imponentes restos de arcos, e um comprido socaco onde se lia Decumanus Maximus.

Percorrera mais de dois terços das ruínas de Ostia Antica e a área revelava-se cada vez mais deserta. Nem sombra de outro ser humano à vista e Randall já sentindo-se perdido naquela imensidão de mármore quebrados.

Caminhou até junto da sombra de um pinheiro, sentou-se na beira de um grande bloco de pedra, resto da parede de uma villa, e tirou do bolso à folha de papel que encontrara na carteira de Lebrun.

Voltou ler a inscrição criptográfica no canto inferior direito: Cancelli C, Decumanus Maximus, Porta Marina. 600 mtrs. Catacomba.

Estudando as palavras pela centésima vez, Randall sentiu-se naquele momento menos certo de que elas quisessem dizer aquilo que no dia anterior pensara. Julgara que fosse aquele o destino de Lebrun no domingo em que morrera, que significasse um registro da área onde o velhote escondera a prova da sua falsificação. Mas começava a ter dúvidas desse pensamento prévio estivesse a par da realidade.

Contudo, não havia outra alternativa senão prosseguir. De acordo com o seu mapa, Cancelli C (que segundo o seu dicionário italiano-inglês queria dizer Portão C) ou Porta Marina

ficavam adiante, numa curva da estrada, no extremo da Decumanus Maximus e para além dos limites exteriores das ruínas de Ostia Antica.

Meteu no bolso do casaco o papel e o mapa, levantou-se da pedra, voltou para o sol esmagador para lá da sombra do pinheiro e encaminhou-se para a curva que a via desenhava mais adiante.

Em cinco minutos chegou ao fim da estrada pavimentada pelos seixos escorregadios. Diante dele estavam agora as termas ou Banhos da Porta Marina. À sua direita, para além de casas e jardins da era de Adriano, produtos de recentes escavações, onde a terra marrom, com vestígios de feno recentemente ceifado, reverberava aos intensos raios do sol, pesado como chumbo.

Pondo as mãos em pala nos olhos, a perscrutar a zona entre o campo de cultivo e os Banhos da Porta Marina, Randall observou uma pequena cabana, com um balcão rudimentar para venda de fruta e refrescos aos turistas. Viu também uma figura humana correndo para o lugar onde ele estava, acenando com a mão, uma figura que ia crescendo a olhos vistos.

Esperou até ver a figura correndo ao seu encontro era um rapaz, talvez de treze ou catorze anos, de encaracolado cabelo preto, uns olhos pretos como contas, de tronco nu, onde se podiam contar as costelas uma a uma, vestindo apenas um calção de cáqui e uns sapatos de lona, muito rotos e sujos.

- Eh, signore! - gritou percorrendo os últimos metros que o separavam de Randall e colocando as mãos nas ancas procurando controlar a respiração. - Lei é inglese, vero? É inglês, não é verdade?

- Americano - respondeu Randall.

- Eu falo inglês - anunciou o rapaz. - Aprendi na escola e com os turistas que aqui vêm. Vou-me apresentar. Chamo-me Sebastiano.

- Pois muito bem, olá, Sebastiano.

-Quer um guia? Sou um bom guia. Tenho ajudado muitos americanos. Mostro-lhe tudo o que há para ver em Ostia Antica durante uma hora por mil liras. Quer que lhe mostre as ruínas principais?

-Já vi as ruínas principais. Agora procuro outra coisa. Talvez me possas ajudar, hem?

- Sim, posso ajudá-lo -disse Sebastiano entusiasmado.

-Disseram-me de uma outra escavação por estes lados, feita há uns seis anos numa propriedade privada que fica perto. Ora se...

-Scavi de Augusto, Monti? -interrompeu o rapaz.

Randall manifestou a sua surpresa.

- Sabes onde é? Ouvi dizer que era uma coisa muito secreta..

- Sim, muito secreta - corroborou Sebastiano. - Ninguém ouviu falar dela, e nunca veio cá ninguém para ver. A tabuleta diz que a área é reservada porque ainda existem buracos e trincheiras e as autoridades não dão licença aos turistas para visitarem as escavações. O governo proclamou o terreno de interesse histórico e fiscaliza tudo. Mas, eu e os meus amigos vivemos aqui perto, brincamos pelos campos e conhecemos tudo o que existe em redor. Quer visitar a scaz de Augusto Monti?

-Mas então não é uma zona proibida?

Sebastiano encolheu os ombros.

-Não há ninguém de vigia. Ninguém está lá para ver. Quer ir lá por mil liras?

- Quero - Lembrou-se do criptograma de Lebrun que tinha no bolso. - O local que eu quero visitar fica a seiscentos metros da Porta Marina.

- É fácil - disse o rapaz. - Venha comigo. Contarei os seiscentos metros quando chegarmos. O signore é arqueólogo?

- Sou geólogo. Quero examinar o... terreno.

- Não há problemas. Podemos começar. Contarei os seiscentos metros de cabeça. O local fica antes dos pântanos e das dunas. Sei muito bem onde é.

Dez minutos depois, estavam à entrada de uma profunda trincheira, uma escavação central de onde partiam muitas ramificações de trincheiras e onde se viam, de vez em quando buracos, em parte tapados com grandes pranchas de madeira, em regra apoiadas sobre as grossas traves servindo de escoras transversais.

Ao lado da trincheira central, descoberta, via-se um poste de madeira com uma tabuleta já bastante deteriorada pelo tempo, ostentando uma mão fechada com o indicador espetado e umas palavras em italiano.

-Que quer dizer? -perguntou Randall.

- Diz ... é difícil para mim traduzir...Scavi... bom, agora me lembro... diz: «Escavações de Augusto Monti. Perigo. Área proibida. Não entrar.» Cá está o que lhe tinha dito.

- Muito bem. - Randall debruçou-se para a trincheira, olhando lá para dentro. - Para descer viam-se quatro ou cinco degraus de madeira que levavam ao túnel debaixo do chão. - Lá embaixo existe alguma luz?

-Só a do sol. Mas é suficiente. As traves das zonas tapadas deixam entrar a luz. Esta trincheira leva a uma grande escavação de uma antiga villa, apenas meio desenterrada. Quer que lhe mostre?

-Não-disse Randall rapidamente- Não, parece-me que não será necessário. Só estarei lá embaixo alguns minutos. -Tirou do bolso uma nota de 1000 liras e colocou-a na palma da mão do rapaz. - Aprecio imenso a tua boa-vontade em me ajudares, mas prefiro não ter ninguém a meu lado enquanto procedo ao exame do solo. Compreendes.

Imponente de solenidade, o rapaz levantou a mão.

-Juro que não contarei a ninguém. O signore é meu cliente. Se voltar a precisar de mim para ver mais alguma coisa, estou lá embaixo na barraca da fruta e dos refrescos.

E Sebastiano voltou-se, lançou-se correndo e aos saltos através do campo. Voltou-se para trás acenando com a mão, e perdeu-se de vista por trás de uma elevação cheia de matos. Randall esperou até que ele desapareceu e encaminhou-se depois para a boca da trincheira, onde se viam os degraus de madeira.

Hesitou. Repentinamente, aquilo parecia-lhe uma aventura quixotesca, louca, ridícula. Que diabo fazia ele, um dos mais destacados homens de relações públicas americanas, diretor de publicidade da Ressurreição Dois, naquele lugar, algures na Itália, junto daquela escavação isolada e abandonada?

Mas, era como se uma mão invisível o empurrasse... a mão de Robert Lebrun. Dois dias antes Lebrun, não estava disposto a dirigir-se para aquele local?

Imediatamente colocou o pé direito no primeiro degrau e começou a descer com cuidado até colocar os pés no chão de terra batida do fundo da trincheira. Deu alguns passos e viu a boca da estreita escavação a uns vinte passos. A escuridão subterrânea, cortada aqui e ali, pelos raios de luz do sol, filtrados pelas pranchas mal ajustadas, formando uma espécie de teto.

Começou a avançar cauteloso. A intervalos regulares as altas paredes de terra estavam escoradas, para evitar desmoronamento. Viam-se toras de madeira, como colunas, apoiando as vigas e pranchas formando o teto parcial. Em certo local, a terra abaulava-se revelando um chão formado de mosaicos, num corredor lateral. Logo a seguir viam-se

vários caixotes cheios de pedras vermelhas, muitos de mármore e tijolos de cor amarelada.

Aproximando-se do extremo da trincheira, antes desta se ramificar para outras escavações, Randall observou as traves por cima, estavam ligeiramente deslocadas, até com certas pranchas parcialmente de lado, de modo que aquele lugar recebia sensivelmente mais luz.

Inspecionando atento as redondezas, encontrou-se repentinamente frente a um setor da parede da escavação que parecia curiosamente diferente - formava uma espécie de vão, parecia formada de certa espécie de calcário pouco consistente e apresentava a configuração dos restos de uma espécie de gruta... e Randall parou, sentindo um baque no coração.

Naquele vão à sua direita, o calcário apresentava sinais de grafite.

Seria aquele estranho lugar a catacomba familiar? O antigo subterrâneo que servia de jazigo para a família? Demarcações traçadas na rocha porosa, conhecida como tufa granulare, viam-se desenhos primitivos, do século I, os traços feitos pelos primitivos cristãos perseguidos nos tempos apostólicos.

Não eram muitos e também não eram muito distintos, mas podiam divisar-se perfeitamente as suas formas.

Randall deslocou-se para junto da parede de tufa. Observou um desenho em forma de âncora. A secreta e primitiva âncora cristã que servia para disfarçar o sinal da Cruz de Cristo. Viu as letras gregas X e p, as primeiras duas letras da palavra grega Cristo. Logo a seguir via-se o desenho rudimentar de uma pomba com um ramo de oliveira no bico, símbolos do primitivo sinal cristão para a paz.

Randall pôs-se de cócoras. Limpou com a mão aquilo que se assemelhava a... sim... a uma baleia, sinal dos pioneiros cristãos para designarem a Ressurreição. E a seguir, na rocha vermelha e porosa como ardósia o vago delinear de um peixe, mais outro peixe e ainda um terceiro peixe primitivo, gravados como pequenos peixes anões, os símbolos da palavra I-CH-TH-U-S, cujas letras eram as iniciais das palavras gregas para Jesus Cristo, Filho de Deus e Salvador.

Sem dúvida que a parede de tufa escondia uma sub câmara, ocultava uma espécie de subterrâneo, uma catacumba onde uma família romana convertida ao cristianismo enterrara os seus mortos e deixara pela parede sinais da sua crença e da sua fé.

Randall pôs-se em pé, esquadrinhando cuidadoso a superfície para ver se descobria mais grafites. Os seus olhos desceram ao longo da parede, tornaram a subir e depois, quando seguiam pela terceira vez o sentido descendente, talvez a uns cinquenta centímetros do solo da trincheira, viu aquilo que procurava.

Deixou-se cair positivamente de joelhos para observar melhor o desenho, para ter a certeza de que era o que procurava com tanto afã. Entre os vários sinais desenhados, um deles apresentava um traço de longe mais recente.

Na parede de tufa foi gravado o desenho de um peixe redondo atravessado por uma seta.

Randall levou a mão ao bolso e tirou o papel de Lebrun, desdobrando-o e com ambas as mãos ajustou-o contra a parede.

O peixe atravessado pelo dardo do que Robert Lebrun desenhara no papel era a cópia exata daquele que se via na parede da escavação realizada pelo Professor Augusto Monti.

Randall ficou com a respiração suspensa. Levantou-se a custo e murmurou:

-Deus do Céu, encontrei... Santo Deus, posso estar em cima do túmulo da Ressurreição Dois...

CAPÍTULO 11.3

Que deveria fazer a seguir?

Encostou-se à parede e refletiu cuidadosamente. Logo que a sua elaboração mental lhe pareceu satisfatória, começou apressado a seguir o caminho inverso para o boca da trincheira.

Saindo do fresco túnel para o braseiro da tarde, percorreu com rapidez o campo em frente, trepou o montículo até a barraca dos refrescos estar ao alcance da sua voz. Viu o rapaz que há pouco lhe servira de guia, Sebastiano, brincando com uma bola, perto de uma outra pessoa que bebia qualquer coisa encostada ao balcão - era o motorista do sorriso perpétuo, do chapéu à gondoleiro e do Fiat ante diluviano.

Randall chamou o rapaz, tentou chamar-lhe a atenção agitando os braços, e finalmente Sebastiano viu-o, deixou a bola e correu para ele. Randall pretendeu pedir a Sebastiano que lhe arranjasse tantas ferramentas quantas possível - uma picareta, uma pá e um carrinho de rodas-mas decidiu que tais coisas deviam estar muito além dos recursos imediatos do moço e que forçá-lo a arranjar-lhe todo esse equipamento seria perigoso e levantaria suspeitas.

Randall esperava-o com três notas de 1000 liras fechadas na mão. Quando se aproximou mostrou-lhe duas notas.

- Sebastiano, gostavas de ganhar duas mil liras?

Os olhos do rapaz arregalaram-se.

-Necessito examinar melhor certa porção de terra da trincheira e levar comigo algumas amostras. Preciso de uma pá bem afiada. Uma pá que seja forte. Preciso dela talvez por uma hora. Sabes onde posso arranjar uma emprestada?

-Eu posso arranjar-lhe uma boa pá- prometeu Sebastiano rapidamente. -Temos uma no quintal da nossa casa que serve para a horta.

- Só a quero emprestada - repetiu Randall. - Volto a entregar-te quando partir. Demoras muito para buscá-la?

- Quinze minutos, nem tanto.

Randall entregou ao rapaz as duas mil liras e depois exibiu a terceira nota.

- Aqui tens mais mil liras se mantiveres tudo isto em segredo, só entre nós.

Sebastiano agarrou na terceira nota. Jurando, como se fosse um conspirador:

-É il tuo segreto, lo prometo, lo giuro. Fica tudo entre nós, é o nosso segredo. Prometo-lhe, juro.

-Então vai num pé e vem no outro.

Sebastiano, como um cavaleiro veloz, começou a trotar pelo campo, não em direção à barraca de fruta, mas, na direção do lado direito da estrada.

Randall ficou impaciente à espera, chupando o seu cachimbo e olhando para as ruínas de Ostia Antica, esforçando-se por não pensar nas escavações de Augusto Monti que ficavam nas

suas costas.

Em menos de um quarto de hora Sebastiano reapareceu com uma pá pontiaguda, não muito grande, parecida com as picaretas usadas pelos soldados para abrir trincheiras. Randall agradeceu ao moço, murmurou-lhe algo de novo sobre o manter segredo e prometeu-lhe voltar a entregar a pá, na barraca dos refrescos dentro de uma hora.

Depois do moço ir embora, Randall encaminhou-se apressado para as escavações Monti,

desceu os degraus da trincheira principal e, seguiu com cuidado até ao extremo do túnel, onde os raios de sol, passando por entre as pranchas desviadas, continuavam a iluminar a parede de tufa, revelando os antigos desenhos e aquele mais recente, do peixe arpoado, que fora com certeza traçado pela mão de Lebrun. Tirou o casaco, colocou-o no chão juntamente com a pá e foi até o lugar onde tinha visto os caixotes de madeira, uns cheios e outros vazios. Escolheu três dos vazios e levou-os, um a um, até ao local onde se encontrava o desenho do peixe atravessado pela seta.

Traçando um amplo círculo em volta do peixe de Lebrun, principiou a atacar a tufa, abrindo um caminho com a ponta da pá, demolindo o peixe arpoado (o que afinal não representava a destruição de nenhuma antiguidade), definindo e aprofundando o círculo. A superfície era mais rija e menos penetrável do que imaginara, e foi preciso empregar toda a solidez dos seus músculos para abrir caminho. No entanto, mal aquela superfície mais sólida cedeu, desintegrando-se positivamente, a tufa foi-se tornando cada vez menos resistente, esfarelou-se mais facilmente, e tornando mais encorajadora a sua tarefa. Cavando com firmeza e retirando os pedaços de pedra calcária para dentro dos três enormes caixotes, sentiu que fazia verdadeiros progressos.

Prevendo o que iria encontrar no interior, foi enterrando a pá cada vez mais fundo na pedra porosa.

Decorrera uma hora, durante a qual Randall não cessara de cavar com a pá e de retirar terra do buraco.

Sentia correrem rios de suor que lhe inundavam o rosto, o peito e as costas e doíam-lhe os braços e a coluna vertebral devido à posição. Voltou mais uma vez a enterrar a ponta da pá na parede da catacumba e depois colocou a terra e os pedaços de calcário dentro do caixote a seus pés.

Sem fôlego, parou para descansar, encostando-se no cabo da pá e tirando o lenço do bolso para limpar o suor que lhe inundava a testa e lhe corria para os olhos.

Por toda a parte existiam pessoas malucas - refletiu Randall encostado no cabo da pá - malucos fanáticos como os que geriam o projeto em Amsterdã, sem dúvida o Professor Monti, encerrado numa clínica romana para dementes, malucos como Lebrun, quer estivesse no céu ou no inferno, mas, parecia-lhe que o mais tolo de todos era ele próprio, metido ali naqueles trabalhos.

Que pensaria seu pai, doente em Oak City, se o visse naquele momento? Que diriam George L. Wheeler e Naomi? Pior ainda, o que diria Angela Monti?

O veredicto deles seria unânime: ou na verdade estaria louco, ou tinha o diabo metido no corpo.

Não obstante, não pudera ignorar a pista fantástica que lhe fora oferecida pela sombra de Robert Lebrun - o peixe arpoado no pedaço de papel e o peixe gêmeo da parede da escavação.

Após semelhante descoberta, um dos seus primeiros pensamentos foi entrar em contato com o Alto Conselho para as Antiguidades e Belas-Artes, em Roma, explicando tudo o que sucedera e pedindo-lhes auxílio. Acabara pôr de lado tal idéia. Com toda a lógica, temera que os altos poderes italianos estivessem em conluio com os altos poderes da Ressurreição Dois. Sim, o mais provável era que as autoridades romanas, tal como o trust de Amsterdã, só quisessem lucros e êxito fácil. Randall experimentou pela primeira vez uma pontinha da paranóia que perseguira Lebrun a respeito dos seus inimigos - os homens da Igreja e as autoridades governamentais, formando uma frente unida para defenderem a hipocrisia.

E por isso mesmo, fora de tal sentido de mania da perseguição-embora a sua decisão pudesse ter algo de criança, de imaturidade e até de romantismo impraticável-Randall decidira-se fazendo o que podia e devia ser feito para chegar à verdade.

O peixe arpoado desenhado na parede da catacumba fora um convite para escavar e Randall não hesitara.

Aprendera que aquela parede de tufo calcário, tinha a excelente qualidade, principalmente quando oculta da luz do sol e exposta à umidade, de ser facilmente escavável. Por essa mesma razão, os cristãos primitivos haviam escolhido tais formações rochosas para nelas construir as suas catacumbas. Por outro lado, a tufa quando exposta aos raios do sol e ao ar endurecia automaticamente e tornava-se impraticável de demolir, tão resistente como o mármore. Eram fatos que haviam chegado ao conhecimento de Randall e que tornaram possível a sua empresa de amadorismo arqueológico.

CAPÍTULO 11.4

Uma hora depois de ter começado o trabalho, podia já observar um buraco formidável na parte inferior da parede, mas, um buraco onde não descobria outra coisa além de barro e partículas de rocha.

Ora a parte mais desanimadora do seu aturado trabalho residia no fato de não saber com exatidão, aquilo que esperava encontrar.

Coberto de suor e dolorido, descansando encostado no cabo da pá, Randall tentou lembrar-se do que Robert Lebrun prometera, como prova insofismável da sua mistificação, no quarto do Hotel ExceIsior:

Primeiramente um fragmento de papiro que se ajusta perfeitamente à parte que falta no Papiro Número 3... a parte desaparecida que Monti lhe recitou, aquela onde Jacob revela os irmãos de Jesus e também seus. Tem uma forma irregular e mede pouco mais ou menos 6,5 por 9,2 centímetros e ajusta-se perfeitamente ao buraco do chamado original... Esse fragmento porta o desenho de um peixe atravessado por uma seta traçado com tinta invisível... metade de um peixe. A outra metade encontra-se no próprio Papiro Número 3. O fragmento que guardei tem também a minha assinatura e umas palavras escritas pelo meu punho dizendo que se trata de uma falsificação...

Depois entregar-lhe-ei a prova restante e mais concludente da minha falsificação... os editores possuem vinte e quatro pedaços de papiros, alguns com uma ou duas partes desaparecidas, ao todo nove pequenas partes. Tenho em meu poder essas partes... oito estão protegidas dentro de um pequeno cofre de ferro bem escondido.

Arranjar-lhe as provas leva um pouco de tempo. Estão escondidas fora de Roma -não muito longe...

Com mais virgula, menos ponto, foi a revelação feita por Robert Lebrun.

Fora de Roma, não muito longe... A mensagem parecia suficientemente clara. Arranjar provas leva um pouco de tempo... Sim, inferno. Um pouco de tempo bem bom.

A segunda parte das provas, ocultas num pequeno cofre de ferro... era sem dúvida uma mensagem clara.

Mas a primeira parte, aquela que Lebrun prometera entregar a troco da primeira prestação do pagamento, o fragmento de papiro de forma irregular e com cerca de 6,5 por 9,2 centímetros... em parte é que não se mostrava clara, Lebrun esquecera-se de descrever a espécie de receptáculo em que se encontrava escondida e Randall esquecera-se também de lhe perguntar, naquele momento era tarde para retificar as coisas.

No entanto, essa parte da prova estaria dentro de algo que lhe oferecesse a maior proteção e por certo seria um receptáculo facilmente identificável no caso de ser encontrado. Randall contemplou os tufo calcários dentro dos caixotes. Não havia deixado passar nenhum objeto estranho. Desfizera cada pedaço daquela espécie de argila a fim de certificar de que não havia nenhum objeto estranho. Começava a pensar se na verdade tal prova existia fora da delirante imaginação do ex-condenado da Ilha do Diabo.

Endireitou-se agarrou com firmeza o cabo da pá e recomeçou a escavar.

Mais tufo calcário, mais detritos, mais... nada.

A medida em que prosseguia, enquanto os minutos se iam escoando, começou a ver que o seu obstáculo principal não era o passar do tempo mas o esgotar das suas forças.

Mais uma pá... calcária fora.

De novo, pá dentro do buraco e... um som oco, o bater da pá contra um objeto mais duro... um pedregulho? Maldição, se tivesse encontrado um veio de granito, então a escavação tinha terminado. Ajoelhou-se com um gemido e olhou para dentro do buraco, por entre as bagas de suor que lhe obscureciam a visão. Lá no fundo tinha a aparência de mais uma camada de tufa... mas, olhando bem não era tufa, nem calcária, era diferente. Pôs a pá de lado e meteu as mãos no buraco, apalpando o obstáculo, percorrendo-o com os dedos para lhe avaliar a forma e o tamanho. Teve a imediata percepção, através da sensação tátil, que era um objeto feito pela mão do homem. Talvez um antigo artefato. Mas...

Talvez não fosse.

Os seus dedos apertaram-se no objeto tentando desalojá-lo da sua posição entre as camadas de tufa amolecida. Os movimentos tornavam-se difíceis. Agarrou de novo a pá, com cuidado, manipulando-a em volta do súbito obstáculo, utilizando-a como uma alavanca.

Novamente com as mãos. Aquilo estava a soltar-se... e finalmente encontrava-se nas suas mãos.

Era uma espécie de cerâmica, um jarro ou vaso de barro, achatado, com cerca de 24 centímetros de altura e uma circunferência de 36 centímetros. A boca estava selada por uma substância preta, espessa e sólida, provavelmente piche. Randall tentou quebrar aquele selo, mas sem resultados práticos. Apressado, limpou a sujeira do vaso e descobriu a meia altura, na sua parte mais bojuda, via-se um veio do mesmo material que tapava a boca. Aparentemente o vaso fora separado em duas partes e consertado depois com piche. Randall pousou o objeto de cerâmica no chão da trincheira, agarrou no cabo da pá e atirou uma pancada seca no meio do vaso, separou-o em duas partes, com a parte superior praticamente em cacos.

Randall debruçou-se para os fragmentos de barro e viu imediatamente entre a parte inferior do vaso aquilo que procurara com tanto afã: uma bolsa feita numa pele acinzentada.

Deteve-se com aquilo, quase incapaz de se atrever a abrir. Com movimentos lentos, abriu a boca da bolsa e os seus dedos procuraram com cuidado o que haveria no interior. A sensação tátil provou-lhe que se tratava de um objeto aveludado, começou a puxar para cima. Tratava-se de uma espécie de papel protegido por uma camada de azeite vegetal, um papel que estava cuidadosamente dobrado em várias partes.

Era um fragmento de papiro - o precioso papiro de Lebrun. Estava coberto com caracteres aramaicos, várias linhas de um aramaico esmaecido escrito com tinta antiga. A parte desaparecida do Papiro Número 3, tal como Lebrun descrevera, a primeira parte das provas que prometera entregar em troca da primeira prestação do pagamento.

Pronto, ali estava aquilo, talvez, a prova de uma falsificação moderna que faria estourar a validade do Novo Testamento Internacional e impediria o ressurgir da fé em todo o mundo, quer de um antigo e autêntico papiro que Monti não conseguira descobrir, ou que fora parar às mãos de Lebrun e com o qual ele ficara; um pouco que poderia também ser um ponto de apoio para a Ressurreição Dois e que revelaria Lebrun como um mero fanfarrão, um mentiroso psicopata.

Todavia, sob qualquer hipótese, orientara-o até aquela descoberta e lembrara-lhe que aquele papiro inseria uma prova invisível a provar que o Evangelho Segundo Jacob não passava de uma intrujice bem consumada.

Randall estava demasiado esgotado para experimentar qualquer emoção forte.

Sim, ali estava aquele objeto, capaz de revelar a verdade. Com cuidado, Randall voltou a dobrar o fragmento e entalá-lo entre a camada protetora de azeite vegetal, metendo tudo direto na bolsa de pele.

O seu primeiro ímpeto foi de fugir dali com aquele pequeno tesouro, mas a lembrança da segunda parte das provas, o pequeno cofre de ferro contendo os fragmentos adicionais, constituía um desafio a que não era fácil renunciar. Uma vez aquela primeira parte descoberta, talvez a segunda não estivesse muito longe. Se o cofrezinho existia de fato estaria oculto nas redondezas, talvez nas profundidades daquele mesmo buraco.

Vacilando, Randall pôs-se de pé, servindo-se da pá como arrimo, e olhou para dentro do buraco. Pensou como é que um homem idoso como Lebrun encontraria forças para operar semelhante tarefa... a não ser que fosse mais vigoroso do que Randall imaginava ou, que se tivesse servido de algum cúmplice mais jovem. Bom, naquela altura as especulações de nada adiantavam. Fosse como fosse, Lebrun conseguira realizar a proeza. Randall pesou as probabilidades de ser capaz de repetir o feito, presumindo que muito mais haveria a escavar.

Apelando para as últimas reservas de energia, Randall decidiu continuar com o trabalho. Mais uma vez cravou a pá no interior do buraco, procurando aprofundá-lo e alarga-lo, ao mesmo tempo, pensando se Lebrun ocultara todas as provas no mesmo local, ou se resolvera enterrar o cofrezinho de ferro noutro local.

O fato é que naquele momento de nada valiam as especulações e o melhor era prosseguir na tarefa.

Acabava de retirar mais uma pá de tufa, quando aos seus ouvidos chegou o som de vozes. Pousou a ferramenta e escutou atentamente.

Sim, tratava-se de vozes humanas, com predominância de uma voz feminina, voz que flutuava à distância, presumivelmente para além do terreno fronteiro à escavação Monti.

O seu primeiro movimento foi dirigir-se para a boca do túnel e chegar depressa aos degraus existentes na trincheira aberta, mas um forte instinto de conservação impediu-o desse gesto de pânico, lembrando-se que ficaria completamente exposto junto da única entrada.

Todavia, tinha que saber o que se passava no exterior. Olhou para cima, para a trincheira com o seu teto de pranchas, cuja borda ficava meio metro acima da sua cabeça. Depois o olhar desceu-lhe para os caixotes cheios daquele calcário poroso. Sim, era a única solução. Com esforço, colocou-os uns em cima dos outros de forma a formarem uma espécie de degraus, depois, cauteloso, subiu até ficar com os olhos ao nível da borda, após ter afastado duas pranchas para arranjar um buraco suficiente.

Naquela posição gozava de uma ampla perspectiva do campo, do pequeno montículo, que descia em suave declive para o lado de Ostia Antica, da estrada e do lugar de fruta e de

venda de refrescos.

Ao primeiro olhar localizou logo a origem das vozes: três pessoas, esbracejando, desciam o declive da colina e dirigiam-se para a escavação Monti. Uma delas era uma matrona com ar de decidida, caminhando entre um homem e um rapaz. A mão da amazona fechava-se tenaz no braço da criança...nada mais, nada menos, que o solícito Sebastiano. Com a outra mão a mulher de armas ameaçava surrar o pequeno, verberando-o numa voz aguda, cujos termos não podiam ser ouvidos àquela distância. Sebastiano parecia protestar, mas a mulher, com todo o ar de ser mãe dele, arrastava-o firmemente para as escavações Monti.

A atenção de Randall concentrou-se essencialmente no terceiro comparsa daquela tragicomédia, e o que observou, alarmou-o. A terceira personagem tinha todo o aspecto de um agente da autoridade. Embora não usasse o chapéu de opereta dos carabinieri, envergava umas calças e uma camisa esverdeadas, um boné de pala preta e ostentava não só uma braçadeira vermelha, como um coldre branco ameaçador à cintura. Era sem dúvida um agente da polizia, talvez um rural.

O trio aproximava-se a olhos vistos.

A mulher devia ser sem dúvida a mãe de Sebastiano. Dera com certeza por falta da pá e acabara por extrair a verdade do filho. Depois dirigira-se à polícia local e denunciara Randall. Claro que o problema transcendia a mera perda de uma pá. Um estranho, um estrangeiro, invadira em segredo propriedade privada e estava a escavar sem licença num local arqueológico controlado pelo governo. Pericolo! Perigo, perigo para o estado! Fermi quell'uomo! Detenham o homem!

Ali vinha aquela gente, possivelmente para o prender.

Randall saltou da sua escada improvisada. Se o que pensava era ou não exato, estava agora fora de toda a especulação. O que importava é que aquilo, sob qualquer hipótese, representava um perigo real, uma ratoeira, estava prenhe de complicações. Não podia ser apanhado com a bolsa contendo o fragmento de papiro. A bolsa! Baixou-se e apanhou-a juntamente com o casaco. Para o diabo o resto.

Dominava-o um único pensamento: fugir. Se fosse apanhado ali e com a bolsa nem num milhão de anos conseguiria explicar as coisas cabalmente às autoridades.

Voltou a subir para cima dos caixotes, espreitando para fora. O trio tinha-se desviado ligeiramente, não se encaminhavam diretamente para o local onde se encontrava, mas sim para a boca da trincheira. Para lá chegarem tinham que dar a volta por uma curva do caminho, em desnível com a zona demarcada das escavações. Na altura em que chegassem à entrada, seria o momento propício para ele escapar. Ou então, nunca.

A mãe de Sebastiano dizia, puxando o filho:

-Lei dice che lo straniero, à sceso da solo qui?

E voltando-se para o policial rural:

-Dovete fermarlo! È un ladro!

Randall desesperado, pensou naquilo que ela dizia. Com certeza algo a respeito de um estrangeiro estar sozinho nas escavações, utilizando-se de uma pá que lhe pertencia. Devia estar dizendo à polícia para o prender, para prender o ladrão.

Estavam agora desaparecendo do raio de visão de Randall. Primeiro o policial, depois Sebastiano e a seguir a irada matrona.

Podia ouvir as palavras ressoarem pelo túnel.

Randall movimentou-se com rapidez. Subiu em cima dos caixotes e colocou a bolsa e o casaco na borda da trincheira. Depois, com todo o vigor que lhe restava, apoiando-se com

os cotovelos nas traves, içou-se até o parapeito, deixando-se rolar pelo declive relvado. Agarrou no casaco e na bolsa e desatou correndo com toda a presteza que lhe consentiam as pernas. Subiu a vertente do montículo e parou um segundo para observar a estrada e o lugar de fruta que lhe ficavam em frente, e logo a seguir projetou-se para diante com uma velocidade que só a noção de perigo podia explicar.

A medida que se aproximava da barraca onde se vendia fruta e refrescos, observou a figura conhecida com o famoso chapéu de gondoleiro, que se despedia do dono do lugar e se dirigia para o seu anacrônico Fiat.

- Lupo! - gritou. - Lupo, espere por mim!

O motorista do táxi voltou-se, admirado, mas ao ver Randall que se dirigia ao seu encontro correndo como uma lebre, sorriu, levando a mão ao chapéu e olhando esperançoso para o americano.

- Lupo, preciso de si. Quero alugar o carro.

- Quer ir para a estação? - perguntou Lupo, verificando pela primeira vez com admiração a aparência descomposta do seu potencial cliente.

Randall apresentava o rosto e as mãos sujas de terra e a camisa era uma mancha de suor e de calcária.

-Não, para a estação não! -exclamou Randall agarrando com firmeza o braço de Lupo e arrastando-o para o táxi. - Quero que me leve diretamente a Roma, o mais depressa possível. Pagar-lhe-ei bem por me levar. Pago-lhe a gasolina e também a corrida de regresso a Ostia. Pode dar toda a velocidade?

- Signore, estamos praticamente em Roma! - garantiu o motorista.

Enquanto abria a porta traseira do Fiat, Lupo perguntou:

-Então, signore, gostou das ruínas de Ostia Antica? Foi um dia de repouso e boa disposição, hem?

CAPÍTULO 11.5

Estava finalmente a salvo no seu quarto do Hotel Excelsior.

No saguão, onde fora alvo de olhares de surpresa, dirigira-se à recepção e pedira para lhe marcarem um lugar no primeiro avião que partisse para Paris. Completamente alheio às atenções despertadas pela sua extravagante aparência, fizera, do balcão da recepção, uma chamada para o Professor Henri Aubert, para a capital francesa. Aubert não se encontrava em seu gabinete, tinha saído, mas a secretária dele tomou cuidadosamente conta do recado. Monsieur Randall estaria em Paris antes da hora do jantar. Oui. Monsieur Randall tinha urgência em se encontrar com o Professor Aubert no laboratório a essa hora. Oui. Monsieur Randall telefonaria para confirmar o encontro quando da sua chegada ao aeroporto de Orly. Oui.

Naquele momento, já no seu quarto, Randall verificou que mal tinha tempo para fazer mais uma chamada telefônica, tomar um banho, pagar a conta do hotel e ir-se embora.

Mais uma chamada telefônica.

Presumindo que Aubert viesse a provar que o fragmento de papiro na bolsa era genuíno, um produto do século I, necessário se tornaria dar um último passo, procurar um derradeiro teste. Como o próprio Professor Aubert lhe dissera, a autenticidade do papiro não garantia a autenticidade do documento por si. No fim, o que importava era o texto em aramaico. E em tal foro, como Randall sabia, havia ainda um outro pormenor a esclarecer: a tinta invisível que Lebrun tinha mencionado, Com quem falar?

Teve uma tentação, quase uma devoção filial, em contatar George L. Wheeler ou o Dr. Emil Deichhardt e revelar-lhes o que tinha em seu poder, pedindo-lhes para convocarem o Dr. Jeffries e o Dr. Knight, os peritos em aramado da Ressurreição Dois, bem como alguns entendidos em história romana. Não obstante, por mais tentador que o caso lhe parecesse, não obstante toda a aparente facilidade, Randall resistiu a tal idéia.

A menos que Wheeler e Deichhardt tivessem estímulos suicidas ou fossem masoquistas, jamais colaborariam num assunto que poderia provar a falsificação de Lebrun. Eram pessoas que não mereciam confiança. Do mesmo modo, era impossível confiar no Dr. Jeffries, que tinha os olhos postos na chefia do Conselho Mundial das Igrejas, um lugar ao qual ascenderia por obra e graça da sua colaboração fiel com o Novo Testamento Internacional. Quanto ao Dr. Knight, havia o milagre de ter passado a ouvir. Como seria possível convencer alguém a agir contra aquilo que lhe deu um legítimo ímpeto de renovada fé? Não, não existia ninguém na Ressurreição Dois passível de ser convencido a auxiliá-lo, para todos havia demasiado em causa ligado ao êxito do projeto.

Chegou à conclusão de que precisava de alguém de características cépticas, alguém de natureza objetiva, que procurasse a verdade, com tanto afã como ele a buscara, por todos os meios ao seu alcance.

Só conhecia uma pessoa que preenchia tais requisitos.

Randall pegou o telefone e disse à operadora:

- Pretendo fazer uma chamada de longa distância para Amsterdã. Desconheço o número, mas sei que o local se chama Westerkerk, na capital holandesa. Trata-se de uma Igreja e a ligação é para o Reverendo de Vroome, tendo grande urgência.

A operadora respondeu:

-Por favor desligue. Vamos providenciar para descobrir o número que deseja. Daqui a pouco ligaremos para o seu quarto.

Apressado, Randall esvaziou as gavetas e meteu todos os pertences, que tinha espalhados por cima da escrivaninha de vidro, dentro da pasta. Em cima da cama deixou apenas uma camisa e uma muda de roupa interior. Depois de ter enrolado a camisa e o resto da roupa suja e colocado tudo dentro do saco de viagem, pôs o maior cuidado em esconder a bolsa com o precioso papiro no fundo da pasta, fechada a chave.

Tocou o telefone. Era a operadora do hotel.

-Localizamos a pessoa com quem desejava falar em Amsterdã. Pode começar.

A linha estava desimpedida. Instintivamente, Randall baixou a voz.

-Dominee de Vroome? Aqui fala Steve Randall. Estou falando-lhe de Roma...

- Sim...A telefonista disse que era de Roma. - A voz do clérigo era suave e atenciosa como sempre.- É muita bondade da sua parte lembrar-se de mim. Pensei que me tivesse voltado as costas definitivamente.

- Não. Embora tivesse acreditado em tudo aquilo que me contou, o fato é que tinha que descobrir as coisas por mim mesmo. Procurei descobrir Robert Lebrun e encontrei-o.

-Encontrou-o? Falou com ele?

-Sim, falei com ele frente a frente. Ouvi a história da própria boca dele, em essência foi, mais ou menos, a que Plummer lhe transmitiu. Claro, que o relato que obtive é de longe muito mais completo. De momento não posso demorar-me em pormenores. Estou prestes a apanhar um avião, mas cheguei num acordo com Lebrun.

-Ele entregou-lhe as provas?

- Sim. O que interessa... é que tenho comigo, aqui no meu quarto, a prova da falsificação. Do outro lado da linha ouviu-se um prolongado assobio de admiração.

-Excelente, excelente. É a parte desaparecida de um dos papiros?

-Exatamente. Um fragmente com palavras em aramaico. Vou levar o fragmento comigo para Paris. Chegarei ao aeroporto de Orly às cinco horas, num avião da Air France. Vou direto ao laboratório do Professor Aubert. Quero que ele verifique o papiro.

-Para mim Aubert não se reveste de nenhuma importância -disse o Dominee de Vroome.- Mas compreendo que seja importante pra você e para os seus «patrões». Evidente que ele declarará o papiro genuíno. Parece-me que essa foi a parte mais fácil para Lebrun. O que está escrito no fragmento é que poderá ou não oferecer a prova da falsificação.

-É por isso mesmo que lhe telefono. Conhece alguém em quem possamos confiar?

-deu-se rapidamente conta de ter usado a palavra nós - alguém que tenha a perícia suficiente para examinar o aramaico e dizer-nos...

-Mas, eu já lhe disse anteriormente, Mr. Randall, que devem haver poucas pessoas tão familiares com o aramaico como eu sou - interrompeu o clérigo:-Num assunto tão delicado, julgo que o melhor será confiar inteiramente em mim.

-Com todo o prazer - disse Randall, aliviado. -Esperava seu auxílio. Só mais uma coisa, já ouviu falar sobre uma mulher chamada Locusta?

-A envenenadora oficial do Imperador Nero? Claro que sim.

-Dominee, o senhor está tão familiarizado com a história da antiga Roma, assim como, com o aramaico?

-Talvez mais, até.

-Bem, para ter a certeza de não haver dúvidas a respeito da falsificação, o nosso comum amigo Lebrun conseguiu aprender uma antiga fórmula grega usada por Locusta para fabricar tinta invisível e aplicou essa fórmula ao fragmento o qual prova a sua mistificação e que eu tenho em meu poder.

O Dominee de Vroome emitiu uma risadinha.

- Positivamente um gênio do mal. Ele forneceu-lhe a fórmula?

- Não completamente - respondeu Randall. - Sei que a tinta invisível é composta de bagas de uma planta chamada centáurea. Para fazer aparecer a mistura tem que se utilizar uma mistura de sulfato de cobre e de outro ingrediente... mas não sei qual é o outro ingrediente.

-Não importa. Essa coisa não constituirá um problema. De modo que, Mr. Randall, devo dar-lhe os meus parabéns. Temos finalmente nas mãos aquilo que sempre suspeitamos que existisse. Muito bem, excelente. Os meus mais profundos agradecimentos. Agora podemos pôr termo ao logro. Partirei imediatamente de Amsterdã e estarei em Paris quando lá chegar. Disse cinco horas, não foi? Lá estarei pronto para levar a efeito o exame. Sabe bem que temos que trabalhar com a máxima velocidade, não temos tempo a perder. Sabe que os seus editores prepararam para anunciar ao mundo a nova Bíblia na sexta-feira de manhã? A declaração será feito do salão principal do Palácio Real de Amsterdã.

- Sim, sei isso perfeitamente - respondeu Randall. - Penso, no entanto, que o programa não se realizará, nem no Palácio Real nem em qualquer outro local, pelo menos se o barril de pólvora que tenho na minha pasta explodir na quinta-feira. Até logo às cinco horas.

CAPÍTULO 11.6

Randall não se sentiu seguro, senão quando o avião em que viajava aterrizou numa das pistas do aeroporto de Orly.

A experiência na Itália foi perturbadora e carregada de ameaças. Mas tudo isso ficava

agora para trás. Os passageiros desciam do avião para solo francês, e embora o aeroporto de Orly estivesse envolvido em neblina e caísse uma chuva miudinha, tratava-se da França e tudo era maravilhoso. França significava liberdade. Randall, pela primeira vez no período de alguns dias, sentia-se livre, aliviado de um grande peso.

Agarrou a preciosa pasta (não a perdera de vista, enquanto entrava no avião em Roma e tinha-lhe sido concedido mantê-la como bagagem de mão) e juntou-se aos outros passageiros que saíam.

Dentro de minutos estaria junto de Dominee de Vroome, um aliado, de quem dependia de certa maneira. Os dois iriam ao laboratório do Professor Aubert. Com a bolsa contendo o fragmento, as forças da luz, da clareza, possuíam uma arma contra as recentes e dominantes forças da escuridão e da superstição.

Rápida e eficientemente, Randall foi transportado à sala de desembarque e orientado pela aeromoça francesa para o andar superior. Em fila com os outros passageiros, colocou-se na esteira rolante que transportava toda aquela gente pelo longo corredor, saindo onde se via um sinal luminoso que dizia: PARIS.

Ali, a atividade era intensa. Viam-se as secretárias e os balcões de fórmica que já tivera oportunidade de examinar antes, cada seção governada por um *police de l'air*, um policial do aeroporto com o peculiar boné de pala, marcado por um emblema que representava um par de asas. Os uniformes eram constituídos por uma camisa e calças azuis-claras. Era aquilo que os franceses chamavam a seção de controle de passaportes ou seção de Filtragem Policial. Logo a seguir, mais balcões compridos, também de fórmica, por cima dos quais se lia: Dowanes. As alfândegas. Os balcões estavam divididos em seções separadas por anteparos, como as caixas dos bancos, e atrás de cada balcão encontrava-se um funcionário vestindo um elegante uniforme. Quepe de pala preta e casaco azul-marinho com botões de metal. Para além das alfândegas, viam-se as portas giratórias, onde a multidão de visitantes aguardavam os desembarques.

Ao aproximar-se da seção de controle de passaportes, Randall estendeu o pescoço para ver se avistava a dominadora figura de Dominee de Vroome, envolto na sua batina negra. Mas a multidão era demasiado compacta. Pelo menos àquela distância não podia avistar nada de parecido com o Reverendo.

Estava agora junto do balcão e um *police de l'air*, de rosto fechado e aspecto aborrecido, estendia-lhe a mão. Randall, por breves instantes, pousou a pasta e procurou o passaporte no bolso interior do casaco, apresentando-o juntamente com a *carte de débarquement*. O policial voltou uma ou duas páginas do passaporte, considerou a fotografia de Randall (quando tirara aquela foto tinha mais seis quilos e tal, por isso não gostava de a exibir), e comparou-a com o exemplar humano que tinha na sua frente. Depois consultou um molho de misteriosos papéis que estavam em cima de uma mesinha. Olhou para Randall uma segunda vez e fez um gesto afirmativo com a cabeça. Ficando com a *carte de débarquement*, entregou o passaporte a Randall e apontou-lhe para a alfândega. Uma vez realizado tudo aquilo, o policial saiu da sua seção, perante os protestos de toda a outra gente que estava na fila.

Com a pasta de novo bem segura na mão, e com a mão livre exibindo as declarações de bagagem, Randall encaminhou-se para a mais próxima seção aduana, ao mesmo tempo que olhava para a porta na esperança de ver a figura tão peculiar do Dominee Maertin de Vroome.

Sempre mantendo a pasta bem agarrada, entregou ao funcionário os papéis, desejoso de que tivessem acabado todas as formalidades e pudesse finalmente lançar-se ao seu crítico

trabalho. Mas, o funcionário, ao aceitar os papéis, parecia distraído, falando com um colega que se encontrava atrás dele. Finalmente, concentrou a sua atenção no balcão, pronto para prestar toda a atenção ao serviço que fazia. Olhou para Randall.

- Não tem mais nenhuma bagagem declarando, Monsieur? É tudo quanto tem?

- Sim, senhor. É tudo. Estive ausente pouco tempo. Odiou-se por estar dando aquelas nervosas explicações, mas os funcionários das alfândegas, em todas as partes do mundo, possuíam a ingrata particularidade de fazerem sentir uma pessoa nervosa e culpada, mesmo sem haver culpas nenhuma. - Trata-se apenas da minha bagagem de mão- acrescentou mostrando a pasta.

- Não excede o limite de importação de 125 francos? Não comprou quaisquer artigos, recebeu quaisquer presentes ou outros objetos de valor adquiridos na Itália durante a sua estadia?

- Tudo exatamente como declarei nos papéis que preenchi- disse Randall, num ligeiro tom de aborrecimento. - Só tenho isto comigo, onde estão coisas de natureza pessoal.

- Então não tem nada declarando? - insistiu o funcionário.

- Nada. - A irritação de Randall começava a aumentar- Já apresentei a declaração. Está tudo explícito. Responsabilizo-me pelo que escrevi.

- Muito bem - disse o funcionário levantando-se e chamando:

- Maurice - Esperou que um colega o fosse render dentro da sua repartição, saiu e voltando-se para Randall disse: - Monsieur, queira fazer o favor de vir comigo.

Surpreso, Randall seguiu o funcionário da alfândega. Passaram a porta giratória, abrindo caminho por entre as pessoas que aguardavam. Randall tentou de novo localizar Dominee de Vroome, mas não viu nem vestígios de uma batina.

O funcionário olhou impaciente para Randall, que principiava a estar seriamente zangado com tudo aquilo. De repente, Randall reparou que era flanqueado por um outro funcionário, reconhecendo o fleumático police de Pair a quem apresentara o passaporte para verificação.

- Eh, que raio se passa agora aqui? - protestou Randall.

- Vamos simplesmente ao andar superior - explicou o funcionário alfandegário sucinto.

- Uma simples formalidade.

- Que formalidade?

- Verificação rotineira da bagagem.

- E porque é que não fazem a verificação aqui?

- Impediríamos todo o tráfego. Possuímos salas especiais perto dos depósitos de bagagens. - Apontou a escada rolante a Randall - por aqui, por favor.

Randall hesitou ligeiramente, olhando de soslaio para o aduaneiro e depois para a impressionante massa do policial, e desistiu de resistir. Sempre agarrado à sua pasta, encaminhou-se para a escada rolante no meio dos dois funcionários. À medida que caminhava sentia uma sensação de perigo. A apreensão que se começara a apoderar dele enquanto na Itália, começava agora a produzir os mesmos efeitos em solo francês.

Quando atravessaram o gigantesco saguão do terminal, dirigindo-se para um sinal onde se lia SORTIE, Randall protestou de novo.

- Julgo que os senhores estão cometendo um grosseiro erro.

Os dois funcionários não se dignaram responder. Guiaram-no até uma vastíssima sala onde os passageiros recuperavam as bagagens pesadas, que iam chegando por sistema de correia de transmissão, conduzindo-o para uma série de pequenos compartimentos vazios, de portas abertas que se alinhavam discretamente junto da parede mais distante. Junto de

uma dessas portas abertas, encontrava-se um gendarme - Randall não conseguiu distinguir se se tratava de um agent de police ou de uma homem da Sûreté Nationale -de guarda, com o seu bastão e a coronha do revólver bem visível. O guarda fez um sinal enquanto o funcionário da alfândega e o policial do aeroporto escoltavam Randall para dentro da sala.

-Agora podem me informar porque é que eu me encontro aqui? - perguntou Randall.

- Coloque a pasta naquele balcão - disse calmamente o homem da alfândega. - Agora abra-a para procedermos a uma revista, Monsieur.

Randall colocou a pasta em cima do balcão, levando a mão ao bolso para procurar as chaves, ao mesmo tempo que insistia:

-Já lhes disse que não tenho nada para declarar.

-Abra a pasta, por favor.

A polícia do aeroporto havia-se chegado para trás, como quem se alheasse de um serviço que não lhe dizia respeito, enquanto os funcionários da alfândega continuavam ao lado de Randall observando-o atentamente a abrir a fechadura, não só do saco de mão como da pasta.

- Pronto. Faça lá a revista e veja com os seus olhos que nada tenho de anormal.

O funcionário parecia não o escutar. Abriu a bolsa, a tampa e o fundo da pasta para ver se teria fundos falsos. Depois passou em revista as camisas, roupa interior e pijamas. Tirou para fora algumas pastas de arquivo, que abriu, voltando a arrumar tudo como estava. Finalmente, a sua mão, foi até ao fundo e levantou-a, exibindo um objeto que mostrava a Randall.

Era a bolsa de pele escondida por Lebrun em Ostia Antica.

-O que é isto, Monsieur?

-Uma recordação de Roma, sem importância -respondeu Randall apressadamente, tentando ocultar a sua apreensão. -É uma coisa que só tem valor para mim. Trata-se de um fac-simile de um manuscrito bíblico. Sou colecionador.

O funcionário, com eficiência profissional, começou a apalpar extraiu o pedaço de couro envolto em azeite virgem e retirou o encarquilhado e dobrado pedaço de papiro. O olhar dele dirigiu-se para o policial do aeroporto, que se encontrava no outro extremo do balcão, perguntando:

- C'est bien ça, inspteur Queyras?

O policial aproximou-se e fez um sinal com a cabeça.

- Je le crois, Monsieur Delaporte.

O policial a quem o funcionário tratara por inspetor Queyras, exibia na mão um dos papéis cor-de-rosa que Randall observava na escrivaninha da seção de controle de passaportes.

-Monsieur Randall-disse o inspetor-, é meu dever informá-lo de que o nosso Serviço de Investigações foi alertado pelas autoridades italianas para o vigiarmos. As autoridades judiciárias italianas notificaram-nos que o senhor se apropriou, indevidamente, de um documento de grande valor pertencente ao tesouro de arte italiana. O senhor apoderou-se deste objeto sem estar autorizado a fazê-lo. Trata-se de uma ação proibida pela lei italiana e ficará sujeito a pagar uma enorme multa, se alguma vez regressar a Itália. Todavia...

Randall escutava as palavras do inspetor como se estivesse petrificado. Como é que as autoridades italianas poderiam saber que ele transportava o pedaço de papiro na sua bagagem?

-...os princípios da lei italiana não são exatamente os mesmos inerentes à lei francesa - prosseguiu o oficial do aeroporto no mesmo inglês defeituoso e mal articulado. Naquilo que

nos diz respeito, o senhor cometeu um flagrante delito ao esconder este objeto de valor na sua bagagem sem o declarar nos formulários alfandegários. Sem dúvida que tal ato só pode ser interpretado como uma tentativa de contrabando ilegal. É um ato que viola as nossas leis, Monsieur, sendo punível com todo o rigor...

- Eu não escondi nada - explodiu Randall. - Nada declarei porque não tinha nada de valor a declarar!

- O governo italiano parece ter uma opinião diferente a respeito deste papiro - retorquiu calmamente o inspetor.

-Uma opinião diferente? Não pode haver outra opinião. O que podem eles saber a respeito deste fragmento de papiro? Eu sou a única pessoa que sei da sua existência. Escutem, não queiram representar o papel de patetas... esse fragmento dentro da bolsa não tem qualquer valor monetário; é uma imitação, uma falsificação que pretende passar por um original. Não tem valor para ninguém, exceto para mim. Posso acrescentar que intrinsecamente esse fragmento não vale nem um centime.

O oficial da polícia encolheu os ombros.

-Isso é o que falta ver, Monsieur. Existem peritos em tais assuntos, e já contatamos com um deles para proceder a um estudo e fornecer-nos a sua abalizada opinião. Entretanto, até que isso esteja esclarecido...

Passou pela frente do espantado Randall e agarrou na bolsa contendo o papiro, que funcionário da alfândega lhe estendia.

-O objeto fica confiscado.

E preparou-se para abandonar a sala.

Randall gritou, desesperado:

- Espere! Onde é que vai com isso?

Antes de chegar à porta, o inspetor parou, respondendo:

- É uma coisa que só a nós diz respeito.

Randall sentiu-se possuído por uma ira incontrolável perante o papiro, a sua preciosa prova, a testemunha da tremenda mistificação, para ficar na posse daqueles detestáveis burocratas! Era impossível. Não podia ser!

-Não! -insistiu. Precipitou-se subitamente para a frente e agarrou o inspetor por um braço, obrigando-o a voltar.- Não! Diabos me levem, vocês não se podem apoderar assim disso sem mais nem menos!

Randall deitou a mão à bolsa. O inspetor tentou livrar-se dele, mas Randall, apoiou o antebraço contra a garganta do oficial da polícia e fez pressão, apoderando-se da preciosa bolsa na altura em que o inspetor, para se livrar do braço, abriu a mão para a levar à garganta.

O inspetor, aflito, deu um passo atrás, cambaleando e gritou:

-Bon Dieu, attrape cet imbécil!

Randall tinha agora a bolsa na mão, mas nesse momento, depois de refeito da surpresa, o funcionário da alfândega correu para ele. Freneticamente, Randall, como um bom jogador de rãguebi, esquivou-se à placagem e empurrou-o com a mão livre. O alfandegário proferiu um palavrão e voltou à carga, agarrando um dos braços de Randall.

Repentinamente, eis que chegaram mais dois homens. O inspetor, que se recompusera do ataque, e o guarda que se encontrava à porta. Os três levaram-no de roldão contra a parede e procuraram imobilizá-lo.

Cegamente, tentando tudo para se ver livre daquelas garras, Randall viu que um joelho se preparava para lhe vibrar uma pancada. Tentou esquivar-se, mas quatro braços tinham-no

manietado e a joelhada explodiu-lhe contra as partes. Dos seus testículos pisados escapou-se-lhe por todo o corpo uma dor cruciante, acima dos limites do suportável, e Randall, largando a bolsa, caiu no chão, ficando a revolver-se como um animal ferido.

Os seus ouvidos ainda conseguiram captar as seguintes palavras em francês:

- Ça y est, il ne nous embétera plus. Ele está liquidado. Não causará mais complicações.

Dois dos homens agarraram-no por baixo dos braços arrastando-o.

Gradualmente, os olhos de Randall de novo perceberam as imagens ao redor. O inspetor da polícia exibia outra vez a bolsa na mão, dirigindo-se para a porta.

Randall seguiu-o com os olhos e detectou outra figura, mas essa familiar, postada a uma certa distância. A figura de um homem alto, austero, envolto numa batina negra.

Finalmente, ali estava Dominee Maartin de Vroome. Randall gritou:

-De Vroome! De Vroome, estou aqui!

Mas o clérigo holandês parecia estar totalmente alheio da sua presença. Randall viu-o dirigir-se ao oficial da polícia, que lhe dizia algumas palavras e lhe mostrava a bolsa. De Vroome escutava atentamente o que o outro lhe dizia, abanando a cabeça cadenciadamente. Depois, ao lado do inspetor, começou a afastar-se.

-Esperem, deixem-se ir ter com ele-disse Randall com desespero aos dois homens que o seguravam. -De Vroome está à minha espera. Eu telefonei-lhe.

-Ah, sim?-perguntou o funcionário da alfândega com ar divertido. -Parece que não posso acreditar nessa versão. Nós é que pedimos a presença do Reverendo.

Randall olhou para o homem com um ar confuso.

-Não compreendo o que é que está dizendo. Tenho que ver o Dominee! Fez um esforço para se libertar e, nesse momento, sentiu o frio aço de um par de algemas prendendo-lhe os pulsos. - Preciso ver Dominee... - implorou Randall.

O funcionário da alfândega dirigiu-lhe um gesto de assentimento.

- Pois vê-lo-á amanhã quando o senhor comparecer perante o juge d'instruction de Paris, o magistrado que vai examinar o seu caso, monsieur Randall. A partir de agora está sob detenção por infração aos deveres alfandegários, por não preencher a sua declaração de bagagem como devia ser, tentando contrabandear para França um objeto de grande valor. Além disso está preso por perturbar a ordem pública e por ter tentado agredir um agente da lei. Vamos levá-lo para a prisão.

-E quanto ao papiro... -protestou Randall.

-Não vale a pena pensar nele. Trata-se de uma prova, e o seu futuro será decidido amanhã num tribunal da Galerie de Ia St. Chapelle, no Palácio da Justiça.

Era finalmente manhã, uma manhã parisiense sombria e proibitiva vista através as grades da cela.

Pelo menos, refletiu Randall amargamente, sentado na beira do seu catre e a abotoar a camisa lavada, pelo menos não foi tratado como um criminoso comum.

Naquele momento, completamente desperto e refrescado, apesar da insônia que o perturbara durante quase toda a noite naquela cela desolada do Dépôt de detenção ligado com o Palais de Justice, Randall tentava analisar o que lhe acontecera, ao mesmo tempo que procurava prever o que se seguiria.

Ainda se sentia perplexo. Tinha sido preso por ter tentado contrabandear para França um objeto de valor do patrimônio arqueológico italiano, além de ser acusado de resistir à autoridade e ter batido num policial, o que era na verdade certo. Depois do episódio louco do aeroporto de Orly, na tarde anterior, fora transportado numa panier à salade giria francesa para designar um transporte de presos - e transportado para o complexo de edifícios conhecidos como Palais de Justice, na Île de la Cité.

A toda a velocidade, fora praticamente arrastado para um dos edifícios chamado Le Petit Parquet. Aí, numa sala brilhantemente iluminada, confrontara-se com um rígido homenzinho francês, de cara fechada, que se apresentara como le substitut de procureur de la république título pomposo e ameaçador, até que um intérprete, também na sala, explicara tratar-se simplesmente do substituto do procurador da república, ou acusador público.

Houve um curto interrogatório e finalmente estabelecidas as acusações formais. Ele tinha cometido um outrage à fonctionnaire dans l'exercice de ses fonctions (traduzido pelo intérprete como um ultraje contra um funcionário público durante o exercício das suas funções) e tentara contrabandear para França mercadorias não declaradas. O substituto assinara um mandato, tornando oficial a sua detenção.

Devido à circunstâncias especiais (Randall bem puxou pela cabeça para ver se descobria que circunstâncias especiais seriam essas) o Ministério do Interior arranjava maneira de se proceder sem demora à instrução do processo. De manhã compareceria perante um juge d'instruction para um completo exame do caso. Até lá, teria de ser mantido como preso preventivo nos cárceres do Palácio da Justiça. Mas antes do encarceramento, uma última coisa: podia solicitar os serviços de um advogado para o inquérito do dia seguinte. Queria telefonar para um advogado ou para qualquer amigo que lhe arranjasse um defensor?

Randall pesara tais particularidades. Não conhecia advogados em Paris. Pensou, para logo rejeitar a idéia, em solicitar os serviços da Embaixada Americana. Tudo aquilo que o envolvia era humilhante e difícil de explicar, de tal modo, que Randall não se queria expor sendo atendido por um dos seus ativos compatriotas, que poderia, imediatamente, espalhar a história antes dos fatos estarem destrinchados. Pensou em Sam Halsey, da Associated Presse na Rue de Barri. Com certeza Sam lhe arranaria um advogado competente. Mas, por outro lado, havia a possibilidade de qualquer entusiasta da Associated, colega de Sam, saber do dilema de Randall e espalhá-lo deformado pela imprensa, sem ter absoluto conhecimento dos fatos, criando-lhe uma situação absurda. Além disso, ponderando bem, a idéia de convocar um advogado de defesa para um caso breve como aquele (podia provar-se com toda a facilidade que o fragmento de papiro não passava de uma falsificação) afigurava-se pretensioso e ridículo.

Quando Randall inquirira qual a legítima necessidade de possuir um conselho de defesa, disseram-lhe: em virtude de ter a maior proteção possível. Todavia, o fato de requerer um advogado demoraria três ou quatro dias e o julgamento sumário do seu caso adiado. Tal resposta ajudara-o a resolver-se. Uma vez que a Ressurreição Dois iria ser oferecida ao mundo dentro de quarenta e oito horas, não podia pois, adiar o exame do caso e, por conseguinte, não havia hipótese para um advogado. Afirmou-se satisfeito em poder defender-se pessoalmente.

Um vez o assunto resolvido, Randall tivera de atravessar um largo pátio do Palácio da Justiça, fora conduzido pelo Boulevard du Palais até à Prefeitura da Polícia. Levado à repartição antropométrica, fora de novo interrogado sobre se já tinha antecedentes criminais. Inquirido sobre a sua versão do acontecimento no aeroporto de Orly, tiraram-lhe as impressões digitais e fotografando-o de frente e de perfil.

Uma vez tudo pronto, enfrentara a chuva miudinha no meio de dois agents de police, reentrara no Palais de Justice e fora finalmente encerrado numa cela do Dépôt. Era uma cela solitária, tudo menos confortável; conhecera contudo locais de pernoite mais desagradáveis durante certas noites negras da sua vida, quando andava perdido de bêbado. A cela e sua clássica janela com grades, a porta chapeada de ferro, rangendo, apenas com um pequeno orifício para vigilância dos guardas, oferecera-lhe as faustosas instalações de: um catre com um duro colchão de palha, um lavatório onde só corria água fria, um vaso sanitário cuja descarga de água não funcionava, visto descarregarem, automaticamente, todas as celas de hora em hora. No entanto, concederam a Randall alguns números do Paris Match e Lui para ler, o cachimbo, a bolsa de tabaco e fósforos. Randall não se sentira interessado em mais nada, a não ser aproveitar a oportunidade para coordenar idéias. Procurando descobrir um modo de chegar as coisas ao conhecimento de de Vroome e de Aubert, a fim de conhecerem os fatos da falsificação, antes que o mundo, a menos de dois dias, tivesse a declaração pública do Novo Testamento Internacional.

Entretanto, fora incapaz de conciliar idéias, de pensar. O dia fora tão longo e tão carregado de emoções, desde Ostia Antica, Roma, Paris, Orly, até àquela cela do Dépôt!...Por outro lado, não conseguira também conciliar o sono, por causa de uma fadiga excessiva, não lhe permitindo repouso, e pelas imagens fantasmagóricas que lhe perpassavam pela mente: Wheeler e os outros editores, Angela e de Vroome, e sempre a lembrança de Lebrun. Consequira, apesar de tudo, adormecer, um sono inquieto, povoado de sonhos terríveis; mas dormira.

Chegara finalmente a manhã, cinzenta. O carcereiro fora gentil com ele, não tivera do que se queixar. Ao que parece, gentileza por se tratar de um caso especial. Além do habitual café da cadeia, constituído por café e pão escuro, o carcereiro trouxera suco de frutas e dois ovos. Mais adiante, levava-lhe à cela (objetos tirados da sua pasta de viagem) a lâmina de barbear, pente, uma muda lavada de roupa interior, meias, camisa e uma gravata limpa. Finalmente, lavado, barbeado e penteado, Randall podia pôr em ordem as suas idéias.

Tentou lembrar-se o que lhe disseram sobre o que o esperava nessa manhã. Um julgamento formal ou um inquérito judicial? Não se recordava bem. Na noite anterior a confusão fora tanta. Lembrou-se do delegado do ministério público falando-lhe de um exame perante um juge d'instruction. Que diabo seria um exame daqueles? Pensando bem, recordou que lhe haviam dito algo sobre um processo de inquérito, feito por um juiz, com as devidas testemunhas, ele sendo réu e seu próprio defensor. Quando perguntara quais eram as testemunhas, obtivera um desenvolvido relatório: acusado de perturbação da

ordem pública, resistência à autoridade e tentativa de agressão o qual constituía um crime de natureza menor. O mais importante no caso era o contrabando de um tesouro do patrimônio nacional italiano para França (nessa altura gritara de novo não se tratar de nenhum tesouro, mas sim de uma falsificação, nada mais do que uma mistificação) e, por isso, as testemunhas seriam peritos para determinarem a autenticidade e valor do fragmento de papíro.

O que se tornava mais confuso para Randall era o papel desempenhado por de Vroome em toda a questão. O clérigo holandês aparecera no aeroporto de Orly conforme prometera, estava lá para prestar assistência a Randall. Contudo, o homem, idiota, da alfândega insistira que a presença de de Vroome: fora a instâncias das autoridades francesas. Uma coisa que, para Randall, não fazia qualquer sentido.

Um outro mistério, talvez o mais ameaçador de todos: Quem fornecera a informação à alfândega francesa?

Evidentemente, alguém armara-lhe uma cilada. Então, quem diabo saberia do perdido fragmento de papíro o qual estava em seu poder? Bom, recolhendo dados, havia o rapaz, Sebastiano, a mãe do moço e o policial rural de Ostia. Todavia, nenhum deles sabia a sua identidade, ainda que soubessem, que tirou algo da escavação Monti. Outra hipótese era Lupo, o motorista do táxi que o conduzira de Ostia à Roma, entretanto, o fato é que o motorista não podia saber quem ele era, nem o que tinha consigo. Não era de desprezar a hipótese do Professor Henri Aubert, para quem enviara de Roma uma mensagem telefônica urgente. Mas, Aubert não podia adivinhar a razão que o levava a pedir-lhe uma entrevista. Finalmente, chegava ao Dominee Maartin de Vroome, a quem telefonara também de Roma, e o único que tinha conhecimento de tudo. Não obstante, de Vroome era a última pessoa no mundo, sabendo o que se passava com a mistificação da Ressurreição Dois; a única que não tinha, nem o mais leve motivo, para o trair, pelo contrário, todo o interesse dele era derrubar, esmagar ferozmente o sindicato de editores do Novo Testamento Internacional. Afinal de contas, trazendo de Ostia a prova da falsificação, Randall fornecia a de Vroome a única arma disponível para destruir a Ressurreição Dois e ascender ao poder.

Não havia explicação lógica, salvo uma.

Se Robert Lebrun não fosse morto por acidente, se fosse assassinado deliberadamente, então a pessoa, ou pessoas, conhecedoras daquilo que Lebrun estava disposto a dar a Randall, foram também capazes de saberem o que ele Randall, andara fazendo em Roma e Ostia Antica.

Era essa a única possibilidade, muito embora, fosse uma possibilidade tênue, fugidia, visto que os suspeitos não tinham nomes, nem rostos.

Um beco sem saída.

Acabara de fazer o nó da gravata, quando a porta da cela rangeu.

Um homem ainda jovem, com um quepe de pala, e uniforme azul-marinho, apresentando uma leve semelhança com um cadete da Academia Militar de St. Cyr, entrou na cela.

-Passou bem a noite, Monsieur Randall? Sou o inspetor Bavoux, da Garde Républicaine. Encarregado de o escoltar ao Palais de Justice. O inquérito começará dentro de uma hora.

Nessa altura já estarão reunidas as testemunhas. Vai ter a oportunidade de ser ouvido.

Randall levantou-se do catre e enfiou as mangas do casaco.

- Pedi a presença de Reverendo Maartin de Vroome, de Amsterdã, para depor a meu favor.

Estará entre as testemunhas chamadas?

- Com certeza, Monsieur.

Randall soltou um suspiro de alívio.

-Graças a Deus... Muito bem, inspetor, estou pronto, podemos ir.

CAPÍTULO 12.1

Estavam reunidos numa pequena sala, funcional, localizada na Galeria dos Juízes de Instrução, no quarto piso do Palácio da justiça.

Ao ser conduzido para o edifício do Palais, voltando à esquerda para a Galeria da Santa Capela, Steve sentiu um restauro na sua abalada confiança ao ler a inscrição na placa à entrada: LIBERTÉ, ÉGALITÉ, FRATERNITÉ.

Enfim, justiça - pensou, enchendo o peito de ar.

Naquele momento, mantendo-se ainda numa posição rígida, no banco dos réus, encostado numa das paredes, Randall notou que passaram vinte e dois minutos desde o início surpreendente do inquérito informal. Sabia que a altura de ser ouvido estava próxima. Sentia-se calmo e cheio de confiança. Seria chamado a prestar declarações, meramente, para determinar a sua crença que o papiro que trouxera da Itália à França, era apenas uma falsificação sem qualquer valor monetário. Uma vez o seu depoimento corroborado pela opinião autorizada e inatacável de Dominee Maertin de Vroome, tudo estaria esclarecido. Com o depoimento de se tratar de uma mistificação pronunciado por de Vroome, Randall sabia que o magistrado nada mais poderia fazer, do que multá-lo pela resistência à autoridade e tentativa de agressão a um agente, mandando-o em liberdade.

Randall, de soslaio, avaliou mais uma vez as testemunhas. Randall não se surpreendera com a presença daquela gente quando fora introduzido na sala. As vidas daqueles homens, bem como, as suas fortunas em dólares, libras, francos, liras e marcos estavam em causa e dependiam daquele inquérito.

A sala tinha cinco filas de bancos. Na primeira fila, como figuras esculpidas em granito, encontravam-se Wheeler, Deichhardt, Fontaine, Young e Gayda. Atrás deles, solene e atento, estava de Vroome, tendo ao lado Aubert e a seguir o inspetor Helderling. No banco imediato, sentava-se Naomi Dunn, impassível, com os finos lábios apertados. As primeiras testemunhas já não estavam presentes, depois de prestarem os depoimentos foram dispensadas pelo juiz.

Não havia público, nem elementos da imprensa. No início do inquérito, o magistrado esclarecera bem este ponto, dizendo que o julgamento sumário seria efetuado à porta fechada devido «à discrição requerida pelo assunto a ser debatido»-como se exprimira eufemisticamente.

Era um tribunal de «estrelas», pensou Randall.

Imaginou quem procedeu todo o arranjo para que o julgamento fosse à porta fechada. Evidentemente, ali a mão toda poderosa da cabala de editores, com todo o concerto das tremendas relações que estendiam os seus tentáculos ao Vaticano e ao Conselho Mundial das Igrejas. Afinal de contas, a França, como país católico por excelência, responderia aos desejos da Igreja. Pois ali estavam Monsieur Fontaine, e o seu alter ego, Professor Sobrier, bem como, o Signore Gayda e sua eminência influente, Monsenhor Riccardi. Homens como aqueles não pesavam só na religião, como estavam também, fortemente envolvidos na política... e a igreja e a política eram duas forças de poder avassalador, para o bem e para o mal. Aqueles homens queriam segredo e os seus desejos foram atendidos.

Randall não se importava, porque tinha de Vroome do seu lado, e com de Vroome, em breve, seria imposta a verdade e seria montada uma via para que ela chegasse ao

conhecimento do público.

Escutando, mas quase sem interesse, o depoimento da testemunha que ainda seria interrogada, Randall passou em revista os acontecimentos ocorridos antes daquele momento.

O juze d'instruction (chamava-se Le Clere) entrara na sala; sentara-se a uma das grandes escrivaninhas metálicas cheias de papéis, colocadas em frente da teia das testemunhas, dos bancos onde se sentava a seleta e reduzida assistência. Inesperadamente, o magistrado não se apresentara com a respeitável toga, mas vestindo um terno marrom, de corte conservador. Mostrava o ar anêmico, de típico funcionário público, do consumado burocrata, com um cabelo de estopa lembrando a cabeleira dos juizes ingleses, exibindo uma voz sumamente aguda e desconcertante.

O juiz iniciara as matérias processuais pedindo a leitura do documento de acusação contra o réu e logo, por detrás de uma escrivaninha, colocada de viés em relação à da presidência do tribunal, erguera-se o greffier, escrivão do tribunal, para ler em voz alta, primeiro em francês e depois em inglês, o documento de pronúncia, segundo o interrogatório a que Randall fora submetido no dia anterior juntamente com os depoimentos das partes contrárias. Impaciente, o juze d'instruction declarara que tinha dispensado os serviços de um intérprete (excetuando para as testemunhas que falavam somente francês), para poupar tempo precioso. Tal coisa tornara-se possível porque, além da justiça administrar o réu, o inquérito judicial seria feito em inglês. Depois de declarar aquilo, o digno magistrado começara a movimentar toda a articulação do processo, como se o tempo fosse na verdade dinheiro, ou como se tivesse marcado encontro para um almoço que por nada deste mundo desejaria perder.

O depoimento de abertura foi prestado pelo funcionário da alfândega do aeroporto de Orly, Monsieur Delaporte, que pormenorizava o horroroso comportamento do réu. A segunda testemunha chamada a depor fora o guarda da Sûreté Nationale, chamado Gorin, que proclamando-se um humilde protetor do bem público e da sua segurança, disse que foi alertado antecipadamente, pela força de segurança de Orly, de que haveria um contrabandista sendo revistado e que seria pessoa violenta. Gorin declarou que fora convocado para ajudar a subjugar o réu.

A terceira testemunha fora o inspetor da police de l'air, o oficial da polícia do aeroporto, chamado Queyras, depôs que foi informado, pelo chefe dos carabinieri de Roma, sobre um americano, um tal Steve Randall, havia adquirido ilegalmente um tesouro cristão de grande antiguidade e que o transportara de Roma sem licença para o tentar introduzir em Paris. Queyras

preparara em pormenor um dos seus documentos -descrevendo criminosos procurados pela polícia -e quando Randall surgira na sua seção confiscara-lhe a bolsa com o fragmento de papiro, tendo que se unir aos outros funcionários para subjugar o intratável visitante. Queyras fora dispensado pelo magistrado juntamente com as testemunhas anteriores.

A testemunha seguinte, uma cara nova para Randall, fora o Dr. Fernando Tura, antigo superintendente da região de Ostia Antica e elevado recentemente a membro do Alto Conselho de Antiguidades e Belas-Artes de Roma. O Dr. Tura deslocara-se a Paris em representação do Ministero della Pubblica Istruzione. Um italiano peso galo, oficioso, de olhos furtivos e bigodes parecidos com a barra de um trapézio. Randall antipatizara imediatamente com o homem, e com uma excelente razão: segundo Angela era aquele o indivíduo que levantara obstáculos e difamara o Professor Augusto Monti desde princípio.

O juiz interrogara o Dr. Tura.

Não, o arqueólogo italiano nunca vira o réu. Só soubera da existência do Signore Randall no dia anterior: tivera conhecimento de que aquele estrangeiro, aquele americano, por meios ilícitos e sem licença do Ministério, obtivera um fragmento de papiro desaparecido, pertencente ao códice do Evangelho Segundo Jacob, uma descoberta feita em Ostia Antica seis anos antes pelo Professor Augusto Monti, da Universidade de Roma, com a cooperação dele, Dr. Tura. O réu esforçara-se por deslocar esse tesouro nacional de solo italiano. Não, o Dr. Tura não tinha qualquer idéia definida sobre a maneira como o Signore Randall obtivera o valioso fragmento, nem sabia se fora roubado ou encontrado por acaso, mas em qualquer dos casos violara sem dúvida a lei.

Apoiando as suas declarações, o Dr. Tura citara a lei italiana relativa ao assunto que estava em causa:

- «Os objetos arqueológicos encontrados na Itália pertencem ao Estado, com base no princípio de que qualquer coisa de procedência subterrânea constitui propriedade do Estado. Só o Ministério da Instrução Pública pode conceder licença para execução de pesquisas arqueológicas, sendo proibida toda e qualquer escavação sem uma licença.»

Ultrapantamente, o réu entrou em contravenção com os princípios da lei italiana, não só não reportando o caso como tentando ainda contrabandear para fora de Itália o fragmento. O governo italiano queria pois recuperar o citado fragmento de papiro de modo a poder entrega-lo a um sindicato de editores, conhecido como Companhia do Novo Testamento Internacional, visto que o sindicato em causa tinha a concessão dos documentos descobertos pelo Professor Monti. Ora, sem dúvida que o fragmento em causa formava parte integral para os devidos efeitos da publicação de uma versão revista desse Novo Testamento.

O pomposo Dr. Tura havia terminado o seu depoimento, retirando-se do banco das testemunhas com um ar de grande dignidade. Nessa altura, ainda a seguir o arqueólogo com os olhos, Randall deu fé de que o magistrado se dirigia a ele próprio.

-Monsieur Randall, estou agora em condições de escutar o seu depoimento. Queria fazer o favor de me declarar a sua profissão.

- Sou diretor de uma firma de relações públicas de Nova York.

- Que circunstâncias o levaram a Roma?

- Bem, Excelência, trata-se de uma longa história.

- Monsieur Randall, agradecia-lhe o favor de nos contar os fatos essenciais, encurtando a história-pedi o juiz Le Clere destituído de qualquer senso de humor. - Peça-lhe que vá direito até ao momento do seu aparecimento, ontem, no aeroporto de Orly.

Randall ficou aturdido. Como é que poderia transformar uma montanha num ratinho? Bom, tentaria. De resto queria o mais breve possível, ceder a vez ao depoimento pericial de de Vroome.

- Tudo começou quando fui convocado, em Nova York, Para uma entrevista com um bem conhecido editor de livros religiosos, Mr. George L. Wheeler - lançou um olhar na direção de Wheeler, que começou a contemplar a biqueira dos seus sapatos, recusando-se a tomar conhecimento de ter ouvido a menção ao seu nome. - Mr. Wheeler pretendia contratar os meus préstimos para publicação de uma nova Bíblia. Representava um sindicato internacional de editores de livros religiosos -pessoas que estão todas presentes nesta sala-que preparavam a revisão do Novo Testamento com base numa excepcional descoberta arqueológica. Se deseja saber pormenores a respeito dessa descoberta ... ?

-Não é necessário -disse o juiz Le Clere.-Possuo já um depoimento de Monsieur Fontaine

resumindo o conteúdo do Novo Testamento Internacional.

O bom juiz foi já aliciado numa conferência antecipada pelos cavalheiros da Ressurreição Dois. Excelente trabalho de previsão, pensou Randall.

-O senhor foi então contratado para dirigir a publicidade dessa Nova Bíblia? -perguntou o magistrado,

- Sim, Excelência, fui.

-E o senhor acreditava na autenticidade da publicação? -Acreditava, Excelência.

- E continua a considerar os documentos do Novo Testamento Internacional como autênticos?

- De modo nenhum, Excelência. Muito pelo contrário. Considero agora os documentos do Novo Testamento como descaradas falsificações, como se pode provar pelo conteúdo da bolsa de pele que ontem me apreenderam no aeroporto de Orly.

O magistrado tirou do bolso um lenço e assoou-se estrondosamente.

- Muito bem. E como é que o levou a ficar desencantado com a obra?

- Se me for possível explicar...

- Pode explicar, mas sem se desviar dos fatos relevantes para este inquérito e relativos à pronúncia.

Havia tantas coisas que Randall queria relatar, um tremendo complexo de tantas suspeitas, o desenrolar de tantas coincidências... mas sabia, no entanto, que as suas palavras não seriam aceitas como provas para apoiar a defesa. Rebuscou então a memória em demanda de fatos explicativos diretos... sentiu-se surpreso, mesmo desalentado, por ver como eles eram poucos e de peso tão ligeiro.

- Bem, Excelência, para abreviar, no hotel em que estive hospedado em Roma reuni-me com o declarado falsificador dos manuscritos Jacob e Petrônio. Tratava-se de um súdito francês chamado Robert Lebrun. Ele...

- Como é que o senhor o conseguiu descobrir?

- Primeiro soube da existência do homem por intermédio de Dominee de Vroome.

- O Dominee de Vroome tinha-se encontrado com esse falsificador?

-Bom, encontrar não se encontrou, Excelência.

- Não estou entendendo. Em que ficamos? Encontrou-se ou não?

- O Dominee disse-me que viu o homem, mas não conseguiu encontrar-se com ele, falar-lhe. Aliás, o Dominee soube da existência de Robert Lebrun por intermédio de um jornalista.

- Mas quanto a si, encontrou-se com o alegado falsário, hem?

- Encontrei-o. Por meio de um indício encontrado em documentos que procurei na casa do Professor Augusto Monti. Certo papel levou-me até Lebrun. Persuadi depois Lebrun a contar-me o modo como falsificara o Evangelho Segundo Jacob e o Pergaminho Petrônio. Contou-me que passou longos anos preparando a sua mistificação. O homem era um erudito bíblico incomparável e um verdadeiro gênio na falsificação de documentos antigos. Relatou-me tudo o que fez, passo a passo, na preparação da grande fraude. Fiquei plenamente convencido de me ter contado a verdade.

-E o senhor obteve o fragmento, encontrado na pasta, desse Lebrun?

- Não.

- Não? Então ele não lhe vendeu o fragmento?

- Estava preparado para me vender as provas, tal como, eu preparado para as comprar, a fim de mostrar aos editores que o novo evangelho não passava de uma fraude, um dolo, de modo a impedi-los de levarem avante a publicação do Novo Testamento Internacional.

No entanto, Lebrun foi impedido de me entregar as provas da falsificação... de me dar em mãos aquilo que prova a mistificação, esse precioso fragmento que a polícia ontem me apreendeu indevidamente no aeroporto de Orly.

- Impedido? Como é que o impediram?

- Foi morto, convenientemente, silenciado numa coisa a que se convencionou chamar um acidente de viação... precisamente no dia em que ia buscar as provas para entregar-me.

O juiz Le Clere fitou Randall intensamente.

- Se compreendo bem as suas palavras, parece ter querido dizer que esse Lebrun não pertence já ao número dos vivos para poder corroborar o depoimento que o senhor presta a este tribunal de inquérito. Expliquei-me bem?

- De fato, Excelência, Lebrun morreu.

- De modo que temos só a sua palavra, não é verdade?

- Excelência, tem mais do que a minha palavra. Possui a prova da falsificação nesse fragmento que as autoridades me apreenderam no aeroporto. Por vezes, Senhor Doutor juiz, os mortos podem servir de testemunhas. De certo modo, não obstante ter morrido, Lebrun, mesmo na sepultura conseguiu fornecer-me indícios suficientes para eu achar a sua prova.

Randall contou como as posses pessoais de Lebrun depositadas no necrotério romano o guiaram à escavação Monti, perto de Ostia Antica, concluindo:

-Uma vez desenterrada a prova de Lebrun passei a ter certeza de que os documentos da Nova Bíblia eram na verdade uma mistificação. Telefonei de Roma para o escritório do Professor Henri Aubert para marcar uma entrevista. Queria que o professor realizasse um teste de radiocarbono ao fragmento. Telefonei a seguir para o Dominee de Vroome e pedi-lhe a cooperação para determinar se o texto em aramaico - e o desenho e dizeres escritos em tinta invisível pelo punho de Lebrun - apoiavam a confissão de falsificação feita por Lebrun. Quanto a mim, não tinha a mínima dúvida a respeito da fraude, mas sabia perfeitamente que tinha que buscar a opinião de peritos para convencer os editores tratar-se de uma fraude e para os obrigar a abandonarem a publicação do Novo Testamento Internacional. Desse modo, parti de Roma para Paris com o fragmento em minha posse, sabendo que não se tratava de um tesouro nacional italiano, mas sim de um pouco de papiro sem valor, com exceção da sua valia para deter a continuação do projeto da Ressurreição Dois. Porque a polícia do aeroporto me confiscou a única prova que possuía, tentei instintivamente recuperá-la. Não tive a intenção de cometer qualquer violência. Pretendia, tão somente, manter em meu poder uma prova que podia salvar o público de uma descarada mentira e salvar os editores de cometerem um erro grave.

- Acabou?

- Sim, Excelência,

- Pode sentar-se. Vamos chamar as duas testemunhas que faltam. - Olhou para os documentos que tinha na frente. - Se o Professor Henri Aubert se encontra na sala, queira fazer o favor de se sentar no banco das testemunhas.

O Professor Aubert, com o seu habitual aprumo, impecavelmente vestido e com um ar de cortesão do tempo de Madame Pompadour, levantou-se do seu lugar e dirigiu-se para o banco das testemunhas. Passou junto a Randall sem sequer lhe dedicar um olhar e aprontou-se para ler ao tribunal o relatório que escrevera antecipadamente.

O depoimento do homem foi breve, não durou mais de dois ou três minutos, e o seu resumo de modo nenhum constituiu qualquer surpresa para Randall.

-Os testes normais com radiocarbono requerem um prazo de uma a duas semanas para

serem efetuados. Mas por meio da utilização de um novo aparelho de contagem, tanto eu como os meus assistentes, trabalhando durante a noite, pudemos no espaço de catorze horas proceder verificações relativas ao fragmento do papiro que ontem nos foi apresentado para análise. Eis os resultados.

Exibiu uma folha de papel datilografada, começando a ler:

-«Segundo as nossas medições ao fragmento de papiro em questão, após os devidos testes na nossa aparelhagem para determinação de datas por meio de radiocarbono, a data da vida desse papiro pode, razoavelmente, ser determinada por volta do ano 62 D.C. Em resultado do que acabo de expor, o fragmento de papiro que nos foi submetido para exame ontem à noite pode ser considerado autêntico pelos padrões científicos. Assinado, Henri Aubert.»

O magistrado pareceu ter ficado impressionado por aquela peça de oratória científica.

-Nesse caso, o fragmento trazido à França pelo réu é de uma autenticidade incontestável, não é assim?

- Absolutamente - respondeu Aubert, que todavia se apressou a acrescentar: - Devo no entanto dizer, em abono da verdade, que apenas me limitei a verificar a idade do fragmento de papiro. De modo nenhum posso falar da autenticidade do texto. Essa é uma decisão que deixo inteiramente à avaliação de Dominee de Vroome.

- Muito obrigado, Professor.

Enquanto Aubert se levantava e ocupava o seu lugar anterior, Dominee de Vroome estava já levantado e à espera de ser convocado para o banco das testemunhas.

O magistrado dirigiu-se a ele.

- O tribunal sentir-se-á muito honrado e grato se o Reverendo Maertín de Vroome quiser vir prestar o seu depoimento neste inquérito.

Randall observou com evidente interesse os movimentos felinos de Dominee ocupando sua posição no banco das testemunhas, enrolando, como era seu hábito a batina. Esperou por um olhar do Reverendo na sua direção, mas o teólogo não se dignou olhar e ficou sentado numa posição de perfil que não permitia a Randall observar-lhe as expressões de sua fisionomia.

O juiz Le Clere iniciou imediatamente o interrogatório.

-Dominee Maertín de Vroome, é verdade que o réu tal como declarou em seu depoimento, lhe telefonou de Roma pedindo-lhe para emitir uma douta opinião sobre uma parte perdida do Papiro Número 3, a qual reivindicou ser a prova de uma falsificação?

- Sim, é verdade.

-É verdade que o Reverendo recebeu também um pedido de uma das organizações de Segurança Nacional, por intermédio dos bons ofícios do laboratório especial do Museu do Louvre, para proceder a um estudo desse fragmento a fim de determinar o seu valor?

-Sim, também é verdade.

O magistrado manifestou-se satisfeito.

- Nesse caso a pronúncia de avaliação satisfará tanto a acusação como a defesa, não é verdade?

O Dominee de Vroome esboçou um dos seus sorrisos tão característicos, em que a boca, quase sem lábios, emitia apenas uma ligeira contração.

- Quanto a isso, duvido que a minha avaliação possa satisfazer as duas partes. Só poderá satisfazer uma delas.

O magistrado também sorriu.

- Bom, peça, explique melhor o caso. Tanto a acusação como a defesa estão de acordo

com as suas credenciais para emitir julgamento em matéria tão melindrosa.

- Segundo parece, assim é.

- Nesse caso renuncio a levar a efeito qualquer outro inquérito às suas aptidões como um perito em língua aramaica, como perito em textos relativos à história do cristianismo e à história romana. As partes em causa aceitam tacitamente o seu julgamento abalizado. Reverendo, estudou o fragmento de papiro confiscado de Monsieur Randall?

- Estudei. Examinei-o com o maior cuidado e minúcia durante parte da noite de ontem e por toda a madrugada de hoje. Estudei o fragmento dentro do contexto de toda a coleção dos papiros Monti, que me foram facultados pelos proprietários do Novo Testamento Internacional. Estudei-o também à luz da informação dada por um certo Robert Lebrun e pelo réu, Steve Randall, com respeito ao texto em aramaico ser uma falsificação. Quanto a folha de papiro conter algo escrito em tinta invisível, bem como, um desenho-texto e desenhos traçados com uma tinta preparada segundo uma antiga fórmula romana-feitos pela mão do tal Lebrun de modo a provar que o novo evangelho não passava de uma mistificação genial.

O magistrado Le Clere inclinou-se para a frente, olhando com firmeza para o depoente.

- Dominee de Vroome, será capaz de emitir uma decisão concreta e justa sobre o valor do fragmento do papiro?

- Perfeitamente. Cheguei a uma conclusão absoluta.

- Então, Dominee de Vroome, transmita-nos essa conclusão.

Dominee de Vroome, com o seu imponente aspecto de um apóstolo de Deus, deu tempo a impor-se um ligeiro intervalo dramático, antes da sua vibrante voz soar por toda a sala, pronunciando bem as sílabas.

- Não há dúvidas na conclusão a que cheguei: posso dizer com toda a verdade, que o fragmento de papiro trazido pelo réu da Itália não é uma falsificação... trata-se, pelo contrário, acima de toda a suspeita, de uma obra autêntica e inspirada, saída da pena de Jacob, o Justo, irmão de Jesus... e assim, não só é uma preciosa obra do tesouro nacional italiano como pertence também à herança cultural de toda a humanidade. Posso dizer, que faz parte integrante da maior descoberta feita em dois mil anos da saga cristã. Devo até cumprimentar os proprietários do Novo Testamento Internacional, por poderem acrescentar o fragmento à obra inspirada que estão prestes a oferecer ao mundo!

E com tais palavras solenes, sem sequer esperar a resposta do magistrado, o Dominee de Vroome levantou-se e foi com passo decidido ocupar o lugar anterior. Na sua fila os editores levantaram-se como que impelidos por uma mola e dispensaram ao eclesiástico uma ruidosa ovação.

O julgamento de de Vroome abalou Steve Randall, como o deflagrar de uma granada. Ficou esmagado, estupefato, sem encontrar palavras perante aquele súbito e inesperado volte-face nos acontecimentos.

Quando o Dominee passou junto dele, Randall quis levantar-se e gritar: «De Vroome, seu sujo traidor, seu vendido filho da puta!» Mas da boca não lhe saiu o mínimo som. Ficou ali encostado à parede, estarecido como se uma espada invisível o tivesse trespassado e não o deixasse mover-se.

No meio da confusão que seguiu e do vozear que se levantou, quase que não pôde compreender aquilo que se seguiu.

O Juiz Le Clere estava dizendo:

- O tribunal está pronto a emitir o seu veredicto, a não ser que haja qualquer outra testemunha que pretenda ser ouvida. Alguém, dentre as pessoas presentes quererá prestar

depoimento neste caso?

Uma mão se levantou: a de George L. Wheeler, que chamava a atenção dos seus colegas reunidos em volta de Dominee Maartin de Vroome, e pedia licença para falar.

- Senhor Doutor juiz, peço uma breve interrupção neste julgamento para poder falar a sós com o réu antes de ser pronunciado o veredicto.

- Defiro o seu pedido, Monsieur Wheeler. Tem permissão do tribunal para falar ao réu em privado. - Deu três pancadinhas sacramentais no tampo da mesa com o martelinho. - O inquérito é interrompido. O tribunal voltará a reunir-se dentro de trinta minutos para pronunciar a sentença.

- Raios me comam - berrou George L. Wheeler - nem eu próprio sei porque é que me preocupo consigo.

Randall, com a maior calma, replicou:

- Preocupa-se comigo porque pretende que a sua Bíblia apareça imaculada, acima de qualquer dúvida mortal; porque sabe muito bem, que eu represento uma fonte de defecção, de potencial dissidência; e você não quer, não pode tolerar tal coisa.

Encontravam-se os dois a sós numa salinha, desprovida de janelas, adjacente à sala onde se realizara o inquérito.

A ira sentida por Randall devido à traição do de Vroome acalmara-se e acabara por se transformar na sua habitual e cínica desconfiança por todos os homens. Naquele momento estava sentado, ou estirado, numa cadeira, fumando, imperturbável, o seu cachimbo e observando pelo canto do olho a figura de Wheeler em ciranda de um para o outro lado, como um leão numa jaula.

Não obstante a aversão que sentia pelo editor americano, considerava agora o homem com uma espécie de ressentido respeito. Afinal de contas, aquele mercador de bíblias, aquele de fala barata conseguira, sob qualquer hipótese, atrair para o seu lado um inimigo infinitamente superior em intelecto: o Dominee Maartin de Vroome. Aquele truão de feira levava de Vroome a transformar-se num lacaio subserviente da capelinha religiosa ortodoxa. Pensava, com verdadeira mágoa, que subestimara as potencialidades daquele vendilhão do templo. E pensando nas convincentes potencialidades de conversão do homem, interrogava-se para que raio quisera ele uma entrevista a sós. Estaria o repelente feiticeiro tentando envolvê-lo em qualquer encanto?

Entretanto, Wheeler terminara o seu passeio e parara de chofre em frente da cadeira onde Randall se encontrava estirado.

- É então isso que você pensa, que eu o trouxe aqui para tentar convertê-lo de modo a que não haja nenhum dissidente, hem? Steve, não há dúvida que você é um rematado asno, um louco com pretensões a esperto. Escute bem: a sua oposição nada significa para nós, todo o berreiro que você possa fazer, pouco mais será do que o coaxar solitário de uma rã num imenso tanque. Não, na verdade você está mil por cento enganado a respeito das minhas intenções. Considerando a maneira como você nos tentou sabotar, devia na verdade, não me ralar nada consigo, deixá-lo escorregar à vontade para a valeta. Mas não posso. Não posso porque-e já sei que não acreditará naquilo que vou dizer por se julgar muito esperto e não passar de um louco-acontece ter-me afeiçoado a si. Sim, acabei por gostar de si, não posso abandonar, ver seguir um mau caminho uma pessoa a quem me dediquei e em quem depusitei confiança. Há outra coisa que me move também a proceder assim-e não me sinto envergonhado de admiti-la- porque sou acima de tudo um comerciante, um homem de negócios e tenho orgulho de ser assim, e você entra no quadro dos meus préstimos. Posso utilizar as suas faculdades. Não apenas para a

cerimônia da declaração. Isso é uma coisa que já está sob controle. Neste mesmo momento, as estações de rádio, de televisão; os jornais de todas as partes do mundo, estão já a alertar o público de que será feita uma transmissão internacional na sexta-feira anunciando a descoberta bíblica da mais momentosa natureza. Essa é uma das partes do programa que já está em movimento. No entanto, não posso esquecer-me, de que a nossa campanha de vendas só começará a partir da cerimônia de anúncio ao mundo, que se realizará depois de amanhã. Ora eu quero que você dê continuidade à campanha, porque você conhece o projeto como poucas pessoas, sabe perfeitamente o que nós pretendemos e poderá dar tremendo auxílio à nossa promoção. Estou aqui falando-lhe desta maneira, dado estar convencido que você já aprendeu bem a lição. Tenho a certeza disso.

-Qual lição, George? - perguntou Randall complacente.

- De que estava redondamente enganado a respeito da autenticidade dos documentos Jacob e Petrônio e que a razão está do nosso lado. Que deverá estar pronto a admitir o erro, juntando-se à nossa equipe. Penso que é homem suficiente para isso e pode crer que o receberemos como um filho pródigo, matando o mais gordo bezerro. Escute bem, Steve, se uma personalidade tão importante, um clérigo tão famoso e um erudito tão excepcional como o Dominee Martin de Vroome, cujo ceticismo ultrapassava todos os outros, pôde ser suficientemente homem para ver a luz, admitir o erro e oferecer-se para nos auxiliar, não vejo porque é que você não lhe seguira o exemplo.

Randall tirou o cachimbo da boca.

- Estava precisamente pensando em de Vroome. Como raio é que você conseguiu voltá-lo do avesso?

Wheeler, com ar ofendido, empertigou-se.

-Você não tem emenda, Steve, não é? Para si todos são uns safados...

-Eu não diria que são todos...

-Claro que não. Você excetua-se a si mesmo. -Apontou um dedo ameaçador para Randall. - Deixe de armar-se em espertinho e ouça-me com atenção. Ninguém, mas mesmo ninguém, poderá subornar ou comprar um homem com a integridade de de Vroome. Foi a própria consciência dele que o levou a pronunciar-se, finalmente, sobre o nosso projeto, da forma mais favorável, e não hesitou, precisamente por ser um homem reto e íntegro. Até agora o Dominee tentava arruinar-nos, subverter-nos, mas sem saber com exatidão o que fazia e desconhecendo os pormenores sobre os magníficos documentos que tínhamos em nossa posse. Mas quando ele veio até nós para lhe mostrarmos os documentos - uma vez que estávamos em vésperas da declaração ao mundo, pensamos que podíamos deferir a sua pretensão - imediatamente desapareceu o antagonista e a resistência que antepunha ao nosso projeto. Sentiu que a verdade estava conosco, que possuíamos o verdadeiro Cristo e que a humanidade só beneficiaria em receber Jesus através do Novo Testamento Internacional. De Vroome capitulou imediatamente. Quis estar do lado dos anjos do Espírito Santo, tal como o demonstrou há poucos minutos perante o tribunal de inquérito.

-De modo que agora está em casa apoiando vocês, hem? - perguntou Randall.

- Sim, Randall, o Dominee está conosco. Estará junto de nós na tribuna montada no palácio real de Amsterdã, quando a Boa Nova for transmitida a todos os cantos do Mundo. Steve, não foi fácil para um homem como de Vroome confessar o seu erro e modificar a sua forma de pensar. Mas tal como já disse, Martin de Vroome foi suficiente homem para realizar o que lhe pareceu justo. Ora tanto o Dr. Deichhardt como nós, os editores compreendemos quão difícil seria para um homem como de Vroome reconhecer que estava errado, por isso, a fim de amenizarmos as coisas também nos manifestamos

caridosos e compreensivos. Na verdade, para lhe provarmos que não somos quaisquer vilões com pelos no coração, posso dizer-lhe que fomos ao encontro das aspirações do Dominee Maertin de Vroome.

-Ao encontro das aspirações dele? O que quer dizer com isso, George?

- Que elaboramos uma maneira de homens adultos resolverem suas diferenças, operando em conjunto para formarem uma frente sólida. Uma vez que de Vroome se mostrava preparado para nos apoiar, nós tínhamos também de o apoiar. Retiramos o nosso auxílio à candidatura do Dr. Jeffries para apoiarmos, unânimes pela nomeação de Dominee de Vroome como próximo secretário-geral do Conselho Mundial das Igrejas.

-Compreendo -disse Randall.

Sim, compreendia. Bateu com o cachimbo na beira do cinzeiro para despejar a cinza. Sim, compreendia tudo muito bem.

- E quanto ao Dr. Jeffries? - perguntou Randall. - Onde é que o colocam?

-Tem já outro cargo, presidente da Comissão Central do Conselho Mundial das Igrejas.

-Um cargo meramente honorário. Está dizendo-me que ele se conforma em não ser a figura suprema?

- Steve, tanto o Dr. Jeffries, como nós todos, temos uma opinião muito diferente da sua sobre tais assuntos. Não nos preocupamos com vaidades mesquinhas, pessoais. Possuímos uma causa em comum para defender. Unidade acima de tudo. Ora é natural que façamos certos sacrifícios pelos nossos ideais. A coisa mais importante, é que temos unidade com de Vroome ao nosso lado.

- Ah, claro que têm - anuiu Randall, tentando dominar o seu timbre de voz.

Como se o não tivesse ouvido, Wheeler prosseguiu.

- Agora, depois de tudo resolvido, com um dínamo como de Vroome a chefiar o Conselho Mundial e com o unânime apoio eclesiástico ao Novo Testamento Internacional, temos garantido o maior regresso à religião e a um renascimento da fé desde à Idade Média. O próximo século tornar-se-á conhecido como a Idade da Paz.

Ocultando a sua aversão, Randall empertigou-se na cadeira.

-Muito bem, grande George, excelente trabalho. Mas, gostaria que me explicasse mais uma coisa. Ainda não há muito tempo falei com de Vroome. Sei muito bem qual é a posição dele... ou qual era a posição dele. Só quero que me diga, como é que um reformista radical como ele, renunciou a todos os seus pontos de vista para concordar com a vossa ortodoxia conservadora?

Wheeler pareceu sentir-se ferido pela pergunta.

-Você tem uma opinião errada a nosso respeito. Não nos julgue uns seres rígidos fundamentalistas mesquinhos. Estamos e sempre estivemos preparados para nos adaptarmos a todas as mudanças necessárias que possam preencher as necessidades humanas, quer de natureza espiritual, quer de natureza temporal. Foi esse o milagre do homem da Galiléia. Jesus era flexível, compreensivo e transigente. E nós somos os seus filhos. Também nós somos flexíveis de modo a servir da melhor forma o bem comum. Steve, sabemos perfeitamente que a transigência não pode ser unilateral. Quando de Vroome aceitou a nossa descoberta, preparando-se para terminar com a sua revolta e oposição, nós também nos preparamos para fazer dele o presidente do Conselho Mundial das Igrejas com tudo o que esse cargo significa. Isto é, preparamos para o acompanhar em certo montante de reforma, não só nas interpretações das Sagradas Escrituras, como nas formas litúrgicas, em certos setores de reformas sociais e em esforços destinados a tomar a Igreja mais permeável às necessidades humanas. Como resultado desse

compromisso, que terminou com um cisma perigoso, não só vamos avante com uma nova Bíblia, como estamos, igualmente, dispostos a seguir a trilha que conduzirá a uma nova e mais dinâmica igreja mundial.

Randall continuou sentado, sem se mexer, contemplando aquele hipócrita, capaz de negociar com tudo o que pudesse servir os seus interesses.

Pensou que tinha à sua frente um dos ilustres membros do clube do Poder. Uma liga poderosa, como uma gigantesca ventosa, aspirando tudo e cedendo as coisas de menor importância; capaz de utilizar a tremenda arma dos compromissos, para conseguir os seus fins de domínio; servindo-se dos mais sujos truques, para acabar com toda a resistência. Gigante invencível, tal como, as Empresas Cosmos; como os quartéis de armamentos e munições; as grandes organizações governamentais; a liga de bancos mundiais; exatamente, como uma fé ortodoxa regida pelos números. Estava pela primeira vez a ter uma visão exata como todo aquele amálgama podia subsistir. E fora ele, Randall, quem agira como involuntário catalisador. Tinha descoberto a arma capaz de destruir aquilo que representava uma coisa enganadora para o povo e de natureza verdadeiramente cínica, a prova que liquidaria a Ressurreição Dois como uma farsa. Confiante, passara a arma para as mãos de Dominee Maartin de Vroome. Ora com aquela arma ao seu dispor, de Vroome ficara com a alavanca capaz de forçar os chefes da Ressurreição Dois a entrarem numa solução de compromisso. Reconheçam-me que eu vos reconhecerei. Resistam-me e, com a arma encontrada por Randall, lutarei contra vós e acabarei, em última análise, por destruí-los. No final das contas, de Vroome preferira não alargar a guerra civil até chegar à vitória final, que poderia demorar muito tempo e desgastar os combatentes de ambos os lados, trocar a luta por um compromisso imediato, que lhe conferia uma semi-vitória. Uma vez instalado como secretário-geral do Conselho Mundial das Igrejas, passaria a ser o Judas capaz de levar as inocentes ovelhas fiéis ao aprisco de Wheeler & Cia.

E naquele tremendo esquema, como podia perfeitamente ver, só ele se isentava da podridão, mas relegado para uma posição de bode expiatório. Só ele era o grande vencido de uma causa perdida.

As perspectivas eram óbvias. Resistir sozinho era impossível. Vencer em conjunto ou perecer sozinho. Juntar-se à hoste vitoriosa, significava uma violência espiritual, um perpétuo sofrimento da alma; ficar sozinho, era a morte.

Voltando-se para Wheeler, perguntou com toda a calma:

- George, o que é que pretende de mim? Quer que eu seja um homem como de Vroome, não é verdade?

-Pretendo que enfrente os fatos como de Vroome fez. Os fatos e nada mais. Você envolveu-se em jogos temerários e precipitados, seguindo suspeitas tolas, bandeando-se com criminosos e falsários... ora tal atitude só o levou a um beco sem saída, não foi capaz de encontrar nada, fora mais uma outra afirmação do valor do Novo Testamento Internacional... e uma multidão de complicações pessoais. Agora deve admitir o seu erro.

-E se eu admitir, o que acontecerá em seguida?

-Talvez possamos salvá-lo - respondeu Wheeler cauteloso. - Deve ter a consciência de como está enterrado até aos olhos perante o tribunal. Tenho a certeza de que o juiz atirá contra si todo o rigor da lei. Irá apodrecer para a prisão, Deus sabe por quanto tempo, em total desgraça e, o que é pior, sem ter lucrado um centavo. Num futuro muito próximo o mercado para mártires dissidentes deixará de ter qualquer valor. Quando voltar à sala de audiências para escutar o veredicto final, peça para fazer uma declaração.

Arranjaremos maneiras do magistrado anuir seu pedido. Monsieur Fontaine tem grande influência junto da justiça francesa. Além do nosso projeto merecer o maior respeito.

- E que declaração é que devei fazer, George?

- Muito simples, contanto que seja feita convicta e humildemente, retrate-se do seu depoimento anterior. Declare que ouviu dizer que, em Roma, foi encontrado um fragmento autêntico de papiro, uma das partes perdidas do Evangelho Segundo Jacob. Como membro devotado da Ressurreição Dois, lançou-se imediatamente a caminho para recuperar o fragmento e devolvê-lo aos seus legítimos proprietários. Em Roma, viu que o fragmento se encontrava na posse de um criminoso endurecido, Robert Lebrun, que o roubara do Professor Augusto Monti. Você acabou por comprá-lo por ninharia, sem fazer a menor idéia, de que o governo italiano objetaria ao fragmento sair da Itália. Você apenas considerava, que ele fazia parte dos papiros de Jacob, de Amsterdã. Garanta que não teve qualquer intenção para praticar contrabando de um objeto de arte. Quando os inspetores do aeroporto começaram as suas investigações você entrou em pânico, assustou-se. Diga, que declarou que o fragmento era uma falsificação, sem valor, apenas, para provar que não se encontrava na posse de tesouro nacional. História arquitetada para se proteger, em face das acusações que lhe eram feitas. Diga que foi um erro ocasionado pela ignorância da lei e motivado por um entusiasmo sem limites para com o nosso projeto. Declare que lamenta o incidente e que pede a clemência do tribunal. É tudo que terá a dizer.

- E se eu contar isso tudo, essa história da carochinha, o que é que o juiz responderá.

- Entrará em consultas conosco, os cinco editores, e com o representante do governo italiano, e não subsistirão mais problemas. O juiz aceitará aquilo que lhe recomendarmos. Reduzirá a multa imposta e suspenderá a sentença, permitindo que você saia do Palácio da Justiça como um homem livre, de cabeça erguida, e que se junte a nós para realizar a maior e mais espetacular conferência de imprensa de toda a história, um inesquecível espetáculo que será levado a todo o mundo depois de amanhã de manhã, transmitida da tribuna no Palácio Real de Amsterdã. Steve, Steve, você entrará para a história, não se esqueça!

- Devo admitir que isso soa bem. Apesar disso, que acontecerá se eu recusar retratar-me. O sorriso desapareceu do rosto de Wheeler.

- Lavamos as nossas mãos. Abandonamo-lo ao juízo do tribunal. Deixaremos de manter o seu comportamento em segredo, mesmo de Ogden. Towery e das Empresas Cosmos. Esperou um momento, para logo em seguida perguntar: - Steve, então que diz?

Randall encolheu os ombros.

- Não sei.

- Depois de tudo, ainda não sabe?

- É verdade, simplesmente não sei que dizer.

Wheeler franziu o cenho e deu uma olhada ao seu pomposo relógio de ouro.

- Tem dez minutos para resolver - disse firme. Talvez seja melhor você passar esses dez minutos com alguém que deve ter mais influência sobre si do que eu. - Encaminhou-se para a porta, abriu-a, fez sinal a alguém que estava no exterior e olhou depois para Randall. - Steve, vai ter a sua última oportunidade. Aproveite-a.

Saiu, um segundo depois, hesitante, surgiu à porta a figura de Angela Monti.

Lentamente, Randall levantou-se. Parecia-lhe que havia decorrido uma vida inteira desde que a vira pela última vez. Ela parecia-se desconcertada com a primeira imagem viva que dela tivera - pelo calendário da sua emoção tinham decorrido séculos naquele dia em Milão, quando lhe batera à porta do hotel. Vestia uma blusa de seda, suficientemente

transparente para revelar a sombra do sutiã rendado. A blusa ligava com uma preguiçada saia e entre as duas coisas, a cintura era marcada por um largo cinto de couro. Angela tirou os óculos de sol e estudou-o com preocupação, como se esperasse uma palavra de boas-vindas.

O primeiro instinto de Randall fora de correr para ela, tomá-la nos braços, beijá-la e abrir-lhe o coração.

Mas o coração dele estava corroído pela desconfiança. Wheeler dissera que podia passar os últimos dez minutos com alguém que poderia exercer alguma influência sobre ele. E ali estava Angela para o influenciar.

Como único cumprimento, Randall baixou-lhe a cabeça e disse:

- Que grande surpresa...

- Olá, Steve. Não temos muito tempo. Mas deram-me licença de te ver.

Ângela atravessou o sombrio aposento. Dado que não o viu fazer o mais leve movimento para receber de maneira carinhosa e expansiva, aproximou-se de uma cadeira postada em frente de Randall e sentou-se.

- Quem é que te enviou aqui? - perguntou Randall com rudeza. - Foi Wheeler e o resto da Máfia galiléia?

Os dedos dela contraíram-se contra a pega da bolsa.

-Pelo que vejo nada mudou, com exceção de que te encontras ainda mais refinado no azedume. Não, Steve, ninguém me mandou aqui. Vim de Amsterdã para te ver por iniciativa própria. Ouvi contar o que aconteceu. Ontem à noite, depois de teres sido preso, Naomi telefonou-me por causa de certa informação e nessa altura contou-me as tuas complicações. Ao que parece, foi o Dominee de Vroome quem convocou os editores a Paris. Naomi disse-me que eles partiriam e perguntou-me se não queria utilizar o mesmo avião que eles.

- Mas não te vi na sala de audiências.

- Não, não quis ir lá. Não tenho pretensões a Maria, nem sinto um gosto particular por assistir chorosa a martírios e gólgotas. Suspeitei aquilo que poderia suceder. Ontem à noite, Wheeler, depois de ter finalizado a sua entrevista com de Vroome, fez-me uma visita e contou-me tudo o que os editores ouviram da boca do Reverendo. E ainda há pouco, quando Wheeler veio falar contigo, Naomi relatou-me tudo o que se passou na audiência.

Randall sentou-se.

- Sabes então que eles estão tentando crucificar-me. Não só Wheeler e o seu bando como também de Vroome.

- Sim, Steve, como já disse, receava aquilo que pudesse acontecer. E pelo que Naomi me contou parece que as minhas previsões estavam certas.

- Sabes que Wheeler apelou para mim, o herege, a fim de me retratar, de dar o dito por não dito, para voltar de novo a juntar-me à Ressurreição Dois?

- Não me surpreende - respondeu Angela. - eles precisam de ti.

-Precisam de opiniões unânimes. Não querem formadores de complicações.

Reparou que ela tinha um ar desconsolado, desconfortável, e quis desafiá-la.

-E quanto a ti? O que é que tu pretendes?

- Para já quero que saibas que, seja o que for que decidas, os meus sentimentos para contigo não modificarão.

-Mesmo que eu continue a atacar a descoberta de teu pai? Mesmo que tenha êxito em expor ao mundo a mentira e destruir o projeto... e com ele a reputação de teu pai?

O belo rosto italiano enrijeceu.

- A reputação de meu pai deixou de constituir problema. O problema agora é a vida ou a morte da esperança. Sei que tu encontraste Robert Lebrun e que te juntaste a ele, tal como de Vroome já havia feito. Mas isso não me forçará a voltar-te as costas. Como vês continuo aqui a teu lado.

-Porquê?

-Para que fiques sabendo que mesmo que não tenhas fé - que não tenhas fé naquilo que meu pai encontrou, naqueles que apóiam essa descoberta, ou até mesmo, que não tenhas fé em mim podes ainda encontrar o caminho justo, reto e bom.

- O caminho justo? - repetiu Randall irado, elevando a voz. - Queres dizer o mesmo caminho seguido por Vroome? Pretendes então que eu me venda como fez de Vroome?

- Como é que podes ter a certeza que de Vroome se vendeu, como tu dizes? - Angela tentava ser razoável. - Não crês que de Vroome seja um homem decente e de fé?

- Pode ser sim, que seja isso tudo - concedeu Randall. Mas de qualquer modo manteve o preço dele: o Conselho Mundial das Igrejas. Claro, podes continuar a chamar-lhe decente se sentires que quaisquer meios são justificados para se atingir um fim, seja ele qual for.

- Steve, então tu também não pensas assim? Não acreditas que o fim é realmente o que conta, os meios utilizados para lá chegar não prejudicam ninguém?

-Não-disse ele com firmeza- não acredito se o fim a atingir for uma mentira. Seja o que for que se atinja será um prejuízo para toda a gente.

- Steve, Steve, mas tu não possuis a mais leve prova, nem o menor átomo que leve a concluir que os relatos de Jacob e Petrônio a respeito de Cristo sejam uma mentira. Alimentas apenas suspeitas. Estás sozinho nessas dúvidas.

Randall começou a agitar-se no seu lugar.

- Angela, se eu não tivesse ficado sozinho em Roma - se nestes últimos dias tivesses estado junto de mim - também agora alinharias do meu lado. Se pudesses ter conhecido e ouvido falar Lebrun, se tivesses passado por tudo o que a seguir aconteceu, os teus olhos já estariam abertos e não poderias manter essa cegueira. Se tivesses estado comigo, farias a ti própria perguntas difíceis e duras e acabarias por receber respostas duríssimas. Perguntarias como é que um homem como Lebrun, que conseguiu sobreviver a toda a espécie de brutalidades para atingir os oitenta anos sempre alerta e ainda cheio de vigor; um homem que vivia há tantos anos em Roma, poderia descuidar-se de tal maneira, atravessando uma praça; que se metesse debaixo de um carro que o matou; e veículo que fugiu a toda a velocidade, precisamente no mesmo dia em que buscaria a prova da sua falsificação para me entregar? Agora já posso pensar como o «acidente» foi possível. Wheeler e os editores, ou de Vroome, agora posso falar deles como de um todo - mantinham-se sob vigilância. Tal como, de Vroome sabia que eu visitei o teu pai à clínica para doentes mentais, tinha todos os meios à sua disposição, para saber perfeitamente que eu tentaria tudo para encontrar Lebrun. Possivelmente mandaram alguém espiar-me. Provavelmente o meu encontro com Lebrun no café Doney e a nossa entrevista no meu quarto do Excelsior foram reportados. Não duvido que Lebrun, fosse seguido até sua casa. E, no dia seguinte, foi liquidado sem piedade. Angela, nós não vivemos num mundo de contos de fada, onde os valores da vida humana são todos igualmente altos. Nem vivemos num mundo encantado, em que os bons triunfam sempre e os maus são sempre castigados. Não, estamos num mundo cruel, cínico, impiedoso, mundo em que a vida de um pobre diabo, de um ex-condenado nada vale se a sua morte servir para promover uma maior glória de Cristo, para salvar a igreja e para melhorar a venda de milhões de bíblias e

até para instalar um novo conspirador no mais alto lugar da hierarquia protestante.

- Steve...

- Não, espera, ouve o que tenho a dizer, mais uma pergunta- de fato, uma pergunta que engloba muitas outras. Quem é que sabia que eu tinha ido a Ostia Antica; quem sabia que eu tinha descoberto o fragmento de papiro; e quem é que forneceu ao governo italiano, o indício para telefonar à alfândega do aeroporto de Orly, dizendo que eu transportava comigo essa prova da mistificação? Agora as respostas já não oferecem dúvidas. Só de Vroome sabia que Lebrun possuía um tal fragmento. Depois, por mim, de Vroome soube que o fragmento estava em minha posse. De Vroome dirigiu-se a Wheeler, Deichhardt, Fontaine e aos outros e entrou em negociações, apresentou exigências e uniram-se todos para me mandarem apanhar no aeroporto de Orly a fim de eliminarem a prova da falsificação e, de uma assentada, eliminarem-me também. Pensa bem nestas perguntas, Angela, e não me digas que elas não te preocupam também.

Durante alguns segundos, Angela deu voltas nas mãos à bolsa, nervosa.

- Steve, como é que hei de falar contigo? Falamos dois idiomas diferentes-a tua linguagem é a do ceticismo, a minha é a da fé -de modo que as nossas respostas às mesmas perguntas traduzem-se diferentes. Quanto à morte de Lebrun no dia em que te ia ajudar? Será assim tão raro para um velho, com mais de oitenta anos, passeando distraído pelas ruas de Roma ser atropelado por um carro? Steve, eu sou uma romana. Leio e ouço o que se passa diariamente na nossa cidade. Os motoristas de Roma são os mais descuidados e selvagens da Europa. Existe lá um carro para cada quatro pessoas. O caso do condutor atropelar um velhote e fugir? Uma ocorrência vulgar, nem uma conspiração, nem um crime. De Vroome, Wheeler e o Dr. Jeffries assassinos? Só imaginá-lo já é absurdo. Quanto a tu teres sido apanhado na alfândega? O governo italiano possui muitos agentes em volta dos seus tesouros nacionais. Foste visto fugindo de Ostia Antica, o que seria uma coisa suficiente para despertar as atenções. Mas mesmo que fossem os homens da Ressurreição Dois que elaborassem a tua prisão. Seria uma maldade deliberada, ou uma coisa ilógica? Eles tinham que ver, saber aquilo que havias descoberto, antes que tu chegasses a conclusões e fizesses mau uso do fragmento. Tinham que mandar confiscar, submeter a experiências e examinar o papiro. Tivesse o fragmento mostrado a prova de uma falsificação, estou convencida que te mandariam entregar o fragmento e que adiariam ou parariam com a publicação do Novo Testamento Internacional. Mas quando souberam, através precisamente, daquele que tu tinhas escolhido como perito, que o fragmento era afinal um dos papiros já descobertos por meu pai, claro que tinham que te fazer parar, deter-te, que se queixarem de ti e impedirem um escândalo imerecido. Steve, então não vês? A linguagem da fé fornece respostas diferentes.

- Muito bem, então poderá a fé fornecer resposta cabal a uma pergunta que ainda não fiz? Angela manifestou-se intrigada.

- Que pergunta é? Vamos, diz.

- Como é que um certo Professor Augusto Monti resolveu escavar em Ostia Antica?

Ela pareceu ter ficado confusa.

- Porque uma pessoa encontrou um pedaço de papiro fora das ruínas, há seis anos, e mostrou-o ao Professor.

- Não sabias que foi Lebrun quem forneceu a pista a teu pai?

-Não. Nunca ouvi pronunciar esse nome até Wheeler mencioná-lo na noite passada.

- Não sabias que Lebrun se encontrou com o teu pai no Doney no ano passado, no dia em que o teu pai perdeu a consciência?

- Não. Nada sabia até ontem, altura em que Wheeler me contou que tu afirmas ter visto uma anotação na agenda de meu pai a marcar tal encontro.

-E não vês nada de raro nisso? Nada de suspeito?

- Não. Meu pai lidava com a mais variada casta de pessoas. Aconteceu ter uma certa entrevista com determinada pessoa como já tinha tido tantas em dias anteriores.

- Muito bem, Ângela, deixa-me experimentar a tua fé. Estarias pronta a dizer ao juiz que o teu pai se encontrou com Lebrun, no ano passado? Seria uma coisa que estabeleceria uma relação entre teu pai e Lebrun. Lançaria dúvidas no caso, e poderia levar uma nova busca da verdade definitiva. Tens suficiente fé para fazeres isso?

Ela abanou a cabeça.

- Steve, já revelei ao juiz tudo o que sabia, juntamente com os depoimentos feitos pelos diretores do projeto. Ontem à noite telefonei para Roma, para a Lucrezia e mandei-a ler-me a anotação na agenda. Toda a gente, incluindo o próprio magistrado, achou que as iniciais «R. L.» seriam uma prova muito pouco conclusiva. Mas mesmo que as iniciais quisessem dizer Robert Lebrun, o que é que isso de fato poderia provar? Seja como for, quis que o juiz soubesse do caso. Como vês, Steve, não devo, nem temo. Quando uma pessoa tem fé, não tem medo da verdade.

Até aquela possibilidade se perdia. Sentiu esmagador peso das circunstâncias. Perdera. Mas ainda restava uma tábua para se agarrar.

- Serias capaz de dar essa informação a uma outra pessoa?

- A quem?

-A Cedric Plummer. Serias capaz de confirmar aquilo que Plummer apenas soube pela boca de Lebrun: na verdade teu pai se encontrou com Lebrun no Doney?

Ela levantou as mãos.

- Steve, Steve, basta! Plummer também já sabe esse pormenor. Plummer já sabe tudo. E não vê nada de suspeito nesse fato. Quando o Dominee de Vroome se juntou à Ressurreição Dois, Plummer seguiu-lhe o exemplo. Converteu-se, pôs de lado a sua venenosa caneta, e agora escreverá, em exclusivo, a história de todo o projeto, desde a descoberta de meu pai há seis anos até hoje.

Randall afundou-se positivamente na sua cadeira. Era demasiado. Cada palmo de território inimigo estava guarnecido, fora invadido e bem ocupado. Significava que Herr Hennig já nada tinha a reear. A chantagem de Plummer com Hennig para obtenção antecipada de um exemplar do Novo Testamento Internacional, para desvendar a fraude ao mundo, terminara em beleza, com todos amiguinhos de todos. Exemplar.

Voltou a cara para o lado. Bateram à porta e ela abriu-se.

O oficial de diligências meteu a cabeça pela fresta:

-Monsieur Randall, chegou a hora do veredicto.

Randal levantou-se.

-Só mais alguns segundos-pediu.

Angela também se levantara. Mais uma vez ele defrontou-a.

-Queres que me desminta, hem?

Ela pôs os óculos de sol.

-Quero que tu faças aquilo que deves fazer, sem tirar nem pôr-Parou, parecendo querer dizer algo que se tornava difícil, mas finalmente concluiu-Na verdade vim aqui para te dizer, quem quer que tu sejas, e quem quer que venhas ser, que te podia amar... se tu em troca aprendesses dando amor: primeiro amando-te a ti mesmo, depois amando-me. Mas, isso é uma coisa que nunca conseguirás aprender enquanto não tiveres fé, fé na

humanidade e no futuro. Lamento por ti, Steve, mas ainda lamento mais por nós. Seria capaz de sacrificar tudo por ti, tudo... com exceção da fé. Tenho esperança que virás a compreender algum dia. Agora faz aquilo que te parecer, justo.

Angela saiu correndo do aposento.

Randall ficou só.

CAPÍTULO 12.2

-Monsieur Randall, deseja fazer qualquer declaração antes de pronunciar o veredicto?

-Desejo, Excelência -respondeu Randall à solicitação do magistrado. -Passei em revista todo o depoimento que fiz a este tribunal. Pretendo dizer que fui a Roma sem intenção de prejudicar a Ressurreição Dois ou o Novo Testamento Internacional, mas somente com o motivo de verificar, de investigar, tanto por mim, como por conta dos diretores do projeto. Pretendia que tudo funcionasse, sem que pudesse haver, a mais leve sombra de dúvida a manchar a descoberta de um novo, mas, verdadeiro Jesus Cristo.

Reparou que Wheeler, os seus colegas editores e até Angela, esticavam os pescoços para ouvir melhor a sua declaração. Randall olhou com firmeza para o juiz.

- Aquilo que ouvi em Roma, aquilo que vi com os meus olhos, tudo o que se passou contribuiu para me radicar no convencimento de que o fragmento de papiro que trouxe para Paris, bem como, todo o resto da coleção de papiros que servem de base ao Novo Testamento Internacional, além do pergaminho, correspondem a uma mistificação moderna, uma mentira, uma fraude, tudo fabricado pela mão de um falsário genial. Acredito que os produtos do achado do Professor Monti não valem um centavo e que o Jesus apresentado pelo suposto Jacob, o Justo, pelo inventado Petrônio, constituem uma imagem falsa de um Cristo espúrio. Não obstante, anteriores depoimentos em contrário, continuo a manter que a prova que tinha comigo quando entrei na França, é uma falsificação sem qualquer valor, volto a repetir, e que, por conseguinte, eu não cometi qualquer crime contra o disposto pela lei. Confio que o tribunal, tendo em consideração tudo aquilo que sei de fonte fidedigna e com o único intuito de investigar a verdade das coisas, investigações que não foram motivadas por qualquer lucro pessoal, considere-me inocente. Além disso, rogo ao douto tribunal que me confira a posse do fragmento do Papiro Número 3, o qual, em certo sentido, constitui um legado que me foi feito por Robert Lebrun. E pretendo esse documento para poder mandar examinar o seu conteúdo por peritos mais objetivos e mais verdadeiros que existam no mundo. Nada mais tenho a dizer.

-Terminou a sua declaração, Monsieur Randall?

- Terminei.

- Muito bem. O réu falou em sua defesa. Vou agora proferir a sentença do seu caso. -O juiz Le Clere folheou alguns papéis que tinha em cima da mesa. - O réu estava pronunciado por dois atropelos à lei. Ora no caso de ser julgado por distúrbios públicos, resistência à autoridade e agressão a um agente da polícia, com respeito a essa acusação o tribunal resolveu tomar em consideração o fato do réu possuir um cadastro criminal limpo no seu país, tomando também em linha de conta as circunstâncias especiais de que se revestiu a sua prisão. Quanto à pronúncia de ter tentado introduzir na França, sem declaração adequada, um documento antigo de valor inestimável, que constitui um tesouro sem preço do país de onde foi contrabandeado...

Randall segurou a respiração.

-...declaro que o tribunal, em face de depoimentos de peritos do maior valor, tem o

documento como verdadeiro e que, por conseguinte, o réu é culpado tal como o apontado na acusação que o trouxe a este tribunal.

Randall guardou o resto, rígido. Pensou que estava só.

O magistrado continuou:

-O réu, Steve Randall, é multado em cinco mil francos e condenado a três meses de prisão. Todavia, em vista da afirmação, que nos pareceu sincera, do réu dizer que não cometeu deliberadamente atropelos à lei, e tendo em consideração certo pedido feito a este tribunal pelos empregadores do réu, a multa e a condenação a prisão ficam em suspenso. No entanto, de modo a oferecermos adequada proteção aos queixosos e para impedir novas perturbações da ordem pública, o réu voltará temporariamente para a sua cela onde cumprirá dois dias de cárcere até que seja feita a declaração pública do Novo Testamento Internacional. Daqui a quarenta e oito horas-na sexta-feira à tarde, ou seja, depois de amanhã - o réu será escoltado pela polícia até o aeroporto de Orly onde, por sua própria conta, tomará lugar num voo em direção aos Estados Unidos, sendo pois, expulso da França como persona non grata.

O magistrado pigarreou para aclarar a garganta.

- Quanto ao pedido que fez a este tribunal, Monsieur Randall, para lhe ser entregue o fragmento de papiro que originou este julgamento, o tribunal indefere o pedido. Uma vez que foi

estabelecida a necessária autenticidade, o papiro confiscado será entregue, por incumbência do governo italiano, aos diretores da Companhia do Novo Testamento Internacional, também conhecida como Ressurreição Dois, para que eles façam do fragmento aquilo que muito bem entenderem.

Bateu uma palmada em cima do tampo da escrivaninha.

Terminou o julgamento de inquérito e instrução.

Vindos de algures, surgiram dois agents de police.

Randall sentiu o frio de um objeto metálico nos pulsos e viu que foi algemado.

Os seus olhos dirigiram-se para os bancos em frente, evitando Angela, mas observando os jubilantes Wheeler, Deichhardt e Fontaine, que formavam um cacho humano em volta de Dominee de Vroome.

Enquanto observava aquele quadro, Randall sentiu-se dominado por um pensamento. Sacrílego ou não, tal pensamento dominava-o por completo, acendendo-lhe letras de fogo no cérebro.

Pai, perdoa-lhes; porque eles não sabem o que fazem.

Impunha-se, todavia, uma emenda:

-Pai, perdoa-lhes não pelo que fazem, mas pelo que vão fazer ao Espírito Santo, pelo mal, que irão fazer a uma humanidade crédula e inocente em todo o vasto mundo.

CAPÍTULO 12.3

Meia hora depois, quando voltou para a cela, Randall passou por outro momento crucial-não tão mau como o anterior, mas de certa forma chocante e quase inacreditável.

Tinha sido condenado à expulsão da França, como pessoa indesejável, tendo de pagar as despesas do próprio bolso. O inspetor Bavoux, da Guarda Republicana, pedira-lhe o dinheiro para lhe comprar o bilhete de avião com destino a Nova York. Randall pesquisara a carteira e os cheques de viagem e dera-se conta que não tinha consigo a soma necessária.

O inspetor avisara-o que seria melhor arranjar o dinheiro o mais depressa possível. Randall lembrara-se que não trouxera consigo os 20 000 dólares que havia colocado nos cofres do Hotel Excelsior em Roma. Antes de partir para Paris arranjará maneira do hotel lhe transferir a quantia para a sua conta de Nova York, pagando ele todas as despesas. Não tendo o dinheiro necessário, o seu primeiro pensamento fora telefonar para Thad Crawley ou para Wanda, mas logo a seguir recordara-se que possuía um amigo íntimo em Paris.

E assim, do gabinete do carcereiro, telefonara para Sam Halsey na Associated Press. Sem entrar em todos os pormenores complicados da Ressurreição Dois, do Novo Testamento Internacional e dos negócios com o defunto Lebrun, Randall disse a Halsey que fora preso no dia anterior no aeroporto de Orly por ser portador de um objeto de arte que não declarara à alfândega. Tratara-se de um erro, mas a verdade é que estava preso no Depósito de presos do Palácio da Justiça.

-Sam, preciso de algum dinheiro. Neste momento não o tenho. Logo que chegue aos Estados Unidos envio-te o dinheiro.

-Precisas de dinheiro? Quanto? Fala homem.

Randall mencionou a importância.

-Vou-te enviar imediatamente o que pedes-garantiu Halsey. - Eh, Steve, espera um bocadinho, ainda não me contaste tudo... Declaraste-te culpado ou não culpado?

-Não culpado, evidentemente.

-Bem, e quando é que é o julgamento?

- Já fui julgado. Fui a julgamento esta manhã e o juiz declarou-me culpado. Fui condenado a prisão e a uma multa, mas a sentença ficou suspensa. Aquilo que trouxe da Itália foi confiscado e vou ser expulso da França. É por isso que preciso do dinheiro.

Do outro lado do fio houve uma longa pausa.

-Vamos lá ver as coisas com calma, O.K., Steve? Foste preso... quando?

-Ontem à noite.

- E julgado e condenado esta manhã?

- Exatamente, Sam.

- Agüenta um pouco, Steve...um de nós deve estar maluco... É impossível, isso não pode ser... as coisas na França não correm assim. Parece melhor que me contes tudo o que sucedeu esta manhã.

Com simplicidade e numa exposição breve - tendo consciência dos guardas que o cercavam- Randall relatou a Halsey tudo o que se passara na sessão perante o juze d'instruction, falando do veredicto e da condenação final.

- Mas... isso não pode ser... não pode, é uma coisa sem pé nem cabeça. Steve, tens a certeza de que sucedeu exatamente como me contas?

-Sam, por amor de Deus, foi precisamente o que aconteceu. Tudo isto se passou nestas últimas horas. Qual seria o meu interesse em te mentir?

- Meu Deus! - exclamou Halsey. - Meu Deus, em todos os anos que tenho vivido em Paris claro que já me chegaram aos ouvidos rumores de julgamentos fictícios, julgamentos de intimidação... só rumores... mas agora foi a primeira vez que ouvi falar claramente de semelhante abuso.

Randall ficou espantado pelas palavras do amigo.

-Eh... que raio queres tu dizer? O que é que houve de errado?

-Steve, escuta, meu inocente e tolo americano, foste enrolado como um anjinho. Então não sabes nada a respeito do funcionamento da lei na França? Evidentemente que podes ser

preso e incriminado por determinado crime. Claro, que terás de comparecer perante um juiz d'instrução para seres ouvido, mas tratar-se-á apenas de um exame preliminar. O juiz de instrução não tem o mínimo poder judicial para pronunciar qualquer sentença nem para emitir veredictos finais. O juiz de instrução tem como dever manter, ou não, as acusações segundo o crime e, no caso da pronúncia ser mantida, passar o caso às instâncias superiores. No caso da pronúncia mantida levar-te-ia, pelo menos, seis meses a um ano a compareceres em tribunal perante uma junta de três juizes do Tribunal Correcional. Aí, sim, nesse tribunal coletivo explanar-se-á um julgamento com todos os requisitos, advogados de defesa, de acusação, ata de registro, etc., até à decisão do veredito final. Um julgamento rápido, só pode ser possível, quando uma pessoa é apanhada em flagrante delito, sem que haja a mais leve sombra de dúvida para o crime cometido. Só apanhado com a boca na botija é que alguém poderá ser levado a julgamento imediato, mas um julgamento onde se responde perante um tribunal coletivo e com a assistência de advogado de acusação e defesa, etc. Mas, ao que parece, tu não foste apanhado em flagrante delito, pois não?...

- Não. Na verdade não foi isso que sucedeu.

- Bom... aquilo que te aconteceu, parece uma mistura coxa e bastarda das duas formas processuais de julgamento... mas, uma coisa que nada tem a ver com as leis francesas, pelo menos segundo aquilo que aprendi.

Randall lembrou-se que a polícia lhe oferecera uma oportunidade de mandar chamar um advogado, provavelmente para o desarmarem, para lhe impedir qualquer suspeita. Mas, logo a seguir, os agentes haviam-lhe mostrado as coisas difíceis, dizendo-lhe que o julgamento teria que ser demorado se solicitasse conselho de defesa legal. Mas... e se tivesse arranjado um advogado, alguma coisa teria modificado? Não, obviamente não; tudo teria então sido arranjado de modo a que as coisas se passassem dentro de um aspecto de legalidade conforme às leis, mas sem dúvida, que as pessoas de poder ilimitado, teria feito com que fosse à mesma condenado.

-Steve, não há dúvida que te armaram uma armadilha e caíste como um patinho - disse Halsey do outro lado. - Por tudo o que contaste afigura-se-me, que alguém influente, mas muito bem situado mesmo, muito lá no alto, tenha usado da sua influência para, desesperadamente, te tirar do caminho, mas afastar-te de uma maneira calma, silenciosa, sem muito alarido público. Desconheço aquilo em que estás envolvido, mas, certamente, que isso deve ter afetado alguém muito importante.

-Tens razão. Os meus assuntos abalaram alguém muito importante... ou melhor vários alguéns muito importantes.

- Steve, queres que eu me misture nessa coisa?

Randall considerou por momentos a intervenção do amigo no caso. Finalmente perguntou:

- Sam, gostas de trabalhar na França, na Europa?

-Porque é que fazes essa pergunta? Sabes bem que gosto do trabalho que faço aqui, adoro-o.

-Então não te metas no meu assunto.

-Mas, Steve, e quanto à justiça?

- Deixa isso a meu cargo, Sam. - Fez uma pausa. - Aprecio imensamente, o que tentaste fazer, acredita. Agora envia-me o dinheiro faça o favor.

Desligou.

Justiça...

Liberté, Égalité, Fraternité...

Mas, de repente, teve a noção que tais palavras constituíam uma promessa somente relativa à França e ele não foi julgado pela França nem pelo poder de um simples governo. Fora julgado e condenado por um poder superior, por algo que se elevava acima das meras formalidades da justiça humana - a Ressurreição Dois.

CAPÍTULO 13

Naquela sexta-feira, dia da sua libertação, tudo parecia efervescente. Era a história mais grandiosa que Randall conhecera em toda a sua vida.

Em verdade, embora vasculhasse lá no fundo da memória, não se podia lembrar de nada que pudesse ultrapassar aquilo em cobertura, atenção e desenvolvimento.

Recordava-se de coisas emotivas e momentosas, tais como, o ataque japonês a Pearl Harbour; a queda de Berlim e a morte de Hitler; o lançamento do sputnik para o espaço exterior; o assassinato do presidente Kennedy; e o primeiro passo dado pelo homem na Lua, por intermédio, do astronauta Neil Armstrong; mas, nada que se comparasse ao ambiente eletrizante produzido pela declaração do Palácio Real de Amsterdã, de que Jesus Cristo vivera, indiscutivelmente, na terra, não só como um ser humano, mas também, como um mensageiro espiritual do Criador.

Randall andara absorvido durante tantos dias por problemas de conceitos processuais e dilemas sobre verdade e autenticidade, andara tão preocupado pela sua própria sobrevivência que quase esquecera o impacto que o Evangelho Segundo Jacob e o Pergaminho Petrónio poderiam ter sobre milhões e milhões de seres humanos permeáveis ao milagre e às soluções religiosas de salvação.

Entretanto, durante todo o tempo que o Citroën da polícia, levava em percorrer a distância entre o Palácio de Justiça e o aeroporto de Orly, tivera oportunidade de observar a prova da reação pública a esse milagre histórico, prova evidente em cada esquina das ruas, em cada café, em cada vitrine de loja. Tanto franceses como turistas estrangeiros, sem distinções, saíram às ruas de Paris. As pessoas, ávidas, devoravam os jornais, escutavam os transistores ou congregavam-se, em frente aos locais onde havia aparelhos de televisão para poderem seguir o desenrolar do grande acontecimento.

No carro da polícia em que seguia juntamente com três agentes, Randall sentia-se como que um comparsa menor e olvidado do drama representado.

Sentado no banco traseiro do carro ladeado pelos agentes Gorin e Lefèvre, ambos completamente absorvidos na leitura das edições especiais de Le Figaro, Combat, Le Monde, L'Aurore, que ocupavam grande parte dos jornais à declaração de Amsterdã. Randall deu uma rápida olhada nos cabeçalhos. CRISTO VOLTA PARA JUNTO DE NÓS!

CRISTO RESSUSCITADO DEVIDO A UMA NOVA DESCOBERTA!

Por baixo das gigantescas letras, garrafais, viam-se fotografias de três dos papiros originais dos documentos e Jacob, do pergaminho de Petrónio, do local da escavação em Ostia Antica e do retrato revisto de Jesus Cristo, tal como, Ele era descrito pelo irmão e como figurava na capa do Novo Testamento Internacional.

No banco da frente, o agente que guiava o carro, absorvido, escutando o rádio. Alguém de Amsterdã fazia comentários preliminares, antecedentes, a principal declaração. Ocasionalmente, os dois policiais que ladeavam Randall, liam um ao outro em voz alta, certas notícias que lhes pareciam mais importantes e significativas e, por vezes, conscientes do inadequado francês de Randall faziam rápidas e livres traduções para inglês. Por aquilo que Randall pôde entender, o relato dos jornais a respeito do Novo Testamento Internacional, com a sua história de Jesus Cristo escrita por seu irmão Jacob e a história do julgamento de Cristo escrita por um centurião romano, baseava-se em notícias antecipadas, embora limitadas, liberadas na noite passada para a imprensa mundial. Os pormenores completos seriam apresentados a partir de uma tribuna erguida no Bugerzaal - salão nobre - do Palácio Real de Amsterdã. À revelação assistiriam dois mil

jornalistas dos principais órgãos de informação distribuídos no mundo civilizado, mas, além disso o impacto seria levado diretamente a bilhões de telespectadores, nos quatro cantos do globo, por meio do satélite-5, um satélite provido de 1900 circuitos, independentes, em funcionamento, com toda uma rede de rastreio em nível mundial.

Em certa ocasião da viagem ao aeroporto, o agente chamado Lefèvre trocara algumas palavras pessoais com Randall. Pousara repentinamente o jornal, olhara para Randall com incredulidade e perguntara-lhe:

- Então o senhor não fazia parte de tudo isto?

- Sim, pertenci à Ressurreição Dois.

-Mas então, porque é que o deportam?

- Porque são malucos - respondeu Randall, que acrescentou: -E porque eu não acredito na obra deles.

Lefèvre arregalou os olhos.

-Nesse caso, o senhor é quem deve ser.

Pararam diante do terminal do aeroporto de Orly. Lefèvre abriu a porta e saíra do veículo a fim de ajudar Randall. Devido a estar preso a Gorin, Randall ao fazer um movimento em falso alijara o pulso. A dor fizera com que se lembrasse da sua condição.

O piso térreo do terminal do aeroporto, sempre barulhento, estava no mais absoluto silêncio. Para servir passageiros, visitantes e até o seu próprio pessoal, a Air France colocara vários aparelhos de televisão pela principal área de recepção. Junto desses aparelhos as pessoas aglomeravam-se. Até mesmo nos balcões de controle de bilhetes e informações, tanto clientes como pessoal tratavam dos seus assuntos, um pouco alheados, enquanto prestavam atenção aos aparelhos portáteis.

O agente Lefèvre, foi buscar a marcação de Randall para o voo transatlântico, confirmando ao mesmo tempo a tabela horária. Enquanto ele se dirigia para um dos balcões, Gorin, o outro agente, chegara-se junto de um denso aglomerado para dar uma olhada às imagens que apareciam na televisão. Randall, ligado a ele pelo pulso, foi obrigado a segui-lo.

Estendendo o pescoço por entre as cabeças dos espectadores, Randall tentou ver as imagens que se projetavam na pequena tela, ao mesmo tempo, ouvindo a voz do comentador, primeiro falando em francês e depois em inglês, os dois idiomas oficiais adaptados para fazer a declaração ao mundo civilizado.

Uma das câmaras vasculhava o interior do salão nobre do Palácio Real de Amsterdã, mostrando, fila por fila, a aglomeração dos homens da imprensa e dos vários dignitários convidados para a cerimônia. As imagens das pessoas que enchiam a sala eram alternadas com as imagens das belezas arquitetônicas e decorativas do salão. As típicas janelas, formando uma espécie de vãos abobadados, fechadas por tabuinhas marrons, cada uma exibindo uma magnífica flor dourada no centro, foram percorridas em pormenor nos close-ups. Depois foi, a vez dos seis gigantescos lustres de cristal suspensos do teto por correntes de ouro, que pertenceram ao Imperador Luís Napoleão, e a seguir o maravilhoso piso de mármore cintilante como um espelho.

Do ambiente as câmaras desceram aos motivos humanos e a tribuna foi focada, mostrando cada um dos homens de destaque da Ressurreição Dois como se fossem os bonzos detentores da verdade fundamental, da pedra filosofal. Ali estavam todos os próceres sentados nas suas suntuosas cadeiras de veludo vermelho. Formavam um semicírculo e a voz do apresentador foi-os identificando respeitosamente: Dr. Deichhardt, Wheeler, Fontaine, Sir Trevor, Gayda; depois o Dr. Jeffries, o Dr. Knight, Monsenhor Riccardi, o Reverendo Zachery, o Dr. Trautmann, o Professor Sobrier, o Dominee de

Vroome, o Professor Hubert, Hennig e, finalmente, como a bela entre os monstros, Angela Monti (representando seu pai doente, o Professor Monti, o arqueólogo italiano, segundo explicou a voz do comentador).

Eis o Dr. Deichhardt que se encaminhava para o primeiro plano da plataforma, subindo à tribuna, ornamentada com panos de cetim, onde se via tecida uma enorme cruz.

O Dr. Deichhardt lia em voz alta a pormenorizada declaração da descoberta do Evangelho de Jacob e o relato do centurião Petrônio sobre o julgamento de Cristo. Fornecia uma notícia resumida do conteúdo dos dois documentos, exibindo na mão (primeiro plano) um exemplar do Novo Testamento Internacional que seria oficialmente publicado a partir daquele dia histórico.

Randall sentiu que lhe puxavam pela manga. Era o agente Lefèvre que lhe mostrava o bilhete.

- Não o perca, ou terá de voltar para a cadeia - avisou. Enfiou o bilhete no bolso do casaco de Randall e voltou-se depois para o colega, murmurando: - Temos quinze minutos antes de o metermos no avião. Vamos ver a televisão na sala de espera onde ao menos nos podemos sentar.

Minutos depois, entrando na sala de espera da primeira classe situada no terceiro piso, Randall ficou espantado com o que observava. Nunca foi testemunha de nada como aquilo. A sala estava completamente apinhada, viam-se espectadores não só sentados nas mesas do bar, nos bancos corridos, como também, sentados no chão. Algumas pessoas choravam, comportando-se precisamente como Peregrinos de visita à gruta de Lourdes ou a Fátima. Viam-se os lábios a murmurarem orações e rostos pios, como que transfigurados, fixos à tela dos aparelhos de televisão. Num canto, houve uma súbita agitação, alguém pedia socorro para uma mulher que desmaiara de comoção.

Não se via um único lugar disponível, mas um dos garçons do bar arranhou modo de os conseguir. Randall lembrou-se que para a polícia acabavam sempre por aparecer lugares.

Como que entorpecido por todo aquele espetáculo deprimente, Randall sentou-se alinhado com o seu "siamês" forçado, o agente Gorin, e lançou um olhar em volta de si perguntando-se se alguém daria fé das suas algemas. Mas, o fato é que ninguém ali em redor estava interessado noutra coisa que não fosse o pequeno «écran» dos receptores.

Randall lançou um olhar para um dos aparelhos mais próximos e viu imediatamente aquilo que motivava a reação emocional que engolfava toda aquela gente.

O aspecto ascético do Dominee Maartin de Vroome, envolto nas suas vestes talares, imponente na sua magreza e rosto cheio de religiosidade, enorme no «écran». Da tribuna do Palácio Real de Amsterdã, de Vroome lia em francês, as páginas do Novo Testamento Internacional, do livro que abriu diante de si, sublinhando com voz prenhe de emoção as grandes passagens do Evangelho Segundo Jacob (enquanto uma bateria de intérpretes traduzia instantaneamente as suas palavras noutros idiomas principais destinados à compreensão dos bilhões de espectadores em todo o mundo). A sua sonora recitação da Palavra ressoava pela sala como se se tratasse da voz do próprio Senhor, de tal maneira que até as orações e os soluços se suspenderam.

A certa distância, ouviu-se o sistema interno de comunicações, abafando por momentos a declaração televisiva, anunciando um vôo prestes a partir. O agente Lefèvre esmagou a ponta do cigarro no mais próximo cinzeiro e fez um sinal a Randall.

-Chegou o momento.

No caminho, vindo de todas as direções, chegavam os sons zumbidores das televisões e dos rádios com uma persistência alucinante.

Na rampa de embarque, viam-se os passageiros que se preparavam para entrar a bordo do grande jato intercontinental. Enquanto Gorin se afastava um pouco com Randall, Lefèvre entrou numa consulta sussurrante com um funcionário da companhia de aviação. Regressou pouco depois explicando:

- Monsieur Randall, temos instruções para que seja a última pessoa a entrar a bordo. Temos que esperar ainda uns quantos minutos.

Randall fez um gesto aquiescente com a cabeça e olhou para a esquerda. Até mesmo ali, quase à beira da partida, estava em funcionamento um televisor portátil, com a sua assembléia de seguidores, a maior parte deles passageiros em trânsito entre dois vãos, que engoliam a última refeição em terra, enquanto não embarcavam de novo. Randall acompanhava as várias cenas que se seguiam com rapidez, numa sucessão de imagens.

Grandes planos de dirigentes mundiais a proferirem breves comentários, a congratularem a humanidade em geral, por poderem ter oportunidade maravilhosa de receberem o Cristo na verdade Ressuscitado, o Cristo Regressado ao grêmio dos homens. O Papa da sua varanda com vista à Praça de S. Pedro abençoando os peregrinos, o presidente da França nos jardins do Eliseu, a família real britânica no palácio de Buckingham e o presidente dos Estados Unidos da América no seu gabinete oval da Casa Branca. O apresentador prometia para mais tarde as opiniões de presidentes e primeiros-ministros em Bona, Roma, Bucareste, Belgrado, Cidade do México, Brasília, Buenos Aires, Tóquio, Melbourne e Cidade do Cabo.

O cenário voltava a focar-se no interior do Palácio Real de Amsterdã, e a câmara principal deslocava-se para os teólogos sentados na plataforma, enquanto o porta-voz daqueles eruditos bíblicos, Monsenhor Riccardi, falava dos doze dias que celebrariam -um dia determinado para cada um dos discípulos de Cristo (evidentemente Matias em vez de Judas) -o aparecimento do Cristo corpóreo nas páginas do Novo Testamento Internacional. Monsenhor Riccardi anunciava que no Dia de Natal os púlpitos de todas as igrejas da cristandade, tanto protestantes, como católicas, seriam dedicados à maior glória do Cristo Ressurgido, enquanto os pregadores e sacerdotes pronunciariam os seus sermões aos fiéis com base no novo quinto evangelho que passaria a ser o primeiro e o de maior esperança para a humanidade.

Natal... Randall pensou no Dia de Natal, o dia em que ele costumava (com exceção dos últimos dois anos) deslocar-se a Wisconsin, a Oak City para assistir ao sermão proferido pelo Reverendo Nathan Randall do púlpito do seu templo pintado de branco. Rapidamente o seu pensamento deteve-se no pai e no ajudante, e seu amigo, o pastor Tom Carey. Pensou que naquele particular momento deviam estar a observar o programa transmitido via satélite. Seria como se fosse Natal para aquela gente simples, e Jacob, o Justo, passaria a fazer parte da veneração da família.

O olhar de Randall voltou a fixar-se no «écran» do aparelho. Grandes planos de Angela Monti, do Professor Aubert, do Dr. Knight e de Herr Hennig, enquanto o apresentador explicava que aquelas pessoas envolvidas na descoberta, autenticação, tradução e impressão da nova Bíblia, em breve, estariam à disposição dos homens dos jornais para responderem a todas as perguntas.

A câmara voltou-se outra vez para Monsenhor Riccardi que finalizava a sua preleção.

Randall deu de repente fé que o agente da companhia fazia-lhe sinais desesperados do portão que levava à rampa de embarque.

- Voilà, já está toda a gente a bordo - disse Gorin. - Monsieur Randall será o último e nós vamos agora escoltá-lo até lá dentro.

Os dois policiais impeliram Randall para o portão, enquanto Lefèvre tirava do bolso um molho de chaves e abria as algemas que prendiam Randall ao seu colega Gorin. Randall ao sentir o pulso livre fez-lhe uma massagem com a outra mão.

Chegaram à rampa de embarque.

-Bon voyage-desejou Lefèvre.-Lamento que tenha de ser desta forma.

Randall, sem pronunciar palavra, acenou um adeus com a cabeça. Também ele lamentava que as coisas tivessem que ser daquela forma.

Esticou o pescoço para dar uma olhada final ao espetáculo de Amsterdã. Já não conseguia ver o «écran» do televisor, mas podia ouvir o som. Randall afastou-se dos seus guardas, enquanto a voz de Monsenhor Riccardi perorava nas suas costas :

-Tal como João escreveu « vós não acreditareis se não virdes sinais e prodígios», temos agora Jacob que escreve: «Eu, com os meus olhos, vi os sinais e os prodígios e posso acreditar». Agora toda a humanidade pode clamar: Cremos! Christos anestí! Cristo ressuscitou! Alíthos anestí! Cristo na verdade ressuscitou! Amém.

Amém.

Entrou na cabine do gigante dos ares e, nas suas costas, a aeromoça do ar, com um aspecto solene, fechou a porta.

Agora só ouvia o rugir dos motores a jato.

Sentou-se no lugar que a aeromoça lhe designou.

Estava pronto a voltar de novo para a pátria.

CAPÍTULO 13.1

Tinham-se passado cinco meses e meio. Incrível... estava de novo em casa.

Mais outro dia de Natal em Oak City, Wisconsin, e contudo, diferente de todos os outros natais anteriores, bem o sentia no fundo do seu coração.

Steve Randall estava sentado, descontraído, na primeira fila de bancos da Primeira Igreja Metodista, rodeado por aqueles que eram do seu sangue e que pertenciam ao seu passado, aqueles a quem ele estremecia e que o estremeciam. Do púlpito de madeira negra que se alcandorava à sua direita, o Reverendo Tom Carey proferia o seu sermão natalício, um sermão que falava da visão de Cristo, do Calvário e de tudo o que continha o Novo Testamento Internacional; sermão que se ampliaria como um eco em milhares de outros púlpitos de milhares de outros templos espalhados pelo globo naquela quadra de Natal-um símbolo do Cristianismo de sempre. O sermão de Tom Carey, tal como toda a sua pessoa, haviam adquirido uma nova confiança, uma nova convicção e nova força, refletindo a revivescência e o esforço da sua crença devido à nova esperança encontrada na nova pessoa, no novo ministério e nas parábolas sociais e espirituais do Cristo Ressureto.

Prestando relativa atenção à história e à mensagem que já se lhe tornaram tão familiares-mais familiares a ele em particular, entre as centenas de pessoas que enchiam a velha igreja de seu pai-Randall olhou furtivamente em ambas as direções de banco.

Estava sentado entre a mãe, Sarah, com o seu rosto rechonchudo e feliz a seguir embevecida todas as palavras que eram proferidas no púlpito, e o pai, o pastor Nathan, com o seu rosto de velho fidalgo de aldeia parcialmente restaurado no seu antigo vigor, cujos olhos azuis, seguiam, como contas buliçosas, a cadência das palavras que o seu protegido e sucessor proferia daquele púlpito onde outrora ressoara a sua própria voz de pregador. Somente a bengala que tinha entre as pernas e um pouco de dificuldade pastosa no falar relembavam a apoplexia que o abatera e à qual tinha sobrevivido. Ao lado do pai,

Randall podia ver sua irmã, Clare, e a seguir dela a mandíbula proeminente do sueco Ed Johnson. Inclinando-se um pouco, Randall examinou as pessoas sentadas do outro lado da mãe. Primeiro Judy, a sua filha de olhos claros, com a manta de cabelos louros a cobrirem-lhe o rosto de anjo; depois o tio Herman, mais gordo mas menos apatetado e indolente do que nos velhos tempos da sua infância.

Estavam todos atentos, inteiramente devotados ao sermão do Reverendo Tom Carey, todos ouvindo de almas ao alto aquilo que ainda era novidade para eles, o sinal e o prodígio seguro da Ressurreição de Cristo.

Mas Randall já ouvira aquilo, já vivera aquilo, duvidara daquilo, combatera aquilo e foi derrotado por aquilo, e por isso, o seu espírito vagueava. Nenhuma das pessoas que ali estavam tinha conhecimento de que ele, o filho pródigo, fizera parte da Ressurreição Dois, pelo menos até então não o sabiam. Randall resolvera contar-lhes tudo depois do serviço religioso, primeiro faria saber ao pai e depois aos outros. Contar-lhes-ia o que o levara ao estrangeiro. Mas não tinha a certeza ainda sobretudo o que lhes poderia revelar. Ainda tinha que resolver até que ponto lhes contaria.

Randall, por cima daquelas cabeças, lançou uma olhada para os vitrais da igreja, observando as sombras projetadas dos ramos de árvores, ramos despidos de folhas, mas ainda testemunhas constantes da última nevasca de Inverno. Tentou voltar atrás, ao passado, aos seus anos de criança e inocência, mas estavam já muito distantes. O pensamento não se podia despregar do passado mais recente, daqueles últimos cinco meses e meio incansáveis, agonizantes, cheios de ira e desespero.

Mergulhou profundo numa rude introspecção, de tal maneira que, na sua memória torturada, tudo aquilo passou a ter mais acuidade do que o momento presente.

Voltou a viver de novo aquelas semanas depois que se separara da Ressurreição Dois e fora deportado da França.

De regresso a Nova York, recordou os escritórios da firma de relações públicas Randall Associados. Rememorou a presença confortável de Wanda, a sua devotada secretária, de Joe Hawkins, o seu mexido assistente, e Thad Crawford, o seu esperto advogado, e do resto dos seus colaboradores, pessoas de quem dependia para o impulso enérgico e criador que deram fama à firma.

Randall voltara aos movimentos de rotina, rotina em que o telefone se transformava num quinto membro sempre em manejo. Mas falhava-lhe a energia, porque o seu interesse se alheara, a sua atenção não conseguia fixar-se, porque carecia de objetivo.

Pretendera fugir de tudo aquilo que o esgotava e durante três dos últimos cinco meses e meio conseguira-o. Thad Crawford tinha uma casa de veraneio em Vermont, um sítio com um guarda, com gado, com uma varanda aberta para os campos cultivados e com uma casa confortável, datando dos tempos da guerra da Sucessão, mas restaurada; residência que não tinha ninguém a ocupá-la. E Randall fora para Vermont para ver se se desfazia do fantasma, do pesadelo que criava um fantasma, que tinha memórias de Amsterdã, de Paris, de Roma, de Ostia Antica, de Wheeler, de de Vroome, de Lebrun, de Jacob, o Justo. Possuía as gravações que fizera, as notas que tomara, as memórias dos acontecimentos recentes e uma máquina de escrever portátil. Tentara viver como um recluso e quase o conseguira. O telefone mantivera-o em tênue contato com o mundo exterior, estabelecendo-o em ligação com os seus subordinados no escritório, a respeito de decisões a tomar, em ligação com a filha, Judy, em S. Francisco, e com os seus pais em Oak City. Mas quase todas as suas horas eram dedicadas ao livro que queria escrever; o livro anti-Bíblia, cujo conteúdo lhe fervilhava no cérebro.

Na maior parte do tempo sentia-se confuso, irado, chorando consigo mesmo em gestos de auto compaixão. Escrevia e bebia, encharcava-se em álcool para tentar levar o ser do veneno que se lhe tinha enraizado no espírito. Escrevia páginas e páginas onde mostrava os podres da Ressurreição Dois, onde contava o seu envolvimento no projeto, o que passara em Roma com Lebrun, a nojenta traição do poderoso de Vroome, a expulsão da França, tudo... tudo menos Angela. A ela poupava-a.

Ao traçar aquelas palavras parecia-lhe, por vezes, que escrevia a maior história policial de todos os tempos. Outras vezes, parecia-lhe certo que nunca houve uma revelação de mentira religiosa, de traição e de duplicidade como aquela, que os seus dedos flagelados como o marquês de Sade batiam nas teclas da máquina. Noutras ocasiões ainda, tinha a certeza de que produzia o mais cômico auto-retrato, até então, lançado no papel, de uma criatura atacada da paranóia mais cínica.

Bebia e escrevia e o livro aproximava-se da sua conclusão, flutuando num rio de uísque.

Quando acabou, a catarse ecoava dele a menor gota de veneno. O que restou foi a concha da sua vacuidade e uma confusão que parecia ter aumentado ainda mais.

Saindo do sítio de Vermont, quando o Outono começava a enregelar a erva e a terra, Randall regressara a Nova York com o seu manuscrito dentro da pasta. Depusera-o no cofre do seu gabinete, cofre de que só ele e Wanda conheciam a relação. Não sabia se o deixaria ali como uma parte, sem publicação, do corpo que representava o seu esforço para exorcismar as forças satânicas que haviam residido dentro dele, ou se acabaria por publicar o manuscrito para combater o monstro Frankenstein que lançara os seus tentáculos por todo o país e por todo o mundo civilizado.

Na longa saga da literatura moderna, estava certo, nunca houve um êxito tão completo como o do Novo Testamento Internacional. Para onde quer que uma pessoa lançasse o olhar, aquele Livro dos Livros aparecia-lhe à frente dos olhos, tentava uma obra de proselitismo, de envolvimento e conquista. Dia e noite, as estações de rádio e os programas de televisão não falavam noutra coisa. Afigurava-se a Randall que não existia qualquer outro assunto no mundo para ser falado. Raro era o dia em que os jornais diários e as revistas não viessem cheios, de cabo a rabo, de histórias, de fotografias ou até de colossais anúncios. Se uma pessoa resolvia fazer compras, se visitava um bar, se jantava num restaurante, se assistia a uma festa particular, fosse onde fosse, o Novo Testamento Internacional era objeto de discussões, tinha entrada em toda a parte.

Os tambores de guerra batiam o seu compasso e o novo Cristo reunia almas de novo, conquistava inumeráveis almas. O decréscimo na violência seria atribuído por algumas pessoas ao regresso à Cristo. Outras pessoas atribuíam ao Salvador a melhoria na economia mundial. O baixar do consumo de entorpecentes era devido a Cristo. O fim daquela guerra, o início daquelas conversações de paz, o bem-estar geral, a euforia e a fraternidade que engolfavam a terra inteira eram apregoados pelos recém-catequizados como a obra de Cristo.

Segundo as últimas estatísticas, o Novo Testamento Internacional vendera três milhões de exemplares brochados nos Estados Unidos e cerca de quarenta milhões de exemplares em todo o mundo. E tudo aquilo em menos de três ou quatro meses depois da declaração de Amsterdã.

Pensou que devia publicar o seu livro revelador. Poderia representar um mero beliscão no monstroso Golias, ou então, tal como a pedra do surrão de David, por meio de uma campanha de propaganda bem dirigida, podia representar para o monstro o golpe fatal que o derrubasse, cortando a cabeça da mentira.

Foi nessa altura, enquanto considerava como devia agir, que Randall recebeu o telefonema há muito esperado de Ogden Towsery III, diretor das Empresas Cosmos, um cartel, um conglomerado empresarial. Os contratos estavam já prontos para a mudança de mão da firma e para a segurança do seu próprio futuro, esperando somente as assinaturas que selariam definitivamente o negócio - a assinatura do fabuloso Towsery e a sua própria assinatura. Tinha-se estabelecido uma demora inesperada nas negociações. Crawford tentara chegar a Ogden Towsery através das suas cortes de advogados, mas falhara nos seus intentos. Crawford não compreendia o que estava passando nos bastidores, mas Randall suspeitava que sabia muito bem o que se passava. Wheeler, amigo de Towsery avisara Randall em Paris: Alinha conosco sem desvios da Ressurreição Dois ou sofre-lhe as consequências.

De repente, Towsery tinha telefonado, ligara diretamente para Randall, numa conversa estritamente pessoal.

Uma conversa breve, sem perda de palavras, pouco amistosa, direta ao ponto nevrálgico.

-Randall, George Wheeler contou-me tudo. Ele obtém um êxito notável e disse-me que não ficou a dever nada a si. Contou-me que você fez tudo o que pôde para lhe torpedear o êxito, que lhe tentou sabotar o projeto. O que é que me diz sobre o caso?

-Nada. Tentei impedir o projeto porque tinha provas de ser uma fraude.

- Também ouvi falar disso. Randall, o que é que o preocupa? Será você um ateu ou um comunista... ou alguma coisa parecida com isso?

- Não posso aprovar aquilo em que não creio, nem posso vender aquilo em que não confio.

- Ouça-me bem, Randall, deixe aquilo que deve ser acreditado, ou não, à pessoas como Wheeler, Zachery e o Presidente, e realize apenas o seu trabalho. Tenho neste momento os contratos em cima da minha escrivaninha, mas antes de os assinar, antes de o receber na família Cosmos, preciso primeiro saber qual é a sua posição.

- Qual é a minha posição?

-O que irá fazer no futuro a respeito do Novo Testamento Internacional? Vai arranjar mais complicações, tentar sabotar de novo o projeto, ou realizar mais algum movimento subversivo? Quero dizer, estará com disposição de fazer quaisquer conferências ou terá idéias de publicar qualquer coisa porca contra o novo Livro Sagrado? Pretendo saber e Wheeler pretende também saber com aquilo que podemos contar. Se forem essas as suas intenções, devo declarar-lhe, desde já, que não querei mais nada consigo. Se você resolver comportar-se como uma pessoa decente e temente a Deus, como um digno filho de um clérigo que possa ter orgulho de si, nesse caso o negócio far-se-á. Mas primeiro preciso que isso seja posto em forma escrita, como um adendo ao contrato. Por esse adendo, provaremos para que você não diga, nem publique nada que possa ser prejudicial ao Novo Testamento Internacional. Se você estiver disposto dando-me essa garantia, tem, desde já, a minha palavra de que a sua firma será absorvida pelas Empresas Cosmos segundo as condições previamente acordadas. Qual é a sua resposta: sim ou não?

- Talvez.

- Que raio quer isso dizer?

- Mr. Towsery, quer dizer que, talvez sim, ou talvez não. Quer dizer que nunca tomo decisões importantes sem primeiro refletir a respeito delas.

-Pois bem, meu jovem, terá que pensar com rapidez. Espero a sua resposta até o último dia do ano.

O «tubarão» desligara e Randall sentira-se gelado de medo. Ter sido posto de lado pela Ressurreição Dois era uma coisa, mas permitir-se perder o negócio com as Empresas

Cosmos era outra coisa completamente diferente, porque a venda, as condições de contrato eram o último rumo seguro de escapar à corrida de ratos, representavam a sua futura segurança e independência. Todavia, a nova condição imposta, era simplesmente enojante e sentia-se doente e deprimido. Tentou pesar o contrato Towyery contra o manuscrito revelador que se encontrava fechado no seu cofre, sem saber bem, qual pesaria mais nos pratos daquela balança da verdade.

Várias semanas depois, surgiu um outro telefonema que contribuiu ainda mais para acentuar a confusão de Randall. Durante meses tentara encontrar Jim McLoughlin para o informar de que, por razões que não podiam ser reveladas (novamente Towyery e a Cosmos), não lhe podia ser possível entrar em negociações de promoção com o Instituto Raker. McLaughlin ausentara-se, numa das suas famosas viagens secretas, e tornara-se impossível entrar em contato com ele.

Foi Wanda quem o informou pelo telefone interno: -Jim McLoughlin está na outra linha, com uma chamada de Washington. Diz que ao regressar encontrou uma tonelada de recados e entre eles cartas que lhe foram enviadas por si e por Iliad Crawford. Informa lamentar ser tão negligente, mas que esteve fora, num local remoto, trabalhando vinte e quatro horas por dia. Está agora desejoso de entrar em contato consigo e fazem planos para que o patrão lhe promova o primeiro «livro branco» contra o grande capital. Quer que faça a ligação?

Randall sentiu-se sem coragem para dizer a McLoughlin o que havia para ser dito.

-Não, Wanda, hoje não. Não estou com disposição para lhe falar. Wanda, diga-lhe que acabo de seguir para o aeroporto, que parto para a Europa outra vez para um assunto de emergência. Diga-lhe que estarei de volta no próximo mês e que então entrarei em contato com ele. Telefonar-lhe-ei antes do fim do ano.

Naquele dia decidiu que a melhor maneira de resolver problemas era ignorá-los. Se uma criatura não os enfrentar, talvez que eles acabem por desaparecer. E se desaparecerem, acabarão por não existir. Pelo menos até ao fim do ano.

Sim, a melhor maneira de resolver problemas era ignorá-los e diluí-los em álcool. E, por isso, começou a beber, beber por todo o resto de Outubro, pela totalidade de Novembro e durante largos dias de Dezembro, bebendo como nos velhos tempos. Catimpuera de álcool como um antídoto contra os problemas de consciência e os negócios, contra a confusão e contra a desolação. O único problema residia no acordar. Nessa altura chegava a sobriedade e com ela a solidão, a profunda solidão.

Randall nunca na sua vida se sentira tão só, tanto na cama como fora dela.

Bem, recordava-se também do velho remédio contra essa solidão, um remédio que nos seus tempos heróicos tomara em grandes doses.

Aquelas moças, as mulheres, aqueles seres cuja melhor aparência era em posição horizontal e nuas... encontravam-se por toda a parte e eram fáceis de conquistar por um tipo com uma certa reputação e com a carteira recheada. As coristas com os seus desenvolvimentos mamários, as neuróticas ninfomaniacas da sociedade, as mundanas encontradas em bares e discotecas... todas elas bebiam juntamente com ele como esponjas, desnudavam-se com ele, copulavam com ele, mas no momento crucial de dormir ou no mais crucial ainda de acordar, Randall sabia que se sentiria ainda mais terrivelmente só.

Tais mulheres não ofereciam o desejado envolvimento. Randall, cheio de desespero, procurou algo mais do que o sexo, procurou a compreensão, o envolvimento.

Certa noite, afogado em álcool, decidiu fazer uma chamada telefônica para S. Francisco,

para Bárbara, para ver o que poderia sair de tudo aquilo. Mas quando a governanta respondera: «Fala de casa da família Burke», Randall recordou-se, por entre os fumos do álcool, que Bárbara se casara com Arthur Burke há cerca de dois meses. Sem dar resposta pousou o telefone.

Outra noite, de novo perdido de bêbado, sentindo a terrível solidão a pesar, resolveu fazer uma chamada para a sua última amiguinha, para Darlene - Darlene Nicholson - sim, onde raio é que ela se encontrava?... Ah, em Kansas City, claro. Iria pedir-lhe desculpa e fazer com que ela voltasse de novo para a cama com ele. Não tinha dúvidas que ela abandonaria o tal Roy Ingram e que viria correndo para os seus lençóis. Mas, quando levava a mão ao telefone, recordou-se que a estúpida Darlene queria casar e que essa loucura fora a causa de terem rompido em Amsterdã. Por isso, em vez de lançar a mão ao telefone lançara a mão à garrafa.

Naquela procura doentia arriscou-se até ficar sem a luxuriante e alegre secretária que já o aturava há três anos, a esplêndida Wanda, convidando-a a ir para a cama com ele em certa tarde antes de sair do escritório. Sentia-se mais só e abandonado do que nunca e queria ir para a cama com alguém... naquela noite com a camaradona Wanda. E ela, aquela moça negra de imenso peito aquela pequena que o conhecia tão bem, e que não o receava, respondera-lhe:

-Está bem, patrão. De resto já tinha pensado quando é que me faria esse pedido.

Aquela magnífica mulher de longo corpo de ébano enfiara-se na sua cama, abria-lhe generosamente os braços, com os vermelhos mamilos a apontarem para o teto, abria-lhe as bem torneadas pernas para ele se aninhar no meio delas e fizera amor com ele, durante muitas noites a fio. Wanda copulava com ele, não por desejo de reter o seu emprego, porque era uma garota laboriosa, mas, por profunda e tocante compreensão humana do período de depressão que ele atravessava, amara-o sem piedade, por sentir a solidão dele. Um mês depois, Randall, percebendo os sentimentos dela, envergonhado, mas, cheio de gratidão, resolvera libertá-la de sua companheira de cama e retê-la apenas como sua secretária e amiga.

Finalmente, uma semana antes, chegara-lhe um envelope com a indicação posta aérea e com um selo italiano e o carimbo de ROMA. Dentro encontrou um delicado e artístico cartão de boas-festas - Feliz Natal e Alegre Ano Novo - e no outro lado do cartão uma nota. Os olhos dele procuraram a assinatura. Simplesmente «Angela».

Dizia que pensara nele constantemente, queria saber o que é que ele estaria fazendo naquele momento e pedia a Deus que estivesse bem e com o espírito em paz. Falava do pai, dizendo que estava na mesma, vivo e morto ao mesmo tempo, completamente inconsciente, daquilo que a sua espada escavadora produzira para a humanidade. Contava que a irmã e os sobrinhos se encontravam de boa saúde. Quanto a ela, tinha sempre que fazer. Acabados os preliminares da apresentação da Bíblia, ocupava-se respondendo a centenas de cartas dirigidas de todo o mundo ao pai, ocupada em escrever artigos e dando entrevistas em nome do pai. A propósito dizia que iria a Nova York por uma semana, convidada por Wheeler para um programa de televisão. Chegaria na manhã do dia de Natal. Ficaria hospedada no Plaza.«Se julgares que isso te possa ser agradável, Steve, ficarei muito contente por te ver.» E a assinatura, sem mais nada, «Angela».

Sentira-se impotente para encontrar uma resposta que lhe desse, por isso, não lhe respondera, nem sequer para lhe explicar que não estaria em Nova York, que prometera visitar os pais na semana entre o Natal e o Ano Novo, e que visitaria a filha, que viajaria da Califórnia para se encontrar com ele em Wisconsin.

O cartão de Angela fora a primeira coisa que contribuíra para o despertar, para o pôr sóbrio, no espaço de cinco meses e meio. A segunda coisa, fora a viagem à casa na noite anterior, a viagem até Oak City, para estar junto da família em volta do tradicional e simbólico pinheiro, enfeitado luxuriantemente e cheio de embrulhinhos de presentes. Na noite anterior ouvira com Judy um grupo de crianças catando as bolas de Natal de neve, em frente da porta da casa.

A terceira coisa plena de sobriedade fora o sermão na Primeira Igreja Metodista de Oak City.

Subitamente Randall deu-se conta que estava sentado ali naquele banco, entre a família, e que o sermão do Reverendo Tom Carey terminara. As pessoas começavam a levantar-se.

O que ele observou naquele particular momento foi que os olhos dos seus entes queridos brilhavam iluminados de uma nova esperança-sua mãe, agradecida e feliz, e o pai como que transportado pela fé renovada, ambos com um aspecto muito mais rejuvenescido, como já não lhes via há muito tempo. Sim, seus pais pareciam sentir-se felizes por lhes ser permitido viver o suficiente para ouvirem a Palavra. Sua irmã, Clare, apresentava um ar mais resolutivo, mais confiante, como nunca, até então, se percebera, com uma fé renovada na sua decisão de se desligar do amante e patrão, um homem casado, seguindo o seu caminho ao encontro de algo novo e de alguém a quem pudesse amar sem pecado. A filha, Judy, com um ar recatado, pensativa, verdadeiramente transformada interiormente em virtude da Palavra contida no sermão de Tom Carey. Randall sentia nela uma maturidade e uma compenetração que nunca observara antes.

Olhou para trás, considerando aquele magote de paroquianos que, em grupinhos, ia abandonando o templo. Nunca vira seres humanos tão cheios de calor, tão dóceis, com um aspecto tão confortado e cheio de segurança-uma segurança que era pessoal, mas, que contava também com a bondade e receptividade dos outros.

Angela dissera-lhe, da última vez que estavam juntos, que aquele começo era o fim que justificava o emprego de quaisquer meios. Os meios não importavam. O fim era tudo. Era o que ela havia dito.

Mas, ele respondera-lhe que Não.

Contudo, naquele momento particular - porque era Natal, porque estava em casa, porque atravessava o momento mais sóbrio em vários meses, porque testemunhava um vislumbre de paraíso refletido em todas aquelas centenas de pares de olhos - naquele momento, sentia-se inclinado a dizer a Angela: Talvez... Talvez o fim de tudo é o que interessava.

Mas nunca, nunca teria a certeza.

Inclinou-se e beijou meigamente a mãe, perguntando:

- Foi maravilhoso, hem?

- Sim, filho, sinto-me feliz por poder ter vivido este dia. Se nunca mais voltar a haver um dia como este de felicidade para teu pai e para mim, o momento que acabamos de atravessar será suficiente.

-Também creio, mãe. Feliz Natal. Olhe, volte para casa com a Clare, com o tio Harry, com Ed Johnson e com a Judy. Tenho lá fora um carro que aluguei e vou levar o pai para casa. Daremos um grande passeio. Será como quando eu era miúdo, lembra-se? Quando o pai dava longos passeios comigo. Mas, não demoraremos muito mãe. Estaremos em casa antes da comida esfriar.

Voltou-se para o pai, apoiado na bengala, e deu-lhe o braço para ele se apoiar melhor.

O pai fitou-o com um sorriso.

-Devemos ao Senhor a paz nos nossos corações, a felicidade nas nossas almas, a confiança que nos deu a Sua revelação neste dia memorável. Devemos-lhe o estarmos juntos e termos juntos recebido a Sua mensagem de Amor.

-Sim, pai -respondeu com respeito, contente de ver que o pai já conseguia falar quase tão bem como antes da doença que o afetara.

O Reverendo Nathan Randall, com uma centelha do seu velho espírito, voltou-se para Steve.

-Bem, meu filho, penso que agora já chega de igreja para um dia de festa. Será divertido ir para casa contigo de carro. Será como nos velhos tempos.

CAPÍTULO 13.2

Era como nos velhos tempos aquele passeio de carro. Randall sentia, todavia, que se tratava de um momento novo, um momento de verdade e intimidade que nunca se repetiria.

O longo caminho até a casa, pela estrada vicinal cheia de covas, mas, naquele momento com a alfombra da neve recém-caída, ao longo da margem do lago, a que toda a gente dos arredores chamava a banheira, uma caminho que levava cerca de quinze minutos mais do que pelo centro da cidade. Randall guiava devagar para saborear aquele nostálgico interlúdio.

Pensou que tinham ambos um aspecto cômico, como dois esquimós metidos nos seus agasalhos. No vestíbulo da igreja, consciente de que a temperatura descera bastante e que o clarão do sol, parcialmente oculto pelas nuvens baixas, era decepcionante, tinham enfiado os sobretudos, posto cada um deles o seu tufado cachecol e as grossas luvas de lã. Ali, no carro alugado (cujo aquecimento interior não funcionava, claro) sentiam-se, no entanto, confortáveis, quentinhos, contemplando a neve que caía lá fora.

Como em tempos idos, o pai falava sem parar. De vez em quando, notava-se uma ligeira hesitação na sua voz que acusava a recente doença, no entanto, manifestava uma energia desusada e Randall sentia-se contente de poder ficar calado, escutando-o.

-Filho, olha para além para o lago. Haverá no mundo uma paisagem mais repousante e natural do que esta? Já disse mais do que uma vez ao Ed Johnson, que Thoreau gostaria mais das margens do nosso lago do que das margens de Walden Pond, se tivesse vindo aqui. Mas, ao mesmo tempo, estou contente de que isso não tivesse acontecido, porque agora teríamos que sofrer a invasão dos turistas; deixariam por toda a parte os seus papéis sujos de comida e as suas latas de cerveja vazias. Ainda bem, porque aqui as coisas se mantêm calmas, como quando tu eras um rapaz de dez ou doze anos. Lembras-te desses dias, Steve?

- Muito bem, pai - respondeu Randall calmamente, olhando para o lago cercado por moitas de arbustos e por salgueiros onde a neve formava cama. O gelo tinha formado uma camada que ocultava a água. - Agora está quase gelado.

- Quase gelado - repetiu o Reverendo Nathan. - Quando ele gela completamente a camada atinge a maior solidez. Lembras-te quando tínhamos que abrir buracos no gelo para pescarmos? - Não esperou pela resposta. - Cada um de nós cavava vários buracos no banco de gelo, depois lançávamos as nossas linhas e iscas, cinco por pessoa conforme a lei. Passou muito tempo desde a última vez que pesquei assim. Lembras-te? Lançávamos a linha com a isca, amarrávamos um guiso na ponta e colocávamos uma bandeira vermelha para assinalar o local. Depois voltávamos para junto do carro para nos

aquecermos um pouco, corríamos para restabelecer a circulação. Fazíamos uma fogueira e ficávamos ali cantando contentes, observando as bandeirinhas. De repente, ouvia-se um guiso tocar e lá iam os nós como doidos, escorregando no gelo, aos berros como Peles Vermelhas, para apanharmos uma perca ou um lúcio. Tu chegavas sempre primeiro, principalmente quando as tuas pernas começaram a crescer.

Randall, com um baque de tristeza no coração, lembrou-se vividamente do passeio.

- Papai, devia voltar a vir à pesca de vez em quando.

- Nunca mais. No Inverno não. Há coisas que não poderei voltar a fazer no Inverno. Mas, o Dr. Oppenheimer, disse que já estou, suficientemente, bom para poder voltar a pescar quando o tempo melhorar. Na semana passada, eu e o Ed, até estivemos a discutir o caso. Quando vier a Primavera combinamos uma pescaria em volta de Dells. É também um local muito bonito.

Fez-se silêncio entre eles. Lentamente, Randall guinou o volante e afastou-se das margens do lago pela estreita estrada vicinal.

Passado um pouco, o Reverendo Nathan voltou a falar.

- Tenho pensado em como o passado nunca se afasta por completo, em como faz sempre parte do presente. A maturar, em como o meu passado, tomou mais realce e mais significado

- a minha mocidade, a minha vida com a tua mãe, o meu serviço a Deus - por causa da nova Bíblia. Essa descoberta continua a manter-me preso à sua maravilha, sinto o extraordinário poder do novo evangelho. A tua mãe e eu já o lemos e relemos pelo menos uma dúzia de vezes. A revelação é notável. A ternura de Jesus pelo Seu rebanho. Jesus junto da campina de José, proferindo palavras ao mesmo tempo tão humanas e tão divinas. Nunca ouvi, nem li nada que pudesse ter tanto significado humano. Mesmo não sendo um crente, o novo evangelho obriga a acreditar. Sabe-se que Deus está entre nós e ganha-se alento e fortaleza. Transmite um significado à vida.

- Se assim é, pai, nada mais importa.

- Sim, filho, nada há de mais importante - disse o Reverendo com fervor. Para citar Coleridge - Acredito em Platão e em Sócrates. Eu creio em Jesus Cristo. Vou-te dizer o que estava pensando na igreja, enquanto Tom proferia o sermão. Nunca vaciei na minha fé, por isso não interpretes mal aquilo que vou dizer. Tenho vindo a sofrer nos últimos anos, a sofrer por ver como os jovens... e não só os jovens, também os pais... vinham a abandonar a igreja e a alhearem-se das Sagradas Escrituras. Estavam a voltar aos falsos ídolos, a radicarem-se num racionalismo do Ver para Crer, da crença única na Ciência como prova comprovada, como se só o visível pudesse conter a verdade, como se a própria ciência não fosse cheia de abstrações e de mistérios. As pessoas faziam profissão de fé de tudo aquilo que pudessem tocar e ter nas suas mãos... Todavia, por muito estranho que parecesse, nos momentos de verdadeira reflexão toda a gente começava a sentir que faltava um fim à vida humana, um propósito definido, um significado. Meu filho, não tens a impressão que era isso mesmo que acontecia?

- Estou de acordo.

- Jovens e velhos não podiam encontrar uma resposta em Deus e no Seu Filho, porque não podiam ver Cristo apenas através da fé, de modo que, não podia aceitar a mensagem de alguém em quem não acreditavam, Steve. Julgo que foi precisamente o que te aconteceu. E, na mais variada escala, foi precisamente o que sucedeu à maior parte das famílias da nossa paróquia.

- Papai, conheço o problema. Discuti-o com Tom quando o papai estava doente.

- Bem, sinto-me pessoalmente abençoado por saber que tudo isso já terminou. Na verdade julgo que Cristo sabia o que acontecia com a fé e, por isso mesmo, fez uma reaparição no momento exato. A descoberta de Ostia Antica pode não ser um puro acidente, mas sim divinamente inspirada.

Ostia Antica... pensou Randall. Não, não foi um acidente. Como seria difícil contar ao pai a verdade sobre o caso.

Entretanto, o Reverendo Randall prosseguiu:

- A partir de agora, para satisfação de todos, podemos dar resposta às duas perguntas fundamentais do nosso credo. Consideramos Cristo como o nosso Salvador e Senhor e prometemos a nossa fidelidade ao Seu Reino? Recebemos e professamos a fé cristã, tal como, está contida no Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Cristo? Aqueles que antes não podiam responder afirmativamente, podem agora fazê-lo em perfeita consciência. Sim, graças a Jacob o Justo, podem hoje responder Sim. Para eles, existe - através um total critério científico - a prova visível da existência do Salvador. Para mim, o meu julgamento egoísta está terminado. Vejo a minha igreja salva. Vejo Tom Carey, novamente, em toda a posse dos seus recursos e da sua fé e vejo que o meu púlpito está em boas mãos e restaurado em toda a imponência do seu respeito tradicional. Antevejo um paraíso na terra para os jovens errantes, como a minha neta Judy como a minha filha Clare. Reparaste na diferença, não reparaste, Steve?

Randall acenou gravemente.

- Sinto-me feliz por elas. Nem lhe sei dizer o quanto me sinto feliz.

- Quanto a mim, já não sinto o mínimo receio de partir quando chegar a minha hora. Mantive sempre uma profunda fé num céu lá em cima... não um céu de ruas douradas e altas espirais de ouro, mas um céu onde as almas redimidas fossem recebidas no seio de Deus e do Seu Filho Bem Amado. Foi esse sempre o céu que imaginei, mas agora foi-me dada a consolação de poder ter vivido até o dia em que antevejo também um céu na terra, um tempo em que a bondade se sobreporá à pobreza e acabe com a violência e a injustiça. Daqui em diante a bondade do seu sentido ecumênico, o sentido de paz e amor envolvendo todo o mundo, prevalecerá para todo o sempre. A nova Ressurreição, unificará num só corpo, as nossas duzentas seitas protestantes, fará com que sejamos um só corpo e uma só alma com a igreja católica, aproximar-nos-á dos nossos irmãos judeus, porque cada um de nós, tal como o próprio Cristo, será na essência e antes de tudo o mais judeu. - Calou-se por momentos, para aliviar um pouco o cachecol. - Deixaste-me falar muito meu filho. A intimidade do Inverno parece que nos faz ser mais faladores. Agora basta de falar de mim. Steve, quero saber de ti. Disseste que me ias contar como tinhas passado o Verão.

- Nada de importante, pai. Falaremos disso noutra hora.

- Sim, temos que voltar a falar em todas estas coisas. Randall voltou a cabeça para observar o pai e viu que ele tinha recostado a cabeça no assento e que tinha os olhos fechados. Pensou que não estava ali Spinoza, mas sim o Reverendo Nathan Randall, o verdadeiro homem intoxicado de Deus.

- Papai, deve sentir-se cansado-disse, enquanto voltava numa das ruas do centro-Tem que repousar um pouco. Diminui a velocidade antes de chegar a esquina.

- Filho, apenas me sinto em paz - ouviu o pai murmurar. Nunca antes senti esta paz divina. Espero que tu venhas também a encontrar uma paz assim.

Randall passou em frente da casa e voltou na pequena ruela de cascalho que dava para a traseira. Parou e fechou a ignição do motor. Voltou-se para dizer ao pai que acreditava que

acabaria por encontrar a sua paz algures, sob qualquer hipótese. Queria também anunciar-lhe que chegou ao lar.

Mas os olhos do pai continuavam fechados como se dormisse profundamente. Em toda a atitude do progenitor havia uma infinita quietude.

Mesmo antes de pegar a mão do pai para lhe apalpar o pulso, Randall teve a premonição de que o Reverendo já não era deste mundo, que estava morto. Chegou-se mais para junto do corpo, como se fosse impossível o seu alarmante pensamento.

O pai não parecia morto. O suave sorriso no seu rosto repousado estava mais vivo do que nunca.

Randall puxou o corpo para si, tomou-o nos braços, encostando aquela cabeça nevada ao peito.

-Não, papai-murmurou-, não se vá embora, não me deixe sozinho. -embalou o pai nos braços e do mais fundo do seu ser saiu a voz da sua infância a rogar: «Papai, por favor, fique, não vá embora, não me deixe sozinho.»

Apertou ainda mais o corpo do pai, recusando-se a aceitar aquilo, tentando fazê-lo voltar à vida com a sua vontade.

O velhote não podia estar morto, não podia, era impossível. Mas, passado um pouco sentiu dentro de si que o pai só tinha morrido em corpo, mas que a sua alma estava mais viva do que nunca, que era uma memória imperecível, e finalmente libertou o corpo do amplexo em que o estreitava.

CAPÍTULO 13.3

O serviço religioso na câmara ardente montada na capela tinha terminado. O último dos muitos amigos do Reverendo acabara de desfilar perante o esquife, e os acompanhantes iam-se reunindo lá fora, na nave. Randall, amparando a mãe, depois entregou-a nos braços do tio Herman e de Clare. Deu-lhe um respeitoso beijo na testa.

- Mamãe, não chores mais. Papai está finalmente em paz. Ficou um momento parado à porta, vendo o tio e a irmã conduzirem a mãe até um lugar, para além da carreta fúnebre, onde se encontrava Judy, Ed Johnson e Tom Carey.

Sozinho, de novo na capela, Randall olhou em volta para aquele santuário no derradeiro adeus. Os bancos estavam vazios; o púlpito do celebrante não tinha ninguém; o órgão estava silencioso. Mas na sua memória ecoavam os momentos do serviço religioso. Ainda tinha nos ouvidos o eco do salmo de abertura: «Deus de Misericórdia, Deus de Graça, Deus de Glória ... » Ouvia ainda a voz de Tom Carey lendo a Bíblia: «Jesus disse: eu sou a ressurreição e a vida eterna; aquele que crê em mim, embora morto, continuará a viver, e onde quer que viva e creia em mim nunca morrerá.» Ouvia todos os presentes a cantarem em coro: «Glorificado seja o Pai, e o Filho, e o Espírito Santo; tal como era no princípio, assim é agora e assim há de sempre ser pelos tempos dos tempos. Amém.»

Os seus olhos voltaram-se para o esquife, em cima desse, coberto de flores.

Quase involuntariamente como que hipnotizado, deslocou-se para junto do esquife e ficou ali a contemplar os restos mortais do pai, do Reverendo Nathan Randall, que lá dentro jaziam no seu sono eterno.

A mente acudiu-lhe um pensamento: Não podes ser um verdadeiro homem até que teu pai morra. Quem é que dissera tais palavras? Lembrou-se subitamente: foi Freud.

Não podia ser um verdadeiro homem até que teu pai morra. Olhou para o esquife. Ali estava o pai morto, completamente morto e contudo, de modo nenhum, se sentia como

um homem, sentia-se como um filho, um filho que foi um rapaz, um rapazinho perdido na vida.

Lutou contra tais pensamentos e sentimentos, lembrando-se que era um homem, mas as lágrimas deslizaram-lhe pelo rosto abaixo, sentiu na boca aquele gosto a sal e a chocante sofreguidão que lhe tomava as vias respiratórias e desatou a soluçar incontrolavelmente.

Alguns minutos depois os soluços começaram a esmaecer e Randall limpou os olhos. Sabia que já não era um rapazinho perdido, que era um homem, quisesse ou não, mas, inexplicavelmente, impregnado do mesmo calor de esperança, de crença e de segurança que havia sentido quando deixara, há longo tempo para trás, o estranho rapaz que foi.

Um último olhar. Repouse em paz, papai, repouse aí nesse céu de pensamento e espírito, de corpo e alma, na paz de Deus e de Jesus Cristo que conhecia tão bem na sua inocente fé. Vou deixá-lo, papai, mas não ficará sozinho até o dia em que voltarmos de novo reunidos juntos.

Depois, após um momento de hesitação e de temor, Randall afastou-se deste e foi-se juntar lá fora, na neve, aos outros que aguardavam o funeral.

Durante os sessenta minutos seguintes, no cemitério, viveu como que entre um estranho nevoeiro.

A beira da sepultura, perante uma fechada que ia descer à terra, recitou a oração dos mortos pela alma -de seu pai.

- Pai Nosso Todo Misericordioso, olhos que tudo vêem e ouvidos que tudo ouvem, oh, escuta a minha prece por Nathan e envia o arcanjo Miguel, chefe das tuas hostes celestes, e o arcanjo Gabriel, teu mensageiro de luz, para que conduzam a alma de meu pai, Nathan, para as tuas altas mansões de paz.

Só depois de abandonarem o cemitério, em dois grandes carros negros, voltando para casa para receberem os parentes e amigos, que iam prestar os respeitos à viúva e filhos, é que Randall se lembrou da oração que rezara à beira da sepultura do pai.

Fora a mesma oração que, de acordo com o Evangelho Segundo Jacob, Jesus rezara junto da campa de seu pai José.

Uma oração segundo Jacob, o Justo, ou segundo Robert Lebrun. Fosse como fosse, para Randall aquilo já não interessava nada, não tinha o mais leve significado. As palavras confortariam o pai na sua derradeira jornada e, qualquer que fosse a origem, eram sagradas e apropriadas a momento tão solene.

O nevoeiro acabara por se esfumar da sua cabeça e já não sentia aquele peso horrível no peito. A quinhentos metros de casa, pediu ao condutor do grande carro funerário, para parar a fim de sair da viatura.

- Não se preocupe, mamãe - disse. - Apenas quero apanhar um pouco de ar fresco. Dentro de minutos vou-me juntar a si, à Clare e à Judy.

Ficou no passeio, a acenar para a mãe até que o veículo se perdeu de vista, depois, dando um salto para o lado para evitar um rapazinho que deslizava numa espécie de trenó, Randall tirou as pesadas luvas, meteu profundamente as mãos nos bolsos do sobretudo e começou a andar.

Caminhou um pouco, quando a casa familiar estava já à vista, a neve começou de novo a cair de mansinho, levemente, com os cristais a flutuarem no ar, uma neve que lhe arrefecia o rosto e que era como um cântico de vida e de beleza.

Ao chegar ao jardim em frente da casa, todo branco da neve, já se sentia plenamente restaurado e pronto a voltar, integrar-se na comunidade dos homens. Havia um negócio por acabar para todo aquele ano prestes a despedir-se, um negócio que tinha que ser

completado. Encaminhou-se para a porta e, pela grande janela frontal, pôde ver a sala de visitas cheia de gente que cercava a mãe e a irmã. Observou Ed Johnson servindo o ponche e o tio Herman a andar de um lado para o outro com uma bandeja cheia de sanduíches. Sabia que a mãe estava bem entregue. Iria para perto dela daqui a pouco. Mas primeiro, como um filho que se tornava um homem, devia resolver os seus assuntos.

Afastou-se da porta da frente e dirigiu-se pelo caminho lateral que corria paralelo à residência e que levava à porta de trás. Apressando o passo, chegou à porta do quintal, atravessou a cozinha e subiu para o primeiro andar, onde ficavam situados os quartos.

Foi encontrar Wanda no quarto de hóspedes, arrumando seus pertences numa pequena mala de mão. Havia-lhe telefonado para Nova York no dia anterior para lhe contar o sucedido e para lhe dizer que não voltaria ao escritório até o dia seguinte ao Ano Novo. E ela aparecera na noite anterior, não na qualidade de secretária mas como uma amiga, para poder estar junto dele e auxiliá-lo em tudo que pudesse. Naquele momento estava-se preparando para voltar a Nova York.

Randall aproximou-se dela pelas costas, agarrou-a voltou-a para ele, deu-lhe um sonoro beijo na face e agradeceu-lhe.

- Obrigado, Wanda, obrigado por tudo.

Wanda afastou-se um pouco e estudou-lhe as feições com ar preocupado.

- Sente-se bem? Já mandei chamar um táxi para me levar ao aeroporto de O'Hare, mas se precisar de mim posso ficar o tempo que quiser.

- Preciso de si em Nova York, Wanda. Há uma coisa especial que quero que faça, e outras coisas que tem de me resolver antes do dia de Ano Novo.

- Amanhã já estarei no escritório. Quer que escreva um memorando dessas coisas?

- Não é preciso, julgo que se lembrará perfeitamente de tudo. Para começar, lembra-se do livro que eu lhe disse que escrevi em Vermont, aquele que meti no cofre?

- Lembro.

- As folhas estão dentro de uma pasta de cartão e tem uma etiqueta com o título Ressurreição Dois.

- Sei muito bem, patrão. Fui eu que fiz a etiqueta.

- Muito bem, você sabe a relação do cofre. Amanhã tire a pasta de cartão e mantenha-a à mão. Vou ver-me livre dessa coisa.

- Como?

- As velhas pontes são para queimar, Wanda. Não necessito delas. Vou voltar atrás. Quero seguir sempre em frente...

- Mas depois de todo o trabalho que teve com o manuscrito, patrão?

- Nada de precipitações, Wanda. Ainda não lhe disse como é que me vou ver livre do manuscrito. Dentro de alguns minutos saberá. Passemos agora a outro assunto. Quero que me faça um telefonema para o Thad Crawford. Ele sabe que Ogden Towery e a Cosmos estão à espera de uma resposta minha antes do dia de Ano Novo. Diga ao Thad para fazer ciente a Towery que já tomei a minha decisão. A resposta é Não, que diga ao Sr. Towery que ele perdeu a aposta. Não vou vender a firma às Empresas Cosmos. Penso numa coisa muito melhor.

- Oba, patrão! - exclamou Wanda, abraçando-o. Por vezes, até as orações dos pecadores são ouvidas.

- Agora mais uma coisa. Pode fazê-la mesmo daqui. Sabe onde é que pode localizar o Jim McLoughlin?

- Falei com ele na semana passada. Queria saber quando é que o patrão voltaria.

- Muito bem, localize-o - Randall apontou para o telefone que estava na mesinha de cabeceira. - Diga-lhe que voltei. Que lhe quero falar imediatamente.

Naquele momento estava envolvido numa chamada de longa distância, falando com Jim McLoughlin, que se encontrava em Washington D. C.

A voz de McLoughlin chegou-lhe aos ouvidos.

- Já não era sem tempo, Mr. Randall. Pensei que só chegaríamos à fala um com outro quando fosse já demasiado tarde. As coisas estão realmente aquecendo em nossa volta. Obtivemos fatos essenciais sobre todos aqueles gatunos e aldrabões de que lhe falei. Vamos fazer com que a empresa volte na realidade a ser de novo livre, e acredite que não há um minuto a perder. O próximo passo compete-lhe dá-lo. Está pronto a falar ao mundo a respeito do Instituto Raker? preparou para marchar objetivamente em frente?

-Imponho apenas duas condições, Jim. E a propósito o meu nome de batismo é Steve.

- Steve... tomo nota. -Mas a voz do outro extremo da ligação manifestava-se algo preocupada. - Quais são as condições, Steve?

- Primeira. Enquanto estive na Europa tive pouca oportunidade para jogar o vosso jogo. Envolvido em sondar, tentar seguir a pista, de um certo assunto... de certo modo, um assunto de negócios. Estive tentando saber se certa coisa... chamemos-lhe um produto de consumo... seria uma fraude, uma mentira apresentada ao público, ou se seria um empreendimento honesto. Tinha razões para crer que se tratava de uma fraude, mas, não fui capaz de provar nada. As pessoas envolvidas nas vendas desses produtos, na sua maioria, acreditam que ele é honesto. Talvez tenham razão. No entanto, o caso está cercado de dúvidas razoáveis, racionais. Seja como for, escrevi um longo relatório sobre o meu envolvimento em tal projeto. Amanhã a minha secretária enviar-lhe-á o relatório de que falo. Você receberá uma pasta de cartão cheia de folhas de papel datilografadas com o título Ressurreição Dois...

-Ressurreição Dois? -interrompeu McLoughlin-O que é que você tem a ver com isso? Quer me contar o que se passou?

-Agora não, Jim. Além disso o manuscrito dir-lhe-à tudo o que necessita saber sobre a história, pelo menos por hora. Depois, conversaremos. De qualquer maneira, se você decidir seguir o caso onde eu o abandonei - se quiser um dia entrar no âmago da coisa e reatar a busca da verdade, se pensar que está em linha com o interesse do público e onde quer que a coisa possa levar - será excelente. A minha única preocupação é que venha considerar aturadamente o caso. Chamei-lhe a atenção para ele, depois disso faça o que quiser.

-A primeira condição foi apresentada e aceita. -A voz de McLoughlin tornou a hesitar. - Steve, e qual é a segunda condição para promover o Instituto Raker?

-Juntar-me-ei à vocês se vocês se juntarem a mim -disse Randall com simplicidade.

- E o que é que isso significa?

- Significa que eu também decidi entrar no negócio da verdade. Vocês têm os meios, os braços de trabalho para investigarem, mas não têm voz. Eu não tenho o aparelho de investigação, mas, possuo uma voz retumbante para me fazer ouvir. De modo que estou pensando porque é que não juntamos forças, porque é que não havemos de nos fundir, trabalharmos juntos para tentarmos limpar o país e tonarmos a vida melhor para toda a gente? Uma vida melhor aqui mesmo, nesta terra onde suamos?

Jim McLoughlin deu um berro selvagem.

-Steve, estou ouvindo bem? É realmente isso que você quer?

-Puxa, vida, claro que é.Tem razão e os seus ouvidos funcionam bem, é isso realmente o

que quero. Ou vamos para a frente juntos ou então desisto. Você pode ficar como presidente e eu como vice-presidente. Eu serei a voz. Está ouvindo?

-Estou ouvindo, homem de Deus! Estou escutando muito bem. Temos o negócio fechado! Mas que belo presente de Natal!

-Também para mim, Jim-disse Randall calmamente.- Pronto, voltaremos a nos ver nas barricadas.

Quando se voltou para Wanda e lhe tirou a mala da mão para a levar até o taxi, pôde ver que as faces dela estavam ainda molhadas de lágrimas e que a esplêndida negra tinha um ar felicíssimo.

- Oh, Steve, Steve... -e não pôde dizer mais nada porque a emoção lhe embargou a voz.

-Menina, parece-me melhor voltar para a sua máquina de escrever e deixar as coisas loucas para mim-disse Randall em ar de quem está brincando.

Randall foi acompanhá-la até ao taxi. Quando o carro se pôs em movimento, Wanda baixou o vidro da janela, meteu por ele a cabeça e disse:

-Patrão, queria dizer-lhe que gostei muito das suas duas pequenas, muito mesmo. Talvez me antecipe à jogada de surpresa da sua italiana, mas as duas estão no pátio do outro lado da rua a fazendo um boneco de neve. Feliz Ano Novo, patrão!

O táxi arrancou a toda a velocidade.

Randall voltou até junto da porta. Pensou em entrar, mas havia tempo de se juntar às pessoas na sala.

Havia ainda um assunto para terminar, o último assunto e a solução estava no pátio de trás.

Deu a cara lentamente à casa, limpando os suaves flocos de neve que lhe pendiam das sobrancelhas e do cabelo.

Sabia que tinha finalmente encontrado para si próprio a resposta à clássica pergunta de Pôncio Pilatos, uma pergunta que o perseguira desde o verão.

Pilatos fizera a pergunta: Quid est veritas? O que é a verdade? Randall pensara que era uma pergunta para a qual não haveria resposta. Mas já estava convencido que se tinha enganado. Havia uma resposta.

Gozando a carícia de sentir a neve fundir-se ao contato com o calor do seu rosto, murmurou a resposta pra si mesmo: Verdade é amor.

E para amar, uma pessoa tem que acreditar em si mesmo, nos outros, na razão de viver de todos os seres vivos e no plano situado para além da própria existência.

É essa a verdade -disse para com os seus botões.

Chegou ao grande pátio atrás da casa, sentindo-se pela primeira vez como o pai sempre desejara que ele se sentisse: em paz, sem temores, e sem se sentir sozinho.

Divisou adiante o gigantesco boneco de neve, com a concepção de formas de uma mulher e viu a filha a moldar um pouco de neve entre as mãos para aplicar como nariz do boneco.

-Olá, Judy!

A moça voltou a cabeça e acenou alegremente, dizendo:

-Olá, papai!

E voltou ao seu trabalho de escultura.

Depois viu outra figura feminina, a outra pequena como dissera Wanda, com um engraçado chapéu de borla sobre os cabelos como a asa de um corvo, uma figura que nem a espessura do terno de neve conseguia esconder as esplêndidas formas, uma figura que se afadigava tentando transformar a boneca de neve, num boneco com a aparência de um homem.

- Olá, Angela! - gritou. - Quero que saibas que te amo.

Angela correu para ele, quase aos tropeções devido à neve fresca que a impedia de se movimentar livremente, gritando:

- Querido! Meu querido!

Finalmente atingiu os braços que ele lhe estendia e Randall naquele momento teve a certeza, a certeza absoluta de que nunca mais a deixaria sair daquele abraço, que nunca mais a deixaria partir.